



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Luãn José Vaz Chagas

**Entre fontes e jornalistas: A seleção das vozes na construção das notícias na
BandNews e na CBN**

Rio de Janeiro

2019

Luãn José Vaz Chagas

Entre fontes e jornalistas: A seleção das vozes na construção das notícias na BandNews e na CBN

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de doutor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de Pesquisa: Tecnologias da Comunicação e Cultura. Área de concentração: Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Kischinhevsky

Coorientador: Manuel Fernandez Sande (Universidad Complutense de Madrid)

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

C433 Chagas, Luãn José Vaz.
Entre fontes e jornalistas: A seleção das vozes na construção das notícias na BandNews e na CBN / Luãn José Vaz Chagas. – 2019.
391 f.

Orientador: Marcelo Kischinhevsky
Coorientador: Manuel Fernandez Sande
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.

1. Comunicação Social – Teses. 2. Radiojornalismo – Teses. 3. Seleção – Teses. I. Kischinhevsky, Marcelo. II. Fernandez Sande, Manuel. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

es CDU 080(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Luãn José Vaz Chagas

Entre fontes e jornalistas: A seleção das vozes na construção das notícias na BandNews e na CBN

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de doutor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de Pesquisa: Tecnologias da Comunicação e Cultura. Área de concentração: Comunicação Social.

Aprovada em 19 de agosto de 2019.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Marcelo Kischinhevsky (Orientador)
PPGCOM UERJ

Prof. Dr. Manuel Fernandez Sande (Coorientador)
Universidad Complutense de Madrid

Profa. Dra. Sônia Virgínia Moreira
PPGCOM UERJ

Profa. Dra. Débora Cristina Lopez
Universidade Federal de Ouro Preto

Prof. Dr. João Baptista de Abreu Júnior
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Eduardo Meditsch
Universidade Federal de Santa Catarina

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese aos meus pais, José Luiz Chagas e Marilda Aparecida Chagas, que mesmo diante de tantas turbulências em mundo difícil econômica e politicamente, não pouparam esforços em garantir o sustento da família e a educação dos filhos. Dedico à minha família, meus avós, meus irmãos Lucas, Laís e Luana que souberam entender a distância durante esse período. Dedico à Diane Saggiorato Chortaszko que sentiu na pele a dureza da distância e, mesmo assim, esteve presente em cada momento, auxiliando no trabalho prático e no psicológico. Foram essas pessoas que apoiaram e ajudaram a escrever cada palavra que aqui está.

AGRADECIMENTOS

Esta tese não seria possível sem a presença de tantas pessoas que estiveram comigo ao longo de um processo pesquisa, aprendizado, conhecimento e compartilhamento de ideias. Não acredito em trabalho individual e aqui deixo minhas palavras de gratidão a todas e todos que de alguma forma contribuíram para que isso fosse possível:

Ao povo do Rio de Janeiro, que com o seu suor e luta diária, garantiu que pudesse conquistar o título de doutor frequentando uma das principais universidades do mundo, a UERJ com bolsa FAPERJ.

À Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro, que mesmo diante dos atrasos, garantiu meu sustento com as bolsas de pesquisa desde o início do doutorado até a bolsa Nota 10 antes do doutorado Sanduíche. A Faperj é um patrimônio do povo fluminense.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de doutorado sanduíche e a possibilidade de conhecer e estudar na Universidad Complutense de Madrid.

Ao meu orientador Marcelo Kischinhevsky que toda a humildade e conhecimento apontou caminhos que não imaginava um dia poder percorrer. Serei grato sempre pela paciência e amizade, pelo empenho em lapidar a pesquisa e o pesquisador reconhecendo o mundo de possibilidades existentes em uma paixão comum: o rádio.

Ao meu orientador na Universidad Complutense de Madrid, professor Manuel Fernandez-Sande que soube entender as dificuldades no exterior e foi primordial no trabalho desenvolvido na pesquisa exploratória realizada na Espanha.

Ao meu sogro Daniel Chortaszko que foi alegrar a Deus no Céu durante esse período. Comemorou com orgulho cada passo, reconheceu em sua simplicidade a importância de cada momento e apoiou com ânimo e trabalho todas as etapas. Que o mundo possa ser repleto de pessoas com o exemplo que deixou para todos nós.

À minha sogra, Ivete Saggiorato Chortaszko que esteve presente em todos os momentos, ao meu lado e da Diane, reforçando nossa coragem em enfrentar os problemas financeiros e pessoais do período. E junto com ela, o Bam, a Mari, Veto, Elisa e Tito que ouviram e sofreram a ausência não somente minha, mas também da irmã mais velha.

Ao Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas que foi fundamental na formação dos debates que auxiliaram no andamento de leituras e proposições para o

desenvolvimento da investigação na UERJ, na pessoa de Leonardo De Marchi, Lena Benzecry e Izani Mustafá.

Ao Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora do Intercom que sempre ativo e acolhedor é um espaço de contribuição e construção coletiva de pesquisas para além do âmbito acadêmico, especialmente professores como Luiz Artur Ferraretto, Claudia Quadros, Ciro Pedroza, Edgar Patrício, Valci Zuculoto.

À professora Sônia Virgínia Moreira, fundamental na organização e ampliação não somente dos capítulos, mas pessoalmente no debate realizado em disciplina Geografias da Comunicação na UERJ.

À professora Débora Cristina Lopez que desde o início deste doutorado tem uma participação direta no encontro da UERJ como espaço possível de pesquisa e depois nas indicações da banca de qualificação com propostas sempre construtivas.

Ao professor João Batista de Abreu, um exemplo de pessoa e professor, uma inspiração que auxiliou a reconhecer e conhecer o Rio de Janeiro e a importância do humano na pesquisa acadêmica.

Ao professor Eduardo Meditsch, uma inspiração nas leituras e na humildade em que participa da formação de tantos jornalistas, pesquisadores e professores.

Aos amigos que fiz durante esse período e compartilharam as angústias e empolgações do período de disciplinas. Agradeço ao Pedro Aguiar, à Luana Viana, Gustavo Ferreira, Rafael Saldanha, Ana Stern, Gabriel Malinowski, Raquel Gonçalves e Barbara Maia pelos insights e discussões sempre embasadas na UERJ e fora dela.

Aos amigos de sempre, que comemoraram a entrada na UERJ e estarão sempre conosco nas lutas empenhadas em um mundo cercado de injustiças: Bruno Zeni, Dani Carvalho, Carla Fernanda Paulo, Adriane Padilha, Andreia Marsaro, Victor Hugo, Jefferson Santana, Tiago Neves, Alana Terna, Tiago Terna, Eduarda Reiner e Cleber Moletta.

Aos professores e professoras das disciplinas e grupos de pesquisa que auxiliaram nos debates que proporcionaram a exploração de novas possibilidades no universo da pesquisa: Marcio Gonçalves, Letícia Matheus, Ricardo Freitas, Alessandra Aldé, Leonel Azevedo de Aguiar, Beatriz Becker e Erick Felinto.

Aos colegas de Universidade Federal de Mato Grosso que me acolheram e entenderam o processo final de escrita e defesa da Tese.

Aos entrevistados desta pesquisa que foram solícitos do início ao fim na BandNews Rio, CBN Rio e CBN Ponta Grossa.

Aos meus pais à Diane, sempre agradecerei, por tudo.

Desconcertado, sabiendo que los niños esperaban una explicación inmediata, José Arcadio Buendía se atrevió a murmurar:

- Es el diamante más grande del mundo.

-No - corrigió el gitano -. Es hielo.

José Arcadio Buendía, sin entender, extendió la mano hacia el témpano, pero el gigante se la apartó. “Cinco reales más para tocarlo”, dijo. José Arcadio Buendía los pagó, y entonces puso la mano sobre el hielo, y la mantuvo puesta por varios minutos, mientras el corazón se le hinchaba de temor y de júbilo al contacto del misterio. Sin saber qué decir, pagó otros diez reales para que sus hijos vivieran la prodigiosa experiencia. El pequeño José Arcadio se negó a tocarlo. Aureliano, en cambio, dio un paso hacia adelante, puso la mano y la retiró en el acto. “Está hirviendo”, exclamó asustado. Pero su padre no le prestó atención. Embriagado por la evidencia del prodigio, en aquel momento se olvidó de la frustración de sus empresas delirantes y del cuerpo de Melquíades abandonado al apetito de los calamares. Pagó otros cinco reales, y con la mano puesta en el témpano, como expresando un testimonio sobre el texto sagrado, exclamó:

- Éste es el gran invento de nuestro tiempo.

Gabriel Garcia Marquez, Cien Anos de Soledad

RESUMO

CHAGAS, Luãn J. V. **Entre fontes e jornalistas:** a seleção das vozes na construção das notícias na BandNews e na CBN. 2019. 391 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Essa pesquisa tem por objetivo analisar os processos de seleção das fontes na produção local e cotidiana de emissoras *All News* como a CBN e a BandNews em diferentes contextos de trabalho. Os debates conceituais proporcionam um aprofundamento em relações de trabalho e da construção das notícias sobre a perspectiva social, econômica, política e histórica do radiojornalismo. Desta forma, passamos pelas teorias do jornalismo e a classificação das fontes na área, os conceitos de rádio expandido e hipermidiático, as fases históricas do meio com foco no contexto informativo, a ascensão do profissional multitarefa e do perfil do jornalista sentado e ausente do palco dos acontecimentos. Além disso, propõe-se a especificidade heterogênea da comunidade interpretativa e da tribo jornalística com o compartilhamento de valores profissionais na área como um todo, no radiojornalismo e com relação às fontes. Nos protocolos de coleta e análise de dados, são realizadas entrevistas semi-estruturadas com jornalistas de diferentes posições nas redações, observação sistemática e coleta durante o mesmo período dos programas BandNews Rio 1ª Edição, CBN Rio e CBN Ponta Grossa com foco nas fontes selecionadas. As disparidades entre agentes profissionalizados e não profissionalizados e a influência do poder econômico-político agem diretamente na ausência da diversificação das interpretações sobre os acontecimentos. A análise dos dados indica questões específicas no âmbito teórico da pesquisa sobre o radiojornalismo: em um primeiro momento, a seleção das fontes no rádio informativo demanda de processos de gatekeeping e gatwatching que prevaleçam as características intrínsecas ao meio; o segundo ponto é a linguagem em forma de espiral que, no ao vivo, distribui as fontes ao longo da programação em um texto diferenciado de outras plataformas jornalísticas; e por fim, a distinção conceitual entre diversidade e pluralidade no âmbito das vozes que compõem as notícias radiofônicas e as temáticas em que são encaixadas no cotidiano.

Palavras-chave: Fontes. Radiojornalismo. Seleção. Gatekeeping. Gatwatching. Diversidade.

ABSTRACT

CHAGAS, Luãn J. V. **Sources and journalists:** the selection of voices in the news construction on BandNews and CBN. 2019. 391 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

This research aims to analyze the source selection processes in the local and daily production of All News broadcasters such as CBN and BandNews in different work contexts. Conceptual debates provide a deepening of working relationships and the construction of news about the social, economic, political and historical perspective of radio journalism. Thus, we go through the theories of journalism and the classification of sources in the area, the concepts of expanded and hypermedia radio, the historical phases of the medium focusing on the informative context, the rise of the multitasking professional and the profile of the journalist sitting and absent from the stage of events. In addition, it proposes the heterogeneous specificity of the interpretive community and the journalistic tribe by sharing professional values in the area as a whole, in radio journalism and in relation to sources. In the data collection and analysis protocols, semi-structured interviews are conducted with journalists from different newsroom positions, systematic observation and collection during the same period of the BandNews Rio 1st Edition, CBN Rio and CBN Ponta Grossa programs focusing on the selected sources. The disparities between professionalized and unprofessional agents and the influence of economic-political power act directly in the absence of diversification of interpretations of events. The analysis of the data indicates specific questions in the theoretical scope of the research on the radio journalism: in the first moment, the selection of the sources in the informative radio demands gatekeeping and gatewatching processes that prevail the intrinsic characteristics to the environment; The second point is the spiral-shaped language that, in live broadcasting, distributes the sources throughout the programming in a text different from other journalistic platforms; and finally, the conceptual distinction between diversity and plurality within the scope of the voices that make up the radio news and the themes in which they fit into everyday life.

Keywords: Sources. Radio Journalism. Selection. Gatekeeping. Gatewatching. Diversity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo AIP	66
Figura 2 – Redação BandNews Rio	182
Figura 3 – Fluxo de apuração/seleção de fontes.....	189
Figura 4 – Redação CBN Rio	217
Figura 5 – Fluxo de apuração/seleção das fontes CBN Rio	218
Figura 6 – Mapa de fontes CBN Rio	238
Figura 7 – Redação CBN Ponta Grossa.....	247
Figura 8 – Fluxo de apuração/seleção CBN Ponta Grossa	248
Figura 9 – Mapa de fontes CBN Ponta Grossa.....	268
Figura 10 – Fluxo de seleção noticiosa.....	281
Figura 11 – Pirâmide invertida	285
Figura 12 – Pirâmide deitada	286
Figura 13 – News Diamond.....	287
Figura 14 – Espiral radiofônica	290

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Fontes BandNews Rio	210
Gráfico 2 – Formas de interação via WhatsApp BandNews Rio	211
Gráfico 3 – Fontes CBN Rio	239
Gráfico 4 – Fontes populares por temática CBN Rio	240
Gráfico 5 – Fontes CBN Ponta Grossa.....	269

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	A SELEÇÃO DAS FONTES NO RÁDIO EXPANDIDO	34
1.1	Teorias do jornalismo e seleção das fontes no Rádio	34
1.2	Fontes no radiojornalismo e nas teorias do jornalismo	55
1.3	Diversidade e pluralidade no jornalismo	75
2	AS TECNOLOGIAS E A CONSOLIDAÇÃO DO RADIOJORNALISMO	85
2.1	A consolidação do radiojornalismo no Brasil	86
2.2	A profissionalização das fontes	109
2.3	Ascensão do jornalista sentado e do profissional multitarefa	120
3	AS FONTES NA COMUNIDADE INTERPRETATIVA DOS JORNALISTAS	127
3.1	Partilha da cultura noticiosa no jornalismo	128
3.2	Comunidade interpretativa no radiojornalismo	142
3.3	Comunidade interpretativa e as fontes	151
4	A SELEÇÃO DAS FONTES NA BANDNEWS E NA CBN	169
4.1	Método e técnicas de coleta de dados	169
4.2	BandNews Rio	179
4.2.1	<u>A rotina de produção local da BandNews Rio</u>	181
4.2.2	<u>A seleção das fontes segundo os jornalistas</u>	195
4.2.3	<u>A diversidade e pluralidade de fontes</u>	209
4.3	CBN Rio	215
4.3.1	<u>A rotina de produção local da CBN Rio</u>	216
4.3.2	<u>A seleção das fontes segundo os jornalistas</u>	226
4.3.3	<u>A diversidade e pluralidade de fontes</u>	237
4.4	CBN Ponta Grossa	245
4.4.1	<u>A rotina de produção local da CBN Ponta Grossa</u>	246
4.4.2	<u>A seleção das fontes segundo os jornalistas</u>	255
4.4.3	<u>A diversidade e pluralidade de fontes</u>	267
5	QUEM FALA NO RADIOJORNALISMO?	273
5.1	Gatekeeping e Gatewatching radiofônico na seleção das fontes	275
5.2	O texto em espiral no radiojornalismo	283
5.3	Diversidade x pluralidade	294
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	305
	REFERÊNCIAS	314
	APÊNDICE – Transcrição Entrevista	330

INTRODUÇÃO

A seleção das fontes no jornalismo é marcada por uma série de implicações éticas, profissionais, deontológicas e sociais na construção das notícias e na assimilação da sociedade sobre as vozes presentes nas temáticas abordadas. Emissora que faz parte deste estudo, a BandNews do Rio de Janeiro é um exemplo que vende a ideia da interação com o ouvinte como uma fonte prioritária em sua programação. “A emissora é o ouvinte, 99% vêm do ouvinte”, relatou um dos jornalistas entrevistados durante a pesquisa e que se junta a outros bordões, como o que esse agente “não é só para ouvir, mas para participar”. A agenda frenética a que os profissionais são submetidos, por outro lado, não permite enxergar o marketing exercido e o conjunto analisado da programação que encaixa essas pessoas em temáticas de segurança e trânsito. O trabalho multitarefa chega a ser considerado um “avanço sensacional” como resultado do mercado e do “tamanho das redações” na atualidade.

Em um momento histórico de polarização política e de problemas vivenciados por diferentes lados da sociedade brasileira, a defesa de que “o ouvinte é o nosso principal foco” se perde quando a desigualdade entre as fontes é exposta em temáticas de interesse público, da política ou da economia. Nem sempre a seleção das vozes que falam sobre as questões sociais compreende a diversidade existente na sociedade, como veremos adiante. No caso da CBN do Rio de Janeiro, a prioridade por setores oficiais fica latente nas falas de jornalistas que assumem essa postura com o argumento da correção e deixam implícita uma ideia de falta de credibilidade nos posicionamentos do cidadão comum. Aquilo que “mexe com a vida do ouvinte” é outro chavão utilizado para explicar o modelo de escolha de critérios e valores que vão nortear o trabalho de construção da notícia dos profissionais. Porém o que “mexe” nem sempre se torna pauta pela perspectiva e visão de mundo dessas pessoas.

Em Ponta Grossa, interior do Paraná, na afiliada da rede CBN a situação se agrava quando o que mais chama a atenção é a dependência de fontes com assessorias de imprensa, departamentos de comunicação ou agências que surfam na onda da falta de profissionais nas redações. “O que vem eu gravo, o que não vem não é notícia”, afirmou uma das profissionais entrevistadas que trabalhava em um contrato terceirizado. Quase como uma nova definição de valor-notícia em emissoras com fragilidades econômicas e políticas, a seleção desempenhada por jornalistas com uma relação precarizada de trabalho, como nesse caso, parte do princípio de que aquilo que recebem de assessorias e agências vai determinar quem fala na programação cotidiana. Esse reforço ao *status quo* e a setores que possuem condições de

mobilizar estrutura para disputar o espaço do jornalismo afeta diretamente a construção de diversidade no radiojornalismo na atualidade.

A seleção das fontes nesse ambiente se torna desigual entre agentes que possuem uma relação sofisticada com a imprensa e o cidadão comum, que demanda de apuração na rua, do aprofundamento e da diversidade de interpretações sobre os acontecimentos. Uma manifestação, um ato público, a queda de uma passarela ou o tiroteio em uma comunidade necessita da cobertura por múltiplos pontos de vista e não pelo viés daqueles que enviam o *release* no desenrolar dos fatos. O contexto de disputa entre sujeitos e instituições passa por diferentes situações, como processos de impeachment, casos de corrupção, reformas trabalhista e previdenciária, dentre tantas políticas públicas que estão no centro dos debates sociais e por si só já possuem agentes oficiais que possuem interesses diversos nessas situações. É fundamental, a partir desse reconhecimento, pensar nas formas de acesso ao espaço do jornalismo em meio à desigualdade entre a elite econômico-política, que possui mais condições de produzir materiais e garantir a acessibilidade de que precisam os jornalistas, e as organizações populares, sociais ou não profissionalizadas.

Neste campo de conceitos e práticas, o processo de seleção das fontes carrega uma singularidade fundamental nas escolhas dos repórteres e na identificação dos argumentos em disputa na sociedade. Se é golpe ou impeachment, ou então se uma ação é fascista ou democrática, corte ou contingenciamento, ajuste fiscal ou reforma, são todas temáticas que atravessam os mais variados argumentos de distintas camadas sociais. É nesse aspecto que a especificidade da mediação está em jogo e revela a possibilidade de construir diversidade entre as vozes ou o silenciamento de determinados agentes. A heterogeneidade social existente na cobertura local e cotidiana dos acontecimentos é uma das características que revelam as diferenças políticas e econômicas entre as fontes que falam sobre situações que envolvem o todo da sociedade.

A tipologia utilizada nos estudos da área que diferencia essas formas de atuação é um exemplo que demonstra a preferência histórica pelas vozes oficiais, oficializadas ou que detenham algum tipo de poder. No caminho inverso, movimentos sociais ou o cidadão comum não possuem a mesma condição de mobilizar os discursos jornalísticos ou sofisticar a relação com as redações. A interação no radiojornalismo abriu o caminho para novas vozes, porém ainda com incertezas e as mesmas estratégias que limitam a possibilidade de interferir no andamento das pautas e conseqüentemente na construção das notícias.

A institucionalização ou a profissionalização das fontes se tornou um vasto campo de trabalho com um exército de jornalistas habilitados para sensibilizar e abastecer as redações.

O objetivo dessas instituições é explicitar os diferentes interesses com argumentos embasados na transparência e na livre defesa dos grupos representados. Isso se alia ao trabalho cotidiano de apuração, no qual o repórter/produtor/âncora depende da escuta de diferentes vozes e da coleta de materiais que deem credibilidade e coerência à pauta que está sendo desenvolvida. Uma relação de troca, de interesses dos dois lados se estabelece e que provoca longos debates que vão da conduta ética à imposição do jornalista sobre os agentes sociais.

Inserido nesta temática, o objeto da pesquisa é a seleção de fontes profissionalizadas e não profissionalizadas na cobertura local e cotidiana das emissoras CBN e BandNews no Rio de Janeiro, e na CBN em Ponta Grossa, no Paraná. A escolha envolve a análise sobre a pluralidade e a diversidade de vozes na construção da notícia em emissoras que dividem a cabeça de rede no eixo Rio-São Paulo e o caso de um contexto econômico e regional diferenciado que retransmite informações e também produz radiojornais locais. Os diferentes contextos, de mercado e do profissionalismo fazem parte do dia a dia de produção noticiosa no acesso às fontes (profissionalizadas ou não), considerando a desigualdade de posições entre esses sujeitos e a dependência de agentes externos na construção dos radiojornais locais.

Diante da desigualdade entre as fontes na sociedade e as complexidades profissionais na redação, suas diferenças regionais econômicas e sociais, como as vozes sociais são selecionadas nos ambientes de produção da notícia? Com essa problemática, o olhar para as emissoras leva à procura de respostas para os desequilíbrios presentes nas notícias, bem como a seletividade específica no processo de gatekeeping radiofônico frente à importância que o segmento informativo carrega nas discussões sociais da atualidade. A variedade de forças das fontes para atravessar os portões da seletividade ao lado do alargamento dos critérios de seleção com a entrada de novas tecnologias e atores são partes desta discussão.

Para a definição do processo de gatekeeping, utilizamos a abordagem da pesquisadora Pamela Shoemaker em conjunto com Tim P. Vos que, realizando investigações no contexto do newsmaking, consideram que o conceito está presente em diferentes níveis de seleção, como o individual, as rotinas produtivas, o ambiente organizacional, institucional e na própria sociedade ou o local em que está inserido (SHOEMAKER e VOS, 2011). Além disso, demandaria do reconhecimento das especificidades da mídia estudada. Nesse aspecto, os estudos de David Manning White em 1950 sobre as ações individuais do gatekeeper, em conjunto com outras abordagens, permitem questionamentos que se tornam fundamentais na construção da notícia em redações de radiojornalismo. A seletividade com inúmeras fontes disputando a visibilidade na cobertura dos acontecimentos faz repensar o direcionamento dos

valores que regem os paradigmas da profissão no tratamento dado a estes agentes ou aos materiais enviados pelos promotores de notícias.

Torna-se fundamental analisar o papel atual desempenhado nos processos de gatekeeping e também de gatewatching na curadoria realizada pela interação com ouvintes que se tornam fontes na programação. Nesse último, apresentamos os preceitos do pesquisador da *Queensland University of Technology* na Austrália, Axel Bruns (2005) sobre a definição de gatewatching. Para o autor, esse processo de seleção passa pelo conjunto de fontes que relevam o destaque para determinadas informações de acordo com interesses pessoais ou comunitários em uma curadoria colaborativa entre jornalistas e fontes/leitores/ouvintes.

A manutenção dos mesmos sujeitos ou instituições na cobertura do cotidiano, a dependência das agências internacionais e nacionais e até mesmo das governamentais e empresariais, a entrada direta de releases e a interação crescente com a audiência são questões que complexificam as estratégias de produção presentes no cotidiano das emissoras de radiojornalismo. Debater sobre os constrangimentos organizacionais, o contexto de trabalho e as especificidades do meio é fundamental para contribuir para os estudos sobre o rádio e a sociedade como um todo. Para isso, torna-se necessário classificar essas vozes considerando as diferenças sociais presentes entre os agentes selecionados e as estratégias adotadas pelos jornalistas no ambiente radiofônico para a seleção.

Como afirma o professor Manuel Carlos Chaparro (1994) em relação à ideia de vivermos uma “revolução das fontes”, as vozes utilizadas pelos jornalistas tornaram-se sujeitos institucionalizados que buscam a especialização na relação com a imprensa. Para compreender esse fenômeno crescente, os estudos sobre rádio demandam de uma percepção apurada sobre o atual momento vivenciado pela cobertura local em ambientes de rede, marcados pela sofisticação na relação fonte-jornalista, a diminuição do número de profissionais e a permanência destes na redação.

Nesse contexto prático e teórico, a CBN e a BandNews estão inseridas em um contexto de profissionalização das fontes e de produção multimídia. Compreendemos que o rádio vive um momento diferenciado e expandido, vai além da transmissão hertziana e se faz presente na TV por assinatura, no *podcast*, no portal da internet, no aplicativo para celular (KISCHINHEVSKY, 2016a). E como afirma Lopez (2010), o meio que se torna hipermediático, com diferentes formatos possibilitados pela nova lógica de produção e apuração, também é envolvido pelos constrangimentos como a ausência do palco dos acontecimentos.

No mesmo momento em que se abrem as possibilidades de plataformas de produção e difusão, a necessidade de estudos contínuos sobre o objeto se aprofunda no impacto causado por esse contexto na seleção diversa e plural das fontes. A convergência inevitável que trouxe o perfil multitarefa vivenciada pelas redações de rádio é parte de um momento de reflexão sobre as práticas jornalísticas e as contribuições sociais do meio como uma instituição na democracia. Algo que cerca a construção noticiosa em uma das principais plataformas de acesso à informação no país ao lado da discussão sobre a profissionalização das fontes na atualidade.

O rádio, diferentemente do impresso e dos portais online, possui elementos específicos que reforçam uma presença diferenciada na seletividade informativa. O espanhol Emílio Prado (1989) destaca a simultaneidade e a instantaneidade como características essenciais da produção radiofônica em diferentes partes do organograma das redações. Para o professor e pesquisador Eduardo Meditsch (2001), a construção e a difusão destas notícias segue um percurso da redação até a transmissão no *dial* ou online e passa por um conjunto de seleções realizadas por repórteres, produtores, editores, chefes de reportagem e até mesmo os apresentadores do programa, muitas vezes construída ao vivo.

Outros conceitos reforçam o debate no contexto vivenciado pelas emissoras. Os constrangimentos organizacionais que influenciam no momento da seleção e escolha dos materiais são apresentados a partir do debate proposto por Warren Breed (1999). Para o autor, há um processo de osmose em que o jornalista se submete a diferentes situações pelo contexto e pela linha editorial da empresa em que está inserido como profissional. Nesse sentido, segundo Timoty Cook (2011), há uma coalizão entre fontes e os profissionais na redação em um caráter negocial de escolha e troca na cobertura de setores oficiais.

Da mesma forma é necessário contextualizar esse momento, principalmente com o aumento do número de especialistas e o crescimento dos *News Shapers*, como aponta Laurence Soley (1992). Esses atores, segundo o autor, comentam e apontam soluções muitas vezes moralistas e relacionadas aos interesses de órgãos privados ou às *Think Tanks* a que são ligados. Por fim, a relação de dependência das fontes profissionalizadas é destacada em pesquisas realizadas por Bob Franklin (2011) e Paul Manning (2001) no jornalismo inglês, bem como a ideia de que há uma passividade frente aos materiais enviados por assessorias, agências e departamentos ditos credíveis na sociedade como discutem Carlos Elías (2003) na Espanha, Tom Van Hout (2011) na Holanda e Ivy Reich (2011; 2015) em Israel. É sintomático que o crescimento desse debate que ocorreu no mundo comece a chegar no Brasil - algo ainda ressentido nas pesquisas científicas nacionais recentes - principalmente no atual

momento político, social e econômico em que vivemos. A velocidade das informações, o tempo e o espaço das notícias passam por filtros no caso do radiojornalismo, mas de uma maneira diferente do contexto de produção que culminou nos conceitos e estudos sobre gatekeeping ou gatewatching. Para isso, aprofundar as especificidades do meio é uma das propostas que cerca o âmbito conceitual e empírico da pesquisa como um todo.

Relevância

Mesmo em situações adversas no cenário econômico e profissional, o rádio se mantém como um dos principais meios de acesso à informação no Brasil. Segundo o Book da Kantar Ibope Media de fevereiro de 2017, 89% das pessoas nas 13 regiões metropolitanas, o equivalente a 52 milhões de indivíduos, afirmaram ouvir as emissoras por um tempo médio de 4 horas e 36 minutos. No Rio de Janeiro o alcance chega a 89% da população com um tempo de escuta de 5 horas e dois minutos¹. O perfil etário dos ouvintes também demonstra uma média equilibrada entre as diferentes gerações: 10 a 19 anos são 11%; 20 a 29 são 18%; 20% entre os ouvintes com 30 a 39 anos; 18% os de 40 a 49; 16% para pessoas com 50 a 59 anos; e 17% para 60 anos ou mais. Destes 52% são mulheres e 48% homens, enquanto que entre as classes sociais, 36% são AB, 48% C e 16% para as DE.

Na versão de 2018² da pesquisa, os gêneros e programas também estão disponíveis para análise. A diferença de 2017 é que houve uma queda para 86% da população entrevistada nas 13 regiões metropolitanas que têm o rádio como meio de comunicação no seu cotidiano. Destes, três a cada cinco ouvem todos os dias e a média de escuta diária subiu para 4 horas e 40 minutos. O tempo médio diário também subiu no consumo via web, de 2h07min para 2h21min. No caso do jornalismo, que é nosso foco, 83% preferem o rádio pela facilidade de entendimento, 78% porque o meio oferece notícias que são confiáveis e 74% escolhem programas noticiosos nessa mídia por oferecer “comentários e análises em profundidade”.

Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia e Consumo, que teve o Ibope como empresa responsável em 2016³, o rádio que tem 7% na primeira menção, sobe para 30% quando são estimuladas as duas menções na entrevista. 35% dos entrevistados disseram ouvir sete dias por semana e a maioria utiliza aparelhos tradicionais (63%). O celular é o segundo dispositivo

¹ Book de rádio da Kantar Ibope Media 2017. Disponível em: www.kantaribopemedia.com

² Book de rádio da Kantar Ibope Media 2018. Disponível em: http://br.kantaribopemedia.com/downloads/Bookderadio_2018.pdf?utm_source=akna&utm_medium=email&utm_campaign=Errata+%7C+Book+de+R%26aaacute%3Bdio+2018

³ Relatório Final da Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Disponível em: <http://www.pesquisademidia.gov.br/>

mais utilizado com 17%, no carro 14%, enquanto que aparelhos tipo MP3 são 4% e no computador, 2%. A preferência pelo FM continua reverberando nas pesquisas com 79% e o AM teve 15%.

Os dias de semana, de segunda a sexta-feira, como uma característica do rádio na prestação de serviços e orientações sobre a cidade estão entre os dias mais ouvidos na pesquisa com 58%. Os fins de semana aparecem com 22% e 19% na pesquisa espontânea citando os dois. Nesses dias, a média de escuta em minutos é de até 60 minutos com 29%; mais de 60 até 120 minutos tem 23%; mais de 120 até 180 minutos com 13%; mais de 180 até 240 minutos teve 8%; mais de 240 até 300 minutos, 6%; e 15% dos entrevistados afirmaram ouvir mais de 300 minutos durante a semana.

O crescimento da internet para 49% nas duas menções ainda fica atrás dos meios de radiodifusão considerando a TV nesse conjunto que possui 89%. Algo que revela o avanço da utilização da web e um sistema complexo de informação que entrecruza a difusão na estrutura tradicional e nos portais utilizados por esses meios. Por outro lado, por mais que apareça atrás da internet, o rádio continua como um meio mais confiável do que a internet entre os entrevistados da Pesquisa de Mídia e Consumo de 2016. Enquanto nas notícias de rádio, 29% disseram confiar sempre e 28% confiar muitas vezes, nos sites o número cai para 6% em quem confia sempre e 14% para muitas vezes.

A utilização da internet também parece atingir o teto no Brasil na pesquisa realizada em 2016 pelas condições socioeconômicas como o aumento do desemprego e a diminuição do poder de consumo presentes na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2015. Pela primeira vez desde 2012, o número de residências com microcomputadores caiu nos levantamentos feitos pelo IBGE. Em 2012, eram 29 milhões, crescendo para 32,2 milhões em 2013 e 32,5 milhões em 2014. No caso de 2015, o número caiu para 31,4 milhões, demonstrando a queda em conjunto com a situação social enfrentada pelo país. Entre os aparelhos mais utilizados pelos brasileiros, o rádio está 69,2% dos lares brasileiros, a televisão com 97,1% e os microcomputadores 46,2% enquanto que ligado à internet, 40,5%⁴.

Vale ressaltar que a pesquisa realizada em 2016 teve um relatório sucinto e sem os detalhes aprofundados na Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015⁵. Por isso, utilizamos alguns dados que mostram as buscas em conteúdo, região, e média de ouvintes por número de

⁴ Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD 2015). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv99054.pdf>

⁵ Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>

habitantes. Nesta edição, 44% dos entrevistados disseram ouvir o rádio pelo menos um dia da semana, 30% sete dias, 6% cinco dias, 3% quatro dias e 4% no mínimo três dias. O maior percentual de escuta por semana no país considerando os sete dias de semana está nos estados do Rio Grande do Sul com 54% e Paraná com 42%. O Rio de Janeiro aparece com 27% mas cresce na intensidade do uso do meio de segunda a sexta-feira com uma média de 3 horas e 54 minutos.

Entre os motivos explicitados pelas pessoas que ouvem rádio, a busca por informação fica com 63%, um ponto a mais que os 62% de diversão e entretenimento. O meio também é visto como uma forma de passar ou aproveitar o tempo livre para 30%. Segundo a pesquisa de Mídia e Consumo, “o rádio pode ser classificado – ao lado da televisão e da internet – como um meio de comunicação de utilidade híbrida, voltado tanto para o lazer quanto para o conhecimento sobre assuntos importantes do dia a dia das pessoas”. A preferência pelo FM e a utilização do rádio tradicional como aparelho de escuta também foram resultados que estiveram presentes na edição de 2015.

Os dados dos Relatórios Consolidados com Indicadores de 2012 a 2015 da Anatel reforçam ainda mais a relevância do papel do rádio no País. Segundo a agência reguladora, o último levantamento de 2013 revela um número de 3.222 emissoras em FM, 1.781 Ondas Médias e 61 Ondas Curtas, além de 4.727 comunitárias⁶. Já a Teleco Inteligência em Telecomunicações que acompanha o andamento das concessões no Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) aponta um crescimento no número provisório de 2016. Com base no Ministério e na Anatel, a quantidade de rádios apontadas pela Teleco é de 3.533 FMs, 1.790 OMs e 4.775 comunitárias⁷. Nos dados da Abert, as mais de 10 mil estações das cinco regiões alcançam taxas de penetração de até 93,4% no Sul e 75,6% no Norte⁸.

Mesmo com os dados expostos aqui, o meio está inserido em um universo de baixas profissionais no mercado tradicional no qual as mais de nove mil emissoras de rádio no país estão inseridas. No caso do radiojornalismo, Sant’Anna (2009) já apontava, utilizando dados de 2004 após análise da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) do Ministério do Trabalho e Emprego, que apenas 5% dos jornalistas brasileiros atuam em emissoras radiofônicas. Segundo o autor, entre os reflexos desse cenário estão a “venda de espaços na

⁶ Relatórios Consolidados com Indicadores de 2012 a 2015. Disponível em: <http://www.anatel.gov.br/dados/2015-02-04-18-43-59/indicadores-de-2012-a-2014>

⁷ Informações técnicas sobre rádio no Brasil. Teleco, disponível em: <http://www.teleco.com.br/radio.asp>

⁸ Dados da Abert sobre o número de emissoras no país. Disponível em: <http://www.abert.org.br/web/index.php/dados-do-setor/estatisticas/radiodifusao-licencas-e-outorgas>

grade de programação a terceiros ou simplesmente o uso intensivo de conteúdos pré-produzidos pelas fontes” (SANT’ANNA, 2008, p. 77). A facilidade em produzir e difundir reportagens e rádio releases pelas assessorias de imprensa ou agências institucionais faz com que as emissoras utilizem os materiais produzidos por agentes externos em uma lógica de dependência e redução de custos.

A Agência Radioweb, por exemplo, já é uma das maiores produtoras de conteúdo a serviços de instituições privadas e públicas com 13 rádios corporativas. Em 2017, a empresa chegou a 2.200 emissoras afiliadas anunciando um alcance potencial de mais de 120 milhões de ouvintes⁹. Durante o impeachment em 2016, foram 301.123 downloads de reportagens produzidas somente no mês de março. Em 2017, o recorde aconteceu durante a cobertura da crise política envolvendo o presidente Michel Temer com 15.708 downloads de matérias num único dia. Da mesma forma, produções de rádio releases são os principais focos de emissoras ligadas às agências do Senado Federal, Câmara dos Deputados, Ministério Público Federal, entre outras entidades como do Sistema Firjan no Rio de Janeiro e Agência Estadual de Notícias no Paraná.

Avelar (2017, p. 157) analisou pelo período de uma semana as rádios Canoas, Themis e ADM desenvolvidas pelo modelo de rádio corporativo da Agência Radioweb. Segundo a autora, são utilizados elementos do marketing e da publicidade para construir um produto voltado às fontes e, com isso, adaptam o *branded content*¹⁰ com recursos do “gênero informativo do jornalismo, possivelmente tentando utilizar o caráter de novidade e credibilidade trazido pela notícia”. Nesse sentido, o caráter lucrativo do negócio se sobrepõe à busca pela diversidade com foco na relação jornalista-cliente e não jornalista-fonte, como reconhecem os próprios entrevistados pela pesquisadora.

No caso das duas grandes redes de rádio aqui analisadas, a CBN possui uma situação mais sensível que a BandNews no eixo Rio-São Paulo em relação à diminuição do número de jornalistas. Somente em novembro de 2016, foram 41 baixas no Sistema Globo de Rádio entre a capital carioca e a paulista. No interior, as afiliadas aproveitam o conteúdo da rede e mantêm contratações modestas para os programas locais. A CBN Ponta Grossa, por exemplo, em um dos principais centros econômico-industriais do Paraná durante a pesquisa contava com apenas três pessoas - sendo que duas delas terceirizadas - na produção, edição, controle e apuração de informações locais.

⁹ Dados apresentados pela empresa no site da Agência. Disponível em: <https://agenciaradioweb.com.br/institucionais/286/23+de+agosto%3A+Agencia+Radioweb+completa+15+anos+e+comemora+resultados>

¹⁰ Branded Content é a estratégia de marketing de conteúdo voltada a marcas específicas.

As fontes estão em todo o lugar, auxiliando, barrando, promovendo os acontecimentos e gerando notícias. Em muitos casos, mentindo e, em outros, defendendo os interesses de grupos específicos, sejam eles de esquerda, direita, centro ou apenas empresariais. O impacto da profissionalização desses agentes na seleção das vozes é o primeiro aspecto que envolve o trabalho no jornalismo. As demissões estão em todo o modelo de negócio que cerca esse contexto. Segundo o Volt Data Lab¹¹ o número chegou a 2327 em uma contagem junto a sindicatos da área desde 2012. O crescimento por ano aponta 119 demissões em 2012, 362 em 2013, 255 em 2014, atingindo um pico de 685 em 2015, 2016 com 236, 380 em 2017 e 290 em 2018. No total de funcionários e não somente jornalistas, o total de demitidos nas empresas de mídia foram 7817, segundo a agência.

Enquanto isso, o mundo vê o crescimento do número de profissionais para trabalhar para as fontes. Segundo dados do Perfil do Jornalista Brasileiro de 2012¹², 45% dos profissionais estão lotados na mídia e 58% fora dela. Deste número, 68,3% atuam diretamente para as fontes em assessorias de imprensa ou agências de notícias radiofônicas que possuem relações empresariais e mercadológicas. Nos Estados Unidos, em 2008, eram 69,3 mil nas redações e 275,2 mil em assessorias; a Espanha já possui a metade seus profissionais com registro cumprindo o papel da comunicação para organizações ou agentes; a França tem um número de 40 mil *attachés de presse*, superior às redações (LUCHESE, 2016).

As situações vivenciadas pelas emissoras a serem analisadas também estão inseridas em um contexto onde a formação de jornalistas no Brasil e em países como a Argentina, Espanha, França, Alemanha e Estados Unidos, tem direcionado um percentual considerável de profissionais para trabalhar a serviço das fontes. Esse processo altera significativamente as relações entre os jornalistas das redações tradicionais e a seleção de vozes profissionalizadas e não profissionalizadas. O tratamento das notícias, neste ambiente relacional, é parte de uma discussão fundamental sobre a construção da notícia, e a formação de princípios e valores tidos como normativos na profissão.

Além do serviço para as fontes, novos negócios voltados a marcas já são realidades no mercado profissional. No México o “Periodismo de Marca” (CAMPO, 2015) já é um curso instituído na Universidad Nacional além de estudos que evidenciam o modelo de trabalho na

¹¹ A Volt Data Lab é uma agência independente de jornalismo e de pesquisas que produz análises, reportagens, investigações, relatórios, levantamentos e metodologias baseadas em dados. Entre os projetos desenvolvidos está “A Conta dos Passaralhos”, um banco de dados que rastreia as demissões de jornalistas nas redações brasileiras desde 2012. Como não há um levantamento específico sobre o tema, as fontes são notícias de meios especializados em comunicação, sindicatos e organizações da categoria e os próprios jornalistas envolvidos. Disponível em: <http://passaralhos.voltdata.info/>

¹² A síntese do Perfil do Jornalista Brasileiro pode ser acessada em: <http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>

área. Desde 2012, as empresas fizeram suas próprias mídias (SANT'ANNA, 2009) e o *brand journalism* já possui milhares de artigos e notícias produzidas em sites como *Network* (Cisco), CMO (Adobe) o *Freepress* (Intel), *The Financialist* (*Credit Suisse*) ou de negócios como *Bloomberg* e *Businesswithoutborders* (HSBC).

Justificativa

A escolha das emissoras analisadas tem como justificativa inicial verificar se a seleção das fontes e vozes incorporadas à programação convergem ou divergem seus contextos e práticas profissionais na produção local e cotidiana em um momento de reconfiguração profissional no radiojornalismo. O número de demissões e a divisão da cabeça de rede em conjunto com São Paulo no cenário nacional influenciam diretamente na cobertura dos acontecimentos no cotidiano. Nesse contexto, está a importância dos programas locais no horário de maior audiência do rádio carioca. Segundo o Kantar Ibope Media e as pesquisas brasileiras de Mídia e Consumo de 2015 e 2016, o período entre 9 e 12h compreende o principal momento de escuta, justamente durante as transmissões do CBN Rio, BandNews Rio 1ª Edição e do CBN Ponta Grossa.

A cobertura local também permanece como uma das características do meio rádio no Brasil, pois segundo a Abert, as emissoras de baixa potência são maioria no país¹³. Outra pesquisa que reforça essa conjuntura da procura pelos noticiários locais é da Ibope Media de 2015, realizada nas principais regiões metropolitanas que compreende um universo de 52 milhões de brasileiros. O levantamento, que também mostrou o horário de pico entre 10h e 11h, revelou que 89% dos entrevistados ouvem rádio semanalmente, mesmo resultado da pesquisa divulgada pelo Kantar Ibope Media de 2018. A preferência por conteúdos não musicais esteve presente em 70% dos entrevistados e os noticiários locais ficam em primeiro lugar na preferência com 50%, seguidos dos nacionais com 40% e de trânsito com 35%¹⁴.

A Central Brasileira de Notícias (CBN) iniciou as transmissões em 1991 e integra o Sistema Globo de Rádio com quatro emissoras próprias em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte, além de 27 afiliadas presentes em 20 Estados mais o Distrito Federal. Segundo as métricas apresentadas pelo Ibope Easy Media no Mídia Kit da empresa

¹³ Tudo o que você precisa saber sobre rádio e televisão no Brasil. Abert. Disponível em: https://www.abert.org.br/web/index.php/bibliotecas/2013-05-22-13-32-13?task=callelement&format=raw&item_id=287&element=f85c494b-2b32-4109-b8c1-083cca2b7db6&method=download

¹⁴ Instituto Ibope Media aponta que o meio rádio é ouvido por 89% dos brasileiros. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/13455-extra-instituto-ibope-media-aponta-que-o-meio-radio-e-ouvido-por-89-dos-brasileiros>

de 2015 são 122.170 ouvintes por minuto nas quatro principais frequências do grupo¹⁵. Isso representa um número de 1,8 milhão ao longo de um mês com um tempo médio de audiência de 2h. Nos dados de maio a julho de 2016¹⁶, o Ibope mapeou o registro de 1,5 milhões de usuários únicos por mês no site, 14,5 milhões de assinantes na TV paga, 1,2 milhões de downloads dos aplicativos e 8,2 milhões downloads de *podcasts*.

Já em 2017¹⁷, no novo documento utilizado para atrair anunciantes, a emissora afirma atingir um total de seis milhões de pessoas somente com as FMs em nove afiliadas. Também mostra um crescimento de assinantes na TV paga para 18,6 milhões (utilizando dados da Anatel) e de 1,7 milhões de downloads de aplicativos. No caso dos podcasts, foram contabilizados 2,8 milhões downloads por mês, ou seja, uma média de 93 mil por dia. Chamada de “personalidade da CBN”, a pesquisa Ibope Easy Media realizada de abril a junho de 2017, citada no Media Kit, revela que a maior parte dos ouvintes são pessoas do sexo masculino (64%), das classes AB (59%) seguidas de C com 36% e DE com 5% e com as faixas etárias de 25 a 49 anos (41%), 50 a 59 (23%) e 60 anos ou mais com 33%. Também referenciando pesquisa realizada pelo Sistema Globo de Rádio em agosto de 2016, o alcance por local se dá na maioria em casa (86%) ou no carro (43%) em que 52% ouvem todos os dias e preferem notícias (61%), trânsito (34%) e futebol (33%).

Os dados demonstram a relevância do foco sobre as especificidades do rádio na atualidade, porém o cenário promissor apresentado pela empresa também é permeado por demissões nos últimos três anos. A fusão realizada em maio de 2016 entre a Rádio Globo e a CBN na transmissão esportiva foi a primeira onda das demissões nos departamentos de esporte¹⁸. Segundo o Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro 61 profissionais saíram da emissora somente em 2016, com 41 entre novembro e dezembro do mesmo ano¹⁹. Em 2017, a CBN Rio teve novas baixas, incluindo o gerente de jornalismo e o jornalista premiado Fernando Molica, que atuou como âncora por nove meses²⁰.

Na cidade de Ponta Grossa, a afiliada da CBN apenas reproduz materiais da rede e possui dois horários locais. Com apenas três profissionais na redação, os jornais são

¹⁵ Dados disponíveis em: <http://s.glbimg.com/pv/an/media/documentos/2015/06/25/CBNmai15.pdf>

¹⁶ Dados disponíveis em: http://s.glbimg.com/pv/an/media/documentos/2016/10/27/Midia-Kit_CBN_set-16_25_Anos.pdf

¹⁷ Dados disponíveis em https://s.glbimg.com/pv/an/media/documentos/2017/08/23/M%C3%8DDIA_KIT_CBN_AGOSTO_2017_A.pdf

¹⁸ Rádio Globo e CBN se fundem no Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.radiodeverdade.com/destaques/2016/05/09/radios-globo-e-cbn-se-fundem-no-rio-de-janeiro/>

¹⁹ Nota do Sindicato sobre demissões da CBN: <http://jornalistas.org.br/index.php/nota-do-sindicato-sobre-demissoes-na-cbn/>. Ver também: <http://www.sidneyrezende.com/brasil/cbn-demissoes/>

²⁰ CBN demite Fernando Molica. Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/cbn-demite-fernando-molica/>

produzidos com materiais de agências e assessorias, além da contínua transmissão das cabeças de rede em São Paulo e Rio de Janeiro. Nesse caso, as redes radiofônicas revelam a homogeneização cultural do rádio que possui entre suas principais características, a proximidade e relação local na produção informativa (BRITTOS, 2002; ORTRIWANO, 1985). A Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015 também ressalta os argumentos sobre a abrangência do rádio em regiões como a dos Campos Gerais no Paraná.

Segundo o IBGE, nos dados sobre os municípios paranaenses no último censo, Ponta Grossa registrou 344.332 habitantes, sendo enquadrada como uma cidade regional com um IDH de 0,763, na 15ª posição no Estado. A região dos Campos Gerais chega a 1 milhão e 100 mil habitantes segundo o censo de 2014 e tem na indústria e na agricultura as bases da economia no segundo planalto paranaense²¹. Esse cenário reforça a presença do rádio, como demonstra a Pesquisa Brasileira de Mídia e Consumo de 2015, na qual em cidades com o porte de 100 a 500 mil habitantes, 30% dos entrevistados afirmam ouvir sete dias por semana e 42% ao menos um dia em suas rotinas. A média também se repete quanto ao ramo econômico, como o agrícola com 34% e industrial 32% na categoria todos os dias.

A Sociedade Pitangui de Comunicação fundada em setembro de 1989 detém a concessão da CBN Ponta Grossa primeiramente em AM (1300) e depois, assim como cinco emissoras da cidade, migraram para o FM (98,1)²². Segundo os dados da Anatel²³ e na consulta pelo CNPJ da empresa no site da Receita Federal²⁴, são oito sócios responsáveis pela emissora, sendo que quatro deles atuam como administradores, Roberto Mongruel, Wilson Souza de Oliveira, Amarildo Lopes dos Santos e Baltazar Eustáquio de Oliveira. Na programação, os noticiários locais seguem a grade da rede, às 9h30 e no período da tarde com entradas sobre política, trânsito e economia.

O horário do CBN Ponta Grossa segue o padrão de escuta na região e no país, como revelou o Instituto DataSonda na última pesquisa divulgada pela empresa em 2014 sobre o consumo de rádio na cidade²⁵. Como uma característica em todo o país, de acordo com o instituto 11,30% da população está sintonizada em alguma emissora no período entre 10 e 11

²¹ Dados oriundos do panorama das cidades do IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/ponta-grossa/panorama>

²² Cinco emissoras migram para o FM em PG. Disponível em: <http://arede.info/ponta-grossa/159255/cinco-emissoras-am-migram-para-a-frequencia-fm-em-pg>

²³ Dados Sociedade Pitangui de Comunicação na Anatel. Disponível em: <http://sistemas.anatel.gov.br/se/public/view/b/form.php?id=57dbac6d02d6c&state=AM-C3>

²⁴ Quadro societário Sociedade Pitangui de Comunicação Receita Federal. Disponível em: https://www.receita.fazenda.gov.br/pessoajuridica/cnpj/cnpjreva/Cnpjreva_qsa.asp

²⁵ Pesquisa revela índices de audiência das rádios de Ponta Grossa. Disponível em: <http://www.datasonda.com.br/?pg=publicacoes-da-empresa&id=9#>

horas. Quanto aos ambientes, 65,15% dos entrevistados afirmam ouvir em casa, 24,13% no trabalho e 10,72% no carro. A preferência pelo FM também se repete com 66,44% e o AM, 33,56%.

A BandNews Rio é parte de um conjunto de emissoras sob o comando da Família Saad no Brasil, que integra ainda redes de televisão abertas e fechadas, portais na internet e a própria rede de radiodifusão. O formato da emissora é *Talk and News*, mas figura nas pesquisas do Kantar Ibope Media como a *All News* mais ouvida na capital fluminense²⁶. Foi a primeira a transmitir notícias 24h em FM no país e, em 2019, conta com cabeças de rede em São Paulo e Rio de Janeiro e afiliadas em Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Curitiba, Brasília Fortaleza, João Pessoa, Vitória e Orlando, nos Estados Unidos, entre outras praças.

O crescimento de retransmissoras ou afiliadas e os números da audiência não estão refletidos no quadro de contratações de jornalistas. Nas pesquisas de audiência de 2016 e 2017²⁷, esteve à frente da CBN no Rio de Janeiro, segundo o Kantar Ibope Media. Até outubro de 2017, a BandNews contava com 35 jornalistas na produção de reportagens, seleção de pautas, a administração do site e até mesmo a operação da mesa de som no estúdio (SCHNEIDER, 2017). Além disso, seis estagiários dividem turnos na produção e apuração. A imposição dos perfis multitarefa e multiplataforma está no cotidiano do radiojornalismo, com a diminuição no número de jornalistas, cada vez mais confinados às redações devido a políticas de redução de custos (LOPEZ, 2010).

É importante mencionar que o projeto original desta tese previa uma comparação de dados com emissoras de rádio espanholas como resultado do período de doutorado sanduíche. A coleta foi interrompida em dezembro de 2018 com a posse em concurso público para a Universidade Federal de Mato Grosso. O estágio doutoral realizado na Universidad Complutense de Madrid permitiu a ampliação de capítulos graças ao acesso a diversas referências de estudos de jornalismo indisponíveis no Brasil. A estância foi positiva para o andamento, discussão e aprofundamento, bem como a realização de pesquisa exploratória sobre as rádios informativas que se reverteu em artigo a ser publicado na Espanha.

Os pontos elencados reforçam a importância do rádio no cenário midiático brasileiro e as amplas possibilidades de refletir e discutir as características de seleção em diferentes contextos no radiojornalismo como parte da compreensão sobre as estratégias de trabalho, a

²⁶ Dado divulgado pela Associação de Emissoras do Rio de Janeiro (AERJ) em março de 2016, disponível em: <http://www.aerj.com.br/noticia/444-disputa-pelo-topo-segue-acirrada-no-rio-de-janeiro.-jb-fm-e-super-radio-tupi-avancam>.

²⁷ Exclusivo: Super Rádio Tupi dispara na audiência FM do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/17988-exclusivo-super-radio-tupi-dispara-na-audiencia-fm-do-rio-de-janeiro>

reconfiguração da classificação de fontes e questões presentes no newsmaking. Propor novas frentes de estudos em emissoras como as apresentadas é fundamental para considerações ampliadas e diferenciadas no que diz respeito ao trabalho interno nos meios de comunicação, vivenciado nas redações. As análises fornecem bases para pensar a teoria e a prática jornalística no reconhecimento das disparidades sociais entre os agentes que interpretam os acontecimentos e na taxonomia atualizada das fontes no radiojornalismo.

Objetivos

O objetivo geral é analisar os processos de seleção de fontes profissionalizadas e não profissionalizadas na construção das notícias no radiojornalismo local e cotidiano. Já os objetivos específicos se dividem em oito: I) Levantar a bibliografia sobre a temática abordada no âmbito da seleção e relação com as fontes no radiojornalismo; II) Investigar as formas de seletividade específica do radiojornalismo na escolha das fontes na atualidade; III) Verificar as formas de acesso/interação/participação das fontes nas notícias veiculadas durante as semanas de observação participante; IV) Analisar as diferenças contextuais e a produção da notícia nas emissoras que dividem a cabeça de rede no Rio de Janeiro e a ponta de rede em Ponta Grossa; V) Analisar a escolha das fontes e os critérios de noticiabilidade utilizados pelos jornalistas das redações; VI) Pontuar a utilização das novas tecnologias como fontes e o contexto profissional do jornalista sentado; VII) Comparar, nos diferentes contextos, a relação entre jornalistas e fontes na produção da notícia; e VIII) Verificar as diferenças entre pluralidade e diversidade de fontes presentes no noticiário radiofônico apresentado pelas emissoras e a inserção destes agentes em determinadas temáticas.

Hipóteses

A hipótese é construída na pesquisa em duas frentes. Uma envolve a pesquisa como um todo de forma direta na conjuntura sobre as dinâmicas de seleção a partir de dados exploratórios e da própria bibliografia levantada a fim de cumprir o primeiro objetivo específico. A outra está relacionada com hipóteses secundárias no que condiz aos aspectos identificados na prática cotidiana do jornalismo nas redações e na própria categorização das fontes utilizadas pelos profissionais na cobertura. Todas elas estão diretamente ligadas ao desenvolvimento da investigação e do próprio encontro do pesquisador com o objeto nas coletas e observações.

A hipótese principal é que as disparidades na seleção de fontes profissionalizadas e não profissionalizadas se torna crescente na produção local de acordo com as características

do mercado em que está inserida. As notícias têm sua origem nas fontes e nos acontecimentos, e por sua vez, com a complexidade da entrada de novos atores no mercado, a revolução e profissionalização destes agentes, há um desequilíbrio no acesso e na presença de vozes plurais e diversas sobre as temáticas sociais. Há que se considerar ainda as diferenças existentes entre cabeças e afiliadas na produção em rede, onde a homogeneização é ampliada por setores da sociedade com mais possibilidade de acesso às redações jornalísticas.

As hipóteses secundárias se dividem em duas frentes: a) há uma seletividade específica no radiojornalismo, condicionada ao meio e dependente do status econômico regional para a execução profissional; e b) a seleção das fontes está ligada ao modelo textual característico da construção da notícia ao vivo no radiojornalismo. Nesse sentido, o conceito clássico do gatekeeper pelo pesquisador estadunidense David Manning White (1999) em 1950 e as revisões apresentadas por Shoemaker e Vos (2011) e Lopez (2009) no caso do rádio, passam por uma reformulação considerando as práticas nas redações das emissoras estudadas.

Metodologia e corpus de pesquisa

Na abordagem teórico-metodológica do newsmaking, recorreremos à socióloga Gaye Tuchman (1983) e o clássico trabalho “*Making News*” que influenciou pesquisas na área. A publicação traduzida para o espanhol como “*La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad*” foi base para definições em torno da construção das notícias. A conceituação também abriga considerações do pesquisador português Nelson Traquina (2005a; 2005b) e circula a pesquisa como um todo sobre a seleção com três vias para os procedimentos de coleta de dados: a) observação sistemática; b) entrevistas semi-estruturadas; e c) análise de conteúdo com a coleta dos noticiários locais como BandNews Rio 1ª edição, CBN Rio e CBN Ponta Grossa. A proposta é fundamentar estratégias etnográficas com a frequência empírica das fontes nos programas locais e por fim um debate sobre as características entre os diferentes mercados de notícia radiofônicos apresentados.

A perspectiva de coleta e análise de dados é parte de um esforço multimétodo para compreender as dinâmicas de seleção/relação das fontes na produção informativa do rádio expandido. Com o olhar para as desigualdades que compreendem agentes profissionalizados e não profissionalizados que oferecem materiais, promovem acontecimentos e são selecionados diariamente pelo radiojornalismo, os três caminhos apresentados possuem a finalidade de proporcionar uma análise aprofundada e detalhada sobre as práticas radiofônicas.

Essa estrutura atinge dois desafios de pesquisa. O primeiro envolve as rotinas e condições de produção que interferem nos critérios que são utilizados pelos profissionais para selecionar as fontes e as especificidades deste processo. O segundo é direcionado para os resultados que o conjunto de dados dos radiojornais pode oferecer em torno das maneiras como as fontes são acionadas na programação local de emissoras que atuam em rede com tantas diferenças econômicas, sociais e regionais.

Cada procedimento de coleta tem como função cumprir tanto o objetivo geral da pesquisa em si, como os passos elencados nos objetivos específicos. Por exemplo, o primeiro passo foi a coleta dos dados a partir de pesquisas exploratórias e bibliográficas a fim de situar os conceitos abordados a fim de atender ao objetivo específico I. Além do levantamento conceitual sobre a temática, também buscou aprofundar a história social e econômica dos grupos que administram as emissoras, a perspectiva da organização do trabalho em rede e os modos de institucionalização das “indústrias culturais” (SERRA, 2008; BARICHELLO, 2016).

Após o levantamento bibliográfico com a execução de pesquisas exploratórias, o segundo passo foi a observação sistemática como protocolo de coleta de dados que possibilitou interagir nas relações de trabalho dos jornalistas. Como base das pesquisas em newsmaking, esta perspectiva permitiu ainda analisar as formas com que o jornalismo organiza o trabalho para cumprir as demandas dentro do tempo e do espaço que conferem rotina à construção da notícia no cotidiano (TUCHMAN, 1983; PATHERSON, 2008; TRIVIÑOS, 1987). O objetivo foi adentrar nas equipes e coletar dados do ambiente vivenciado a partir de conversas e anotações sobre as escolhas realizadas (TRAVANCAS, 2006; WOLF, 2009; ELLIOT, 1972). Foi possível também levantar questões sobre o controle das zonas de filtro das fontes e os critérios que levam a recolha e estruturação dos materiais.

A observação sistemática foi realizada no período da manhã, horário de produção local, nas três emissoras. Durante a semana de 14 a 18 de agosto de 2017 a investigação foi realizada na redação da BandNews Rio durante a transmissão da primeira edição do radiojornal local. Na CBN Ponta Grossa, a semana escolhida foi de 18 a 22 de junho de 2018 e no CBN Rio, 13 a 17 de agosto de 2018. Todos com produtos fora da lógica inserida em uma temática única ou coberturas concentradas em eventos específicos, o que possibilita a diversificação de conteúdos, fontes e temáticas.

As diferenças contextuais com o número de profissionais nas redações, as formas de interação e participação de fontes populares por meio do WhatsApp e outras plataformas, as relações com a questão econômica e a dependência de fontes externas, como agências e

assessorias foram pontos analisados no período. Assim, esse protocolo auxiliou na análise sobre a formação da rede noticiosa, a qual seria formada pela cobertura do espaço e do tempo nas redações em eventos previamente planejados em determinados pontos e estruturas cobertas no cotidiano (TUCHMAN, 1983). Da mesma forma também contribui para pensar como as fontes refletem a estrutura social e de poder existentes, como destacado por Wolf (2009), no qual a elite política e econômica também reverbera nas disputas pelo espaço do jornalismo. No caso dos processos de seleção e relação é possível com os resultados analisar a hierarquia da credibilidade no argumento de Traquina (2005b) e as avaliações que envolvem a autoridade, produtividade e a credibilidade das fontes.

No terceiro momento da pesquisa, as entrevistas semi-estruturadas serviram para a coleta de dados objetivos e subjetivos, como forma tradicional nas pesquisas das ciências sociais (CRUZ NETO, 2002). Foram exploradas as opiniões dos jornalistas nas redações das emissoras a partir diferentes representações sobre o cotidiano da cobertura, além de especificidades do trabalho radiofônico no processo de seleção (GASKELL, 2002; WIMMER e DOMINICK, 2011; DUARTE, 2006). A variável padrão de escolha incluiu profissionais responsáveis pela seleção das fontes ou então pela administração das redações.

Na BandNews foram entrevistados seis jornalistas: Rodolfo Schneider, Diretor de Jornalismo; Taís Dias, Chefe de Redação; Mário Dias, Chefe de Reportagem; Carlos Briggs, Repórter e Coordenador de Produção; Tatiana Campbell, a Repórter do WhatsApp; e Marcus Lacerda, repórter que acumula função de âncora e é responsável pelo site. Na CBN Rio, os entrevistados foram gerente de jornalismo, Thiago Barbosa; a âncora Bianca Santos; Ricardo Porto, produtor; Matheus Carrera, Chefe de Reportagem; e a repórter Rafaela Cascardo. Na CBN Ponta Grossa, participaram da pesquisa os jornalistas Clarisson Kawa, produtor e âncora do programa local e os repórteres terceirizados, Emmanuel Fornazari e Thanile Ratti.

Por fim, na via quantitativa, a coleta de áudios dos três programas locais ocorreu no mesmo período de observação participante, com fragmentos de análise de conteúdo sobre as seguintes categorias: a) tipologia de fontes escolhidas; b) temáticas que são encaixadas; e c) as formas de acesso, interação e participação das fontes, diferenciando os conceitos a partir dos argumentos de Carpentier (2012) na base que possui nas teorias da democracia, a crítica à convergência e como ela se estrutura socialmente. A escolha desse procedimento visa cumprir os objetivos específicos VII e VIII no sentido de compreender a relação entre jornalistas e fontes na programação, a dependência de agentes externos e os níveis de pluralidade e diversidade de fontes presentes no noticiário radiofônico. Como forma de

complementar a observação sistemática, o período de coleta é o mesmo da semana em que foi realizada a pesquisa na redação da emissora.

Os três protocolos se inserem nos estudos sobre o radiojornalismo, no qual a seleção das vozes que compõem uma notícia é uma das bases fundamentais na checagem e no tratamento dado pelas redações aos acontecimentos. Essa situação é reforçada pelo contexto e argumentos como a ausência do jornalista do palco dos acontecimentos cada vez mais restrito à redação, presente na pesquisa realizada por Lopez (2010) na proposta do rádio hipermidiático e as mudanças nas condições de trabalho do profissional que levam ao aumento do perfil do trabalho do jornalista sentado (NEVEU, 2006).

Esses três fatores (profissionalização, criação de mídias próprias e utilização do ciberespaço) apontam para a pesquisa em um cenário que envolve as especificidades da prática radiofônica e como isso é trabalhado na atualidade, e a desigualdade existente no tratamento das informações que resulta das diferenças sociais presentes na sociedade. Quanto à classificação das fontes, as contribuições que cercam a proposta de tipologia no radiojornalismo envolvem diferentes pesquisas na área, seja do jornalismo econômico de Aldo Schmitz (2011), de Herbert Gans (1980) como um dos primeiros mapeamentos nas fontes e na decisão sobre a seleção nas notícias, da proposta de Mauro Wolf (2009), Pinto (2000) e Lage (2001) quanto às diferenças conceituais e o crescimento do papel das fontes profissionalizadas e oficiais, e discussões recentes sobre uso de aplicativos em Marizandra Rutilli (2014) e uma proposta de tipologia específica ao radiojornalismo defendida aqui e em Kischinhevsky e Chagas (2017).

Roteiro dos capítulos

A organização dos capítulos busca estruturar os conceitos utilizados na pesquisa, o contexto histórico da discussão, a metodologia do trabalho como um todo e suas técnicas de coleta e análise de dados, e por fim, o debate sobre os fenômenos encontrados nas redações. No Capítulo 1 “Seleção das fontes no rádio expandido” busca-se apresentar as principais abordagens teóricas da investigação sobre os conceitos oriundos das teorias do jornalismo. A seletividade e o acesso ao temário jornalístico passa pelo reconhecimento da diferença entre critérios de noticiabilidade e valores-notícia, com base em Silva (2014); o estudo sobre diferentes vertentes teóricas da área que auxiliam na escolha do newsmaking e posicionamentos teóricos-metodológicos em Traquina (2005a; 2005b) e Tuchman (1983); o acesso diferenciado entre os agentes sociais como proposto por Molotch e Lester (1999) e o

conceito de gatekeeping como um processo multidimensional que passa por diferentes setores da redação (SHOEMAKER e VOS, 2011). Para a proposta de classificação e tipologia das fontes utilizamos as bases propostas por Schmitz (2011), Lage (2001), Pinto (2000) em pesquisas realizadas no jornalismo e para as especificidades do rádio na definição do conceito, utilizamos Ferraretto (2001), Lopez (2010) e a proposta apresentada em trabalho anterior com Kischinhevsky e Chagas (2017). Também salientamos e as diferenças conceituais entre diversidade e pluralidade na teoria democrática com base em Manning (2001), McQueil (2003), Canela e Siqueira (2011) e Van Cuilemburg (1999).

O objetivo do Capítulo 2 “As tecnologias e a consolidação do radiojornalismo” é fazer uma discussão sobre o contexto histórico em que se dá a consolidação do radiojornalismo no Brasil com a chegada do Repórter Esso e as primeiras experimentações em conteúdos e formatos até o contexto do rádio expandido e hipermidiático. Para tanto, recorreremos aos autores da área no reconhecimento das características que diferenciam o rádio informativo e a superação do gênero gráfico em Meditsch (2001); o desenvolvimento histórico do meio no Brasil desde o primeiro radiojornal na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro com Edgard Roquette-Pinto, apresentada por Ortriwano (2003); as especificidades textuais implantadas pelo Repórter Esso destacadas por Klöckner (2001) e o impacto cultural em corações e mentes da influência publicitária e informativa no argumento de Abreu (2004); até a formação dos conceitos de rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016a) e hipermidiático (LOPEZ, 2010).

Dois subtópicos ainda debatem a profissionalização por meio de assessorias de imprensa ao longo do século XX, chamada por Chaparro (1994; 2009) de revolução das fontes e, com Duarte (2009), as condições que levaram ao crescimento da proatividade de agências, departamentos de comunicação e assessorias de imprensa. A ascensão do chamado perfil do jornalista sentado que restringe o trabalho às redações em detrimento do trabalho em pé, na rua, é base dos argumentos de Pereira (2004) e Neveu (2004), bem como da situação apresentada por Lopez (2010) nas redações radiojornalísticas *All News* com o profissional ausente do palco dos acontecimentos e multitarefa.

O Capítulo 3 “As fontes na comunidade interpretativa dos jornalistas” aprofunda a relação profissional e o compartilhamento de valores comuns. São utilizados dados do Perfil do Jornalista Brasileiro de 2012²⁸ e de artigos e capítulos de livros oriundos da pesquisa internacional *Worlds of Journalism Studies* como de Moreira (2016) com resultados do Brasil,

²⁸ A síntese do Perfil do Jornalista Brasileiro pode ser acessada em:
<http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>

Conde, Herrero-Jiménez e Montero (2018) na Espanha e Amado e Waisbord (2018) na Argentina. Os dados sobre valores compartilhados em diferentes países contribui para as discussões empíricas e conceituais que estabelecem a relação entre os profissionais na formação de uma comunidade. Segundo Traquina (2005a), a tribo jornalística se assemelha ao defendido por Zelizer (2004) na formação de uma comunidade interpretativa que possui valores comuns e ao mesmo tempo heterogêneos de acordo com as relações de trabalho e condições de produção nas empresas noticiosas. Três subtópicos desenvolvem a discussão a partir da partilha dessa cultura na profissão, a compreensão de ideais presentes no radiojornalismo que une jornalistas, radialistas, locutores e a relação entre a comunidade interpretativa com as fontes como agentes do processo de construção das notícias.

Outros pontos discutidos nesse capítulo que permeiam pesquisas internacionais e interagem com o trabalho na ótica da comunidade interpretativa transnacional proposta por Traquina (2005a), são as relações de dependência e passividade. Na primeira, autores como Franklin (2011) e Manning (2001) explicitam a relação entre jornalistas e fontes como parte do processo de busca das informações entre um e outro e a crescente interferência de assessorias nas redações. Na segunda, a passividade é a característica pela qual os profissionais aceitam os materiais das assessorias sem maiores questionamentos visto em diferentes países, desde a Espanha com Elías (2003), Holanda com Van Hout (2011) e Israel (2011), até a Argentina aproximando às relações com o Brasil na proposta de um jornalismo em contexto de periferia nos argumentos de César Arrueta (2010).

No Capítulo 4 “A seleção das fontes na BandNews e na CBN” expõe-se o método que cerca o conjunto de trabalho na primeira etapa da pesquisa sobre a construção das notícias como um território do newsmaking, além da técnicas de coleta de dados como a observação sistemática, entrevistas semi-estruturadas e os áudios do BandNews Rio 1ª Edição, CBN Rio e CBN Ponta Grossa com foco nas fontes e temáticas relacionadas. Também é apresentada a análise dos dados com o debate sobre os conceitos apontados nos capítulos 1, 2 e 3. A descrição e as categorias de leitura sobre os fenômenos são confrontadas com a teoria no sentido de apontar os caminhos para os resultados sobre as práticas jornalísticas em torno da rotina de produção local, seleção das fontes segundo os jornalistas e a construção de diversidade no noticiário radiofônico.

Na discussão sobre os resultados da pesquisa, o Capítulo 5 “Quem fala no radiojornalismo?” divide as respostas aos problemas de pesquisa e à hipótese nos seguintes eixos: I) a interferência das fontes entre profissionalizadas e não profissionalizadas; II) a ausência de diversidade no encaixe temático das vozes selecionadas pelos jornalistas; III) a

diferença entre as fontes que estão presentes nas notícias e aquelas que subsidiam os jornalistas; e IV) as três especificidades do radiojornalismo na seleção das fontes: a) o processo de gatekeeping e gatewatching radiofônico; b) o texto em espiral no radiojornalismo e a distribuição das fontes ao longo da programação; e c) as diferenças conceituais entre diversidade e pluralidade no acesso ao âmbito da seleção jornalística para além da normatividade na comunidade interpretativa.

As considerações que finalizam o trabalho não necessariamente remetem a conclusões fechadas sobre os resultados encontrados durante a pesquisa, mas indicam questões permanentes nos estudos de rádio. As especificidades na seleção e no texto jornalístico radiofônico com a distribuição das fontes ao longo da programação ao vivo, e a forma de diversidade e pluralidade são destacadas em um processo permeado pela ausência do palco dos acontecimentos e relações de dependência e passividade no ambiente jornalístico. Nesse sentido, oferece ao campo uma proposta conceitual que vai da classificação das fontes utilizadas no meio, passando pelo modelo praticado no radiojornalismo *All News* até potenciais de construção diversa na ampliação do acesso os diferentes grupos sociais nos debates propostos pelas notícias.

1 A SELEÇÃO DAS FONTES NO RÁDIO EXPANDIDO

O capítulo apresenta o eixo teórico central da pesquisa sobre a seleção das fontes no contexto do jornalismo no rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016a). O objetivo é colocar em pauta as principais abordagens que guiam o percurso metodológico como um todo e o trabalho desenvolvido pelos jornalistas nas redações na cobertura local e cotidiana dos acontecimentos. A divisão proposta entre os subcapítulos inicia com o debate sobre a seletividade entre valores notícia e critérios de noticiabilidade que são trabalhadas no sentido de posicionar os processos de gatekeeping (SHOEMAKER e VOS, 2011), gatewatching (BRUNS, 2005) e as diferenças conceituais no debate sobre interação, acesso e participação (MOLOTCH e LESTER, 1999; CARPENTIER, 2012) nas teorias do jornalismo (TRAQUINA, 2005; HALL et al, 1999; TUCHMAN, 1983).

Partindo da falta de transparência sobre a classificação das fontes nos estudos sobre radiojornalismo, o segundo subcapítulo aprofunda as propostas na área e propõe uma matriz de classificação para a pesquisa (FERRARETTO, 2014; ALSINA, 2009; SCHMITZ, 2011; PINTO, 2000; GANS, 1980; KISCHINHEVSKY e CHAGAS, 2017). Outro componente para esse debate são as diferenças de acesso entre os tipos de fontes selecionadas pelos jornalistas no cotidiano e o reconhecimento da tipologia em torno das vozes que estão presentes na disputa e construção de sentidos sobre os acontecimentos.

Por fim, o último tópico apresenta a distinção entre os conceitos de diversidade e pluralidade tratados muitas vezes de forma equivocada como sinônimos (McQUEIL, 2003; CANELA e SIQUEIRA, 2011; MORAIS, 2012; BENETTI, 2007; MANNING, 2001; BERKOWITZ e BEACH, 1993). A proposta é fugir de aspectos normativos presentes na área desde a origem desse pensamento nos filósofos do liberalismo/iluminismo e propor um conjunto de abordagens que favoreçam o debate sobre a seleção das fontes, as diferenças entre agentes profissionalizados e não profissionalizados e como a diversidade e a pluralidade se apresentam no radiojornalismo *all news* cotidiano.

1.1 Teorias do jornalismo e seleção das fontes no Rádio

O percurso da investigação sobre as características que permeiam o radiojornalismo e a seleção das fontes passa pela atualização dos esquemas de compreensão que definem o meio na atualidade. Reconhecer as formas com que se apresenta, as possibilidades que a tecnologia proporcionou e a expansão para além das ondas hertzianas se torna um exercício de reflexão e

crítica, entre atrasos e potencialidades. Pretende-se aqui pensar o rádio como um meio que extrapola as ondas hertzianas, e expandido, está presente no aparelho tradicional, mas também nos dispositivos móveis, TV por assinatura, nos inúmeros portais da internet, nas redes sociais, entre outros espaços de escuta ao vivo ou sob demanda (KISCHINHEVSKY, 2016a).

Esse contexto envolve ainda a modificação de formatos com o rádio hipermidiático (LOPEZ, 2010) que influencia diretamente no modelo de radiojornalismo praticado na atualidade, e conseqüentemente, na seleção das fontes. Em meio a um processo de reestruturação e redefinição de sua linguagem e posição no mercado, as emissoras *All News* como a CBN e a BandNews estão inseridos em lógicas culturais e mercadológicas. A experimentação tecnológica caminha ao lado das mediações sociais entre o jornalista e a sociedade, a interpretação dos acontecimentos pelas fontes e as lógicas do capitalismo de acumulação flexível na periferia do capitalismo (HARVEY, 1994).

O conceito de rádio expandido, como uma fase vivenciada no meio e tratada no Capítulo 2, proporciona situar as novas configurações na atualidade e as rotinas de produção no ambiente informativo. As alterações profissionais e as novas dinâmicas que influenciam diretamente na seleção das fontes e dos materiais noticiosos necessitam de uma verificação, considerando as características presentes nos conceitos abordados pelas teorias do jornalismo (TUCHMAN, 1983; TRAQUINA, 2005b). As disputas de sentido entre as vozes sociais pelo acesso à comunicação e, por sua vez, à construção das notícias são partes do conjunto de dinâmicas a serem verificadas ao longo da pesquisa.

Assim, o radiojornalismo é integrado, obviamente, às transformações pelas quais passam toda a tecnologia radiofônica. A expansão para diferentes plataformas, a interação com o ouvinte via internet – característica presente desde as primeiras transmissões com a carta e depois o telefone – e os novos formatos na programação afetam diretamente a produção noticiosa. A multiplicação de modalidades de transmissão e a difusão de conteúdos, por outro lado, nem sempre acompanham a contratação de profissionais e a busca pela inovação nas empresas de comunicação.

Focando sobre o objeto que envolve a seleção das fontes nas emissoras selecionadas, optamos por começar o eixo teórico com as abordagens relacionadas à seletividade nas pesquisas em jornalismo nesse contexto atual do rádio. A formação de um pensamento que aborda a construção do conceito de gatekeeper específico à produção informativa no ambiente radiofônico, por exemplo, requer uma série de considerações. Em primeiro lugar é a necessária crítica ao modelo clássico já alertado por Traquina (2005b) ao chamar o processo de “teoria da ação pessoal ou teoria do ‘gatekeeper’” quanto ao conceito de Kurt

Lewin aplicado ao jornalismo nos anos 1950. Aquela que se tornaria uma das principais tradições de pesquisas norte americanas e que continua suscitando debates como o apresentado aqui, foi considerada uma abordagem micro-sociológica, que fugiria a aspectos macro, que envolve as organizações jornalísticas num sistema de mídia.

O estudo de David Manning White ([1950] 1999) sobre o trabalho do editor de um jornal médio americano que chamou de Mr. Gates com o poder de decidir sobre a escolha ou não de determinadas notícias levou ao conceito de gatekeeper. Para ele, o processo de produção da informação é pensado a partir de uma série de escolhas que necessitam passar pelos portões (*gates*) para chegar ao fluxo noticioso. A pesquisa foi baseada nos motivos que levaram o jornalista a rejeitar notícias das agências internacionais que recebia. Com um índice de 90% de rejeição dos materiais oriundos das agências, os resultados concluíram que a seleção era realizada de maneira subjetiva e ligada aos juízos de valor do gatekeeper. Segundo White ([1950] 1999), estes valores eram “baseados na experiência, atitudes e expectativas” profissionais desempenhadas.

Para fugir das especificidades e limitações na “seleção” apresentadas por Traquina (2005b), defende-se aqui uma abordagem ampliada e necessária aos debates pelos quais o radiojornalismo passa no Século XXI. Uma delas é a compreensão de que a seletividade é um dos principais diferenciais do jornalismo, com relação às fontes e ao que é notícia, garantindo até mesmo, a possibilidade de autonomia frente a outras instituições (HALL et al, 1999). A outra é que a figura do gatekeeper é repensada ao longo das últimas décadas numa lógica de analisar a notícia não apenas na descoberta e seleção pela mídia, mas também como parte de um complexo sistema que envolve as fontes de informação como produtora dos eventos e a transformação destes acontecimentos em mensagens jornalísticas (SHOEMAKER e VOS, 2011).

Desta forma, segundo os autores, o gatekeeping enquanto processo de seleção e transformação dos acontecimentos, promovidos ou não pelas fontes, ganha um papel central no jornalismo produzido hoje. Para Shoemaker e Vos (2011, p.14) “os gatekeepers determinam aquilo que se torna a realidade social de uma pessoa, sua forma particular de ver o mundo”. A partir destas questões, que ainda serão abordadas mais especificamente à frente, se insere também a compreensão do jornalismo, dentro da perspectiva macro, como construção social da realidade e as divergências entre estruturalistas e interacionistas na abordagem noticiosa.

De acordo com Traquina (2005b), a partir dos anos de 1970, as teorias construcionistas exercem um paradigma oposto à perspectiva das notícias como distorção, tanto na noção

ideológica como de um espelho da realidade. Essa premissa foi construída a partir de três aspectos: I) o argumento de que as notícias ajudam a construir a realidade e não são uma reflexão direta sobre ela; II) a impossibilidade de uma linguagem neutra e por consequência transmissora direta de seus significados; III) a estruturação inevitável dos acontecimentos a partir de questões como as rotinas do trabalho jornalístico, limitações orçamentárias e as formas como os órgãos noticiosos atendem a imprevisibilidade dos acontecimentos.

Por mais que críticas sucessivas ao termo tenham sido organizadas na área jornalística, autores como Stuart Hall, Itzhak Roeh e Michael Schudson reforçaram a posição da notícia como uma construção rotinizada, carregada de padrões discursivos e não relatos ou então na defesa de que a linguagem é transparente (TRAQUINA, 2005b). É de se questionar nesse ponto se as próprias fontes aparecem de forma transparente na programação noticiosa já que algumas somente repassam informações, enquanto outras são ouvidas diretamente em sonoras e entrevistas. A produção social das notícias é então carregada de uma gramática cultural com suas receitas de construção das histórias e mapas de significado que incluem a seleção, classificação e organização das informações.

Para Meditsch (2010b), é preciso situar a pesquisa antes de afirmações que colocam o jornalismo sob a perspectiva da construção da realidade. O campo midiático que possui a área jornalística como uma de suas atuações, só está presente para os autores como espécie de “conservação da realidade” nas atividades cotidianas, sem centralizar a atuação ou efeitos dos diversos processos (MEDITSCH, 2010b). Somente em 1995, na obra “Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno” é que o jornalismo é visto como intermediador “entre a experiência coletiva e individual” (BERGER e LUCKMANN, 2004, p. 68).

Mesmo assim, segundo Meditsch (2010b), alguns autores ainda relativizam a construção de uma realidade a partir dos meios sem considerar outras esferas sociais, como o primeiro espaço de socialização, a família; e o segundo com os sistemas pedagógicos especializados. O autor ainda argumenta que a mídia então só poderia ser vista em um aspecto terciário, com o papel de conservação e atualização desta realidade.

O jornalismo como instituição, e seus agentes participam de produção da realidade, especialmente no seu âmbito simbólico, mas nunca isoladamente, porém em diálogo permanente com os demais atores sociais. O jornalismo é também uma forma de objetivação da exteriorização do homem, entre outras tantas desenvolvidas pelas tecnologias intelectuais contemporâneas. Um acontecimento relatado pelo jornalismo difere de um não relatado por ele talvez, principalmente, por esse aspecto. O jornalismo, por fim, participa da socialização do conhecimento, ainda que de forma terciária e provavelmente menos marcante que as socializações primária e

secundária, observadas por Berger e Luckmann na construção social da realidade, embora igualmente importante na dinâmica social. (MEDITSCH, 2010b, p. 41)

A teorização avança no sentido metodológico com inovações que levaram à dimensão trans-organizacional no processo de produção, a pensar as rotinas produtivas que englobam as ideologias da comunidade e questionar o instrumentalismo teórico. Assim as notícias são resultados da interação social entre os agentes, que envolve a organização e a comunidade profissional, o exercício ou não da autonomia jornalística e as consequências sociais como resultados destes procedimentos. O jornalismo, aqui compreendido no caso do rádio, participa da produção da realidade, na construção de sentido sobre os acontecimentos, porém não de forma isolada e sim em conjunto com outros agentes e instituições sociais (MEDITSCH, 2010b). A socialização do conhecimento e a importância de reconhecer o jornalismo nesse conjunto social está no estudo sobre as disputas de sentido entre diferentes atores sociais.

A importância de reconhecer o jornalismo como uma das partes da construção social da realidade (BERGER e LUCKMANN, 2004) desconsidera tanto a ideia da distorção ideológica como algo dado na produção jornalística, como do campo como quarto poder. Para isso o caminho segue considerações em torno do estruturalismo e do interacionismo para compreender as rotinas de produção. A transformação dos media em aparelhos ideológicos do Estado, como afirma Hall et al (1999) citando Althusser, compreendem as notícias como produtos sociais da a) organização burocrática dos media; b) da estruturação de valores notícia; e c) da construção noticiosa que passa pelo processo de identificação (gatekeeping) e contextualização de mapas culturais de significado.

Quanto ao primeiro aspecto, os autores defendem que a organização de rotinas burocráticas nos jornais afeta o que é selecionado pelos media a partir de questões como a estrutura que dispõem para a cobertura de determinados acontecimentos. No segundo aspecto, tornar um acontecimento inteligível, tanto no processo de seleção como na contextualização precede estar inserido nos mapas de significado do mundo compartilhados entre os jornalistas e a sociedade. Assim, os autores argumentam que o mercado livre de opiniões busca tornar os processos de significação em questões consensuais e relevam à mídia o tratamento das notícias a partir desta natureza. Então, a ótica do consenso prevalece, até mesmo pela ligação com o público e suas percepções sobre o que é normal ou anormal na sociedade. Desta forma, a compreensão da realidade problemática de acontecimentos significativos passa pelas orientações dos mapas de significado que uma sociedade compartilha.

No caso da ideologia profissional dos jornalistas, os valores notícias são componentes estratégicos na definição do que deve ou não ser noticiado. Essa situação agrega questões

como os desvios ou então a decisão rotineira sobre os destaques que serão levados ao público. E terceiro, a construção da notícia, segundo Hall et al (1999) se torna fundamental no sentido de apresentar, de forma compreensível ao público, os fatos anteriormente selecionados. Neste processo, outra questão preponderante para os autores é a posição social ideológica dos media ao repassar à sociedade interesses hegemônicos a partir de fontes oficiais denominadas definidores primários.

De acordo com os autores, mesmo não estando de “modo simplista” a serviço de determinadas instituições, as rotinas produtivas permeadas pelas pressões por rapidez na produção, exigências profissionais de objetividade levam a um acesso sistemático por parte dos definidores primários. As instituições e atores com papéis privilegiados economicamente e politicamente, dentro ou fora do Estado e que compõem o papel hegemônico na sociedade seriam os “*primary definers*” que ditam os acontecimentos. São esses atores que estão em níveis elevados na hierarquia da credibilidade e definiriam o tratamento subsequente de informações na sociedade. De acordo com Hall et al (1999), a necessidade de fontes dignas de crédito, autorizadas e objetivas com posições institucionais ou como peritos dessas situações levam à dicotomia entre as regras exigidas na objetividade e a dependência de definidores primários, muitas vezes oriundos de setores hegemônicos da sociedade.

Para Traquina (2005b), seguindo a proposta dos autores, os media não são frequentemente os definidores primários dos acontecimentos, mas sim parte da relação estrutural com suas “fontes poderosas”. O diferencial, segundo o autor português, está no fato de Hall et al (1999) reconhecerem que o processo não está totalmente fechado, pois o jornalismo é uma instituição cultural distinta de outras agências do Estado com a possibilidade de disputas entre os media e aqueles que estão no poder. A crítica dos interacionistas a esta abordagem está no determinismo e em não reconhecer a reportagem, a investigação e o potencial de iniciativas que não necessariamente atendam aos definidores primários.

O processo de produção é o foco central nos dois aspectos abordados no Newsmaking a partir dos conceitos da socióloga Gaye Tuchman (1999): a ordem no espaço e no tempo. Os tratamentos das informações diante da imprevisibilidade dos acontecimentos geram estratégias das empresas jornalísticas para a percepção, a seleção e a transformação dos acontecimentos, enquanto matérias primas, em notícias que são os produtos finais. Segundo Traquina (2005b), para adquirir a existência pública, as notícias devem carregar valores e possuir a critérios suficientes de noticiabilidade.

Tuchman (1999) estabelece a compreensão da Ordem no Espaço, que seria o estabelecimento de redes noticiosas para “capturar os acontecimentos”. Essa captura se dá de maneira geográfica, com a organização de territórios com áreas de responsabilidade; com a especialização organizacional com correspondentes em determinadas instituições; e a especialização temática com a cobertura setorizada em editorias. Na Ordem do Tempo, de interesse especial para a área do rádio informativo, estão os constrangimentos acerca do *dead line* e as estruturas que seguem os jornalistas para levar uma informação a ser publicada (ou transmitida). Entre as situações apresentadas estão a distância e a ocorrência durante as horas de trabalho, quando se dispõe de equipes que possam cobrir estes fatos. Assim, se há um acontecimento fora do horário específico de trabalho da emissora ou da disponibilidade de repórteres, a cobertura dependerá do valor notícia que justifique o deslocamento das equipes (TRAQUINA, 2005b).

Por isso, há situações dentro da rede noticiosa que fazem as empresas planejar o futuro das coberturas através de serviços de agendas. Outra questão importante para Traquina (2005b) é relativa à ênfase nos acontecimentos e não nas problemáticas com a contextualização e aprofundamentos necessários diante do imediatismo da cobertura. Estes dois aspectos, tempo e espaço, formam a teia da facticidade, e segundo Tuchman (1999) proporcionam aos meios abordar de forma rotinizada os acontecimentos, imprevistos ou não.

A organização de uma rede noticiosa é reforçada por Gasher (2009) em sua análise sobre a produção de notícias locais, na qual os jornalistas filtram e identificam lugares em que as fontes são consideradas mais “confiáveis e abundantes”, como escritórios governamentais, prédios, postos de polícia. Para o autor, essa atitude leva a um mapa da esfera social, política e econômica e constrói um senso de local em determinadas comunidades. A construção das notícias ao mesmo tempo conduz a relações de pertencimento, na determinação de histórias que produzem conexões entre suas comunidades e lugares distantes.

A noticiabilidade se torna a questão chave no tratamento dos eventos, tanto na estrutura que dispõem os meios de comunicação, como no profissionalismo dos jornalistas que trabalham com cada acontecimento (WOLF, 2009). No âmbito da seleção, o autor argumenta que os critérios de relevância funcionam de forma conjunta, espalhados ao longo do processo de produção, na escolha de elementos dignos de chegarem ao público como produto final, ou então como linhas guias que conduzem a apresentação. Ou seja, se tornam regras práticas que agregam os conhecimentos profissionais implicitamente ou explicitamente e internalizados pelos jornalistas durante o processo de produção.

Além da rapidez na compreensão sobre os valores notícia, Wolf (2009) destaca a flexibilidade e comparação no tratamento das informações. Por fim, são elencados os critérios que, de maneira composta, garantem a noticiabilidade dos acontecimentos e impactam diretamente na relação com as fontes e com os outros meios de comunicação inseridos na cobertura. I) Os critérios substantivos envolvem o grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos, o impacto sobre a nação e o interesse nacional, a quantidade de pessoas envolvidas, a relevância e a significatividade quanto à evolução futura.

Wolf (2009) ainda aponta os II) critérios relativos ao produto, como a atualidade, disponibilidade, relevância, frequência e qualidade na história. III) Critérios relativos aos meios de comunicação, no qual pressupõe que a quantidade de tempo de transmissão de uma notícia depende do modo como é apresentada e pela disponibilidade de estar no local das ações e em plataformas distintas (GOLDING e ELLIOT, 1979). Os IV) critérios relativos ao público, segundo o autor, estão presentes na imagem que os jornalistas possuem da audiência no momento em que apresentam os programas informativos (GANS, 1980). Quanto aos V) critérios relativos à concorrência, a crítica de Wolf (2009) é direcionada à fragmentação na cobertura informativa de personalidades gerando distorções e à tendência que a competição gera em expectativas de selecionar notícias e realizar coberturas parecidas, ou seja, um processo de homogeneização no tratamento das informações.

Para a professora Gislene Silva (2014) é preciso diferenciar as instâncias dos critérios de noticiabilidade, que precedem a seleção das fontes, na 1) origem do fato, 2) tratamento dos fatos e 3) visão dos fatos. A autora situa os valores notícias como conceitos pertencentes ao universo amplo que compreende a noticiabilidade. Ela argumenta que organizar os critérios surge da necessidade que os meios possuem de delimitar os acontecimentos noticiosos diante do reconhecimento de que não há espaço suficiente nas plataformas jornalísticas para a publicação total da infinidade de acontecimentos que ocorrem no dia a dia.

A partir desta compreensão, o processo de seletividade estaria na a) origem dos fatos com a seleção primária considerando atributos ou características típicas, reconhecidos em diferentes meios e profissionais; no b) tratamento destes fatos com a seleção hierárquica por nível de importância, os fatores inseridos na organização, formato dos produtos, qualidade de texto e imagem, prazos de fechamento, infraestrutura e tecnologia; e na c) visão dos fatos ao considerar os fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos com conceitos de verdade, objetividade, interesse público, que são eixos de orientação do trabalho jornalístico (SILVA, 2014).

Com os estudos sobre os diversos valores notícia que regem o trabalho noticioso, Silva (2014) propõe uma tabela operacional que contempla o consenso entre diversos autores que elencaram os atributos. A proposta é resultado da ampla avaliação de estudiosos que trabalharam com os valores, desde Tobias Peucer, com a primeira tese em jornalismo do ano de 1690 até Nilson Lage. Silva (2014) organiza a tabela para análise de acontecimentos noticiados ou noticiáveis. Assim eles são listados a partir de valores como: 1) **impacto**: número de pessoas envolvidas no fato, número de pessoas afetadas pelo fato, grandes quantias (dinheiro); 2) **proeminência**: notoriedade, celebridade, posição hierárquica, elite (indivíduo, instituição, país), sucesso/herói; 3) **conflito**: guerra, rivalidade, disputa, briga, greve, reivindicação; 4) **tragédia/drama**: catástrofe, acidente, risco de morte e morte, violência/crime, suspense, emoção, interesse humano; 5) **proximidade**: geográfica, cultural; 6) **raridade**: incomum, original, inusitado; 7) **surpresa**: inesperado; 8) **governo**: interesse nacional, decisões e medidas, inaugurações, eleições, viagens, pronunciamentos; 9) **polêmica**: controvérsia, escândalo; 10) **justiça**: julgamentos, denúncias, investigações, apreensões, decisões judiciais, crimes; 11) **entretenimento/curiosidade**: aventura, divertimento, esporte, comemoração; 12) **conhecimento/cultura**: descobertas, invenções, pesquisas, progresso, atividades e valores culturais, religião (SILVA, 2014, p. 66).

Esse conjunto de valores notícia são bases tanto para a seleção como a hierarquização, suas escolhas de fontes e na apresentação no noticiário. Silva (2014) argumenta que o estudo sobre a seleção implica rastrear os julgamentos do seletor, as diversas influências organizacionais, culturais, os agentes de escolhas que se fazem presentes na redação e suas consequências presentes nas próprias fontes e do público que participa do processo. Com o destaque que releva ao funcionamento dos critérios de forma negociada, presentes na cultura profissional do jornalista e na rotina produtiva que orienta o processo, o questionamento segue para o conjunto de forças que se fazem presentes no ambiente do acontecimento e nas especificidades do meio.

No gatekeeping, há diferentes tipos de acesso e profissionalização das fontes, por isso a necessidade de olhar para os aspectos seletivos e sua utilização no ambiente noticioso do radiojornalismo. A construção da notícia está submetida a esse processo que afetará o tratamento, a circulação e a compreensão do que é levado ao ar. Desta forma, torna-se necessário olhar para este aspecto, principalmente voltado à relação com as fontes e a especificidade do rádio, a partir de sua natureza imediata no tratamento das informações. Essa compreensão passa pelas diferentes formas de abordagens do conceito de gatekeeper desde os

anos 1950 até a atualidade, independente da digitalização das redações jornalísticas no ambiente de produção radiofônica.

A introdução teórica sobre o gatekeeper como parte de uma abordagem entre as vertentes da Teoria do Jornalismo que compreendem os processos de produção jornalística se apresenta com uma necessária contextualização. O objetivo desta inserção é compreendê-lo como parte uma dinâmica complexa que envolve as diversas fases e agentes sociais de uma construção social e não mais como uma abordagem micro-sociológica. Pretende-se discutir a diversidade de visões e atualizações em torno do significado e da utilização do conceito até nossa hipótese teórica, de tratar a produção noticiosa do rádio neste arcabouço teórico como uma categoria específica.

A tese de Tobias Peucer, os *Relatos Jornalísticos* – originalmente *De Relationibus Novellis* –, defendida em 1690, na Universidade de Leipzig, marco inaugural dos estudos relacionados às Teorias do Jornalismo, já trazia preocupações como a seletividade, a diversidade temática e os critérios de seleção (PEUCER, [1690] 2004). A veracidade, discutível ou não, dos fatos estava condicionada à escuta de várias fontes, que garantiria a confiabilidade das informações.

Assim, o processo de seleção de fontes e a transparência da origem das informações veiculadas pelos suportes informativos são discussões constantes nas reflexões em torno da construção da notícia. Saber de onde vêm as notícias não é somente uma questão retórica, mas uma garantia da manutenção do jornalismo como instituição social e parte do conjunto de interesses públicos presentes em uma sociedade democrática. Os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia são atributos que proporcionam uma equação que garante a seletividade do conjunto dos acontecimentos e as vozes que produzem sentido sobre cada um.

Walter Lippmann ([1922] 2008) também argumentou sobre a seleção das informações levadas para a agenda pública como um das principais características dos meios de comunicação. Já a metáfora do gatekeeper foi apresentada aos estudos sociais em 1947 pelo então diretor do Centro de Pesquisas de Dinâmicas de Grupo do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), Kurt Lewin. Físico e adepto da teoria do campo, o pesquisador defendia que a pessoa era parte de um grupo e a explicação sobre seus comportamentos se dava em função de diversos fatores. Com isso, os primeiros estudos pretendiam entender como os psicólogos poderiam efetuar mudanças sociais e encontrou nos hábitos alimentares algumas chaves para essa explicação. Segundo Shoemaker e Vos (2011) a análise o levou a concluir que as mudanças seriam efetivas se o foco fosse centrado em quem detinha o poder de controle da seleção dos alimentos.

Vale destacar que ao longo desse processo de seletividade há uma série de canais, como o armazém, a horta familiar que se tornam seções onde as forças atuam em frente e atrás de cada porta até chegar à mesa da família: “Um aspecto importante da teoria de Lewin é a noção de que as forças que determinam se um dado item atravessará um portão ou não. Com os portões controlando o acesso a todas as seções de todos os canais, fica claro que as forças operam ao longo dos canais” (SHOEMAKER e VOS, 2011, p. 26). Os autores destacam assim, que em cada uma das seções os alimentos podem ser rejeitados ou aceitos, mas o mais importante é que são modificados até o cozinheiro decidir como deve cozinhar ou enviá-lo cru para a mesa.

Concluimos, assim, que o processo de gatekeeping envolve não apenas a seleção ou rejeição de itens, mas também o processo de modificá-los de forma a torná-los mais atraentes para o consumidor final. Se pensarmos no momento da decisão final como o momento em que o alimento é consumido ou não, veremos que até mesmo as cores dos itens dos alimentos e a forma como são dispostos no prato podem afetar a decisão de comê-los ou não. Até mesmo o contexto ambiental é importante. Uma bonita toalha de mesa, velas e luz baixa podem criar um ambiente que contribuirá para a maior apreciação do alimento. (SHOEMAKER e VOS, 2011, p. 26)

Desta forma, outra questão central é a noção de forças que podem determinar o atravessamento de um portão ou não no processo de gatekeeping. Os autores argumentam que as forças operam ao longo dos canais, variam de potência e aquelas que possuem mais poder diante de cada portão claramente terão mais probabilidades de atravessá-los. David Manning White ([1950] 1999) foi o primeiro a trabalhar metodologicamente com a teoria na área do jornalismo e seguiu a proposta de Lewin no sentido de perceber como os gatekeepers controlam os portões dos complexos canais de comunicação.

O estudo foi realizado com um editor de 40 anos com 25 anos de experiência em um jornal impresso na cidade de *Midwest*, no meio oeste dos Estados Unidos. O Mr. Gates, como chamou, era responsável pela seleção das notícias enviadas por agências como a *United Press*, *Associated Press* e a *Internacional News Service*. Com o objetivo de determinar o porquê da seleção ou rejeição dos artigos, White (1999, p. 145) concluiu que 90% das notícias não foram aceitas e seus motivos eram “extremamente subjetivos e dependente de juízos de valor baseados na experiência, atitudes e expectativas do gatekeeper”. Outros valores expressos neste sentido estão nos 2/3 de itens que foram rejeitados pela falta de espaço suficiente no jornal ou então pela repetição de notas similares.

Snider (1967) realizou uma réplica do estudo de White 16 anos depois e percebeu praticamente os mesmos resultados. De acordo com o autor, embora o gatekeeper estivesse mais experiente em 1966 e com o trabalho sobre apenas uma agência, a escolha pessoal ainda

era mantida. O diferencial foi a diminuição do número de histórias de interesse humano e mais textos sobre as guerras internacionais do período. Em 1956, Gieber (1960) realizou um estudo com dezesseis editores telegráficos sobre a seleção de notícias de agências e teve conclusões diferentes de White. Para ele, a organização e as rotinas produtivas altamente mecanizadas operavam acima de interesses subjetivos ou pessoais. As pressões internas da organização atuavam como uma “camisa de força” acima da subjetividade (GIEBER, 1960).

Também contrário a White, Westley e MaClean (1957) propuseram o estudo do gatekeeper como um modelo popular de comunicação de massa que envolve os canais organizacionais de mídia. Assim, a audiência somente recebe as informações que são avaliadas pelos responsáveis pela seleção que nesse sentido exercem um papel central no processo comunicacional. Neste caso, a organização estabelece um conjunto de significados sociais que extrapolam a individualização proposta por White na seleção das informações.

Os estudos de McNelly (1959) e Bass (1969) também apontam para a individualização do processo de seleção jornalística desde a relação jornalista/fonte até a coleta de notícias na rua. Para McNelly, as informações atravessam múltiplos portões comandados por indivíduos que inicia na fonte e termina no que é levado para a audiência. Já Bass propõe um modelo que enxerga no gatekeeper, o trabalho individual que representa um processo organizacional. Para isso destaca duas funções, os coletores que recebem as informações e as transformam em materiais de notícias e os processadores, que modificam e integram materiais recebidos e os tornam aptos para publicações.

Já relativo à relação entre fontes e jornalistas na seletividade jornalística, Chibnall (1977) destaca que os termos coleta e processamento não condizem com a realidade de construção de notícias por parte dos jornalistas. O autor afirma que a parte mais importante desta construção no processo do gatekeeping diz respeito às fontes que fornecem informações para o tratamento dos fatos. Um dos argumentos é de que no momento que a mensagem chega ao editor, as decisões mais importantes já foram tomadas pelo gatekeeper mais importante, aquele que selecionou as fontes, ou seja, a seleção e o processamento estão em todos os estágios.

Outro detalhe importante é apresentado pelo papel das “indústrias de relações públicas” que fornecem subsídios informativos de forma atraente para a mídia. Gandy (1982) afirma neste sentido, grande parte das decisões do recolhimento e processamento, seleção de fontes, ocorre antes da chegada ao jornalista na redação. Com este argumento, os níveis de construção informativa e dos dados apresentados pelos materiais enviados garantem mais probabilidades de passar pelos portões da mídia. Segundo Shoemaker e Vos (2011, p. 34),

neste raciocínio, “os gatekeepers passam a ser não só coletores, fontes e processadores, mas também profissionais de relações públicas e demais representantes de grupos de interesse que querem modelar o conteúdo da mídia de massa”.

Uma das questões que permeia a releitura dos estudos sobre o gatekeeping é o reconhecimento de que atores como a indústria de assessorias e relações públicas exercem forças positivas nos canais ao fornecerem materiais como os releases e até materiais prontos para as redações jornalísticas. Assim, Shoemaker e Vos (2011), com base no conceito de campo, apontam para três canais na seletividade das informações: o canal das fontes, o canal da mídia e o canal da audiência. A premissa do evento como um marco zero e de que as informações sobre esses acontecimentos parte das pessoas que participam delas é a base para entender a importância do canal das fontes no processo de cobertura jornalística.

É a partir do canal das fontes e da mídia que o fluxo de informações chega à audiência. Nos dois casos existem seções, com um portão à sua frente que controla a entrada ou não dos eventos e as percepções existentes sobre eles: “Conseqüentemente, entre as seções mais importantes do canal das fontes, estão a capacidade de observação por parte das fontes, sua memória de longa e curta duração e suas decisões sobre que tipo de informação dar aos jornalistas” (SHOEMAKER e VOS, 2011, p. 173). É no canal da mídia que exerce o tratamento dos dados pelos profissionais da redação que pode ocorrer tanto de forma direta, no local dos acontecimentos ou então, a partir da dependência de releases, rotinas de governo e outros subsídios garantidos pelo canal das fontes a partir de estruturas organizadas em assessorias ou agências.

Já no terceiro canal a audiência exerce o papel de gatekeeper com a seleção, compartilhamento e o comentário realizado pelos leitores, reforçado com as novas tecnologias da informação via internet (SHOEMAKER e VOS, 2011). De acordo com o argumento utilizado neste processo, as percepções dos jornalistas agora interagem entre o que é recebido pela audiência e os valores notícia e as relevâncias pessoais atribuídas aos conteúdos. A partir de estudos no *New York Times* em 2008, Shoemaker, Seo e Jhonson (2008) identificaram diferenças entre os critérios de noticiabilidade utilizados pelos jornalistas e os destacados nas preferências da audiência, em exemplos como itens sobre a manutenção de leis e normas ou então que levem o leitor para dentro da história e explicitem interesses relativos a grupos que estão inseridos.

A proposta que segue para a longevidade das notícias mais acessadas no site ainda carece de reflexão, principalmente por considerar que a interação, não necessariamente é um fruto do advento da internet. Torna-se fundamental o reconhecimento do papel da audiência,

mas ainda com a possibilidade de manutenção de critérios fundamentais da instituição jornalística. A função mediadora entre o interesse público e o interesse do que vem do público é uma das bases na seleção das informações.

Ao contrário de Shoemaker e Vos (2011), Bruns (2011) argumenta que o jornalismo colaborativo ou cidadão está sendo explorado desde os anos 1980, mas de forma limitada e ainda na convencionada produção de cima para baixo. Para ele, há uma mudança radical com as plataformas de mídia social: a interrupção nos modelos jornalísticos de gatekeeping e o desenvolvimento do gatewatching. A escassez de canais de mídia e o crescimento do que chama de jornalismo participativo com as possibilidades da internet foram bases dessa mudança. Ao invés do papel de porteiro ou selecionador, a nova função seria agora a de curadoria, como um guia para as informações ou o vigia do que estava sendo destacado pelo próprio público.

Segundo Bruns (2005) o gatewatching é um processo de produção de notícias sem uma estrutura hierárquica que o controle tradicional havia estabelecido. Ele argumenta que o público tem acesso a diferentes fontes e nem sempre depende dos jornalistas ou da própria mídia para a produção e difusão das notícias. Sem responder claramente se isto se trata realmente de jornalismo, o autor pressupõe que as novas tecnologias proporcionaram o envolvimento dos usuários no acompanhamento e observação do alto número de materiais noticiosos. Mesmo assim, reconhece que não possuem condições de guardar e controlar os portões dos canais de informação disponibilizados com base nos valores notícia estabelecidos pela profissão.

O que resulta deste processo da ad hoc curation colaborativa das notícias é em primeiro lugar um fluxo regular de atualizações e informações de fundo que evolui na medida em que a compreensão compartilhada do próprio evento se desenvolve; isto ocorre atualmente com tanta velocidade que mesmo os canais que divulgam as notícias durante 24 horas – anteriormente o padrão-ouro para as reportagens noticiosas atualizadas – agora estão fazendo regularmente referência às informações que conseguiram colher de matérias no Twitter e em outras fontes semelhantes da mídia social. (BRUNS, 2011, p. 132)

Com base neste argumento, o autor reafirma a posição dos jornalistas profissionais de aprofundar as informações dentro dos canais de mídia, buscando na investigação um norte para a produção neste novo modelo. Já o público age colaborando com a seleção de materiais informativos e o compartilhamento dos eventos para atualização com a velocidade que demanda a difusão de notícias no atual momento. “Este compartilhamento maior entre os jornalistas industriais e os usuários contribuintes deixaria para os primeiros mais espaço para se concentrarem no seu trabalho investigativo e no desenvolvimento de matérias originais,

que são menos viáveis para os contribuintes não jornalistas sem remuneração” (BRUNS, 2011, p. 130).

A introdução deste novo modelo, segundo o autor, seria a consequência da racionalização dos processos de produção de notícia, com demissões e a redução do quadro de jornalistas nas empresas de mídia. Os sucessivos cortes nas redações, ao lado da multiplicidade de canais informativos e a crescente interação com a audiência nas mídias sociais contribuíram para o reposicionamento nos mercados de mídia, o *lobbying* de concorrentes, patrocinadores e investidores, e a própria revisão do conceito clássico do porteiro. Desta forma, Bruns (2011) defende que está perdido o domínio, por parte dos jornalistas enquanto gatekeepers, como espaços centrais para cobertura e difusão de informações.

Outro argumento sobre o gatewatching é de que as organizações podem continuar controlando a agenda de notícias, mas se torna improvável que fomentem o debate público no complexo midiático atual (BRUNS, 2011). Dentro deste panorama, o autor reconhece a continuidade do jornalismo como uma instituição que deve prevalecer pela qualidade na construção noticiosa, principalmente de caráter investigado, porém segue para um rumo ainda não mapeado em sua totalidade no sentido de reconhecer vantagens e desvantagens do conceito e da interação com o público na internet.

Já a pesquisadora Adriana Barsotti (2014) propõe cautela e afirma que os conceitos se mantêm em paralelo e se sobrepõem em alguns casos. Em uma pesquisa realizada com o editor da primeira página do jornal O Globo, a autora aponta uma contextualização aplicada ao que chamam de *Mr. Web Gates* como jornalista enquanto mobilizador de audiência na internet. Ela argumenta que a abordagem do gatewatching se superpõe ao gatekeeping, pois mesmo na web, o jornalista continua com o papel de selecionar e checar as informações que estão sendo veiculadas e que os dois casos não dão conta das reconfigurações exercidas no papel de mediação entre as notícias e o público.

Envolvido em uma relação multitarefa no seu cotidiano, o *Mr. Web Gates* abordado na pesquisa de Barsotti (2014) demonstra o contexto atual da seletividade das informações e a integração entre redações de jornal, TV, sites e amplas responsabilidades. As fontes, oriundas de diversos ambientes como da reportagem ou então das redes sociais, agências e assessorias, passam pela avaliação no filtro exercido pelos editores para então serem levados ao editor de capa. De acordo com a autora, os critérios de seleção resultam de uma articulação pessoal e subjetiva da cultura profissional dos jornalistas aos constrangimentos organizacionais e as rotinas produtivas da empresa.

Uma das constatações é que o *Mr. Web Gates* em muitos casos é envolvido pelo gosto dos leitores nas listas de reportagens mais lidas, o que resulta em uma maior flexibilidade frente aos valores notícia: “Ou seja, o gosto do leitor é tão presente a ponto de levar o *Mr. Web Gates* a afrouxar os critérios de noticiabilidade, pois o simples amanhecer no Rio não se enquadraria em nenhum dos ‘valores-notícia’ já acima mencionados” (BARSOTTI e AGUIAR, 2012, p. 11). Além disso, a partir de materiais produzidos com o envolvimento do leitor em enquetes e sugestões, o jornalista exerce a função de mobilizar a audiência e engajar o público em determinadas causas.

Diante da abundância de informação, o jornalista emergiria como uma espécie de “guia” em direção à informação crível. Mas o próprio conceito de mediador já se alargou. A possibilidade de comentar, dar notas e ranquear as notícias abre fóruns de discussão entre os jornalistas e seu público, que podem retroalimentar o processo de edição. Por último, sugerimos que os jornalistas adicionaram, a todos os papéis anteriores, o de mobilizador da audiência. Com ferramentas tais como enquetes e editoriais dedicadas exclusivamente à participação do leitor, o conceito de notícia é alargado. Caberia aos jornalistas mobilizar seu público em torno de diversas causas. Dependendo dos temas em torno dos quais pretenda engajar sua audiência, podem se aproximar do papel de “animador de auditório” ou promover o alargamento dos canais de participação social na esfera pública. (BARSOTTI e AGUIAR, 2012, p. 17)

Em todos os casos, de uma forma ou de outra, os meios condicionam obviamente a produção jornalística em diferentes especificidades. Do formato impresso ao online, a manutenção dos valores notícia e seus critérios de noticiabilidade são aspectos que embasam a seletividade das informações do gatekeeper ou do gatewatcher. Assim reconhece-se aqui a necessidade da manutenção de abordagens em torno da reconfiguração dos processos de seleção, que são anteriores inclusive ao período compreendido pela internet. Por outro lado surgem ainda mais necessidades da realocação do conceito nas especificidades do radiojornalismo e suas dinâmicas de construção da notícia.

Hindman (2009) argumenta que o aumento da participação online gerou o mito da democratização digital e facilitou a derrubada de portões da seletividade, mas que alguns atores ainda se destacam na web. O fim do gatekeeper representa neste sentido uma reconfiguração do fazer jornalístico, mas também a possibilidade de disputa de forças desiguais entre as diferentes categorias de fontes na imposição do discurso midiático. Primo (2013) cita exemplos de surgimento de movimentos contra hegemônicos na web, ao mesmo tempo em que o grande capital também se reinventa e se apropria de estratégias colaborativas na produção de conteúdo.

Situações, que ao lado das características atuais da produção informativa, como o jornalista sentado (PEREIRA, 2004) e as especificidades de cada meio, precisam ser

repensadas. Para isso, torna-se fundamental olhar para a produção jornalística no rádio, o processo de gatekeeping e a participação das fontes, a partir de suas principais características. Assim, a análise sobre questões como a natureza substantiva do ao vivo implica focar o radiojornalismo para além do atual momento da internet, mas no seu complexo produtivo em que o tempo real está presente desde as suas primeiras transmissões. No que tange à atualidade, as reconfigurações com o rádio expandido e hipermidiático na fase da multiplicidade da oferta são as chaves para entender o acirramento profissional na produção de conteúdos para diferentes dispositivos.

A partir das considerações pensadas aqui, como a teoria do gatekeeper pode ser abordada diferentemente dos estudos voltados a meios essencialmente impressos ou online? Se olharmos para o rádio, qual deve ser o foco a partir de características fundamentais na produção noticiosa a partir das definições de Rádio Expandido (KISCHINHEVSKY, 2016a) e Hipermidiático (LOPEZ, 2010) e as novas funções proporcionadas pela tecnologia dentro da redação? O argumento é que esses processos (seleção, relação com as fontes e hierarquização) se mantêm independente da convergência, ao analisar o rádio como meio expandido que possui uma série de abordagens metodológicas que precisam ser pensadas também no âmbito da redação (KISCHINHEVSKY, 2016b).

Meditich (2001) argumenta que a padronização do discurso jornalístico do rádio supera o gênero gráfico ao estabelecer uma regularidade à espontaneidade da emissão sonora da fala. A primeira fase da implantação do jornalismo no ambiente sonoro com os jornais falados e a transposição dos conteúdos do impresso para a leitura nos primeiros radiojornais é uma constatação deste aspecto. Após a profissionalização e a inserção de novas formas de tratar a notícia no rádio, o jornalismo sonoro ganhou vida própria ao agregar texto, subtexto e demais elementos da linguagem sonora, como a música, ruídos e o silêncio. Outro destaque é quanto ao discurso polifônico do meio com a alternância de sujeitos falantes no microfone, o que gera a necessidade de formatos diferenciados para a compreensão do ouvinte no momento de perceber diferenças entre fato e opinião, ou o que representa o papel do jornalista e da fonte na notícia transmitida.

A superação eletrônica do gênero gráfico não afeta apenas a linguagem do jornalismo. Afeta também o discurso enquanto uso desta linguagem que a põe em contato com a realidade. O amadurecimento do novo gênero não representa apenas uma nova forma de enunciação, transforma substancialmente também a forma do enunciado. Essa modificação pode ser constatada nas mudanças provocadas em sua estrutura. (MEDITSCH, 2001, p. 193)

Uma das principais características no fluxo das informações em uma emissora *All News* é a repetição ao longo da programação. Pela condição irrecuperável da informação, clareza e precisão são bases para qualquer produção de conteúdo, além de que “o texto do rádio não pode ser nunca autorreferente, e deve ter uma estrutura lógica mais próxima de uma espiral do que de uma linha reta” (MEDITSCH, 2001, p. 184). A alternância dos sujeitos e a possibilidade polifônica do discurso radiofônico unem-se a uma lógica de sequencialização estruturada de forma circular, do *clock*, que substitui a linearidade. Ainda que a crítica do autor prevaleça sobre a homogeneização da estrutura da informação pelo fluxo estabelecido pelas emissoras, a polifonia do discurso jornalístico é uma de suas principais potencialidades, no que condiz às fontes selecionadas e aos temas abordados.

O papel do gatekeeper do rádio, com suas especificidades e atribuições próprias no ambiente que está inserido é abordado por Lopez (2009) em uma observação participante nas emissoras CBN (*All News*) e Band News FM (*Talk and News*). A autora tece considerações sobre a inserção de tecnologias na redação e consequências como apuração de fontes secundárias de informação em detrimento da observação no local dos acontecimentos. A construção de boletins como o Repórter CBN a partir de assessorias e agências, ou então de sites e buscas realizadas no Google na Band News reforçam os argumentos sobre o papel do gatekeeper neste processo como mero seletor ou com a função de atualizar as informações repassadas ao público.

O jornalista, que muitas vezes assume o papel de “porteiro” deve lidar com esse jogo de interações ao acessar a infinidade de fontes que tem a sua disposição, muitas com conteúdo pronto para publicação. Essa disponibilidade de material leva a padronização dos textos e das fontes. Algumas são constantemente acessadas pelos comunicadores para informar/analisar/comentar os acontecimentos de um dado setor e seus desdobramentos. O gatekeeper, neste momento, age definindo quais coberturas terão mais atenção, abordadas a partir de gêneros mais interpretativos, variando também de acordo com o perfil editorial e a rotina produtiva do veículo. A inserção de tecnologias no cotidiano do jornalista faz com que a sua relação com as fontes e a sua própria posição como observador social seja revisitada. O jornalista tem hoje duas possibilidades de uso das tecnologias: 1) como colaboração para o jornalismo; 2) como substituição dos processos de apuração e consequente desvinculação do conteúdo com o público da emissora. (LOPEZ, 2009, p. 61)

Por outro lado o processo tecnológico e a emergência de fontes cada vez mais profissionalizadas como destacaram Shoemaker e Vos (2011), reforça a presença e a necessidade do gatekeeper com um papel fundamental nos processos de seleção e apuração criteriosa das informações. Lopez (2009) reafirma essa posição, principalmente diante do reposicionamento do mercado e a manutenção do jornalista na redação, evidenciando o conceito de Neveu (2006) quanto ao “jornalista sentado”. Uma das características do rádio

hipermidiático é que diante das novas tecnologias, o jornalista se ausenta do palco dos acontecimentos e da observação destas ações no local.

Desta forma, elementos centrais da tecnologia e da convergência, que alteram as demarcações do gatekeeping também fragilizam o processo de construção da notícia (LOPEZ, 2009). Ao mesmo tempo em que surge a proposta de gatewatcher e do mobilizador de audiência acreditando em novas possibilidades participativas, questões como pressões políticas e a redução de custos nas redações são partes do contexto vivido no âmbito jornalístico. Também é necessário reconhecer que a audiência tem papel decisivo na produção da notícia desde as primeiras participações por carta ou via telefone dentro das redações radiofônicas, sendo remodeladas hoje com plataformas diferenciadas.

O rádio, diferentemente do impresso e dos portais online, possui elementos específicos que reforçam uma presença diferenciada do gatekeeper na produção informativa. Prado (1989) destaca a simultaneidade e a instantaneidade como características essenciais da produção radiofônica em diferentes partes do organograma das redações. A construção informativa e a difusão destas notícias parte da redação e até a transmissão no dial ou online passa por um conjunto de seleções que envolvem editores, chefes de reportagem e até mesmo os apresentadores do programa, muitas vezes construída ao vivo (MEDITSCH, 2001).

Em pesquisa sobre as informações veiculadas na Rádio CBN no ano de 2002, Villaça (2004) identifica que o próprio âncora na época, Heródoto Barbeiro, selecionava informações por email de agências, assessorias e outros sites para a veiculação. O gatekeeper do rádio, ou Mr. Rádio Gate não possui neste sentido autonomia para a publicação nas diversas partes do processo, mas agrega os valores profissionais e os constrangimentos organizacionais que influenciam no momento da seleção e escolha dos materiais apresentados (BREED, 1999).

Com a pergunta “o que constitui a notícia?”, Buckalew (1974) realizou uma pesquisa com 33 editores em 29 estações de rádio locais de 11 cidades diferentes, entre grandes, médios e pequenos mercados. O autor dividiu em 11 editores em cada tamanho de mercado, partindo do pressuposto de que esta dimensão resultaria também em números diferenciados de jornalistas trabalhando nas redações. As conclusões do autor, sem ressaltar as caracterizações específicas do meio, foram de que assim como aconteceu em uma investigação anterior com o processo de gatekeeping na televisão, as escolhas no caso do rádio foram baseados em valores como conflito, alto impacto, proximidade e atualidade. O autor também concluiu que as decisões são parecidas entre os gatekeepers, independente do tamanho do mercado, e o nível de aceitação na seletividade das informações foi de 44%, ou seja, maior que os 28% da televisão em pesquisa realizada anteriormente.

At that time, the investigator stated that there were differences in the use of the same facet levels by the same editors, and by different editors, but the differences, for the most part, were not drastic, and the overall impression was that a standard fare was being presented to the television news audience. That same conclusion can be reached from the results of the radio news editors' behavior, especially when they did not show a difference across market sizes in their use of any of the facet levels. Like their television colleagues, the radio news editors were greatly alike in their selection of news stories and in their perceptions of audience and news sources. (BUCKALEW, 1974, p. 221)²⁹

Assim, a velocidade de informações, o tempo e o espaço das notícias passam por filtros no caso do radiojornalismo, mas de maneira diferente do contexto de produção que culminou nos conceitos e estudos sobre gatekeeper, gatewatcher ou do mobilizador da audiência. Diferentemente das propostas de veiculação no impresso e na internet, uma rádio *All News*, por exemplo, tem um amplo espaço de veiculação, mas que fontes ou informações possuem mais forças para ultrapassar os diferentes guardiões de cada portão presentes nas redações? Ou então, de onde vêm as notícias no radiojornalismo? Ainda que seja necessário agregar os argumentos da pesquisa empírica dentro do ambiente das redações para chegar a algumas respostas ou tensionamentos, temáticas como a diversificação de fontes e a manutenção da instituição do radiojornalismo independente de plataformas, são recorrentes na abordagem.

O jornalismo, dentro do rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016a) e hipermidiático (LOPEZ, 2010), é envolvido por características clássicas de atualização das informações e do próprio processo produtivo que compõe suas principais características, como as apresentadas por Ortriwano (1985). O diferencial das novas configurações tecnológicas da atualidade remete a um gatekeeper que é parte das complexas estruturas jornalísticas que passam pelo reposicionamento dos mercados da radiodifusão. A novidade no momento é a adoção de diferentes formatos para o ambiente online como propõe Lopez (2010), porém ainda com as características desenvolvidas pelo suporte radiofônico e em meio a uma série de incoerências da atualidade, como sucessivas demissões e a redução da mão de obra nas redações radiofônicas.

Nesta situação, está a ausência dos jornalistas no palco dos acontecimentos com a manutenção de profissionais na redação e o conseqüente alargamento dos portões de controle das informações. Assim, o “Mr. Rádio Gate”, inserido em diferentes posições na redação e no

²⁹ Nessa altura, o investigador indicou que havia diferenças na utilização dos mesmos critérios pelos mesmos editores, mas as diferenças, na sua maior parte, não eram drásticas, e a impressão geral foi que uma tarifa normal estava sendo apresentado ao público nas notícias de televisão. Essa mesma conclusão pode ser alcançada a partir dos resultados do comportamento dos editores de notícias de rádio, especialmente quando eles não mostram uma diferença através de tamanhos de mercado na sua utilização de qualquer um dos critérios. Tal como os seus colegas de televisão, os editores de notícias de rádio eram muito parecidos em sua seleção de notícias e em suas percepções de fontes. (Tradução nossa)

estúdio do radiojornalismo é pressionado pelos constrangimentos organizacionais, subjetivos e pessoais, mas que tem como norte os mesmos critérios de noticiabilidade apontados por Wolf (2009). O que muda no neste processo de gatekeeping são as diferentes posições e formas que uma fonte é acessada ou então um release e uma notícia produzida por uma agência pode chegar a ir ao ar. Outra situação é a disponibilidade da empresa em enviar correspondentes e atender geograficamente a essas informações em diferentes locais da cidade (SHOEMAKER e VOS, 2011). Também assim, uma emissora cabeça de rede, em uma cidade como Rio de Janeiro, possui diferentes formas de dependência de fontes externas que uma emissora que está no interior do país.

Questões como a entrada do canal da audiência, como apontada por Shoemaker e Vos (2011) e aprofundadas em Bruns (2011) e Barsotti e Aguiar (2012) estão presentes no rádio antes do advento da internet, mesmo que em formatos diferenciados. Programas como “Jurado 13”, desenvolvido no Uruguai por Mário Kaplún que tinha na opinião dos ouvintes, os desfechos para seus debates ou a formação de principais hits musicais ou notícias escolhidas por meio de ligações em programas radiofônicos. As novas tecnologias proporcionam, para além do reconhecimento da interação, da diversificação de canais informativos, um repensar sobre a ótica do gatekeeper diante da possibilidade do alargamento dos portões de controle da informação como veremos tanto no caso da BandNews como da CBN. Com esta contextualização, o resultado pode ser não somente a falta de uma apuração criteriosa das informações, mas sim uma posterior dependência de canais que muitas vezes não tenham o interesse público ou os valores notícia como objetivo final dos conteúdos noticiosos.

Como uma hipótese teórica, acreditamos em um processo de gatekeeping específico no rádio, envolvido pela apuração com fontes internas, externas e outras situações características da natureza imediata do jornalismo de caráter substantivo. No ao vivo, a construção informativa ao longo do dia, a possibilidade de entrada de informações por diversos portões comandados como chefes de reportagens, repórteres, editores e até os apresentadores dos programas nos faz repensar a lógica dos meios impressos. Como afirmam Shoemaker e Vos (2011), os gatekeepers estão em variados canais, sejam as assessorias e agências, sejam nas funções exercidas no próprio meio. No rádio esse processo se aprofunda, diferente das rotinas produtivas da TV e dos meios impressos e até mesmo com o advento da internet diante da fase da multiplicidade da oferta.

Com o rádio expandido esse perfil de seleção merece a discussão ampliada, não necessariamente para a autonomia do profissional jornalista na escolha do que levar ao ar no

momento do ao vivo, mas para a homogeneização das redações informativas e a possibilidade de submissão a outros atores envolvidos neste processo. A constatação sobre o jornalista sentado e de outras tecnologias aumentam a probabilidade do alargamento dos portões e segue agora para um desafio permanente: selecionar fontes e informações pela ótica dos valores e critérios de noticiabilidade e manter a instituição jornalismo independente na construção informativa do dia a dia.

1.2 Fontes no radiojornalismo e nas teorias do jornalismo

A cobertura cotidiana em diversas temáticas compõe uma esfera que envolve agentes sociais, fontes selecionadas pelo jornalismo e que implicam um reconhecimento direto daqueles que ditam os acontecimentos. Como afirmam Miguel e Biroli (2010), o mundo da política, por exemplo, é um mundo de homens de gravata, ainda distante do cidadão comum que favorece um espaço de distinção e objeto de descrédito pelos desvios éticos que vem à tona em momentos de crise. O papel que estes “homens de gravata” ou as vozes que possuem um acesso direto na promoção dos acontecimentos e suas diferenças com as fontes não profissionalizadas é o objeto central de nosso estudo (MOLOTCH e LESTER, 1999).

A consolidação da metáfora da fonte sobre as vozes utilizadas pelos jornalistas na construção das notícias será mantida neste trabalho como um reconhecimento de que mesmo diante das diversas pesquisas sobre a relação com esses agentes sociais, ela se mantém na prática profissional e mesmo na academia. É preciso, no entanto, problematizar essa relação principalmente no aspecto em que nos focamos: a seleção das fontes no radiojornalismo e a diversidade nas notícias. Segundo Traquina (2005b) qualquer pessoa pode ser uma fonte de informação, sendo essa, aquela que o jornalista observa, entrevista ou busca dados que auxiliem a complementar ou construir uma notícia. O cultivo dessas fontes se torna fundamental e uma necessidade do profissional, como serão apresentados com as oficiais e especializadas no caso da CBN, ou com ouvintes na BandNews em meio à velha utilização da agenda manual de nomes procurados pelos profissionais.

Para Elliot (1972), esse cultivo das fontes está presente nas rondas regulares, na manutenção da rede noticiosa com setoristas em locais específicos ou no próprio interesse desses agentes em tornar uma informação disponível. Para Schmitz (2011, p. 9), a fonte de informação destaca que todo e qualquer dado/acontecimento/informe está disponível a alguém, enquanto a fonte de notícia necessita de um mediador, como o jornalista, que “faça circular o seu conhecimento ou saber”. A definição que o autor propõe é de que essas fontes

de notícias, explícitas na programação/publicação de um meio de comunicação “são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia” (SCHMITZ, 2011, p. 9).

A definição do autor que apresenta uma sistematização taxonômica da classificação foi realizada após um estudo sobre as relações entre os jornalistas e fontes da área da economia. O trabalho contribui no sentido de apontar uma distinção na diversidade de tipologias no jornalismo, algo ainda ausente dos estudos no radiojornalismo. Contudo, não aprofunda aquilo que define como fontes de informação. A não transparência do discurso da notícia nos impede de encontrar esses diversos tipos em uma programação somente pela abordagem de Ferraretto (2014) entre internas e externas, e mesmo em uma classificação. É na especificidade do trabalho de seleção de fontes no radiojornalismo e nas entrevistas com os profissionais do meio que procuramos aprofundar esse debate apresentando uma taxonomia que agregue os estudos no rádio e lance debates sobre as vozes sociais que influenciam na construção de uma informação.

Sobre a definição em torno das fontes, Pinto (2000) oferece, além de uma classificação que será tratada mais à frente, um debate oportuno sobre os interesses e a forma com que se apresenta no trabalho jornalístico. Para o autor, pessoas, grupos, instituições sociais ou até mesmo vestígios oriundos de falas, documentos, dados que são preparados, construídos ou deixados propositalmente se constituem como fontes. Os agentes ou instituições utilizados pelos jornalistas remetem a posições e relações sociais “para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados. Em suma, as fontes (...) são entidades interessadas, quer dizer, estão implicadas e desenvolvem a sua atividade a partir de estratégias e com táticas bem determinadas” (PINTO, 2000, p. 278).

A lógica que propõe o autor parte do questionamento sobre o que querem as fontes quando procuram o jornalismo. Assim, volta-se à origem da discussão sobre a utilização do termo, pois a metáfora remete a um lugar onde nasce água fresca, a origem de algo, da vida, da fecundação em que alguém procura a fonte para coletar algo. Para Pinto (2000) essa lógica está invertida diante da sofisticação no terreno da distribuição das informações principalmente com a crescente profissionalização desses agentes. Algo que Neveu (2006) também argumenta sobre os mal-entendidos em um comportamento ativo por parte dos jornalistas na busca pelo abastecimento de dados, falas e recursos que agreguem a uma notícia. O erro estaria em reconhecer que essas fontes são fundamentalmente ativas, não

necessariamente porque os profissionais não tenham espírito de iniciativa ou liberdade: “Se uma metáfora aquática pode fazer sentido, é a de jornalistas submersos num dilúvio de informações oferecidas pelas fontes” (NEVEU, 2006, p. 95).

Ainda que os autores reconheçam essa situação, a profissionalização não necessariamente deixa de posicionar os diferentes tipos de fontes numa programação jornalística. A seleção, pelo gatekeeper ou gatewatcher continua por meio dos valores notícia e até mesmo pelas vias de fuga dos próprios jornalistas, na utilização do off ou mesmo na produção de materiais que não interessam às próprias fontes. Pinto (2000, p. 280) elenca uma série de objetivos pelos quais perseguem as fontes e os jornalistas:

As fontes buscam: 1. a visibilidade e atenção dos media; 2. a marcação da agenda pública e a imposição de certos temas como foco da atenção colectiva; 3. a angariação de apoio ou adesão a ideias ou a produtos e serviços; 4. a prevenção ou reparação de prejuízos e malefícios; 5. a neutralização de interesses de concorrentes ou adversários; 6. a criação de uma imagem pública positiva.

Por sua vez os jornalistas buscam: 1. a obtenção de informação inédita; 2. a confirmação ou desmentido para informações obtidas noutras fontes; 3. a dissipação de dúvidas e desenvolvimento de matérias; 4. o lançamento de ideias e debates; 5. o fornecimento de avaliações e recomendações de peritos; 6. a atribuição de credibilidade e de legitimidade a informações directamente recolhidas pelo repórter.

A margem de manobra existente na rede noticiosa, que apontam Pinto (2000) e Tuchman (1983), é uma das bases pelas quais levam a interrogações na relação e seleção das fontes. Os jornalistas possuem lógicas de atuação, gerem e redirecionam as informações como um poder que não pode ser menosprezado (PINTO, 2000). Há que se diferenciar nesse processo os distintos graus de acesso à informação (MOLOTCH e LESTER, 1999) e as novas possibilidades de contextualização diante de agentes que aparecem por meio do gatewatching. Há uma zona cinza que envolve a capacidade dos movimentos sociais e fontes populares não profissionalizadas e distintas do poder econômico em sensibilizar esses profissionais. Para além disso, as próprias vozes que não aparecem nos meios, mas auxiliam os profissionais na cobertura de uma determinada temática não se faz presente no estudo taxonômico que será aprofundado à frente.

Essa complexificação por trás do cenário que Pinto (2000) chama de cor-de-rosa envolve uma diversidade e a multiplicação de vozes no cenário midiático. A primeira base é que nenhuma fonte torna público algo que seja inconveniente a si ou a organização a qual pertence. Cabe ao jornalista a procura, o tratamento, a seleção e a construção da notícia, desde que não ocorra a utilização total de um release, por exemplo. O autor reconhece que nessa multiplicidade, o crescimento de dados e informações expressam as intervenções de diferentes

atores no cenário social, reforçando o argumento aqui presente do jornalismo como um espaço de disputas.

Neste processo, as fontes organizadas e, frequentemente, profissionalizadas adquirem um estatuto e um poder significativos, quer face aos media e aos jornalistas, quer face ao público em geral, do qual emergem, de resto. Este fenómeno é bem um sintoma de que o jornalismo, sendo um factor de configuração e representação da vida social, é, ao mesmo tempo, condicionado pela acção de uma «comunicação estratégica» situada a montante do trabalho dos jornalistas. O que significa, por outro lado, que um dos aspectos fundamentais que está em causa, quando se aborda o problema das fontes de informação, é a questão do poder e da desigual distribuição social dos recursos para o seu exercício. (PINTO, 2000, p. 292)

A crítica de autores como Pinto (2000), Schudson (2003), Neveu (2006), Chaparro (1994) sobre a dependência de fontes oficiais presentes na rede noticiosa ou da profissionalização desses setores não provoca necessariamente uma revisão da utilização do termo. Essas proposições vão na contramão das afirmações de Leal e Carvalho (2015) como uma revisão de paradigma em um campo que, mesmo sabendo das limitações e complexidades, continua utilizando a metáfora da fonte na prática profissional e na própria pesquisa acadêmica.

Com base em uma pesquisa que envolve a cobertura jornalística sobre homofobia e HIV/Aids, Leal e Carvalho (2015, p. 607) propõem uma revisão da utilização do termo de fonte para agentes jornalísticos. A base para essa revisão surge da busca por observar “quem fala do quê nas matérias a partir de três situações: “a) nem sempre o promotor do acontecimento era “quem falava; (...) b) a dissociação entre os promotores dos eventos e as personagens presentes nas notícias; e (...) c) foi possível identificar que havia uma zona ‘cinzenta’, impossível de ser apreendida com precisão na leitura das matérias”.

Leal e Carvalho (2015) utilizam das discussões de Neveu (2006), algo também realizado por autores como Pinto (2000) e próprio Chaparro (1994) com a “revolução das fontes”. A própria profissionalização (discutida no Capítulo 2) é algo presente desde os anos 1920 no cenário mundial com o surgimento das relações públicas e da assessoria de imprensa. O caráter proativo das fontes sempre existiu a partir do interesse pelos meios de comunicação ou fazer valer o discurso de alguma forma. O argumento se mantém ao destacar que o termo teria um “grande poder heurístico” e que as pesquisas classificatórias ainda são simplistas ao apenas promover uma distinção (LEAL e CARVALHO, 2015, p. 609).

Porém, é preciso perceber que somente com a possibilidade de classificação e a percepção entre distintas vozes e poderes de fala é que a pesquisa acadêmica e a própria leitura por parte de ouvintes/telespectadores/leitores constroem sua crítica. No caso do rádio, os recentes estudos reforçam ainda mais esse argumento pela ausência de clareza em um

ambiente difuso e cercado de interesses de diferentes estruturas de poder como afirma o próprio Schudson (2003) utilizado no trabalho dos autores. Então afirmar que a utilização do termo “sem maiores problematizações” já é realizada em trabalhos de Lage (2001), Pinto (2000), Schmitz (2011), Gans (1980), entre outros sugerem enfaticamente a complexidade de jogos de interesse e o próprio caráter de negociação (COOK, 2011). Quando chegamos à definição proposta, encontramos outro problema. A proposta dos agentes segue as mesmas características do termo fonte:

Essa rede de interações, nada linear, é integrada por agentes, num triplo sentido: aqueles que atuavam como promotores dos acontecimentos, muitas vezes com vistas à sua noticiabilidade – como é caso das paradas, construídas, entre outros intuitos, como um grande evento público a ser noticiado, e também de uma vasta gama de outros eventos sociais –; aqueles a partir dos quais os jornalistas e as mídias informativas estabeleciam seu entendimento; e os que se apresentavam, na tessitura narrativa, como seus protagonistas ou como figuras de autoridade sobre o que é narrado. A partir do exposto, sugere-se que agentes são pessoas e/ou instituições presentes nos processos e narrativas jornalísticas sobre acontecimentos diversos a partir da dinâmica de disputas de sentido em torno do que (e como) é narrado, propondo pontos de vista que revelam visões sociais de mundo diversas. (LEAL e CARVALHO, 2015, p. 617)

Os pontos finais destacados pelos autores são de que esses agentes possuem um papel ativo na definição de sentidos, de que têm poderes distintos e mantêm a necessidade de análise aprofundada sobre suas declarações ou intervenções, com o reforço a dimensões éticas e o reconhecimento de que narrativa não é transparente em suas interpretações (LEAL e CARVALHO, 2015). Os argumentos apenas reforçam a necessidade de problematizações na pesquisa sobre as fontes, mas não implicam na necessidade de substituição do termo largamente debatido no campo. Como exemplo, as fontes que não aparecem na programação e contribuem para a pauta não aparecem na fundamentação dos autores, mas estão presentes nas redações. Esse papel não está nas classificações, sejam elas do jornalismo ou do radiojornalismo e necessita de aprofundamento no intuito de reconhecer o exercício de seleção e de negociação diária existente entre o profissional e quem fornece as informações. Nesse sentido utilizamos as duas nomenclaturas, agentes e fontes, para definir as vozes utilizadas pelos radiojornalistas ao longo da pesquisa.

A pesquisa sobre as relações entre jornalistas e as fontes oficiais que apontam o jornalismo como um ator político na sociedade, como proposto por Timothy Cook (2011), auxilia a pensar o processo de negociação na construção da notícia. Utilizando o termo “*sources*” – na tradução fontes – o autor discorre sobre as constantes negociações de critérios de noticiabilidade e valores que busquem certa objetividade para o processo de produção. Como sugere, mesmo que implícitas, a “negociação do valor notícia” é parte de um sistema de

cooperação e colaboração não direto e formulado em uma reunião num gabinete fechado, mas sim no balanceamento entre o que “as fontes desejam e o que os jornalistas querem da notícia” (COOK, 2011, p. 211).

Essa noção remete a que os atores políticos podem até prever e promover os acontecimentos, mas a seleção, organização, enquadramento e construção é ofício de quem está na redação. De acordo com Cook (2011), o fundamental não é analisar o nível de autoridade das fontes e sim a relação com os acontecimentos no noticiário. Daí sua crítica aos definidores primários que Hall et al (1999) defendem, na mesma lógica de Traquina (2005b) e Zelizer (2004). Pois, mesmo que tenham a possibilidade de promover e lutar para aparecer na mídia, as fontes passam por canais de seleção do gatekeeping (SHOEMAKER e VOS, 2011).

O caráter negocial até pode ser dominado pelas fontes autorizadas, pelo perfil hierárquico e de credibilidade, mas não possuem o poder de controlar facilmente o que outras fontes podem dizer (COOK, 2011). Assim, instala-se o conflito que procura o próprio jornalismo na confecção de suas histórias. De acordo com o autor, a notícia se constitui numa coprodução das fontes e dos jornalistas em que as vozes selecionadas não têm o simples poder de ditar o que será escrito ou não: “essa coprodução empurra os atores políticos a prever as necessidades das notícias projetando o que dirão e farão. No processo, não apenas no jornalismo, mas também na política, ficam obcecados por questões que possam tornar-se oportunas, concisas, facilmente descritíveis, dramáticas, cheias de cor e visualizáveis” (COOK, 2011, p. 240). O que nos leva ao debate sobre os critérios compartilhados entre os profissionais do jornalismo e a rede noticiosa que estabelece para o acesso à diversidade de atores sociais, suas ações, eventos e declarações.

A rede noticiosa depende das fontes para a promoção e apuração das informações. Uma relação complexa que envolve o processo de gatekeeping principalmente ao considerar a afirmação de Traquina (2005b, p. 190): “as fontes são quem são porque estão diretamente ligadas a setores decisivos da atividade política, econômica, social ou cultural”. Desta forma, Wolf (2009) destaca que as fontes se constituem a partir dos procedimentos produtivos de cada meio e expressam os valores notícia e critérios utilizados na abordagem das notícias. Ou seja, o processo de gatekeeping na seleção de fontes e acontecimentos é resultado dos critérios de noticiabilidade considerados pelos jornalistas durante a cobertura (WOLF, 2009).

Traquina (2005b) destaca que essa relação de acesso ao ambiente jornalístico ou procura pelas fontes, depende de três critérios: 1) autoridade: fator de respeitabilidade, como a instituição ligada à fonte, ou posição ocupada na sociedade chamada de hierarquia da credibilidade; 2) produtividade: razões e materiais que possam ser suficientes para a

composição da notícia, diminuindo custos e a necessidade de recorrer a outras fontes; 3) credibilidade: a necessidade de controle leva ao jornalista a buscar fontes oficiais que com o tempo se tornam rotineiras nos espaços jornalísticos pelo crédito dos dados e informações apresentadas.

Ainda dentro dessa discussão do autor, existem diversos outros fatores a serem ressaltados nessa relação, principalmente diante de situações profissionais que levam ao *gatewatching* e à interação. O interesse das fontes, a acessibilidade na procura e a proximidade com os acontecimentos também são critérios presentes no dia a dia da profissão como veremos nos capítulos 3 e 4. Isso reforça ainda mais a percepção sobre a presença majoritária de fontes oficiais que cooperam com os jornalistas e ostentam de uma posição de autoridade (GANS, 1980). Essa circularidade em torno da credibilidade e da autoridade da fonte oficial é permanente, porém não pré-definida como criticam Zelizer (2004) e Schudson (2003) quanto aos definidores primários.

Há uma “relação simbiótica” que para Bennett, Gressett e Haltom (1985) se sustenta em uma troca definida por benefícios para ambas as partes. Para os jornalistas, a eficácia, a estabilidade no trabalho e uma autoridade validando a notícia são questões fundamentais para o andamento de uma pauta. Enquanto que para as diversas fontes oriundas dos setores oficiais tanto do executivo, como do legislativo e do judiciário é um objetivo de seus aparatos de comunicação à publicidade dos atos, a saliência social e o reforço de uma legitimidade. É nesse sentido que alerta Traquina (2005b, p. 196): “quando o jornalista cede a essa tendência, perde mais a sua independência e deixa as fontes definirem as situações. A interdependência facilita também as ‘fugas’ de informação, em particular o lançamento de ‘balões de ensaio’”.

O reconhecimento dos definidores primários, da relação com os poderosos e da presença majoritária ou a dependência das fontes oficiais torna-se necessário ao criticar o processo de seleção das fontes. Por outro lado, os jornalistas estão inseridos em uma burocracia que depende das notícias pré-fabricadas em acontecimentos promovidos pelas fontes (SCHUDSON, 2010; MOLOTCH e LESTER, 1999). Como ressalta Gans (1980), os jornalistas, fontes e público estão em um sistema em que o jogo pelo poder é parte das interações e disputas pela hegemonia. O conflito permanente pelo rádio-jornalismo como um espaço de disputas nas mediações sociais também passa pelo exercício da seleção com a definição de valores notícia como uma forma da comunidade dos jornalistas exercerem o papel de dizer quem pode falar nos meios de comunicação (TUCHMAN, 1983).

Segundo Wolf (2009), os valores notícia incidem no processo de seletividade dos acontecimentos e precisam ser considerados nos diversos âmbitos da produção jornalística, ou

seja, na recolha, na seleção (como escolhas de fontes e priorização de conteúdos) e na apresentação das notícias. Para o autor, os valores podem ser divididos na a) importância do indivíduo (nível hierárquico), b) influência sobre o interesse nacional, c) número de pessoas envolvidas e d) relevância quanto à evolução futura. Essas considerações são resultados da abordagem teórico-metodológica do newsmaking orientada para as práticas dentro das redações. Por outro lado, é a forma com que as organizações jornalísticas conseguem delimitar e trabalhar com o conjunto de fenômenos que os múltiplos acontecimentos promovem no cotidiano. “Estabelece-se, assim, um conjunto de critérios de relevância que definem a noticiabilidade (*newsworthiness*) de cada acontecimento, isto é, a sua ‘aptidão’ para ser transformado em notícia” (WOLF, 2009, p. 190).

Para Alsina (2009), não existe uma leitura objetivada da realidade, pois os sujeitos conferem sentidos aos acontecimentos. Desta forma, estes são externos, mas ao mesmo tempo gerados pelos sujeitos a partir do momento que a percepção social é desempenhada em torno deles. O sistema midiático molda os fatos com a imposição de seus determinismos a partir do ecossistema de construção da notícia, definida como produto da mediação da instituição comunicativa. Neste processo, as fontes estão condicionadas pelo tipo de acontecimento, o que no caso da política representa a capacidade de influenciar a informação e dar sentido a uma nova definição de realidade.

Focando no objeto analisado e nos estudos de jornalismo, a transição entre a dimensão dos estudos dos efeitos para os estudos sociológicos até a atualidade, remetem a diferentes posicionamentos sobre a seleção e compreensão da presença de diferentes tipos de vozes nas notícias. Zelizer (2004) na formação do conceito de comunidades interpretativas destaca os papéis que a história, a antropologia, a sociologia e a psicologia contribuíram para a formação profissional e a construção de valores compartilhados, como o “faro para a notícia”. Um dos aspectos normativos desconstruídos ao longo das últimas décadas, a objetividade é encarada por Schudson (2010) como um conceito que foi criticado pelos próprios leitores diante dos acontecimentos sociais.

Os acontecimentos, dignos de se tornarem notícias, são compreendidos segundo Alsina (2009) como fenômenos externos aos sujeitos, mas que ao mesmo tempo, possuem sentido graças aos sujeitos que os tornam perceptíveis. Assim é possível tornar o conceito como algo determinado histórico e culturalmente dentro do processo de intertextualidade entre os diversos fatos. Na mídia, o autor destaca que o sistema funciona com inputs, os acontecimentos que geram outputs, que são as notícias, como produtos da mediação da instituição comunicativa. O conceito de notícia proposto pelo autor “é uma representação

social da realidade quotidiana, produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (ALSINA, 2009, p. 299).

Por fim, os caminhos teóricos aqui discutidos nos ajudam a entender e circular o envolvimento das vozes neste processo, entendidos na ótica de Becker (2008) como os atores sociais que participam da narrativa, em especial as fontes do jornalismo. É preciso reconhecer a participação destes agentes inclusive, no que Alsina (2009) aponta, como um dos fatores que geram críticas à noção liberal de objetividade. Olhar para a diversidade de tipos, a taxonomia e a classificação nos ajuda a perceber o quão fundamental é para toda notícia o reconhecimento da multiplicidade cultural e ideológica da sociedade.

É praticamente consenso que o processo político é afetado pelas formas digitais de produção e circulação da informação. Ocorrem, no entanto, diferenças essenciais entre o poder das elites e suas fontes em produzir conteúdos e espalhar discursos pelas tecnologias (COLEMAN e FREELON, 2015). A variedade de canais de informação caminha ao lado de uma narrativa convencional sobre a política e não necessariamente contempla a diversidade social. Neste sentido, a inserção no mundo digital com a ampliação de formas de interação, com redes sociais e outros dispositivos, não garantem por si só, uma entrada diversa na esfera comunicacional.

A desigualdade no acesso ao temário (MOLOTCH e LESTER, 1999) e a hierarquia da credibilidade com a recorrência a fontes oficiais são questões que permanecem em meio à necessidade de uma agenda pública que compreenda a diversidade social. Reconhecendo o jornalismo como um espaço público dos conflitos, os anos 1990 e 2000 mostram as fontes como sujeitos institucionalizados, que se capacitam para produzir acontecimentos, gerar conteúdos e interferir na pauta jornalística, utilizando esse ambiente para agir e interagir no mundo.

Se de um lado estão as fontes cada vez mais profissionalizadas na relação com os jornalistas, de outro estão as novas possibilidades de seleção de agentes populares por meio da interação cotidiana. O processo de *gatematching* é um exemplo desse aspecto na construção colaborativa das notícias com as contribuições do público. No caso apresentado por Bruns (2005; 2011), a interação com os leitores foi fundamental para a cobertura dos gastos de parlamentares no *The Guardian* o que não invalida ou retira o papel do profissional na mediação entre as informações e os valores notícia. No entanto, torna-se necessário aprofundar as diferenças conceituais nesse processo de curadoria ou de seleção dos materiais do público, principalmente com as possibilidades de acesso (MOLOTCH e LESTER, 1999) por meio da interação.

Reconhecer o papel do público como fonte no caso da BandNews com uma estrutura específica de seleção de vozes e informações via WhatsApp ou da própria CBN ao interagir com os ouvintes requer o debate sobre os marcos conceituais envolvidos nesse processo. As diferenças entre os conceitos de participação, interação e acesso, tratados muitas vezes como sinônimos provocam equívocos nas análises sobre a presença da audiência nos conteúdos midiáticos. O discurso sobre a interatividade como um fruto da cultura participativa não permite um aprofundamento nos estudos sobre a relação entre os novos atores e a sociedade (PRIMO, 2007). Até mesmo estratégias de treinamento de setores populares para a entrada nos jornais tradicionais com conteúdos da periferia como fez o quadro “Parceiro do RJ” no RJ TV da TV Globo do Rio de Janeiro já foram iniciativas que tentaram novas abordagens e não levaram necessariamente a conteúdos mais diversos ou inovativos (BECKER, 2012).

Os conceitos de participação, interação e acesso no modelo AIP de Carpentier (2012) como base para categorizar as formas com que o processo de gatekeeping das vozes sociais está presente naquilo que Shoemaker e Vos (2011) chamam de canal da audiência são bases para entender e aprofundar essa lógica. Com o objetivo de fugir de considerações otimistas e pessimistas no que condiz às possibilidades de participação, busca-se aqui um enfoque nas origens do conceito presentes na teoria democrática com o objetivo de delimitar os significados e suas aplicações no cenário do radiojornalismo.

A crítica à superficialidade nas abordagens sobre participação foi fruto de uma conversa entre os próprios autores, Carpentier e Jenkins (2013) em Praga, na República Checa durante um simpósio sobre o empoderamento das audiências na era da convergência. O autor americano reconheceu no debate, a necessidade de aprofundamentos conceituais que não se limitem ao modelo mercadológico das empresas que produzem uma aparência de poder de influência. Já Carpentier, salientou a referência política e social que o conceito carrega e a importância de pesquisas que diferenciem os mecanismos em que a audiência está presente nas mídias.

É preciso, no entanto, entender que o ouvinte de rádio sempre esteve ativo na assimilação das mensagens num processo de mediação por diferentes instâncias (KISCHINHEVSKY, 2016a; MARTÍN-BARBERO, 2006). Já nos anos 1980, Erving Goffman (2008, p. 305) nos estudos sobre o modo de locução triangular nos *talk-shows* radiofônicos identificava que o mestre de cerimônias, além de sustentar as conversas num modelo de fala espontânea, tratava a audiência como “um participante ratificado, apesar de não poder assumir o papel de falante”. Para o autor, o formato de produção que define o

envolvimento dos falantes se altera em diversos momentos, desde a presença dos responsáveis pela apresentação até o “status de participação”, no caso do ouvinte.

A menção à audiência é uma das características do meio nesse modo de locução triangular que tenta reproduzir uma situação de conversa informal numa interação face a face multiparticipantes. Ainda que preocupado com o percurso dos erros na fala do rádio, o autor oferece um importante estudo na área do interacionismo simbólico também revelando características essenciais da ideia de participação no discurso convencional. Goffman (2008, p. 323) aponta que o participante procede com a utilização de “marcadores discursivos que passam o direito e dever de fala ao falante anterior” e podem “gerar discurso ao referir-se a sua própria situação”. Os apontamentos nos ajudam a definir conceitualmente os modos de apresentação dos ouvintes numa escala de poder de fala e do reconhecimento de duas variáveis: a seleção das fontes é uma característica do jornalismo e a hegemonia das audiências nos modos de percepção e leituras das mensagens midiáticas.

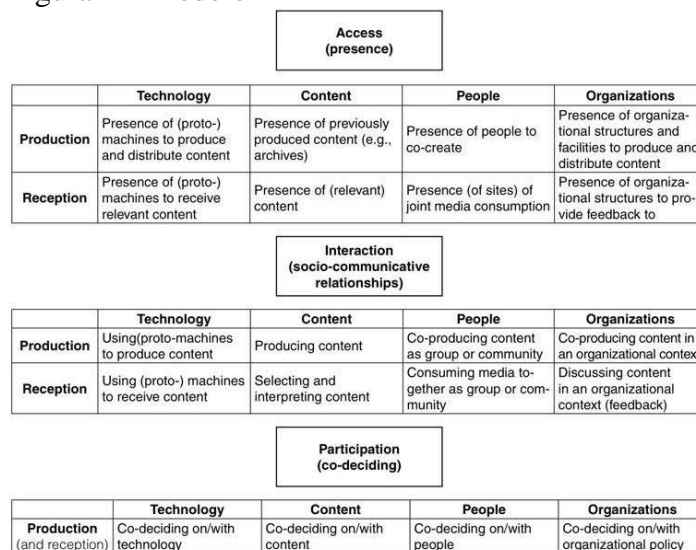
Participar vem do latim “*particeps*” que significa aquele que faz parte, que reparte algo. Com base nas definições de Carole Pateman (1992) sobre participação plena na teoria democrática, Carpentier (2012) afirma que o conceito tem como base a tomada de poder, a influência nos processos de decisão e a possibilidade de tomar parte de algo, como expressa a origem da palavra. O autor conceitua a participação dentro de seis questões: I) a participação tem como elemento fundamental a distribuição de poder, seja ela na política institucionalizada, seja em campos como os meios de comunicação, num nível macro e micro; II) a participação está situada em processos e localidades particulares, o que envolve atores específicos, sendo então necessário entender as posições de poder; III) o conceito de participação é parte das lutas de poder na sociedade; IV) a participação não se baseia na substituição da diferença hierárquica pela igualdade total, ao contrário do que pregam as fantasias democrático-populistas; V) a participação é um ato convidativo não necessariamente imposto; VI) a participação difere do acesso e da interação em suas origens teóricas e significados.

O autor argumenta que interação é parte da construção de sentido por meio de experiências vivas e intersubjetivas expressadas pela linguagem. Assim, está ligada com a história da teoria sociológica quanto ao estabelecimento de relações sócio-comunicativas (CARPENTIER, 2012). Já o acesso é a forma em que determinadas vozes estão presentes dentro das organizações de mídia. A partir disso é possível analisar os três conceitos de formas diferentes, mas considerando o acesso e a interação como condições de possibilidade da participação.

Enquanto o acesso permite a entrada dos atores em determinados espaços, a interação é uma segunda condição de possibilidade no estabelecimento de uma relação sócio-comunicativa entre seres humanos ou objetos. Mesmo assim, é preciso reconhecer que os dois casos possuem uma dimensão de poder que não se traduz num processo de tomada de decisão. Carpentier (2012) argumenta que é com a justaposição ao acesso e a interação, que a participação é traduzida como política e, conseqüentemente, no envolvimento dos atores nos processos de tomadas de decisão. A qualificação das formas de acesso e interação reintroduz uma perspectiva de luta ligada à busca pelo equilíbrio nessas relações de poder.

Nesse sentido, a distinção entre uma participação autêntica, do acesso e da interação permite analisar as diferentes lutas sociais por “intensidades participativas”. Ainda que o próprio autor reconheça que conceitos maximalistas como de Pateman sobre a plena participação sejam difíceis de se traduzirem nas práticas sociais, é necessário distinguir os conceitos nos estudos que revelem as diferenças de poder entre os atores sociais como fontes na programação. Questões como a lógica de concessões distribuídas a apadrinhados políticos, as formas de interação em momentos de crise como no período das manifestações durante a Copa das Confederações (KISCHINHEVSKY, 2016a) são apenas a ponta do iceberg em formas com que se apresentam as notícias que buscam o aumento da presença da audiência no cotidiano do jornalismo e como essas são selecionadas.

Figura 1 – Modelo AIP



Fonte: CARPENTIER, 2007

A interação mediada defendida por Primo (2007) se aproxima do conceito de interação de Carpentier (2012) que considera as relações sócio-espaciais entre humanos e objetos. O modelo AIP (CARPENTIER, 2007), presente na Figura 1, define as posições em que a

sociedade está presente no discurso da mídia nos aspectos tecnológicos, de conteúdo, pessoalmente e como organizações nos âmbitos da produção e recepção. Nosso foco, para o estudo aqui apresentado está na produção de conteúdo em que o jornalismo exerce o papel de selecionar os acontecimentos e as fontes na construção das notícias (ALSINA, 2009) considerando as três diferenças propostas pelo autor (CARPENTIER, 2007):

- I) O acesso diz respeito à presença dos ouvintes como fontes nos conteúdos produzidos pelo radiojornalismo ou até a forma com que são abordados os diferentes setores sociais;
- II) A interação advoga o ato de estar coproduzindo, seja enviando dados, ou então incrementando as notícias a partir de relatos pessoais ou via *crowdsourcing*;
- III) A participação, como um nível mais aprofundado dessa relação, é decisão conjunta sobre os acontecimentos a serem abordados ou quais conteúdos merecem entrar na pauta.

Neste campo de discussões acirradas sobre o processo de interação entre o ouvinte e o rádio expandido, destaca-se então a necessidade de olhar para o meio como parte de mediações sociais. Considera-se que mesmo abordando a seleção das fontes com o processo de interação não necessariamente o coloca como um agente ativo na escuta diária do rádio, já que constrói sua relação com o meio nas apropriações cotidianas desse produto. O termo mediação se torna apropriado diante das complexidades que o envolvem, para olhar um a contínua e diversificada experiência midiática, principalmente na ótica sobre as narrativas digitais (COULDRY, 2008). A partir de Silverstone, Couldry (2008) compreende a mediação como processos de comunicação que alteram ou interferem nos ambientes sociais e culturais e as próprias relações entre indivíduos e instituições. Já Kischinhevsky e Modesto (2014), utilizando do conceito de Orozco Gomes, destacam que as ações ou intervenções na recepção remetem a pensar as interações primeiramente com base nas mediações, ou seja, o relacionamento entre a sociedade e os veículos midiáticos.

As subjetividades estão expressas e condicionadas a partir das mediações e do entendimento que o ouvinte dá a partir da escuta, independente da forma com que interage. Winocur (2002, p. 173), por exemplo, afirma que o noticiário radiofônico tem um papel fundamental na “domesticação e construção da imagem da cidade”, na criação de personagens, nas formas de sociabilidade e na reprodução de estereótipos e mitos sobre a vida urbana. Assim, a mediação estaria expressa em um “*adentro*” e um “*afuera*” que expressa as possibilidades de entrada das mensagens radiofônicas dentro das residências e suas diferentes formas de escuta individual ou familiar; e fora, na relação com a cidade e a presença social

como um todo nas experiências urbanas. Essa mediação segue uma série de questões que compõem a validação destes discursos, como a utilização das fontes enquanto recursos narrativos na construção da notícia e sua influência nas percepções sociais como um todo.

Tudo isso remete diretamente a considerar os ouvintes que enviam as informações no cotidiano da programação, como fontes populares que lançam mão da espetacularização ou utilizam os aplicativos de mensagem instantânea para reivindicar melhorias, repassar dados ou até mesmo expor suas opiniões sobre determinados fatos. Essa pode ser uma das estratégias para a garantia da pluralidade e da diversidade no conjunto do noticiário radiofônico, que é abordada aqui pela classificação e, obviamente, pela diferença de posições hierárquicas das fontes. A sistematização apresentada reúne considerações sobre a categorização das fontes por autores de referência no campo das Teorias do Jornalismo, seguidas de uma análise sobre as especificidades do radiojornalismo.

Assim, o processo de seleção e a transparência da origem das informações veiculadas pelos suportes informativos são discussões constantes nas reflexões em torno da construção da notícia. Saber de onde vêm as notícias não é somente uma questão retórica, mas uma garantia da manutenção do jornalismo como instituição social e parte do conjunto de interesses públicos presentes em uma sociedade democrática. Os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia são atributos que proporcionam uma equação que garante a seletividade do conjunto dos acontecimentos e as vozes que produzem sentido sobre cada um.

Mar De Fontcuberta (1993, p.58) resumiu a importância das fontes com o argumento de que “*un medio sin fuentes es un medio muerto*” e ressaltou, como tantos outros pesquisadores, a dependência das redações em relação a testemunhas, personagens, documentos, dentre variadas formas de se obter uma informação.

Classificar as fontes no jornalismo possibilita cartografar diferenças de posição, de interesse, de ação política, participação e acesso ao temário jornalístico. Pinto (2000) define estes agentes como pessoas, grupos, instituições, vestígios, falas, documentos, preparados, construídos ou não, que recorrem aos jornalistas com táticas específicas: “As fontes remetem para posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados” (PINTO, 2000, p. 290).

Analisar o conjunto de mensagens que o jornalismo seleciona e distribui diariamente é também um esforço de enxergar que relações estão em disputa na mediação destes sentidos. A classificação também demonstra a infinidade de formas de encontrar e posicionar as diferentes vozes, porém nos leva a outros questionamentos, como a preponderância na escolha

de fontes oficiais (SCHLESINGER, 1992). A hierarquia da credibilidade que se choca com a objetividade ao preferir os setores oficiais da sociedade é foco da discussão dos autores.

Para compreender as diferentes disputas de sentido, torna-se fundamental enxergar as fontes a partir de seu protagonismo na promoção dos acontecimentos, como abordam Molotch e Lester (1999). Nesta linha de raciocínio, as zonas de confronto sobre problemáticas sociais em disputa na sociedade demonstram a necessidade de acontecimentos (*event needs*) na esfera pública. Neste conjunto, os autores dividem os agentes que produzem sentido nos meios em: a) *News Promoters* (fontes oficiais ou oficiosas que provocam ou promovem notícias, ou até mesmo indivíduos com este potencial na sociedade); b) *News Assemblers* (jornalistas e o conjunto de trabalhadores da mídia); c) *News Consumers* (consumidores da informação).

A questão continua com a diferença de status e relações de poder entre as fontes que incidem sobre o acesso ao jornalismo e as estratégias de promoção das ocorrências na sociedade. Essa possibilidade se dá por três formas: a) quando os promotores têm acesso habitual à mídia, como é o caso de fontes oficiais, sobretudo altos funcionários do governo; b) acesso disruptivo, quando os acontecimentos promovidos se tornam um problema para os poderosos em manifestações, ocupações e outras atividades das fontes; c) acesso direto com a investigação de dados promovida pelos jornalistas com a criação de novas ocorrências (MOLOTCH e LESTER, 1999).

Ainda na perspectiva das diferenças nas formas de acesso, o pesquisador Lawrence C. Soley (1992) propõe uma interessante categorização a partir de um estudo sobre origens demográficas dos jornalistas em Washington. Mesmo que distante da realidade de um país periférico, principalmente no cenário do radiojornalismo, o autor destaca uma característica que envolve a formação de repórteres de elite, próximos a grandes personagens empresariais, políticos e as *Think Tanks*. O local de crescimento e vivência dos profissionais pesquisados no nordeste dos Estados Unidos e na capital indicavam que o prestígio era ligado muito mais a empresários, líderes governamentais e sociólogos de grandes universidades do que com trabalhadores afro-americanos. Nesse caso, segundo argumenta, as fontes refletem as características dos próprios repórteres.

No momento em que escreve propõe uma distinção entre *News Makers* e *News Shapers* na construção e nos comentários da notícia no cotidiano que influenciam diretamente na seleção dos assuntos promovidos pelas fontes. Os *News Makers* incluem as notícias com criminosos e vítimas, funcionários do governo, candidatos, líderes militares, terroristas e reféns, líderes de organizações como fontes: “Esses indivíduos são claramente identificados como representantes de um lado específico em uma situação de controvérsia ou conflito”

(SOLEY, 1992, p. 2). Já os *News Shapers* constituem os analistas destacados, ou os especialistas que comentam e determinam novas possibilidades de interpretação dos acontecimentos.

Cada vez mais comum em redes *All News* de rádio e televisão, os *News Shapers* são cientistas políticos, especialistas, estudiosos vistos como pessoas não partidárias, mesmo que já tenham passado ou possuam em seu histórico algum tipo de partidarismo (SOLEY, 1992). Como destaca, esses profissionais são apresentados como fontes especializadas que apresentam um ar de neutralidade a partir de títulos como cientista político, jornalista ou economista. Na maior parte das vezes eles não fazem parte do evento e atuam com a função de elaborar análises ou comentar determinadas políticas, atitudes ou notícias produzidas pelos repórteres sobre os *News Makers*.

A crítica do autor sobre o processo de seleção das fontes com base nos *News Shapers* é baseada em Tuchman (1983), no que refere à busca de um relato “objetivo” dos fatos e a consequente manutenção do *status quo*. A ausência de crítica sobre a ordem social existente, para Soley (1992) decorre justamente da procura pelo que chama de fontes convencionais, formada por porta-vozes oficiais de governos, empresas, grupos comerciais e associações profissionais ou então nas *Think Tanks*. A explicação para falta de diversidade e a não utilização recorrente de “fontes não convencionais” estaria no fato de que as instituições legitimadas possuem uma agenda de histórias atrativa e setORIZADA, o que facilita coopta os profissionais.

Por outro lado, a visão do autor sobre essa manutenção parece reducionista ao não enxergar uma saída pelos próprios profissionais. A própria Tuchman (1983) possibilidades que os jornalistas utilizam para se proteger e produzir notícias que critiquem agentes poderosos e legitimados. O que se sustenta é a explicação para a seleção de fontes no estudo apresentado por Soley (1992) em que os *News Shapers* são retirados de instituições legitimadas. A inserção dos meios em um cenário de capitalismo de acumulação flexível e acordos comerciais e publicitários entre empresas levam a uma escolha de colunistas, comentaristas e fontes especializadas oriundas de determinados espaços.

Antigos funcionários do governo, professores e representantes de grupos de opinião de políticas públicas serão chamados especialistas ou especialistas em meio ambiente, mas os porta-vozes do Greenpeace, da Ação de Água Limpa (CWA) e dos Cidadãos para um Ambiente Melhor (CBE) não o farão. Os porta-vozes do Greenpeace, CWA e CBE são chamados ativistas ambientais, independentemente de suas credenciais. Neste mundo, um cientista com um doutorado em biologia marinha é descrito como um ativista afiliado ao Greenpeace, mas um porta-voz do *Think Tank* com um mestrado em química ou economia é chamado de especialista. Essa teoria das instituições legitimadas também sugere que, uma organização mais

estritamente associada com outras instituições legitimadas, mais frequentemente os porta-vozes serão usados como *News Shapers*. Assim, representantes da AEI, que recebe o apoio financeiro de corporações, produzirão mais *News Shapers* do que o *Economic Policy Institute*, um grupo de pesquisa que recebe grande parte do apoio financeiro dos sindicatos. Da mesma forma, as universidades privadas de elite fornecerão muitos mais *News Shapers* do que instituições públicas como a Universidade da Califórnia em Berkeley, que tem uma reputação acadêmica igual ou melhor que a da maioria das faculdades privadas da costa leste. (SOLEY, 1992, p. 24)

A percepção dos estudos de Soley (1992) provoca uma série de questionamentos que envolvem a seleção e a diversificação das fontes no noticiário. A primeira deles é a distinção necessária em uma tipologia entre as diferentes formas que o jornalista pode ter acesso para construir uma notícia. Outra é o encaixe temático em que determinadas fontes, como as especializadas representadas pelo conceito de *News Shapers* atuam e de onde são oriundas. Pois na ótica do autor, esses agentes atuariam somente para organizar fatos ou citações de acordo com as presunções já pré-determinadas pelos jornalistas, editores ou chefes de reportagem. Nesse sentido é importante verificar quando a escolha de um especialista para comentar uma notícia foge da lógica tradicional pela dependência da acessibilidade de uma fonte.

O processo de seleção de fontes e a transparência da origem das informações veiculadas pelos suportes informativos são discussões constantes nas reflexões em torno da construção da notícia. O exercício de classificar os diferentes tipos é também um esforço de enxergar que relações estão em disputa na mediação destes sentidos e demonstrar a infinidade de maneiras de encontrar e posicionar as diferentes vozes, porém leva a outros questionamentos, como a preponderância na escolha de fontes oficiais (SCHLESINGER, 1992).

Um dos primeiros a classificar as fontes por tipos foi Gans (1980), que ao propor esta diferenciação, afirmou que estas tentam informar aquilo que mais lhes convêm. Mesmo sem definir o que cada uma significa ou representa conceitualmente, o autor afirma que as fontes são pessoas que os jornalistas buscam para encontrar informações, sugestões de pauta, sejam estes membros de grupos organizados ou não de diferentes setores sociais. A divisão entre institucionais, oficiais, oficiosas, provisórias, passivas, ativas, conhecidas e desconhecidas reforça seu argumento de que os agentes selecionados nas notícias não são idênticos e representam os posicionamentos na estrutura social.

Com um interesse em analisar os atores presentes nas notícias, entre conhecidos e não conhecidos no final da década de 1960 e metade de 1970, Gans (1980) aponta seis fatores que incidem na seleção destes tipos de fontes: i) adequação passada: quando as informações

apresentadas numa entrevista anterior dão crédito à fonte que poderá ser selecionada novamente; ii) produtividade: habilidade em fornecer o máximo possível de informações que reduza o tempo e o esforço do jornalista; iii) confiabilidade: o nível de confiança das informações repassadas pelas fontes; iv) veracidade: os jornalistas procuram fontes fidedignas para conseguir dados confiáveis; v) autoridade: fator oficial que confere à fonte o quão pode ser crível; vi) expressividade: nível de concisão e dramaticidade da fonte.

Wolf (2009) defende que as fontes podem ser centrais, territoriais e de base, divididas pela localização espacial, mas também a partir da relação com os critérios de noticiabilidade utilizados em sua seleção. O autor segue a linha de Borrat (1981) na separação entre ativas e passivas e o nível de utilização. Essa definição tem por objetivo categorizar as fontes não somente pelo tipo que representa, mas que a seleção e a articulação destas vozes no noticiário não é casual ou arbitrária. Assim, jornalistas e fontes coexistem dentro de um sistema que revela exercícios de poder e disputas entre os agentes pela interpretação da realidade. A ação ou a passividade dependem ou são consequências destes jogos de poder econômico ou político (GANS, 1980).

De acordo com Erbolato (2008), dois grandes grupos abarcam as classificações das fontes nas Teorias do Jornalismo. As fixas reúnem aquelas que os jornalistas acessam em sua agenda diária e desfrutam de uma relação próxima dos profissionais. As fora de rotina reúnem as que são procuradas em determinados eventos, de forma excepcional. Por fim, o autor ainda as divide em diretas, pessoas envolvidas com determinados fatos, notas, comunicados, livros, almanaques, indiretas e adicionais. Lage, por sua vez, (2001) organiza as fontes de natureza mais ou menos confiável: pessoais, institucionais, documentais ou então oficiais, oficiosas e independentes, ou ainda primárias e secundárias: “Fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números. Fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais” (LAGE, 2001, p. 65).

Schmitz (2011, p. 9) argumenta que é necessário diferenciar fonte de informação e de notícia. Enquanto qualquer informação está disponível a alguém, a relacionada à notícia precisa de um mediador que faça ou promova a circulação de seu conhecimento, seu saber ou testemunho. Segundo o autor, elas podem ser divididas no seguinte grupo: oficiais (alguém em função de um cargo público ou que se pronuncie por órgãos mantidos pelo Estado); empresariais (representante de uma corporação empresarial da indústria, comércio, serviços ou agronegócio); institucionais (representantes de organizações sem fins lucrativos); populares (pessoa comum que se manifeste por si mesmo); notáveis (pessoas que são

selecionadas por talento ou fama); testemunhais (fala sobre aquilo que viu ou ouviu como observador ou participante); especializadas (pessoa de notório saber científico que comenta ou analisa uma determinada situação); referência (bibliografia, documento ou mídia que serve de suporte) (SCHMITZ, 2011, p. 26-27).

Neste grupo, no qual insere uma matriz de tipificação, o autor ainda propõe uma ação das fontes, que podem ser divididas em: a) proativa: nível de profissionalização e aprimoramento de ações estratégicas; b) ativa: age ativamente criando canais de rotina, material de apoio aos jornalistas e tem regularidade no relacionamento com a mídia; c) passiva: quando não alteram sua natureza, no caso de fontes documentais ou de referência ou quando fornecem estritamente informações solicitadas; d) reativa: mantém uma posição inerte, desconfiada da imprensa ou age discretamente.

Com o que chama de revolução das fontes, Chaparro (1994) destaca a profissionalização dos sujeitos agora institucionalizados, que se capacitam para produzir acontecimentos, e que geram conteúdos e interferem na pauta jornalística. Para o autor, os agentes transformam o jornalismo em espaço público dos conflitos e utilizam este ambiente para agir e interagir no mundo. Sant'Anna (2009) avança no sentido de mapear como as mídias das fontes exercem o papel duplo de sensibilizar a pauta de jornais, emissoras de rádio e televisão e o próprio público que cultivam, indicando que, cada vez mais, organizações públicas ou privadas investem na comunicação direta com seus públicos de interesse e fornecem grande volume de informação para amparar a construção do noticiário. Neste sentido, a internet agrega um conjunto de estratégias e oferece manancial de fontes para os jornalistas, promovendo alterações em sua natureza e no próprio sistema de produção (MACHADO, 2003).

Nos estudos de radiojornalismo praticamente inexitem pesquisas sobre a seleção e classificação das fontes. Ferraretto (2014) propõe uma classificação a partir de duas modalidades: internas e externas. As internas compreendem as equipes de reportagem, enviados especiais, editores, correspondentes, apuração dentro da redação. Já as externas abrangem assessorias de imprensa, agências de notícias, informantes e a internet. Para o autor, a apuração interna dos jornalistas na redação é fundamental para a compreensão dos acontecimentos. São estes agentes os responsáveis por selecionar os materiais oriundos das fontes e a possibilidade de complementaridade com os discursos externos. Como destaca, o enfoque particular da realidade cotidiana e local é desempenhado na procura de fatos alinhados aos interesses do público da emissora.

Gisela Ortriwano definia as fontes da informação a partir do tratamento diferenciado aos dados coletados pelas reportagens. Aproveitar o máximo das potencialidades do meio é um dos objetivos do jornalismo praticado por emissoras radiofônicas. Suas características essenciais são aliadas à busca por informação de uma forma específica e ao mesmo tempo dinâmica na construção da notícia. A autora, reconhecendo a diferença entre ações das fontes as dividiu em: “a) agências de notícias; b) informantes próprios: equipes de profissionais da emissora; c) serviço de escuta: ouvir outras emissoras; d) publicações: jornais e revistas, publicações de organismos oficiais, mídias da fonte; e) *press release*: assessoria; f) informantes ocasionais: informações prestadas pelo público em geral ou por indivíduos que possam gerar matérias, conteúdos, reivindicações, participam no jogo de interesses” (ORTRIWANO, 1985, p. 103).

Porém, como afirma Lopez (2010) há uma mistura neste processo, ou então uma utilização conjunta que envolve tanto a apuração interna como externa. Nesse sentido, é difícil sinalizar as fronteiras entre uma e outra com um fluxo informativo cada vez mais veloz e profissionalizado entre setores oficiais e os jornalistas nas redações. Ao analisar as novas configurações de formatos no chamado rádio hipermediático, Lopez (2010, p. 76) defende um dinamismo das fontes em três níveis: a) primário: consultadas em campo no desenrolar dos acontecimentos; b) secundário: agentes que analisam os acontecimentos; c) terciárias: quando as informações chegam às redações por outros meios de comunicação, assessorias e agências.

Lopez (2010) também argumenta que a participação do ouvinte fornecendo informações sobre o cotidiano das cidades vai além da audiência e passou do telefone para a internet. Em um cenário multiplataforma e de intensa cobertura, as emissoras *all news* optam por formas de cobertura que priorizam o *hard news* com atualizações constantes e análises mais detalhadas de casos específicos com colunistas e especialistas. Segundo ela, o ouvinte que interage com a programação se configura como uma fonte para a cobertura do cotidiano.

Para Rutilli (2014), por sua vez, é necessário olhar para as fontes que passaram a apropriar-se de ferramentas no ambiente digital para a conquista de lugares de fala, além da própria busca de fontes e personagens pelos jornalistas nas redes sociais online. Nos dois casos, as classificações são destacadas como presentes no rádio, mas não necessariamente questionam o processo de seleção desempenhado pelos jornalistas do meio. A pesquisadora menciona fontes convergentes, que se organizariam em torno de aplicativos, possibilitando o *crowdsourcing* por parte das emissoras de rádio – caso de soluções como WhatsApp e Waze. Entendemos, contudo, que estes *apps* constituem apenas novos filtros moderadores para a

participação do público no noticiário, em áreas específicas de cobertura como trânsito e crimes, e não fontes *per se*.

Com base nas categorizações mencionadas acima, trabalharemos com a seguinte classificação de fontes, oriunda de pesquisa anterior realizada com foco na diversidade e pluralidade da programação radiojornalística cotidiana (KISCHINHEVSKY e CHAGAS, 2017):

- Oficiais – Ocupantes de cargos eletivos e funcionários do Executivo, do Legislativo, do Judiciário e do Ministério Público, em níveis federal, estadual e municipal;
- Empresariais – Associações representativas dos setores comercial, financeiro, industrial, agronegócio, de serviços, corporações, consultorias;
- Institucionais – Organizações do terceiro setor, organismos multilaterais, movimentos sociais, organizações sindicais;
- Testemunhais – Personagens que presenciaram acontecimentos com valor-notícia atribuído por comunicadores e chefias de reportagem;
- Populares – Pessoas comuns, que se apresentam como vítimas de determinada situação – um crime, uma injustiça, uma política pública ineficiente – ou lançam mão de táticas de espetacularização para conseguir visibilidade e reivindicar melhorias no seu cotidiano;
- Especialistas – Profissionais com reconhecido saber científico ou conhecimento específico sobre determinado campo em torno do qual está se desenvolvendo uma cobertura jornalística;
- Notáveis – Celebidades, artistas, esportistas, pessoas que desempenham ou desempenharam atividades de grande reconhecimento social, sobre as quais se atribui variáveis valores-notícia.

Jornalistas figuram na esfera da produção e não constituem fontes de notícias, exceto quando algo sai do script e estes as protagonizam – caso de repórteres que são vítimas de agressões ou acidentes no exercício da profissão, por exemplo. Outros meios de comunicação são acompanhados, mas, salvo em furos de reportagem (cada vez mais esporádicos), não constituem fontes em si: sempre estarão referenciando um dos tipos citados acima.

1.3 Diversidade e pluralidade no jornalismo

Os conceitos de pluralismo e diversidade – tratados muitas vezes (equivocadamente) como sinônimos – são objetos de incontáveis discussões sobre teoria política da democracia³⁰,

³⁰ Teóricos clássicos do pluralismo como John Rawls, Stuart Mill e Alexis Tocqueville posicionam o debate no centro da sustentação das liberdades individuais e na própria construção da democracia. Tocqueville chega a

da comunicação massiva (McQUEIL, 2003) e do próprio jornalismo. O modelo brasileiro prevê regulação estatal do espectro e a concessão de frequências de radiodifusão a empresários que deveriam garantir a pluralidade e a diversidade de temas e vozes, observando preceitos éticos e finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas (BRASIL, 1988). A diversidade de vozes é preconizada por teóricos do jornalismo como critério para assegurar qualidade em uma cobertura informativa. Percebe-se, contudo, clara omissão do poder público na regulação das atividades jornalísticas, sempre denunciada como tentativa de censura por entidades empresariais do setor.

Esse papel conferido à mídia é resultado de acordos internacionais e nacionais a partir de parâmetros estabelecidos por instituições como a Unesco e, em menor grau, de políticas públicas formuladas após intensos debates no seio da sociedade civil organizada, envolvendo associações empresariais, movimentos sociais, ativistas de rádios livres e outros atores – incluindo teóricos do Jornalismo, que preconizaram a diversidade de vozes como critério para assegurar qualidade em uma cobertura informativa. No Brasil, contudo, percebe-se clara omissão do poder público na regulação das atividades jornalísticas, sempre denunciada como tentativa de censura por entidades empresariais do setor.

A assimetria das relações de poder, com a influência notória dos grandes grupos de mídia no país, soterrou as possibilidades de democratização dos meios de comunicação reivindicada por organizações como o Fórum Nacional de Democratização das Comunicações (FNDC) e a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) bem como as proposições aprovadas durante a Conferência Nacional das Comunicações (Confecom), em 2009. Uma evidência do poder político do setor de mídia está na ausência de regulamentação, quase três décadas depois, de itens-chave do Capítulo V da Constituição Federal, intitulado “Da Comunicação Social” (BRASIL, 1988), como o parágrafo 5º do artigo 220 (“Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio”), bem como no descumprimento do artigo 224, que previa a instituição, pelo Congresso Nacional, como órgão auxiliar, do Conselho de Comunicação Social (LIMA, 2013; 2012) – o conselho funcionou brevemente, apenas no primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva.

Para além do aspecto normativo, que cerca os valores da comunidade interpretativa da profissão, a discussão ética é direcionada para o trabalho jornalístico na redação ao pensar questões práticas de seleção das fontes. Dado esse contexto, a ótica do pensamento sobre a

correlacionar o pluralismo na imprensa e o pluralismo na vida democrática. Habermas, na concepção sobre sociedade civil na esfera pública, debate com Rawls as condições do pluralismo na democracia qualificada. Recentemente, Helen Margetts, Peter John, Scott Hale e Taha Yasseri (2016) revisitaram os autores em uma análise sobre as mídias sociais e formularam o conceito de *pluralismo caótico* nas turbulências políticas da atualidade.

diversidade e a pluralidade, ou o pluralismo, foge do contexto liberal e aspectos normativos nos estudos do jornalismo. É preciso entender as mediações no contexto da hegemonia dos públicos e como um campo de disputas. Nesse caso, a garantia do diverso e do plural no jornalismo não segue somente a possibilidade de aparição de diferentes interpretações, ou de um representante, mas sim no entrecruzamento entre os discursos em um cenário textual onde os grupos podem ser ouvidos com a força e a ressonância necessária (STAM, 2010, p. 349).

Os critérios de seleção jornalística, com os diferentes valores-notícia para os acontecimentos, enquadram um aspecto decisivo no tratamento dos fatos: a escolha das fontes. Quem diz, como diz e seus respectivos locais de fala estão presentes em grande parte da literatura relativa às Teorias do Jornalismo. Neste ponto, a pluralidade e a diversidade de fontes e esta participação na construção da notícia levantam discussões para além de aspectos normativos ou éticos da comunidade interpretativa. Na busca por corrigir distorções democráticas na sociedade, documentos internacionais para a formulação de políticas públicas foram discutidos e assinados nas últimas décadas com o intuito de diversificar os debates na sociedade.

Neste mesmo caminho, o jornalismo, e em especial a radiodifusão sonora, entram na discussão sobre formas e debates que vão além da distribuição igualitária de concessões, mas de critérios que construam nas redações a busca pelos diferentes pontos de vista sobre as temáticas do cotidiano. Em 2005, a 33ª Conferência Geral da Unesco na Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, realizada em Paris, culminou em acordo mundial sobre a garantia da liberdade da expressão em sociedades democráticas. O Brasil assinou o texto que reafirma a diversidade, regulamentando-o por meio do Decreto Legislativo 485/2006:

“Diversidade cultural” refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão. Tais expressões são transmitidas entre e dentro dos grupos e sociedades. A diversidade cultural se manifesta não apenas nas variadas formas pelas quais se expressa, se enriquece e se transmite o patrimônio cultural da humanidade mediante a variedade das expressões culturais, mas também através dos diversos modos de criação, produção, difusão, distribuição e fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e tecnologias empregados. (Artigo 4º apud CANELA e SIQUEIRA, 2011)

A sustentação de garantias fundamentais, como a liberdade de expressão, pela e com a pluralidade e diversidade, vai ao encontro de outros acordos assinados desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1966 na ONU e ratificada pelo Brasil em 1992, após a redemocratização (idem). Todas estas questões estão alinhadas a valores tidos como normativos no âmbito do jornalismo, que, como mídia, teria entre seus deveres, a informação

contextualizada para agendar a esfera pública ou a atuação como cão de guarda da democracia. Em todos os casos, a visibilidade pública de diferentes vozes e a garantia de acesso a diferentes interesses sociais são questões preponderantes para o respeito à diversidade e ao pluralismo nas sociedades.

Para os autores, a entrada das diferentes parcelas sociais na mídia acontece a partir da cobrança social para que os representantes públicos executem iniciativas no sentido da regulação estatal da estrutura e do conteúdo. De um lado, a distribuição igualitária do espectro e das concessões para amplas camadas sociais; de outro, mecanismos que garantam a presença das audiências que possam promover o pluralismo e a diversidade. O argumento para combater as desigualdades produzidas pela mídia segue os Indicadores de Desenvolvimento de Mídia, publicado em 2008 pelo Programa Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação (IPDC) da Unesco.

Nesse contexto, a preocupação de organismos internacionais com o tema tem se intensificado nos últimos anos. Em 2008, o Programa Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação da Unesco publicou Indicadores de Desenvolvimento da Mídia, ferramenta de avaliação dos sistemas midiáticos nacionais, abarcando cinco grandes categorias:

- Um sistema regulatório favorável à liberdade de expressão, ao pluralismo e à diversidade da mídia;
- Pluralidade e diversidade da mídia, igualdade de condições no plano econômico e transparência da propriedade;
- A mídia como plataforma para o discurso democrático;
- Capacitação profissional e instituições de apoio à liberdade de expressão, ao pluralismo e à diversidade;
- Infraestrutura suficiente para sustentar uma mídia independente e pluralista.

Na segunda categoria, cinco tópicos subdividem aspectos de interesse direto ao sistema adotado no Brasil e aos debates realizados na área na última década: I) concentração de mídia; II) diversidade na composição das mídias pública, privada e comunitária; III) licenciamento e distribuição do espectro; IV) tributação e regulamentação das empresas; e V) igualdade no acesso a verbas oficiais em publicidade. As questões contrastam diretamente com as estatísticas em escala nacional e mundial do fluxo de bens culturais. Em 2006, segundo a Unesco, 11 corporações dominavam a produção de conteúdo. No Brasil, coincidentemente, 11 famílias comandavam mais de 60% das concessões de rádio e televisão no mesmo período (LIMA, 2006).

Como se pode perceber, pluralidade e diversidade tornaram-se valores ambicionados em nível internacional, mas geralmente são dados como sinônimos e tratados como conceitos auto-evidentes (KISCHINHEVSKY, 2014). Entende-se aqui que são ideias interconectadas, embora guardem diferenças significativas: num ecossistema midiático cada vez mais complexo, não basta haver um grande número de meios de comunicação, se a maioria pertence a um seleto clube de grandes empresas. O mesmo se dá, por exemplo, na construção do fluxo de programação de meios eletrônicos. Embora dezenas de fontes jornalísticas sejam acionadas num dia típico por uma emissora de rádio do segmento *All News* (só notícias), o que poderia ser entendido como pluralidade de vozes, não há diversidade entre elas se a maioria fala de um mesmo lugar.

Para o sociólogo John B. Thompson, a multiplicidade de canais de divulgação de informação, associada à possibilidade de manifestação de valores vinculados às diferentes formas de vida em múltiplas esferas autônomas da vida cotidiana, seria um instrumento central para assegurar que a mídia não atenda exclusivamente aos interesses da publicidade massiva e possa servir a políticas públicas inclusivas. Thompson (2000) advoga o que ele chama de *pluralismo regulado dos meios de comunicação social*, em que os espaços franqueados na programação dos meios de comunicação a organizações da sociedade civil, como sindicatos, movimentos sociais, além de universidades e centros de pesquisa, desempenhariam papel-chave na oferta de bens simbólicos que oferecessem visões de mundo diversificadas.

No caso do radiojornalismo, o ideal de diversidade e pluralidade permeia discussões sobre a legislação ou a regulação do espectro de radiofrequência, como nos estudos de Sonia Virgínia Moreira (1998) e Genira Chagas (2012), que explicitam os casuísmos e os interesses políticos e econômicos contemplados na distribuição de concessões de rádio no Brasil ao longo da história. Inexistem, contudo, estudos que se dediquem à questão da pluralidade e da diversidade de vozes veiculadas na programação de emissoras informativas. Desta forma, discutir essa temática no caso do jornalismo radiofônico, investigando os processos específicos de seleção das fontes, as rotinas profissionais e os valores acionados na construção da notícia radiofônica, representa um desafio empírico para ser enfrentado.

Nos estudos sobre o jornalismo e a relação com as fontes, a pluralidade de vozes e ideias como parte da expressão da diversidade cultural presente na sociedade é parte de um conjunto variado de caminhos. Um dos mais importantes é a definição dos conceitos diante da ausência de marcos regulatórios nas concessões de mídia e o tratamento dos conteúdos que congreguem os diferentes interesses sociais. Para indicar essa situação no campo, McQueil

(2003, p. 172) propõe uma divisão entre os modelos de promoção de diversidade na mídia em duas modalidades: a interna e a externa. A primeira estaria no acordo de que os meios, na produção de conteúdos, devem garantir a representatividade e refletir diferentes opiniões. Na segunda, o Estado, a partir do princípio de igualdade literal, ofertaria as mesmas oportunidades de acesso como emissor, ou seja, nos canais, no caso de concessões públicas de rádio e TV ou na organização dos meios como um todo.

Para o autor, o princípio da diversidade está diretamente ligado ao benefício da liberdade de imprensa e publicação, ao conceito de acesso e leva a mudanças progressivas na sociedade. Há, ainda, quatro elementos apontados como parte dos princípios da diversidade na mídia: a) refletir, na estrutura e no conteúdo, as várias realidades sociais e econômicas, mais ou menos proporcionalmente; b) oferecer de modo ponderado as mesmas oportunidades de acesso às vozes das minorias; c) servir como um fórum para diferentes interesses e pontos de vista; d) proporcionar escolhas relevantes de conteúdo a cada momento e variedades ao longo do tempo relacionadas com as necessidades da audiência (McQUEIL, 2003, p. 173). Por outro lado, o próprio autor reconhece a crítica relacionada ao modelo que reside no fato de que quanto mais os meios refletirem proporcionalmente a sociedade, mais provável torna-se a exclusão de determinadas minorias sociais.

Van Cuilenburg (1999) conceitua a diversidade midiática como modo de garantir a heterogeneidade de conteúdo com características específicas. Segundo ele, a promoção de diferentes vozes sociais contribui para a ordem social, promove a liberdade de expressão e proporciona caminhos para o acordo sobre insatisfações sociais. A partir desta concepção, o autor propõe duas formas dos meios lidarem com a necessidade da expressão da sociedade: a diversidade reflexiva e a aberta. O primeiro representa os meios que refletem a proporcionalidade das preferências, opiniões e interesses sociais. A segunda é a forma igualitária de distribuir conteúdo visando todas as frentes, correntes, organizações ou grupos identificados socialmente.

Para Morais (2012), fatores como a abundância de informações, o surgimento de novos atores e meios de comunicação levam a uma separação entre os conceitos de diversidade e pluralidade. Em sua tese, ela questiona as posições diretamente ligadas à contínua concentração dos meios diante da multiplicação de plataformas de distribuição de informação em meio a recomendações favoráveis à diversidade da Unesco, e no caso dela, em Portugal, da União Europeia. Para a pesquisadora, a pluralidade deve ser pensada de maneira quantitativa e voltada à institucionalização da sociedade. Com isso, é possível pensar num

quadro organizado de vozes plurais presentes nos meios de comunicação em setores políticos, sociais, culturais, religiosos e econômicos.

Nas considerações sobre diversidade e pluralidade, Morais (2012, p. 26) argumenta que os conceitos têm “impacto nas fontes de informação, nas políticas editoriais e de gestão, nos padrões de propriedade e índices econômicos”. Assim, a discussão, além de relevante, é fundamental ao relacionar a produção jornalística nas emissoras de radiodifusão, que, como parte da concentração de mídia, tendo o jornalismo como um produto, deveria refletir a diversidade cultural. Propõe-se aqui uma complementação dos conceitos, da necessidade de garantir tanto a pluralidade (também exposta como diversidade reflexiva), como reconhecimento das instituições sociais presentes na sociedade de maneira proporcional ou não, mas também a diversidade aberta, na garantia de fontes populares, fora do panorama hegemônico e econômico organizado ou não na sociedade.

Em objetos relacionados diretamente à cobertura jornalística, a diversidade é um tema abordado direta e indiretamente em diversas pesquisas, seja nas quantitativas – em que se considera o número de fontes utilizadas em determinadas reportagens ou coberturas –, seja como um indicador de qualidade dos produtos.

Olhar para a distinção entre jornalistas e fontes passa pela necessidade de analisar as perspectivas e interesses presentes nas notícias, pois, se todas falam sob a mesma ótica, há apenas um enunciado presente na notícia (BENETTI, 2007). No âmbito profissional, de produções cada vez mais ligeiras realizadas por repórteres incumbidos de múltiplas tarefas, Becker (2008) destaca que o imediatismo e a instantaneidade presentes na realidade da cobertura jornalística nem sempre colaboram para a formação de consciências críticas para superar determinadas realidades históricas, para assim promover a diversidade. Segundo a pesquisadora, mesmo com a ampliação das camadas de interação com as novas tecnologias, ainda há a falta de uma exploração inventiva da linguagem que leve à possibilidade de diversificação.

Outro aspecto envolvido neste processo é a falta de demarcações claras entre o jornalismo e a assessoria de imprensa ou então a informação e o entretenimento. Além disso, como argumenta Becker (2011), a falta de reportagens contextualizadas que expressem a diversidade de vozes é resultado de novos modos de construção da notícia que podem ser influenciados por atores alheios ao interesse público. A atuação do profissional torna-se resumida, com as novas formas de seleção, à chamada “curadoria” (*curation*) ou à atuação como *gatewatcher* (BRUNS, 2005), em função das possibilidades de interação com o público.

Cada vez mais, o jornalista reescreve ou filtra conteúdos informativos enviados por fontes profissionalizadas, públicas ou privadas, em vez de apurar, ir a campo em busca dos fatos.

Delano Brown et al (1987) também argumentam sobre a possibilidade de manutenção do status quo na preferência por elites que possuem mais poderes de adequação e subsídio às redações pela profissionalização da relação com a imprensa. Exemplos disso estão nas pesquisas sobre jornalismo que, nas explicações organizacionais, evidenciam as necessidades comerciais e arranjos que determinam a seleção de agentes por critérios de disponibilidade e adequação. Nesse sentido, segundo os autores, as estruturas de trabalho das elites teriam mais condições e sinergia para fornecer a quantidade de informação necessária para a construção da notícia em diferentes âmbitos geográficos e sociais.

No argumento exposto após a coleta de notícias jornais norte-americanos, Brown et al (1987, p. 45) destacam que as concepções sobre diversidade e pluralismo também reafirmam as diferentes perspectivas teóricas sobre os conceitos. Ou seja, no ponto de vista democrático clássico a ideia de diversidade implica a representação de “elites e não elites, indivíduos organizados e desorganizados”, enquanto que a pluralista restringe essa significação para membros da elite ou que representem grupos de interesse. Se considerarmos nesse sentido o papel das fontes utilizadas pelos jornalistas, a presença majoritária de órgãos governamentais nas tabelas de dados apresentada pelos autores, não há a diversificação nas vozes, mas a manutenção de uma ideia pluralista de setores habilitados a falar de acordo com a filiação que representam.

Ainda segundo o apresentado no caso norte-americano, Brown et al (1987, p. 53) destacam que é necessário reconhecer que os jornais não conseguem corresponder à ideia de uma democracia pluralista que integra setores diversos da sociedade: “As notícias de primeira página na imprensa nacional e local e nos serviços de notícias dependem fortemente de fontes governamentais que são principalmente homens em posições executivas”. Já nesse período, outro dado que se destaca é que a maioria das reportagens era baseada em canais de rotina, como releases, coletivas e conferências de imprensa. A ausência de uma variedade de fontes e pontos de vista, se seguirmos os apontamentos sobre os dois conceitos, há o reforço para a manutenção de discursos únicos ou que não garantam o envolvimento do cidadão comum: “outras abordagens sugerem que essas medidas de participação são inadequadas, porque o verdadeiro poder está não apenas na arena das tomadas de decisões, mas, talvez o mais importante, com aqueles que podem determinar quais questões serão debatidas”.

Outros elementos podem ser adicionados a discussão, como rotina e conflito nas produções cotidianas e sua inserção na ideia de construção social da realidade (BERGER e

LUCKMANN, 1985; 2004). Como já apontado por Berkowitz e Beach (1993) a ameaça a condições diversas também se constitui na formação de rotina e na proximidade com as fontes na qual prevalece a constituição do poder social em que agentes são mais visíveis que outros. Nos casos de notícias conflitantes, a hipótese dos autores de que altera-se o “mix” de fontes pelas condições em que o debate é estruturado com distintos interesses, as “preocupações com a objetividade” como parte dos valores da comunidade interpretativa interfere na possibilidade de ouvir diferentes vozes.

Já em notícias com pouco conflito, a unidimensionalidade é percebida pela adoção de fontes únicas ou a passividade diante de discursos oficiais, tido como partes da manutenção das instituições e a normatividade social (BERKOWITZ e BEACH, 1993, p. 10-11). Os problemas do cotidiano são os pontos fora da curva, no qual os jornalistas são forçados a buscar fora dos canais de rotina tradicional, vozes sobre questões como problemas no metrô com trabalhadores e usuários. Esse “desenvolvimento de fontes potenciais”, por outro lado, não provocam a diversidade em outros temas que são subsidiados por autoridades e organizações já estabelecidas até mesmo na escolha de quem poderá falar ou não: “Quando os esforços de subsídio de informação são bem-sucedidos, as fontes têm mais chances de escolher quem vai falar”.

Por mais que não se tenha um entendimento do envolvimento direto dos jornalistas de forma consciente no reforço à ideologia dominante, como apontam Breed (1999) e Hall et al (1999), os efeitos dessas escolhas interferem diretamente no processo de diversificação das experiências sociais, sejam elas conflitantes ou não. A perspectiva apresentada por Berkowitz e Beach (1993, p. 11-12) ressalta a ideia de que “fontes de segmentos de elite da sociedade terão visões relativamente semelhantes” a partir de interesses diretos mesmo que de partidos ou instituições opostas. A presença do cidadão comum ou “não organizado” ou então de organizações não alinhadas ao poder torna-se fundamental para estruturar a ideia de que o conflito está presente não somente nos problemas corriqueiros do transporte, mas também na política, na economia ou na justiça.

A crítica ao pluralismo como concepção elitista e cercada de problemas é realizada por Manning (2001) no sentido de reconhecer que as ideias propagadas por Stuart Mill, Adam Smith e até mesmo por Walter Lippmann integram o campo do mercado e da competição entre as empresas jornalísticas. Assim como destacaram Berkowitz e Beach (1993) a possibilidade de diversidade de notícias e temas, não necessariamente conduz a uma multiplicidade de pontos de vista ou de vozes selecionadas pelos jornalistas aptas a falar sobre distintos acontecimentos. Manning (2001) argumenta que alguns pluralistas defendem a

liberdade de acesso ao mercado em busca da prioridade aos interesses dos leitores, o que se mostra problemático na sociedade atual em que muitas vezes o capital prevalece sobre as coletividades.

Para o autor, é indiscutível que “grupos e instituições dominantes gozem de vantagens estruturadas na luta para controlar os fluxos de informação que abastecem a(s) esfera(s) pública(s)”, o que por sua vez, demonstra uma das contribuições da associação do conceito de pluralismo ao jornalismo (MANNING, 2001, p. 33). Porém, o grau de fluidez necessário aos meios de comunicação evoca diretamente a diversidade com a integração de setores que não possuam as “vantagens estruturadas”, de anúncios corporativos e estratégias pelas quais essas “organizações despendem para mobilizar seus recursos materiais e simbólicos”. Reforça-se então a posição defendida por Manning (2001, p. 34) de que pensar somente o pluralismo para a complexidade de relações entre as fontes e os jornalistas é inadequada e não suficiente para entender a importância da diversidade nas “arenas de formulação de políticas públicas ou na produção das notícias”.

2 AS TECNOLOGIAS E A CONSOLIDAÇÃO DO RADIOJORNALISMO

Esse capítulo tem como objetivo realizar uma discussão sobre a história de três aspectos que cercam diretamente a pesquisa sobre seleção das fontes no radiojornalismo: a) a consolidação do radiojornalismo no Brasil; b) a profissionalização das fontes; e a c) ascensão do jornalista sentado e do profissional multitarefa. Em nosso estudo sobre os processos de seleção entre setores profissionalizados e não profissionalizados na construção das notícias no radiojornalismo em rede, uma série de relações são formadas na contextualização do momento vivenciado pelas redações na atualidade. Assim como foi apresentado no Capítulo 1 o panorama teórico sobre a seleção das vozes sociais no rádio expandido, também se torna necessário debater os aspectos que levaram a esse momento.

A hipótese de uma disparidade e a conseqüente homogeneização dos conteúdos pela ausência de diversidade se insere no contexto do capitalismo de acumulação flexível com o rádio na fase da multiplicidade da oferta. As relações entre as mediações sócio-comunicativas provocadas pela seleção das vozes sociais em constante disputa na sociedade necessitam do devido aprofundamento sobre qual o contexto econômico e político em que as tecnologias estão inseridas na sociedade. As especificidades dos processos de gatekeeping e gatewatching, os valores notícia e os diferentes tipos de fontes também passam diretamente por condições de produção, negociações, constrangimentos organizacionais e a flexibilização de critérios de noticiabilidade.

Dessa forma, três subcapítulos são organizados a fim de entender a I) o desenvolvimento do radiojornalismo no Brasil com uma linguagem que passou do *gilette-press* das primeiras transmissões para a inserção de um modelo próprio nos anos 1940 e as fases históricas até a atualidade; II) a profissionalização das fontes, reconhecendo como algo que não é necessariamente novo, mas completa mais de 100 anos no Brasil e no mundo com um crescimento nos mercados de comunicação após os anos 1980; e por fim, III) a ascensão do conceito do jornalista sentado, buscando realizar uma genealogia da abordagem que inicia em Tunstall (1971), atualizado e aprofundado por Neveu (2006) e que Pereira (2004) relaciona com os casos brasileiros. Neste último, vale-se destacar que essa mesma ascensão é parte de um modelo econômico adotado pelas emissoras que provoca a diminuição do número de postos de trabalho e a adoção de profissionais nas redações com diversas funções, algo que a partir dos anos 1990 tem se intensificado em todo o mundo.

A perspectiva histórica dessas relações implica diretamente no reconhecimento da situação em que se encontram os problemas de pesquisa na área de comunicação na

atualidade. Reconhecendo o conhecimento como algo não progressivo (KUHN, 1997) e em circularidade interdisciplinar, a busca pela origem de determinados acontecimentos, tecnologias e suas utilizações permite relacionar e questionar alguns conceitos que estão presentes na pesquisa. A dependência de agentes externos, a sensibilização por parte das fontes e o formato de radiojornalismo *All News* estão diretamente relacionados ao praticado pela BandNews e pela CBN.

2.1 A consolidação do radiojornalismo no Brasil

A instituição do radiojornalismo na sociedade brasileira a partir das primeiras transmissões hertzianas e sua consolidação na virada da década de 1940 para 1950 como plataforma informativa não é descontextualizada e fora de sintonia com o mundo. O dia 28 de agosto de 1941 marcou o início de um formato e estilo que conhecemos nos noticiários radiofônicos até a atualidade. A chegada do Repórter Esso ao Brasil oriundo da política de boa vizinhança dos Estados Unidos em toda a América Latina teve a Rádio Nacional como seu palco de estreia e de exportação do perfil de trabalho nas emissoras de radiodifusão (SAROLDI e MOREIRA, 2005).

Para analisar o desenvolvimento desse formato que conquista milhões de brasileiros até os dias de hoje, recorreremos à periodização de Ferraretto (2012) e as mudanças ocorridas nas fases de implantação, difusão, segmentação e convergência com foco na produção noticiosa. O objetivo é traçar um panorama sobre o modelo profissional que foi aprimorado e cercado por dinâmicas que passaram da construção de um estilo próprio até a expansão para além das ondas hertzianas na atualidade. Ortriwano (2003) argumenta que o jornalismo se fez presente no rádio desde as suas primeiras transmissões, mas foi somente a partir dos anos 1940 que esse formato ganhou corpo e vida própria no cenário midiático e informacional.

Ferraretto (2015) afirma que diante da incursão das novas tecnologias e experimentações, que olhar para a trajetória do rádio, significa registrar três fatores fundamentais em seu desenvolvimento: 1) a acessibilidade em função do baixo custo dos receptores; 2) a possibilidade de escuta enquanto se realiza outras atividades; e 3) a mensagem inclusiva que insere no processo comunicacional pessoas não alfabetizadas. O autor define também, na obra “Rádio, o veículo, a história e a técnica” (2001) seis fases de sua periodização:

- 1) A implantação de 1922 a 1932 que passa pelas primeiras experiências de transmissão radiofônica até a regulamentação da publicidade como base para o surgimento das primeiras emissoras comerciais;
- 2) A estruturação, de 1932 a 1940, onde vai tornar o meio como mais popular e massivo meio de comunicação do país com a Rádio Nacional e a veiculação das músicas populares, radionovelas, programas humorísticos e de auditório;
- 3) O rádio espetáculo, de 1940 a 1955, com os primeiros impactos da televisão e a formação de programas sem o auditório;
- 4) A decadência, de 1955 a 1970, com o surgimento e a preponderância da TV;
- 5) A reestruturação, de 1970 a 1983, marcada pelas primeiras emissoras em Frequência Modulada;
- 6) A segmentação e redes via satélite, de 1983 até o final da década de 1990, com a institucionalização de novos atores como as rádios comunitárias os processos de digitalização das redações, das transmissões e da recepção (FERRARETTO, 2001).

Depois, Ferraretto (2012) atualiza para quatro fases, a periodização do rádio no país: 1) a fase de implantação, de 1910 até o final da década de 1930, nos mesmos moldes já citados anteriormente; 2) a fase da difusão, de 1930 até 1960; 3) a fase de segmentação, do final da década de 1950 até o início do século XXI; e 4) a fase da convergência, do final da década de 1990 até a atualidade caracterizada pelo conceito de Brittos (2002) como a “fase da multiplicidade da oferta”, com as influências da globalização e a entrada de novos agentes no mercado, a ampla concorrência, o contexto multiplataforma, a disposição de diferentes produtos e a expansão para novos formatos e dispositivos.

Ainda sem as especificidades que conhecemos hoje, a *fase de implantação* foi marcada pela inauguração da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro no dia 20 de abril de 1923. A data com a instalação definitiva da radiodifusão no país é sucedida pela implantação do “*Jornal da Manhã*”. A iniciativa de Edgard Roquette-Pinto, primeiro locutor e comentarista dos fatos do país, levava durante as manhãs acontecimentos, manchetes do dia e a leitura das notícias dos impressos. Já em 1925 e 1926, a emissora possuía programas noticiosos ao meio dia, à tarde e à noite. Neste momento, a radiodifusão se apropria e estrutura os “jornais falados”, procedimento conhecido até hoje como o “*gillete-press*” (ORTRIWANO, 2003).

Porém, como destaca Ferraretto (2001) a estratégia informativa nada tinha a ver com o pioneirismo de Roquette-Pinto e somente na *fase da difusão* entre as décadas de 1930 e 1960 que as potencialidades do meio são exploradas. Primeiro pelo presidente Getúlio Vargas, que

sob a orientação autoritária do Estado Novo (1930 a 1945) busca tirar o máximo proveito da propaganda e da construção de um sentimento de nação no país. O resultado se verificou nos impactos sentidos pela sociedade em uma nova ordem comunicacional: “O salto direto de uma população majoritariamente analfabeta no início do século para uma ordem cultural centrada nos estímulos sensoriais das imagens e dos sons tecnicamente ampliados, fornece uma indicação da trajetória da sociedade brasileira nesse período de mudanças intensas e rápidas” (NOVAIS e SEVCENKO, 1998, p. 38).

O Rio de Janeiro, como capital da república e principal porto de exportação e importação do país, vivia as novidades da economia capitalista em franco desenvolvimento. As experiências sensoriais da *Belle Époque* eram exportadas por todo país em um ritmo acelerado pelo rádio. A indústria fonográfica, programas de auditório, apresentações de artistas marcantes, os discursos políticos aos trabalhadores do Estádio de São Januário e a Hora do Brasil (depois Voz do Brasil³¹) são exemplos do sentimento da capital irradiante.

Mas foi em 1941 que um novo padrão de radiojornalismo foi adotado no Brasil com a chegada do Repórter Esso na Rádio Nacional do Rio de Janeiro financiada pela *Standard Oil* dos Estados Unidos. A “testemunha ocular da história” que representava interesses da política de boa vizinhança com os Estados Unidos ditou um novo ritmo para o informativo sonoro (FERRARETTO, 2001). Foi nesse momento que começaram as primeiras experiências de uma linguagem própria do radiojornalismo (MEDITSCH, 2001), distante do *gilette-press* e com características que se aprofundariam nos anos 1950-60-70 em emissoras como a Continental e JB no Rio de Janeiro e Jovem Pan e Record em São Paulo.

Segundo Klöckner (2001), o Repórter Esso promoveu uma experiência sensorial de jornalismo diferenciada na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. A “testemunha ocular da história” como se autodenominava, introduziu um estilo de informação vibrante, sucinta, de cinco minutos de duração e transmitido em cadeia para diferentes emissoras do país. Saint-Clair Lopes (apud ORTRIWANO, 2003) argumenta que o programa atingiu altos índices de audiência, credibilidade e popularidade no Brasil, além de moldar as técnicas específicas que iriam fazer parte do cotidiano do radiojornalismo brasileiro.

Sobre o contexto vivenciado, Klöckner (2011b) destaca que a simpatia de Getúlio Vargas pelos países do Eixo formado por Alemanha, Itália e Japão acabaria com as pressões populares após o afundamento de navios brasileiros por alemães em 1942. Ao lado dessa situação e da entrada do Brasil na guerra com os Aliados, a influência da propaganda

³¹ De 1934 a 1962 foi chamado Hora do Brasil, sendo depois denominado Voz do Brasil.

americana estava presente em diferentes setores da economia e do consumo brasileiros. Outro fato importante foi a presença no país em 1940 de representantes do *Bureau Interamericano* que pressionaram o país a combater os nazistas. O recrudescimento da política estadunidense teve entre eles Nelson A. Rockefeller que chegaria a ser vice-presidente dos EUA nos anos 1970 e era neto de John Davison Rockefeller, industrial que foi assessorado por Ivy Lee, o pai das relações públicas e profundo conhecedor do impacto da propaganda.

O formato da síntese que teve origem nos Estados Unidos por um acordo entre as principais agências de notícias do país tinha como característica, frases curtas e diretas com a duração de cinco minutos (KLÖCKNER, 2011b). De acordo com o autor, as informações chegavam em três fases: a recepção em Código Morse dos boletins da *United Press* dos Estados Unidos no Rio de Janeiro; a conversão dos sinais para a língua em que foi enviada e a tradução pelos redatores que o datilografavam; e por fim a adaptação do texto para a linguagem radiofônica seguindo as regras do manual sendo concluída meia hora antes de entrar no ar.

Outro avanço na produção noticiosa da síntese foi a estratégia em considerar a audiência em seus “mínimos detalhes”, como destaca Klöckner (2011b, p.62): “as principais notícias tinham lugares definidos. A de maior importância encerrava a edição, e a segunda mais importante começava o noticiário. No caso de uma notícia muito importante, o Manual explicitava que ela poderia abrir e fechar o informativo, prendendo o ouvinte pela curiosidade e emoção”. Além disso, como ressalta o autor, a síntese criou uma relação de serviço no rádio, como as arrecadações que seriam enviadas aos combatentes brasileiros na Segunda Guerra e os conselhos de segurança a motoristas e pedestres.

Moreira (1991) destaca ainda que o modelo do Repórter Esso e exemplos como do Grande Jornal Falado da Rádio Tupi proporcionaram recursos técnicos para o desenvolvimento do jornalismo radiofônico. Após 1948, Heron Domingues assume também na Rádio Nacional a primeira redação jornalística nomeada de Seção de Jornais Falados e Reportagens. O transistor, que se torna neste momento a principal tecnologia em 1947, simplifica o processo de recepção do rádio, a qualidade de transmissão e o próprio trabalho de radialistas e jornalistas.

O aparelho receptor não precisa mais estar ligado às tomadas de eletricidade, seu tamanho fica cada vez mais reduzido e o seu preço mais baixo. E o ato de ouvir torna-se individualizado. Ao mesmo tempo, o rádio ganha em mobilidade, tanto de emissão como de recepção. Os automóveis passam a dispor de receptores; os gravadores magnéticos ficam mais compactos e livres dos fios e tomadas, facilitando seu manuseio e integrando-se a todas as coberturas jornalísticas em que o rádio esteja presente. Hoje extremamente portáteis, com seus microfones embutidos,

permitem captar o palco da ação sem necessidade de nenhuma infraestrutura de apoio. (ORTRIWANO, 2003, p. 73)

Segundo Moreira (2011, p. 9), “o rádio como conhecemos hoje, também sinônimo de agilidade e instantaneidade” iniciou com o Repórter Esso na Rádio Nacional do Rio de Janeiro que depois chegaria à Rádio Record de São Paulo, Inconfidência em Belo Horizonte, Farroupilha de Porto Alegre e Clube de Pernambuco. As transmissões ocorriam às 8h, 12h55, 9h55 e 22h55 com slogans que construíram a sensação de agilidade e rapidez na transmissão das notícias, como “o primeiro a dar as últimas” e “testemunha ocular da história”. Além disso, no período da primeira fase da Segunda Guerra Mundial as edições extras traziam as principais informações sobre o que estava acontecendo no mundo e a participação dos pracinhas nas batalhas.

Com cinco rádios transmitindo o noticiário, distribuídas em pontos estratégicos do país, acredita-se que foi a primeira tentativa de montar uma rede nacional de divulgação de notícias, visando conquistar não só clientes, mas a opinião pública brasileira. Porém, com a emissão em ondas médias e curtas – as *short waves* - o espectro da Nacional penetrava na maioria dos Estados brasileiros e chegava também ao exterior. (KLÖCKNER, 2011b, p. 60).

Ainda de acordo com Moreira (2011, p. 10) é preciso ressaltar que três contribuições do Repórter Esso foram fundamentais na consolidação do radiojornalismo brasileiro: I) a introdução no Brasil de noticiários com uma linguagem própria, com um texto específico com as características do meio além do estilo de locução de Heron Domingues, seguido posteriormente por locutores de todo o país; II) a estruturação dos horários pré-determinados na programação das emissoras para os radiojornais; e III) a organização de um manual de produção com as três normas básicas: “o Repórter Esso é um programa informativo; o Repórter Esso não comenta as notícias; o Repórter Esso sempre fornece as fontes da notícia”.

O contexto da chegada do Repórter Esso é destacado por Abreu (2004) a partir da disputa por “Corações, mentes e ouvidos” nos anos de 1940 e 1950 que se deu numa transição da influência cultural francesa para a norte-americana. O investimento publicitário no rádio durante e após a Segunda Guerra Mundial trouxe aos lares tupiniquins uma nova lógica de marketing comportamental. O *american way of life*, em plena Guerra Fria já era uma realidade nos investimentos publicitários. Em 1947, por exemplo, as agências destinaram 750 milhões de cruzeiros aos meios de comunicação brasileiros. Em 1952, essa cifra teve um aumento de 360%, ou seja, 3,5 bilhões, nos quais 25% atendiam as emissoras de radiodifusão (ABREU, 2004).

As disputas acirradas durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria que tornaram os Estados Unidos uma potência após 1945 são alguns dos principais fatos

impulsionadores das tecnologias, da indústria e conseqüentemente da economia. Os acordos bilaterais no ocidente e o setor de serviços foram os combustíveis do Produto Interno Bruto de países que estavam presentes em todo “terceiro mundo”. A expansão das indústrias e da propaganda norte-americana tinha como missão, levar os produtos para diferentes países e instruir neles o marketing comportamental do capitalismo e do *american way of life*.

Ao todo, o Repórter Esso ficou 27 anos no ar até migrar para a televisão em 1968 e deixou como heranças a fundação de da Seção de Jornais Falados e Reportagens da PRE-8. A sugestão veio do próprio Heron Domingues que “depois seria ampliada como Departamento de Jornais Falados (1951) e por fim, Divisão de Radiojornalismo, em 1954” (SAROLDI e MOREIRA, 2005, p. 79). Outra tecnologia que influenciou diretamente na produção e popularização do meio foi a invenção do transistor em 1947 que garantiu ao rádio mobilidade na escuta das informações, assim como a possibilidade do trabalho na busca pelas notícias em diferentes locais.

Há que se ressaltar, no entanto, no caso da difusão dos aparelhos no âmbito brasileiro com a invenção do transistor só veio a acontecer nas décadas de 1960 e 1970 (DEL BIANCO, 2011). A inovação tecnológica que garantiu a possibilidade de levar o rádio e conseqüentemente radiojornalismo para uma proximidade maior da audiência foi uma invenção americana que popularizou a portabilidade do meio. Segundo Del Bianco (2011), mesmo com o atraso na difusão entre as diversas camadas da população brasileira, o transistor possibilitou uma identidade afetiva com o ouvinte seja na possibilidade de levar a emissora para o automóvel ou para o estádio de futebol ou até mesmo individualizando a audiência.

Essa difusão de novas tecnologias deu ao rádio o sucesso que se mantém a até a atualidade e características fundamentais na transmissão da informação: a linguagem oral, penetração, mobilidade, baixo custo, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade e autonomia (ORTRIWANO, 1985). Outra possibilidade é a presença dos jornalistas no palco da ação e o jornalismo de natureza substantiva com a ampliação das redes de telefonia e a transmissão dos acontecimentos ao vivo na programação. Por outro lado, a mesma profusão tecnológica que levou o meio ao sucesso, o fez também se reinventar com o surgimento da televisão.

A *fase de segmentação* descrita por Ferraretto (2012) a partir do final da década de 1950 e aprofundada, como afirma Ortriwano (2003), nos meados de 1970 proporciona a organização das programações a partir do reconhecimento de públicos específicos. Nesse momento se dá o surgimento das primeiras emissoras especializadas em notícias. A realidade que já havia sido implantada nos Estados Unidos em 1960, chega ao Brasil após a instalação

da Frequência Modulada. A exigência de 5% da programação com informações noticiosas expressa no Código Brasileiro de Telecomunicações em 1962 ainda era explorada em algumas emissoras com o tripé músicas-esportes-notícias.

O reforço à produção jornalística teve uma influência direta das mudanças tecnológicas e experimentações desse período na adoção de formatos oriundos do exterior. Como destaca Ortriwano (2003, p.75), o uso do gravador magnético que havia modificado a forma de gravação e produção no rádio após o fim da Segunda Guerra se intensificou: “Passou a ser possível fazer montagens sonoras editando cuidadosamente os trechos escolhidos, além de reproduzir imediatamente a gravação”. A transistorização dos aparelhos e a sua portabilidade deu condições ao trabalho do repórter na ida para a rua em busca dos acontecimentos.

Além disso, o momento vivenciado pelas emissoras era de experimentação, principalmente na adoção dos modelos americanos *All News* e *Talk & News*, com transmissão de notícias, entrevistas, comentários entre outros gêneros 24h por dia. Segundo Ortriwano (2003) da primeira emissora *All News*, a XTRA de Tijuana no México, até a implementação nos Estados Unidos na *CBS*, *WNUS* de Chicago e *Wins* de Nova York contou com contratações e características do mercado radiofônico do país. Algo que chamou a atenção dos brasileiros para as possibilidades de instalação desse estilo no país.

Entre os exemplos de emissoras que seguiram a tendência do mercado estão a Rádio Bandeirantes de São Paulo, em 1955, e a Rádio Jornal do Brasil AM no Rio de Janeiro, em 1959, que implantou o sistema *All News* no início da década de 1980. No caso carioca, a emissora foi a primeira a adotar o sistema com a transmissão de notícias na maior parte do dia. Na década de 1960, a Rádio Panamericana e Jovem Pan AM também adotaram programações parecidas, assim como a Rádio Gaúcha no Rio Grande do Sul (ORTRIWANO, 2003).

Uma das emissoras com uma história recheada de inovações e pioneirismo foi a Continental do Rio de Janeiro (PRD-8) que nasceu em Niterói em 1948 ainda com um sistema de *broadcast* com transmissão para todo país. Besspalhok (2011), que entrevistou personagens que trabalharam na Continental, destaca que a emissora começou com entretenimento e grandes espetáculos e foi a primeira a estabelecer uma nova forma de relacionamento com o público por meio da ênfase no esporte e na informação.

O locutor Gagliano Neto foi o mentor da Continental, que se tornaria 100% esportiva e informativa (apud BESPALHOK, 2011, p. 62): “O rádio moderno deixou de ser um divertimento, para tornar-se o grande veículo de difusão de notícias”. De acordo com a

autora, a Continental estabeleceu chefias com Divisão de Imprensa, Seção de Divulgação, Departamento de Opinião e foi uma das primeiras a setorizar a reportagem em locais específicos da cidade. A presença nos tribunais, igrejas, colégios, palácios e repartições revela a rede noticiosa que apresenta Tuchman (1983) na cobertura do espaço e do tempo no jornalismo.

A cobertura no local dos acontecimentos foi outra possibilidade que garantiu uma nova forma de produção jornalística. A possibilidade de ligações via telefones públicos e privados fez com que as reportagens da Continental chegassem aos fatos nos locais onde aconteciam. A emissora também possuía dois automóveis (RC-1 e o RC-2), um destinado a cobrir pautas já previamente agendadas e outro na busca pelo inesperado. As transmissões externas começaram em 1951 com a cobertura do carnaval. Profissionais como Jorge Sampaio e Carlos Alberto Vizeu destacaram nas entrevistas da pesquisa que a notícia era a prioridade e entravam em qualquer momento na programação. Esse foi o caso da cobertura do acidente na estação de trem da Mangueira na região do Buraco Quente que ficou no ar durante todo o período da manhã (BESPALHOK, 2011).

Também relacionado às inovações e algo que parece uma novidade principalmente pelos dispositivos e aplicativos de mensagem instantânea, a interação com o ouvinte já era uma realidade da Continental na metade dos anos 1950. Bespalhok (2011) afirma que as entradas das reportagens seguiam uma ordem de importância e a busca pelo imediatismo demandava de informações pelos mais diferentes recursos. Uma forma era manter o contato com os ouvintes que ligavam para a emissora comunicando os fatos que haviam acontecido. Afonso Soares, radiojornalista da época, contou para a pesquisadora que era estabelecida uma relação de parceria: “Passamos a ter a seguinte situação: os ouvintes se encarregavam de comunicar à rádio o fato, [...] as pessoas ouviam a Emissora Continental e, quando acontecesse um fato, elas telefonavam pra comunicar” (BESPALHOK, 2011, p. 70).

Os dados sobre reportagens, cobertura no local dos acontecimentos, aprofundamento de dados, escuta de diferentes vozes e a relação com o ouvinte, configurando-o como fonte, foram marcos importantes da Rádio Continental já nos anos 1950. Os dados apresentados por Bespalhok (2011) reforçam que a interação com os ouvintes via telefone, assim como a carta nos primeiros espetáculos dos anos 1930 e 1940, está presente há muito tempo no meio. Algo que ganha força na atualidade com o WhatsApp, email, Facebook na BandNews e CBN, mas que seguem as mesmas características da interação mediada das primeiras experiências do rádio (PRIMO, 2013; CARPENTIER, 2012).

Nos anos 1960 e 70, o rádio ganhou uma dimensão ainda mais aprofundada em sua segmentação pelo investimento em um processo de remodelagem de diversos aspectos, como a linguagem, o formato e o processo produtivo (DEL BIANCO, 2011). Como destaca a autora, já não era mais viável depender das fontes das grandes agências e do jornalismo impresso e se destacar com equipes produzindo de acordo com as especificidades do meio era uma necessidade de mercado. Emissoras como a Jovem Pan e Bandeirantes em São Paulo, Jornal do Brasil no Rio de Janeiro, e Gaúcha e Guaíba em Porto Alegre foram algumas que adotaram o perfil noticioso no período. Um dos aspectos que Del Bianco (2011) apresenta é que a construção de uma autonomia na relação com as fontes era fundamental para cobrir os acontecimentos.

As inovações técnicas com a possibilidade do gravador e a ilustração da reportagem com a sonora deu uma dimensão polifônica ao rádio e contribuiu para a diversidade de vozes (DEL BIANCO, 2011). Essa chegou a ser a estratégia da Rádio JB durante os anos da perseguição política e censura mais sanguinária da Ditadura Civil Militar da década de 1970. Baumworcel (2011) expõe as diferentes formas com que a emissora conseguiu burlar a censura e colocar nas vozes do público, os problemas vividos pelo regime. A sonoridade com a utilização de uma paisagem que possibilitasse essa compreensão em confrontos como da repressão que culminou na morte do adolescente Edson Luis de Lima Souto em 1968 foi um dos exemplos.

A Rádio Jornal do Brasil AM possuía um público entre as classes A e B, universitários, profissionais liberais e intelectuais, como demonstra a pesquisa do Ibope utilizada por Baumworcel (2011). Com uma análise do discurso, a autora identifica as estratégias utilizadas pelos jornalistas para passar pelas proibições que chegavam à emissora por telefone. Um exemplo está na abordagem de determinados assuntos e não em fatos em si, como foi o caso do culto em memória do jornalista Vladimir Herzog no dia 31 de outubro de 1975.

De acordo com Baumworcel (2011, p. 79), com a imposição do regime, a JB ocupou posições enunciativas antagônicas, uma no sentido de reproduzir as proibições da ditadura e outra utilizando a materialidade sonora para evidenciar os problemas: “Para conseguir legitimidade, a JB AM falou através da voz do outro”. A diversificação das fontes foi a forma com que a emissora conseguiu falar tanto através do verbal – por meio de textos lidos pelos locutores ou as sonoras com vozes sem identificação – como na sonoridade dos eventos que estavam acontecendo.

Ao trazer a sonoridade – das falas de diferentes atores sociais, mesmo “silenciadas”; das manifestações proibidas; das músicas com um significado de protesto –, a emissora construiu um discurso de contraponto à voz única, representando, dessa forma, a pluralidade de vozes da sociedade. A sonoridade, em determinada circunstância, pode significar mais que a palavra. Ou, ainda, trazer outros sentidos. E foi assim, deslocando sentidos, que a JB AM conseguiu significar em meio à censura em 1968. (BAUMWORCEL, 2011, p. 82)

Mesmo ao reproduzir a fala exclusiva dos agentes oficiais, como a do presidente Ernesto Geisel, Baumworcel (2011) argumenta que a percepção sobre o discurso monofônico evidenciava o sentido autoritário do momento. O estudo mostra estratégias específicas, do dizer e do silenciamento, das estratégias que a seleção de diferentes vozes pode proporcionar na interpretação dos acontecimentos. O momento exigia a diversificação de formatos, mas também de pluralização dos debates e de quem poderia falar nesses ambientes. Algo que Del Bianco (2011, p. 111) destaca como características fundamentais do período vivido pelo radiojornalismo: “a) informação ou notas de serviço e utilidade pública ao longo da programação; b) noticiários menores nas horas cheias e quebradas; c) cobertura esportiva ao vivo; d) transmissão da informação do local do acontecimento; e) reportagem ilustrada com entrevista gravada; e f) entrevista ao vivo no estúdio ou por telefone”.

A implantação do modelo *All News* na JB no início da década de 1980 teve como exemplo o formato americano após uma viagem do então superintendente da emissora, Carlos Lemos aos Estados Unidos que teria voltado entusiasmado com a possibilidade de se tornarem pioneiros no jornalismo radiofônico nacional (MOREIRA, 1987). Por outro lado, vários desafios cercaram a emissora nesse processo, como a criação de um novo hábito de ouvir notícias na maior parte do dia e a falta de recursos para a contratar profissionais suficientes para cobrir a produção 24 horas. Até que em 1986, Moreira (1987, p.116) explica que a emissora começou um “*all news* amenizado” com as principais notícias nos horários nobres do dia, porém que culminou na decadência e a volta da combinação de música e informação.

De acordo com Meditsch (2002), os problemas enfrentados nesse processo são oriundos da tentativa de importar um modelo sem adaptar à realidade socioeconômica do Brasil, adequando, muitas vezes, de forma camuflada e sem as delimitações entre *All News* e *All Talk*, por exemplo. Para Ferraretto (2011, p.27) a transmissão de informações 24h por dia pela Rádio Gaúcha teve investimento pesado nos anos 1980, “mesclando entrevistas e notícias com a figura de um âncora participativo que simulava uma conversa com o ouvinte”. Isso depois da consolidação da emissora da RBS no mercado, principalmente após a transmissão da Copa do Mundo, realizada no México em 1986.

O sucesso nas transmissões esportivas e na cobertura das eleições estaduais com uma apuração paralela fez da Gaúcha, a principal emissora voltada ao radiojornalismo no sul do país (FERRARETTO, 2011). Segundo o autor, o modelo aplicado no Rio Grande do Sul inspirou o Sistema Globo de Rádio a operar a partir do dia 1º de outubro de 1991 a Central Brasileira de Notícias. Antiga Excelsior AM de São Paulo e Eldorado AM do Rio de Janeiro, a CBN formou uma cadeia de emissoras com jornalismo 24h “com uma linha editorial bem diferenciada, quebrando alguns tabus do radiojornalismo, como a citação às concorrentes” (FERRARETTO, 2011, p. 28).

Já Ortriwano (2003) afirma que a ideia surgiu após uma viagem do então vice-presidente do Sistema Globo de Rádio, José Roberto Marinho, aos Estados Unidos que teria ficado impressionado com a diversidade de emissoras especializadas em notícias, assim como as experiências desenvolvidas na Espanha. De acordo com a pesquisadora, a transmissão em FM em praças que não tinham AM se mostrou promissora fazendo com que a empresa reorganizasse algumas estações que dariam prejuízo ao grupo. Uma delas foi a Rádio X que passou a retransmitir em São Paulo a CBN pelo baixo custo. Outro argumento foi de que, como contava o então gerente de jornalismo em São Paulo, Heródoto Barbeiro, à pesquisadora, a definição de público facilitava a comercialização e ampliava a audiência com o retorno publicitário.

Então, em 1995 a CBN começou a operar também em FM em São Paulo impactando diretamente no aumento de audiência e de afiliadas espalhadas pelo país. Em 2011 a então diretora executiva da emissora Mariza Tavares lançou o Manual de Redação CBN com as principais orientações de texto, formato, linha editorial e a reconfiguração profissional com as novas tecnologias. Já nascida em FM, a BandNews seguiu a tendência e a rede do Grupo Bandeirantes de Comunicação nasceu em 2005 nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Belo Horizonte. Hoje ela está presente também em Curitiba, Brasília, Manaus, Salvador, Fortaleza, João Pessoa, Vitória e Orlando, nos Estados Unidos. Também operando com notícias 24h, “a BandNews baseia-se em blocos de notícias – textos e reportagens – de vinte minutos, repetindo algumas informações e atualizando e ampliando outras” (FERRARETTO, 2011, p. 30). As características de cada emissora ainda serão aprofundadas no Capítulo 4.

Entre os princípios defendidos pela CBN e que foram ressaltados por Ortriwano (2003), estão a possibilidade de cobertura sobre os principais fatos do país, o reforço ao conceito de rede nacional, o número de afiliadas como a “maior rede de emissoras *All News*”, que nos anos 1990 afirmava contar com mais de 200 jornalistas espalhados pelo país. Já a

BandNews, com o slogan de que a cada “20 minutos tudo pode mudar”, transmite notícias locais nos intervalos e na formação da rede com a atualização contínua em jornais divididos entre os blocos da rede e os espaços que as afiliadas comandam.

O jornalismo nesse processo ganha uma nova dimensão espaço-tempo na vida das pessoas e busca na agilidade e transmissão ao vivo ou em tempo real, a fidelidade dos ouvintes. Chegamos então à *fase da convergência*, ou da multiplicidade da oferta como o resultado da estruturação de satélites, da presença da internet e a formação das primeiras redes nacionais. A formação de monopólios e indústrias da informação está presente em estruturas como as que conhecemos hoje, o caso da CBN (Central Brasileira de Notícias) e a Band News FM no Rio de Janeiro. O processo de digitalização e informatização toma agora ainda mais as redações, as formas de trabalho dos jornalistas, sua relação com formatos e fontes e até mesmo a recepção dos ouvintes em diferentes dispositivos.

A fase da convergência será tratada aqui em três conceitos que compreendem a vivência do radiojornalismo na atualidade: a) a fase da multiplicidade da oferta; b) o radiojornalismo hipermediático; e c) o rádio expandido. Todos os pontos fazem parte do cotidiano de trabalho na atualidade, na seleção das fontes e na construção da notícia que passam por estruturas, estratégias e constrangimentos organizacionais.

Com impactos diretos na produção jornalística, Brittos (2002) afirma que o momento vivenciado atualmente pelos novos meios tem como características a variedade de produtos disponíveis em diferentes plataformas, tendências estético-produtivas, atualização tecnológica frenética, alterações nas estratégias e concorrência e a continuidade dos oligopólios como estrutura de mercado da comunicação. Ao lado de todas essas mudanças tecnológicas, Kischinhevsky (2009) argumenta que tanto as novas rotinas, como o perfil multitarefa dos profissionais podem colocar em risco a qualidade dos produtos, tendo em vista que a prioridade visa a produção e não a verificação e apuração como um todo.

Essas características são partes do atual contexto denominado por Brittos (2002) como a fase da multiplicidade da oferta no rádio, entendida como a variedade de produtos disponíveis no mercado presente em todas as indústrias culturais da atualidade. Esse novo momento do rádio brasileiro que possui início nos anos 1990 é marcado por inovações tecnológicas, novos atores inseridos no mercado, aperfeiçoamento nas técnicas de gestão com a otimização de recursos e a manutenção da hegemonia nos grandes grupos comunicacionais. Toda essa reorganização dos grupos midiáticos é parte da reestruturação capitalista que tem como resultado a globalização acelerada das décadas finais do Século XX.

O neoliberalismo, consequência direta da globalização neste período, tem na

tecnologia um papel fundamental de ligar os diversos pontos do planeta e garantir agilidade para as informações que o mercado necessita (BRITTOS, 2002). A hegemonização gera a redução do Estado, uma regulação permissiva e a formação de redes via satélite em grandes grupos nacionais que passam a comandar a cadeia de radiodifusão do país. Harvey (1994) sustenta que desta forma, as tecnologias buscam alinhar-se ao neoliberalismo para manter o capitalismo cada vez mais forte em diferentes nações. O faturamento versus interesse público ou então a contradição existente entre o Estado intervencionista ou então seu papel de repassar ao mercado diversas decisões provoca debates que culminam na concessão de incentivos diretos às grandes empresas e uma ausência regulatória nos marcos da comunicação.

Por fim, segundo Brittos (2002) as consequências diretas deste contexto tecnológico e sistemático provocam um novo período no rádio. O meio, agora na fase da multiplicidade da oferta, vê a entrada de novos atores como web rádios, emissoras comunitárias, *podcasting*, ativismos midiáticos em rede, porém ainda enfrentando as dificuldades na disputa com grandes conglomerados em franco crescimento. A transmissão em rede é um dos exemplos de programações que diminuem a contratação de mão de obra com a “otimização” de recursos, arrecadações publicitárias e arrendamento de concessões para grupos políticos e religiosos.

Assim é que, no rádio, também se chega à Fase da Multiplicidade da Oferta, um novo período que progressivamente é assumido por todas as indústrias culturais e é marcado por variáveis como a agilidade no lançamento de novos produtos, preferência por profissionais que reúnem gestão afinada de custos com visão das grandes tendências estético-produtivas contemporâneas, ascensão das pesquisas como instrumento de constante acompanhamento dos movimentos dos consumidores e atualização tecnológica frenética. (...) É a alteração produtiva do mercado de rádio, com a ampliação da oferta, a inovação tecnológica e a regulamentação, que permite o ingresso de novos agentes, inclusive estrangeiros, e determina a alteração nas estratégias de concorrência. Mas não muda a estrutura de mercado, que segue como oligopólio, embora não concentrado e com barreiras mais frágeis. (BRITTOS, 2002, p. 51)

Realidade que se apresenta com as imposições econômicas da redação, na qual a produção é realizada por meio do telefone, com a complementação de informações via assessoria de imprensa, agências ou checagens na internet. A ausência do jornalista no palco dos acontecimentos é uma das constatações de Lopez (2010) no conceito de Rádio Hipermediático nas emissoras *All News* ou *Talk and News*. Essas são situações que se desdobram em questionamentos sobre a influência que a cobertura pode sofrer na difusão tecnológica e a linguagem convergente dos dias atuais. O processo de mediação jornalista-fonte, ou jornalista-acontecimento são laços que a produção fora da redação pode proporcionar aprofundamentos necessários aos debates da esfera pública.

Trata-se de rádio hipermediático, que fala em diversas linguagens em distintos suportes e, ainda assim, mantém no áudio seu foco. Embora a produção do rádio através de múltiplas plataformas e linguagens seja crucial para o jornalista, para a emissora atrair uma nova parcela do público, o rádio em si precisa se manter como tal. O áudio precisa ser independente e, ao mesmo tempo, complementar. Nem todo ouvinte pode – ou quer – buscar um aprofundamento, uma multiplicidade de linguagens – seja através do rádio digital ou do suporte web da emissora. (LOPEZ, 2010, p. 119)

O conceito de rádio hipermediático é tomado pelas amplas formas de difusão de conteúdos por diferentes mídias e plataformas, mas também marcado pela difusão tecnológica nos processos de produção e apuração das notícias (LOPEZ, 2010). Uma das constatações é que o jornalista, em muitos casos, se ausenta do palco dos acontecimentos a partir da utilização do telefone, do computador e das redes sociais na busca de fontes, além do amplo número de assessorias e agências radiofônicas especializadas como novos atores com poder de barganha das decisões internas do que pode ou não se tornar notícia nas emissoras.

É necessário então olhar para as diferentes modalidades radiofônicas divididas nas suas formas de distribuição, recepção e circulação. As características que envolvem a entrada de novos atores no mercado levam a aspectos destacados pelos autores como parte da realidade vivenciada atualmente pela indústria de radiodifusão. Entre eles, estão os a) processos de digitalização de forma assimétrica, concentração empresarial e desigualdade nas formas de acesso; b) ampliação dos canais de distribuição de conteúdo radiofônico com a maior velocidade de tráfego; c) formação de grandes players no mercado com a possibilidade de redes de transmissão; d) novas cadeias de valor na produção de bens simbólicos, permanecendo a relevância dada a grandes grupos empresariais; e) novos serviços que proporcionam interação com ouvinte, aplicativos e ações de *branded content*; f) aprofundamento da segmentação e nichos de mercado; g) novos modelos de negócios e formatos desenvolvidos no exterior (FERRARETTO e KISCHINHEVSKY, 2010).

Os caminhos que se mostram até o momento são duvidosos, como reconhece Lopez (2010), principalmente diante da realidade vivenciada pelos meios na atualidade. Salaverría e García Avilés (2008) argumentam neste sentido que as empresas recorrem a sucessivos cortes de gastos com correspondentes, novas contratações e concentram o trabalho jornalístico na sala da redação. Com isso, o processo produtivo se torna cada vez mais homogêneo e dependente de agências, entrevistas telefônicas e da internet, sem a necessária diversidade informativa, apuração e independência das fontes. Lopez (2010, p. 118) chega a esse consenso ao constatar que a “intensificação da apuração de redação, o contato com as fontes é reduzido, assim como a capacidade do jornalista de contar uma história a partir da descrição e da exploração dos cenários sonoros e suas impressões do acontecimento”.

A adaptação do jornalismo e dos próprios meios de comunicação se tornou uma realidade dentro do novo contexto, mesmo que existam diferenças drásticas no porte econômico das indústrias de comunicação. Desta forma, Lopez (2010) contextualiza a entrada do rádio hipermidiático em três níveis de convergência que podem ser pensados neste processo de difusão da tecnologia em diferentes contextos regionais e econômicos. O primeiro é relacionado ao período de informatização, a utilização do computador e equipamentos de edição digital de textos e sons. O segundo encontra-se presente nas diversas etapas do processo, estabelecendo um diálogo entre a apuração, produção e transmissão das informações. O terceiro é quando a inserção das novas tecnologias afeta todo processo de produção noticiosa e a própria configuração do veículo nas estratégias de linguagem na difusão destas narrativas, ou seja, a produção multimídia como um todo.

Os âmbitos da convergência destacados aqui com os argumentos de Salaverría e García Avilés (2008), deixam evidente a dualidade do atual momento vivido pelo rádio: de um lado a concentração e a imposição de perfis multitarefa nas redações e de outro, mudanças nas formas de acesso e circulação dos conteúdos. O rádio expandido é parte da convergência imposta aos meios de comunicação na atualidade, mas também como resultados de um contexto econômico que parte da globalização e a regulação permissiva do mercado no qual está inserido (BRITTOS, 2002). Lopez (2010) destaca, com base em uma entrevista com a diretora nacional da CBN (Central Brasileira de Notícias), Mariza Tavares, que a produção multiplataforma é uma realidade, porém que os jornalistas não devem deixar sua função inicial, que é o papel de informar.

Da mesma forma é o rádio que se expande para além do dial, e que segundo, Kischinhevsky (2016a) se divide entre diferentes modalidades de distribuição, recepção e circulação. Na primeira, é possível pensar o rádio de forma aberta, com a transmissão em ondas hertzianas, digital ou via internet (nesse caso, argumenta, desde que sem custo). Ainda há o rádio por assinatura com a decodificação de transmissões via satélite ou na web quando há o pagamento pelo acesso ao conteúdo. E os “serviços radiofônicos de acesso misto”, quando é possível navegar por determinados conteúdos disponibilizados em portais, mas que pode reservar conteúdos exclusivos para assinantes.

A recepção, segundo o autor, se dá de maneira sincrônica e assincrônica. A primeira se caracteriza pela transmissão em *broadcasting* no analógico, digital ou pelo *streaming* online. Na segunda, o acesso é sob demanda, com a escuta no que é disponibilizado pelos portais para escuta momentânea ou mediante download (podcasting e outros conteúdos). Com base em Primo (2005), Kischinhevsky (2016a) define o podcasting como a possibilidade do ouvinte

também se tornar um *podcaster* e disponibilizar seus próprios programas na internet.

Essa é uma das características presentes no processo de circulação dos conteúdos radiofônicos que pode acontecer de maneira aberta e restrita. A primeira prevê as transmissões analógicas, digitais com ou sem *streaming*, onde os portais de mídia sonora não cobram pelo acesso aos serviços. Já a restrita engloba os serviços de *microblogging*, diretórios de podcasting, as mídias sociais de base radiofônica e as web rádios que exigem cadastros prévios para o acesso aos conteúdos. Neste sentido, o conceito de rádio social introduz novas modalidades de radiofonia de forma complementar em suas experiências com ou sem onda: “O rádio social se apresenta como espaço de fruição e também como canal de distribuição de conteúdos radiofônicos (musicais e/ou informativos), através da formação de redes de amizades e comunidades virtuais” (KISCHINHEVSKY, 2016a).

Vale destacar neste sentido, que todas as características proporcionam para além do reforço ao conceito de Rádio Expandido, uma nova compreensão que influencia diretamente nas formas de produção de conteúdo. As redes de transmissão, alavancadas pela ausência de regulamentação, como afirma Brittos (2002), são características da atualidade tanto na área de trabalho como nas formas de recepção. Esse fenômeno multidimensional, que aqui será explorado mais adiante no âmbito profissional da redação, liga as diferentes modalidades de acesso às especificidades exploradas nos diferentes canais.

Assim, o contexto atual do rádio expandido permite uma compreensão para além de muros conceituais em torno da linguagem ou então o que é ou como se apresenta, mas nos leva a ver as características e especificidades que estrutura sua presença em diferentes modalidades. O objetivo é fugir da definição de conjuntos ou formas, como alerta Fernandez (2008), buscando compreender as diferentes “linguagens radiofônicas”. Compreendemos desta forma o rádio a partir da definição de Kischinhevsky (2016a, p. 12-13):

O rádio é hoje um meio de comunicação expandido, que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais, portais de música. A escuta se dá em frequência modulada (FM), ondas médias (OM), curtas e tropicais, mas também em telefones celulares, tocadores multimídia, computadores, notebooks, tablets; pode ocorrer ao vivo (no dial ou via streaming) ou sob demanda (podcasting ou através da busca em arquivos ou diretórios).

Essa definição nos coloca num campo fértil de pesquisa entre consensos e questionamentos. O conceito que se utiliza neste aspecto aprofunda os estudos sobre os novos posicionamentos da indústria radiofônica e suas configurações no processo produtivo da informação, gerando consequências claras em questões como relações com as fontes ou apuração noticiosa. Por outro se diferencia de abordagens como *ciberradio*, formulada por

Cebrián Herreros (2008), mas que contém limitações ao defini-lo em um contexto que envolve a emergência das participações por meio da interatividade. Segundo o autor, o modelo está presente em uma zona fronteira na reconfiguração da escuta radiofônica em diferentes plataformas. O argumento é de que a interatividade é diferente do processo de interação, quando a participação passa por seleções pelas emissoras e se converte em diálogo e intercâmbio de informações.

A interatividade do conceito de *ciberradio* pressupõe um diálogo entre os integrantes do processo comunicativo como resultado do desenvolvimento dos usos mediados entre a audiência e a utilização das plataformas, como afirma: “la ciberradio modifica el planteamiento global de los procesos comunicativos de la radio por la incorporación de la interactividad, la cual repercute tanto en el proceso global, como en los componentes particulares del proceso comunicativo” (CEBRIÁN HERREROS, 2008, p. 45). Entre outras características, estão a perda da hegemonia por parte das emissoras e a modificação de papéis; estabelecimento de relações diferenciadas no processo de participação sem um controlador específico como o veículo de comunicação; e a unificação da participação e interatividade nas informações propostas na rede.

Convém destacar que o autor reconhece os modelos de interação tradicionais e o controle exercido pelos atores que colocam em funcionamento as informações interativas, porém as afirmações ainda requerem tecnologias apropriadas que garantam uma possibilidade de conversação entre meio e usuário, como utiliza o termo. Primo (2013) argumenta que há contradições no jornalismo participativo ou colaborativo sobre questões que chama de “ressaca da cibercultura”. As definições para massa, nicho, micromídia, atitudes contra hegemônicas ainda são limitadas ao olhar para o contexto midiático presente nas redes. Para isso, o autor cita exemplos como o surgimento de movimentos contra hegemônicos na web, ao mesmo tempo em que o grande capital também se reinventa e se apropria de estratégias colaborativas na produção de conteúdo. Usando a lógica da democratização, Primo (2013), baseado em Sfez, afirma que a interatividade se torna um argumento de venda, tanto na economia como no campo (ou “mercado”) teórico.

Ainda nesse sentido, Kischinhevsky (2016a, p. 106-107) afirma que com o desenvolvimento cada vez maior de mecanismos de contato via sites de redes sociais e outros aplicativos, “a interação com os ouvintes tornou-se tão estratégica que, em alguns casos, passou a nortear áreas de coberturas específicas, sobretudo o noticiário sobre trânsito”. Em uma pesquisa sobre a utilização do perfil do Facebook da CBN nas manifestações durante a Copa das Confederações, o autor argumenta que nem sempre a narrativa na rede social

acompanhava os acontecimentos nas ruas. Aquela que foi a “Copa das Mobilizações” mostrou também nas interações entre jornalistas e ouvintes via redes sociais não se convertem automaticamente em democratização, já que na grande maioria das vezes o público não possui condições materiais para a produção de conteúdo em áudio (KISCHINHEVSKY, 2016a).

Monclús et al (2015), em uma análise quanti-qualitativa da presença dos ouvintes nos perfis de emissoras catalãs no Facebook e Twitter revela que as novas mídias oferecem oportunidades e limites ao envolvimento do público na produção de conteúdos. Assim como apresenta Kischinhevsky (2016a), os autores mostram que por mais que o público expresse suas opiniões sobre o que é abordado no dial nem sempre geram impactos na transmissão analógica, limitando o nível de interação apenas entre os usuários dos sites na internet. O estudo sobre o nível de participação, com base no modelo AIP de Carpentier (2012) aponta que o público espanhol é limitado ao modo de interação, pois não tem poder de decisão: “O discurso no ar influencia o online, mas o discurso online não influencia o ao vivo”³² (MONCLÚS et al, 2015, p. 112).

Também nesta discussão, Quadros (2013) com base nas pesquisas desenvolvidas por Klöckner (2011a), propõe sete categorias que definem as formas de interatividade no rádio. Diante das críticas de Primo (2007) à “interatividade”, utilizamos o termo interação, presentes em Kischinhevsky (2016a): I) Interação dialógica simples: trocas comunicacionais de forma pública ou privada sem uma interferência direta no conteúdo sonoro; II) Interação dialógica ampliada: trocas comunicacionais de forma pública ou privada com interferência no conteúdo sonoro; III) Interação dialógica imediata: trocas entre emissoras e ouvinte de forma pública ao vivo na programação; IV) Interação dialógica simples: resposta para iniciativas da emissora em plataformas como os sites de redes sociais; V) Interação reacional ampliada: resposta para iniciativas da emissora em plataformas como os sites de redes sociais com interferência no conteúdo sonoro; VI) Participação espontânea simples: manifestações isoladas do ouvinte sem interferência no conteúdo sonoro; VII) Participação espontânea ampliada: manifestações isoladas do ouvinte com interferência no conteúdo sonoro.

Mais recentemente, em entrevista com profissionais de rádio da cidade de Santa Maria, no Rio Grande Sul, Quadros e Oliveira (2016, p. 110) percebem que a “participação é vista como positiva por ampliar as opções de pautas jornalísticas e criar vínculos entre a emissora e seus ouvintes”. Por outro lado, os profissionais afirmam que ao assumir ainda mais a sua função de seleção das informações vindas do público, o papel do jornalista ganha cada

³² Tradução da frase “The on-air discourse influences the online one, but the online discourse does not influence the on-air one” (MONCLÚS et al, 2015, p. 112).

vez mais importância. Quadros e Amaral (2016, p. 120) em análise sobre a narrativa radiofônica revelam que por mais que os mecanismos tenham se intensificado no processo de trocas, “os ouvintes ainda não são capazes de interferir diretamente no texto jornalístico”.

Neste sentido, o uso do termo interatividade estaria associado ao encantamento das tecnologias informáticas como uma “ilusão da expressão”. Mesmo no caso do mercado, argumenta, a possibilidade de diálogo não ganha a importância necessária, mas sim um diálogo baseado em bancos de dados como símbolo dessa interação: “Mas, ora, se o que está em jogo é a comunicação (a ação compartilhada) e a interação (a ação entre) mediada, por que tantos estudos sobre ‘interatividade’ esquecem-se de tratar do diálogo mediado pelo computador? Quando o fazem, porém, tratam do tema de forma metafórica: a máquina ‘dialogando’ com o internauta” (PRIMO, 2007, p. 57).

No emaranhado de mensagens midiáticas, a mediação, como já discutida na relação com as fontes populares por meio da interação, no rádio expandido é compreendida como parte de uma reflexão que busca situar a pesquisa sobre os processos de construção de sentido. O conceito nos ajuda a entender as formas de participação essencial da mídia na vida diária, na experiência contemporânea que atravessamos (SILVERSTONE, 2002). Ela também nos auxilia a olhar as formas inesgotáveis e complexidades geradas na medida em que os discursos se desenvolvem nas possibilidades de conflito e polifonia (BAKHTIN, 2006).

Por outro lado, provoca reflexões na produção jornalística em meio à velocidade e às condições de produção da notícia, nem sempre garantindo o valor simbólico que representa (BECKER, 2012; NEVEU, 2006). Desta maneira, se torna impossível escapar das notícias, dos eventos que são criados, recriados, da representação proporcionada, articulada e rearticulada pela própria audiência. Essa relação de apropriação e reapropriação, de entendimento e significação, de bricolagens e hibridizações é também parte do consumo e da dependência da informação e do entretenimento diante das intensidades do cotidiano (CERTEAU, 1998; GARCÍA CANCLINI, 1990).

As próprias relações entre jornalistas e fontes são marcadas por diversas ambiguidades, como a defesa de independência e o distanciamento na comunidade interpretativa, mas ao mesmo tempo uma cooperação no sentido de que um precisa do outro na coleta e publicação das informações. Segundo Alsina (2009), as interpretações do mundo real estão posicionadas nas vozes sociais selecionadas pelos jornalistas, o que permite encontrar nestes sujeitos, a origem da construção de sentido e da mediação sobre determinados fatos (SILVERSTONE, 2002). A garantia da pluralidade e diversidade dos debates sociais depende da inserção de diferentes formas de interpretação sobre os

acontecimentos, para que assim, as notícias ofereçam leituras amplas do mundo.

Martín-Barbero (2006, p. 292) define mediações como um campo que se constitui por dispositivos pelos quais a hegemonia transforma por dentro, o sentido do trabalho e da vida comunitária. Assim, propõe o que chama de “mapa noturno para explorar o novo campo” baseado em três lugares: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. Ainda que soe vago na ótica apresentada pela pesquisa, essa formulação, criticada depois inclusive pelo próprio autor, nos ajuda a fazer uma ponte entre o conceito formulado em “Dos meios às mediações” (2006) e depois em “Ofício de cartógrafo” (2004).

O autor então afirmou que o objetivo do mapa era indagar a dominação, a produção e o trabalho por meio das brechas, do prazer. A fuga de perguntas que já estavam recorrentes nas investigações sobre os meios de comunicação e a cultura levam ao reconhecimento das mediações, entre os sujeitos, as zonas da realidade cotidiana que envolve a dependência, apropriação e a invenção. Ao cartografar essas experiências, nas décadas de 1980 e 1990, o autor não subestima a mídia como algo onipotente e único, mas que é atravessado pela recepção, um lugar ambíguo.

Assim, as mediações, envolvidas pelas ações da mídia, são espaços com diferentes vozes, negociações de sentido, diferentes visões de mundo apresentadas pelo conjunto de agentes presentes nestes textos. A luta entre posições antagônicas na sociedade passa pela mediação dos núcleos familiares e da presença na vida em comunidade (MARTÍN-BARBERO, 2004). A pluralidade de vozes e a disputa voltam novamente ao conceito de polifonia em Bakhtin, para a possibilidade de “coexistência entre qualquer situação textual ou extratextual que não se fundem numa única consciência”, possibilitando um dinamismo dialógico, na justaposição e contraposição de um modo de olhar para a diversidade cultural (STAM, 2010, p. 345).

Olhar para as mediações e os discursos que a implica é também analisar como se dão as disputas de sentido entre a emissão, a recepção e as tecnologias. A formação de vínculos na produção textual é parte de uma rede complexa de signos em disputa (MARTÍN-BARBERO, 2004). Assim como o consumo cultural marca um lugar de participação simbólica das audiências, as apropriações e reapropriações são partes do reconhecimento e valor atribuído às vozes presentes nestes textos. O local de fala das fontes e o papel da pluralidade e diversidade nos conteúdos se torna fator preponderante diante do reconhecimento das diferenças culturais presentes na sociedade.

Como afirma García Canclini (1990), é preciso enxergar a hibridização dos estratos culturais da sociedade que produzem um pluralismo generalizado e que nem sempre

contempla a diversidade social. O autor argumenta que a fluidez comunicacional, a descentralização e a multiplicação de serviços de mídia não estão disponíveis a todos e, mesmo com novas mídias, coexistem velhos e novos dispositivos de concentração da hegemonia. Assim, a fragmentação dos públicos com uma segmentação desigual é o resultado da descentralização comunicacional, traduzida na ausência de regulação dos mercados. Quando o poder público deixa de cumprir o seu papel com políticas públicas de regulamentação, não há condições para o acesso à informação plural e diversa. Neste sentido, quando não se pensa na multiplicidade de vozes, o poder de fala é voltado a quem possui condições de conquistar a hegemonia da narrativa pelas leis propostas pelo mercado.

Na ótica das mediações, as novas lógicas da redação que ressaltam relações entre participação, interação e acesso de diversas fontes, o rádio expandido e as mudanças no cotidiano de trabalho dos jornalistas. A presença em diferentes canais, a interação, mediada ou não, com os ouvintes e novos suportes tecnológicos reorganizam o trabalho jornalístico ao lado de outras variáveis contextuais e características desse rádio expandido. O conceito é fundamental para entender as dinâmicas que o radiojornalismo está inserido na atualidade. A entrada em uma infinidade de plataformas com possibilidades de envolvimento do público por meio de comentários, colaborações, personalizações não necessita de uma influência direta na tecnologia para se constituir como interação. A apropriação do meio, da notícia, do conteúdo ou de qualquer outra forma de difusão já parte do campo de apropriação daquele que recebe e dissemina a forma de utilização. O questionamento está em quem pode e quem não pode agir nesse processo de influência ou acesso aos conteúdos jornalísticos.

Podemos compreender a notícia como principal interesse ou objetivo inicial dos jornalistas que estão em uma redação. Fato é que é produzida de maneira rotinizada, hierárquica e com diferentes atores sociais no ambiente da redação (ALSINA, 2009). Outro detalhe, também questionável nos dias atuais, é que a produção do conteúdo deve ser encaixada na linguagem desenvolvida pelo suporte. No contexto do rádio expandido, ela se torna duvidosa, principalmente com a realidade imposta pela fase da multiplicidade da oferta e os diversos canais para onde será transmitida.

É necessário olhar para como o processo de produção jornalística está inserido nestes marcos do rádio expandido. Neste ponto também é necessário enquadrar os âmbitos propostos para a convergência jornalística por Salaverría e García Avilés (2008): tecnológico, empresarial, profissional e dos conteúdos. Para os autores, estes quatro pontos fazem parte de um processo multidimensional facilitado pela implementação das novas tecnologias digitais e incidem diretamente na produção multiplataforma. Ferraretto e Kischinhevsky (2010)

abordam os mesmos pontos, com a integração e digitalização das redações, que estão presentes nas novas rotinas e na própria formação da mão de obra voltada a ambientes multimídias.

Segundo Lopez (2010), o jornalista é compelido a integrar e se adaptar a novas dinâmicas, além de compreender e utilizar as ferramentas com agilidade. Essas seriam estratégias para acompanhar o ouvinte e as diversas plataformas de consumo da informação radiofônica na atualidade. Por outro lado, a autora deixa claro que o meio não perde sua essência, porém está adequando suas rotinas e narrativas de modo a integrar as possibilidades que surgiram em diferentes espaços. Assim, as alterações estão inseridas tanto na veiculação, como também na apuração da notícia e as formas de acesso a fontes informativas: “Sabe-se que ele é multimídia e multiplataforma. Mas ainda não se conhece ao certo que caminhos irá trilhar” (LOPEZ, 2010, p. 116).

Também embasado no conceito de “jornalista sentado” de Erick Neveu, Pereira (2004) afirma que a produção realizada por meio do telefone, com a complementação de informações via assessoria de imprensa, agências ou checagens na internet é uma consequência do contexto econômico vivenciado pelas redações. Compilar, como destaca, se torna o papel principal a partir de diferentes fontes disponibilizadas de forma online.

O rádio, como parte de um conjunto de fases no sistema capitalista que possui na tecnologia um papel fundamental para a difusão de informações, é agora também carregado de novos produtos e tendências estético-produtivas. A visão multiplataforma e a alteração nas estratégias de concorrência ainda requerem aprofundamentos em agentes que surgem em meio a este processo e diferentes modalidades de transmissão. Por outro lado, as ideias de Brittos (2002) nos fazem “colocar os pés no chão”, fugir de ufanismos da revolução científico-tecnológica e olhar para a dimensão global da internet e seus dispositivos já experimentados em larga escala por grupos econômicos detentores de concessões.

Este argumento permanece em Abreu (2011) ao citar as divergências presentes no fazer jornalístico em tempos de convergência tecnológica. É fato, segundo o autor, que a internet possibilitou o crescimento do número de portais noticiosos, a interação com a produção jornalística e o entendimento sobre uma “certa democratização da comunicação”. Porém, o argumento é de que as novas plataformas de comunicação, como as próprias redes sociais e canais de participação provocaram influências muito maiores nas relações interpessoais do que no fluxo informativo ou na construção da notícia. Olhando para o impresso, mas com reflexos diretos também no radiojornalismo, as novas tecnologias alteraram as percepções de trabalho com a produção para diferentes suportes, a ampliação do

deadline, onde agora não existe apenas um, mas vários, de acordo com a demanda de cada veículo que compõe o grupo. Assim, a jornada de trabalho se tornou mais intensa e o repórter precisa pensar a produção para vários suportes.

A preocupação de Abreu (2011) com esse contexto está na possibilidade de fragilizar os valores notícia diante das formas de manifestação nas redes sociais, voltadas a interesses diversos, muitas vezes não necessariamente coletivos. Essa atenção do jornalista voltada a todo o momento em filtrar publicações ou os rankings expostos nas redes estão aliados a demissões constantes em empresas que não atingem metas de lucratividade. O resultado está na pressão para um trabalho cada vez maior e consecutivos erros na produção convergente, sem considerar a notícia como produto pronto e acabado, diferentemente do suporte veiculado: “Não se pode partir do princípio de que todos os leitores dispõem de acesso e tempo para visitar o site do jornal” (ABREU, 2011, p. 43).

Deste modo, acreditar no já citado *ciberradio* que tem na suposta interatividade uma de suas principais bases, precisa segundo Abreu (2011) de uma reflexão sistemática sobre a necessidade de atenção quanto às demandas geradas pelos cidadãos. Para o autor as interações ao vivo, com a divulgação de fatos e denúncias podem até cumprir um papel de democratizar a informação quando não obedecem a critérios de seleção jornalísticos, mas é necessário olhar para a importância da mediação nos canais comunicativos. O problema, segundo afirma, estaria em divulgar narrativas produzidas por pessoas que veem na divulgação dos fatos um hobby e não informações com padrões éticos e critérios jornalísticos. O segundo ponto e ainda mais decisivo está no fato de que o “jornalismo colaborativo”, ao romper os portões de seletividade jornalística, pode servir a diferentes interesses, como os lobbies de grupos econômicos, políticos, religiosos ou até mesmo preconceituosos: “Isso acontece quando não se preocupa com a checagem de fontes, nem com a análise dos interesses que sustentam aquela informação” (ABREU, 2011, p. 44).

Mesmo diante de toda essa situação que envolve o rádio expandido e a multiplicidade de canais de difusão da informação sonora, o rádio hipermediático com novos formatos e a adoção de um perfil multitarefa nos profissionais do jornalismo, é necessário reconhecer a instituição radiojornalismo presente na sociedade. Independente da plataforma na qual está inserido, o meio deve estar atrelado a especificidade de seus fluxos sonoros e as diversas relações socioculturais estabelecidas a partir do que é transmitido (MEDITSCH, 2010a). Olhar para além do hardware, da plataforma e seu conjunto de tecnologias é preservar o rádio e, como argumenta Meditsch (2010a, p. 205), debater a “continuidade de seu uso social de uma determinada maneira, na preservação da modalidade cultural”.

A internet neste processo não pode apenas ser um obstáculo da tecnologia que, ao invés de garantir e potencializar sua institucionalização favorece a precarização com estratégias equivocadas e erradas na gestão das empresas. O meio deve ser eficiente em diferentes espaços, reconhecendo sua instituição, agregando valores e demarcando posições para assim garantir não somente a interação com ouvintes, mas promover o engajamento e a escuta independente do lugar de acesso. Torna-se necessário então pensar o rádio de formas amplas, tanto em sua conceituação, como na sua aplicabilidade prática, fugindo de definições fechadas e contextualizadas em eixos específicos. É preciso olhar para o complexo social, econômico e comunicacional, suas dinâmicas de produção, principalmente quanto à seletividade de fontes e quais os interesses de determinadas notícias, sejam eles sociais ou corporativos.

A contextualização do rádio, da cidade e o jornalismo no contexto das novas tecnologias são temas necessários aos dias atuais. Fugir de ufanismos e propostas ausentes de um reconhecimento histórico pode provocar consentimentos em vez da complexificação das relações na sociedade. A continuidade dos debates faz-se necessário, uma vez que mesmo diante de tantas novidades permanecem questões como sucessivos atrasos de salários, demissões, aumento no número de atividades em detrimento do número de profissionais nas redações e a crescente concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucos atores sociais.

As constantes mudanças, que surgem em discursos recorrentes dos dias atuais, cercam o radiojornalismo na Fase da Multiplicidade da Oferta (BRITTOS, 2002). Entre as questões que precisam ser abordadas neste sentido, as reflexões sobre as complexidades do fazer jornalístico implicam a discursividade dos próprios enunciados levados ao ar no cotidiano. Os inúmeros formatos de que dispõe o meio, sejam eles os tradicionais ou novos, antes de tudo necessitam passar pelos portões e as escolhas da própria redação. Mas se novos atores estão se desenvolvendo no mercado e a demanda noticiosa sofre interferências diretas em sua produção com a permanência nas redações (LOPEZ, 2010), há um alargamento dos portões ou então uma homogeneização e o conseqüente enfraquecimento das redações? Há um novo rádio, porém ainda carregado de algumas continuidades e desafios como a diversidade e pluralidade de vozes no noticiário.

2.2 A profissionalização das fontes

Nas últimas décadas o jornalismo viu crescer expressivamente o trabalho para as fontes, como já mostrado nos dados da justificativa na introdução. Segundo Chaparro (1994), a revolução das fontes tornou estes agentes sujeitos institucionalizados, que buscaram a

capacitação nas relações com a imprensa para promover os acontecimentos, gerar conteúdos, interferir na pauta jornalística e expor seus interesses de forma organizada.

Essa relação provoca, por outro lado, uma desigualdade no acesso ao discurso público e no processo de seleção, como apontam Molotch e Lester (1999). A transformação no espaço público de conflito se evidencia nos dados apresentados a partir da diferença entre os que possuem uma profissionalização na relação com as mídias e com os próprios públicos (CHAPARRO, 1994; SANT'ANNA, 2009); e aqueles que como fontes populares e não institucionalizadas não possuem a mesma condição de igualdade de serem selecionadas ou interferir nas possibilidades de interpretação no jogo noticioso (ALSINA, 2009). O interessante nesse sentido está em perceber a forma de “agir e interagir no mundo, à luz dos seus interesses, provavelmente legítimos” que Chaparro (1994, p. 14) provoca ao argumentar que nem sempre os interesses particulares se diferem do público.

Essa organização que possui diversas discussões sobre suas origens, nas Relações Públicas e na própria Assessoria de Imprensa ou Comunicação, remete ao que Ivy Lee iniciou em 1906. A declaração de princípios evidencia a busca pela socialização dos discursos particulares de forma organizada e transparente, ainda que discutível por autores como Andrade (1983), Wey (1986) e Soley (1992). Para eles, Lee também utilizou de recursos como benefícios e presentes a jornalistas, além de operações de contratação e retirada de importantes profissionais das redações que atuavam na investigação das corporações assessoradas.

Para Lee (apud CHAPARRO, 2009, p. 36) a assessoria “não é um serviço de imprensa secreto. Todo nosso trabalho é feito às claras. Pretendemos fazer a divulgação de notícias. (...) E qualquer diretor de jornal interessado será auxiliado, com o maior prazer, na verificação direta de qualquer declaração de fato”. A promessa de exatidão, transparência, auxílio se aliava ao plano de divulgar informações para o bem das empresas e do interesse público fez sucesso e escola para um novo campo de trabalho aos jornalistas. Não convém aqui traçar um perfil moralista ou tentar superficialmente estabelecer uma crítica que construa um muro entre o que é jornalismo nas redações e na assessoria de imprensa.

O que se pretende é analisar as fases históricas de profissionalização das organizações, instituições e sujeitos que como fontes atuam na sensibilização dos jornalistas e dos próprios públicos por meio do desenvolvimento de mídias próprias. Chaparro (1994 e 2009), Amaral (2009), Del Bianco (2011), Moretzsohn (2013), Duarte (2009), Sant'Anna (2009), Lage (2001), Neveu (2006), Ferraretto e Ferraretto (2009), Moletta (2017) entre outros autores, organizam um panorama desse processo de institucionalização e organização de aparatos de

comunicação. Assim dividimos aqui em cinco fases a estruturação e crescimento do processo de profissionalização das fontes: I) O combate à ética *muckraker*³³ e a formação das primeiras estruturas de comunicação organizacional entre 1906 e 1929; II) A crise de 1929 e a constituição da assessoria de imprensa como necessidade estratégica do modelo de capital; III) A exportação do modelo para todo o mundo entre 1950 e 1970 - inclui-se o caso do Brasil a partir de 1964; IV) A implantação de um modelo jornalístico de assessoria de imprensa entre 1971 e o final da década de 1980; V) A consolidação do que Chaparro (1994) chama de revolução das fontes a partir da metade da década de 1980.

Neste último, o período marcado pelo capitalismo de acumulação flexível, os sujeitos procuram a comunicação, e o efeito de verdade do jornalismo (CHARAUDEAU, 2007) para divulgar e ampliar seus interesses. Ainda que numa ótica privada e não necessariamente pública isso só reforça o que está presente desde o início da formação de assessorias para sofisticar a relação com os jornalistas. Os subsídios às redações não são exclusividade desse tipo de trabalho na área da comunicação, pois já se faziam presentes nas agências de notícias. O que muda é a forma com que o auxílio é realizado, o subsídio diretamente de uma fonte específica que mantém a necessidade de apuração, reorganização e reescrita das informações no cruzamento e angulação com outras fontes.

O contexto da primeira fase é essencialmente envolvido pelo capitalismo selvagem instituído nos Estados Unidos após o período da Guerra da Secessão. A prosperidade e a competição acelerada com o espírito de ambição dos “*self-made-men*” levou a diversos escândalos que a ideologia da produtividade do taylorismo exacerbado estava construindo. Ao lado dos diversos problemas industriais do período em questões ambientais, trabalhistas e econômicas, os *muckrakers* também ganharam importância. Com o objetivo de expor os problemas e investigar a imoralidade do mundo sujo dos grandes capitalistas, jornalistas como Thomas Lawson, Ida Tarbell e Upton Sinclair se destacaram nas críticas das injustiças (CHAPARRO, 2009).

Em meio a esse processo entre 1906 e 1929, Ivy Lee percebeu uma nova possibilidade de trabalho junto à imagem desgastada dos grandes barões da indústria. Segundo Wey (1986) e Chaparro (2009) o jornalista conseguiu estabelecer uma conduta ética e moral com a proposta de garantir transparência e confiabilidade nas ações de seus assessorados. John D. Rockefeller, proprietário da *Colorado Fuel and Iron Co* estava submerso em críticas e até a acusação de atirar sobre grevistas. Nesses primeiros passos, o assessor instituiu uma série de

³³ Muckraker era o termo utilizado entre 1890 e 1920 para definir jornalistas que atuavam contra instituições e agentes tidos como corruptos em órgãos públicos e privados.

ações que chamaram a atenção dos grandes empresários para o setor da comunicação. As técnicas que o levaram a ser chamado de “pai das relações públicas” envolviam desde a convocação de entrevistas, fornecimentos de informações para matérias jornalísticas até o cuidado com a imagem das instituições.

De acordo com Chaparro (2009, p. 38), o trabalho de Lee teve um desempenho considerável principalmente com a possibilidade de promover os acontecimentos. A criação de fatos que se tornavam notícias com as fontes como sujeitos institucionalizados garante uma nova forma de tratamento e seleção de vozes a partir de suas relações com as redações. O acúmulo de informações sobre os clientes, o “mérito de ter criado o conceito e a prática do informante profissional competente” fez com que construísse carreira no subsídio aos jornalistas e atuasse “nos processos jornalísticos como fonte de informações e elucidações”. Por outro lado, como afirma Andrade (1983), os métodos questionáveis do assessor também vieram à tona em operações “fecha-boca” com a oferta de salários em altos cargos para que jornalistas não atacassem as empresas, as relações espúrias que envolviam propinas a chefes de redações e até serviços a trustes que tiveram envolvimento com o nazismo de Hitler.

Já para Amaral (2009, p. 52), diversos fatores propiciaram a criação desse modelo de agenciamento de comunicação ou assessoria de imprensa e entre eles, o principal: “as mudanças socioeconômicas consequentes da Revolução Industrial”. A necessidade de um novo tipo de relacionamento social entre as organizações e os jornalistas já no final do Século XIX era demonstrado na maneira com que agentes de imprensa falseavam os fatos para atrair os repórteres. Segundo o autor, já em 1883 a *AT&T* enviava cartas a usuários pedindo opiniões sobre a *Bell Telephone Company*. A campanha de Ivy Lee em prol de Rockefeller no caso do desastre da *Pennsylvania Railroad* em 1906 foi um marco nesse processo, mas já havia a utilização do termo “*public relations*” em 1897 pela *Association of American Railroads*.

Quando Lee abriu o escritório de publicidade em 1904 em Nova York e foi contratado em 1906 para melhorar a imagem da *Pennsylvania Railroad* uma nova forma de atendimento da imprensa foi iniciado, o que se aproxima da assessoria de imprensa que conhecemos hoje (AMARAL, 2009). Segundo o autor, ao lado de Lee Edward L. Bernays popularizou o termo “assessor de relações públicas” no final da década de 1920 que nesse período já se constituía com mais de cinco mil profissionais nos Estados Unidos. Nessa mesma ótica, Schudson (2010) destaca que a forma com que Lee e Bernays auxiliavam os jornalistas e criavam notícias chamaram a atenção dos jornalistas e dos empresários para a diversidade de interpretações possíveis sobre os acontecimentos.

O segundo momento que nos interessa é a constituição de assessorias de imprensa com jornalistas já descolados dos departamentos de relações públicas após a crise de 1929. Nesse período, já demarcado por ações do Governo dos Estados Unidos com a organização de coletivas e envio de *press releases* durante a Primeira Guerra Mundial e a instalação de assessorias em 1926, a informação se tornou um componente estratégico do modelo de capitalismo. Os acontecimentos que envolveram a grande crise do sistema geraram questionamentos ao trabalho desempenhado pelas relações públicas empresariais que passaram a ser hostilizados pelo público e pelos acionistas (CHAPARRO, 2009).

Nesse sentido, a informação e a utilização de novos argumentos para explicar o que havia acontecido, além das propostas para o reerguimento do país são os componentes para garantir a superação da crise. O *New Deal* como uma nova ordem elaborada por Franklin Delano Roosevelt acompanhada de medidas de austeridade na economia foi largamente divulgado utilizando técnicas sofisticadas de comunicação. Segundo Chaparro (2009, p. 39), “a informação tornou-se, então, uma necessidade estratégica”, pois, “era preciso explicar a nova verdade e o seu porquê, como também motivar a nação para a resistência e a esperança”. O autor argumenta ainda que o modelo de assessoria de imprensa que conhecemos nasceu efetivamente nessa era de busca pela inovação associada à demanda por informação.

“As instituições organizaram-se para atuar como fontes”, destaca Chaparro (2009, p. 39) em meio a pressões da sociedade e ao grande número de demissões e falências. A própria democracia já estava em um nível em que a compreensão era fundamental para além do conhecer/saber. Esse contexto levou não somente ao crescimento do número de organizações que possuíam departamentos de relações públicas com jornalistas como assessores de imprensa, como também a consolidação da atividade no próprio ensino em universidades como Yale, Harvard e Columbia. Essa experiência foi levada para outros países que importaram o modelo norte-americano em agências do Canadá, Inglaterra, Itália, Noruega, Bélgica, Suécia e Finlândia (CHAPARRO, 2009). Momento este que se aprofunda na fase de exportação para todo o mundo entre 1950 e 1970, que inclui o caso do Brasil a partir de 1964 com dados expressivos do número de profissionais de comunicação atuando para as fontes.

Segundo Chaparro (2009) e Duarte (2009), com base em Monique Augras, o crescimento do número de empresas que possuíam os serviços passou de seis em cada grupo de 300 em 1936 para 250 em 300 já em 1961. Em 1970, a proporção beirava os 100% principalmente nas multinacionais que viam na relação com o público e a opinião pública um componente estratégico de crescimento econômico. Amaral (2009) apresenta dados ainda mais consistentes no argumento sobre a institucionalização das fontes a partir do final da

década de 1920. Segundo ele (2009, p. 58), em 1926 o jornalista Silas Bent, assessor de imprensa, relatou que ao menos “147 das 255 matérias publicadas no *New York Times* no dia 29 de dezembro de 1926 foram por eles originadas, assim como 75 das 162 publicadas pelo *New York Sun* no dia 14 de janeiro do mesmo ano”. Já Schudson (2010) destaca o relato de John Jessup, que em entrevista, afirmou que quando trabalhou para a agência de publicidade *J. Walter Thompson* em 1930, 60% das matérias do *New York Times* eram inspiradas por assessores de imprensa.

A consolidação do modelo de assessoria de imprensa a partir dos anos 1970 no Brasil e que ganhou singularidade em relação a países como Estados Unidos, Alemanha, Portugal, França e Espanha, necessita de contextualização. Os dados apresentados pelo Perfil do Jornalista Brasileiro³⁴ e Sant’Anna (2009) evidenciam que a maioria dos profissionais formados em jornalismo atua para as fontes em departamentos de comunicação organizacionais. Em muitos casos, o trabalho é acumulado com a redação onde trabalha ou até mesmo como freelancer com momentos específicos de contratação. Outro formato são as agências de conteúdo que proporcionam um campo de trabalho em que as organizações contratam jornalistas para cobrir determinadas áreas como saúde, economia, mercado financeiro, entre outras formas que subsidiam redações e mídias das fontes.

De acordo com Duarte (2009), a década de 1990 reforça o argumento sobre a revolução das fontes, mas demonstra algo que começou em nosso país em 1909, quando o presidente Nilo Peçanha organizou as primeiras estruturas de comunicação no Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Na época a “Secção de Publicações e Bibliotheca” realizava serviços de atendimento, publicações, informações, propaganda e auxílio a jornalistas com redações de notas com os principais eventos realizados pelo governo. Em 1915, com o nome de “Serviço de Informações” as notas ficaram ainda mais sofisticadas com a organização em níveis federal e estaduais com relatórios que demonstravam a eficácia na profissionalização da relação com a imprensa da época.

Já em 1931 após a revolução de Getúlio Vargas e a instalação do governo provisório, o controle a disseminação de informações se torna uma política de Estado. Para determinar essas ações, é criado o Departamento Oficial de Publicidade da Imprensa Nacional que depois seria reorganizado como Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) e Departamento Nacional de Propaganda (DNP), este com objetivo de utilizar a comunicação radiofônica inclusive com a criação da Hora do Brasil, depois Voz do Brasil. Porém, como

³⁴ A síntese do Perfil do Jornalista Brasileiro pode ser acessado em:
<http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>

afirma Duarte (2009, p. 83) o ápice da política de comunicação varguista seria a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) ao lado de estruturas nos estados entre 1939 e 1945: “O controle ideológico via comunicação consolida-se por uma política pública de origem fascista, implantada pelo jornalista Lourival Fontes, que atuara na chefia do DPPC e do DNP e conhecia as máquinas de propaganda dos governos alemão e italiano”.

A criação da Agência Nacional, ligada ao DIP, em 1944 reforçou ainda mais o poderio de comunicação varguista contando com mais de 200 funcionários, equipes de reportagens e um sistema de difusão de notícias para todo o país (AGUIAR e LISBOA, 2017; DUARTE, 2009). Com a redemocratização o formato de interação entre governo e imprensa continua com o reforço nas equipes e até mesmo na cooptação de jornalistas com cargos públicos ou no investimento maciço em publicidade governamental. Por outro lado, os conteúdos jornalísticos ou o trabalho de relação com a imprensa eram realizados pelos próprios integrantes da área, o que leva historicamente ao reconhecimento dessa área de atuação exercida por profissionais formados em jornalismo.

A partir de 1964 o Governo Militar deu força de superministério à Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República (Aerp) inclusive com a realização de seminários, como o que aconteceu no Rio de Janeiro em 1968 com integrantes de diversos ministérios (CHAPARRO, 2009). A propaganda governista eufórica durante a década de 1970 com o chamado “carisma Médici” em obras como a Transamazônica e a ponte Rio-Niterói ou então a vitória na Copa de 1970 reforçaram o atrativo mercado de trabalho para jornalistas. O uso da propaganda e a crescente censura aos meios de comunicação procuravam esconder os anos de tortura e de perseguição política mais cruel do regime militar.

A experiência brasileira que interpreta o trabalho da assessoria de imprensa também exercido por jornalistas é resultado das discussões que se iniciaram em 1971. O reconhecimento da legislação e da Federação Nacional dos Jornalistas em acordo com o Conselho Nacional de Relações Públicas abriu uma série de discussões. Não procuramos aqui estabelecer ou aprofundar o debate em torno do que seria jornalístico ou não nas assessorias de imprensa e nas redações tradicionais. Como argumenta Chaparro (1994), nem sempre o interesse público, como valor notícia de referência universal (GUERRA, 2008), se diferencia do conjunto de interesses particulares. Salienta-se a necessidade da seleção, da atuação do gatekeeping ou do gatewatching na condução das notícias para a construção da diversidade.

No caso do modelo brasileiro, a difusão das assessorias comandadas ou com grupos de jornalistas apenas evidencia algo presente desde o início do Século XX com o crescimento após a Segunda Guerra Mundial. Como destaca Lage (2001), essa transformação de trabalho

pode até ter sido recebida com desconfiança pelo rumor de possíveis censuras ou limitações no movimento de jornalistas, mas um caso não altera o outro. A necessidade de setorização de jornalistas é uma realidade da cobertura do espaço e do tempo da rede noticiosa (TUCHMAN, 1983). Se aprofundarmos o debate, o contexto econômico em que estão inseridos os profissionais é o problema e não necessariamente um campo de trabalho que emprega a maioria dos jornalistas no Brasil hoje.

Lage (2001, p. 51) ainda destaca que a “criação de assessorias de imprensa teve, assim, vertente moralizadora e ética” e o surgimento “contribuiu decisivamente para a profissionalização do setor de informação pública, com delimitação clara de posições, tanto do lado de quem fornece a informação, como de quem coleta”. O que o autor chama de guerra da informação pode ser ressaltado no nível de desigualdade em que as fontes profissionalizadas de altos setores econômicos e políticos da sociedade mantêm em detrimento de estruturas ligadas a movimentos sociais e entidades sem fins lucrativos (MOLETTA, 2017).

Em 1971, com a criação da Unipress pelos jornalistas Reginaldo Finotii e Alaor José Gomes, uma nova proposta de assessoria de imprensa foi inserida no cenário nacional. Os dois organizaram o setor de imprensa da Volkswagen no Brasil que era orientado jornalisticamente como uma fonte de consulta e auxílio para editores, pauteiros, repórteres (CHAPARRO, 2009). Segundo o autor, com a censura imposta pela ditadura nos jornais brasileiros, a economia foi o carro chefe de muitos jornais que passaram a receber o auxílio da assessoria de imprensa organizada pelos jornalistas: “A Unipress pôde consolidar um modelo jornalístico de assessoria de imprensa, atuando, sobretudo, como alimentadora de pautas” (CHAPARRO, 2009, p. 45).

Depois disso surgiram outras iniciativas, como a Mecânica de Comunicação Ltda. de Ênio Compó em 1973 e o começo de discussões aprofundadas entre as vertentes sindicais e empresariais do ramo. O processo de formalização da atividade na área do jornalismo começou em 1980 quando o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo criou a Comissão Permanente e Aberta dos Jornalistas em Assessoria de Imprensa. A negociação entre o então presidente da Fenaj Audálio Dantas e a presidente do Conselho Nacional de Relações Públicas Vera Giangrande selou a possibilidade da área de RP ceder aos jornalistas a reserva de mercado de assessoria. O primeiro Manual produzido pela Fenaj foi em 1985 e já está na 4ª Edição: “O segmento da assessoria está definitivamente consolidado no mercado de comunicação, constituindo-se na área que mais emprega jornalistas” (FENAJ,

2007, p. 5). Já a vertente empresarial criou em julho de 1986, a Associação Nacional das Empresas de Assessoria de Imprensa e Comunicação Social (Aneci).

A consolidação do que Chaparro (1994) chama de revolução das fontes a partir da metade da década de 1980 foi reforçada ao longo dos anos 1990 e cresce com ainda mais vigor na atualidade. A maior parte dos jornalistas atuando fora das redações e o crescente número de demissões nas redações tradicionais forçam uma nova lógica de trabalho e sobrevivência no mercado. O novo cenário aponta Chaparro (2009, p.49), é carregado da instantaneidade e a abrangência de uma difusão ilimitada dos acontecimentos, da promoção dos eventos em formatos noticiosos em duas variáveis: “(1) com a eliminação do intervalo entre fato e seu relato, a notícia passou a fazer parte do acontecimento; (2) formatado como notícia, o acontecimento ganhou eficácia de ação discursiva, para confrontos e efeitos imediatos”.

Com essa concepção, o autor reforça seu argumento sobre a notícia como parte das disputas e relações humanas no mundo globalizado, no qual as fontes inundam as redações e deixam de reter informações. A capacitação em *media trainings* e o reconhecimento da importância da comunicação por executivos de órgãos públicos e privados, de lideranças sindicais e de movimentos sociais, permite a socialização de discursos particulares. A contradição está na “competência agressiva dos discursos particulares”, mas que não se estabelece num conflito entre o interesse público da notícia e os interesses particulares. Para Chaparro (2009, p. 50), o que opõe o interesse particular é outro interesse particular e é no conflito que se estabelece a confiabilidade da seleção jornalística. Como destaca Duarte (2009), a condição do jornalista na assessoria de imprensa é um fato claro no jogo de relações entre o assessorado e seu ponto de vista e aos profissionais que exercem o papel jornalístico de agir criticamente e investigar as informações que são recebidas.

A atualidade é permeada por uma complexa teia de mecanismos, instituições, saberes, ressalta Pinto (2000, p. 282), em que o objetivo principal é agendar os media. Como uma instância privilegiada de fala enquanto promoção de acontecimentos que se tornam notícias, o jornalismo é disputado a todo o momento por fontes organizadas e profissionalizadas. O que se complexifica são os processos de coleta e seleção e a própria construção da realidade social: “Ao procurarem a visibilidade através dos media, movem-se, por conseguinte, por uma lógica privada – naturalmente legítima, mas privada – quer se trate de instituições juridicamente privadas, como sejam as empresas, associações e grupos da sociedade civil, quer se trate de entidades públicas, como partidos políticos, instituições de utilidade pública e órgãos do Estado” (PINTO, 2000, p. 284). A conquista do acesso aos media e o esforço de

gerir o trabalho dos jornalistas cerca o trabalho dessas fontes, mas não necessariamente deslegitimam a continuidade de um ritmo de seleção e interpretação dos fatos (ALSINA, 2009).

No caso do radiojornalismo, Sant'Anna (2008) destaca que em 2004, existiam 1.602 radiojornalistas, com 5,21% da mão de obra total, ou seja, a média de um terço de jornalista, 0,35% por emissora legalizada. Ao unir os dados com rádios comunitárias, o número é ainda menor: 0,21% de profissionais por emissoras. Como mostra a pesquisa, para cada cem jornalistas empregados, cinco trabalham para o rádio e outros sessenta estavam fora das redações, trabalhando diretamente com a fonte, em assessorias ou departamentos de marketing,

A presença dos jornalistas a serviço das fontes, segundo o autor, é reflexo da venda de espaços das grades de programação a terceiros ou o uso praticamente integral de materiais oriundos de agências institucionais e assessorias de imprensa. Para Sant'Anna (2009) essa realidade transforma o perfil do rádio, até então vinculado ao noticiário local, pois se submete às informações pré-produzidas pelas fontes que investiram na forma barata de difundir rádio reportagens e rádio releases. A produção de conteúdo a serviço de fontes como Conselho Regional de Medicina, Tribunal de Justiça e OAB já está entre as mais utilizadas pelas empresas de radiodifusão. Esse é o modelo de *branded content* que utiliza da credibilidade jornalística como forma de negócio. A Agência Radioweb, por exemplo, organiza programações voltadas às fontes em rádios corporativas e abastece noticiários que possuem deficiência de jornalistas em suas redações (AVELAR, 2017).

Del Bianco (2011) argumenta que diante da diversidade de interesses, assuntos e demandas da audiência é preciso organizar as estruturas de trabalho pensando no volume de informação que chega às redações. Releases e informativos dos mais diferentes órgãos coincidem, na visão da autora, com um período de estruturação e profissionalização das fontes ao mesmo tempo em que a situação vivenciada pelas redações na atualidade. Ao contrário do jornalista que vai atrás da notícia, hoje são elas que procuram os jornalistas com a oferta que cresce com material pronto para ir ao ar. Nesse caso reforçam-se ainda as mídias que as fontes possuem como uma forma de relação direta, com jornalistas e seus públicos.

Para Sant'Anna (2009, p. 18), “a ação informativa das fontes inclui ainda a produção de revistas e de programas independentes de rádio e televisão, além de diversas agências de notícias, entre as quais, algumas são especializadas em abastecer os veículos tradicionais com conteúdos já formatados para a imediata difusão no rádio e na televisão”. Os rádio releases, vídeo releases possuem uma receptividade por parte da mídia tradicional com temáticas e

formatos que se inserem facilmente nesses meios diante da realidade profissional do interior e até mesmo de grandes metrópoles. As mídias das fontes interferem no modo tradicional de construção da notícia com ainda mais força a partir de portais da internet, nos quais é possível baixar sem custos ou com pequenos valores aquilo que interessa às emissoras.

A legitimação deste campo profissional é uma questão chave na seleção das fontes na atualidade ainda mais na produção do radiojornalismo no cotidiano. Envolvido por um contexto econômico e social, a produção de materiais especializados que conduzem ou procuram sensibilizar a produção das notícias, tanto as assessorias como o jornalismo tendem a aproveitar os materiais. Como destaca Lopez (2009) no caso do gatekeeper radiofônico, a utilização de releases no momento da ancoragem dos programas ou na produção da síntese Repórter CBN é a mesma realidade de uma infinidade de radiojornais que são realizados quase que na integralidade por esses materiais.

O questionamento sobre a complexidade em que as fontes se estruturaram ao longo dos últimos 100 anos não está na legitimidade em que atuam na sociedade com interesses privados, mas sim sobre as condições que cercam o gatekeeper em um momento de acumulação flexível e de jornalistas sentados. A ausência de profissionais nas ruas ou um número maior apurando um volume cada vez maior de dados oriundos de estruturas de comunicação empresarial, organizacional e institucional é uma questão fundamental para a construção da notícia. Como argumenta Neveu (2006, p. 96) nas práticas de sedução que desempenham na atualidade, o limite é a corrupção, mas que nem sempre os jornalistas retribuem as atenções para o qual são objetos ou aos “happenings montados para chamar a sua atenção”.

Segundo Neveu (2006), a produção de materiais prontos pode ser de utilidade para jornalistas sobrecarregados em que controlar a influência dessas fontes depende de meios financeiros e humanos na coleta de informações originais. No entanto não somente há uma diferença de acesso entre fontes profissionalizadas e não profissionalizadas, mas o conjunto que está disponível ao jornalista na construção das notícias. Moletta (2017) apresenta os casos das assessorias de imprensa da Terra de Direitos, Conectas Direitos Humanos e Justiça Global, em que os discursos jornalísticos, por mais que defendam interesses particulares, atuam com uma rede de significação que busca explorar e ocupar um espaço ainda não encontrado na mídia pelos movimentos sociais. Essa relação mostra as formas de acesso para além de um ambiente de atuação sofisticada na promoção dos acontecimentos e sim as escolhas políticas e econômicas que estão presentes nos critérios de noticiabilidade que o gatekeeping utiliza no cotidiano de trabalho.

2.3 Ascensão do jornalista sentado e do profissional multitarefa

Outra vertente que se encontra entre o trabalho jornalístico das redações da atualidade com a profissionalização das fontes é o jornalismo sentado e multitarefa. A ascensão desse modelo de trabalho na lógica da reestruturação produtiva dos meios de comunicação nas últimas décadas com o acúmulo de funções e a ausência de profissionais no local dos acontecimentos é uma realidade de emissoras como a CBN e a BandNews (LOPEZ, 2010). Procuramos aqui entender como o estabelecimento de coletores e processadores da notícia no organograma de trabalho mudou e está estruturada em questões que são discutidas pela comunidade interpretativa desde os anos 1970.

Foi Jeremy Tunstall em 1971, no livro “*Journalists at Work*” que fez a distinção entre os que iam para as ruas em busca dos acontecimentos e aqueles que editavam na cozinha do jornal os materiais que seriam publicados. Os termos foram retomados por Neveu (2006) ao constatar o crescimento do número de jornalistas nesse último ambiente, fechado nas redações e sentado, ao contrário daqueles que, em pé, investigam e ouvem fontes para suas reportagens nas ruas. Lopez (2010) no caso radiofônico afirma que a utilização do telefone e depois, email e aplicativos de mensagens instantâneas favoreceram a possibilidade dos jornalistas permanecerem nas redações apurando as notícias e ouvindo as fontes no modelo sentado.

Por outro lado, essa questão vem sendo pensada por diversos pesquisadores e autores da área que já identificavam essas situações muito antes do modelo tecnológico que se instalou nas redações no final da década de 1990. Alberto Dines (2009) chamava esse profissional que atuava somente na redação de “jornalista de gabinete” alertando para os riscos da ausência de um olhar aprofundado para onde as coisas acontecem já nos anos 1970. A pesquisadora da UNB, Zélia Leal Adghirni (2005) cunhou o termo “jornalista burocrata” para relacionar a forma com que a ausência das ruas poderia afetar o trabalho de apuração e contextualização do testemunho jornalístico. O problema não se insere numa ótica objetiva da observação profissional, sabendo que este também é carregado de subjetividade (MORETZSOHN, 2013). A questão é a falta de um olhar apurado sobre os acontecimentos dentro dos valores e critérios da profissão.

Como destaca Pereira (2004) a ascensão desse perfil provoca um novo modelo profissional, muitas vezes dependente de fontes profissionalizadas e submetido a um ritmo de trabalho que acumula tarefas. O processo de digitalização dos jornais que se inicia no final da década de 1980 e a inserção das emissoras na fase da multiplicidade da oferta são questões que influenciam diretamente no perfil profissional que temos hoje. É preciso, no entanto,

reconhecer a curadoria e o conceito *gatewatching* como algo estabelecido e estruturado em diversas redações, como veremos no caso da BandNews do Rio de Janeiro. A seleção de materiais oriundos de setores externos as redações estão presentes desde as primeiras agências de notícias no século XIX.

Com o acúmulo de dados por meio de pedidos inseridos na Lei de Acesso à Informação, a apuração online com a raspagem em portais de transparência e outros dispositivos, o trabalho na redação também é fundamental ao processo de levantamento de informações e construção das notícias. A falta do equilíbrio entre aqueles que vão para as ruas e os que devem ficar nas redações é a variável que compromete a apuração, como argumenta Dines (2009). Segundo destaca o autor, este também se apresenta como um vício no cotidiano da redação em que ao se habituar ao sistema de trabalho, prefere opções muitas vezes mais cômodas gerando consequências na apuração das notícias.

A situação que já se apresentava como uma preocupação em 1974 para Dines está na divisão de trabalho do jornalismo. As especializações temáticas, os setoristas e o planejamento na estrutura de uma redação é o que expõe a diferença entre os *processors* e *gatherers* (TUNSTALL, 1971). Os *gatherers* que Neveu (2006) traduziu em francês por *debout*, em pé, são responsáveis pela ida a campo, a coleta no local dos acontecimentos e o testemunho e escrita sobre os fatos, a busca pela matéria prima da informação. Já os *processors*, ou *assis* em francês são os jornalistas que, sentados, realizam o trabalho de tratamento, reescrita ou edição dos materiais coletados nas ruas: “essa missão pode decorrer de suas funções, dirigidas para a tarefa de dar coerência aos conteúdos jornalísticos, mas pode também ser consequência de uma posição hierárquica que lhes dá uma forma privilegiada de produção de um metadiscorso de comentário ou editorial” (NEVEU, 2006, p. 82).

Porém, a posição que deveria ter um privilégio pela manutenção na redação se tornou o principal foco de jornais impressos e na web, emissoras de rádio e televisão. O que Tunstall (1971) colocava como uma função presente no cotidiano de trabalho durante os anos 1970 ou que se apresentava como um alerta em Dines (2009) cresceu vertiginosamente. Segundo o americano, a possibilidade de formatação dos *processors* na natureza das reportagens sempre esteve presente na hierarquia das redações e a seleção de materiais externos é algo que White já apresentava na primeira pesquisa sobre *gatekeeper* em 1950. A onda crescente de informações produzidas pelas fontes e a imposição desses agentes extra-redações é o que inunda os escritórios dos *processors* (NEVEU, 2006).

As posições invertem-se e a situação econômica vivenciada pelas empresas de comunicação após os anos 1980 com a globalização segmentada de conteúdos, a

flexibilização do capital internacional em mercados internos e outros fatores recorrentes do sistema provocaram mudanças no ritmo econômico das redações. Ao mesmo tempo, a digitalização do trabalho jornalístico em todos os níveis, o aumento do número de demissões e o acúmulo de funções pelos profissionais que ficam nas redações eliminam as diferenças entre *processors* e *gatherers*: “esse processo deixa a fronteira coleta/tratamento da informação mais imprecisa no cenário de um jornalismo cada vez mais ‘sentado’” (NEVEU, 2006, p. 83).

Fabio Henrique Pereira (2004, p. 96) utiliza o conceito em uma análise sobre o trabalho nas últimas notícias do Correio Web vinculado ao Correio Brasiliense no Distrito Federal. O autor destaca que algumas funções, como a dos *processors* descrita por Tunstall (1971) já exerciam o trabalho de reaproveitamento de materiais externos, mas que a lógica da web radicalizou esse processo. Ao centrarem-se na produção sobre informações provenientes de fontes externas, as empresas jornalísticas encontraram uma forma de “manter um sistema de alimentação online em fluxo contínuo com quadro profissional reduzido”. O investimento em materiais de agências de notícias, adaptação de releases e outros produtos de assessorias de imprensa tem base na dispensa da apuração convencional no caso do Correio Web.

As fontes mais utilizadas em sua maioria no período de 1 a 7 de setembro de 2003 pelo webjournal são de despachos de agências como a FolhaNews ou então institucionais, como a Agência Brasil, entre outros órgãos: “o trabalho do jornalista ‘sentado’ se resume, muitas vezes, a copiar o despacho, colar no banco de dados que alimenta o site, trocar o sistema de siglas usado pela Folha para as normas do Correio e dar o crédito” (PEREIRA, 2004, p. 99). Além disso, reportagens oriundas de mídias das fontes e assessorias de imprensa foram recorrentes nas publicações para a web. Segundo o autor, o acesso a outras fontes se dava por telefone apenas na cobertura sobre o Distrito Federal utilizando a influência do jornal impresso.

Os dados demonstram, na visão de Pereira (2004, p. 106), um novo status profissional em que tanto as empresas, como os profissionais e de forma ainda mais acentuada as fontes, se organizam para a prática jornalística: “O ‘jornalista sentado’ não é mais o profissional que busca informações, mas o que compila a partir de um número infindável de fontes”. O questionamento final que propõe é sobre a confiabilidade no uso dos materiais de agências privadas e públicas em que muitas vezes a confiabilidade das informações produzidas por terceiros pode ser passível de erro. O mesmo caso se dá pelas assessorias que forçam uma apuração “sentada” enfatizando a lógica do custo-benefício em detrimento dos critérios de noticiabilidade e seleção com foco no interesse público.

Os dados do Perfil do Jornalista Brasileiro mostram um profissional híbrido e diferente daquele que era cercado pelos mitos tradicionais. O próprio Chaparro (2009) já em 1995 apresentava informações de que mais da metade dos profissionais atuavam fora das redações. Para Adghirni (2005), o perfil é de um camaleão, identificado tanto com as rotinas produtivas da redação, como da assessoria de imprensa, do empreendedor, do funcionário em que pode estar produzindo conteúdos ou atuando em causas públicas. A certeza é de que a ideia de um “jornalismo romântico e boêmio” presente no início da imprensa brasileira já não se traduz, muito menos o *muckraker*, ou o militante e libertário.

A autora questiona se a discussão deveria estar nas estratégias com que “modernas empresas de comunicação estão de fato respeitando a plenitude do direito à informação” ao invés dos efeitos das novas tecnologias (ADGHIRNI, 2005, p. 46). Na visão dela, a ideia romântica do profissional da notícia já não existe e ao final dos anos 1980 até a chegada dos 2000 uma série de questões implicam as redações. Os desafios tecnológicos, a concentração de poder, a concorrência acirrada entre mídias, o endividamento das empresas, o crescimento de faculdades de comunicação e a mão de obra abundante com a precariedade das condições de trabalho são desafios que somente estão crescendo na área.

Para além desse processo que leva a questionamentos e incertezas sobre o futuro da profissão e do jornalismo como uma instituição está a perda do monopólio da produção das notícias. Como afirma Sant’Anna (2009), Adghirni (2005) destaca que as fontes possuem suas próprias mídias e interferem nas pautas da mídia convencional se aproveitando do jogo político e do contexto econômico que as empresas estão inseridas. O problema, segundo ela, estaria na origem desses agentes de um poder político estruturado em que tudo se torna embaralhado com funções que se subvertem em prol de jogos de interesses.

A crítica de Adghirni (2005) sobre a inexistência de um romantismo saudosista no jornalismo é envolvida pelos processos de produção da atualidade. Da manutenção do gatekeeping e o surgimento do gatewatching que se insere em todos os ambientes de trabalho com a interação com diferentes públicos. Nesse mesmo sentido, o argumento da autora se reforça quando afirma que “o jornalista hoje é um burocrata da notícia sentado diante de um computador que lhe serve de fonte de informação, sala de redação, tela de texto. É provável que nem ele nem a sociedade acreditem mais na função social do jornalismo” (ADGHIRNI, 2005, p. 47). Há assim a necessidade de perceber as brechas em que a negociação e a forma de trabalho se estabelecem para a construção da notícia no ambiente da redação, longe das ruas e dos próprios acontecimentos.

Waltz (2015), utilizando o conceito de jornalista sentado, realizou uma pesquisa recentemente com um grupo de jornalistas da Infoglobo Comunicação e Participações S.A. e da Empresa Jornalística Econômico S.A. (Ejesa). Com critérios etários dividindo em grupos de jornalistas mais experientes com cargos elevados nas redações e jovens profissionais iniciantes na carreira, o autor percebeu os constrangimentos organizacionais que cercam a impossibilidade de sair da redação para cobrir suas pautas. Segundo ele, os resultados mostram pontos críticos abordados pelos profissionais como “a atual configuração do processo produtivo que tende a soterrar profissionais mais jovens, dificultando sua formação de rede de fontes, algo valorizado dentro da comunidade profissional” (WALTZ, 2015, p. 130).

A dependência de agentes externos e profissionalizados está até mesmo no relato de jornalistas que confessam nunca terem visto pessoalmente os assessores com quem possuem uma relação diária via telefone. A dificuldade de sair da redação é um dos pontos mais críticos abordados pelos jornalistas, algo que em alguns casos torna impossível a checagem de conteúdos veiculados como verdadeiros sem um aprofundamento crítico (WALTZ, 2015). O profissional se torna um “mero redator” com uma produção em larga escala que se submete aos ditames da produtividade que compromete aquilo que é levado ao público (KISCHINHEVSKY, 2009).

A situação pela qual chegou o atual estágio da profissionalização das fontes e o número crescente de demissões nas empresas jornalísticas provoca no fenômeno da multiplicidade da oferta uma série de questões. A revisão dos valores e critérios de noticiabilidade, a alteração de perfis profissionais do gatekeeping agora voltado ao canal da audiência e das fontes para um modelo de gatwatching, o acúmulo de funções. O caso da BandNews e da CBN são carregados de dilemas como esses em meio a uma infinidade de pautas a serem cobertas em um momento de delicada crise política e econômica do país. A necessidade de seleção apurada e diversa das fontes para a interpretação dos acontecimentos não faz mais parte de um pressuposto romântico e normativo da área. Torna-se uma questão de sobrevivência da credibilidade das notícias veiculadas e uma estratégia, a multiplicação de pontos de vista sobre os rumos possíveis em determinados casos.

A chegada da internet como uma fonte de consulta para esse modelo de jornalismo sentado não trouxe uma saída imediata para as redações. Como destaca Lopez (2010), no caso da BandNews e da CBN, a consulta a outros portais na web se tornou mais um potencializador do antigo *gilette-press* do que a possibilidade de consultas alternativas a fontes oficiais. Em locais “onde a maior parte dos jornalistas trabalha sem ir ao palco dos

acontecimentos” a centralização está na “busca pela informação em fontes externas e abrindo mão – completa ou parcialmente – do trabalho do jornalista em pé, aquele que entra em contato direto com as fontes e observa o acontecimento” (LOPEZ, 2010, p. 44). A convergência como um discurso impossível de fugir já demonstrou não ser a solução para os problemas que continuam na necessidade de força humana.

O contexto profissional e os constrangimentos organizacionais ainda impossibilitam, na periferia do capitalismo, o acesso à potencialidade das múltiplas fontes de informação por meio dos dispositivos tecnológicos. A constatação está na observação de Lopez (2010, p. 45) em 2009 em que nem sempre o acesso à web garantia a multiplicidade de interpretações a serem abordadas com “um certo comodismo” no cruzamento de fontes externas. A atuação como gatekeeper, na análise da autora, não minimiza os conteúdos pré-elaborados por agências de notícias e assessorias. Para ela, a ausência do local dos acontecimentos e do contato direto com as fontes limita a capacidade do jornalista de enriquecer seu relato na construção da notícia. Mais uma vez, repórteres são encerrados em turnos de trabalho que forcem a manutenção de um trabalho mecânico e industrial que impede o novo e agrega por osmose a vontade de seus chefes e a linha editorial do jornal.

Além de sentado, o discurso de uma convergência inevitável que conduz o jornalista a se organizar em diferentes funções na redação chegou aos anos 1990 e se estabeleceu nos 2000. O profissional *multiskilled*, mais um argumento que faz parte do discurso neoliberal que vem sendo pregado desde a era Thatcher-Reagan, com o desenvolvimento de múltiplas habilidades tomou conta de uma diversidade de campos de trabalho (KISCHINHEVSKY, 2010). Na BandNews, além de produzir a pauta, gravar com as fontes e redigir reportagens, os profissionais ainda ancoram os programas locais e são responsáveis pela técnica de som com toda a programação que vai ao ar de matérias e comerciais. Segundo Kischinhevsky (2010) a lógica da visibilidade como algo recorrente em chefes e funcionários que defendem essa forma de trabalho levou o Sindicato do Rio a reivindicar em uma campanha em 2009, o multi salário para que aqueles que exerciam a multifunção.

No caso das emissoras radiofônicas com um número ainda menor de profissionais que os jornais impressos e emissoras de televisão, essa situação se acirra como já abordado por Ferraretto e Kischinhevsky (2010). A baixa remuneração e o acúmulo de funções, a produção de conteúdos em texto e vídeo para web, os jornalistas que produzem suas reportagens e editam sem apoio de técnicos. Algo que no início da década era ainda uma crítica se estabeleceu e atualmente é colocado como uma necessidade para manter o emprego em meio às demissões. Kischinhevsky (2010) destaca que tanto na CBN como na BandNews, as queixas sobre a rotina de plantões em fins de semana e feriados com sobrecarga de trabalho são agravadas por equipes enxutas.

O âmbito profissional da convergência nesses espaços no atual momento do rádio expandido não leva em consideração a sinergia entre outros meios de comunicação do mesmo grupo. A integração ainda passa despercebida em um momento em que o “jornalista precisa repensar seu papel diante das novas tecnologias digitais, para não se tornar um mero apertador de botões, um malabarista da informação, equilibrando diversos aparelhos eletrônicos – gravadores, filmadoras, celulares com câmera fotográfica, notebooks” (KISCHINHEVSKY, 2010, p. 4). A preocupação, na mesma linha de raciocínio do autor, não é mais somente envolvida pelo desequilíbrio entre repórteres na rua e jornalistas sentados nas redações, mas sobre a possibilidade de reproduzir discursos externos e sem o interesse pelo coletivo.

A profissionalização das fontes nesse sentido não atua somente para subsidiar os jornalistas distantes do local ou impossibilitados de cobrir o espaço e o tempo (TUCHMAN, 1983) dos acontecimentos. A dupla conveniência entre fontes e jornalistas pode estar sendo enfraquecida em uma lógica que não garante ao profissional, condições de tempo para selecionar e aprofundar seus materiais. A manutenção do jornalista sentado, antes um cargo para poucos nas redações nos anos 1970, agora está na larga maioria daqueles que estão no trabalho cotidiano de apuração. Na observação sistemática realizada na BandNews em 2017, percebemos esse processo quando 14 estavam na redação enquanto apenas três cobriam pautas já agendadas pela chefia de reportagem em eventos promovidos pelas fontes. na CBN Rio, também três estavam nas ruas durante a semana de observação em 2018. Já no caso da CBN Ponta Grossa, nenhum dos jornalistas responsáveis pela produção noticiosa atuavam no local dos acontecimentos, restringindo o trabalho à redação ou ao *home office*. Não partimos aqui de um pressuposto moral em julgar o interesse público como algo distanciado dos interesses privados no caso da profissionalização. Como destaca Chaparro (2009) os conceitos não são antagônicos em si e é preciso tencionar as relações presentes no cotidiano das redações.

O contexto de trabalho no momento da seleção das fontes torna-se o foco do estudo na atualidade, reconhecendo as especificidades de atuação em redações de radiojornalismo. É preciso perceber as formas com que o jornalismo sentado está atuando, na seleção de fontes como os ouvintes via WhatsApp, ou então nas bases de dados como suportes para novas reportagens. O jornalista de gabinete, burocrata ou sentado está estruturado e é permeado por diferentes funções na redação. Isso é uma constatação que insere múltiplas questões em meio à profissionalização crescente dos agentes oficiais, institucionais e empresariais. Algo presente na atualidade e que passa pela discussão sobre o papel desses agentes profissionalizados na discussão sobre os valores da comunidade interpretativa ou tribo jornalística.

3 AS FONTES NA COMUNIDADE INTERPRETATIVA DOS JORNALISTAS

O capítulo que segue tem como proposta discutir as bases do conceito de comunidade interpretativa do jornalismo, os valores compartilhados e de que forma as mudanças ocorridas por conta da tecnologia e das sucessivas crises do capitalismo têm atingido o conjunto das redações. Dessa forma, buscamos dados do Perfil do Jornalista Brasileiro de 2012 (MICK e LIMA, 2013)³⁵ e de artigos e capítulos de livros com os resultados do *Worlds of Journalism Studies* (MOREIRA, 2016; CONDE, HERRERO-JIMÉNEZ e MONTERO, 2018; AMADO e WAISBORD, 2018) para as discussões empíricas desse processo junto a conceitos que estabelecem a relação entre os profissionais na formação de uma comunidade (TRAQUINA, 2005a; ZELIZER, 2014; LEAL e JACÓME, 2013).

Com o objetivo de realizar o levantamento conceitual e empírico das discussões recentes sobre a seleção das fontes na cobertura do radiojornalismo local e cotidiano, o capítulo se divide em três frentes: a) a partilha da cultura noticiosa no jornalismo, a formação da comunidade interpretativa e sua relação de campo de valores a que os profissionais são inseridos ou adquirem nas rotinas; b) a compreensão de valores e ideias presentes no radiojornalismo como proposta de comunidade interpretativa específica que une jornalistas, radialistas, locutores, produtores da notícia com questões que vão desde o aprendizado na área até os problemas enfrentados pela convergência; c) e por fim, a relação entre a comunidade interpretativa dos jornalistas com as fontes como agentes diretos no processo de construção das notícias, sua profissionalização e a dependência atual de setores externos às redações.

Relacionar os dados sobre a atual conjuntura dos jornalistas brasileiros, os valores defendidos por estes e como se apresenta o profissional na atualidade tem um elo com a construção de pluralidade e diversidade de vozes no radiojornalismo. A seleção das fontes é um ambiente discutido desde as primeiras pesquisas funcionalistas que buscavam entender os parâmetros de influência de decisão na vida do gatekeeper, como já discutido anteriormente. Esse ambiente difuso e, sobretudo, repleto de zonas cinzentas entre o fazer jornalístico e as pressões externas à redação passou por distintas mudanças ao longo das últimas décadas. Ao contrário dos capítulos anteriores, a discussão sobre os perfis profissionais da atualidade entra em um debate sobre como o próprio campo pensa questões como a confiança nas instituições ou noções como diversidade, condições trabalhistas, salários e outros pormenores que afetam o cotidiano de trabalho nas redações tradicionais.

³⁵ A síntese do Perfil do Jornalista Brasileiro pode ser acessada em:
<http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>

Como destaca Zelizer (2014) em artigo publicado na *Brazilian Journalism Research* em que indaga “O que fazer com o jornalismo?”, sustentar o fenômeno do grupo social no caso dos jornalistas é fundamental para conhecer suas estratégias e como reconhecem o mundo em si, além de acompanhar o que já fizeram Durkheim, Robert Park, Foucault, Berger e Luckmann, ou Nelson Goodman em diferentes áreas. Para a autora, “a ideia de comunidades interpretativas (...) ajuda-nos a situar as estratégias de compartilhar conhecimento como parte integrante do conhecimento que disso resulta” (ZELIZER, 2014, p. 14).

O que preocupa não são as novas áreas ou mudanças proporcionadas pelo desenvolvimento de novas tecnologias que já aconteceram ao longo da história, mas sim o assédio crescente de diferentes lados, as disparidades econômicas e trabalhistas, a profissionalização das fontes e a diminuição do número de profissionais nas redações. Esse é o ambiente atual de emissoras como a CBN e BandNews do Rio de Janeiro e a CBN de Ponta Grossa. Espaços em que, segundo Zelizer (2014, p.16), “os imperativos econômicos e as pressões orçamentárias obrigam os noticiários a funcionar como empresa com fins lucrativos e por isso os jornalistas se diversificam, assumindo um caráter multitarefa que as gerações anteriores não reconheceram”.

3.1 Partilha da cultura noticiosa no jornalismo

Antes de entrar propriamente no conceito ou ideia de comunidade interpretativa no jornalismo é importante destacar alguns dados de pesquisas recentes que são fundamentais para entender e ter um panorama da profissão na atualidade. A primeira delas é o Perfil do Jornalista Brasileiro com uma enquete distribuída entre 25 de setembro a 18 de novembro de 2012 a 2.731 profissionais com participação espontânea em todas as unidades da federação e do exterior³⁶. A segunda é a *Worlds of Journalism Studies* que tem o Brasil entre 66 países que utilizaram o mesmo questionário entre 2012 e 2015 explorando questões como as rotinas profissionais nas redações (MOREIRA, 2016). No caso brasileiro, 376 jornalistas de diferentes estados e meios de comunicação públicos, privados e governamentais responderam ao questionário.

De acordo com os dados do Perfil do Jornalista Brasileiro (MICK e LIMA, 2013), ao final da pesquisa pode-se constatar que os participantes eram majoritariamente mulheres

³⁶ Dados podem ser conferidos na síntese “Quem é o jornalista brasileiro?”. Disponível em: <http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>. Acesso em maio de 2018.

brancas, solteiras, com até 30 anos. A faixa etária tem em sua maioria, pessoas de 23 a 30 anos com 48%, seguidos de 31 a 40 anos com 21,9%, 41 a 50 anos com 11,1%, praticamente os mesmos 11% de 18 a 22 anos e 8% para acima de 51 anos. A perspectiva de gênero é reforçada ao ver que 64% dos entrevistados eram mulheres e a maioria ganha menos que os homens na faixa de até cinco salários mínimos ou mais. Já no caso da cor/raça, o percentual de negros é inferior à metade do que é verificado na estatística brasileira. Apenas 5% são negros e 18% pardos frente à 72% de brancos.

Quanto à formação, em 2012 os dados apresentaram que nove em cada dez diplomados são oriundos de instituições privadas. Ao todo, 98% tem o ensino superior, no qual 91,7% tem um diploma específico do jornalismo e 40,4% com cursos de pós-graduação. A maioria (74,8%) não é filiada a sindicatos e metade se considerava de esquerda enquanto 30% afirmou não estar em nenhuma classificação ideológica. No mesmo sentido, apenas um a cada três participavam de movimentos sociais e 45% disseram nunca ter atuado em algum tipo de grupo social.

Desde 2009, o Supremo Tribunal Federal brasileiro considera inconstitucional a exigência do diploma para o exercício da profissão jornalista, visão contrária a dos profissionais que em 90,2% acham necessária algum tipo de formação superior e 55,4% exigiam a formação específica em jornalismo. No mesmo sentido contrário à visão dos meios em que estão empregados, 72% eram favoráveis à criação de um órgão de autorregulamentação na área. Nas condições de trabalho, 75,2% possuíam registro profissional e destes, 82% como jornalista profissional ligado diretamente a alguma atividade nas redações.

Os problemas econômicos da relação trabalhista em 2012 podem ser vistos nos dados relacionados aos três quartos que trabalhavam na profissão e destes 27% atuavam em mais de uma atividade. Da mesma forma, 59,9% recebem até cinco salários mínimos e apenas 11,6% trabalham até cinco horas por dia. Nas características gerais do trabalho jornalístico, podemos ver os índices já discutidos anteriormente, como o crescimento do número de profissionais atuando fora da mídia, muitas vezes diretamente para as fontes. Dos entrevistados, 45,8% estavam exclusivamente em mídia, 33,6% fora dela e 12,2% nos dois casos, dentro e fora das redações. Os docentes que atuam no ensino e nas mídias representam 4,4% e 4% exclusivamente na formação de novos profissionais.

Dos jornalistas que estão atuando ou estavam em algum tipo de mídia em 2012 quando a pesquisa foi realizada, apenas 6% são filiados a partidos políticos, 54,7% não atuam em organizações sociais e 60% são contra a criação de um órgão regulamentador. A maior

parte dos entrevistados (63,9%) estavam em meios impressos, 44,6% na internet, 33,6% em TV, Rádio ou Cinema e 20,5% para outras mídias. O peso da internet está no fato de que 76% tem seu trabalho divulgado integralmente ou grande parte na web. Com 83,2% no meio privado, metade deles atuam em micro e pequenas empresas, e dois quartos em grandes empresas e empresas de porte médio.

Mesmo com a ascensão do jornalista sentado (NEVEU, 2006) e ausente do palco dos acontecimentos (LOPEZ, 2010), em 2012 a maioria ainda era contratada como repórter. Nas respostas que poderiam ser marcadas em múltipla escolha, as principais atividades destacadas foram a reportagem (84,3%), redação (83,1%), produção de pautas (70,6%), edição (67,9%) e fotografia (35,4%). No caso de jornalistas que acumulam a função profissional na redação em conjunto com outras atividades, um dado se choca diretamente com valores tidos como normativos ou compartilhados pela comunidade interpretativa, como a independência de outras instituições. A maior parte de quem atua em outras atividades fora do expediente é de profissionais na assessoria de imprensa com 87,7% assessorando aqueles a quem devem selecionar, as fontes. Obviamente como já afirmado anteriormente não compete aqui realizar julgamentos valorativos (vide Capítulo 2), mas sim tensionar a relação entre os que estão nas redações e os que atuam fora dela na concepção de um profissionalismo atual.

No caso da *Worlds of Journalism Studies* com os dados brasileiros apresentados aqui por Moreira (2016) a partir de um questionário com 376 jornalistas de diferentes estados e meios de comunicação é possível perceber entre 2013 e 2015 a variedade de temáticas e editoriais em que estão presentes e pequenas mudanças em relação ao Perfil de 2012. Um exemplo disso está na especificidade da formação, no qual dos 73% dos trabalhadores presentes nas redações tinham um diploma superior, enquanto 10% disseram ter apenas o ensino médio e 5,1% estudo superior incompleto. Vale destacar os 14,2% com um diploma de mestre, o que segundo a autora “pode ser interpretado como um recurso para se qualificar frente a organizações de mídia ou mesmo acadêmicas de modo a se habilitar a empregos nos dois setores, de mídia e de ensino” (MOREIRA, 2016, p. 42).

Ao contrário da pesquisa de 2012, o *Worlds of Journalism Studies* no Brasil também indica uma diminuição no número de mulheres nas redações com 49,2%. No caso das condições salariais “53,2 % dos entrevistados declararam receber entre USD 466 e USD 1,552 mensais, enquanto 19,7 % dos entrevistados recebem entre USD 1,553 e USD 2,484 e 13,3 % recebem entre USD 2,485 e USD 6,211” (MOREIRA, 2016, p. 44). A relação, de acordo com a pesquisa, é direta com a origem dos entrevistados em relação aos meios que trabalham: 45,7% em meios regionais e 35,4% em organizações de alcance nacional. Outra questão

interessante é de que os profissionais que atuam na televisão ganham mais do que aqueles que trabalham em rádio ou nos jornais impressos.

Os valores que são compartilhados pelos jornalistas e incidem na ideia de comunidades interpretativas que será tratado à frente são relacionados com a reputação da profissão e as instituições de confiança. Um exemplo disso está na credibilidade do jornalismo que para 57% dos entrevistados diminuiu razoavelmente, algo que ainda não é consensual, pois para 32,4% não houve alterações em termos de relevância e para 38,2% ela aumentou frente aos problemas sócio-políticos presentes nos últimos anos.

No mesmo sentido, a pesquisa entre jornalistas sobre as instituições em que mais confiam, o judiciário está presente em 49,5% no qual afirmavam ter ‘alguma confiança’. Com pouca ou nenhuma confiança estão o Congresso Nacional com 76,7% deles e os partidos políticos com 82,2%. Com pouca ou alguma confiança aparecem o governo federal com 77,6%, os sindicatos com 76,8%, polícia 71,5%. Os líderes religiosos (65,9%) e os militares (69,9%) lideram os índices quando os profissionais não têm qualquer confiança. Nesse caso, a incoerência está presente na formação da hierarquia da credibilidade (TRAQUINA, 2005b) e de que, mesmo com a confiança baixa nas instituições, elas seguem sendo majoritariamente as principais fontes selecionadas na construção das notícias (PINTO, 2000; SCHUDSON, 2003; NEVEU, 2006; CHAPARRO, 1994; SCHLESINGER, 1992; MOLOTCH e LESTER, 1999; KISCHINHEVSKY e CHAGAS, 2017).

A auto-avaliação dos jornalistas também está presente nos destaques sobre a influência exercida por essas instituições. Para os entrevistados instituições como militares/polícia (71,3%), representantes de governos (69,9%), políticos (63,1%) e religião (61,4%) exercem pouca ou nenhuma influência nas redações. A ética é considerada extremamente influente por 48,8%, bem como o acesso a dados públicos tem 65,7%, os constrangimentos e limites de tempo com 64,3% e os recursos disponíveis para 49,7% dos entrevistados (MOREIRA, 2016).

Com base nos dados apresentados anteriormente é possível realizar algumas questões sobre os valores e fundamentos que o jornalismo já defendeu e que, pelo conjunto de transformações tecnológicas, econômicas e sociais, vem mudando nos últimos anos. A relação de confiança baixa frente às instituições como apontaram os jornalistas na *Worlds of Journalism Studies* (MOREIRA, 2016) podem até reforçar uma ideia contínua e normativa de independência ou *watchdog*, mas geram ainda mais dúvidas sobre o que pensam os jornalistas e como atuam diante de diferentes pressões na redação.

Em um primeiro momento, é preciso seguir o que afirma Barbie Zelizer (2004) ao contextualizar a ideia de comunidades interpretativas do jornalismo, em que não há um consenso sobre o conceito de jornalismo. Há sim, o debate sobre um ou vários fenômenos proporcionados pela área em que o conhecimento é compartilhado de forma padronizada, resultando na ideia de uma comunidade interpretativa. O conceito, que surgiu em 1993 e foi publicado em português em 2000³⁷, evidencia valores partilhados pelos integrantes, localizando nas pessoas, instituições e organizações, unidades de análise possíveis para entender a profissão.

No caso dos estudos de jornalismo, o desenvolvimento de comunidades interpretativas se dá por diferentes caminhos e visões ao longo do tempo, sejam elas a dos jornalistas, dos professores da área ou dos pesquisadores. Zelizer (2004) traça uma linha do tempo que visa analisar como cada período histórico contribuiu para a entrada do jornalismo no campo acadêmico e a formação de alguns valores compartilhados. Em 1900, por exemplo, a autora destaca a importância do desmembramento, nos Estados Unidos, dos departamentos de inglês tendo reconhecimento como ensino de jornalismo com currículo humanista que se expandiu para a ética e a história.

Já em 1927, na Universidade de Wisconsin, o desenvolvimento do currículo de jornalismo com um corpo sistemático de conhecimento por Willard Bleyer contribuiu para uma orientação de pesquisa em conjunto com as então novas ciências sociais. Já Robert Park em 1930 na Universidade de Chicago foi quem implementou diferentes estudos da área do jornalismo na escola de etnografia urbana sendo mais uma tentativa de abordar estudo acadêmico sobre a construção das notícias. Em 1942, Wilbur Schramm levou os estudos de jornalismo nos Estados Unidos para as ciências sociais juntamente com Paul Lazarsfeld em sociologia, Lasswell em Ciência Política e Hovland em Psicologia Social “na qual questões de produção, influência, efeitos e estrutura tornaram-se pontos focais” e ainda, segundo Zelizer (2004, p. 17), “pesquisas começaram a pensar sobre como situar os jornalistas em uma rede de motivações, agendas e interações, como um grupo com relações sistemáticas, e como situar a seleção de notícias em um mundo repleto de pressão dos colegas, recompensas e punições”.

Ao longo desse enquadramento oriundo da história, antropologia, sociologia e psicologia social, é importante destacar que o próprio termo foi mudando com o passar do tempo, retirando do profissional a visão do “boêmio com faro para a notícia” para alguém

³⁷ Texto disponível em: ZELIZER, B. “Os jornalistas como comunidade interpretativa”. Traquina, N. (org.) *Jornalismo 2000*. Revista de Comunicação e Linguagens. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, n.27, fevereiro de 2000, p.50-65.

com uma rotina que possui um tempo a cumprir na produção das notícias: “embora o termo ‘jornalistas’ significa mais diretamente os trabalhadores de notícias em si mesmos, ‘jornalismo’ refere-se à ação que têm vindo a ser associado com o trabalho notícia” (ZELIZER, 2004, p. 22). Essa noção oferece não somente a ideia de contação de histórias ou comentários, mas também no conceito de notícias como informações com interesse coletivo compartilhado por grande parte do público. Algo como o contrato fiduciário no profissionalismo jornalístico debatido por Alsina (2009), o qual discutiremos à frente.

Esse reconhecimento do público sobre a importância das notícias delegam aos produtores delas, os jornalistas uma função de quem seleciona aquilo que deveria ser de interesse da coletividade. Por mais que alguns autores defendam o fim desse monopólio de seleção com o desenvolvimento da internet, as estratégias de procura pelos meios continuam em determinadas situações, principalmente no que concerne à valorização do conceito de notícia e seus valores (TRAQUINA, 2005a; 2005b). A dificuldade em dizer o que torna um acontecimento em uma notícia é, para Zelizer (2004) um dos termos mais discutidos na literatura pela falta de consenso em uma definição do conceito. Respostas como “notícia é o que o editor diz que é”, “notícias é o que vai vender jornais”, “notícias é o que levanta as sobrancelhas” são mostras da interiorização de valores e ao mesmo tempo, partes da falta de consenso em torno dele.

Segundo Zelizer (2004), o mesmo viés está presente ao relacionar a forma com que os jornalistas falam sobre o jornalismo em que destacam a valoração da comunidade como uma autoridade interpretativa na produção das notícias: I) o sexto sentido para discussões sociais, o faro para a notícia que possuem os profissionais da área; II) a notícia como fenômeno com volume, materialidade, dimensão, profundidade e complexidade, ou seja, nessa perspectiva o jornalismo deve “conter as novidades do dia” em sua profundidade necessária; III) o jornalismo como um espelho da realidade objetiva do mundo real e a noção de objetividade ao abordar as notícias como uma lente sobre o mundo; IV) o jornalismo como uma criança no qual os jornalistas são guardiões da notícia e possuem a habilidade de atender, supervisionar e cuidar das fragilidades da profissão; V) por fim, o jornalismo como serviço e o interesse público em conjunto com as necessidades da cidadania: “A noção permeia a linguagem que os jornalistas usam ao referenciar o jornalismo quanto à profissão e à comunidade: serviço de notícias, agências de notícias, notícias como sendo de interesse geral e representante jornalística do público” (ZELIZER, 2004, p. 32).

Como destaca a própria autora, a experimentação do ofício se dá por diferentes formas e vem sofrendo sucessivas alterações pela sua natureza em constante mudança. Nesse sentido,

para contrastar a visão dos próprios jornalistas, a literatura acadêmica trata o jornalismo em diferentes âmbitos: como uma profissão, como uma instituição, como um texto, como pessoas e como conjunto de práticas. Portanto, como fruto da discussão sobre as comunidades interpretativas no jornalismo e sua relação com a seleção das fontes no radiojornalismo, pretendemos debater os âmbitos da profissão, instituição, conjunto de práticas e pessoas.

A comunidade interpretativa, por meio dos pesquisadores, chega a rejeitar o profissionalismo como uma forma de pensar a autoridade jornalística, mas inclui diferentes normas, valores e práticas ou até mesmo como forma de salvaguarda contra problemas e contravenções. A instituição se faz presente ao reconhecer a característica do jornalismo com privilégios sociais, políticos, econômicos e culturais visto como um fenômeno que busca “exercer o poder, moldar a opinião pública e controlar a distribuição de recursos informativos ou simbólicos na sociedade” (ZELIZER, 2004, p. 36).

O conjunto de práticas, para Zelizer (2004, p. 42), entra no ato de visualizar a identidade do jornalismo em referências como “receber a notícia, escrever a notícia, *breaking news*, *making news*, formas de produção da notícia, práticas de redação” que, por sua vez diante dos diversos tipos de fontes e sua profissionalização tem provocado mudanças nessas práticas. Reconhecer um campo tão difuso e complexo como pessoas que trabalham como jornalistas marca um desacordo sobre quem é o profissional, como foi visto nas pesquisas que resultaram no Perfil do Jornalista Brasileiro e nos dados da *Worlds of Journalism Studies* e a tecnicidade do trabalho jornalístico em meio a sucessivas crises.

Por outro lado, seguindo a discussão com os dados empíricos, os avanços de pesquisas como as utilizadas acima demonstram também um campo fértil de debates sobre o estágio atual do jornalismo. O exemplo que buscamos aprofundar, no caso da seleção das fontes, reflete justamente um dos âmbitos pelos quais mais passam informações que afetam o conjunto da sociedade. O estabelecimento democrático e a força das instituições na hierarquia da credibilidade considerada por quem está na redação são partes de um processo pelo qual passam muitas vezes informações duvidosas e até mesmo mentiras, como demonstrou Chaparro (1994) no caso João Havelange no início da “Pragmática do Jornalismo”. A autoridade jornalística que o profissional enquanto portador de uma ideologia formada pelos sistemas de crença compartilhados na comunidade torna-se duvidosa, mas continua com força perante à instituição que forma o jornalismo.

Para Traquina (2005a, p. 20), o campo jornalístico confere aos profissionais um saber que os outros não possuem e dá a eles um espaço social estruturado que diferencia-se de outras relações sociais: “À medida que o tempo passa, o grupo especializa-se e os seus

membros tornam-se verdadeiros ‘profissionais’ que têm que dominar uma linguagem específica”. Segundo ele, essa ideia começou a ganhar corpo durante o século XIX quando as notícias tornaram-se um serviço e o jornalismo um negócio levando à busca pela autonomia e um estatuto social por parte dos profissionais.

Nesse sentido estabelece-se uma ideologia do profissionalismo que, como propõe Traquina (2005a, p. 22), agrega o sistema de crenças compartilhados na comunidade interpretativa com uma relação proporcionada pelos seguintes fatores: a) independência e autoridade que conduzem a uma “identidade profissional” com definições de papéis, expectativas na execução desse papel, solidariedade de grupo, linguagem específica, estilos de pensamento e resposta em situações comuns; b) a ideia de portador com a existência de auto-interesses nas formas de contar as “estórias”; c) a emergência do grupo com funções sociais com valores compartilhados como “repórter neutro de acontecimentos” ou “guardião da democracia”.

O argumento de pertença a uma comunidade surge na d) formação de grupos organizados que expressam nas notícias o ethos especializado do conjunto de profissionais; e por fim, e) a criação de uma cultura noticiosa como atributo mais importante da profissão na partilha de valores, crenças básicas, normas, guias de comportamento e símbolos. Todas essas relações proporcionam, segundo o autor, a constituição da “comunidade interpretativa”, que prefere chamar de tribo jornalística. A preferência do autor segue o sentido metafórico utilizado por Michel Maffessoli e não carrega diferenças do conceito de Zelizer (2004, p. 35), enquanto “grupo reunido por interpretações partilhadas da realidade”.

Além de partilhar crenças, Traquina (2005a, p. 36) destaca que os jornalistas olham o mundo a partir das mesmas lentes em diferentes países, o que levaria à ideia de uma comunidade interpretativa transnacional: “A vasta cultura profissional dos jornalistas fornece um modo de ser/estar, um modo de agir, um modo de falar, e um modo de ver o mundo”. Mesmo em diferentes partes do globo, relações com o tempo, valores, forças do mercado, constrangimentos organizacionais permanecem como atributos de influência na produção das notícias, como apresenta no estudo sobre a cobertura noticiosa da AIDS.

Na hipótese defendida pelo autor, os jornalistas compartilham de forma transnacional valores e crenças que estão presentes inclusive nos problemas cotidianos do trabalho jornalístico. O imediatismo surge do fator tempo que faz parte de toda uma ideia apresentada pela sucessão dos acontecimentos em uma cobertura. Exemplo disso está na busca incessante pelo tempo real, o ao vivo no radiojornalismo e a interação com ouvintes para suprir a falta de informações que possam ser buscadas em uma redação. Mesmo diante disso, outra

característica que segue a ideia de que as “notícias são vistas como um ‘bem altamente precíval’, valorizando a velocidade” é a defesa de que os jornalistas possuem a competência profissional específica de dominar o “tempo e não ser vítima dele” (TRAQUINA, 2005a, p. 40).

Nesse ponto está inserido o marco específico da concentração, foco e prioridade dada às notícias: “não é de estranhar que o verdadeiro teste de competência profissional resida na capacidade de o jornalista deixar de ser vitimado pela cadência frenética imposta pelas horas de fechamento e passar a controlar o tempo” (TRAQUINA, 2005a, p. 41). Todas essas crenças e características das redações se somam aos poderes fundamentais de seleção e construção da notícia, na escolha das fontes e na busca por reafirmar critérios comuns no contexto, na importância e interesse, ou valores que envolvem a notoriedade do ator, pessoas da elite, personalização, credibilidade e impacto.

Entre os mitos ou elementos que são defendidos pela cultura profissional e estão nos discursos de jornalistas em diferentes momentos da história, a dedicação total à a profissão é uma delas. O sacrifício, as horas após o expediente, a ausência da família, surgem como valores quase em uma narrativa heroica, mas que como destaca Traquina (2005a, p. 53) possuem efeitos nocivos como “problemas de saúde, casamentos desfeitos, família adiada, economias fracas e ausência da vida privada”. A notícia como um valor absoluto frente à própria vida é outro elemento ao lado da busca pelo furo como prazer do conquistador, porém cada vez mais difícil com a profissionalização de fontes e agentes. Por fim, ainda é possível destacar a profissão como aventura na figura do repórter que sai em busca das notícias enfrentando a tudo e a todos, ou então o detetive que procura a verdade, e até mesmo o caçador “que fura as aparências, revela a verdade, caça a presa” (TRAQUINA, 2005a, p. 58).

São valores contínuos e compartilhados, porém já sob suspeita como é o caso do repórter que não sai mais em busca das notícias e trabalha mais sentado em uma redação fazendo a curadoria das informações do que necessariamente entrevistando e buscando o furo (NEVEU, 2006; PEREIRA, 2004). Da mesma forma a independência jornalística que faz os profissionais cada vez mais dependentes de setores externos à redação na produção e construção das notícias com a revolução das fontes (CHAPARRO, 1994). É certo, contudo, que a permanência de valores é fruto da formação de comunidade, ou de tribo, que permanecem ativas no reconhecimento profissional em estudos comparativos como do Perfil do Jornalista Brasileiro e mais explicitamente no *Worlds of Journalism Studies* e nos estudos comparativos internacionais de Traquina (2005a) no caso do Dia Mundial da Aids.

Nos estudos dos anos 1990 “Media e Democracia” apresentados por Traquina (2005a) já reverberavam questões como “fornecer informação”, “descobrir problemas”, “vigiar o governo” e “informar o público”. Por mais que os profissionais dos EUA, Reino Unido, Alemanha, Itália e Suécia dessem importância ao “exame rigoroso dos dois lados em uma disputa” não necessariamente pensavam o seu trabalho como “meio de expressão dos grupos e pessoas”, relacionadas diretamente com a possibilidade de ouvir diferentes vozes na construção das notícias. Algo que demonstra e reforça o argumento do autor de que a profissionalização ainda não está completa e desenvolve-se de forma distinta em diferentes países, bem como é atacada pelas mais variadas influências, seja dos padrões ou da situação econômica que impede melhores condições de trabalho.

Esses valores, como reforça, reafirmam a ideia de uma cultura noticiosa ou cultura jornalística que compartilha mitos, ideais, critérios de noticiabilidade entre diferentes países: “o processo de profissionalização levou à formação de uma panóplia de mitos que constituem o núcleo de toda uma cultura profissional, que defendemos, é partilhada por uma ‘comunidade interpretativa transnacional’” (TRAQUINA, 2005a, p. 189). Essa relação social contribui para o contrato fiduciário destacado por Alsina (2009) na ideia de que quanto mais difundidos e respeitados socialmente, mais a sociedade confia aos jornalistas a função de abastecer o público com notícias “objetivas e imparciais”.

Em outro caminho, os fatores que fazem perceber o ser profissional passam por diferentes tensões, sejam elas de uma dita “crise” mais econômica estrutural do que do jornalismo ou então dos problemas oriundos da convergência que atingiu todas as etapas de produção noticiosa nas últimas duas décadas. A visão de Traquina (2005a) também é corroborada por Alsina (2009) ao distribuir os estudos sobre o profissionalismo ao longo da história em três formas de ver a presença dos jornalistas nas redações: a funcionalista, a crítica e a interpretativa. A primeira defende a ideia que o profissional cumpre uma função social de selecionar os acontecimentos com seus critérios e transformá-las em notícias; a segunda destaca o papel político e manipulador que possuem os jornalistas; e a terceira analisa a atual situação limitando-se a estudá-la em seus fenômenos.

Outro ponto é que a visão sobre o jornalista mudou ao longo do tempo nos estudos da área: a) o selecionador no papel do gatekeeper com funções primeiramente individuais na seleção da notícia como apontou White (1999) e depois estruturais destacadas por Snider (1967); b) o defensor (*advocate*) que possui intenção na atividade comunicativa dentro de uma coletividade, o que politiza a atividade; e por fim, c) o produtor da realidade social, que

nos interessa e permite analisar o contexto em que o profissional está inserido, as pressões e que foge da tecnicidade enquanto simples serviço funcional (ALSINA, 2009).

A partilha de uma cultura noticiosa enquanto tribo ou comunidade interpretativa também possui uma relação direta com a construção social da realidade a partir da a) institucionalização do papel jornalístico; b) da objetivação do segundo grau do processo; e c) da publicação como sinônimo de sucesso no cotidiano jornalístico. No primeiro caso, Alsina (2009, p. 231) destaca que o ato de “fazer saber” do jornalista propõe um “contrato pragmático fiduciário, que tem a pretensão de que acreditemos que o que os meios de comunicação dizem, é verdade, e ao mesmo tempo nos propõem que confiemos no discurso informativo desses meios”.

Com a profissionalização, a institucionalização do jornalismo nos séculos XIX e XX, o jornalismo possui um status quo específico com escolas de formação e bases intelectuais destacadas por Zelizer (2004) como a sociologia e a história. Por isso a importância que, mesmo com o surgimento de alternativas comunicacionais, a produção noticiosa não deixa de ser o centro de uma procura informativa em diversos momentos do cotidiano. Dessa forma, o segundo ponto relacionado à objetivação de segundo grau do processo relaciona-se com a presença de outras construções da realidade, no qual, o “profissionalismo jornalístico possui a capacidade de re-categorizar sócio cognitivamente os acontecimentos das notícias” e constrói esquemas de realidade, mas não se sobrepõe a outros já adquiridos socialmente em instituições anteriores ao próprio jornalismo, como a religião ou o judiciário, por exemplo (ALSINA, 2009, p. 233). Por fim, o último ponto apenas reflete o fato de que o trabalho jornalístico só se completa quando é publicado, vai ao ar ou é postado na internet. É com a divulgação da notícia que o profissionalismo vem à tona na comunidade interpretativa.

A rede noticiosa que destaca Tuchman (1983) e tratada no Capítulo 2, também se relacionada diretamente com a ideia de profissionalização como proteção entre grupo, no qual os jornalistas compartilham valores para se proteger inclusive contra os próprios erros diante de críticas a agentes poderosos e legitimados. A autonomia da seleção de fontes, fatos e outras vozes que compreendem a produção da notícia é outra defesa que permeia a institucionalização do jornalismo das redações frente a diferentes pressões existentes na atualidade. Neveu (2006) faz essa crítica diante da fragilização dessa noção de instituição e ao mesmo tempo a flexibilidade existente no acesso à profissão no que condiz a portabilidade de um diploma para trabalhar na área, no caso francês. Para o autor, uma cultura ética profissional baseada nessa flexibilidade possui problemas e limites como a “fragmentação

crecente do meio” exemplificado nas diferenças de interesse entre jornalistas que trabalham em grandes redações e um *freelancer*.

Dessa forma o autor concorda com o conceito de Denis Ruellan (2017) de profissão de fronteira, na qual há uma faixa móvel entre os que exercem a profissão e aqueles que, por uma “dimensão mimética de certos aprendizados do jornalismo” fazem parte desse conjunto. Segundo Neveu (2006, p. 40) as diferentes denominações que surgiram ao longo das últimas décadas na comunicação organizacional, jornalismo de marca e o trabalho para as fontes confundem a imagem que se tem do jornalismo. Por outro lado, como destaca Zelizer (2014) é preciso olhar o jornalismo na sua multiplicidade e considerar o fato de que pelo menos três terços dos formados na área hoje não estão em redações tradicionais. É importante considerar, no entanto, o argumento do autor no qual “o caos na oferta de informação atual pode devolver sentido à necessidade de uma forma de certificado de garantia para o profissionalismo dos jornalistas”.

Ainda que a convergência em conjunto com a internet e a configuração multimídia a que o radiojornalismo tenha sido exposto como os conceitos de rádio expandido e hipermediático, convém destacar também as mudanças e problemas oriundos no âmbito profissional (SALAVERRÍA e GARCÍA AVILÉS, 2008). Inúmeras pesquisas já mostram as transformações no perfil do jornalista, agora incumbido de acumular tarefas, posições e linguagens no seu cotidiano, já com o reconhecimento de uma profissão fragilizada por diferentes constrangimentos que até mesmo colocam sob questão o monopólio da atividade (SILVA, PEREIRA e RIBEIRO, 2013). Em cenário marcado pelo acirramento em relação ao emprego, é imposto ao profissional o desenvolvimento de diferentes habilidades e funções em uma redação que opta pela estratégia mercadológica de reduzir custos, diminuir o número de jornalistas e ampliar as atividades e materiais propostos.

No caso da pesquisa com o jornalista piauiense Efrém Ribeiro, a atuação ilustra esse comportamento que envolve o trabalho de uma pessoa para jornais impressos, emissoras de rádio e televisão e portais na internet: “essa prática tem a finalidade de suprir a demanda informativa surgida com os novos canais de distribuição do meio e é bastante incentivada por editores e pela administração” (SILVA, PEREIRA e RIBEIRO, 2013, p. 2013). Prática essa que mostra algumas revisões no tratamento histórico-social sobre o perfil até então estudado por Zelizer (2004) e Traquina (2005a) quanto à comunidade interpretativa. Além disso, há que se concordar que mesmo de formas diferentes, as mudanças interferem em diferentes países do mundo.

Na Espanha, Marques-Hayasaki, Roca-Cuberes e Casellas (2016) constatarem em uma revisão de literatura e entrevistas com 10 jornalistas, as mudanças das últimas décadas. A adaptação aos meios digitais em princípios dos anos 2000 e a aparição de meios nativos consolidam também na academia conceitos-chaves na hora de tratar o jornalista na atualidade como características profissionais que exigem o conhecimento sobre a hipertextualidade, mensagens multimídias, interação com a audiência, memória web, instantaneidade, personalização e ubiquidade. Vale destacar outros três pontos encontrados pelos pesquisadores: a) a multiculturalidade que exige uma maior diversidade étnica tanto entre profissionais como na abordagem, nas vozes que estão presentes nas mensagens; b) a mescla de informação e entretenimento, ou o infotainment; e c) o surgimento de um jornalismo online em transformação que tem na velocidade um produto que pode pôr em risco a credibilidade das informações.

A multiculturalidade torna-se uma tendência e ao mesmo tempo um desafio diante dos problemas enfrentados pelos jornalistas que assinalaram no caso da pesquisa do *Worlds of Journalism Studies* no Brasil que o tempo e a falta de estrutura influenciam no trabalho cotidiano de construção das notícias. Nas entrevistas com os 10 jornalistas espanhóis, Marques-Hayasaki, Roca-Cuberes e Casellas (2016) destacam o fato de que os profissionais afirmam que os perfis tradicionais não desapareceram em “absoluto”, mas há uma diminuição de algumas demandas não somente pela convergência, mas pela crise enfrentada pelo país entre 2008 e 2010.

Outra pesquisa significativa e também integrante do *Worlds of Journalism Studies*, Conde, Herrero-Jiménez e Montero (2008, p. 332) enviaram questionários a 390 jornalistas espanhóis entre março de 2014 e maio de 2015 para perceber quem são os jornalistas do país. Entre as principais características que se assemelham ao caso brasileiro estão as demissões que segundo a *Asociación de la Prensa de Madrid* (APM) chegou a 12.200 entre 2008 e 2015 além do fechamento de 375 veículos de comunicações: “La precariedad laboral, tanto en términos de salario como de condiciones laborales, se ha disparado”.

Ainda que as críticas de Alsina (2009), Traquina (2005a) e Zelizer (2004) se deem justamente à tecnicidade com que o perfil do jornalista é discutido, os resultados da pesquisa espanhola se mostram dentro desse parâmetro. Entre os entrevistados, 69,8% afirmaram que o uso de sistemas de busca na internet aumentou muito, bem como 87,4% respondeu que as habilidades técnicas aumentaram. O fator tempo se tornou um problema central no processo de construção das notícias e investigação das histórias principalmente nos meios privados que têm sofrido mais com as mudanças. Há que se perguntar o que é possível de fazer com menos

condições de trabalho, menos tempo e problemas nos recursos salariais ao mesmo tempo em que há uma exigência pela multiculturalidade, pela diversificação das vozes e entrada de novos agentes nos produtos jornalísticos.

Por fim, tomar o rumo da crítica realizada ao âmbito do profissionalismo não é exercer sobre a posição do jornalista o julgamento a quem deveria buscar uma série de normatividades, como a diversidade ou a independência. Torna-se necessário reconhecer o processo a que são submetidos, as influências e muitas vezes a falta de condições de trabalho a que são submetidos como é o caso da CBN de Ponta Grossa aqui analisada com apenas um profissional para produzir o programa local e dois terceirizados contratados. Seguimos o caminho de reconhecer a importância da discussão profissional sobre a seleção das fontes percebendo agentes submetidos a diferentes pressões em meio a transformações diárias na construção da notícia no cotidiano.

Nessa linha de pensamento, Ruellan (2017) fornece três momentos para perceber o ser profissional existente a partir de uma designação funcionalista que instrumentaliza socialmente o jornalismo a partir de um determinismo prévio. Para o autor, o discurso construído desde o iluminismo que cresceu após a Segunda Guerra Mundial fez com que a profissão ficasse entre aqueles que defendiam sua posição em função do *status quo* da sociedade e a sociologia crítica estruturalista que reforça a “mídia como ferramenta de dominação social”.

Para finalizar, levantamos os três momentos no qual o primeiro defende o jornalismo como um constructo histórico em constante mudança e que “existe por meio de suas relações, com seus colegas e padrões, com suas fontes, com os receptores de seu veículo” (RUELLAN, 2017, p. 8), ou seja, pelos laços que constrói na produção noticiosa, mas também pela cultura adquirida e compartilhada, a partir de um espaço que foi talhado historicamente. Algo que tem a ver com a formação do profissional, sua independência intelectual na construção do conhecimento, mas com o reconhecimento de que nasceu e se constitui em meio à literatura, sociologia, política e a história.

Para o autor, o jornalismo é um espaço de trabalho que define e estabelece sua especificidade ao longo da história com a exclusão do campo de formações discursivas concorrentes outorgando um papel simbólico aos profissionais nela inseridos. Essa identidade, não consensual e com tensões sobretudo no século XIX surge da visão funcionalista como uma proteção aos interesses da classe: “De fato, o funcionalismo estabelece que as profissões são atividades que possuem uma missão social; o seu acesso deve ser regulado por uma

organização que reside principalmente na decisão dos pares, bem como princípios como a formação inicial e a adesão a uma deontologia” (RUELLAN, 2017, p. 12).

Por fim, a defesa do autor centra-se no jornalismo como uma ordem subjetivada com o estabelecimento de uma ordem e de uma identidade coletiva que “visa impor e perenizar uma representação de mundo que estabelece relações sociais no âmbito das relações de força simbólica” (RUELLAN, 2017, p. 15). Mesmo não sendo uma ordem fixa e uma zona de fronteiras, como também destaca Neveu (2006), ela é imposta pelos indivíduos que dela participam e compartilham a autoridade sobre o discurso informativo. Pensar dessa forma, nos fornece bases para entender a formação da comunidade interpretativa, os valores e crenças compartilhados e como ela se coloca diante dos desafios políticos, sociais, econômicos e técnicos da atualidade.

Não se pode pensar um jornalismo que foge totalmente ao que já foi ou defendeu a até duas décadas atrás somente pela imposição do multitarefa e da convergência digital. A ascensão de diferentes perfis, do profissional sentado (vide Capítulo 2) e de fontes cada vez mais profissionalizadas impactam com novos cenários midiáticos. Um dos mais afetados é o rádio, que expandido e hipermidiático, passa pelas mazelas impostas ao processo de construção das notícias na atualidade. Dessa forma, é preciso entender como a formação desses valores são compartilhados de forma específica por esses profissionais diante de mudanças, de uma linguagem própria, de uma formação que também atribui características a quem trabalha nas emissoras e até mesmo que as alterações estão impostas no cenário da multiplicidade da oferta.

3.2 Comunidade interpretativa no radiojornalismo

As transformações a que o rádio foi submetido ao longo da sua história demonstram a resiliência do meio em mais de 90 anos desde as primeiras experimentações entre 1910 e 1920 (FERRARETTO, 2017). Quem, obviamente, passou por constantes mudanças nesse processo foram os profissionais com a alteração de concepções sobre o meio, valores compartilhados pela comunidade informativa e as próprias dinâmicas de trabalho nos estúdios e redações radiofônicas. No contexto do Rádio Expandido e Hipermidiático o processo de construção da notícia sofre alterações substanciais também pelo impacto socioeconômico no qual estão inseridas as rotinas de produção jornalística como uma característica do newsmaking (TUCHMAN, 1983).

Pretende-se aqui, na continuidade do debate sobre comunidades interpretativas no jornalismo estabelecer uma relação com as alterações no mercado e no perfil também do profissional radiofônico, suas especificidades no campo informativo e, sobretudo, os valores que estão em debate nesse momento. Como destacou Kischinhevsky (2008, p. 2) no final da década passada, o rádio no mundo todo passa por uma reordenação produtiva com pressão por cortes de custo e a indiscriminação na automatização no qual “programadores, operadores da área técnica, arquivistas, repórteres e até locutores vêm perdendo espaço nas emissoras que informatizaram suas operações”.

Tão intensa é a relação entre a automatização e informação entre o final dos anos 1990 e anos 2000, que o comunicador radiofônico possui hoje uma série de desafios em meio a multimídia exigida também pela multifunção e a permanência na redação. Os cortes de custos que influenciam diretamente nas demissões, como já destacado, influenciam no baixo número de profissionais diplomados atuando no rádio. Segundo Sant’Anna (2008) em 2004, 5,28% da mão de obra com carteira assinada no Brasil atuava no radiojornalismo. Os dados se tornaram ainda mais difíceis de serem contabilizados com a crescente “pejotização” do mercado da comunicação e que aceleram desde a sanção da Reforma Trabalhista pelo presidente Michel Temer (MDB) em julho de 2017 e a autorização da terceirização irrestrita em agosto de 2018 pelo Supremo Tribunal Federal.

Há que se considerar, no entanto, que segundo a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão³⁸ o setor gerava em 2012, 65 mil empregos diretos com uma média de 15 funcionários, na qual 25% das emissoras analisadas possuem mais empregados que esse número. Os dados da pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas em 2008 para a Abert ainda revelam que a maior parte das receitas são oriundas do comércio varejista (45%) e salário médio à época no jornalismo era de R\$ 1666,13. A formação dos profissionais envolvidos é majoritariamente com ensino médio incompleto com 44,3% enquanto o superior completo possui 11,9% e incompleto 24,6%.

Os dados demonstram a especificidade do rádio como um dos meios mais multidisciplinares na comunicação formada por jornalistas, mas também por locutores, radialistas e repórteres que possuem como funções a locução noticiária e informativa como uma de suas atribuições no cotidiano de emissoras locais e regionais. Segundo Ferraretto (2010, p. 549-550), o comunicador radiofônico é um “elemento diferencial mais significativo da passagem do rádio que preponderava a difusão para a segmentação” no qual o âncora no

³⁸ Dados disponíveis em: <https://www.abert.org.br/web/index.php/bibliotecas/2013-05-22-13-32-13/item/pesquisa-sobre-radio-no-brasil-brasil>

radiojornalismo “deixa de ser apenas uma voz a fazer perguntas, tornando-se alguém a conduzir com personalidade própria, o programa e a garantir uma determinada linha editorial”.

Esses são alguns dos valores atribuídos a papéis que envolvem o radiojornalista nas funções de âncora, repórter, produtor, editor entre as mais variadas formas de trabalho na atualidade. A diminuição no número de profissionais no acirramento dos processos de convergência nas emissoras incide diretamente sobre a rotina desempenhada nesses espaços. Os valores e considerações sobre o papel, a função ou o que deve fazer o profissional atualmente carregam uma série de normatividades no âmbito da credibilidade, objetividade, apuração dos fatos, velocidade na apuração e no multitarefa.

Nesse sentido cabe uma reflexão sobre os momentos vividos pela profissionalização ao longo de sua história nos mesmos moldes em que abordamos a história do radiojornalismo no Capítulo 2 “As tecnologias e a consolidação do radiojornalismo”. Buscamos nesse sentido abordar a partilha de valores no radiojornalismo como algo inserido na concepção de comunidades interpretativas de Zelizer (2004) ou tribo jornalística de Traquina (2005a) no sentido de aprofundar as relações entre aspectos normativos e trabalhistas da profissão e por fim, na relação com as fontes.

Na concepção da história do radiojornalismo, segundo Ferraretto (2012), abordamos as fases do profissionalismo nos âmbitos da a) implantação, b) difusão, c) segmentação e d) convergência ou fase da multiplicidade da oferta. É preciso considerar que cada momento histórico impacta diretamente nas tecnologias do meio e, sobretudo, nas relações profissionais de quem constrói esse meio no cotidiano. Nessa ótica, o papel dos responsáveis pelo produto informativo ao longo da história também está ligado à construção da diversidade, à seleção das fontes na construção da notícia e ao conjunto de parâmetros que define o perfil do jornalista radiofônico até a atualidade.

O autor utiliza o modelo de compreensão do conteúdo televisivo de François Jost para analisar o modo autenticamente no comunicador radiofônico ao longo da história. Na fase da implantação (1910-1930/40), por exemplo, Ferraretto (2014, p. 69) destaca a difusão cultural predominada pelos valores burgueses, no associativismo da elite, o teor erudito e na ainda concepção pré-republicana do bacharel como referência intelectual. A leitura de peças literárias foi apenas o precursor para o *gillette-press* do pioneiro Roquette-Pinto no Jornal da Manhã na Rádio Sociedade em 1923.

É possível considerar que os principais valores que permeiam os profissionais do meio à época eram do mestre de cerimônia, papel desempenhado por presidentes das entidades que

formavam os clubes de rádio, um convidado especial ou diretor de um órgão de representação. O estilo era “oratório - uma peroração adjetivada - e poderia vir a partir de um texto escrito”, destaca Ferraretto (2014, p. 71). A leitura dos jornais nos informativos dá espaço para a figura do speaker que logo depois é traduzida para locutor como denominação para quem atuava nesse sentido.

É na fase da difusão (1930-1960) que o perfil profissional do radiojornalista como conhecemos hoje tem os seus primeiros passos em três fatores: I) a regulamentação legal por meio do Decreto Lei nº 910, de 30 de novembro de 1938 que dispõe sobre o regime de trabalho em empresas jornalísticas; II) o Repórter Esso com a utilização pela primeira vez de um manual de produção textual considerando as especificidades do rádio; e III) a invenção do transistor que fez com que o repórter fosse às ruas na busca pelas notícias.

A “testemunha ocular da história” como se autodenominava introduziu no radiojornalismo brasileiro uma série de valores até então pouco discutidos ou permeados pela repressão do Estado Novo de 1930 a 1945. Questões como a ausência de opinião, se restringir aos fatos, dinamicidade, lide, exatidão, aparentar imparcialidade, tempo exato são exemplos que surgem e são utilizados pela nova concepção (KLÖCKNER, 2011b). Logo na sequência, a transistorização que terá um impacto ainda maior na década de 1960 no Brasil possibilita a escuta individualizada e a ascensão da figura do repórter nas ruas, fora das redações e no local dos acontecimentos com unidades móveis exemplificadas no caso da Continental do Rio de Janeiro.

Na fase da segmentação (1950 até início do século XXI), Ferraretto (2014, p. 75) argumenta que as produções informativas exploram “o interesse do ouvinte em relação aos fatos, beneficiando-se da abertura política e concentrando-se no público adulto das classes A e B, e com acesso ao ensino médio e/ou superior”. Porém, vale destacar que como apresentado pela história de emissoras como a Continental e Jornal do Brasil AM do Rio de Janeiro, os radiojornalistas mudam suas estratégias e têm no local dos acontecimentos valor intrínseco já nos anos 1950. A presença na rua no caso da cobertura de uma série de fatos por meio de telefones públicos ou fixos demonstra o crescimento de departamentos de jornalismo, de unidades móveis e da imediaticidade como algo intangível ao radiojornalismo (BESPALHOK, 2011).

Segundo Ferrarreto (2014, p. 226) se no final da década de 1980 o repórter estava no palco das ações onde coletava as informações e entrava ao vivo ou enviava dados que seriam transformados em notas, notícias ou até mesmo reportagens, essa realidade é outra na fase da convergência (início do Século XXI até a atualidade). A tecnologia hoje passa dos gravadores

de fita, telefones fixos e unidades móveis em UHF para o celular e a transmissão de dados. No início dos anos 2010, o autor destaca que “as novas possibilidades tecnológicas trouxeram mais funções ao jornalista, já não sendo suficiente planejar a execução de sua pauta exclusivamente para o rádio e devendo esta ser pensada também para a internet e as mídias sociais”.

Por outro lado, a convergência também trouxe uma série de incertezas no âmbito trabalhista, com demissões e a diminuição do número de profissionais, baixos salários e a exigência ainda maior sobre velocidade e imediatividade na concorrência em uma produção em rádio expandido: “os profissionais, por sua vez, precisam compreender que as demandas do mercado alteraram-se e estão a exigir conhecimentos mais amplos e não restritos apenas ao ato de falar ao microfone” (FERRARETTO, 2014, p. 230).

No âmbito profissional da convergência, como parcela da discussão realizada por Salaverría e García Avilés (2008) junto a outros fatores como a tecnológica, empresarial e de conteúdos, Ferraretto e Kischinhevsky (2010, p. 177) salientam entre outras características uma realidade de submissão a regimes abusivos de plantão sem a devida compensação em folgas ou horas extras, acúmulo de funções em áreas técnicas e operativas, perda de empregos e automação: “Trabalhadores de áreas técnicas, como edição e operação de mesa de som, perdem seus empregos, enquanto repórteres são obrigados a editar as próprias reportagens diretamente no computador e apresentadores passam a comandar, no estúdio ao vivo, a entrada de comerciais, vinhetas e reportagens pré-gravadas”.

Rodrigues e Soares Júnior (2010, p. 426) ainda destacam que a mudança atingiu o repertório e o perfil do novo profissional do rádio que diante de problemas enfrentados nesse sentido precisa estar apto a trabalhar com outras mídias integradoras. No âmbito da formação, as novas tecnologias alteram a prática jornalística como um todo, segundo os autores, fazendo com que os futuros radialistas busquem “falar bem, fotografar bem e se relacionar satisfatoriamente com a imagem em movimento, tanto como o agente que captura essas imagens, como o ator que vai aparecer na frente das câmeras”.

Esses casos mudam consideravelmente a percepção dos profissionais sobre limites de tempo, dependência de agentes externos a redação no que condiz às fontes e até mesmo na percepção que se tem dos ouvintes como algo já definido na história do rádio informativo. Alvarez et al (2012) constatam justamente isso em uma pesquisa com questionários online a jornalistas espanhóis sobre as mudanças que os profissionais têm na imagem do público a partir da utilização do Twitter. Intitulada “*¿Quién soy yo y quién eres tú?*”, a pesquisa

apresenta resultados de um universo de 135 jornalistas de meios radiofônicos que utilizam as redes sociais no seu cotidiano.

A primeira mudança na comunidade interpretativa espanhola, no caso do rádio, está na necessidade de harmonizar contas pessoais e da empresa, na qual obriga o profissional a equilibrar proximidade e rigor informativo em suas publicações. Em outro caso, a maioria dos entrevistados (42,34%) afirmam que houve alterações no conceito de público que tinham e enxergam o ouvinte como um potencial colaborador na produção informativa frente à incapacidade de abranger a abundância de informações da atualidade. Algo que também já foi debatido mas que aparece na concepção da comunidade dos radiojornalistas está a influência nas rotinas de produção voltadas aos ouvintes independentemente de inovações que a empresa possa oferecer (ALVAREZ et al, 2012).

Mais recentemente, em uma pesquisa de 2016 na rotina de trabalho da CBN de Curitiba, Cerqueira (2017), a partir de entrevistas semi-estruturadas com os profissionais e uma observação sistemática, destaca as alterações em aspectos valorativos da comunidade interpretativa do rádio justamente como consequências da convergência e do rádio expandido. Entre as constatações da autora está o fato de que as transformações são percebidas pelos jornalistas como algo orgânico desse momento em decorrência de demissões. O acúmulo de funções, por exemplo, é citado como “tendência mercadológica”, uma oportunidade de aprendizado e um fenômeno natural, no qual quem não se adapta fica fora do mercado.

O próprio papel do jornalista nesse sentido ganha novos ares, mas que na fala dos jornalistas permanece com os mesmos ideais da comunidade interpretativa ao citar que o diferencial da notícia no rádio está na “veracidade, a credibilidade” e em checar antes de ir ao ar (CERQUEIRA, 2017, p. 82). Já a crítica a esse modelo é ponderada no fato de hoje, segundo outro profissional “o jornalismo não tem mais dúvida de nada, tem certeza de tudo”, o que seria equivocado segundo conta à pesquisadora. Algo que impacta também sobre a formação, pois na compreensão de uma das profissionais “você só aprende com quem sabe e com quem faz” como algo que permanece na categoria radiofônica no sentido utópico de que a prática se sobrepõe a teoria.

No caso dos conteúdos enviados pelos ouvintes, Cerqueira (2017) se assemelha a Alvarez et al. (2012) quanto à comodidade dos jornalistas em reconhecer que a convergência afasta “o repórter da rua e aproxima o ouvinte” (jornalista em entrevista a CERQUEIRA, 2017, P. 86). Outro caso que também impactou sobre o papel do repórter foram as mudanças tecnológicas que passam a se concentrar no celular que, entre as mais variadas funções, tem a possibilidade de gravar, editar, fazer imagens e entrar ao vivo na programação.

Outro valor que está presente na comunidade interpretativa e especialmente nos radiojornalistas desde a invenção do transistor é a imediatividade e a velocidade das informações que cresce na situação atual. A inexistência do furo, a chegada de demandas para publicação imediata e a distração proporcionada por aplicativos de interação com os ouvintes são exemplos apontados por Cerqueira (2017) que impactam diretamente no compartilhamento dos valores entre os profissionais. A autora ainda argumenta na dissertação a apreensão quanto a demissões cada vez maiores e intensas, o horário de trabalho desgastante para além das cinco horas diárias e em decorrência disso, o estresse e o alto número de doenças dos jornalistas da equipe.

Assim como apresentou a *Worlds of Journalism Studies* no Brasil em Moreira (2016), Cerqueira (2017, p. 124) afirma que a saída dos jornalistas para rotinas estressantes e com baixo salários tem sido a formação e a busca de novas oportunidades no mercado. Nesse sentido, com base nas discussões aqui pontuadas na comunidade interpretativa a autora ressalta que as “mudanças nas relações profissionais e produtivas acabam por modificar etapas de processos antes consolidados, que são relevantes na análise do newsmaking, considerando ocupar-se a teoria de compreender como a cultura profissional e os valores compartilhados determinam as decisões tomadas pelo meio”. Entre essas decisões está a volta da individualização cada vez maior na dependência de profissionais encerrados nas redações e em um processo que chama de “perspectivação do ethos do profissional” que possui no âmbito da convergência um dos principais fatores de alteração de rotinas e concepções de trabalho.

O ponto de vista dos profissionais torna-se interessante ao analisar que essas “tendências” como o tempo menor e a velocidade cada vez maior incidem sobre outros aspectos compartilhados pela comunidade interpretativa. Exemplo disso está na pesquisa realizada com diretores das principais cadeias de rádio da Espanha, Cadena SER e Cope por Armand Balsebre (1994) sobre a credibilidade no rádio informativo. Os dois entrevistados, então diretores de serviços informativos, Luis Fernández Fernández (Cadena SER) e José Julian Barriga Bravo (Cope) já colocavam entre os principais rigores exigidos na produção noticiosa, a atualidade e exatidão como essenciais na busca em ser credível. Questões como imparcialidade e verdade dos fatos foram relativizadas em respostas que destacam a importância de não adjetivar as notícias, fugir do sensacionalismo e exigir perfis abertos à multidisciplinaridade por parte de seus profissionais.

No conceito de rádio hipermediático, Lopez (2010, p. 110) argumenta que não há um padrão no processo de convergência e que variam de acordo com o meio de comunicação e as

decisões tomadas pelos grupos. Nesse sentido o profissionalismo é afetado pelas questões contextuais e multitarefas que mantém a sonoridade como sua espinha dorsal. Essa concepção é vista na fala do então diretor da CBN em São Paulo, Leonardo Stamillo à autora, no qual afirma que a internet não concorre com o rádio, mas torna-se “novo suporte que facilita a integração digital do rádio e a oferta de novos serviços que o meio não poderia oferecer antes”.

Os três níveis da convergência utilizados pela autora podem ser analisados não somente no âmbito das tecnologias, mas também no campo dos valores da comunidade interpretativa que se alteram nesse processo. O primeiro com a informatização das redações e a exigência do conhecimento dos profissionais na área na “edição digital de sons e textos” na busca pela agilidade na construção da notícia e o segundo nível com a tecnologização das diversas etapas, forçando o diálogo constante entre os profissionais da apuração, produção e transmissão. Já no terceiro nível a configuração do veículo é afetada e suas estratégias de linguagem com a figura do repórter multiplataforma (LOPEZ, 2010, p. 112).

Nesse sentido surgem novas demandas normativas na visão que se tem do radiojornalista, entre as quais, os “profissionais deste meio têm percebido que essas tecnologias são, na verdade, parte de um (novo) processo de revisão e de reestruturação do rádio” (LOPEZ, 2010, p. 114). Ou então de que o jornalista é “compelido a integrar essas novas dinâmicas, a compreender e utilizar as ferramentas com agilidade para, desta maneira, acompanhar seu ouvinte e as ferramentas que ele adota para consumir a informação” (LOPEZ, 2010, p. 125). No rádio hipermediático o papel e a noção do profissional tem como base a narrativa sonora, mas que “deve compreender a importância da construção de uma narrativa multimídia no jornalismo contemporâneo. E deve ter em mente que esta nova configuração altera a sua rotina de produção”.

Na abordagem sobre o Rádio Expandido como integrante da Fase da Multiplicidade da Oferta e imerso nas imposições da convergência, a análise de Kischinhevsky (2016a, p. 54) se aprofunda no sentido do acirramento profissional, no aumento da carga horária e a alta produtividade: “Repórteres de emissoras All News chegam a entrar no ar, num único dia, com até 30 notas curtas sobre crimes, trânsito e outros temas de interesse local, geralmente municiados pelos poderes públicos e suas máquinas de assessorias de comunicação”. Outro aspecto decorre da utilização crescente de plataformas de interação com a audiência e a necessidade de multiplicação de vozes, compreendendo o cenário radiofônico em diversas mídias, no qual o radiojornalista precisa compreender o meio como um “lugar de fala, de discursos em construção, de narrativas muitas vezes conflitantes”.

Assim, também é preciso ponderar que entre a partilha dos conceitos profissionais dos jornalistas nas emissoras estão noções de um rádio que vai além da plataforma tradicional e da utopia do dial infinito no estímulo ao “*make yourself*” do podcast, webrádios e da próprio envio de informações dos ouvintes para as emissoras. Segundo Kischinhevsky (2016a), no caso do radiojornalismo, o segmento precisa ir além do noticiário banal do cotidiano e investir no local, fugindo da dependência de setores profissionalizados como assessorias de imprensa e agências, algo que depende do investimento em pessoal, gestão competente e remuneração digna.

Nesse mesmo sentido, em que prevalece a dependência de setores externos à redação em agências, assessorias de imprensa e departamentos de comunicação o questionamento surge como algo natural diante da reflexão sobre a diminuição do número de profissionais e a ausência do palco dos acontecimentos. Valores normativos como objetividade, verdade, isenção são passíveis de questionamentos já realizados por inúmeros autores (GUERRA, 2008; MORETZSOHN, 2007). Mas como se fundamenta a dependência em relação aos setores profissionalizados com uma ampla gama de jornalistas atuando para as fontes em relação ao declínio nas redações tradicionais?

Cárcamo (2017) em uma entrevista com 20 jornalistas de rádio que cobrem a área da saúde na *Comunidad Del Puebla*, no México verifica essa tendência já amplamente discutida aqui. Em primeiro lugar há uma delimitação dos profissionais nas salas de redação que encaram essa situação como normalidade. Em segundo, possuem fontes fixas que proporcionam informação no seu cotidiano, não sendo necessário a busca do repórter, mas uma “curadoria” do que recebem de modo similar em três cidades analisadas. E em terceiro, quando o repórter visita um local, a busca é por assessores de imprensa de prefeituras municipais ou assessores de órgãos do governo na área.

Para o autor os próprios jornalistas assumem e se caracterizam como “decodificadores de informação e formadores de audiência” com dependência do que é enviado pelas fontes: “A maioria deles vê a si mesmo como mero estenógrafo (..) se veem como validadores de fontes” (CÁRCAMO, 2017, p. 217). A técnica de escrever como se fala foge ao percurso que segue o jornalismo desde sua base liberal-iluminista como fundante da democracia em que analisar os fatos na sua complexidade reconhecendo as múltiplas vozes presentes na sociedade é tarefa primordial na construção da notícia. Por outro lado, a relação com as fontes na comunidade interpretativa torna-se peça chave em nossa discussão no sentido de aprofundar e analisar no todo, as concepções da literatura entre o profissionalismo, sua noção de independência e os agentes diretos no processo de construção das notícias.

3.3 Comunidade interpretativa e as fontes

As discussões e valores que determinam a definição de fontes e os âmbitos da relação, seleção e diversificação de vozes no jornalismo é um interesse central da pesquisa ao destacar a importância desses agentes na formação da comunidade interpretativa e dos marcos profissionais como conhecemos. Como destaca Manning (2001, p. 149), a “interação entre fontes de notícias e organizações noticiosas envolve um processo de negociação, blefe e barganha, cujo resultado nunca pode ser previsto com absoluta certeza”. É nesse sentido, que a presença dos diferentes agentes sociais no imaginário profissional se torna um eixo central para refletir e discutir o papel dos jornalistas nos tempos atuais e, conseqüentemente, a seleção de vozes para as notícias. Os determinantes do debate, passam da presença destes no imaginário sócio-profissional construído, para os valores associados e compartilhados até a passividade e dependência em relação a setores profissionalizados e exteriores à redação.

O debate sobre o papel das fontes na comunidade interpretativa dos jornalistas é realizada também por Leal e Jácome (2013, p. 48) que oferecem dentro do conceito de Barbie Zelizer (2004), uma perspectiva de inserção desses agentes nos valores e modos de autenticação da realidade compartilhados entre os profissionais. A exclusividade da presença dos jornalistas na formulação dos conceitos tanto por Zelizer (2004), como por Traquina (2005a) deixa de abordar outros fatores importantes, na ótica dos autores, como as fontes, os leitores e as mídias noticiosas. Seguimos essa discussão ao compreender que as vozes selecionadas pelos profissionais das redações também são partes importantes do campo imaginário dos jornalistas, o que, em nosso entender, facilita a discussão sobre a própria abordagem de parâmetros interpretativos comuns.

A rede simbólica partilhada entre os jornalistas tem nas fontes um agente fundamental de formação profissional, seja na construção da ideia de objetividade ou no próprio status que traz o conhecimento com diferentes vozes hierárquicas na sociedade (TUCHMAN, 1983). Como agentes interessados nas notícias, seu papel passa da passividade para a proatividade, com ações estratégicas no campo jornalístico que se fundamentam nos problemas e formatos de trabalho dos profissionais na rotina estabelecida nas redações. Para Leal e Jácome (2013, p. 54) “tais agentes pressionam, regularizam e influenciam a atividade jornalística, estabelecendo não apenas procedimentos e rituais protocolares de contato, mas também se integrando à rede de trocas, parcerias, diálogos e confrontos pessoais e informais típicos da comunidade interpretativa”.

A proatividade dos agentes influencia nas ideias e mitos compartilhados, como aponta Traquina (2005a, p. 58) dentro das visões da tribo ou comunidade interpretativa dos jornalistas. O ideal do grande repórter, do caçador que vai em busca da notícia e que abarca toda a cultura profissional com a visão daquele que quer revelar a verdade contrasta com as rotinas que exercem com um “papel fulcral do desenvolvimento das relações com as fontes”. Com base em Philip Elliot, Traquina (2005a) concorda com o argumento de que o jornalismo se assemelha mais a uma agricultura sedentária no cultivo de determinadas relações já estabelecidas do que necessariamente a caça das rondas regulares a fontes de informação. Nesse caminho, a crítica à comunidade se dá no sentido da formação de uma ideia de heroísmo presente no “*watchdog*”, no poder do jornalismo ou como um profissional como figura dominante, que como veremos adiante, é impactado diretamente pelas configurações do mercado noticioso.

Isso se comprova na ideia de Tuchman (1983), na qual corrobora Traquina (2005a), de que os jornalistas constroem suas rotinas para impor a ordem no tempo e no espaço e assim processar o acontecimento enquanto matéria prima em notícia como produto final. A relação com as fontes em uma organização rotinizada organiza o sistema de repórteres, editores, produtores, chefes de reportagem e tantos outros para atingir um fim e controlar o *dead line* de que dispõem. Esse processo de fabricação, como denominam Schudson (2003) e Manning (2001), insere também a burocratização no acesso a determinadas vozes, impostas por questões como a hierarquia da credibilidade e a preferência histórica pelas elites como mais acessíveis à produção noticiosa (HALL et al, 1999; MANNING, 2001).

No mesmo sentido, Traquina (2005a, p. 120) aponta dois resultados dessa relação burocrática no profissionalismo jornalístico: “1) Nem todos os agentes sociais são iguais no seu acesso aos jornalistas, 2) as fontes oficiais são as fontes dominantes na produção de notícias”. Como já citados, Gans (1980), Schlesinger (1978) e Molotch e Lester (1999) seguem o mesmo parâmetro comprovando empiricamente as preferências decorrentes de canais de rotina controlados pelas fontes oficiais ou poderosas. A noção da dependência que se choca com questões valorativas incorporadas pela comunidade interpretativa como autonomia e objetividade ainda será trabalhada mais à frente.

No quesito profissional de ascensão reconhecido entre os pares da comunidade interpretativa, Tuchman (1983) sustenta que essa relação com a hierarquia não se faz presente somente na ideia da credibilidade, mas do status profissional que conseguem os jornalistas ao conhecer fontes com altas posições. Para ela, tanto os agentes como os profissionais das redações são dispostos hierarquicamente em níveis de importância e poder, o que confere uma

relação de troca desempenhada desde o início da profissão até o momento de maior experiência. Com o conhecimento e o estabelecimento de contatos “os jornalistas podem lograr os máximos resultados de sua capacidade para acumular uma notícia ou reportagem por dia e demonstrar assim, sua competência” (TUCHMAN, 1983, p. 81).

Porém, essa “linha de produção eletrônica”, que sugere Manning (2001) é permeada por uma série de constrangimentos já discutidos e geram conflitos entre as ideias e parâmetros interpretativos compartilhados pelos profissionais. Os próprios traços psicológicos de editores, de acordo com o autor, são afetados ao entender as organizações noticiosas como burocracias funcionais ou fábricas que seguem regras e práticas padronizadas para a produção de notícias. Por outro lado, é preciso compreender, como afirmam o próprio Manning (2001), Tuchman (1983) e Traquina (2005a), que a relação entre a imposição do mercado e das fontes e a produção de notícias favoráveis ao *status quo* não está dada. É uma relação negociada e que, em muitos casos, possui variáveis como a ascensão na carreira ou interesses entre fontes e os profissionais em seus distintos níveis de cobertura.

Outra abordagem nessa relação entre a comunidade interpretativa reconhecendo as fontes como agentes importantes nesse processo de construção social da realidade é a normatividade presente na ideia de um papel a ser seguido pelos jornalistas. A busca da pluralidade ou da diversidade, a sustentação ao discurso democrático que passam dos defensores do livre mercado para a liberdade de empresa pelos barões da mídia até os direitos e autonomia dos repórteres na busca pela notícia (MANNING, 2001). Algo que nem sempre está sob o controle das organizações, como vimos na discussão sobre o radiojornalismo e as especificidades do gatekeeper. Porém, Manning (2001, p. 33) com um olhar sobre o histórico processo de construção das notícias na Grã-Bretanha envolvido pelas políticas de Margaret Thatcher nos anos 1980 pontua que a sociologia das fontes é um aspecto fundamental para compreender as dinâmicas profissionais jornalísticas: “precisamos fazer perguntas sobre as estratégias dos meios de comunicação, as maneiras pelas quais as organizações mobilizam recursos materiais e simbólicos e a natureza das relações que podem ser estabelecidas entre os setores de comunicação das organizações e os jornalistas”.

O acesso é um dos fatores presentes nesse questionamento que não necessariamente aparece como um valor compartilhado ao reconhecer as diferenças entre uma fonte oficial e uma popular, nem mesmo o equilíbrio, a não ser na normatividade de ouvir mais de um lado de uma notícia. Carlson e Franklin (2011) destacam a preocupação sobre esse âmbito e o que chamam de mistura de vozes que não seguem uma regularidade entre os que falam e os que são silenciados. De acordo com os autores, tornar-se uma fonte é deter o poder de definir os

acontecimentos, fazer escolhas interpretativas e ter o poder de responder, competir ou fornecer uma visão e refutar outras.

O oficialismo presente na comunidade é colocado sob questão também por Amado (2016) nas tensões e disputas entre jornalistas e políticos como uma “relação marcada pela desconfiança”. Segundo a autora, os indicadores que utilizou na pesquisa *Journalistic Role Performance* analisando os setores mais confiáveis aos jornalistas e a análise de notícias em 2012 e 2013 na Argentina evidencia a incoerência entre o que é selecionado e o que acreditam ser mais confiável. Mesmo reconhecendo que os setores oficiais na visão dos profissionais carecem de confiança e de que a credibilidade das notícias diminuiu segundo 60% dos entrevistados em 2010, uma de cada três fontes de notícias gerais eram pertencentes ao Estado, funcionários ou políticos.

Na relação com as fontes, Amado (2016) sinaliza fatores que estão presentes na comunidade argentina como a utilização de sistemas de busca, que foi a principal forma de encontrar vozes para suas notícias em 96,7% das respostas, ao lado dos sites de redes sociais (93,6%) e o uso de conteúdos de terceiros com 85,2%. A ideia de Berkowitz e Beach (1993) de que a gestão das fontes reflete a estrutura de poder da sociedade é parte do cenário profissional nas formas de relação e seleção dos agentes e suas formas de controle informacional. Em uma investigação sobre a imprensa local espanhola, Pérez Curiel et al (2015) verificam a inconsistência entre a proximidade geográfica, a relevância social das fontes e o consenso social estabelecido entre os jornalistas sobre os valores notícias.

Influenciada pela crise de 2008 que culminou em inúmeras demissões e uma reorganização das redações, a comunidade interpretativa dos jornalistas da Espanha também compartilha valores ocidentais de parâmetros de identificação comuns. Um deles, central em nossa pesquisa, é a proximidade, a cobertura cotidiana e local dos acontecimentos e a seleção das fontes. Se esse aspecto poderia valorar as notícias e proporcionar uma maior profundidade na construção, não é o que acontece no caso apontado pelos autores. Para Pérez Curiel et al (2015, p. 102), “a possibilidade de estar em contato direto com as fontes favorece que os meios elaborem temas próprios, fundamentados em conteúdos de primeira mão e em muitos casos contando com a presença física dos jornalistas nos locais dos acontecimentos”. Porém, como assinalam na pesquisa com 591 notícias analisadas, 52,8% possuíam apenas uma fonte e 8,6% sem nenhuma identificação. A cobertura na rua teve apenas 38,2%, com 42% de notícias oriundas de convocatórias como coletivas e pronunciamentos e 40,7% delas produzidas na ótica do jornalismo sentado.

Ainda sobre a presença maciça das fontes oficiais e institucionais e seu papel na construção das notícias na relação formada com os jornalistas, Rotelli (2018, p. 76) identifica no conjunto de 3400 reportagens de quatro diários de temática nacional em 2013 na Argentina, que seis em cada 10 são fontes estatais ou oficializadas e apenas uma em cada 10, exercem o papel de setores sociais marginalizados. A conclusão do autor é de que “certas práticas jornalísticas (...) são comuns a jornalistas que escrevem sobre diferentes temáticas em diferentes meios de comunicação”. No que concerne a ausência de diversidade de perspectivas e importância a fontes oficiais, Rotelli (2018) destaca que isso não significa valorar o que os jornalistas fazem o contrário de seus ideais, mas colocar um marco de que cidadãos ainda não são credenciados como fontes e que não promovem suas perspectivas nas notícias.

Isso se volta ao modelo de responsabilidade social que analisa Manning (2001, p. 2) como algo que adentrou a comunidade interpretativa e “colocou a prática do jornalismo dentro de um quadro normativo que exigia dos jornais, o reconhecimento de obrigações para além do lucro”. O papel de educação, do desenvolvimento da democracia, de informar os cidadãos se vê em dificuldades em um modelo que priva dos jornalistas a abordagem mecânica e mercadológica até mesmo em organizações públicas como a BBC analisada pelo autor. A proposição de Carlson e Franklin (2011, p. 5) de que os “jornalistas procuram promover uma visão cultural das notícias como precisas, verificáveis, sistemáticas e independentes” ainda exclui vozes que não possuem a facilidade de oferecer essas mesmas características como as fontes poderosas ou profissionalizadas.

O pesquisador israelense Zvi Reich (2015) levanta esse questionamento colocando fatores que potencialmente dificultam a presença de cidadãos comuns como fontes ou potencialmente noticiosos. Segundo o autor, por mais que tenhamos um acesso às tecnologias de comunicação que favorecem a busca por novas vozes, trocas de mensagens instantâneas e outras tarefas possíveis, o advento de todos esses avanços não foram suficientes para reduzir a preferência tradicional dos jornalistas pelos setores oficiais ou profissionalizados. Para Reich (2011, p. 2416), o tratamento com indiferença e hostilidade, em muitos casos, decorre da falta de confiança a partir de três conjuntos de fatores:

a) Circunstancial: a busca pela autoridade profissional e na defesa de que “cidadãos comuns não podem se tornar jornalistas substanciais” recebendo voz em circunstâncias raras em acontecimentos não programados, entrevistas ilustrativas, assuntos domésticos ou minorias e não em assuntos políticos ou econômicos;

b) Logístico: sem incentivo estrutural para confiar em cidadãos comuns, a busca por esse tipo de vozes demanda de energia e gastos, da saída da redação e recursos físicos, simbólicos, conhecimento comunicativo, além de uma regularidade que demandam os jornalistas;

c) Avaliativo: cidadãos comuns são considerados agentes com pouco poder informativo ou status de autoridade e muitas vezes distante do mundo cognitivo dos jornalistas, causando até mesmo dúvidas sobre o valor informativo que podem fornecer.

Essas condições envolvem o trabalho e a compreensão dos jornalistas na investigação de Reich (2015, p. 2423), nas respostas das entrevistas realizadas. Os resultados levaram a três variáveis que tentam explicar como os fatores influenciam no silenciamento desses agentes: I) Variável circunstancial: “a dependência de cidadãos comuns limita-se a circunstâncias ritualizadas específicas e pouco frequentes” e se fazem presentes em eventos não programados, durante a etapa de coleta ou quando necessita testemunhar algo, fora de assuntos complexos ligados à política ou economia; II) Variável logística: o contato com fontes populares ou cidadão comum se dá no local dos acontecimentos fugindo da ritualidade das fontes oficiais ou institucionais realizadas por telefone e regularmente; III) Variável avaliativa: os jornalistas consideram as contribuições de cidadãos comuns como menos informativas ou sem a importância e interesse que outras fontes.

Esses indicadores reforçam a ausência de pluralidade e diversidade como um fator compartilhado entre os jornalistas que possuem esses conceitos apenas na normatividade e que, pela pressão do trabalho rotineiro ainda não incluem vozes marginalizadas no processo de construção ou “fabricação” das notícias. O termo cunhado por Manning (2001, p. 53) carrega também uma postura crítica a situações que envolvem a dinâmica cognitiva de reconhecimento e compartilhamento da realidade pelos jornalistas. A exposição aos sinais do mercado, às pressões de imperativos e prazos organizacionais, os níveis de supervisão, rendimento e cobrança de resultados também junto as fontes são partes de problemas associados a “linha de produção”.

É preciso reforçar, no entanto, que não se pode tomar como dada a pressão exercida de fora para dentro das redações. Mesmo tendo um clima desfavorável à troca de valores simbólicos que privilegiam a diversificação na seleção das fontes, Manning (2001) destaca que muitas vezes as organizações também são afetadas por questões como disputas pessoais, rivalidades entre os profissionais, desentendimentos morais sobre a seleção, o que nos leva a uma tensão sobre a ideia de rotina e “fabricação das notícias”. Nesse sentido, a linha de produção pode auxiliar a pensar e criticar as formas com que debatemos o ambiente de

construção noticiosa, mas não pode ser um imperativo que impacta o jornalismo em suas negociações, interesses e formas de subversão dos poderes constituídos.

Torna-se necessário, nesse sentido, avaliar conceitos já trabalhados, debatendo a presença das fontes na comunidade interpretativa e as definições e problemas de hierarquia da credibilidade, definição primária e independência ou autonomia na seleção. Trabalhamos no Capítulo 1 a associação de Tuchman (1983) sobre a objetividade como um ritual estratégico que tem nas fontes um papel fundamental de proteção para críticas que delega às aspas a definição do que é comentário e o que é fato na produção noticiosa. Por isso, volta-se a afirmar que o objetivo não é refazer a discussão nesse sentido, mas associar aos valores defendidos na comunidade em relação aos agentes selecionados como fontes reconhecendo que “grande parte dos jornalistas (...) está completamente contaminada com valores, descrições parciais e influências do campo profissional” na seleção das notícias, por isso segundo reiteramos o argumento de Manning (2001, p. 201) de que “é mais apropriado, portanto, considerar ‘objetividade’ e ‘imparcialidade’ como rótulos que os jornalistas usam para se referir ao conjunto de regras que guiam sua prática profissional”.

Voltamos assim ao campo das práticas defendidas como objetivas que reforçam valores já trabalhados como a independência e autonomia na seleção ou até mesmo a hierarquia da credibilidade que estabelece quem fala e quem não fala no cotidiano noticioso. Nos dois primeiros casos, Tuchman (1983, p. 87) exemplifica como a questão pode se tornar complexa dentro das redações no que condiz à seleção das fontes como âmbito primordial que reforça aspectos de autonomia e independência ainda que inseridos em organizações noticiosas como empregados. Como já destacado, a rede de fontes formada por um repórter radiofônico no local dos acontecimentos em uma cobertura que exige velocidade longe da administração central de uma emissora tende a possuir menos interferência daqueles que exercem o papel de comando ou propriedade dos veículos de comunicação. Quando isso acontece, Tuchman (1983) reforça que o exercício profissional vai além da mera burocracia de acumular informações e a competição se torna um ponto chave no compartilhamento de fontes e outros dados quando não consegue avançar suas pautas no meio em que trabalha.

Isso que a autora chama de “cooperação jornalística” faz parte dos parâmetros interpretativos presentes na autonomia defendida pela comunidade, ou tribo jornalística. A competição leva à proteção das próprias fontes “ante aos intrusos” e ao mesmo tempo, a troca de informações entre meios diferentes quando algo não passa pelos portões de seleção noticiosa no local em que trabalha. Breed (1999), por outro lado, reforça a ideia de Tuchman (1983) como parte dos rituais de objetividade, porém não somente como uma defesa frente às

críticas oriundas do público, mas sobretudo quando as organizações jornalísticas pretendem exercer controle sobre os profissionais.

A hierarquia da credibilidade que evoca ao ator principal de uma notícia e o poderio das vozes presentes em nosso cotidiano é outra característica compartilhada pela comunidade interpretativa na seleção das fontes. Traquina (2005a) destaca que desde as primeiras folhas volantes, os atos, palavras, crônicas e proezas de pessoas da elite ou integrantes de importantes cargos eram notícia. O positivismo que reforçava a ideia dos grandes nomes da história ou os heróis e responsáveis pela construção do imaginário popular abarca desde os primeiros contos até a formação do jornalismo como conhecemos. A pesquisa de Gans (1980), já citada e utilizada por Traquina (2005a, p. 68) evidenciou que nos principais telejornais das cadeias CBS, ABC e NBC em 1967 e nas revistas de informação como *Newsweek* e *Time*, a notoriedade do ator principal estava entre 70% e 85% das notícias, entre elas o presidente, pessoas conhecidas, ministros, deputados e políticos.

A explicação para a escolha desses agentes pode ser encontrada mais uma vez nas palavras de Hall et al (1999) sobre os agentes primários que definem o que se torna notícia, como já destacado no Capítulo 1. Porém, aqui é preciso ir além da definição do autor e reconhecer diferentes possibilidades que outros atores também inserem no debate público quando passam de agentes secundários a potenciais produtores de acontecimentos noticiosos. Manning (2001, p. 5) faz uma crítica à formação do conceito de definição primária argumentando que somente reconhecer os padrões em que a elite passa a ser privilegiada nas notícias não “resolve a medida que tem o impacto desse acesso desigual” na sociedade. Para o autor, a compreensão pública do mundo está no cerne da questão para além do censo quantitativo dos tipos de fonte ou gama de vozes permitidas pelos jornalistas.

O problema para o autor está na “combinação de uma ideologia profissional que prega a imparcialidade, um estilo de notícias altamente dependente da citação direta e a necessidade de trabalhar com eficiência e rapidez” (MANNING, 2001, p. 5). O nível contextual de influência na seleção das fontes é reforçado mais uma vez com os aspectos da comunidade interpretativa, não necessariamente reconhecendo a estratégia de ignorar vozes e salientar outras. A distribuição desigual do conhecimento, como parte daquilo que vivenciamos na sociedade é o que, segundo o autor, promove fontes autoritárias com um discurso que em muitos casos não é rebatido ou investigado por conta da falta de estrutura existente nas redações. Podemos concluir que o espaço entre fontes primárias e secundárias ainda é grande, mas com possibilidades de trocas, de exercício e tomada do discurso como algo inerente ao que defendemos em toda a pesquisa, o espaço do jornalismo com conflito de diferentes vozes.

É importante, nesse sentido, questionar a ideia de credibilidade na tribo jornalística ou o que consideram credível quando o assunto são as fontes. Reich (2011), em outra pesquisa, argumenta que a atenção ainda é limitada quando liga-se o tema com as vozes selecionadas pelos jornalistas. O autor destaca que a “familiaridade” e a “credibilidade” estão associadas ao modelo de seleção desempenhado pela comunidade profissional, o que reforça uma hierarquia a partir da regularidade do contato e do subsídio de informações. Em uma pesquisa com 80 repórteres israelenses com idade média de 36 anos e 13 anos de experiência no campo, Reich (2011, p. 33) identificou aspectos estruturais e práticos em que o ganho de “credibilidade é utilizado contra a perda de tempo e outros recursos (...) e que as hierarquias são mais rígidas, no qual fontes experientes tem pouca vantagem sobre organizações assessoradas profissionalmente”.

Nos aspectos estruturais que cercam essa última questão, quando são assessoradas profissionalmente, os dados das entrevistas apresentados por Reich (2011) mostram que em uma amostra de 1.840 fontes, os jornalistas classificaram 48% como altamente confiáveis e apenas 10% consideraram confiáveis ao máximo. Já os dados dos aspectos práticos evidenciam o mecanismo utilizado para identificar a fonte na notícia final ou descartar versões que foram refutadas no cruzamento e angulação durante a apuração. Algo que o autor pontua como julgamento da credibilidade que necessita de motivações adicionais dos jornalistas na autoproteção em publicações que podem ser questionadas. Isso evoca um sistema complexo de trocas e regularidade, questões de espaço e de tempo de produção em que muitas vezes a velocidade impede o ato de julgar com tempo diferentes vozes.

Ao final, é possível identificar na pesquisa três estratégias utilizadas para encontrar a confiabilidade na seleção das fontes dentro dos valores da comunidade defendida por Reich (2011, p. 31): 1) relação estratégica e acoplamento entre fontes confiáveis com intensidade de trocas de subsídios que podem oferecer ao longo do tempo “acesso superior a fontes ricas em recursos que estão mais bem posicionadas”; 2) a redução de fontes “problemáticas” com as verificações cruzadas que ocorrem ainda na fase de coleta de notícias “em proporção inversa à credibilidade da fonte percebida”; e 3) destinação de mais espaço para quem consideram mais confiáveis que resulta na “proeminência e dominância para com os mais críveis”. Mesmo apontando as estratégias a partir das entrevistas com os jornalistas, Reich (2011) ainda questiona aspectos centrais e problemáticos na relação com as fontes quando a) os profissionais julgam a credibilidade de agentes com pouco acesso às notícias; b) a destinação de espaços consideráveis para versões menos confiáveis mas de sujeitos proeminentes; e c) a

verificação de apenas um terço de itens noticiosos que envolviam apenas fontes tidas com alto grau de credibilidade.

Os problemas decorrentes da ideia de credibilidade ou confiabilidade em fontes oficiais ou institucionais são oriundos de discussões embasadas na ideia de esferas do poder social que influenciam também na condução do discurso público do jornalismo. Somente a profissionalização não resolve, necessariamente, a possibilidade de diversidade de versões nas notícias, como demonstra Moletta (2017) em pesquisas com entidades e instituições de defesa dos direitos humanos. A instituição desses valores na ideologia profissional jornalística reforça a ideia de elites que até podem ser questionadas, mas mantém o status credível com potencial noticioso. Exemplo disso também está na pesquisa com jornalistas Flamencos por De Keyser, Raeymaeckers e Paulussen (2011) sobre a presença de cidadãos comuns como fontes.

A primeira hipótese dos autores, que envolve justamente a hierarquia de fontes, questionando o acesso como ideal habermasiano na esfera pública, os jornalistas políticos e econômicos fazem parte do primeiro grupo que tende a preferir membros da elite para suas notícias. Mesmo ONGs reconhecidas internacionalmente, juntamente com os cidadãos ficam em último lugar de suas preferências. No caso de jornalistas que atuam exclusivamente para portais de internet, a hipótese de que a preferência por contatos fáceis de usar e o público foram refutadas, pois mais uma vez o governo, colegas jornalistas, pesquisadores e empresários figuram como mais importantes na seleção. Nesse quesito, o dado interessante foi de que quem distribui mais releases, tem mais chances de ser selecionado.

Outro problema central é o controle da informação por fontes, que mesmo classificadas como credíveis ou confiáveis na hierarquia da credibilidade, cerceiam a livre circulação da produção jornalística. Para Amado (2015), o desenvolvimento de agências informativas e a consolidação de áreas de imprensa oficial por parte dos governos sul americanos, e em especial da Argentina teve um interesse direto na restrição do acesso por parte dos jornalistas aos atos oficiais que são cobertos no cotidiano. Sem a possibilidade até mesmo de questionar os políticos, de acordo com a autora, o uso de releases e outros materiais de assessoria são emitidos com a provisão adequada às “necessidades dos jornalistas derivadas de urgências de tempo e escassez de recursos”. As fontes profissionalizadas descobriram assim a discrepância entre a ideia de independência e autonomia por parte da comunidade interpretativa, mas que na realidade se converte em dependência e passividade diante dos problemas estruturais do jornalista sentado e ausente do palco dos acontecimentos.

Traquina (2005b) argumenta que aceitar a ideia de uma hierarquia da credibilidade reforça automaticamente a possibilidade de existência de uma dependência das fontes oficiais. A preferência não é só realizada pela noção de confiabilidade ou o acesso a dados mais credíveis que outros, mas sim na facilidade de contato, o que conseqüentemente influencia a análise que o profissional pode fazer de um acontecimento. Para a pesquisadora portuguesa Felisbela Lopes (2016), essa relação de quase servidão é acirrada na comunidade profissional pelas condições de trabalho na atualidade e também pelo que chama de “ditadura das fontes organizadas”.

Se tínhamos até o início dos anos 1990 a pressão do tempo que aumentou ao longo das décadas seguintes, atualmente é possível considerar também a “pressão das fontes” como um constrangimento que recai sobre os profissionais: “Hoje os assessores e as agências de comunicação exercem essa influência no lugar dos vários poderes dominantes, desenvolvendo uma pressão de agendamento e de cobertura mediática com técnicas apuradíssimas, sendo, por vezes, muito difícil perceber onde se interrompe uma profícua mediação e começa uma intolerável manipulação” (LOPES, 2016, p. 81).

Segundo a pesquisadora, o contexto de redução de despesas, trabalho rápido e a impossibilidade de ouvir todos os lados de um acontecimento faz com que os jornalistas se refugiem nas versões das elites políticas, judiciárias e econômicas. Com a ascensão da chamada revolução das fontes, que Chaparro (1994) sinalizou, a presença de profissionais com anos de experiência em redações a serviço de corporações, políticos e outras instituições, fez com que o reconhecimento das fragilidades fosse incorporado rapidamente no cotidiano de departamentos de comunicação, assessorias de imprensa e outras agências. Os releases, comunicados, conferências, coletivas, cafés, almoços transbordam no cotidiano da comunidade interpretativa dos jornalistas e ao entender como se pode influenciar na esfera pública, aproveitam o ritmo da imprensa e fazem com que suas aspas possam atuar em defesa de seus interesses (LOPES, 2016).

Amado e Waisbord (2018) evidenciam questões como essa na incerteza que domina a situação econômica no mundo todo e nos fatores estruturais que agem diretamente nas práticas ocupacionais e, conseqüentemente, na qualidade informativa do cotidiano. A concentração econômica que possibilita a profissionalização de determinados setores em detrimento de outros é um exemplo que age diretamente sobre a produção de informações por parte de fontes de poder econômico e político. A dependência, dessa forma, passa a ser, mesmo que hipoteticamente, fator determinante nos processos jornalísticos e parte da realidade da comunidade interpretativa no aumento do número de pautas com poucas fontes

ou que não desenvolvem o conflito e promovem o *status quo* (DE KEYSER, RAEYMAECKERS e PAULUSSEN, 2011; BERKOWITZ e BEACH, 1993).

A relação entre a comunidade profissional dos jornalistas e as fontes no que condiz à dependência pode ser verificada em duas pesquisas interessantes que nos ajudam a pensar como os valores, critérios de noticiabilidade e as próprias notícias estão sendo afetadas no contexto atual. No primeiro caso, Carlos Elías (2003) investigou uma assessoria de imprensa e as dinâmicas de subsídio e distribuição de informações com uma crítica ao modelo centralizado de controle exercido sobre o que sai das organizações. Para isso pesquisador espanhol selecionou uma fonte e realizou uma observação participante em uma assessoria de comunicação de jornalismo científico.

A seleção da assessoria do *Consejo Superior de Investigaciones Científicas* da Espanha tinha como hipótese um menor controle e interferência sobre o jornalismo, dado o modelo de trabalho de um organismo científico. Ao contrário do que previa, Elías (2003) descobriu ao longo da investigação uma forte hierarquização, a seleção de jornalistas pela socialização dada com os chefes e políticos que exercem o poder ao invés de critérios como mérito e capacidade. Na seleção das notícias, segundo o pesquisador, o interesse da sociedade nunca foi discutido durante a observação e sim aquilo que poderia preencher as lacunas solicitadas pela imprensa: “O jornalista de assessoria utiliza os conhecimentos de jornalismo aprendidos na faculdade para ‘traduzir’ para a linguagem jornalística as ideias que a fonte quer que sejam difundidas” (ELÍAS, 2003, p. 156). Isso conduz a um reforço de notícias positivas para a fonte e a ocultação ou minimização de informações tidas como negativas no contato com os jornalistas.

Por fim, Elías (2003, p. 156) destaca que se torna preocupante a quantidade de releases e informações aceitas pela imprensa ou induzidas pela assessoria de comunicação sem qualquer questionamento: “O jornalista contrasta poucas vezes o que chega de uma assessoria de comunicação, é o que se denomina ‘notícia por acatamento’, (...) chegam da fonte com um ‘plus’ de credibilidade tal que o jornalista pensa que não é necessário contestá-las”. Sem o questionamento, o autor cita exemplos até mesmo de notícias falsas ou sem uma apuração aprofundada que passam das assessorias para a publicação e veiculação pelo jornalismo. A atuação como censor, proibindo que as fontes falem com os jornalistas é outra função que insere na comunidade interpretativa a dependência do canal da assessoria para ter acesso às informações, terceirizando aspectos de apuração e cruzamento de dados.

No segundo caso, a pesquisadora Lee Hood (2011) situa a dependência em outra direção, voltada à terceirização da produção noticiosa em emissoras radiofônicas locais, um

contra senso diante das características de proximidade que o meio possui. Também em nosso interesse de pesquisa, os dados surgiram após o questionamento de como alguém escolhe notícias locais de uma distância remota do local dos acontecimentos, sem sequer ter visitado a área que diz cobrir. Os resultados de entrevistas com os jornalistas em 2011 são vistos em problemas como as pressões do tempo de produção em meio a dificuldades de apuração e concentração sobre a realidade distante, como afirmou um dos jornalistas na pesquisa: “Era um trabalho tão árduo fazer tudo o que você fazia em uma hora que você normalmente não tinha tempo de voltar [para analisar com calma]” (BOSTWICK apud HOOD, 2011, p. 303).

O crescimento do mercado remoto e da terceirização da produção noticiosa com o objetivo de reduzir custos tem um impacto direto nas discussões sobre temáticas de conflito, públicas ou de valores da comunidade interpretativa do jornalismo. A relação que Hood (2011) aponta é uma dependência de quem, na distância, consegue atuar como fonte por telefone ou mensagens instantâneas que em muitos casos foge os problemas de coordenação e comunicação da própria redação. Nos relatos dos jornalistas entrevistados, a impossibilidade de administrar grandes redes de rádio com um número de profissionais adequados é o principal argumento para a falta de repórteres nos locais dos acontecimentos. Em outro âmbito, para além da dependência no cenário dos parâmetros interpretativos compartilhados entre a comunidade, desenvolve-se também a passividade frente aos acontecimentos, acatando aquilo que vem de fontes que “auxiliam” no processo de construção da notícia.

Ainda sobre a discussão sobre a dependência que resulta na passividade do jornalista em meio à revolução das fontes ou ditadura das fontes organizadas, Tom Van Hout (2011) oferece uma análise minuciosa sobre um jornalista experiente da área de negócios na Bélgica. A pesquisa procurou identificar o trabalho de um chefe de redação que já havia ganhado um prêmio por excelência jornalística. Para tanto, ficou durante um dia de produção, ao lado do repórter, acompanhou as ligações, a discussão sobre as pautas e o processo de escrita em tempo real por meio de dois aplicativos, o *InputLog* que registra movimentos do mouse e traços do teclado e o *Camtasia*, com registro de tela online nas ações do que é visto e selecionado.

Os dados são resultados de um cruzamento do processo da escrita, com os relatos observacionais e de entrevistas. Segundo Van Hout (2011), por mais que exerça o papel de autoridade como “repórter observador de fatos”, voz confiável e reconhecida, a voz autoral de neutralidade é comprometida com dados utilizados sem qualquer desconfiança de assessorias de comunicação sobre a assinatura de um novo contrato de gestão do governo local. Há, de acordo com o pesquisador, uma aceitação social do que diz a fonte pelo status que exerce no

governo revelando aquilo que Reich (2015) define como interação fonte mídia unilateral e recíproca. Nessa ótica, a dominância do discurso muda de acordo com um processo bifásico. Se o iniciador dominante é o repórter na coleta, a fonte exerce seu domínio na descoberta e liberação de dados.

Ainda segundo Van Hout (2011, p. 123-124), sua conclusão revela um paradoxo em ideias consolidadas da comunidade interpretativa e nas práticas profissionais com relação às fontes. A passividade pode ser observada em um repórter, que mesmo com experiência, demonstra a complexidade que envolve a curadoria de textos noticiosos, utilização de trechos de releases e notas emitidas por assessoria, incorporando dados de apresentações de slides das organizações. Mesmo que o trabalho carregue características do jornalismo na coleta, verificação e circulação da notícia, a ausência do questionamento para o que é dito pela fonte e a diversificação de versões é parte do processo passivo de aceitação do que vem de setores profissionalizados.

Para reforçar o argumento sobre a passividade, Deirdre O'Neill e Catherine O'Connor (2008) e Bob Franklin (2011) oferecem análises interessantes que nos permitem aprofundar essa relação na comunidade interpretativa dos jornalistas. Em ambos os casos, a dependência e a passividade surgem como situações contextuais, que refletem e servem as estruturas de poder no controle e fluxo de notícias. Em outro caminho Pérez Curiel et al (2015), para além desse quesito afirmam que se torna uma estratégia de comodidade aos jornalistas que resulta na ausência de realidade no campo profissional. O cerceamento do discurso aos cidadãos é apenas um dos problemas na formação de um círculo fechado entre as fontes oficiais e profissionalizadas e os jornalistas. A evidência e espetacularização dos privilegiados, na opinião dos autores, distancia o jornalismo dos problemas sociais, causa danos à democracia e favorece a circulação de discursos interesseiros sem a representação da coletividade.

O'Neill e O'Connor (2008) procuram entender como as fontes dominam o noticiário local no Reino Unido a partir de uma amostra de 2979 notícias de quatro jornais de West Yorkshire. O padrão analisado pelas pesquisadoras evidencia que 76% dos artigos tinham apenas uma fonte, considerado ruim para o ambiente democrático de discussão pública pregada pelos jornalistas. Nesse sentido, a passividade dos jornalistas em relação aos agentes os torna poderosos em definir a agenda pública e os moldes de debate em torno das políticas públicas. A “aliança profana”, como denominam, com a indústria de relações públicas afeta diretamente a ideia de profissão autônoma e crítica na sociedade atual: “As descobertas sugerem que a confiança dos jornalistas em uma única fonte de histórias, possivelmente refletindo a escassez de tempo e recursos, combinada com as habilidades das fontes em

apresentar imagens públicas positivas, é um fator significativo para o relato não crítico da imprensa local” (O’NEILL e O’CONNOR, 2008, p. 493).

O jornalista passivo, nesse sentido, se torna uma característica da dependência das fontes organizadas em um contexto que combina as pressões com a crescente experiência das instituições em se relacionar com às redações. O argumento das autoras é que até mesmo o papel do gatekeeper muda nesse sentido para o profissional da assessoria que seleciona e distribui o que é de interesse para a organização em que trabalha. Ao contrário de um investigador ativo que cruza informações, contrasta com outras fontes e busca diversificar as versões de uma notícia, o jornalista passivo apenas olha ao redor e seleciona aquilo que está mais fácil, confiando menos nos cidadãos comuns e instituições não alinhadas e mantendo o *status quo* de quem está no poder: “Essa passividade também leva a uma confiança excessiva em fontes únicas, excluindo certos pontos de vista e questões relevantes para os leitores e permitindo que fontes de rotina dominem a agenda de notícias e formem histórias subsequentes” (O’NEILL e O’CONNOR, 2008, p. 498).

Mesmo a cobertura local, que é o objeto em questão, e que poderia suscitar uma procura maior pelas fontes nos locais onde ocorrem as histórias está sendo preenchido pela “impressão do banal e da publicidade gratuita”, na visão das autoras. A ausência de equilíbrio, que representa uma ameaça à democracia e às discussões públicas proporciona aprofundar a importância de se discutir os valores que estão em jogo na tribo jornalística. A concepção de crise ou problemática envolvendo o jornalismo pode ser vista em Franklin (2011) que chega a indicar ideia de um quinto poder formado pela indústria das relações públicas que avança sobre o que - se é que podemos chamar - de quarto poder. Segundo o que defende, os primeiros estudos desde 1980 mostram que os jornalistas sempre confiaram pesadamente em fontes oficiais e artigos oriundos da indústria das relações públicas que definem não só a linha editorial, mas também a abordagem das notícias. O que escancarou isso foi a crise econômica após 2008.

Em uma análise sobre o padrão de mudanças nas relações dos jornalistas com as fontes na imprensa local e nacional do Reino Unido nos últimos 25 anos, Franklin (2011) destaca que as saídas encontradas pelos veículos de comunicação no mundo todo em cortes de recursos reverberam nas deficiências democráticas do jornalismo atual. Nos assuntos e temáticas políticas, áreas centrais da responsabilidade social presente desde a concepção da profissão como parte da formação da democracia, é uma das áreas mais afetadas pelo volume corporativo de comunicados, releases e versões únicas sobre fatos amplamente discutíveis. O

primeiro ponto discutível é a relação com as fontes que fragiliza formulações clássicas da comunidade interpretativa.

O autor argumenta que “jornalistas e fontes podem ser ‘mais ativos’ ou ‘menos ativos’ em suas funções profissionais” em que o resultado pode diferir de um jornalismo baseado em relatórios e quase que documental ou então uma atividade de vigilância fazendo frente às fontes defendendo a integridade editorial (FRANKLIN, 2011, p. 93). Por outro lado, a consequência da falta de atividade pode resultar em um jornalismo promocional que compromete “o princípio fundamental dos jornalistas de se distanciar das fontes”, já que a proximidade e a dependência de agentes externos tem se tornado rotineira na cobertura. Gandy (1982) já apontava o subsídio crescente para a imprensa em coletivas de imprensa, releases que conduziram a uma acomodação das empresas em buscar cortes de custos.

A passividade do jornalista entra na possibilidade de atividade da fonte com estudos que concluíram que “a influência das relações públicas foi extensa, duradoura e expansiva” ao longo das últimas três décadas (FRANKLIN, 2011, p. 95). Exemplo disso está na cobertura política de 1992 no Reino Unido, no qual, autor demonstra que dos 29 comunicados de imprensa distribuídos pelo partido conservador geraram 28 notícias nos jornais diários locais. Alguns destes, salienta, chegaram a pautar o noticiário por três dias seguidos. A cultura de confiança total nas fontes profissionalizadas e suas formas de relação com a imprensa com a utilização de materiais sem adicionar informações ou ampliar às versões foi constatado em várias outras pesquisas citadas por Franklin (2011, p. 97) nos anos 1990 e 2000: “Quando havia evidência de jornalismo ‘original’, era mínimo, envolvendo pouco mais que editar o último parágrafo, ‘reverberar’ o parágrafo inicial, ou simplesmente reordenar parágrafos”.

Com o mínimo de vozes de cidadãos comuns, instituições organizadas não alinhadas politicamente ao *status quo* e outros setores não oficiais, as reclamações evidenciadas pelo pesquisador voltam ao cenário de dependência como resultado dos problemas econômicos. Por outro lado, Franklin (2011) argumenta que a aliança que promove a dependência dos materiais de assessoria e agências também forma parte de uma estratégia programática ideológica entre aqueles que dominam os veículos e ao mesmo tempo o poder econômico-político. As cópias no original de textos emitidos por assessorias de imprensa evidenciam esse fator de passividade que afeta diretamente a comunidade interpretativa em valores clássicos defendidos no seu conjunto.

A crise financeira que resulta de um novo modelo de distribuição de publicidade centrada em grandes organizações da internet como Google e Facebook se torna também uma crise democrática com sinais que coincidem com os problemas vivenciados no mundo todo na

atualidade. Essa referência feita por Franklin (2011) lembra que os modelos de negócio e suas mudanças acarretaram ao longo do tempo em transformações também no perfil dos trabalhadores dessas empresas. Se o jornalista panfletário das primeiras publicações no Século XVII passou para o relato objetivo do setor lucrativo dos Séculos XVIII e XIX até a atualidade, como pensar no curto prazo mudanças em parâmetros interpretativos na comunidade com relação às fontes?

Dois fatores explicitados pelo autor alinham-se a características do objeto da pesquisa aqui desenvolvido na seleção das fontes em emissoras radiofônicas e sua cobertura local. O primeiro deles é o argumento de Franklin (2011, p. 103) de que a “a lucratividade tem sido sustentada pela redução dos custos trabalhistas e dos trabalhos editoriais, exigindo que os jornalistas produzam mais notícias com menos recursos e incentivando a crescente dependência de subsídios das fontes”. Segundo o autor, em alguns casos analisados no jornalismo local inglês, os protocolos de rotina necessários na produção de notícias com diferentes versões foram deixados de lado em decorrência da falta de tempo ou recursos para assim utilizar materiais completos das fontes.

O segundo é que, como destaca Franklin (2011), a mudança no perfil profissional vai de um cão de guarda - o *Watchdog* - para a ideia de que o importante é terminar suas tarefas, ser bem sucedido, o resto não importa, na expressão em inglês *dog-eat-dog*. Isso se reflete na facilidade com que as tecnologias digitais possibilitam a disseminação de uma cultura de copiar e colar sem a consciência dos problemas gerados por uma prática generalizada de inserir materiais de terceiros como se fossem próprios ou dar sentido jornalístico a aquilo que é apenas promocional. Manning (2001) também afirma que os grupos sociais buscam esse acesso seguro à arena do jornalismo entendendo dos ritmos em que os jornalistas estão inseridos, valorizando inclusive a ideia de autonomia e independência, mas utilizando estratégias que cerceiam informações que não fazem parte dos seus interesses.

Para finalizar, a reflexão que cerca a realidade em que estamos inseridos no contexto do jornalismo é semelhante com as dificuldades enfrentadas no cenário apresentado em diferentes pesquisas aqui citadas. O compartilhamento dos valores na comunidade interpretativa, os valores notícia, os parâmetros defendidos pelos profissionais na relação com as fontes revelam estratégias de uma luta simbólica por fazer valer a voz e os interesses na democracia. No entanto, como argumenta o pesquisador argentino Cesar Arrueta (2010), é necessário considerar as características de um jornalismo em contexto de periferia, casos em que o Brasil se assemelha aos vistos em outros países da América Latina. Nesse sentido, as notícias são resultados de processos de negociação em que muitas vezes, argumenta o autor,

são partes de um consenso com os próprios agentes do campo político e econômico. A própria construção do discurso sobre as políticas e debates públicos em um modelo de jornalismo passivo e sentado, prevalece o desenvolvimento de vozes preponderantes e o silenciamento de determinados setores.

Nos casos em que os proprietários dos meios de comunicação são os mesmos agentes decisórios nos campos político e econômico, Arrueta (2010, p. 225) afirma que a margem de manobra por parte dos jornalistas para fazer frente a esse processo se torna pequena. O exercício da profissão nesse contexto “implica a aceitação do convívio com uma tensa dualidade de saber fazer frente ao poder” e que a presença na periferia com fontes consolidadas economicamente e politicamente “é uma variante de existência real e concreta (...) um modo de entender a realidade de construção das notícias e da opinião pública a partir de determinadas condições e limitantes (...) e deve ser interpretado a partir do conceito de relações de poder que afetam seu funcionamento”.

É nesse sentido que a discussão sobre o radiojornalismo e a seleção das fontes estabelece um marco fundamental dentro dos parâmetros compartilhados pela tribo ou comunidade jornalística. A presença das fontes nesse âmbito, como destacam também Leal e Jácome (2013), é de importância vital para entender as dinâmicas profissionais praticadas e defendidas pelos jornalistas reconhecendo a amplitude e distância entre uma outra. O objetivo dessa discussão é remeter pontos como a dependência/independência, passividade, autonomia, liberdade e terceirização no discurso dos radiojornalistas entrevistados. O papel profissional é um dos âmbitos que cercam a história, a epistemologia e, fundamentalmente, a prática de seleção das fontes desempenhada no cotidiano de cobertura local nas emissoras.

4 A SELEÇÃO DAS FONTES NA BANDNEWS E NA CBN

4.1 Método e técnicas de coleta de dados

A abordagem da problemática, relacionada à origem das notícias nas redações da BandNews e da CBN na produção cotidiana local, com a hipótese sobre as disparidades em torno da profissionalização e o consequente acesso das fontes, conduz a pesquisa ao território do Newsmaking. Na construção das notícias no radiojornalismo, as rotinas, constrangimentos organizacionais, a divisão de tarefas e os critérios de seleção de fontes e acontecimentos não são transparentes na programação. É nessa perspectiva que Meditsch (1997) aponta uma das dificuldades do reconhecimento do jornalismo como uma ciência, mesmo que construa conhecimento.

Como uma vertente da *Mass Communication Research*, afirma Santaella (2001, p. 37), a base do Newsmaking ao longo dos séculos XX e XXI é formada de técnicas de pesquisa participativa com a presença do jornalista/investigador no local: “A abordagem articula-se sempre dentro de dois limites: a produção de informações depende, de um lado, da cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e, de outro, dos processos produtivos”. É sintomático que pesquisas de fôlego precursoras na área como de White ([1950] 1999), Gans (1980), Molotch e Lester (1999), Breed (1999), Tuchman (1983), Schudson (2003; 2010) e Alsina (2009) tenham usado técnicas de coleta e análise de dados da etnografia e ciências sociais.

Por outro lado, é necessário reconhecer que a utilização de técnicas da sociologia e da antropologia nas escolhas metodológicas do estudo da produção das notícias representaram novidades em “relação à maior parte da *communication research*” (WOLF, 2009). Do ponto de vista dos instrumentos de análise, a utilização de observações sistemáticas, participantes com entrevistas em profundidade ou semi-estruturadas, foge das regras vigentes do modelo de pesquisa proporcionando novas formas de pensar o objeto. A falta de transparência de alguns condicionantes, que Meditsch (1997) aponta, é um ponto inicial que provoca uma série de discussões que envolvem a cultura profissional dos jornalistas, a organização do trabalho e o processo produtivo (LOPEZ e RUTILLI, 2014).

Entrar na tribo jornalística, analisar o “jornalês” como um idioma utilizado pela comunidade interpretativa e perceber como ocorre a construção da notícia são passos seguidos para reconhecer os processos jornalísticos na BandNews e na CBN do Rio de Janeiro e de Ponta Grossa (TRAQUINA, 2005a; ZELIZER, 2004). Na periferia do capitalismo e em

condições de trabalho como partes de um sistema de acumulação flexível, partir do contexto para as singularidades vivenciadas dentro das redações parece ser o caminho mais viável. Dessa forma, a abordagem teórico-metodológica do Newsmaking aliada a outros campos, como a Economia Política da Comunicação e os Estudos Culturais, nos auxilia a perceber como a seleção das fontes é realizada nas emissoras.

Reconhece-se aqui a ciência como um processo (DEMO, 1981), com características históricas não progressivas (KUHN, 1997) e em circularidade entre vários campos de saber (MORIN, 2005). Entendendo os objetivos como “metas em que o pesquisador pretende identificar, constatar, verificar, analisar para esclarecer o problema de pesquisa” (BARICHELO, 2016, p. 144), buscamos uma perspectiva multimetodológica para atravessar os caminhos dentro dos territórios dos meios e modos de produção das mensagens e da fonte de comunicação (SANTAELLA, 2001). Utiliza-se o pressuposto de que essas “lentes multifocais” ajudam a perceber o conjunto de relações entre diversos atores sociais envolvidos na pesquisa, como jornalistas e fontes (KISCHINHEVSKY e MODESTO, 2014).

A abordagem multimetodológica busca dar conta de um rádio que se expande para além do hertziano e está presente em diferentes plataformas. O jornalismo no rádio expandido é envolvido por dinâmicas – já debatidas no primeiro capítulo – que afetam diretamente o modo de construção dessas notícias e na seleção das fontes que interpretam os acontecimentos. Dessa forma, escolher diferentes métodos de análise do objeto pretende “dar conta de uma radiofonia “abarca elementos parassonoros, exigindo do pesquisador atenção não apenas ao conteúdo veiculado em ondas hertzianas, mas à sua replicação em sites, considerando-se o que caracteriza sua publicação em outras plataformas e toda a comunicação que se engendra a partir daí” (KISCHINHEVSKY, 2016b, p. 291).

A investigação sobre a seleção de fontes profissionalizadas e não profissionalizadas na cobertura local e cotidiana da CBN e da BandNews envolve diferentes questões de análise do papel profissional e social que esses agentes constituem na esfera jornalística. A abordagem multimetodológica utilizada, com base no estudo sobre a construção das notícias que circula o projeto como um todo, envolve três procedimentos de coleta de dados: I) observação sistemática como aliada na coleta de dados sobre o cotidiano de produção; II) entrevistas semi-estruturadas com jornalistas e chefes de reportagens e redação; III) coleta de produtos jornalísticos enquanto formatos radiofônicos disponibilizados na programação em horários locais durante a semana de observação.

As primeiras estratégias para o desenvolvimento da pesquisa foram as pesquisas bibliográficas e exploratórias sobre o objeto. Segundo Barichello (2016, p. 137), “a consulta

bibliográfica preliminar serve para dar ao pesquisador a certeza da existência de material disponível e acessível que permitirá atingir os objetivos específicos estabelecidos”. Como destaca a autora, o levantamento de dados e conceitos possibilitou construir o problema de pesquisa ao longo do segundo semestre no Programa de Pós-Graduação, além de uma visão geral e atual da temática e dos conceitos utilizados sobre a seleção de fontes.

Incluído nesse aspecto, está o necessário conhecimento sobre a história social e econômica dos grupos que administram as emissoras BandNews – parte da família Saad no Brasil que controla o Grupo Bandeirantes – e CBN – integrante do Sistema Globo de Rádio –, e a perspectiva da organização do trabalho em rede com os modos de institucionalização das “indústrias culturais” (SERRA, 2008) no Rio de Janeiro e em Ponta Grossa. Outro ponto a ser destacado foi a imersão no objeto com observações prévias e pesquisas exploratórias que contribuíram para o questionamento e aprofundamento em torno de conceitos teóricos, como no caso do gatekeeping e gatewatching, e da realização da pesquisa sobre a produção cotidiana.

Exemplos disso estão nos apontamentos iniciais sobre as especificidades do processo de gatekeeping no radiojornalismo na seleção das fontes. A pesquisa exploratória, ainda de caráter inicial que foi desenvolvida, apontou no caso da seleção das fontes durante o processo de impeachment em 2016 uma forma específica no caso do radiojornalismo com um modelo que não pressupõe a apenas um profissional o papel de selecionar as vozes na redação (CHAGAS, 2017a). Outro estudo abordou as diferenças conceituais entre diversidade e pluralidade de fontes no caso da BandNews em uma semana de cobertura cotidiana em 2016 que levaram à forma com que as fontes são encaixadas em temáticas específicas nos radiojornais (KISCHINHEVSKY e CHAGAS, 2017).

Por fim, estudos sobre a ação das fontes em coberturas como a ocupação das escolas paranaenses de 2016 (CHAGAS, 2018), o já citado processo de impeachment e a crise do governo Temer (CHAGAS, 2017b) auxiliaram a delimitar o período e o conjunto de estudos nas emissoras. Ao contrário de coberturas em que determinados assuntos e agentes são posicionados para debater uma temática ou as assessorias se tornam ainda mais evidentes em períodos de crise, é no cotidiano que a pluralização e diversificação das vozes podem ser acionadas para dar continuidade aos debates públicos no jornalismo. É no cotidiano que a relação jornalista-fonte se estabelece na lógica da dupla conveniência com uma negociação em diferentes aspectos, tipologias e formas de abordagem sobre as temáticas pelos radiojornais.

O processo de seleção das notícias, o gatekeeping e o gatewatching na escolha das fontes que compõem o noticiário radiofônico são permeados por decisões rápidas, não transparentes e internalizadas pelos jornalistas em critérios de noticiabilidade e valores notícia (SILVA, 2014; WOLF, 2009). Por isso, para entender as especificidades do trabalho jornalístico nas redações, as técnicas de coleta de dados do newsmaking são oriundas da etnografia, cujo paradigma vem da antropologia e das ciências sociais (PATHERSON, 2008). É com a observação orientada teoricamente que as entrevistas semi-estruturadas e a análise dos conteúdos da programação radiofônica vão ser organizadas a fim de inferir dados com base nos objetivos sobre a problemática da pesquisa.

Antes de entrarmos nas abordagens relativas à etnografia na comunicação e a utilização de técnicas como a observação sistemática e a entrevista semi-estruturada, dois aspectos merecem ser ressaltados na pesquisa sobre a seleção das fontes e o radiojornalismo: a construção social da realidade e as formas de interação com a audiência. Para Alsina (2009), como também para Meditsch (2010b), não se pode vincular o conceito de “construção da realidade” exclusivamente com a prática jornalística. Ela está localizada no nível do cotidiano, em um processo de institucionalização dos papéis sociais e sua interação com as ações em sociedade.

Se a atividade jornalística é um papel socialmente legitimado para “gerar construções da realidade publicamente relevantes” (ALSINA, 2009, p. 46), as ações dos jornalistas, por sua vez, também carregam a relevância nesse processo. Dessa forma, as técnicas da etnografia auxiliam a analisar as competências realizadas e as subjetividades desses agentes nas redações. O segundo ponto destacado pelo autor é a necessidade de considerar a interação da audiência: “a construção social da realidade por parte da mídia é um processo de produção, circulação e reconhecimento” (ALSINA, 2009, p. 47). Algo destacado ainda no primeiro capítulo com as mediações comunicativas em diferentes instâncias sociais (MARTÍN-BARBERO, 2004).

Essas constatações caminham no sentido de aproximar e tensionar a utilização de conceitos consagrados na antropologia e na sociologia que, afirma Patherson (2008), contribuem para a investigação sobre a construção das notícias em diferentes ambientes. Triviños (1987, p. 120), no final da década de 1980, direcionava seus argumentos para os usos da pesquisa qualitativa em educação, na qual segundo ele, “os pesquisadores perceberam rapidamente que muitas informações sobre a vida dos povos não podem ser quantificadas e precisavam ser interpretadas de forma muito mais ampla que circunscrita ao simples dado objetivo”. Algo que não necessariamente representou uma quebra de paradigma em

detrimento de técnicas funcionalistas ou positivistas. Também não podemos cair na tentação de apontar quais formas são melhores na velha rixa entre quantitativos e qualitativos, mas reconhecer que as multimetodologias podem auxiliar a compreender os fenômenos de forma ampla.

Clifford Geertz, Bronislaw Malinowski, Robert Park e Roberto DaMatta inspiram Isabel Travancas (2006) a delimitar caminhos para a utilização dos conceitos e técnicas no campo da comunicação. Questões sobre o estabelecimento de relações, a seleção das informações e a transcrição de textos, genealogias, o mapeamento de campos e o diário são oriundos de Geertz, que nos anos 1970, ressaltava técnicas ainda utilizadas pelos investigadores da área. Mas foi Malinowski, criticado e repensado desde a publicação da obra “Argonautas do Pacífico Ocidental” em 1922, o pioneiro na utilização de métodos que buscavam o “mergulho na cultura do outro” em que apenas com a convivência íntima seria possível entender e conhecer a cultura pesquisada com seus significados e lógicas.

Travancas (2006) entende que na área da comunicação, o caminho da etnografia segue técnicas como o levantamento bibliográfico, material coletado, a utilização do diário ou caderno de campo – questionado por pesquisadores da cartografia (ver MARTÍN-BARBERO, 2004) – com anotações que levam a um tema, perguntas sobre um determinado assunto. A autora reconhece ainda que a pesquisa qualitativa pode incluir dados estatísticos como complemento já realizado, mas o “ponto de vista dos nativos” que chama Geertz é fundamental para a consistência do trabalho de campo: “O antropólogo não determina verdades, não aponta equívocos, não pergunta por que as coisas não são diferentes. Ele ouve e procura entender quais são as verdades para aqueles ‘nativos’, quando e porque se enganam e muitas vezes se surpreende se perguntando por que as coisas na sua sociedade não são diferentes” (TRAVANCAS, 2006, p 103).

Segundo Wolf (2009) essas abordagens permitem a observação sobre práticas sociais que dão lugar à produção cultural a partir de dados coletados no ambiente do objeto de estudo. A observação sistemática é utilizada como um recurso para a escolha do período da análise do conteúdo da programação e ao mesmo tempo como forma de oferecer questões para as entrevistas semi-estruturadas. Esta perspectiva permite analisar as formas com que o jornalismo organiza o trabalho para cumprir as demandas dentro do tempo e do espaço que conferem rotina à construção da notícia no cotidiano (TUCHMAN, 1983). O objetivo é adentrar nas equipes e coletar dados do ambiente vivenciado a partir de conversas e anotações sobre as escolhas realizadas. É possível também levantar questões sobre o controle e as zonas de filtro das fontes e os critérios para a recolha e a estruturação dos materiais.

A escolha da observação sistemática na produção jornalística dos radiojornais se justifica no sentido de que o problema de pesquisa caminha para uma direção específica no cotidiano de trabalho nas redações: a seleção das fontes. Assim, a presença no palco das ações é ligada a hipóteses de pesquisa orientada pelos pressupostos teóricos discutidos nos capítulos 1, 2 e 3. O plano de pesquisa desenvolvido para a observação nas emissoras buscou reconhecer vantagens e desvantagens da escolha do procedimento, mas por outro lado serviu como um guia para cuidados como o momento em que o investigador pode transformar-se em um deles (WOLF, 2009). Elliot (1972) afirma que a partir da maneira com que o pesquisador se insere no campo de pesquisa, o reconhecimento de valores e ações fica difícil de ser visto de forma diferente, provocando problemas aos questionamentos investigativos.

Por isso, a observação sistemática realizada aqui é voltada para as especificidades do processo de seleção das fontes e as condicionantes nas redações do radiojornalismo *All News* na produção cotidiana. Esse argumento segue algo apontado por Triviños (1987) no sentido de reconhecer que o fenômeno social estudado implica em um determinado “evento social” separado de um contexto em sua singularidade. As contradições, os dinamismos, as relações inseridas nos atos, significados, atividades e outros aspectos precisam ser agrupados para a busca de aspectos nas suas aparências. Segundo ele, “observar, naturalmente, não é simplesmente olhar” e sim destacar do conjunto de ações dos jornalistas nas emissoras, a especificidade do trabalho focado na relação com as fontes e como isso é implicado no cotidiano pelos conceitos utilizados no decorrer da investigação.

Para a coleta da observação sistemática – em que os dados serão tratados à frente – também seguimos a proposta de Schlesinger (1978) sobre o “*disengagement*”. Segundo o autor, essa técnica consiste em realizar um pequeno período de observação de dois a três dias para a socialização do ambiente com uma interrupção acompanhada da reestruturação do material recolhido. Depois de reorganizado os materiais, das observações dispersas e anotações sobre diferentes posturas e ações, busca-se o período chave de aplicação da técnica em que os processos sociais de construção da notícia com foco na seleção das fontes serão analisados.

Como afirma Gil (2008), a observação sistemática permite uma descrição precisa dos fenômenos observados com o teste de hipóteses a partir de aspectos já escolhidos como significativos para a pesquisa. O plano de trabalho inicia com a observação do contexto e a descrição dos locais e das pessoas observadas com detalhes de suas funções na redação para as atitudes desempenhadas na seleção das fontes assim como o comportamento diante do pesquisador no conjunto das produções. Já com base nos objetivos da pesquisa e na

problemática, as categorias prévias que se convertem em categorias de análise (que serão aprofundadas nas leituras dos dados) são as seguintes:

- I. Contexto da produção da notícia na emissora;
- II. Formas de seletividade na escolha das fontes; gatekeeping e gatewatching;
- III. Utilização das novas tecnologias na seleção de fontes e o contexto profissional do jornalista sentado;
- IV. Tratamento dado aos diferentes tipos de fontes entre as que são visíveis na programação e as que subsidiam as redações;
- V. Fontes profissionalizadas x não profissionalizadas e interferência na construção da notícia.

Os critérios encaixam-se nos objetivos da pesquisa, e como afirmam Lopez e Rutilli (2014), possibilitam formas de rastrear relações de poder e fluxos de trabalho com a análise de etapas preliminares da produção noticiosa, os desvios e restrições organizacionais que não necessariamente são expostos em uma entrevista. O conjunto de dados coletados nesse ambiente foi realizado com o registro estruturado a partir de Lofland, utilizado por Gil (2008, p. 105) e Triviños (1987 p. 127) para sistematizar os pontos necessários de foco na observação em ciências sociais divididos em:

1. Atos. Ações numa situação temporalmente breve, consumindo alguns segundos, minutos ou horas.
2. Atividades. Ações de maior duração (dias, semanas ou meses), que constituem elementos significativos do envolvimento das pessoas.
3. Significados. Produtos verbais e não verbais que definem ou direcionam as ações.
4. Participação. Envolvimento global ou adaptação a uma situação ou posição que está sendo estudada.
5. Relacionamentos. Relações entre diversas pessoas que ocorrem simultaneamente.
6. Situações. A completa situação concebida dentro do estudo como unidade de análise.

O período de amostragem escolhido para a pesquisa foi de três dias de “*disengagement*”, com a coleta de dados iniciais e uma pequena socialização no ambiente de trabalho como proposta para adentrar a observação em si. Dessa forma, na BandNews Rio, a observação sistemática foi realizada semana de 14 a 18 de agosto de 2017; na CBN Ponta Grossa de 18 a 22 de junho de 2018; e na CBN Rio, de 13 a 17 de agosto de 2018. Em todos os casos, a presença nas emissoras aconteceu durante as manhãs de veiculação dos radiojornais locais. Como afirma Gil (2008), a observação é sempre seletiva e enquadra-se nesta amostragem que permite o acesso a dados fundamentais para o cruzamento com as

entrevistas semi-estruturadas e análise de conteúdo. Nesse contexto, a semana é suficiente para encontrar questões e situações que estruturam o debate sobre a seleção das fontes.

A amostragem de comportamentos é utilizada aqui como aquela que “requer a observação de um grupo num determinado contexto por inteiro” (GIL, 2008, p. 107). Os comportamentos particulares registrados a respeito dos indivíduos foram sistematizados por uma amostragem temporal com o período selecionado aleatoriamente, já que a pesquisa fundamentalmente versa sobre o cotidiano de trabalho na redação. Essa postura permite chegar a questões como a seletividade específica no radiojornalismo e as formas com que se apresentam os processos de gatekeeping e gatwatching; as diferenças contextuais pelo número de profissionais nas redações, assim como relacionadas com a questão econômica e a dependência de fontes externas. Outro ponto é a presença das novas tecnologias no sentido de verificar como elas se tornam dispositivos estratégicos na seleção das fontes.

No contexto do objeto de estudo, a descrição, estudo e análise do conjunto de sistema de valores, representações, os imaginários que os jornalistas cultivam, além dos constrangimentos organizacionais, restrições e limitações que organizam as práticas no radiojornalismo, estão inseridos nas formas de coleta que a observação sistemática proporciona (HOHLFELDT, MARTINO e FRANÇA, 2001). Assim, o protocolo insere o pesquisador nas estratégias do radiojornal em formar sua rede noticiosa (TUCHMAN, 1983) e como as fontes refletem a estrutura social e de poder existentes (WOLF, 2009). Também leva aos processos de seleção destes agentes a partir das avaliações que envolvem a autoridade, produtividade e a credibilidade das fontes (TRAQUINA, 2005b) bem como a passividade, a dependência e o contexto do jornalismo de periferia (O’NEIL e O’CONNOR, 2008; FRANKLIN, 2011; ARRUETA, 2010).

O principal protocolo são as entrevistas semi-estruturadas, nas quais, insere-se no momento da coleta de dados objetivos e subjetivos, como forma tradicional nas pesquisas das ciências sociais (PATHERSON, 2008; TRAVANCAS, 2006; GIL, 2008; CRUZ NETO, 2002). As entrevistas procuraram explorar o espectro das opiniões dos jornalistas nas redações das emissoras a partir diferentes representações sobre o cotidiano da cobertura com o foco na seleção das fontes (GASKELL, 2002). Como afirma Gaskell (2002), a partir destes dados é possível compreender detalhadamente o sistema de valores, crenças, atitudes que fazem parte da comunidade interpretativa, suas motivações e contextos que envolvem a seleção. Com isso, podem-se organizar esquemas interpretativos relacionados ao objeto e às questões como as práticas profissionais e sua relação com os conceitos teóricos utilizados.

Além disso, toda construção conceitual e hipotética do trabalho foram bases para a organização do tópico guia que conduziu as entrevistas, algo que sucessivamente oferece “amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (TRIVIÑOS, 1987, p. 146). O objetivo, como destaca o autor, foi extrair dos entrevistados, dados que colaborem para o conteúdo da pesquisa a partir das perguntas já formuladas. As entrevistas foram o terceiro passo realizado no conjunto da pesquisa formado pelo levantamento bibliográfico inicial da tese com investigações exploratórias, a observação sistemática e depois, a preparação dos questionamentos. Desse modo, destaca Triviños (1987), toda a informação recolhida sobre o fenômeno resulta na organização das perguntas e na própria escolha das pessoas entrevistadas.

Para Gil (2008) uma das principais vantagens da utilização de entrevistas semi-estruturadas é a possibilidade de padronização e análise dos dados com profundidade a partir da lista pré-organizada de perguntas. Em nosso caso, ao contrário das estruturadas, algumas perguntas são similares no que condiz às tarefas realizadas dentro da emissora, critérios utilizados na seleção das fontes, a percepção sobre diversidade e pluralidade, os constrangimentos organizacionais. Por outro lado, se diferencia quando o assunto são as funções desempenhadas no organograma das redações entre chefes, âncoras, produtores e repórteres em que cada um possui questões específicas sobre determinados assuntos, como o trabalho no WhatsApp ou na interação com ouvintes, a distribuição de repórteres que vão para a rua e os que ficam na redação, o controle de vozes vão ao ar ou não.

O primeiro passo do planejamento para a realização das entrevistas foi a organização do tópico guia após a literatura da área e os estudos realizados sobre o objeto (GASKELL, 2002). Esta estrutura serviu de base para conduzir as entrevistas e fornecer os dados para a construção do esquema de análise das transcrições e a manutenção da hipótese de pesquisa. Na escolha dos entrevistados, a variável padrão foi construída a partir das ações desempenhadas na seleção das fontes com a finalidade de explorar seus aspectos valorativos. Seguindo o argumento de Duarte (2006), o objetivo não é provar algo, mas explorar o caráter subjetivo dos profissionais envolvidos.

As entrevistas – que serão detalhadas à frente – foram realizadas no mês de agosto de 2017 com seis jornalistas da BandNews Rio: Rodolfo Schneider, Diretor de Jornalismo; Taís Dias, Chefe de Redação; Mário Dias, Chefe de Reportagem; Carlos Briggs, Coordenador de Produção e Repórter; Tatiana Campbell, Repórter do WhatsApp; e Marcus Lacerda, Repórter do Site. Em junho de 2018, as entrevistas na CBN Ponta Grossa foram realizadas com os jornalistas Clarisson Kawa, produtor e âncora do programa local e com os repórteres

terceirizados, Emmanuel Fornazari e Thanile Ratti. Já em agosto de 2018, os entrevistados na CBN Rio foram o gerente de jornalismo, Thiago Barbosa; a âncora Bianca Santos; Ricardo Porto, produtor; Matheus Carrera, Chefe de Reportagem; e a repórter Rafaela Cascardo.

Este protocolo pretende cumprir os objetivos conduzidos por temáticas conceituais abordadas pela tese e como elas se encaixam na produção jornalística. Pretende-se entender questões como o perfil profissional e suas dinâmicas na comunidade interpretativa, a atuação profissional na escolha, seus critérios de noticiabilidade e os constrangimentos organizacionais na redação. Além disso, é parte central para entender preferências na seleção das fontes, o tratamento dado a diferentes atores sociais e as estratégias de utilização das novas tecnologias.

Por fim, a via quantitativa da coleta prevê a escolha dos programas locais das emissoras inseridas no objeto de pesquisa para analisar a utilização das fontes ao longo da semana de observação. A escolha busca aprofundar conceitos como acesso, interação e participação das fontes (CARPENTIER, 2012), a dependência de agentes externos e as formas de pluralidade e diversidade nos produtos veiculados. A realização deste protocolo também procura estudar a ação destas fontes na rotina de produção jornalística do cotidiano, sem coberturas especiais ou acontecimentos extraordinários. Foram selecionados os radiojornais BandNews Rio 1ª Edição (14 a 18 de agosto de 2017), CBN Rio (13 a 17 de agosto de 2018) e CBN Ponta Grossa (18 a 22 de junho de 2018), todos durante o período de observação sistemática, que visa fazer um cruzamento entre os dados da programação e da presença na emissora para uma compreensão mais aprofundada sobre a seleção de determinadas fontes ou a manutenção de vozes recorrentes ao longo da semana.

A interpretação dos dados relativos aos programas das emissoras categoriza os diferentes tipos de fontes já trabalhados nas teorias do jornalismo. Desta forma, as frequências empíricas possibilitam delimitar a seleção de determinados tipos, como oficiais, empresariais ou populares em temáticas específicas ou até mesmo pelo próprio conjunto da cobertura local. Esses dados quantitativos, por meio da análise de conteúdo, serão unidos à discussão teórica e contextual para então gerar argumentos em conjunto com aspectos qualitativos já apresentados pelas entrevistas e observações (BARDIN, 1977).

A segmentação realizada, a fim de olhar para as formas de pluralidade ou diversidade de vozes no jornalismo, como afirma Herscovitz (2007, p. 126) permite descrever, classificar e promover inferências sobre a atuação jornalística em cada caso. De acordo com a autora, os estudos sobre textos polissêmicos (como os jornalísticos) demandam da integração de campos quantitativo e qualitativo, abertos a múltiplas interpretações. Bauer (2002, p. 192) destaca que

questões como tipos, qualidades, distinções precisam de atenção antes de qualquer quantificação, o que possibilita levar a inferências partindo do contexto social de forma sistemática para construir “indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, pré-conceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades”. A análise também permitirá um estudo aprofundado sobre a recorrência de fontes sobre determinadas temáticas e como elas são encaixadas pelos jornalistas.

A coleta e a análise de dados são partes de um esforço multimétodo para compreender as dinâmicas do rádio expandido e da seleção das fontes na produção informativa. Com o olhar para as desigualdades que compreendem agentes profissionalizados e não profissionalizados que oferecem materiais, promovem acontecimentos e são selecionados diariamente pelo radiojornalismo, os três caminhos apresentados possuem a finalidade de proporcionar uma análise aprofundada e detalhada sobre as práticas radiofônicas. Essa estrutura atinge dois desafios de pesquisa. O primeiro envolve as rotinas e condições de produção que interferem nos critérios que são utilizados pelos profissionais para selecionar as fontes e as especificidades deste processo. O segundo é direcionado para os resultados que o conjunto de dados dos radiojornais podem oferecer sobre as fontes acionadas na programação local de emissoras que atuam em rede com tantas diferenças econômicas, sociais e regionais.

Dessa forma, os dados relativos ao período de pesquisa sobre a seleção das fontes na emissora serão divididos entre três tópicos: I) A rotina de produção local nas emissoras BandNews Rio, CBN Rio e CBN Ponta Grossa – com a análise sobre as categorias formuladas para a observação sistemática; II) A seleção das fontes segundo os jornalistas – relativo ao conjunto de entrevistas realizadas com os profissionais das emissoras; e III) A diversidade e pluralidade de fontes – os resultados da análise de conteúdo dos programas locais com as categorias de fontes, temáticas e formas de acesso/interação/participação dos agentes selecionados. Como afirmam Wimmer e Dominick (2011), a análise multimetodológica pretende levar a uma compreensão geral do fenômeno de estudo e atingir os objetivos elencados na pesquisa.

4.2 BandNews Rio

A BandNews Rio é parte de um conjunto de emissoras sob o comando da Família Saad no Brasil, que integra ainda redes de televisão abertas e fechadas, portais na internet e a própria rede de radiodifusão. O formato da emissora é *Talk and News*, mas figura nas

pesquisas do Kantar Ibope Media como a *All News* mais ouvida na capital fluminense³⁹. A sede fica no Rio de Janeiro, mas a concessão foi habilitada em Niterói, região metropolitana. Fundada em 2004 na capital paulistana, após a compra da então Rádio Sucesso, foi a primeira a transmitir notícias 24h em FM no país e, em 2018, conta com cabeças de rede em São Paulo e Rio de Janeiro e afiliadas em Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Curitiba, Brasília Fortaleza, João Pessoa, Vitória e Orlando, nos Estados Unidos, entre outras praças.

O cenário promissor presente no crescimento do número de retransmissoras ou afiliadas e os números da audiência não estão refletidos no quadro de contratações de jornalistas. Nas pesquisas de audiência de 2015 e 2016, esteve à frente da CBN no Rio de Janeiro, segundo o Kantar Ibope Media. Durante o período de observação, a BandNews contava com 35 jornalistas na produção de reportagens, seleção de pautas, a administração do site e até mesmo a operação da mesa de som no estúdio. Além disso, seis estagiários dividem turnos na produção e apuração de informações na redação. A imposição de um perfil profissional multitarefa e multiplataforma é parte do cotidiano do radiojornalismo, com a diminuição no número de jornalistas, cada vez mais confinados às redações devido a políticas de redução de custos com deslocamentos (LOPEZ, 2010).

As condições de trabalho do jornalista sentado e ausente do palco dos acontecimentos (NEVEU, 2006; PEREIRA, 2004; LOPEZ, 2010) fazem parte do contexto de produção de um rádio que se expande para além do dial e está presente em múltiplos dispositivos, plataformas e temporalidades (KISCHINHEVSKY, 2016a). Situação que condiciona o processo de produção jornalística em aspectos como a seleção e a busca de diferentes fontes de informação para a construção da notícia. Juntamente com esse processo, a profissionalização e a organização de mídias das fontes e o surgimento de novos atores no mercado são partes de um processo de arrombamento dos portões supostamente guardados pelos *gatekeepers*.

Foco da análise, o BandNews Rio 1ª Edição é o programa local de maior audiência da emissora no Rio de Janeiro. Durante a manhã, a primeira edição era apresentada por Ricardo Boechat⁴⁰ que na maior parte das vezes participava da transmissão do estúdio em São Paulo e, esporadicamente, na capital fluminense. Ao lado dele, o diretor de jornalismo da Bandeirantes carioca, Rodolfo Schneider apresenta com comentários e notícias no estúdio local, opera a mesa de som e entra com informações apuradas por uma equipe específica dentro da

³⁹ Dado divulgado pela Associação de Emissoras do Rio de Janeiro (AERJ) em março de 2016, disponível em: <http://www.aerj.com.br/noticia/444-disputa-pelo-topo-segue-acirrada-no-rio-de-janeiro.-jb-fm-e-super-radio-tupi-avancam>.

⁴⁰ O jornalista Ricardo Boechat faleceu no dia 11 de fevereiro de 2019 após um acidente de helicóptero quando voltava a São Paulo de uma palestra em Campinas.

emissora. A programação local ainda conta com o Jornal “BandNews Rio Notícias da Manhã” que inicia às 5h40 e a 3ª edição às 20h.

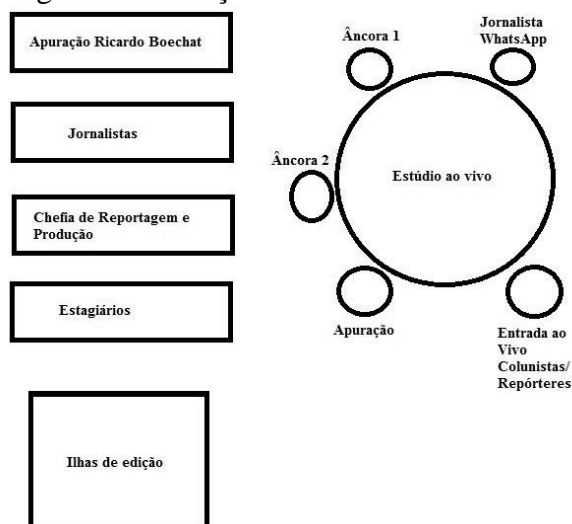
4.2.1 A rotina de produção local da BandNews Rio

O período de observação sistemática realizado na BandNews, de 14 a 18 de agosto de 2017 seguiu os preceitos apontados previamente nas discussões acerca da utilização do protocolo de coleta de dados. Durante as manhãs da semana, após o “*disengagement*” (SCHLESINGER, 1978), foram formuladas as categorias chave que correspondem ao problema, aos objetivos e a própria hipótese desenvolvida na pesquisa. A seletividade que aponta Gil (2008) proporciona um olhar direcionado para os conceitos utilizados, os estudos exploratórios prévios e os questionamentos que depois foram realizados durante as entrevistas semi-estruturadas. Nas manhãs, a observação começou às 8h e terminou às 12h.

No começo da observação, era possível sentir um certo estranhamento dos profissionais com o pesquisador, algo que já no segundo dia não era perceptível. A passagem pelo ambiente proporcionou um conjunto de informações que agregam novos olhares sobre os conceitos trabalhados na pesquisa em radiojornalismo, contribuindo para as formas com que a observação pode ser direcionada quando realizada sistematicamente (PATHERSON, 2008; TRAVANCAS, 2006). Assim, os resultados são debatidos de acordo com as categorias formuladas durante o período de coleta dos dados:

- I. Contexto de produção da notícia nas emissoras;
- II. Formas de seletividade na escolha das fontes, gatekeeping e gatewatching;
- III. Utilização das novas tecnologias na seleção de fontes e o contexto profissional do jornalista sentado;
- IV. Tratamento dado aos diferentes tipos de fontes entre as que são visíveis na programação e as que subsidiam as redações;
- V. Fontes profissionalizadas x não profissionalizadas e níveis de interferência na construção da notícia.

Figura 2 – Redação BandNews Rio



Fonte: O autor, 2019.

O organograma e o formato da redação podem ser verificados na Figura 2, no qual algumas funções demonstram o perfil da emissora e o foco dado na cobertura cotidiana do jornalismo. Havia uma equipe de apuração para o jornalista Ricardo Boechat com dois profissionais que trabalham exclusivamente para abastecer os âncoras, buscar respostas de setores oficiais, selecionar pautas internas e elaborar reportagens durante o programa local. Os jornalistas que ficam na redação fazem o caminho da ilha da edição e de eventuais entradas ao vivo para anunciar reportagens ou colocar as sonoras no ar. As chefias de Reportagem e de Produção têm os estagiários como peças fundamentais na apuração principalmente com órgãos oficiais. Por fim, outro dado que será detalhado à frente é o deslocamento de uma jornalista que trabalha sentada somente na interação e busca de informações com os ouvintes via WhatsApp. Um posicionamento central ao lado dos âncoras e dentro do estúdio como um componente fundamental da emissora na construção das notícias.

4.2.1.1 Contexto de produção da notícia nas emissoras

O primeiro dia de observação começou agitado desde às 8h quando chego a BandNews. A presença do âncora Ricardo Boechat (tido como o carro chefe da emissora) provoca a concentração de todos os jornalistas no estúdio. É possível perceber certa tensão e a busca por dados das equipes de apuração e dos próprios profissionais que são destinados à apuração para o jornalista. Dois repórteres no estúdio trabalhavam exclusivamente para buscar informações solicitadas pelo âncora durante toda a manhã. Nesse momento, são apenas dois repórteres na rua e seis no estúdio juntamente com outros três estagiários sob a

coordenação de produção. Até às 9h, o chefe de reportagem Mário Dias Ferreira apresenta os intervalos locais e é responsável pela mesa de som e o contato com a equipe de São Paulo, já que a apresentação da rede é realizada no Rio de Janeiro com Ricardo Boechat.

Também é perceptível uma postura receosa por parte dos observados com um estranhamento pela presença do pesquisador no estúdio. O início do radiojornal local, às 9h tem a chegada do Diretor de Jornalismo, Rodolfo Schneider, que atua como âncora ao lado de Boechat, e provoca o deslocamento do chefe de reportagem para coordenar a redação ao longo do programa. Uma jornalista fica responsável pela interação com os ouvintes via WhatsApp ao longo de toda a manhã. Durante o radiojornal, apenas uma pessoa vai para a rua acrescentar o número de pautas sendo cobertas no local dos acontecimentos.

O período da tarde é totalmente diferente, com a produção centralizada para o BandNews Rio 2ª Edição e com um número menor de profissionais para apuração e produção de reportagens. O ambiente é calmo e continua com um profissional voltado ao WhatsApp e entradas rotineiras sobre trânsito e segurança. Reportagens sobre política, economia, segurança e a situação fiscal do Rio de Janeiro entram na rede com materiais produzidos durante a manhã. Nos dois casos, o perfil do jornalista sentado (PEREIRA, 2004; NEVEU, 2006) é uma constante no trabalho dos responsáveis pela interação com os ouvintes durante a manhã e a tarde, assim como os profissionais destacados para cobrir pautas de dentro da redação.

O segundo dia de observação começa mais tranquilo em comparação com a segunda-feira. A correria normal da apuração das notícias como uma característica do trabalho com poucos profissionais na emissora só se difere do clima de tensão pela presença do âncora Ricardo Boechat na segunda-feira. Quatro repórteres estão nas ruas no dia de Operação da Polícia Federal que prendeu o ex-secretário da Prefeitura do Rio de Janeiro, Rodrigo Bethlen⁴¹. Antes do radiojornal local, até às 9h30, o WhatsApp é usado somente para informações sobre o trânsito e para a distribuição de pautas. O chefe de reportagem ancora a programação local em conjunto com a rede em São Paulo, distribui pautas e edita textos na plataforma integrada.

Os dois produtores exclusivos para o Boechat continuam com o começo do BandNews Rio 1ª Edição somente para a cobertura local. Nesse dia, dois estagiários ficam responsáveis pela apuração com fontes oficiais, além de dois jornalistas e o coordenador de produção que também grava e edita reportagens. Assim que termina a 1ª Edição, o jornalista que apurava

⁴¹ Disponível em: <http://bandnewsfmrio.band.uol.com.br/editorias-detalhes/lava-jato-pf-faz-buscas-na-casa-de-rodrigo-be>

para Ricardo Boechat é deslocado para ancorar os intervalos locais com informações sobre trânsito na programação. A partir das 11h30, o jornalista responsável pelo site comanda as entradas ao vivo até às 14h.

O contexto da quarta-feira conta com dois produtores apurando para a dupla Boechat/Schneider no BandNews 1ª Edição. Além disso, quatro estagiários são responsáveis pela busca de informações com fontes oficiais e fazer a angulação dos dados na equipe de produção. Um produtor e dois repórteres, além da jornalista do WhatsApp e o chefe de reportagem fazem as entradas na rede e nos intervalos com as informações locais. A integração dos textos é feita com o software *Associated Press ENPS* para a correção e verificação de materiais produzidos no dia anterior. A maior intensidade de interação com ouvintes e entradas de novas pautas e produções de reportagens pelos jornalistas acontece durante o período entre às 10h30 e 11h.

Durante toda a manhã, apenas três repórteres vão para as ruas cobrir pautas pré-programadas pela chefia de reportagem em agendas oriundas de fontes oficiais. A cobertura de uma agenda da prefeitura, da Polícia Federal e uma coletiva de imprensa com o secretário de Segurança do Governo do Estado são as pautas destinadas aos jornalistas. Nesse caso, fica evidente o acesso direto das fontes profissionalizadas no cotidiano da programação local (MOLOTCH e LESTER, 1999). Até o final da manhã e início da tarde, 13 pessoas estão envolvidas no conjunto da cobertura local. À tarde, o número cai para cinco.

Na manhã de quinta-feira, com a folga do âncora Rodolfo Schneider, o chefe de reportagem Mario Dias assume a função com as entradas locais durante a programação em rede e no BandNews 1ª Edição ao lado do jornalista Ricardo Boechat. O canal de comunicação entre o estúdio e a redação facilita no andamento das pautas. O que agita o ambiente durante a manhã é a busca por mais informações sobre a morte do ator Paulo Silvino. A divisão de trabalho segue o mesmo ritmo dos outros dias da semana. No final do expediente todos os produtores deixam um relatório para o turno seguinte com possíveis pautas que podem ser apuradas de forma aprofundada.

Já a manhã de sexta-feira segue uma lógica de intensa cobertura de trânsito com a ausência de Ricardo Boechat e a divisão da ancoragem com a jornalista Taís Dias durante o BandNews Rio 1ª Edição. A presença do colunista Milton Teixeira, falando sobre história do Rio de Janeiro e atrações culturais, deixa o jornalismo mais à vontade para cobrir as pautas indicadas no grupo de apuração. Com mais tempo para gravações de sonoras e para o levantamento de informações, os acontecimentos indicados pelo WhatsApp são direcionados para a gravação de reportagens que podem ser utilizadas no fim de semana. Durante toda a

manhã, cinco jornalistas estão na redação, além de três estagiárias, o coordenador de produção e o chefe de reportagem.

Os dados contextuais reforçam aspectos como o direcionamento de profissionais que atuam na redação e na rua (TUNSTALL, 1971; NEVEU, 2006). A organização do trabalho e os constrangimentos organizacionais (BREED, 1999) estão presentes no número de jornalistas responsáveis pelas pautas, o acúmulo de funções de todos os envolvidos na redação, edição e apresentação das reportagens e dos programas locais. A seleção das fontes é exercida em cada função desempenhada, dos âncoras aos estagiários, dos repórteres na rua ao jornalista responsável pelo WhatsApp, revelando um gatekeeping específico na programação (SHOEMAKER e VOS, 2011). Além disso, o próprio direcionamento dos repórteres que vão para as ruas é pautado pelas fontes oficiais e profissionalizadas, e não necessariamente, para a apuração das demandas enviadas pelos ouvintes ou outras fontes populares.

4.2.1.2 Formas de seletividade na escolha das fontes, gatekeeping e gatwatching

Os jornalistas selecionam as fontes em uma diversidade de formas ao longo do radiojornal local. Os âncoras, mesmo na apresentação do radiojornal, continuam utilizando o WhatsApp e o telefone para receber informações e sugestões de pessoas das mais diversas instituições. Rodolfo Schneider utiliza o email e a internet para pesquisar questões relacionadas aos temas discutidos, além de dados oriundos da redação no caso da segurança, número de policiais mortos ou tiroteios. Já Boechat possui o esquema de produção com os dois jornalistas da redação que selecionam sonoras, informações consultadas com as fontes e repassam dados de ouvintes e outros setores, como respostas das assessorias de comunicação de órgãos oficiais. Em dois casos, Schneider recebeu informações no seu celular durante o programa sobre a prisão dos policiais que pediam dinheiro para traficantes em São Gonçalo.

Todos os repórteres produzem diretamente das bancadas na redação, ao contrário da profissional responsável pelo WhatsApp que constrói no estúdio ao vivo as notícias das pautas selecionadas do contato com os ouvintes. Nesse caso, o maior número de mensagens é recebido entre as 9h30 e as 11h30, justamente a apresentação do BandNews Rio 1ª Edição. Ela realiza um filtro entre comentários e subsídios que podem auxiliar ou possuem intensidade de informação como vídeos, fotos, áudios. Em casos que necessitam de apuração, ela desloca as mensagens com o número do contato para dois grupos: Central de Apuração que integra a redação com a BandNews TV e a TV Bandeirantes do Rio de Janeiro; e o segundo que compreende a Apuração Manhã com os jornalistas da rádio.

A maior parte dos casos entra na temática trânsito, com o critério de que quando três ouvintes enviam a mesma informação, ela entra no ar. Também para esse processo, ela acrescenta os relatos em um bloco de notas a partir da interação dos ouvintes e cruza os dados com o aplicativo Waze, além de fontes oficiais e institucionais relacionados ao tema. Da mesma forma, os jornalistas que recebem essas sugestões procuram apurar diretamente com os ouvintes que entraram em contato e selecionando outros agentes, como especialistas e oficiais para contextualizar e aprofundar as notícias.

Os comentários de ouvintes sobre os posicionamentos dos âncoras são filtrados e, em muitos casos, não considerados em questões como política e até mesmo segurança. O argumento é de que somente acontecimentos factuais, denúncias ou que possuam intensidade de informação seria o que interessa para a emissora e não comentários soltos dos ouvintes sobre determinados temas. Assim, critérios de serviço e impacto são os mais utilizados no momento da seleção. A jornalista responsável pelo WhatsApp também seleciona fontes com pautas que possam dar continuidade nos relatos enviados. No caso do caminhoneiro assaltado na terça-feira, a ligação virou uma reportagem sobre os assaltos na Avenida Brasil. Os estagiários auxiliaram na seleção de agentes oficiais e especializados que pudessem complementar os dados apresentados pela fonte popular.

Como afirmam Shoemaker e Vos (2011) não se pode compreender o processo de gatekeeping a partir de um único formato diante das diferentes plataformas jornalísticas. No processo de seleção das fontes, o gatekeeping é realizado por âncoras, produtores, pela jornalista do WhatsApp, pelos repórteres e estagiários que com a velocidade do tempo entre a apuração e a ida da informação ao ar acumulam as funções na construção da notícia. O gatewatching acontece durante toda a apresentação do programa no papel da jornalista do WhatsApp que, além de selecionar ouvintes que serão entrevistados para pautas específicas, realiza a curadoria de informações sobre trânsito e segurança enviadas pelos ouvintes.

Mesmo que trabalhando de forma sentada (NEVEU, 2006; PEREIRA, 2004) e garantindo um acesso por meio de uma interação com os ouvintes (CARPENTIER, 2012), a jornalista cumpre o papel de acrescentar ao radiojornal um volume considerável de notícias construídas em conjunto com essas fontes populares. O exemplo está no que aconteceu na quarta-feira, quando por volta das 6h a jornalista recebeu uma foto com o monumento em homenagem ao cantor Michael Jackson com um fuzil na comunidade Dona Marta. Em menos de uma hora, ela interagiu com mais de 20 ouvintes confirmando o caso e conversando com estes sobre a situação. Depois de desmentir boatos, analisar os relatos enviados com novos dados sobre a presença do tráfico na região, a informação é repassada para o grupo Central de

Apuração e Apuração Manhã e uma repórter é deslocada para apurar com outras fontes. A confirmação acontece às 10h com a entrada ao vivo no BandNews Rio 1ª Edição com novos relatos enviados sobre a situação dos moradores que foram ouvidos e colocados no ar.

A agenda de fontes do coordenador de produção é utilizada para encontrar especialistas que indiquem outras fontes ou possam auxiliar a analisar os casos de roubos de cargas. Da mesma forma, no WhatsApp a jornalista mantém a conversa com os ouvintes para buscar mais informações sobre os assuntos. É possível perceber que o trânsito e segurança a partir da curadoria são os principais focos da seleção. Nem sempre as reportagens selecionadas vão ao ar durante o dia. Na segunda-feira à tarde, o material produzido sobre o assalto a turistas teve continuidade na manhã de terça-feira no grupo de apuração indo ao ar durante o radiojornal.

Uma das questões que fica evidente ao longo da cobertura é a impossibilidade de esperar o repórter ir até o local dos acontecimentos no ritmo de velocidade ao vivo da emissora. Assim, a seleção das fontes é realizada dentro da redação, na qual o repórter grava com a fonte e leva a matéria para o ar. É responsabilidade de cada um fazer a seleção e o contato com as fontes numa lógica de dependência e confiança na fidelidade delas com a “verdade”. Da mesma forma é a seleção do que ela fala que corresponde ao nível de informação e de possibilidade de cruzamento de dados com outros setores oficiais.

A procura por histórias que possam render reportagens na programação se dá pelos produtores e também pela indicação de fontes de repórteres que estão na redação ou vão para a rua. Nesse caso, a continuidade de pautas oriundas do WhatsApp e do Facebook é a forma com que os jornalistas selecionam as vozes que entram na cobertura ou recebem indicações que auxiliam os jornalistas. A seleção até a chegada ao ar é rápida pela necessidade de informações em “tempo real” e antes dos concorrentes.

Os jornalistas demonstram certa liberdade para selecionar suas fontes com a consulta ao chefe de reportagem somente em casos de especializadas que poderiam comentar casos de economia e segurança pública. Nesse último o âncora Rodolfo Schneider chega a indicar um agente para consulta via telefone. Nesse caso, o especialista repassa outras pessoas que poderiam falar sobre o assunto e possíveis abordagens para a matéria. É um indicativo de que a seleção não é realizada somente por aquelas que são gravadas e se tornam sonoras no decorrer do radiojornal, mas também para que esses agentes indiquem outras vozes, sugiram pautas ou interfiram na construção da notícia sem estar presente quando ela vai ao ar.

4.2.1.3 Utilização das novas tecnologias na seleção de fontes e o contexto profissional do jornalista sentado

O WhatsApp é a principal plataforma de relação com as fontes na redação da BandNews Rio que concentra um grande volume de trabalho na apuração de dados oriundos dos ouvintes. Alguns jornalistas chegam a afirmar que a redação se tornou dependente desses dados já que a escuta desse tipo de fonte seria a “principal prioridade da emissora”. Jargões como a “rádio a serviço dos ouvintes”, “feita pelos ouvintes”, “construída pelos ouvintes” são comuns nessa ótica de seleção considerando-os como fontes no processo de seleção das informações.

Além desses dados dos ouvintes via WhatsApp, a relação com fontes profissionalizadas como concessionárias da Linha Amarela e Vermelha, da Ponte Rio-Niterói, Polícia Rodoviária Federal também são constantes no cruzamento de informações em grupos e enviados diretamente pelos órgãos no aplicativo de mensagem instantânea. Os sites de redes sociais como Facebook e Twitter são comuns na consulta a páginas de fontes oficiais e perfis de pessoas que se tornaram fontes na consulta sobre as temáticas. Além disso, aplicativos de *crowdsourcing* como OTT⁴² (Onde Tem Tiroteio), Fogo Cruzado⁴³ e Waze⁴⁴ também são utilizados para consultas sobre segurança e trânsito. O fluxo de apuração das notícias segue a Figura 3, o que demonstra a dependência direta das interações para cobrir pautas diante do baixo número de profissionais presentes na cobertura. Nas notícias programadas ou agendadas, a diferença é a indicação prévia da chefia de reportagem para a indicação das pautas cobertas pelos repórteres que vão para as ruas.

⁴² Aplicativo fundado em 2016 que tem como objetivo emitir alertas de tiroteios, balas perdidas, ou confrontos nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, em formato de *crowdsourcing* com a contribuição dos usuários. Disponível em: <https://www.ondetemtiroteio.com.br>

⁴³ Aplicativo e portal na internet, se constitui como plataforma digital colaborativa com o registro e dados de tiroteios no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://fogocruzado.org.br/>.

⁴⁴ Aplicativo de navegação por satélite com alertas e informações emitidas por *crowdsourcing* de usuários sobre rotas, dependendo da localização do dispositivo. Disponível em: <https://www.waze.com/pt-BR>

Figura 3 – Fluxo de apuração/seleção de fontes.



Fonte: O autor, 2019

Em muitos casos, na ausência da reposta do outro lado ou na busca pelos órgãos oficiais, a matéria é gravada com o ouvinte e vai para o ar da mesma forma. No caso do grupo do WhatsApp, os jornalistas ainda podem indicar novas fontes sobre determinados assuntos. Na quinta-feira, por volta das 10h30, quatro repórteres estavam nas ruas para apurar três pautas agendadas e um deslocamento realizado para apurar casos de ouvintes oriundos do WhatsApp. Foi também na plataforma que surgiu o contato do caminhoneiro sobre um assalto a caminhão na Avenida Brasil assim como toda a cobertura de trânsito e segurança durante o dia. A edição dos textos é o único foco do sistema integrado de correção pelos coordenadores de Produção e Chefe de Reportagem. Além disso, toda a interação é realizada em conversas mantidas entre a jornalista sentada responsável pela plataforma e os ouvintes durante a programação.

O Facebook também é uma plataforma utilizada na seleção e procura das fontes mesmo diante de condicionantes que envolvem os algoritmos da empresa privada. O setor de apuração possui um perfil na rede social onde faz os contatos com pessoas e instituições. Além do WhatsApp como principal recurso, o telefone e banco de dados produzidos pela equipe de apuração da emissora, email e telefone dos próprios âncoras são as formas de chegar às pautas. O número de imagens, áudios de relatos e tiros, vídeos sobre a comunidade é o que aumenta a possibilidade de transformar um acontecimento em notícia na apuração das informações enviadas pela plataforma, demonstrando uma forma específica de atuação do jornalismo no rádio expandido.

A apuração na redação força o repórter a pensar na pauta que está cobrindo, na manutenção do site no caso do jornalista que fica responsável na sequência do BandNews Rio 1ª Edição a pensar na produção do próximo programa, na técnica da mesa de som, no andamento dos comerciais e na continuidade da programação ao longo do dia. Na rua, o repórter busca realizar o contato com a assessoria de imprensa da PM no local da operação,

além da apuração realizada dentro da redação que subsidia o repórter. A busca por fontes alternativas também se dá no local dos acontecimentos em conjunto com aquilo que chega à redação.

O conjunto de tecnologias utilizadas como aplicativos de mensagens instantâneas e *crowdsourcing* com email, telefone e sites de redes sociais não foge à lógica já discutida em outros momentos da história do radiojornalismo. Assim como na Continental apresentada por Bespalhok (2011), a BandNews faz do contato realizado com os ouvintes, uma forma de suprir o volume de acontecimentos que chegam à redação todas as manhãs. O que muda é a intensidade e quantidade de dados que são recebidos e o deslocamento de um repórter para realizar a seleção no estúdio exclusivamente com essas fontes. Trabalhando sentada e com uma grande carga de trabalho, os problemas apresentados envolvem o ritmo de produção em meio ao fluxo de notícias que muitas vezes carece de apuração aprofundada, ou quando passam informações equivocadas pelos filtros da profissional.

4.2.1.4 Tratamento dado aos diferentes tipos de fontes entre as que são visíveis na programação e as que subsidiam as redações

As fontes populares estão presentes a todo o momento por causa da interação via WhatsApp, por mais que sejam deslocadas para temáticas específicas como trânsito e segurança. Em alguns casos, ela se torna base para outros assuntos na programação com o comentário do âncora Ricardo Boechat. No período da tarde, com um volume menor de interação, os ouvintes se tornam fontes para questões mais leves ou, não necessariamente, relacionadas à violência, mas que continuam na área de trânsito.

As fontes oficiais e empresariais são contactadas a partir de suas estruturas de assessoria de imprensa em todos os casos da redação. Apenas o âncora Rodolfo Schneider e o coordenador de produção procuram as fontes diretamente a partir de contatos já estabelecidos ao longo da profissão. No caso dos outros jornalistas e as estagiárias, todo contato para a apuração é realizada com os assessores de imprensa para todas as áreas de cobertura da emissora. Nos casos de comentários realizados pelos âncoras, as respostas são enviadas pelas assessorias sem a procura do jornalista, numa postura ativa das fontes.

Colunistas que atuam na área de economia não apenas comentam ou possuem horários específicos de entrada na programação, mas também sugerem pautas para a semana sobre a crise do Estado do Rio, inclusive indicando pessoas para falarem sobre o assunto. Da mesma forma, na resposta sobre os casos de violência, o produtor possui um caderno de fontes com

contatos que busca informações que podem render dados novos sobre determinadas situações. Nesse caso, o contato com as fontes não se transforma em sonora para o radiojornal, mas servem de base para selecionar outras vozes com indicações da pauta e do possível indivíduo. Outro exemplo são as empresas ouvidas no caso do Taxi Aéreo do governador para apurar novos dados e contrapor o governo. As diversas empresas ouvidas não foram citadas, mas auxiliaram a construir as notícias de contraponto ao governo na reportagem.

No caso do assalto, as fontes populares possuem um acesso quase que direto na programação. A partir da apuração do relato ou do número de mensagens enviadas via WhatsApp, ela segue o organograma da redação até entrar no ar. Ou a partir do relato e da conversa estabelecida na plataforma, a notícia entra no ar no momento em que acontece, ao vivo. O relato dos jornalistas nesses casos é de que a fonte oficial não possui prioridade e segue sempre aquilo que os ouvintes dizem. Percebe-se, no entanto, que essas fontes somente entram a partir do interesse humano ou impacto que possuem. Quando o assunto é mais complexo, a entrada passa pela apuração dos jornalistas, ao contrário de fontes oficiais que não possuem a mesmo questionamento sobre a veracidade de seus relatos.

Os comentários dos ouvintes são filtrados e alguns são repassados para o âncora Rodolfo Schneider que contrapõe os detalhes apontados por Boechat, selecionando outros pontos de vista sobre os assuntos. Quando recebe as informações, a jornalista do WhatsApp repassa os dados para um bloco de notas, depois pesquisa e apura em portais da web os setores responsáveis sobre determinadas denúncias repassando os contatos para os centros de apuração. Ao receber a resposta da Polícia Militar dos estagiários que buscaram a fonte na sala de redação, a jornalista anexa no bloco de notas e entra ao vivo com os dados dos ouvintes já com o posicionamento da assessoria de imprensa da instituição. A lógica da dupla conveniência funciona tanto em relação às fontes populares que entram em contato, como com as assessorias que são buscadas.

Durante toda a manhã e a tarde, as oficiais ou empresariais fazem o papel de responder a solicitações dos jornalistas e em alguns casos, a comentários realizados no ar. Somente na Operação realizada no Jacarezinho pela Polícia Militar, as fontes da PM e Secretaria de Segurança são acionadas de modo a estruturarem o discurso sobre o acontecimento. Depois que a notícia é apurada e a informação vai ao ar, a jornalista ainda responde os ouvintes com novos dados sobre os casos apurados oriundos dessa relação com a fonte. No caso do Jacarezinho, as primeiras informações são construídas pelo WhatsApp, com áudios solicitados pela jornalista e levados para o ar logo depois.

Um grande número de fontes subsidia a redação em diferentes plataformas, mas não são selecionadas para falar nas matérias. Mesmo sem o jornalista Ricardo Boechat, depois das 10h30, essa relação continua e oferece novas formas de indicação de pautas e de outras vozes. No estúdio, a chegada de um dos colunistas também conduz a conversa a propostas com indicações de pessoas. Na morte do ator Paulo Silvino, o produtor buscou informações com colegas da emissora Globo, onde o ator trabalhava, para complementar os dados sobre o caso. As fontes oficiais mantêm sua hegemonia no cruzamento da apuração com as demandas solicitadas/enviadas pelos ouvintes durante a manhã. Da mesma forma, a cobertura das operações segue a lógica desses agentes com a entrada de ouvintes somente pelo nível de impacto e interesse humano dessas histórias.

Por mais que os ouvintes sejam colocados como principal foco da emissora, é possível perceber a procura incessante por manter repórteres na rua em torno das agendas previamente agendadas e acontecimentos de segurança. Durante toda a semana, apenas uma vez um jornalista foi deslocado para testemunhar ou buscar mais informações com denúncias de ouvintes. A facilidade da gravação pelo telefone e as mídias que são acrescentadas pelo ouvinte para provar tal reclamação faz com que o repórter na redação produza o material.

4.2.1.5 Fontes profissionalizadas x não profissionalizadas e níveis de interferência na construção da notícia

As fontes profissionalizadas estão presentes em todo o fluxo de cobertura da programação, principalmente nas respostas procuradas pelos jornalistas. Em outros casos, a própria assessoria procura a emissora para tentar emplacar sua opinião sobre determinados assuntos ou responder a comentários realizados no programa. O filtro quanto às fontes profissionalizadas, segundo demonstrado pelos profissionais responsáveis pelo site e pela produção é realizado a partir do serviço que interessa a população. Na segunda-feira, questões como salário dos servidores, o desenvolvimento de um aplicativo sobre táxis da prefeitura municipal e as operações da Polícia Federal foram assuntos selecionados por meio desses agentes.

O uso de fontes profissionalizadas também é demonstrada na forma com que os jornalistas são deslocados para a rua. Na segunda-feira todos estavam à disposição para cobrir pautas agendadas pela Prefeitura e o Governo do Estado. A dependência desse tipo de fonte é exemplificada no caso de uma coletiva em que o jornalista que estava na rua entrou ao vivo com a informação de que uma mulher teria sido atingida por uma bala perdida. Alguns

minutos depois, o repórter no local do acontecimento descobriu com uma fonte do IML que na verdade era um homem que teria sofrido um tiro acidental. A confiança na Polícia gerou a informação equivocada que foi corrigida logo depois. A justificativa da PM era por causa do nome do indivíduo. Nesse caso, a diversificação levou à informação correta.

A prioridade vendida e dada aos ouvintes durante a programação ocorre no seguinte sentido: A fonte factual é procurada sempre com prioridade e interfere a partir do conteúdo disponibilizado (imagens, vídeos e áudios reforçam a possibilidade de entrada desses materiais no ar), diferenciando entre aquelas que podem entrar no ar ou não. Em dois casos, informações sobre tiroteios e trânsito são corrigidas no ar após o envio dos relatos. Os ouvintes entram em contato depois para corrigir o local onde ocorria o tiroteio. Nesse caso, quatro pessoas enviaram áudios falando sobre o caso no bairro de Copacabana, mas após um deles entrar no ar, diversos ouvintes afirmavam que na verdade, a situação teria acontecido no Pavão Pavãozinho. Algo que demonstra que muitas vezes passam informações erradas pelo filtro do WhatsApp, considerando o número de sujeitos interagindo.

Os casos de notícias que agreguem valores como intensidade dos dados, que chamem a atenção em questões como impacto ou interesse humano, são direcionadas para os produtores voltados ao jornalista Ricardo Boechat para acrescentar com comentários e outros posicionamentos. Mesmo assim, os profissionais enviados para a rua cobrem as ações de segurança em agendas marcadas previamente pela assessoria de imprensa da PM. Ou seja, quantitativamente, o que faz o jornalista sair da redação ainda é o agente profissionalizado e não as fontes populares ou institucionais de movimentos sociais. Apenas um caso enviado por esse grupo durante a manhã, demanda de uma presença no local do acontecimento para a verificação do repórter.

Da mesma forma, os especialistas são contatados diretamente pelo âncora Rodolfo Schneider, sem outros filtros na redação, bem como do restante da produção e apuração. Há uma dependência dos *News Shapers* (SOLEY, 1992) nesse processo para auxiliar na interpretação e no andamento dos debates em estúdio fomentados por Schneider e Boechat. Enquanto as fontes selecionadas que promovem ou enviam os acontecimentos são posicionadas no momento do contexto, as especialistas destacam novos pontos de debates e questões futuras a serem discutidas.

O caso de uma bala perdida encontrada dentro de casa por um ouvinte entra na programação pelo conjunto de dados apresentado pela fonte no contato com a emissora via WhatsApp. Ela se torna uma matéria com sonora gravada pelo repórter em conjunto com especialistas sobre os casos de bala perdida no Rio de Janeiro. A interferência se dá, nesse

caso pelo critério do impacto humano versus o factual que gera uma discussão na redação sobre a importância ou não de noticiar questões assim. A possibilidade de dar continuidade ao caso é o que leva a busca por aprofundar a notícia e a entrada dela na programação.

São os órgãos oficiais que mantêm a continuidade das reportagens sobre segurança, como no caso da bala encontrada em casa. Não necessariamente essas respostas de setores oficiais entram no momento em que a informação do ouvinte é levada ao ar. Da mesma forma a operação no Jacarezinho realizada na quinta-feira teve o agendamento realizado com a assessoria e provocou o deslocamento do repórter para o local. Outra pauta que fez com que repórteres fossem destacados para a rua foi uma coletiva do prefeito Marcelo Crivella. Entre os dois casos, apenas na operação os relatos dos ouvintes são incorporados na construção das notícias.

O centro de operações, que antes contava com um repórter no local, agora é acompanhado somente pelo *Twitter* para cruzar as demandas enviadas pelos ouvintes. Olhando para o nível de interferência dessas fontes populares como forças de entradas nos portões de seleção há uma diferença conceitual entre o ouvinte “final de telefone”, como aquele que indica informações que podem ser apuradas e anguladas com outras fontes indo ao ar logo depois em questões factuais; e o ouvinte pelo nome completo que demanda de apuração e leva a uma reportagem com sonoras, dados e outras informações de fontes oficiais. Nesse caso, a interferência é clara no deslocamento de um repórter para realizar a matéria específica para o rádiojornal.

A assessoria da Comlurb também é acionada para responder a demandas sobre esquemas de trânsito na cobertura durante a manhã após as interações. A interferência também é dividida entre o nível de informações que podem dar continuidade ou carregar serviço pelas fontes e aquelas que entram somente no factual do dia a dia. A utilização prioritária das interações segue uma lógica que o jornalista Ricardo Boechat defendia como uma contraposição à falta de credibilidade dos políticos na atualidade. Porém, são as ações destes que continuam a pautar os comentários e a sequência de reportagens produzidas, mesmo que com as vozes dos ouvintes.

A demora das assessorias na resposta de solicitações via email atrapalha no andamento das informações demonstrando certo interesse em blindar organizações como o Governo do Estado e Polícia Militar. Quando os materiais correspondem a serviços ou agendas que interessam o público, elas entram de forma direta nas emissoras. Os números de telefones das UPPs, o site das UPPs e a assessoria de imprensa da Polícia Civil são os principais acionados

durante a programação da manhã. A operação no Jacarezinho é o principal tema discutido com essas fontes durante a semana.

A possibilidade do envio de diferentes mídias, o número de pessoas falando sobre o mesmo assunto e a confirmação rápida de fontes oficiais fazem com que as informações sigam na cobertura nos períodos da manhã e tarde. Por outro lado, a profissionalização da relação com os jornalistas se coloca de duas formas: uma influenciando e auxiliando jornalistas na construção das pautas e outra atrapalhando e blindando seus assessorados em informações que prejudiquem a imagem das organizações.

A falta de profissionais na redação para cobrir o conjunto de pautas que oferece a região metropolitana no Rio leva a uma preferência por dados enviados pela população e não necessariamente repórteres para cobrir os acontecimentos políticos e institucionais das vozes oficiais e empresariais. Por mais que esse discurso se reproduz nos acontecimentos e nas abordagens com que as fontes são selecionadas para responder, comentar, analisar ou até mesmo contextualizar esses fatos. A quantidade de interações que promove o acesso das fontes populares não possui a mesma interferência das profissionalizadas no momento da cobertura. Ainda são as fontes oficiais e empresariais que geram a mobilização dos repórteres e o andamento de pautas duras ou acontecimentos de interesse político, econômico ou governamental.

4.2.2 A seleção das fontes segundo os jornalistas

A coleta de dados com as entrevistas semi-estruturadas teve como objetivo explorar as subjetividades presentes no momento da seleção das fontes no radiojornalismo. Na BandNews, foram realizadas após o período de observação sistemática. O tópico guia levantou questões que envolviam o sistema de valores, crenças, atitudes no processo de seleção, histórico profissional, novas tecnologias e as mudanças no processo de relação/seleção de fontes (GASKELL, 2002). Já a variável padrão de seleção dos entrevistados, como destacam Duarte (2006) e Gil (2009), seguiu as funções que desempenham o papel de selecionar fontes dentro da emissora e os cargos de gerenciamento de jornalistas, pautas e até da adaptação das novas tecnologias ao cotidiano de trabalho.

Segundo Wimmer e Dominick (2011), a utilização de entrevistas semi-estruturadas ou intensivas tem como vantagens o a) detalhamento de informações e motivos apresentados em torno de opiniões, valores, motivações, lembranças, experiências; b) a possibilidade de observação das respostas não verbais dos entrevistados; e c) a personalização das perguntas

direcionadas a cada entrevistado de acordo com a categoria em que está inserido. A busca pela riqueza de detalhes sobre o cotidiano profissional, as tarefas desempenhadas no dia a dia e as relações com os agentes que se tornam as fontes no noticiário também estavam presentes na utilização do tópico guia das entrevistas.

Todos serão identificados segundo comum acordo durante a realização. Assim, do núcleo da chefia foram entrevistados o diretor de Jornalismo da TV Bandeirantes no Rio de Janeiro e âncora do BandNews Rio 1ª Edição, Rodolfo Schneider; a chefe de redação e âncora da BandNews Rio, Taís Dias; e o também âncora e chefe de reportagem Mário Dias Ferreira. Além disso, também participaram outros três jornalistas que atuam tanto nas ruas como na redação: Carlos Briggs, Coordenador de Produção e Repórter; Tatiana Campbell, Repórter do WhatsApp; e Marcus Lacerda, Repórter do site.

Os resultados foram sistematizados a partir das frequências (HERSCOVITZ, 2007) de fala sobre determinados temas, além do cruzamento teórico-conceitual das seguintes categorias: a) mudanças na seleção das fontes durante o período profissional de trabalho na redação; b) a interação com os ouvintes como estratégia de seleção de novas vozes na programação; c) ferramentas utilizadas na seleção; d) cuidados com a seleção em torno de questões éticas e profissionais; e) profissionalização das fontes e o impacto nas redações; f) jornalista sentado e multifunção; g) constrangimentos organizacionais na seleção das fontes; h) diversidade nas notícias.

É importante ressaltar que as entrevistas evidenciaram algumas questões repetidas e defendidas durante o processo de assimilação do jornalista no ambiente de trabalho e da linha editorial e da própria chefia da emissora. A interação com os ouvintes, a “participação” plena de diferentes grupos sociais e a diversificação das notícias são temas recorrentes em que apenas dois dos entrevistados fugiram da lógica e trouxeram constrangimentos organizacionais decorrentes desse modelo de trabalho. Nesse sentido, torna-se necessário voltar à literatura, discordar e cruzar as informações com dados conceituais e oriundos da observação sistemática e da própria coleta da programação.

Antes das análises sobre as entrevistas, iniciamos as discussões com o **perfil profissional** dos entrevistados, como parte da compreensão que rege os valores compartilhados pela comunidade interpretativa ou tribo jornalística (ZELIZER, 2004; TRAQUINA, 2005a). É fundamental entender, antes das respostas, dados sobre tempo de formação, experiência e como se enquadra na redação da emissora. Vale ressaltar que o objetivo é buscar informações que indiquem a forma de participação do jornalista na seleção

das fontes e como se faz presente no conjunto de produção cotidiana e local durante a investigação na emissora.

O diretor de jornalismo do Grupo Bandeirantes no Rio de Janeiro Rodolfo Schneider é responsável pelas áreas relativas à construção da notícia na Rádio BandNews FM, na TV Band e o Jornal Metro, além de ter comandado a área esportiva no período da Bradesco Esportes FM em 2016. O âncora assumiu a emissora *All News* em dezembro de 2007 com o cargo de Chefe de Redação, quando também começou a apresentar o programa local na primeira edição em conjunto com Ricardo Boechat. O jornalista já passou pelas funções de repórter, produtor âncora e coordenador local da TV Bandeirantes.

Jornalista que está desde 2006 no Grupo Bandeirantes Taís Dias é chefe de redação na BandNews Rio. Na TV, passou pela reportagem, edição, foi editora-chefe e apresentadora do jornal local. Formada desde 2004 pela Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha) atualmente apresenta o noticiário da BandNews FM, na qual já foi repórter e chefe de reportagem. Especialista em Relações Internacionais pelo IBMEC e em Telejornalismo na Universidade Estácio de Sá, também é responsável por boletins noticiosos na BandNews TV e BandSports, com coberturas como a Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016.

O chefe de reportagem Mário Dias Ferreira iniciou na emissora como estagiário em 2005, na qual foi contratado como freelancer em coberturas nos anos de 2006 e 2007. Em 2008 foi contratado como repórter e logo depois promovido ao cargo que exerce atualmente. Com treze anos de experiência no meio, Ferreira trabalhou na central de apuração da primeira equipe montada pela BandNews FM no Rio de Janeiro. Também atuou na Bradesco Esportes FM com a coordenação e âncora sobre as Olimpíadas de 2016 e nos jornais impressos diário Lance e O Fluminense.

O jornalista Marcos Lacerda entrou em 2010 na emissora ainda como estagiário e um ano depois, já como formado foi contratado como trainee pelo Grupo Bandeirantes. Atuou na apuração, reportagem e atualmente é âncora e coordenador das plataformas digitais, como o site e os perfis em sites de redes sociais. Nos fins de semana e férias de Mário Dias Ferreira ainda exerce o cargo de chefia de reportagem. Com 10 anos de experiência na BandNews FM, Carlos Briggs também começou como estagiário e passou da reportagem para a apresentação até a coordenação de apuração no jornalismo local. É mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense e já passou pela TV Bandeirantes e Jornal Metro. Mais nova na casa, Tatiana Campbell entrou em janeiro de 2016 e após um ano e meio como estagiária foi contratada como repórter responsável pela apuração via WhatsApp, função que exerce desde a entrada na BandNews. Com seis meses de formada, em 2017 atuou um mês no

Centro de Operações da Prefeitura do Rio de Janeiro até ser indicada para comandar a relação com os ouvintes na produção dos programas locais pela manhã.

Nas **mudanças na seleção das fontes durante o período profissional de trabalho na redação da emissora**, em todos os casos, os entrevistados citaram a incorporação de novas ferramentas na redação para a procura de diferentes vozes sobre os acontecimentos. Segundo o diretor de jornalismo da TV Bandeirantes no Rio de Janeiro e âncora do BandNews Rio, Rodolfo Schneider, desde que começou na emissora, há 12 anos, uma série de modificações foram realizadas com o objetivo de se aproximar com o público ouvinte: “Nós fazíamos o trabalho habitual no começo, mas percebemos num determinado momento que o correto era tornar o ouvinte o nosso principal foco” (SCHNEIDER, 2017). A linha seguida na emissora, de acordo com ele, foi pensada pelo âncora Ricardo Boechat em que todos estariam trabalhando voltados ao atendimento às “testemunhas da história” ao contrário do que a polícia diz, ou a secretaria fala.

O estabelecimento da emissora no Rio de Janeiro como a primeira *All News* transmitida em FM levou à busca de estratégias diferenciadas para conquistar o público e, depois, torná-lo uma fonte na produção cotidiana das notícias. Schneider (2017) destaca que o processo de seleção dos materiais oriundos dos ouvintes passou do telefone tradicional para a possibilidade de agregar a multimídia por meio do WhatsApp e do Facebook. O diretor de jornalismo conta que quando começou a trabalhar na emissora, a tradicional ronda pelos quartéis e instituições da cidade eram as formas de buscar notícias, ao passo que hoje “recebemos todos os dias um caminhão de informações”.

O canal da audiência, que destacam Shoemaker e Vos (2011), acaba sendo uma das principais vertentes de coleta de informações e da seleção das vozes que vão compor as notícias construídas no cotidiano da emissora. É comum, a percepção entre os diferentes profissionais na redação de que a relação estabelecida com as fontes populares mudou o formato de apuração das notícias. Por outro lado, a diversificação dos agentes que efetivamente se fazem ouvidos no conjunto da programação ainda aparece pouco na fala dos entrevistados. A curadoria colaborativa como um processo de *gatewaying* se estabelece na seleção e construção informativa ao longo da programação, nas palavras do diretor:

[A seleção das fontes via WhatsApp] Começou na BandNews do Rio de Janeiro graças a essa veia do Boechat e eu estava como chefe da redação na emissora na época, então foquei muito nisso. Eu acho que a gente passou a ter uma relação ainda não vista entre a redação e o seu público. Vamos desde pegar a informação até se envolver com os problemas dos ouvintes mesmo fora do ar, sem isso muitas vezes se tornar uma notícia. Até porque eles nos subsidiam também em questões que não vão

para o ar na programação. Nós nos envolvemos com as causas. (SCHNEIDER, 2017)

O envolvimento citado varia entre diferentes formas de seleção/relação com uma fonte que além de enviar as informações também possui um canal de respostas do Repórter do WhatsApp. A percepção sobre as mudanças também é corroborada pela chefe de Redação Taís Dias que está há sete anos na emissora. Além de direcionar a linha editorial no contexto do grupo Bandeirantes, do qual faz parte há 12 anos, a chefe ainda ancora o BandNews Rio 2ª Edição e faz entradas na programação na ausência dos âncoras da manhã. Para ela, a interação começou com um mural no site em que os registros das mensagens serviam para o relacionamento com o público, porém ainda de forma limitada.

Como não havia uma moderação e um cuidado específico da emissora que era considerada nova no dial carioca, quando a rádio começou a ganhar audiência houve a necessidade de ampliar a interação: “O Boechat trouxe muito dessa interação ouvinte-BandNews, ele foi o grande marco, já como entendedor do papel do ouvinte na rádio não só para ouvir, mas para participar. Então hoje a gente tem milhares de fontes, milhares de repórteres pelo Rio e pelo Brasil. O nosso ouvinte entende o papel de protagonista, aqui a gente acaba sendo um mediador para levar ao ar esse jornalista amador” (DIAS, 2017).

Há que se ressaltar que no caso da emissora, existe um profissional específico para selecionar e apurar os dados oriundos das fontes populares por meio do WhatsApp. Então a definição de “jornalista amador” não se encaixa no modelo de colaboração existente no processo de seleção. Dias (2017) explica que esse ambiente de produção passou de uma central de atendimento via telefone, para as redes sociais e o email até a chegada do WhatsApp. Ela reconhece a dependência desse canal na atualidade, praticamente a principal porta de chegada de pautas e informações, invertendo a lógica do jornalista em busca dos acontecimentos:

Hoje nossa principal forma de chegada de participação de ouvinte é o WhatsApp. Hoje pensamos em como fazer para administrar essas mensagens de forma otimizada com várias pessoas respondendo aquele mesmo número. Hoje são dois repórteres contratados somente para responder o WhatsApp, atendendo os ouvintes selecionando o que é uma notícia factual, o que é uma denúncia que precisa ser apurada e pode esperar um pouco mais e a notícia corriqueira. (DIAS, 2017).

A chefe de redação é responsável, em conjunto com o chefe de reportagem Mário Dias Ferreira pela política de verificação dos materiais que saem da Repórter do WhatsApp e vão para o grupo Central de Apuração. Ferreira começou na Bandeirantes em 2005 como estagiário, em 2007 foi contratado como *freelancer* para algumas coberturas e em 2008 começou como repórter, quando logo depois se tornou chefe de reportagem. Atualmente

também exerce a função de âncora nos intervalos locais transmitidos três vezes a cada hora, além de operar a mesa, selecionar as notícias e revisar os textos dos repórteres.

Mesmo diante do trabalho intensivo que a velocidade na produção das notícias imprime na redação da BandNews, Ferreira destaca que a inovação e a tecnologia no processo de seleção das fontes é um caminho sem volta. A agilidade do processo, segundo ele, precisa ser amparada pelo compromisso de não levar ao ar nada que não tenha passado pela apuração. Porém, nesse quesito, foi possível perceber que diante do trabalho da Repórter do WhatsApp, era praticamente impossível parar para refletir sobre determinadas pautas. As “corriqueiras” de trânsito e segurança entravam praticamente todas no ar, enquanto as denúncias seguiam para a equipe de apuração.

O chefe de Reportagem cita o exemplo da notícia com o monumento em homenagem ao cantor Michael Jackson no morro Dona Marta com um fuzil: “Isso chegou pra gente na segunda-feira com vários ouvintes compartilhando. Aquela questão do cara que não viu, mas recebeu de um grupo e compartilhou, então a gente tem esse compromisso de ter alguém preparado no WhatsApp para apurar. Recebemos isso pela madrugada e somente depois das 10h da manhã foi que a Polícia confirmou que tinha identificado a quadrilha no Dona Marta que realizou. Mas poderia ter sido uma montagem e imagina se estivesse dado, por isso temos uma central de apuração” (FERREIRA, 2017).

Esse caso, segundo ele, exemplifica a mudança pela qual passou a emissora nos últimos anos e que continua como um objetivo na estrutura da organização. No caso sobre o fuzil no monumento, o conjunto de profissionais auxiliaram na apuração e na angulação dos dados com as fontes oficiais, como a Polícia Militar e Civil, que proporcionaram o aprofundamento da notícia. Ferreira (2017) destaca que nem sempre a fonte que envia a informação aparece na programação pelo número de pessoas que entram em contato, como foi o caso. O fluxo passou do WhatsApp para a apuração, do ar para o site.

A fonte secundária, na definição de Lage (2001), que auxilia o jornalista e não aparece na notícia, depende da relação estabelecida, segundo Lacerda (2017). Diante do número de dados enviados, da interação cada vez maior e da necessidade de garantir a segurança dos ouvintes o jornalista afirma que é necessário “saber quando ela quer ser divulgada e quando ela quer somente passar um dado, algo que possa ajudar ou interessar” (LACERDA, 2017). Para ele, existem casos que não é necessário a fonte aparecer, o que depende do bom senso do jornalista, do diálogo estabelecido não somente com esses ouvintes, mas com as fontes oficiais, testemunhas e especialistas. O Repórter do Site entrou em 2010 na emissora como

estagiário, depois se tornou *trainee* e foi contratado em 2012. Atualmente também ancora, produz conteúdos e cobre os plantões do fim de semana.

A **interação com os ouvintes como estratégia de seleção de novas vozes na programação** aparece com o objetivo de aumentar o fluxo de cobertura noticiosa diante do contexto econômico e profissional vivenciado no Rio de Janeiro. A chefe de Redação Taís Dias afirma que pelo imediatismo do rádio, a chegada das informações abastece toda a produção jornalística do grupo Bandeirantes na cidade. O grupo de WhatsApp “Central de Apuração” agrega profissionais de todo o grupo e mídias como imagens e vídeos enviados para a emissora, que além de ir para o site, vão também para a televisão.

Essa estratégia resulta também na possibilidade de incluir diferentes vozes em várias temáticas abordadas, mesmo a seleção sendo realizada com foco no factual e direcionado para questões de trânsito e segurança. Como já observado no cotidiano da emissora, os comentários são filtrados e, quando não há informação que agregue novos olhares para a notícia em questão, elas não vão ao ar (DIAS, 2017). Esse critério utilizado facilita, segundo os chefes de Redação e Reportagem, selecionar assuntos específicos que aprofundem as notícias na emissora, diante da imensidão de mensagens enviadas em momentos como nos comentários dos âncoras Ricardo Boechat e Rodolfo Schneider.

A estratégia se intensificou na utilização da plataforma de mensagem instantânea do WhatsApp e na busca em diferenciar-se do modelo *All News* da concorrente CBN: “Nesse formato mais conversado, não tão formal, as pessoas foram se aproximando, foi uma troca de dois lados, a gente também muda um pouco nosso perfil. A cada ano que passa a gente fica mais próximo e tem mais esse feedback do ouvinte” (FERREIRA, 2017). Há a constatação de que ao realizar esse processo, os ouvintes não se resumem à escuta, mas a um processo ativo de participação, de fala ao vivo e de auxílio na construção das notícias. Por outro lado, é preciso considerar que as fontes populares que procuram essa instância para fazerem valer seus discursos e sensibilizar a sociedade sempre possuíram uma postura ativa frente aos meios. O processo de mediação no rádio expandido está presente nas diferentes apropriações de que falam Martín-Barbero (2004) ou Winocur (2002).

O problema da estratégia está na seleção das fontes que se torna algo mais próximo à emissora e não na relação com o jornalista. Como explica Carlos Briggs (2017), “aqui os jornalistas não tem fontes, é a emissora que tem, se eu sair para outra emissora, dificilmente irei levar esses contatos que são da própria rádio”. Seria quase um acordo entre sujeitos numa relação de confiança que se estabelece a partir da troca, de interesses de ambas as partes, como uma característica que apontam Lage (2001) e Pinto (2000) sobre o que procuram

fontes e jornalistas. O coordenador de Produção Carlos Briggs está há oito anos na emissora, na qual começou como estagiário e também atua fazendo reportagens, editando textos e produzindo em conjunto com as estagiárias.

Como já destacado, a estratégia que se mantém por meio do telefone, do email, dos sites de redes sociais ou da antiga agenda de fontes se concentra no WhatsApp com dois profissionais trabalhando nos turnos da manhã e da tarde focados nessa interação. O trabalho se resume a atuar de forma sentada selecionando os materiais oriundos de fontes populares e oficiais por meio da plataforma, armazenando mensagens durante todo o BandNews Rio 1ª Edição e repassando para a Central de Apuração. Segundo ela, a identificação “ouvinte final de telefone” se justifica porque “na maioria das vezes as fontes não querem ser identificados em casos de tiroteios ou acidentes” (CAMPBELL, 2017).

No grupo da Apuração o que eu mando são denúncias de diversos tipos, problemas em hospitais, saúde, a enrolação [sic] do serviço público eu passo para a apuração e a produção do Boechat. Questões de meio ambiente, por conta de vazamentos de óleo no mar ou poluição, esgoto, que envolve a prefeitura, além dos factuais como tiroteio e manifestações que precisam dessa angulação. Eu não repasso comentários porque isso não vai acrescentar nas pautas. Agora se é um comentário com denúncia isso vai para o relatório que será utilizado depois na apuração. Por exemplo, um ouvinte comenta sobre um projétil dentro de casa, vai para o ar e logo depois uma série de comentários aparecem com outros relatos, eu não jogo dentro do grupo, mas para uma pauta terão novas fontes em diferentes pontos do Rio. (CAMPBELL, 2017)

Mesmo com a evidência dada em todas as entrevistas sobre o recurso do WhatsApp, a utilização se resume ao contato e a seleção das vozes como uma forma tradicional que englobam ainda o telefone, o email e os contatos pessoais existentes já de antemão (SCHNEIDER, 2017). Isso revela o conjunto de **ferramentas utilizadas na seleção** pelos jornalistas da emissora que, inclusive, mantêm a tradicional agenda na equipe de produção com contatos de diversas áreas para possíveis pautas. A utilização da tecnologia, segundo Mário Dias Ferreira (2017) não exige dos cuidados necessários na apuração cotidiana, mas abre possibilidades para a entrada direta do factual que “vai para o ar na hora” ao contrário das denúncias que são analisadas e apuradas para que não entrem trotes ou notícias falsas.

Isso também demonstra como a rotina de seleção das fontes para a construção das notícias é efetuada dentro da ideologia profissional dos jornalistas marcada pelos aspectos da convergência de mídias e pelo rádio expandido. A utilização dos aplicativos de mensagem instantânea se sobrepõe na hora de acentuar a relação com os agentes sociais, o que deixa nebuloso o processo com que acontece o tratamento das fontes tradicionais na redação. Segundo Marcus Lacerda (2017), o repórter do site, essa utilização melhorou a relação com a

fonte na rapidez com que as notícias chegam à emissora e também pela busca do anonimato em casos de segurança ou denúncia política.

As características que preponderam sobre a seleção das fontes no rádio expandido também aparecem nas mídias enviadas via celular. De acordo com o Lacerda (2017), a rapidez no contato, a diversidade de dados enviados, a “interação em tempo real” e o envio de fotos, vídeos que vão para o site determinam a possibilidade de serem selecionados. A contradição quanto à fonte popular como um agente primário nesse processo está no fato de que mesmo com a prioridade destinada a esse setor da sociedade, a busca pelo oficial continua como uma necessidade no caso das polícias, Governo do Estado e do próprio município. Os perfis no Twitter e no Facebook também mediam essa relação tanto pelo oficial da emissora como pelos pessoais dos repórteres envolvidos nas matérias: “Aquilo que era o telefone e a carta dos anos 1980 agora é para entrar no ar a qualquer momento, então a tecnologia abriu muitas possibilidades na relação e seleção das fontes” (LACERDA, 2017).

Os **cuidados com a seleção em torno de questões éticas e profissionais** são os principais focos de questionamento quanto à forma com que aparecem na programação as colaborações em trânsito e segurança. Não se propõe aqui fazer uma dualidade entre o “ouvinte final de telefone” e os setores oficiais a partir de sua hierarquia da credibilidade, como destaca Traquina (2005b). Chaparro (1994) já alertava para as mentiras oriundas de fontes que possuem poder no caso do então presidente da CBF, João Havelange. Schneider (2017) afirma que o cruzamento dos dados com setores oficiais para o aprofundamento das informações e a confirmação dos dados continua: “O que acabamos tendo na relação com o ouvinte é a intensidade dos dados que eles nos repassam, a gente acredita no ouvinte até porque enquanto um liga, outros também falam sobre a mesma informação, cruzamos os dados e levamos para o ar. Nós confiamos plenamente no ouvinte, o que não quer dizer que não nos enviem boatos, coisas que estão viralizando, achando que é verdade”.

A característica do *gatewatching* é utilizada na curadoria dos materiais enviados, inclusive na resposta dada aos ouvintes quando um material não é verdade. Quando algo passa e vai para o ar, a correção é realizada mesmo sabendo que algo que não aconteceu já foi transmitido: “A gente acredita no que ele está falando no sentido de ir atrás daquela informação, não no sentido de que o que ele mandou a gente bota no ar imediatamente” (SCHNEIDER, 2017). É possível, nesse sentido, afirmar que ao contrário do que pregam os profissionais da emissora, não há uma inversão da prioridade às fontes populares que continuam dependentes da confirmação da fonte oficial sobre determinadas temáticas. Algo

que não acontece quando é ao contrário, pois as agendas determinadas por essas instituições entram com o acesso direto à programação na escala dos profissionais que vão para a rua.

Quem confirma essa situação no processo de escolha entre as fontes oriundas do WhatsApp e as habituais como colunistas, especialistas ou até mesmo autoridades é o chefe de reportagem Mário Dias Ferreira. Para ele, as agendas são sempre intercaladas entre o aprofundamento de uma denúncia de ouvinte que demanda de um repórter na rua e as tradicionais coletivas, inaugurações, operações já determinadas pelos setores oficiais/empresariais. A relação de proximidade, política e até mesmo econômica é o que determina a entrada das informações na pauta da emissora.

[Sobre a utilização do WhatsApp] A cada dia temos notado que é uma ajuda, mas também é um perigo. Imagina se passar algo que é uma mentira que afeta muita gente. O caso da van escolar em São Gonçalo é outro exemplo em que a gente confirmou com a Polícia Militar e outros meios de comunicação. São coberturas dinâmicas, e a gente teve uma preocupação pelas crianças, claro que tem coisa que demora. Tem ouvintes que se tornam fontes nossas e a gente confia mais, quase como um colunista, uma pessoa ligada a autoridades, enfim. Até outros meios ligam para cá pedindo o telefone do ouvinte dependendo da história que ele passa. (FERREIRA, 2017).

A chefe de redação Taís Dias exemplifica a regra utilizada na seleção diferenciando as informações em que esses agentes são encaixados em trânsito e segurança; e aquelas que demandam de uma checagem aprofundada. Por mais que a entrada dessas vozes seja direta nas temáticas abordadas é algo passível de questionamento, pois ao contrário das tradicionais instituições da sociedade civil, do governo e das oficialidades, somente neste caso a demanda atrai a interação. Já a repórter do WhatsApp, Tatiana Campbell afirma que a porcentagem entre informações erradas e aquelas que geram uma cobertura aprofundada é pequena.

Quando a gente fala de trânsito, nós entendemos que uma pessoa não vai perder o tempo dela para enviar uma informação que não é verdade. Então a gente usa automaticamente a regra de três de pessoas. Já quando é um tiroteio, se for alguma coisa que tenha uma grande mobilização no WhatsApp, se for uma só que mandou nós procuramos a polícia, agora se foram muitas pessoas mandando, nós botamos no ar primeiro e depois vamos para a Polícia. Nesse caso há um consenso que se muita gente manda, não faz sentido não acreditar na veracidade. (DIAS, 2017)

Nesse tipo de fonte existe uma distinção estabelecida pelos profissionais entre o “ouvinte cativo” que mantém uma relação de credibilidade pelo número de vezes que entrou em contato com informações relevantes; e aquele que habitualmente ou pela primeira vez está se relacionando com a emissora (BRIGGS, 2017). Ele destaca que a velocidade das informações, do trabalho desempenhado com um número enxuto de profissionais, o limite é tênue entre os valores notícia implicados na cobertura e o risco de errar. A explicação para a busca do outro lado em todos os materiais, segundo o coordenador de produção, é a mesma

aplicada para outros tipos de fonte: “A questão da credibilidade é fundamental. Não vou ser hipócrita. Dependendo da direção e do tom que a pessoa está dando, a gente corta, pois a responsabilidade aumenta em buscar o outro lado, analisar uma questão mais de perto. A Band segue uma linha editorial, mas nunca fui censurado” (BRIGGS, 2017).

Como já detalhado pelos jornalistas, a utilização da interação como um recurso para possibilitar novas vozes não implica na alteração do modelo de seleção tradicional na construção das notícias. Quanto à **profissionalização das fontes e o impacto nas redações**, Campbell (2017) que mantém o centro das atenções no formato de cobertura local da BandNews também estabelece um contato diário e rotineiro com as assessorias e departamentos de comunicação: “as fontes profissionalizadas usam os grupos no aplicativo para dar o retorno para aquilo que a emissora leva ao ar. Em muitos casos, o assessor ouve e já manda a mensagem respondendo a informação comentada”. A postura proativa, que destaca Schmitz (2011), é uma das estratégias das fontes institucionalizadas de estabelecer a visão dos assessorados no conjunto da cobertura noticiosa.

Já em alguns casos, a ação visa blindar os assessorados em casos de corrupção ou escândalos envolvendo empresários, políticos e até equipes de futebol no cotidiano da apuração da emissora. Schneider (2017) argumenta que em alguns casos a ação das assessorias facilita o contato e a busca por informações por parte dos profissionais na redação que demandam de rapidez e de conteúdos aprimorados, mas também inverte a lógica do contato direto com a fonte face a face: “antes você falava direto, hoje não é assim, você precisa primeiro buscar a assessoria e tem muitos casos que estão mais preocupados em dificultar o trabalho da notícia do que efetivamente assessorar”.

A falta de credibilidade dos políticos também influencia no processo de busca por ouvir todos os lados de uma notícia, como afirma Taís Dias (2017): “A gente tem o entendimento que diante das autoridades que temos, sendo presas, com pouquíssima credibilidade, envolvidas em escândalos, é o cidadão comum que tem a fé pública”. O argumento volta à busca pelos ouvintes em detrimento da dependência dos setores oficiais mesmo com a necessidade de respostas em casos de acusação, envolvimento em escândalos ou investigações: “Se temos a palavra de um e a de outro, a gente fica com o ouvinte e eu te digo com certeza que o número de informações erradas que chegam é o mínimo” (DIAS, 2017).

A utilização dos materiais oriundos das assessorias de imprensa se mantém no site, em casos de serviços, agendas ou interesse público, como afirma o Repórter do Site; e na ancoragem que em alguns casos recebe o release durante a transmissão do radiojornal local e

entra de forma direta no ar (SCHNEIDER, 2017). Não há nesse caso uma edição crítica, reedição ou reaproveitamento do material que, pela credibilidade dada ao setor que envia a informação, o acesso se torna direto (MOLOTCH e LESTER, 1999). A contradição no processo de seleção é evidente em relação à “prioridade” dada aos ouvintes, já que estes atendem a lacunas específicas de cobertura da emissora.

[As assessorias] servem para responder solicitações ou a agenda, o aguardado das instituições, o serviço como o governo divulgando o calendário de pagamentos, etc. As assessorias de imprensa expandiram muito o mercado, mas tem muita coisa que é fútil, liga para cá e pergunta sobre especialistas de coisas irrelevantes que nós acabamos não usando. Sobre a relação com a assessoria de imprensa de questões mais *hard news* como Tribunal de Justiça, Polícia Militar e Rodoviária, Federal e até mesmo de times de futebol, elas criam grupos de WhatsApp e na maioria das vezes já tem o que você quer e quando eles respondem todos já recebem a mesma resposta. (LACERDA, 2017)

Assim como a percepção sobre interação, acesso e participação não possui diferenças claras nos conceitos explorados pelos profissionais, a situação **do jornalista sentado e multitarefa** é assimilado como uma condição de trabalho na emissora. O contexto vivenciado com 35 profissionais em diferentes turnos numa rotina intensa de cobertura noticiosa é explorado nas formas com que a atuação é desempenhada na redação. Os âncoras que operam a mesa atendem chamadas, fazem a apuração, são responsáveis pelo site e outras plataformas são apenas alguns dos aspectos que influenciam diretamente na seleção das fontes na cobertura local.

A explicação alia a tecnologia e as atualizações necessárias ao ambiente de trabalho no contexto da convergência de mídias com a manutenção de valores tradicionais no âmbito da produção jornalística. Schneider (2017) destaca que hoje a emissora procura focar na relação com os ouvintes novas estratégias de seleção, inclusive com o georreferenciamento das interações para levantar novas pautas. Quanto à multifuncionalidade, o diretor de jornalismo afirma que para crescer na emissora e sobreviver no mercado, o profissional precisa trabalhar pensando em diferentes plataformas colocando a situação como um avanço, mesmo diante da intensidade a que esse jornalista é submetido no seu cotidiano.

Na BandNews, o repórter vai para rua, ele volta, alguém corrige o texto mas já vai para a ilha de edição, grava, edita e dependendo do horário, ancora a programação que está no ar, inclusive monitorando e operando a mesa. Isso é um avanço sensacional, não sou contra as funções, mas o mercado pelo tamanho das redações pediu isso. A seleção natural do jornalismo vai buscar quem vai sobreviver dentro disso. (SCHNEIDER, 2017)

A divisão realizada pela chefia entre os repórteres que vão para a rua selecionar as fontes no local dos acontecimentos e aqueles que apuram diretamente nas redações é baseada

no perfil: “Eu acho que a rua demanda daqueles jornalistas fuçadores, daqueles que conseguem observar coisas que poucos observam, é claro que a gente vai ter dentro da redação que tenham esse perfil, mas podem ser direcionados para a apresentação ou a produção” (SCHNEIDER, 2017). Por outro lado fica evidente na observação sistemática que não há um número suficiente de repórteres que busquem a ida para a rua por questões econômicas. A chegada ao local demanda de questões que envolvam a agenda oficial das instituições e não acontecimentos específicos que são cobertos com a curadoria dos ouvintes.

A chefe de redação Taís Dias corrobora com a multifuncionalidade, como uma necessidade, em que quem chega à emissora “não pode só falar ou só escrever, tem que saber de tudo”. A necessidade de locomoção, segundo ela, já não é tão necessária com a interação estabelecida com os ouvintes em que um jornalista faz a mediação entre o acontecimento e a notícia que será apurada e levada ao ar: “Talvez não precisemos se locomover, porque em muitos casos aqui dentro, no tempo de locomoção você já produz a matéria. Agora sempre será necessário o jornalista para fazer o texto final e corroborar que aquilo ali tem credibilidade e foi apurada” (DIAS, 2017). Ou seja, desde que o perfil do jornalista atuando sentado produza o trabalho necessário à construção da notícia com diversificações e procure a diversidade de fontes, a presença no local torna-se opcional.

Já Mário Dias Ferreira, como chefe de reportagem, amplia a noção de que o jornalista está a serviço das fontes oficiais quando o assunto é planejar o deslocamento dos profissionais para aprofundar matérias. A organização do espaço e do tempo do perfil setorista que fala Tuchman (1983) está presente na dependência da BandNews em questões oficiosas: “Em alguns casos você requer a presença do cara no local, hoje tinha uma coletiva no IBGE e uma operação da Polícia Militar, nesses casos alguém tinha que ir. Em muitos casos a gente usa o repórter da TV que está na rua ou que é necessário estar presente e aquilo que dá pra fazer aqui da redação” (FERREIRA, 2017). Para ele, esse limiar entre o trabalho sentado e em pé deve ser relativizado no caso da emissora em que a função da Repórter do WhatsApp é o “motor da rádio, precisa do repórter na rua, mas claro que não dá para enviar todo mundo pra todo lugar, então, mesmo na redação é dinâmico sempre apurando” (FERREIRA, 2017).

A crítica ao formato de cobertura dependente desse modelo sentado só aparece nas entrevistas com os repórteres e o produtor em questões como a dependência dos agentes externos, falta de tempo e uma postura dos jornalistas em propor pautas, ou aprofundar materiais que demandem de um trabalho investigativo em dados. Os **constrangimentos organizacionais na seleção das fontes** na BandNews agregam questões como o trabalho rápido e sem uma concentração específica sobre os fatos, a manutenção do repórter sentado

em sequências ininterruptas de atendimento ao ouvinte durante toda a manhã e a lógica que impede um relacionamento mais igualitário com as fontes oficiais.

O repórter e coordenador de produção explica que no caso de coberturas sobre a Operação Lava Jato no Rio de Janeiro ou ações de fontes oficiais específicas na área política, a emissora sai perdendo por manter uma lógica em torno somente dos ouvintes. Por outro lado, não chega a citar possibilidades do uso desses ouvintes mesmo em casos como os citados pelo profissional, voltando à lógica do encaixe temático em trânsito e segurança. Há uma dependência direta, pelo contexto em que a emissora trabalha com poucos profissionais, dos materiais que chegam por meio do WhatsApp.

A BandNews criou uma lógica que não consegue mais sair, e nem quer. A emissora é o ouvinte, 99% vêm do ouvinte. Então a nossa relação com as fontes oficiais não é da mesma forma que outras emissoras. Por exemplo, é muito comum nas operações da Lava Jato, a TV Globo estar posicionada nos endereços das operações, enquanto a gente não. Nesse aspecto a gente come muita poeira porque não temos uma relação mais próxima dessas fontes oficiais. (BRIGGS, 2017)

Outra crítica do jornalista é a atuação como “mero mediador” sem o senso crítico necessário que possibilita a sugestão de pautas e de diferentes abordagens que levem à diversidade de fontes e temáticas. Ele afirma que em alguns casos, um universo restrito de pessoas se tornam as principais vozes na cobertura, o que restringe o acesso a diferentes personagens nos acontecimentos do cotidiano. No universo de seleção de outros tipos de fontes, não há a procura pela diversificação, onde os nomes se repetem como consequência do comodismo e da condição de trabalho dos profissionais.

E o jornalismo como um todo ouve sempre as mesmas fontes, está aí o *mea culpa (sic)*. Quando você coloca o ouvinte nessa posição diversifica. Mas muitas vezes pode ter um universo mais restrito de ouvintes e existem possibilidades de aumentar. E por preguiça, comodismo ou pela velocidade mesmo sempre as mesmas fontes continuam no jornalismo como um todo, em assuntos que dependem das oficiais ou de especialistas. Em desastres, política, economia, ficam sempre os mesmos, isso é ruim. O que os ouvintes fazem é inverter um pouco essa lógica com a possibilidade de diferentes visões. A realidade do especialista é diferente de quem vive a situação. Quem vive traz a realidade nua e crua como ela é, muitas vezes sem o dado técnico, mas o dado com sentimento, olhar, o próprio silêncio, os detalhes passam a ganhar um peso grande. (BRIGGS, 2017)

Se de um lado a busca pela **diversidade** se torna uma tentativa no modelo de seleção da emissora com a estratégia do WhatsApp, a construção dela não exatamente se traduz na visão dos jornalistas. Nesse relato de Briggs, o universo de fontes se torna restrito pela necessidade de pessoas acessíveis e que compreendam a dinâmica da velocidade que a redação exige dos profissionais. Os responsáveis pela apuração dos âncoras Ricardo Boechat e Rodolfo Schneider trabalham na ótica da multifuncionalidade e respondendo a todo o

momento a solicitações de apuração específicas. Isso se revela, por exemplo, nas diferenças entre as fontes que aparecem na programação e as secundárias, que auxiliam no processo de escolha de abordagem ou novas vozes sobre os assuntos.

Segundo o coordenador de produção, a seleção depende da relevância do assunto e da necessidade do repórter, pois a sonora seria a “materialização da denúncia ou do acontecimento”. Há um cuidado em não expor a fonte em casos de segurança e a opção por não levar ao ar políticos que queiram usar o espaço como palanque: “As vezes é muito comum o cara não ter uma resposta clara desse mundo político e a gente não coloca no ar, nós colocamos o ouvinte e não colocamos o oficial”. Assim, um número alto de agentes auxiliam os jornalistas como fontes secundárias, entre políticos, empresários e os próprios ouvintes.

Já a noção de diversificar o ambiente noticioso com a utilização de diferentes vozes na programação aparece nos argumentos de Campbell (2017) como uma forma de manter a conversa com os ouvintes e a fidelidade de levar ao ar questões que interessem ao coletivo: “A gente sente isso, na fidelidade que se cria por conta da interação grande, um retorno que auxilia a diversificar as pautas, comentários e reportagens do grupo”. Porém, na visão de Ferreira (2017) em muitos casos uma “informação do ouvinte não é aprofundada, em casos específicos, mesmo assim ligamos para a autoridade e repassamos a informação para ele”, numa troca de dados que interessam a ambos de forma privada. Essa é a estratégia para manter o contato e garantir a possibilidade de gerar novas abordagens, além de ter essa fonte como uma possível colaboradora no futuro.

O modelo de seleção de fontes que abordam os jornalistas foge da lógica tradicional em que o profissional vai em busca de personagens, testemunhas, autoridades no cotidiano da cobertura local. Quase como a crítica de Neveu (2006) sobre os agentes que inundam as redações no caso das informações de assessorias de imprensa. A lógica que apresentam os entrevistados é outra, a de que a seleção mantém o formato do gatekeeping (SHOEMAKER e VOS, 2011) como algo tradicional de buscar as fontes para respostas ou aprofundar os detalhes de um caso; mas também no gatewatching (BRUNS, 2005) em que as curadorias das colaborações via WhatsApp se torna um dos principais focos da cobertura local, inclusive retirando dois profissionais que atuavam no Centro de Operações para trabalhar exclusivamente no aplicativo nas manhãs e à tarde.

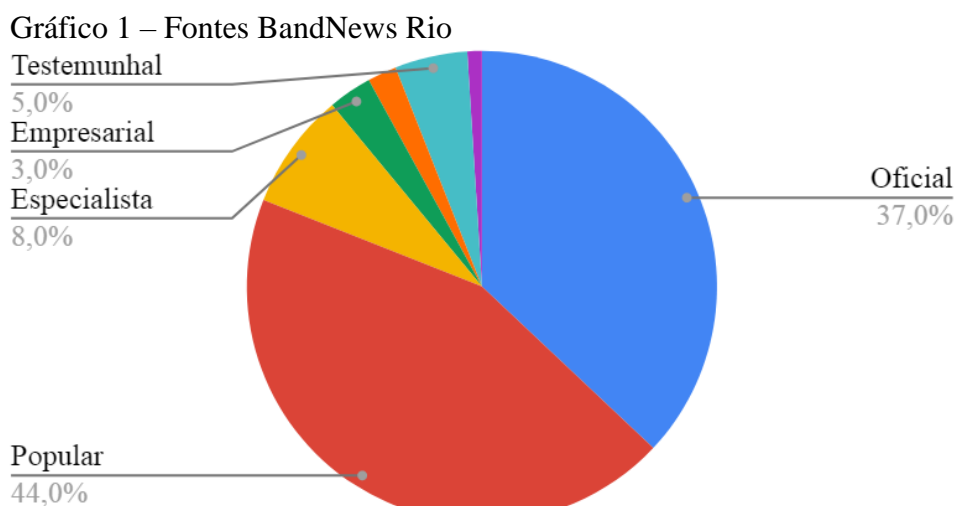
4.2.3 A diversidade e pluralidade de fontes

Neste tópico, o objetivo é aprofundar a observação sistemática com a análise sobre os dados coletados na programação realizada durante a semana em que estive na emissora. Assim, o radiojornal BandNews 1ª edição foram gravados no período de transmissão, das 9h

às 11h com foco na seleção das fontes a partir da quantificação das seguintes categorias: a) tipo de fonte selecionada; b) temática em que a fonte foi encaixada; c) forma de interação/participação/acesso no caso das fontes populares via WhatsApp. Depois disso, indica a forma com que a diversidade é construída, aberta ou reflexiva com as frequências da presença de cada tipo e como são encaixadas na programação.

Entende-se que o esforço multimétodo para analisar o fenômeno da seleção das fontes no radiojornalismo se constrói no olhar para o trabalho na redação, para a opinião dos jornalistas e as notícias veiculadas na programação. A gravação dos radiojornais durante a semana de observação se traduz nesse último aspecto com a formação de categorias que possibilitem a crítica e o contraponto ao trabalhado nos tópicos anteriores. A estruturação da tabela de análise seguiu a tipologia das fontes indicada no Capítulo 1 entre autores como Lage (2001), Pinto (2000), Gans (1980), Schmitz (2011) e Ferraretto (2001); assim como as diferentes formas de interação em Quadros (2013) e Carpentier (2012); e as diferenças entre pluralidade e diversidade (MORAIS, 2012; VAN CUILEMBURG, 1999).

Ao começar pelas diferentes fontes utilizadas na programação durante a semana de coleta, a emissora demonstra a prioridade na escolha para as fontes populares (44%), mesmo que isso não se traduza na diversidade temática em que são encaixadas. As fontes oficiais (37%) continuam presentes, ou seja, a inversão entre os agentes na busca pela interação não necessariamente produz uma lógica diferenciada, como apontado por Dias (2017), Schneider (2017) e Briggs (2017) nas entrevistas. As especialistas tiveram 8%, as testemunhais apareceram 5%, além das empresariais (3%), institucionais (2%) e notáveis (1%). O Gráfico 1 demonstra essa distribuição que reflete nas escolhas gerais dos jornalistas na escolha das vozes que atuaram nas notícias durante a semana.



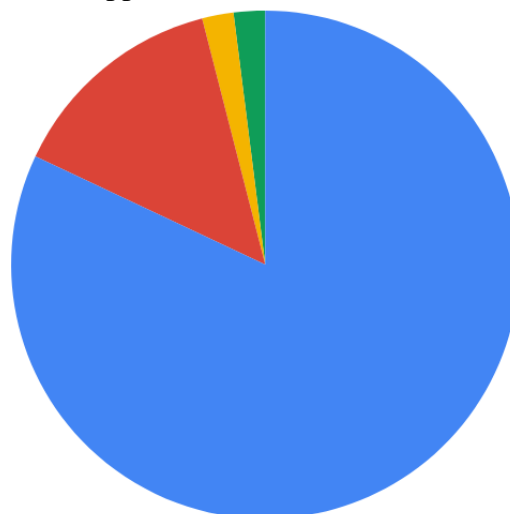
Fonte: O autor, 2019

A percepção sobre os dados gerais provoca outros questionamentos sobre as temáticas em que esses agentes são encaixados nas notícias. Como destaca Benetti (2007), mesmo que as fontes populares sejam maioria, se elas refletem o mesmo pensamento ou estão selecionadas para concordarem entre si sobre determinados temas, isso não representa a diversificação de vozes no noticiário. O exemplo está no aprofundamento da análise sobre a participação das fontes populares que lançam mão da espetacularização ou reinvidicações no contato com os jornalistas da BandNews. Todas os agentes presentes nessa condição foram selecionados pelo WhatsApp e divididas entre três temas: trânsito (65%), segurança (33%) e saúde (2%).

As diferentes formas de interação no Gráfico 2 também revelam como os materiais enviados pelas fontes populares apenas preenchem lacunas na cobertura de trânsito e a exploração dos relatos no caso da segurança. A maior parte das formas estabelecidas no WhatsApp com as fontes populares são interações dialógicas ampliadas (82%), quando há interferência no conteúdo sonoro, mesmo que sem voz. Ao vivo na programação, a interação dialógica imediata esteve presente em 14%, enquanto a resposta a solicitações da emissora em questões específicas na interação reacional ampliada esteve 2%. A mesma quantidade acontece na participação espontânea simples em casos de manifestações isoladas do ouvinte com interferência no conteúdo sonoro. Nesse caso há que se ressaltar que em uma das “participações”, o ouvinte que faz a ligação é amigo do âncora Ricardo Boechat para relatar o descaso no atendimento de saúde ao filho que havia morrido no final de semana.

Gráfico 2 – Formas de interação via WhatsApp BandNews Rio

- Interação dialógica ampliada - 82%
- Interação dialógica imediata - 14%
- Interação reacional ampliada - 2%
- Participação espontânea ampliada - 2%



Fonte: O autor, 2019

Em apenas um caso, um ouvinte de Niterói que não quis ser identificado, denunciou a situação do Ambulatório Antônio Pedro ligado à Universidade Federal Fluminense por falta

de condições de trabalho. O áudio com a voz da fonte integrou uma reportagem que incluiu a resposta da Universidade e um levantamento da situação dos ambulatórios do Rio de Janeiro. Mesmo diante da diversidade de reclamações e denúncias que chegavam durante a semana de observação para a Repórter do WhatsApp, apenas esse caso se traduziu numa reportagem que fugisse dos factuais problemas no trânsito e tiroteios. Isso se reflete também nas menções, com 89% de forma indireta, ou seja, que citaram ouvintes sem identificar nome ou quantidade, enquanto 11% foram nomeadas e citadas diretamente. A maioria das fontes, 86%, não teve sua voz presente como sonora ou ao vivo, enquanto 14% dos agentes tiveram oportunidades de argumentar.

Entre as notícias recorrentes durante a semana, estiveram situações no trânsito na Zona Norte da cidade, reclamações sobre o tempo de travessia da ponte Rio-Niterói e a presença de ambulantes na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, além dos lava-jatos na região da Mangueira. Os casos de segurança envolveram o tiro acidental de um filho sobre o próprio pai no Morro dos Macacos relatado por ouvintes, Operações do Bope na região do Lins e do Jacarezinho. Os ouvintes entraram ao vivo na programação relatando o tiroteio após tentativa de assalto a um carro forte em São Gonçalo, o caso de bala perdida no Andaraí e o motorista de um caminhão que foi assaltado na região da Comunidade do Caramujo. Os comentários que não passam no filtro do WhatsApp em questões como política quando o âncora Boechat está no ar foram selecionados para reclamar sobre os pescadores que ficam na ponte do BRT que liga a linha vermelha à Ilha do Governador.

Ao contrário das populares, as fontes oficiais possuem mais equilíbrio na seleção de temas, na menção e na possibilidade de ter voz nas notícias. Isso contrasta com o afirmado pelos jornalistas, já que é a ação desses agentes que mobiliza os comentários dos âncoras, bem como a realização de reportagens pelos jornalistas. As menções diretas (42%) e indiretas (58%) se organizam nas citações dos agentes e instituições que fazem parte da construção das notícias. No caso da possibilidade de ter voz na programação, foram 36% dos casos, relativamente maior do que o restante das fontes, mesmo que em 64% das vezes tenham sido citadas sem voz nesse conjunto.

A dependência desses agentes se reflete nos casos de segurança que são aprofundados apenas pela lógica das Polícias Militar e Civil, e da própria secretaria de Segurança do Governo do Estado. Não há um cruzamento com instituições ou até mesmo especialistas sobre os acontecimentos noticiados, apenas levantamentos que seguem as fontes oficiais da área. Nem as fontes populares como moradores das regiões afetadas, pessoas comuns que relatem a situação de violência ou uma abordagem pelo interesse desses agentes. Quando a seleção é

realizada no WhatsApp tende a abrigar relatos de tiros numa ótica do serviço e não da vivência desses grupos ou críticas às políticas de segurança. As mortes de policiais, as operações realizadas durante a semana, as balas perdidas e prisões sobre situações anteriores à semana são alguns exemplos. A falta de aulas, em decorrência dos conflitos na comunidade, foi notícia com a voz da secretaria de Educação do Município utilizando o levantamento do número de alunos sem aula. As críticas do vice-governador Francisco Dorneles sobre a política de segurança, o exército e a Polícia Federal sobre a prisão do ex-secretário municipal Rodrigo Bethlen, foram ouvidos na área.

Além desses, informações oriundas das assessorias de imprensa, como foram verificadas na observação sistemática, se tornaram notícias na programação. As fontes foram a Prefeitura Municipal sobre o aplicativo para taxistas, o Governo do Estado sobre o pagamento de salários dos servidores, a Infraero no caso da situação dos aeroportos do Rio e as melhorias no Galeão com a concessionária responsável pela administração. Sobre trânsito, as concessionárias apareceram em alguns casos informando a situação das vias de acesso à cidade. Na semana de liberação do empresário de transportes Jacob Barata Filho, o Ministro do STF, Gilmar Mendes também apareceu após uma coletiva realizada no Rio de Janeiro em um evento ligado ao Supremo Tribunal de Justiça.

Ao contrário das anteriores, todas as fontes especializadas foram citadas diretamente e com voz nos temas abordados pelos jornalistas. O economista chefe do *Home Broker Modal Mais*, Álvaro Bandeira, que é colunista na emissora foi selecionado como fonte especializada sobre as reformas do Governo Federal e como isso possibilitaria saídas para o Rio melhorar na arrecadação e diante da desaceleração do PIB. Outro colunista, Guto Graça também foi uma fonte especializada ao falar sobre os temas debatidos nas redes sociais e as interações com a emissora. O clima durante a semana, com as ressacas na região da praia e a névoa nos aeroportos também estiveram na discussão desse tipo de fonte.

Já as fontes testemunhais seguiram como secundárias em informações de outros agentes ou acontecimentos nos seguintes casos: uma professora que falou sobre um tiroteio em Duque de Caxias, o pai de um policial sobre o filho morto no contexto dos assassinatos de PMs na cidade, a moradora que acompanhou um tiroteio em uma comunidade na Zona Norte, além do servidor do Hemorio que foi ouvido sobre a falta de funcionamento dos elevadores do Hospital. Todas as empresariais tiveram voz de forma direta nesse conjunto, principalmente defendendo posições como da Ecoponte sobre as melhorias no trânsito nas estradas que administra; a Rio Ônibus que defendeu a necessidade do aumento na passagem; e a coordenadora do Projeto Carioquinha 2017 com os descontos em ações de turismo.

Mais uma vez, no caso das fontes institucionais, ao contrário de empresariais e especialistas, não tiveram suas vozes selecionadas e foram apenas citadas em notícias como a crise da Uerj e o ataque a um Centro Espírita. O Sindicato da Universidade do Estado do Rio de Janeiro foi citado durante uma reportagem sobre a falta de condições de funcionamento após a greve que seria suspensa durante a semana. Já no caso de intolerância religiosa, a Casa do Mago também não foi ouvida, aparecendo de forma indireta após o relato da Polícia Militar sobre o ataque ao Centro. Durante a semana, apenas uma fonte notável, o colunista Milton Teixeira falou sobre as visitas durante o Projeto Carioquinha aos pontos históricos e turísticos do Rio de Janeiro.

A partir da análise categorizada sobre os dados coletados na programação da emissora, é possível constatar uma pluralidade representativa dos temas abordados, e até mesmo no conjunto de vozes utilizadas. O acesso, mesmo que de forma habitual, das fontes populares não reflete o acesso direto das fontes oficiais (MOLOTCH e LESTER, 1999). Dessa forma, há pluralidade no conjunto, mas que não se traduz na diversidade de vozes entre os diferentes agentes sociais e potencialidades de abordagem que possuem sobre os acontecimentos. O exemplo está no encaixe das fontes populares que são maioria na semana, mas que apenas falam sobre segurança e trânsito, e na maior parte das vezes sem voz.

A própria lógica da participação, interação e acesso não condiz com os conceitos abordados por Carpentier (2012). A maior parte dos casos representam interações realizadas pelos ouvintes que representam uma forma de acesso aos conteúdos jornalísticos. Mas não se pode apontar para essas formas de seleção, como participação, em que a entrada desses agentes se traduz em um poder de decisão sobre os conteúdos. Se o olhar se volta para a atuação dos ouvintes como fontes, que seriam encaixados como agentes primários a partir de denúncias sobre o poder público, apenas dois casos na área de saúde houve uma participação, no conceito apresentado. Nesses pontos, o avanço da colaboração é de que as fontes ditaram o ritmo de cobertura na redação com jornalistas que foram para as ruas apurar o caso, assim como as próprias fontes oficiais tiveram que responder a essas ações.

Outro ponto identificado nesse processo é que as fontes não são encaixadas em uma notícia que demanda de uma construção durante aquele período de cobertura. No jornalismo de natureza substantiva, as vozes são distribuídas ao longo da programação, em um modelo de espiral fora da lógica de uma pirâmide fechada em um momento específico. Nesse sentido, a construção da diversidade se mantém como uma possibilidade que pode acontecer no decorrer do acontecimento. O aprofundamento sobre os resultados desenvolvidos com a coleta dos dados na programação é realizado no Capítulo 5.

4.3 CBN Rio

A Central Brasileira de Notícias (CBN) possui 25 anos e integra o Sistema Globo de Rádio com quatro emissoras próprias em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte, além de 27 afiliadas presentes em 20 Estados mais o Distrito Federal. Segundo as métricas apresentadas pelo Ibope Easy Media no Mídia Kit da empresa, são 122.170 ouvintes por minuto nas quatro principais frequências grupo. Juntando os dados de 2016 a dezembro de 2017, a rede defende um alcance potencial de 87 milhões de brasileiros atingindo diretamente seis milhões de pessoas por mês⁴⁵. Nos dados de maio a julho de 2016, o Ibope mapeou o registro de 1,5 milhão de usuários únicos por mês no site, 14,5 milhões de assinantes na TV paga, 1,2 milhões de downloads dos aplicativos e 8,2 milhões downloads de podcasts.

Os dados por si só justificam estudos sobre as especificidades do rádio na atualidade, porém o mesmo cenário promissor apresentado pela empresa também é permeado por demissões nos últimos três anos. Segundo o Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro foram mais de 61 profissionais demitidos somente em 2016, 30 entre novembro e dezembro do mesmo ano, como resultado da fusão entre Rádio Globo e CBN na cobertura esportiva. Em 2017, a CBN Rio teve novas baixas, incluindo o gerente de jornalismo e o jornalista premiado Fernando Molica, que atuou como âncora por nove meses.

O foco da análise, a CBN Rio opera na frequência 92.5 MHz e tem a peculiaridade de dividir a cabeça de rede com São Paulo, além de comandar o portal na internet agregando notícias e podcasts em aplicativos e outras plataformas na internet para todo o país. A emissora operou inicialmente pelo AM 1180 kHz substituindo a antiga Eldorado e em 2005, a Globo FM como estratégia do grupo de colocar notícias em 24h e fazer frente à concorrente BandNews FM na capital carioca. O desligamento do AM foi realizado em 1º de setembro de 2018⁴⁶ com o objetivo de cortar custos ficando apenas com a transmissão em frequência modulada. Como parte central de nossa análise, o programa CBN Rio é o único noticiário local transmitido ao vivo do Rio de Janeiro com as principais informações da cidade e do Estado. Com 42 jornalistas na emissora, a média diária varia entre 10 a 15 profissionais fazendo a cobertura no turno que compreende o programa que vai ao ar entre 9h30 e 12h. Ao contrário da BandNews, os âncoras apenas apresentam e fazem as funções relativas ao jornalismo, juntamente com o produtor Ricardo Porto.

⁴⁵ Mídia Kit CBN. Disponível em: <https://anunciesgr.globo.com/cbn/documentos/midia-kit.pdf>

⁴⁶ Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/20046-sistema-globo-de-radio-anuncia-encerramento-das-atividades-de-suas-ams-em-sao-paulo-rio-de-janeiro-e-belo-horizonte>

4.3.1 A rotina de produção local da CBN Rio

O período de observação sistemática na CBN Rio foi realizado de 13 a 17 de agosto de 2018, com base nos preceitos apontados previamente nas discussões acerca da utilização do protocolo de coleta de dados. Também nesse caso, foi possível realizar o “*disengagement*” (SCHLESINGER, 1978) antes da observação propriamente dita, com a busca por questões que puderam atingir os objetivos e oferecer dados para o problema e a hipótese da pesquisa. Durante as manhãs da semana, a pesquisa começou às 8h e terminou às 12h, horário de produção e veiculação da programação local. A utilização das categorias prévias, na ordem de uma seletividade do que foi observado segue os preceitos de Gil (2008) e a proposta de Wimmer e Dominick (2011), quanto às possibilidades oferecidas pela análise multimetodológica.

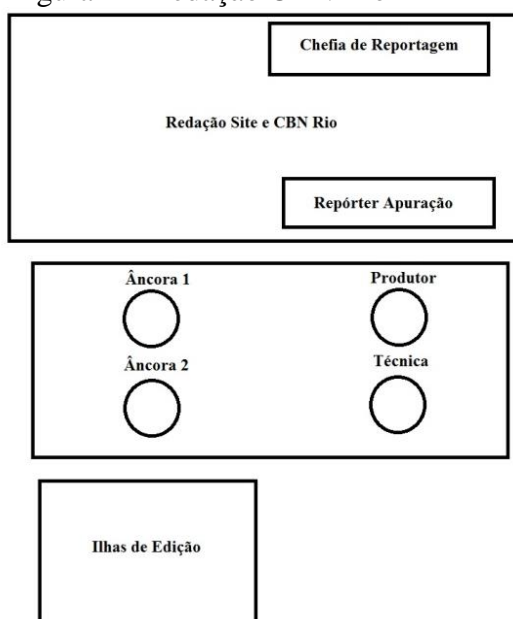
Os constrangimentos iniciais e o desconforto pela presença do pesquisador estiveram presentes no início da observação, com um certo estranhamento que deixou de ser perceptível após conversas e entrevistas com os jornalistas. A pesquisa teve a colaboração da emissora que aceitou a presença nos estúdios, a realização e identificação de entrevistados e o acompanhamento do fluxo das pautas ao longo da transmissão do CBN Rio em todos os dias. Vale lembrar, que as chaves de observação se repetem por conta do conceito de sistematização proposto por Gil (2008), Patherson (2008) e Travancas (2006), que oferecem uma dimensão de possibilidades de análise e discussão sobre atos, comportamentos e a prática profissional pelas seguintes categorias:

- I. Contexto de produção da notícia nas emissoras;
- II. Formas de seletividade na escolha das fontes, gatekeeping e gatwatching;
- III. Utilização das novas tecnologias na seleção de fontes e o contexto profissional do jornalista sentado;
- IV. Tratamento dado aos diferentes tipos de fontes entre as que são visíveis na programação e as que subsidiam as redações;
- V. Fontes profissionalizadas x não profissionalizadas e interferência na construção da notícia.

O formato da redação com o organograma verificados na “Figura 4: Redação CBN Rio” demonstram um fluxo de trabalho totalmente distinto da BandNews Rio e da CBN Ponta Grossa com características implantadas há anos na emissora que seguem em execução em outras praças da rede, como São Paulo e Belo Horizonte. O produtor é uma peça fundamental nesse processo, concentrando o contato com toda a equipe, centralizando os materiais

oriundos da discussão de pauta e, em conjunto com a chefia de reportagem, distribuindo funções e coordenando o tempo de entrada dos repórteres. Nesse processo, os âncoras também selecionam fontes, notícias e outras produções antes, durante e após a apresentação em um formato de construção conjunta e permanente do programa. Os repórteres enviam as sonoras ao produtor que repassa para a técnica na ordem estabelecida pelos textos indicados. Por fim, a presença da repórter Rafaela Cascardo na central de apuração é parte do processo de cruzamento de notícias oriundas por parte das diferentes tipologias e fontes que são acionadas na ótica das fontes oficiais e entram no ar.

Figura 4 – Redação CBN Rio



Fonte: O autor, 2019

4.3.1.1 Contexto de produção da notícia na emissora

Ao contrário da redação da BandNews, durante toda a observação sistemática na CBN, é perceptível a tranquilidade no fluxo de produção desde as primeiras horas da manhã. A justificativa dos jornalistas para esse processo é um padrão estabelecido na emissora no desempenho das funções, como uma forma de controle editorial sobre o andamento de pautas e reportagens. A segunda-feira (13) inicia com pautas pré-definidas pela chefia de reportagem interina que tem Matheus Carrera no comando, com a licença maternidade da jornalista que realiza a função. O programa local começa às 9h30, mas o trabalho inicia às 4h da manhã com a chegada do produtor Ricardo Porto que prepara o “Primeiras Notícias” que vai ao ar às 5h como uma prévia daquilo que será pauta no CBN Rio. O trabalho do produtor segue até às 7h

quando inicia o levantamento de pautas e constrói no script o ordenamento de notas, entrevistados e a agenda de fontes que será utilizada.

O fluxo na CBN é coordenado pela chefia de reportagem mas centra toda a demanda do que irá ao ar no produtor que gere o processo em conjunto com os âncoras e repórteres, como mostra a Figura 5. É ele quem faz o contato com quem está na rua e no estúdio, que liga para as fontes e até mesmo atende os convidados quando estes estão presentes no estúdio. É possível perceber, um receio por parte da redação com a presença do pesquisador no início da semana, principalmente por conta do formato de observação sistemática que analisa pontos específicos do trabalho de seleção das fontes. O mesmo produtor, assim que finaliza o trabalho do CBN Rio continua o contato com agentes que serão pautados no dia seguinte ou são temas em outros meios de comunicação do grupo, como o jornal O Globo ou o RJ TV.

Figura 5 – Fluxo de apuração/seleção das fontes CBN Rio



Fonte: O autor, 2019

Depois do produtor, quem chega na redação é o chefe de reportagem Matheus Carrera, às 6h da manhã já com uma prévia do que é feito no dia anterior e que vai sendo construída no sistema de gerenciamento interno da emissora com a indicação de fontes, contatos, telefones e possíveis pautas. Carrera também faz uma curadoria de releases recebidos de assessorias de imprensa, colunas como do jornalista Ancelmo Gois e notícias que estão na pauta indicada pelo produtor. Dessa forma, é a chefia que produz o levantamento prévio de acontecimentos que poderão ter a presença de repórteres naquele dia. Na segunda-feira (13), 13 pessoas estavam na redação, com três repórteres na rua, dado que a administração do site oficial da rede CBN é no Rio de Janeiro, o que impede um número maior de profissionais atuando em reportagens para o programa local.

O segundo dia de observação se mantém, na terça-feira, com a tranquilidade do dia anterior, em que as pautas já pré-indicadas pelo produtor da tarde são debatidas pela chefia de reportagem e pela produção do programa. Por volta das 8h, todo o roteiro já está construído,

ficando apenas possíveis questões ainda a apurar por parte de repórteres que estão nas ruas e na redação. Nesse dia, 12 pessoas, incluindo a chefia, a âncora Bianca Santos e o âncora Frederico Goulart, a repórter de apuração Rafaela Cascardo e o produtor Ricardo Porto atuam no programa local. Desde às 6h, Bianca Santos em conjunto com o produtor Ricardo Porto negociaram fontes que poderiam entrar para discutir temáticas como a Intervenção Federal no Rio de Janeiro ou as estratégias de alianças políticas para as eleições do governo do Rio.

Com a definição dos três repórteres que irão para a rua em pautas pré-agendadas com fontes profissionalizadas e oficiais, a central de apuração somente busca aquilo que foi notícia durante a madrugada para dar destaque ao longo do programa. Essa estratégia é parte do formato de estabelecimento de ordem no espaço e no tempo para a facticidade das fontes oficiais (TUCHMAN, 1983) e também da dependência visível de agendas estabelecidas por setores profissionalizados, dando acessibilidade e facilidade na construção das notícias (FRANKLIN, 2011). Durante o programa, todos os repórteres mantêm contato com o produtor, que centraliza o fluxo de entrada de materiais, o tempo de sonoras e o contato com as fontes no estúdio. Esse trabalho recebe o auxílio do chefe de reportagem e da âncora que levanta via WhatsApp, informações de destaque e que devem ser analisadas para entrar no ar.

O contexto da quarta-feira (15/08), às 8h, quando chego na redação é de sete pessoas trabalhando diretamente na produção do CBN Rio. Os dois âncoras, o chefe de reportagem, o produtor e três repórteres apresentam uma discussão sobre os temas. Há que salientar que o silêncio e a aparente tranquilidade são frutos das formas de conversa e interação que se dá no sistema de gestão de conteúdos e em conversas via WhatsApp entre chefia e demais componentes da produção. Já não existe mais um receio devido a presença do pesquisador no ambiente que é vista com normalidade a partir do terceiro dia. Os âncoras recebem os materiais ao longo da manhã e negociam com o produtor os horários de entrada dos repórteres que são contactados para estabelecer um cronograma e organização. O foco da manhã é no registro de candidaturas com o levantamento de informações pelo produtor que vão sendo incorporadas juntamente com a central de apuração. A repórter Rafaela Cascardo, nessa função, atua no formato do jornalista sentado (NEVEU, 2006), realizando o contato com fontes oficiais e fazendo uma curadoria de materiais oriundos de diferentes setores via telefone e aplicativos de mensagens instantâneas.

A manhã de quinta-feira (16) inicia com o fechamento das pautas que irão ao ar no CBN Rio com a presença do Chefe de Reportagem, os dois âncoras, o produtor, editor, cinco repórteres na redação e dois na rua. A intensidade só inicia depois das 10h30 com a busca pela adequação de tempo para a entrada de todos os materiais previstos pela equipe. Há,

durante a apresentação do programa uma busca de sintonia entre quem está na redação, com sugestões do diretor geral, Thiago Barbosa e do chefe de reportagem Matheus Carrera. Durante toda a apresentação do radiojornal, as conversas também são realizadas entre os âncoras e diferentes tipos de fontes, bem como o produtor, tanto via telefone como aplicativos por mensagens de WhatsApp, na busca por atualizar o noticiário quanto às informações que chegam por diferentes canais.

No último dia de observação oito pessoas estavam na redação com dois repórteres na rua. A pauta segue o fluxo normal já estabelecido pelo cotidiano da emissora há vários anos, como relata o chefe de reportagem Matheus Carrera. Desde as primeiras horas da manhã, toda a produção é realizada em conjunto e o ambiente é tranquilo, com a presença do diretor Thiago Barbosa e do âncora da rede no horário da manhã, Milton Jung - no Rio de Janeiro para o lançamento de seu livro. O produtor se torna o responsável pelo encadeamento das informações em conjunto com os âncoras Bianca Santos e Frederico Goulart e o dia só possui uma intensidade para a entrevista já marcada previamente com o secretário de segurança do Rio de Janeiro sobre os seis meses da Intervenção Federal.

4.3.1.2 Formas de seletividade na escolha das fontes, gatekeeping e gatwatching

A seleção das fontes é desempenhada por diferentes pessoas na redação, sem uma estrutura hierárquica que passe da chefia da reportagem para os repórteres/âncoras. Essa postura confirma a hipótese de um gatekeeper descentralizado, diferente dos moldes estudados por teorias clássicas de White (1999), Snider (1969), centrado no argumento de Shoemaker e Vos (2011) de que as características do meio precisam ser analisadas em suas especificidades nas formas de seleção. Assim, são as pautas que chegam através do fluxo de produção e que garantem autonomia nas vozes escolhidas pelos profissionais. Ao contrário da BandNews, o fluxo é centrado no produtor que escolhe os agentes e repassa para os outros integrantes do programa. Da mesma forma, os repórteres enviam as sonoras da rua que são sistematizadas pelo produtor antes de ir ao ar no CBN Rio.

Outra forma de seleção de fontes é desempenhada pela âncora Bianca Santos que desde às 6h da manhã faz sua escolha a partir da leitura de jornais e destaques do dia anterior, temas que podem render discussões com as fontes no programa. Dessa forma, as entrevistas e o agendamento são realizadas pela produção, que depois vão ao ar. A apuração é feita pelo produtor e a âncora Bianca Santos quando o assunto é tema de entrevista no estúdio. Os

repórteres que estão na rua ou na redação também fazem a apuração e indicam as sonoras sem a necessidade de um filtro por parte da equipe na redação.

Outra forma de seleção de fontes é realizada pela central de apuração com a repórter Rafaela Cascardo, que chega às seis da manhã para checar informações oriundas de fontes populares, como os ouvintes e de outros veículos. Todos os materiais da audiência só vão ao ar depois de um cruzamento com as assessorias de imprensa de órgãos como a Polícia, Governo do Estado, Corpo de Bombeiros e outras instituições oficiais. A repórter utiliza uma agenda que constam os números das principais fontes regulares dos governos estadual, federal e municipais. Todo o trabalho é realizado na redação. Esse formato de trabalho sentado é balanceado com a presença dos repórteres na rua, mas se difere em questões de segurança, por exemplo. Sem a possibilidade de enviar repórteres para todos os casos envolvendo a Polícia Militar ou trocas de tiros, é ela quem entrevista, busca dados e informações na ótica dos agentes do Estado. Há nesse sentido, mais uma mostra da linha preferencial pela hierarquia da credibilidade (TRAQUINA, 2005b) e de privilégio a vozes que se dizem mais confiáveis e mesmo a dependência de setores que possuem os dados necessários para a produção (O'NEILL e O'CONNOR, 2008).

Na terça-feira, por exemplo, durante toda a manhã o registro das candidaturas é acompanhado via sistema do TSE e os contatos são realizados com as assessorias de cada possível candidato ou coligação. O produtor avalia na agenda de fontes, possíveis nomes de especialistas que podem falar sobre a situação eleitoral no Rio e recebe indicações da colunista do jornal O Globo e CBN, e fonte do programa Berenice Seara. Nesse caso, a fonte é alguém que aparece com voz durante o trabalho, mas também atua como alguém que auxilia na cobertura, com indicações. Sem a presença de repórteres no Centro de Informações da Prefeitura do Rio de Janeiro, as Câmeras de Monitoramento da cidade são acompanhadas diretamente da redação com informações solicitadas via WhatsApp da assessoria de imprensa das Polícias Militar e Civil.

Os critérios de noticiabilidade elencados nesse processo podem ser ligados às fontes oficiais, especializadas, empresariais e institucionais em torno de serviços de segurança pública, política e economia. Os ouvintes como fontes populares só atuam a partir de critérios que envolvam a interação via aplicativos de trocas de mensagens em interesse humano ou como testemunhas, com questões pontuais e que buscam respostas de entrevistados. Como Reich (2011) destaca, a ausência de confiança em cidadãos comuns reforça a visibilidade de atores que comandam o andamento do que é notícia na emissora. A hierarquia da credibilidade se torna um exercício de proteção na escolha das vozes que vão compor o

radiojornal. As notícias de última hora vão para a apuração que faz o cruzamento e angulação com as fontes oficiais e depois leva ao ar.

A seleção como um todo é realizada por diferentes gatekeepers, ou *radiogates* na redação da CBN. A ausência de uma hierarquização ou organograma de controle sobre as fontes é percebida tanto na central de apuração, como dos repórteres, produtor e âncoras. Materiais oriundos de portais noticiosos na internet, por exemplo, têm entrada direta na apresentação, sem uma mudança no roteiro pré-organizado ou no sistema interno de gerenciamento de notícias, o que mostra facilitar o fluxo de dados e fatos durante a ancoragem. Os critérios da quarta-feira foram percebidos a partir de serviços com pautas produzidas sobre o Governo do Estado e o andamento da Intervenção Federal no Rio de Janeiro. O caso da suposta carona de milicianos ao governador Luiz Fernando Pezão é apurado com a assessoria do governo que admite a veracidade do vídeo mas desmente a ideia da presença de milicianos. Há que salientar que a passividade dos jornalistas é resultado somente da resposta da assessoria, aceita sem mais procura ou investigação com os próprios cidadãos que enviaram as imagens e se diziam pertencer à comunidade onde a carona aconteceu (O'NEILL e O'CONNOR, 2008).

As entrevistas que vão ao ar no CBN Rio são pautadas todas previamente, com agendas marcadas de acordo com a disponibilidade da fonte por diferentes funções, como âncoras e produtor. A seleção é estabelecida por agendas prévias que pautam os principais acontecimentos da cidade a partir das ideias de ordem no espaço e no tempo, ou seja, na visão de Tuchman (1983) de acordo com a possibilidade estrutural de cobertura. Todas as informações oficiais têm privilégio como material mais “confiável” a ser veiculado, seja pela central de apuração com a repórter Rafaela Cascardo, seja pelo restante da equipe. O debate com especialistas sobre os planos do governo é realizado por meio do acesso aos conteúdos disponibilizados no portal do Tribunal Superior Eleitoral.

4.3.1.3 Utilização das novas tecnologias na seleção de fontes e o contexto profissional do jornalista sentado

O contato via WhatsApp e email são as principais formas de interagir com fontes populares e oficiais. Durante a segunda-feira, a âncora utiliza o WhatsApp para fazer contato com fontes especialistas e oficiais e checar questões que estão sendo cobertas pela equipe da emissora. Da mesma forma, a repórter Rafaela Cascardo mantém o contato por meio de aplicativos de mensagens instantâneas para o levantamento e apuração de pautas com fontes

oficiais e assessorias de imprensa. Esses mesmos grupos são partes fundamentais do contato entre a produção do CBN Rio com os repórteres e a chefia de reportagem, como forma de controle do tempo e do que irá ao ar na emissora.

Também na segunda-feira, antes de entrar no ar, a âncora Bianca Santos realiza uma live na página do Facebook da emissora atentando aos ouvintes para as principais pautas e informações que estarão presentes no programa. Isso continua por toda a semana. O estúdio é estruturado para pensar não somente o áudio, mas também o vídeo que se tornou peça chave do portal da internet e das entradas ao vivo via sites de redes sociais. A operação da mesa de corte das imagens que vão ao ar é realizada pelo produtor durante as entrevistas que se divide no contato com os repórteres, indicação de perguntas e o trabalho de vídeo. No estúdio, também é possível acompanhar as métricas de acesso ao portal da CBN, bem como câmeras de monitoramento da cidade e outras emissoras de televisão ao vivo como Globo, Globo News e Record.

Esses aparatos, o Facebook, telefone, WhatsApp e um banco de fontes no sistema interno utilizado pela CBN são os principais dispositivos da tecnologia para contato e interação com os agentes exteriores à redação. O âncora também seleciona fontes e informações a partir do monitoramento constante do que circula via Twitter. O trabalho é mais concentrado na figura do âncora Frederico Goulart que além de ancorar com Bianca Santos, também realiza entradas no Repórter CBN e em alguns momentos no chamado “rabicho”, o tempo final das entradas na rede que demanda de notícias da cidade no ambiente nacional.

São as mensagens recebidas que organizam a produção local, as diferentes responsabilidades durante a transmissão e a constante ronda via Twitter de órgãos e outras emissoras. Os sites de monitoramento da cidade, aplicativos de *crowdsourcing*, e o próprio contato com assessorias de imprensa por meio do WhatsApp são partes desse processo que evidencia estratégias para a seleção de vozes. Há também a preocupação sobre a utilização dos áudios como podcasts e a disponibilização no portal da emissora. O celular se torna uma chave em toda a apresentação e cobertura do CBN Rio com o acompanhamento, via aplicativos, de distintas temáticas, desde a segurança até a política e a cidade.

4.3.1.4 Tratamento dado aos diferentes tipos de fontes entre as que são visíveis na programação e as que subsidiam as redações

A linha editorial da CBN é explicitada no trabalho dos repórteres, produtor e âncoras que garantem um acesso direto a fontes oficiais como as polícias Militar e Civil na cobertura de segurança pública; a Federal na cobertura política em casos envolvendo corrupção no

Estado e no país; a Procuradoria Federal com o Ministério Público por meio de releases ou então os governos Federal, Estadual e Municipal e seus distintos órgãos. O judiciário na figura do Tribunal Superior Eleitoral, por conta do ritmo de convenções pré-eleição e os tribunais TRF4 sobre o caso Lula, ao lado do STF e STJ, também são partes dessa linha de preferência com acesso praticamente direto. Outra base de fontes são as especialistas que entram nas reportagens, entrevistas e outras produções do CBN Rio por meio das colunas e também indicando possíveis outras vozes em determinados acontecimentos. As populares ou institucionais ainda demandam de confiabilidade já que indicam cruzamentos necessários de apuração e dúvida.

As fontes oficiais entram de forma direta na programação do CBN Rio, de acordo com a pauta que é verificada tanto pelos repórteres da apuração, como pelo produtor e âncoras do programa. Na quarta-feira, a Polícia Militar se torna a principal fonte no caso do professor assassinado na frente da família próximo a um condomínio na Barra da Tijuca. Os dados são levantados tanto pela produção, como pela repórter Rafaela Cascardo diretamente pela assessoria da PM no WhatsApp e por telefone. Os agentes oficiais ainda ditam os acontecimentos como fontes únicas selecionadas para temas de trânsito. Fontes Institucionais ligadas ao Sindicato de Postos de Gasolina no comércio varejista são as preferidas na discussão sobre valor dos combustíveis no Rio de Janeiro, sem o cruzamento com especialistas. Nesse caso alguns ouvintes enviam perguntas sobre os preços à presidente do Sindicato por meio de mensagens via WhatsApp, mas se limitam a questões pontuais e não uma opinião consolidada ou propostas como fazem outras fontes na programação.

Também na quinta-feira, a regularidade de fontes confiáveis é percebida no contato permanente com os setores profissionalizados na relação com órgãos oficiais, políticos e institucionais. São esses departamentos e assessorias de imprensa que ditam o que é importante no tratamento de dados sobre a intervenção federal no Rio de Janeiro, com o cruzamento de aplicativos de *crowdsourcing*, como é o caso do Onde Tem Tiro (OTT). O primeiro dia de campanha nas ruas, mesmo sendo no local dos acontecimentos e com a presença dos repórteres, é ditado pelo filtro das assessorias em convocatórias como coletivas de imprensa. A fonte oficial da quinta-feira que mais repercute durante a apresentação do CBN Rio é a entrevista com o comandante da Intervenção Federal no Rio de Janeiro, Richard Nunes, pré-agendada também por meio da assessoria de imprensa.

Entre as principais fontes, estiveram o Centro de Operação da Prefeitura do Rio de Janeiro sobre a situação viária, de trânsito e operações realizadas nas estradas. Os repórteres seguiram a agenda oficial com a coletiva sobre o balanço dos seis meses da Intervenção

Federal com uma reportagem que ouviu testemunhas de tiroteios no Rio de Janeiro e uma coletiva com o Observatório da Intervenção. As fontes populares, mais uma vez, são selecionadas somente na elaboração de questionamentos aos entrevistados e nos comentários sobre os planos de governo. Na temática sobre segurança, além da Polícia, fontes especializadas e os candidatos ao governo foram os principais ouvidos no momento de discutir a temática.

4.3.1.5 Fontes profissionalizadas x não profissionalizadas e interferência na construção da notícia

A facilidade do acesso é o principal quesito presente na justificativa de preferência na escolha de fontes profissionalizadas pelos repórteres, produtores e âncoras, diante da rapidez da cobertura na segunda-feira, principalmente por volta das 9h até às 10h30. Todo o contato é feito por meio de assessorias de imprensa e não diretamente com as fontes. São esses departamentos ou profissionais que fazem a ponte com os entrevistados que serão ouvidos na programação. Em alguns casos, são os próprios agentes, como é o caso das concessões da ponte Rio Niterói, a empresa do BRT ou então das barcas e estradas do Rio que agem proativamente e indicam possíveis questões e pautam a programação. Nas operações policiais, da mesma forma, em nenhum momento a busca é pelos relatos somente das vítimas via WhatsApp, mas pela prioridade ao contato com a polícia. Os releases entram também de forma direta quando chegam aos emails da chefia de reportagem que transforma o texto e repassa para o produtor que entra ao vivo com a informação praticamente igual ao enviado pela assessoria, na ótica defendida por Franklin (2011) sobre cozinhar os materiais oficiais de forma passiva.

A partir da observação, é possível realizar uma sistematização de fontes que não possuem um aprofundamento na apuração ou que entram de forma direta na programação de acordo com o interesse dos jornalistas. As fontes oficiais e institucionais, desde que alinhadas a setores governamentais ou políticos têm suas falas consideradas prioritárias na cobertura. Nesses casos, o acesso é direto durante toda a cobertura local da emissora na apresentação do programa. Elas são as prioritárias na linha editorial da emissora. Mesmo no caso do debate eleitoral, as vozes mais ouvidas são dos candidatos e seus temas debatidos em coletivas de imprensa e caminhadas pela cidade. Os releases das operações da Polícia Federal e Ministério Público, por meio de suas assessorias no tema Lava Jato também possuem a entrada livre na

construção da notícia, inclusive interferindo no roteiro de cobertura dos repórteres que estão nas ruas.

Na sexta-feira, por exemplo, a entrada de fontes oficiais de forma direta por meio de suas assessorias é vista na cobertura do caso da mulher morta pelo marido na frente do filho na Barra da Tijuca. Mais uma vez, há uma dependência desses setores na construção da notícia, que só é levada ao ar após a confirmação das fontes oficiais. Em alguns casos, a busca se dá por outros órgãos noticiosos do grupo Globo, como G1, Globo News ou jornal O Globo.

No caso das institucionais, o Sindicato dos Postos de Combustíveis no comércio varejista é um exemplo de contato realizado via assessoria de imprensa de forma profissionalizada na redação. A profissionalização de fontes ligadas à segurança pública no Rio de Janeiro faz com os repórteres dependam desses canais para agilizar a apuração sobre inúmeros casos de violência que surgem ao longo da programação, mesmo no momento da apresentação do programa. Fontes especialistas que já possuem um contato prévio e se tornam colunistas, como a de política Berenice Seara e de direito da família juíza Andréa Pachá, são exemplos também de *News Shapers* na análise dos fatos. Em quatro notas, as sobre saúde, política e segurança são extraídas de releases com o texto transformado para a entrada no programa, sendo apenas a nota sobre o patrimônio dos candidatos, um trecho retirado do jornal O Globo.

A presença de fontes especializadas, o antropólogo Paulo Storani e do professor Roberto Carlos de Lima, deixam mais intensa a redação e evidenciam a procura pelos analistas nos casos de segurança no Rio de Janeiro. Apenas uma notícia durante toda a semana segue o fluxo contrário, oriundo de fontes populares com o caso do roubo de cargas em que ouvintes viram a situação na Avenida Brasil, gravaram e enviaram à emissora. Mesmo assim, o fluxo passou pela apuração e cruzamento com fontes oficiais sendo noticiado somente após a verificação completa com outros dados. A escolha de um viés voltado à hierarquia da credibilidade é também estratégia de defesa dos jornalistas quanto a possíveis erros na programação, que não necessariamente, deixa explícito o conjunto de vozes ouvidas na construção da notícia.

4.3.2 A seleção das fontes segundo os jornalistas

De forma qualitativa na pesquisa nas ciências sociais, as entrevistas semi-estruturadas possuem o objetivo de explorar questões valorativas, subjetivas e ações não visíveis tanto na observação sistemática, como na análise de conteúdo. Assim, o tópico guia foi construído de

forma a explorar os sistemas de valores da comunidade interpretativa dos jornalistas, crenças e normatividades, atitudes no processo de seleção, histórico profissional, novas tecnologias e as mudanças relativas ao contato com as fontes (GASKELL, 2002). A variável padrão de escolha dos entrevistados foi a mesma das emissoras BandNews Rio e CBN Ponta Grossa que garantem a possibilidade de conversar com jornalistas que atuam em funções de seleção das fontes na reportagem, ancoragem, produção e de cargos de gerenciamento.

Como já explicitado, as entrevistas têm entre suas vantagens, o detalhamento de informações, a possibilidade de observação das respostas não verbais dos entrevistados e a personalização das perguntas direcionadas de acordo com a categoria em que está inserido (WIMMER e DOMINICK, 2011). Todos serão identificados segundo comum acordo durante a realização. Assim, do núcleo da chefia foram entrevistados o diretor de Jornalismo da CBN no Rio de Janeiro que também chefiava durante a pesquisa, a praça de Belo Horizonte, Thiago Barbosa; o chefe de reportagem, Matheus Carrera; a âncora, Bianca Santos; o produtor Ricardo Porto e a repórter e responsável pela central de apuração, Rafaela Cascardo.

Os resultados foram sistematizados a partir das frequências (HERSCOVITZ, 2007) de fala sobre determinados temas, além do cruzamento teórico-conceitual em torno das seguintes categorias: a) mudanças na seleção das fontes durante o período profissional de trabalho na redação; b) a interação com os ouvintes como estratégia de seleção de novas vozes na programação; c) ferramentas utilizadas na seleção; d) cuidados com a seleção em torno de questões éticas e profissionais; e) profissionalização das fontes e o impacto nas redações; f) jornalista sentado e multifunção; g) constrangimentos organizacionais na seleção das fontes; h) diversidade nas notícias.

É importante ressaltar que as entrevistas evidenciaram algumas questões repetidas e defendidas durante o processo de assimilação do jornalista no ambiente de trabalho em torno da linha editorial e da própria chefia da emissora. Iniciamos a discussão com o perfil profissional, como parte da abordagem realizada no Capítulo 3 sobre a comunidade interpretativa, buscando compreender as dinâmicas de formação e tempo de trabalho na emissora e no jornalismo. Assim, em toda a análise, voltamos aos conceitos, buscando discordar com base na literatura, e cruzar as informações com dados conceituais e oriundos da observação sistemática e da própria coleta da programação.

O início da análise das entrevistas semi-estruturadas se dá com a análise do **perfil profissional** dos entrevistados, que busca entender que são os jornalistas inseridos na pesquisa e como formam parte da comunidade interpretativa ou tribo jornalística (ZELIZER, 2004; TRAQUINA, 2005a). O gerente de jornalismo da CBN Rio, Thiago Barbosa, que

durante a pesquisa também acumulava a chefia de Belo Horizonte desde a demissão do diretor Julio Lubianco. Thiago Barbosa está há 14 anos na empresa e, além da direção, produz o programa *CBN Professional* com a estratégia voltada a podcasts no portal da emissora. Barbosa é formado desde 2004 e começou no rádio em um estágio na Trianon de São Paulo, que segundo ele, garantiu a “experiência necessária” para entrar no meio. Depois ainda chegou a estagiar na TV Globo e teve contratos temporários até aparecer a vaga definitiva em junho de 2004 quando começou como repórter na *all news* do grupo.

O currículo de experiência no radiojornalismo também é uma das características da âncora Bianca Santos (2018), há 13 anos atuando na área e a sete na CBN Rio. A jornalista também trabalhou na Rádio Tupi, como estagiária, produtora e repórter de rua: “fiz muita prestação de serviço no rádio, com informações locais mesmo de trânsito, fiz polícia e fiquei lá por cerca de 6 anos e ai depois vim pra CBN e aqui também tive essa oportunidade de fazer bastante reportagem de rua, acho que isso é a origem do repórter, do jornalista”. Essa base que ressalta Santos (2018) ainda foi permeada por coberturas marcantes, como a tragédia de realengo, os desastres naturais por conta das chuvas na região serrana, o que garantiu a possibilidade de passar por diferentes funções na redação da emissora. Atualmente é a principal âncora do programa local no Rio de Janeiro.

Formado em 2013 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, o produtor Ricardo Porto foi estagiário da CBN em 2012 pelo programa de estágio do Sistema Globo de Rádio até ser contratado ainda em 2013 como trainee e depois repórter. Na emissora, além da reportagem na rua, Porto (2018) atuou como produtor dos programas CBN Total e Estúdio CBN até comandar a produção do CBN Rio em 2014: “embora eu seja fixo eu também tive uma experiência no ano passado que eu fiquei um mês no site, mas principalmente nos finais de semana as nossas funções mudam, eventualmente eu faço reportagem se precisar no final de semana”. A polivalência e a multitarefa estão presentes nas características profissionais de todos os entrevistados, vista como uma necessidade para o trabalho na atualidade.

O chefe de reportagem Matheus Carrera é formado desde 2008 pela Universidade Federal Fluminense e começou no jornalismo como pesquisador de imagens da TV Brasil, onde ficou por dois anos. Em 2009 foi contratado como *trainee* para a CBN por dois anos e nove meses até ir para o jornal O Globo, onde ficou três anos. Em 2016 voltou para a emissora na sua segunda passagem. Carrera (2018) afirma que a entrada no radiojornalismo foi por acaso, mas procurada após o cansaço do trabalho em arquivo. Na emissora atuou como repórter do site e da rua, propondo pautas na área cultural em eventos como lançamentos

cinematográficos, ou o caso do Rock in Rio, e até em plantões como foi a cobertura do assassinato da vereadora Marielle Franco.

Quanto ao fluxo de trabalho na emissora, Carrera (2018) argumenta que o formato de trabalho implantado há tempos na emissora facilita a organização e o andamento das pautas: “Eu lembro da minha primeira passagem, algumas coisas ainda são feitas da época do informe e tal e como dá certo eu só vou mantendo, mas basicamente quando eu chego, já tenho uma prévia de pauta para cobrir e o que eu tenho de repórter, quantos repórteres eu tenho, os horários, fica tudo mais ou menos esquematizado, aí eu vou e só distribuo as pautas”.

Mais nova na casa, a repórter da central de apuração Rafaela Cascardo é formada desde 2015, mas começou a trabalhar no radiojornalismo em 2013 quando foi estagiária da BandNews, também apurando. Cascardo (2018) conta que foi contratada ainda na faculdade como repórter, quando começou a atuar na rua em eventos como as eleições de 2014, a Copa do Mundo, Olimpíadas e transmissões esportivas. Na CBN, a jornalista explica que o diferencial da BandNews é a concentração em uma pessoa no trabalho de levantar informações junto às fontes oficiais: “aqui se concentra em uma pessoa, o que é muito legal porque eu tenho que saber de fato tudo o que está acontecendo na cidade, acompanhar tudo, quando acontece algo mais relevante que precisa de um acompanhamento ao longo do dia é passado pra outro repórter, mas quando é algo mais momentâneo eu fico acompanhando mesmo sozinha”. A ideia do repórter como caçador das informações na busca pela verdade é parte dos valores da comunidade interpretativa que não ressalta os problemas da exigência de apenas um profissional no trabalho de apuração (TRAQUINA, 2005b).

Nas **mudanças na seleção das fontes durante o período profissional de trabalho na redação**, a incorporação de diferentes formas de contato com os agentes exteriores à redação pode ser vista em três diferentes considerações de experiência na CBN. Para o gerente de jornalismo, Thiago Barbosa (2018), hoje as fontes são mais difusas e não estão presentes somente no “livrinho de anotações” que permanece na redação, mas se complementa com bancos de dados e contatos via aplicativos de mensagens instantâneas como o WhatsApp: “acho que a tecnologia mudou isso profundamente, eu tinha uma caderneta que eu ganhei dos sindicatos dos jornalistas e eu usava aquilo de base muito forte e hoje tá guardado lá na casa da minha avó, a gente usa tudo pelos contatos do e-mail e tal, contato pelo WhatsApp, e o interessante é que antigamente falava-se muito mais ao telefone, hoje você percebe na redação um silêncio quando tá todo mundo ali apurando”.

As conversas em texto, via email ou aplicativos de trocas de mensagens, substituem até mesmo a troca de ideias no corpo a corpo, ou no local dos acontecimentos. Essa

dependência de aparatos tecnológicos recai sobre outra forma de dependência, a do contato via assessorias de imprensa no caso de órgãos oficiais. Há, segundo Barbosa (2018) uma percepção de tranquilidade na redação, o que mantém as conversas entre a equipe e não todo mundo ao telefone buscando sonoras ou entrevistados. O fluxo de trabalho é atingido e possui uma outra forma de seleção, ligada a cada função de gatekeeper no processo multifuncional do trabalho jornalístico (SHOEMAKER e VOS, 2011).

Já Ricardo Porto, produtor do CBN Rio, afirma que a utilização do aparato tecnológico depende da fonte e do interesse em torno da matéria. O julgamento sobre a relevância, nesse caso, entra na discussão em conjunto com a âncora Bianca Santos de que se tal assunto deve ou não ser tratado em uma entrevista, por exemplo, após o comum acordo com as chefias. A pressão do tempo também é parte do processo de seleção em que a necessidade dependerá da relevância da sonora para a continuidade na programação. Ou seja, um áudio só é buscado em muitos casos se ele irá se tornar sonora de uma reportagem depois, ou então em casos de impacto, no qual a entrada do repórter com o entrevistado depende da explicação sobre o acontecimento de forma aprofundada (PORTO, 2018).

Outro argumento é de que o tema seja “interessante para o ouvinte, se aquilo vai mexer com a vida do ouvinte de alguma forma”, não necessariamente citando o interesse público como critério chave de seleção, Porto (2018) exemplifica a forma de relação com as novas tecnologias a partir das necessidades temporais dos repórteres dentro do programa. Mesmo com a entrada de novas possibilidades pelos recursos das tecnologias em trocas de mensagens com áudios e outras mídias, a abordagem de Reich (2011) continua válida no sentido preferencial dado às fontes oficiais no caso da apuração: “Então, eu priorizo sempre as oficiais, porém a gente tem uma demora maior em conseguir confirmar as vezes coisas básicas que você consegue confirmar com outras fontes” (CASCARDO, 2018).

A dependência da hierarquia da credibilidade é citada por Cascardo (2018) na central de apuração a partir da relação tradicional com o uso do telefone e de grupos de WhatsApp com fontes oficiais para confirmar dados até a veiculação final. Essa postura se coloca no conceito de Tuchman (1983) de autoproteção quanto a possíveis erros. Em casos muito relevantes, cita Cascardo (2018), a prioridade é confirmar com vozes oficiais, mas que pode ter a entrada de informações quando “há vários relatos, porém sem a confirmação da Polícia Militar, tem coisas que não tem como evitar, as pessoas mandam vídeo, áudio, a gente vê que realmente está acontecendo e em muitos casos, as fontes oficiais não querem se comprometer”.

Nesse caso, a discussão aponta para a **interação com os ouvintes como estratégia de seleção de novas vozes na programação**, mesmo que ainda de forma tímida e concentrada no cruzamento com fontes oficiais na CBN Rio. Para Porto (2018) ainda não existe uma mudança completa no caso da emissora, mas sim um “espaço maior” para fontes não oficiais. Isso, para o produtor também é resultado das mudanças ocorridas no formato de seleção das fontes. A profissionalização em que o repórter depende da assessoria, também relata Cascardo (2018) gera problemas em horários que os profissionais da comunicação não estão trabalhando, como é o caso da madrugada ou das primeiras horas da manhã e finais de semana. Essa mudança, salienta Porto (2018), é gerada por conta de novas formas de contato, sem a necessidade de presença na rua em alguns casos. Quando começou na emissora, as ligações via telefone eram comuns para o relato de tiroteios, tendo a necessidade de contactar a PM para a confirmação e posteriormente levar ao ar: “eu entendo esse cuidado porque é uma busca pela correção, a gente não necessariamente vai ser o primeiro a dar a notícia, mas a gente vai dar a notícia correta”.

A correção como sinônimo de credibilidade é parte das considerações que a comunidade interpretativa relaciona na construção de uma hierarquia das vozes com o poder de falar sobre os acontecimentos (TRAQUINA, 2005b; MANNING, 2001). Para a repórter da central de apuração, Rafaela Cascardo (2018) que mantém o contato diário com os ouvintes, a entrada das informações como sonora ou como pauta na programação da emissora demanda de confiabilidade e subsídio na construção das notícias. Segundo ela, os casos de problemas pessoais ou situações específicas não são relevantes no contexto geral que necessitam as notícias. Neste sentido, os valores notícias são acionados para pensar o que é importante para a sociedade ou não na seleção do gatekeeper: “meu filtro é verificar o que vai impactar a população ou que está impactando especificamente a vida dele”.

Nos acontecimentos em que é possível fazer uma generalização dos problemas vivenciados pelo ouvinte, os casos rotineiros não possuem acesso direto por conta da falta de tempo na programação (CASCARDO, 2018). Já em assuntos relativos à saúde pública, por exemplo, com filas de hospitais ou atendimentos em locais impróprios ganham impacto quando os relatos são oriundos de diversas pessoas ou que pode gerar uma abordagem macro, em conjunto com outras fontes, buscando, por exemplo, a resposta de órgãos oficiais, análises de especialistas ou instituições. A desigualdade no acesso aos diferentes agentes é reforçada nesse sentido, não necessariamente pela busca da diversidade, mas na desconsideração dos argumentos de cidadãos comuns sem a confiabilidade daqueles que detém o poder (MOLOTCH e LESTER, 1999).

As **ferramentas utilizadas na seleção** revelam o poder do WhatsApp no controle e fluxo informativo atual e também as estratégias que conduzem a uma fonte que terá a voz na programação e aquela que somente subsidia os jornalistas com os dados. Para Barbosa (2018), um dos problemas é a falta de condições para que mais pessoas possam administrar a conta do aplicativo de mensagem instantânea para a conversa com um número maior de pessoas visando o contato com as fontes e a disseminação de conteúdos em áudio. No caso da seleção de diferentes vozes e a definição de quem fala e quem somente indica possíveis pautas ou interfere na programação sem aparecer, Santos (2018) argumenta que depende da relevância da notícia e do acesso à fonte: “se ela falar ‘olha essa informação que eu estou te passando é em off, não quero colocar a minha voz’, isso acontece também com ouvintes que moram, por exemplo, em áreas de risco, ele tem medo de represália, de se tornar alvo”.

O contato via WhatsApp é realizado durante toda a apresentação do CBN Rio e mesmo na ancoragem, Bianca Santos (2018) mantém a busca por informações via aplicativo e o contato com as fontes ao longo do programa: “em outros casos se ele optar por falar, aí é muito relevante porque no rádio a voz é fundamental e isso dá um corpo à matéria, torna a matéria ainda mais importante mais especial, então na maioria dos casos a gente prioriza a sonora, se ele topa falar, se ele quiser ir pro ar a gente vai dar esse espaço pra sonora”. A necessidade da checagem faz com que o tempo seja considerado um dos constrangimentos organizacionais e um problema na produção do dia a dia, conta Santos (2018), pois a demora nas respostas também pode levar a informações equivocadas por parte das fontes, mesmo que oficiais.

Esses **cuidados com a seleção em torno de questões éticas e profissionais** podem ser verificados na linha que defende a gerência de jornalismo na ótica das organizações Globo. Segundo Barbosa (2018) a preferência pelas fontes oficiais é tida como forma de garantir ao ouvinte um material checado e com a confirmação de órgãos que detenham o poder de garantir a “veracidade” dos fatos: “tem alguns institutos que acabam sendo de maior credibilidade a gente já usa e já dá o crédito, como informações do IBGE da Fundação Oswaldo Cruz que são instituições que a gente confia totalmente, porque até hoje eles nunca erraram ou mentiram de alguma maneira que nos coloque em alguma forma em descrédito”.

Dessa forma, o gerente de jornalismo elenca que a lista de fontes ainda precisa contemplar informações importantes, “falar bem, debater bem, discutir bem” como critérios para decidir quem irá emitir suas opiniões sobre determinado assunto, reconhecendo a possibilidade de levar ao ar primeiro para depois apurar no caso de vozes oficiais: “tem uma frase que eu acho espetacular pro rádio que é a seguinte ‘o radiojornalismo é um prato que

você cozinha e come ao mesmo tempo’ e isso é muito bacana porque ele fala e faz todo o sentido, então a gente fica com grande prazer nisso e olha vamos fazer e vamos tentar entender o que está acontecendo ao vivo” (BARBOSA, 2018). O relato reforça características de imediatividade do rádio e de construção contínua ao longo da programação e não fechada em si mesmo, no qual as fontes oficiais exercem o papel de ditar os acontecimentos e o cruzamento necessário em fontes tidas como menos credíveis.

A disparidade na consideração sobre as fontes pode ser verificada também nos argumentos de Bianca Santos (2018) ao elencar a necessidade de cuidados de informações que chegam via WhatsApp quando relacionadas a cidadãos comuns. Não há o reconhecimento de que podem haver erros em falas ou comunicados por parte de fontes oficiais, oficiosas ou institucionais, como já destacou Chaparro (1994). No caso de mortes, feridos ou informações impactantes a determinadas comunidades, isso se acentua pela importância da correção na transmissão dos acontecimentos. A cooperação entre jornalistas e fontes, que cita Pinto (2000) é vista em assuntos ligados a escândalos políticos e o alinhamento entre a ideia de credibilidade da fonte, da dependência e da confiabilidade a setores como Polícia Federal e órgãos do judiciário como o Ministério Público, procuradorias e tribunais de justiça.

A relação de confiança é estabelecida com o ouvinte também de acordo com a regularidade no subsídio das informações. Na mesma ótica da BandNews, o número de relatos pode garantir a entrada de uma informação no ar, como afirmam Porto (2018) e Cascardo (2018). Entre os critérios elencados pelo produtor, está o bom senso quando a velocidade da busca pela informação “para quem lida com o jornalismo hard” seria necessário, mesmo que sem uma receita na seleção das vozes: “bom senso as vezes até porque, não necessariamente as fontes oficiais vão falar toda a verdade” (PORTO, 2018). Para o produtor ainda é possível elencar questões como quantidade de gente falando sobre algo, consistência das informações, relação de confiança e envio de mídias como fotografias, áudios e vídeos.

A necessidade e a dependência da relação a partir da **profissionalização das fontes e o impacto nas redações** é parte do discurso dos jornalistas em vários momentos. Um dos fatores para esse processo é a declarada preferência pelas fontes oficiais, parte do jornalismo tradicional como já apontado por vários autores desde Gans (1980) até Schmitz (2011) e Amado (2017). Barbosa (2018) analisa esse processo como algo natural das mudanças ocorridas no mercado profissional nos últimos anos que impacta em dois caminhos. O primeiro é movido pelos problemas por parte de órgãos que blindam os assessorados e impedem o acesso a fontes ou então insistem com pautas sem o perfil da emissora. O segundo é a facilidade decorrente do contato com os departamentos que conseguem “enxergar uma

coisa que a emissora gostaria de ter na programação e que a gente não sabe quem é a melhor pessoa, quando a assessoria consegue atuar nesse meio, ajuda” (BARBOSA, 2018).

Na opinião de Bianca Santos (2018) há um distanciamento com as fontes na relação direta exercida antes do poderio das assessorias de imprensa, principalmente em órgãos militares de segurança e empresariais. Segundo a âncora, a época em os profissionais faziam as rondas regulares em diferentes órgãos e instituições, havia uma recepção tranquila e o repasse de informações de forma direta, mesmo que em alguns casos provocasse tensão quando os problemas eram gerados pela PM, por exemplo. O envolvimento com as fontes de forma direta segundo ela se acabou e somente os jornalistas “com mais experiência” e que utilizavam esses recursos conseguem ainda manter alguns contatos no seu cotidiano: “existe essa aproximação, acho que isso não vai se perder nunca, do jornalista com as fontes, mas atualmente está um processo de afastamento por causa dessa crise instalada e do número de assessorias para gerir essas crises”.

A desconfiança das fontes oficiais e a relação problemática com discursos de instituições, especialistas e empresários é citada por Porto (2018) e Cascardo (2018) ao afirmarem que há uma relação de passividade, mas também de cruzamento das informações de forma contínua e permanente. Segundo o produtor “a gente tem muita fonte oficial que mente, talvez mentir seja uma palavra pesada, mas que às vezes não fala a verdade toda da história e aí a gente acaba ficando numa situação”. Os problemas de filas de oncologia tratados pelo Ministério da Saúde com dados do passado é um exemplo de Porto (2018) ao buscar informações atuais e ouvir diferentes versões sobre o assunto. De acordo com ele, há um receio em contrabalancear a informação com o cidadão comum, principalmente vindo de fontes oficiais, mas que deveria ter uma melhor exploração seguindo opiniões da sociedade sobre serviços públicos ou privados.

Nesse mesmo sentido, Rafaela Cascardo (2018) reconhece que na central de apuração na temática de violência, a dependência de fontes profissionalizadas ligados a órgãos de segurança gera uma passividade sobre os discursos colocados como verdade por parte de quem detém o poder sobre dados e informações. Sem os repórteres no local dos acontecimentos, há um processo de aceitação daquilo que convém e na necessidade de fechamento dos materiais: “tinha que ter uma assessoria ou 24h até ou que chegasse mais cedo, porque 9:30 da manhã já aconteceu um monte de coisa, então fica complicado acompanhar, a assessoria da polícia civil às vezes 10h [da manhã] eles estão chegando lá” (CASCARDO, 2018). Sem a postura crítica, quanto aos materiais e a visibilidade aos

discursos de órgãos profissionalizados de diferentes setores, a velocidade do Ministério Público no contato com os jornalistas é motivo de elogios por parte da jornalista radiofônica.

Para o chefe de reportagem Matheus Carrera (2018) isso se liga ao **jornalista sentado e em multifunção** que sem a possibilidade de ir para a rua acaba tendo o trabalho facilitado pelo nível de profissionalização das fontes. Por outro lado, essa relação evidencia a desigualdade no acesso aos discursos entre os diferentes agentes sociais promotores dos acontecimentos e não necessariamente encaixando vozes que, mesmo possuindo assessorias, não estão presentes na programação. Exemplo disso é o silenciamento de setores ligados a direitos humanos ou de movimentos sociais que não são procurados ou citados como possíveis vozes que poderiam contribuir na construção das notícias pela relação facilitada por departamentos ou coletivos de comunicação que possuem. Outra situação é o fato de que a presença dos repórteres em zonas de risco é tida como “complicada” e a preferência pelo distanciamento e a ligação a setores das polícias se torna a saída para a cobertura.

Nas operações policiais, por exemplo, Carrera (2018) afirma que a cobertura é realizada a partir de um acompanhamento do que é feito por outros órgãos do grupo, como a TV Globo e Globo News ou então a procura por delegacias que mantêm o repórter “tranquilo, fechado e protegido”. Dessa forma, o chefe de reportagem afirma que a “assessoria ajuda porque eles mandam as informações, mas por outro lado as vezes atrapalha porque demora, ou manda muito pouca informação, não manda muitos detalhes”. O repórter age fazendo uma curadoria, um processo de *gatewatching* entre aquilo que é oficial e os dados oriundos de canais como o Twitter, Facebook e relatos via WhatsApp.

Nessa relação de quem fica e quem sai da redação, Carrera (2018) e Barbosa (2018) destacam que depende da pauta, que na maioria das vezes, segue uma agenda convencional de coletivas de imprensa, intervenções e até mesmo a possibilidade de cobrir acontecimentos pela TV, sites ou transmissões ao vivo: “depois a gente vai fechar a matéria mais tarde, então tem coisas que você consegue fazer da redação e outras não, candidatos na rua fazendo campanha exige que tenha alguém lá” (CARRERA, 2018). O jornalista reconhece que essa cobertura não é o “ideal” e que depende de fatores estruturais como motorista, importância da matéria e se ela demanda um gasto ou não por parte da emissora.

Algo que se relaciona diretamente a alguns dos **constrangimentos organizacionais na seleção das fontes** que impedem o trabalho em busca da diversificação de opiniões no cenário radiofônico permeado pela reestruturação profissional e econômica. Um exemplo está no trabalho da repórter Rafaela Cascardo que atua durante toda a manhã sentada com pouco tempo para descanso ou saída do local onde realiza o cruzamento de informações, ligações e

contatos com as fontes. Segundo ela, há um volume muito grande de cobertura no Rio de Janeiro, com grandes movimentações que tem a necessidade de cobertura e não há a possibilidade de “embarcar na onda de querer dar tudo muito rápido para não correr o risco de ser impreciso ou errar”.

Não há por parte da jornalista uma crítica à velocidade com que desempenha seu trabalho que culmina na dependência de fontes oficiais e na própria passividade diante dos discursos desses agentes. A relativização do trabalho é dada ao reconhecer a necessidade de imediatismo no rádio e de repassar as notícias de forma rápida com cuidados que vão desde a apuração correta até o volume de acontecimentos que passam todos os dias pela apuração. Essas alterações podem ser vistas também na ideia de perfil profissional que elenca Barbosa (2018) entre as suas necessidades, questões como a multifuncionalidade, empreendedorismo, curiosidade e “empacotamento” de conteúdos para o consumo nos meios digitais: “Há um enorme desafio hoje para todo o tipo de mídia, não só pro radiojornalismo mas pro jornalismo em geral e para a mídia em geral que é competir com muita informação, de alguma maneira a gente tem que ser um pouco mais atraente pro ouvinte, agradável e trazer informações que ele realmente vai achar importante para a vida dele”.

As questões tidas como normalidade e incorporadas ao discurso jornalístico da comunidade interpretativa quanto à seleção das fontes, o trabalho de forma sentada e multifunção impactam sobre a ideia de **diversidade nas notícias**. Não há uma visão estratégica entre aliar o interesse público, a competição com o número desenfreado de informações e notícias entre vários meios e a busca pela diversificação de opiniões ou então a transparência de diferentes discursos de forma a equilibrar o noticiário radiofônico na CBN. Resume-se nesse sentido a “ouvir o outro lado” e conduzir uma estrutura de trabalho enraizada na concepção de confiabilidade em fontes que tradicionalmente são vistas como mais credíveis aos discursos sociais.

Ricardo Porto (2018) reconhece isso ao exemplificar a cobertura sobre a queda de uma passarela na Linha Amarela em 2014, quando os diferentes relatos de moradores e ouvintes que passavam pelo local auxiliou na cobertura no momento em que as fontes oficiais não repassavam dados concretos sobre a permissão para o tráfego de caminhões carregados naquele horário: “Um ouvinte que alertou a gente, eu que liguei e o assessor me confirmou. Então às vezes a gente consulta a fonte oficial para também não falar besteira, mas muitas vezes o ouvinte é que nos dá a informação”.

Há, segundo Carrera (2018) a normalização do uso das vozes oficiais “à vontade” e a desconfiança permanente em postagens de Facebook, Twitter e mensagens do WhatsApp ou

ligações: “o ideal é quando é algo muito grave tentar confirmar com mais de uma fonte”. Para o chefe de reportagem, diversificar as vozes no ritmo de trabalho é praticamente impossível pelo contingente de informações a apurar, mas se torna uma necessidade em casos que demandam de análise aprofundada por diferentes setores da sociedade. Porém, o caso do governador Luiz Fernando Pezão no carro com pessoas ditas como milicianos é descartado na primeira resposta oriunda da assessoria de imprensa, sem a busca por mais vozes que pudessem reconhecer os homens presentes na carona.

Esse mesmo ponto de vista é tratado por Bianca Santos como uma questão de responsabilidade e não necessariamente na possibilidade de ouvir mais fontes. A prioridade, para a âncora deve ser a agilidade da informação frente a concorrentes como a internet, considerando a cautela quanto a dados ou acontecimentos que necessitam de uma apuração aprofundada: “você quer dar aquela informação, quer ser a primeira a falar no rádio, mas você não pode considerar essa emoção, é muito ruim e perde-se credibilidade quando você tem que depois corrigir essa informação e você acaba prestando um desserviço”. Há assim uma busca pela pluralidade, considerando proporcionalmente o número de pessoas que falam sobre um determinado assunto que surge de cidadãos comuns e contrabalanceando isso com quem possui o discurso da autoridade. Relação aprofundada ainda mais quando se citam fontes como especialistas, institucionais ou até mesmo empresariais que possuem um acesso diferenciado e a ausência de reconhecimento na contribuição de fontes populares na construção da notícia.

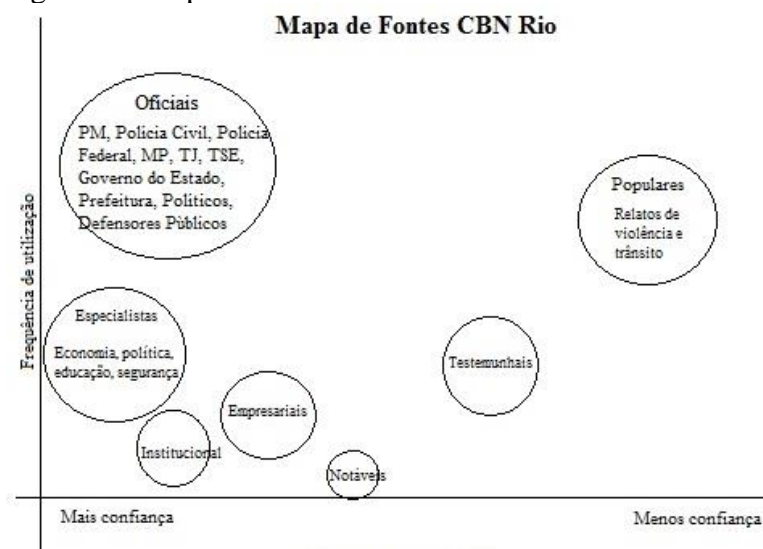
4.3.3 A diversidade e pluralidade de fontes

Com o objetivo de aprofundar a observação sistemática e os relatos nas entrevistas semi-estruturadas, a análise de conteúdo sobre as fontes na programação, realizada durante a semana em que estive na emissora, proporciona um olhar voltado aos agentes que estão presentes e suas formas discursivas na construção da notícia. Para tanto, foram gravados os programas de 13 a 17 de agosto de 2018, das 9h às 12h, período de cobertura local e cotidiana do CBN Rio com foco na seleção das fontes a partir da quantificação das seguintes categorias: a) tipo de fonte selecionada; b) temática em que a fonte foi encaixada; c) forma de interação/participação/acesso no caso das fontes populares via WhatsApp. Depois disso, indica a forma com que a diversidade é construída, aberta ou reflexiva com as frequências da presença de cada tipo e como são encaixadas na programação.

É preciso reforçar que o esforço multimétodo que visa estudar a seleção das fontes no radiojornalismo é construído por três vias: o trabalho na redação, a opinião dos jornalistas e as notícias veiculadas. A formação de categorias de análise são partes das discussões críticas realizadas com base na bibliografia apresentada nos capítulos 1, 2 e 3 com o contraponto necessário a cada resultado encontrado durante a investigação. A estruturação da tabela de análise seguiu a tipologia das fontes indicada no Capítulo 1 entre autores como Lage (2001), Pinto (2000), Gans (1980), Schmitz (2011) e Ferraretto (2001); assim como as diferentes formas de interação em Quadros (2013) e Carpentier (2012); e as diferenças entre pluralidade e diversidade (MORAIS, 2012; VAN CUILEMBURG, 1999; MANNING, 2001).

O número de fontes utilizadas pela CBN Rio durante o período de uma semana e a distribuição entre a tipologia selecionada para a construção das notícias reflete o pensamento estruturado nas entrevistas com os integrantes da redação e a própria observação sistemática ao longo da semana. As afirmações relacionadas com a confiança nos setores oficiais e profissionalizados, bem como a dependência e até mesmo a passividade diante dos materiais de órgãos assim são verificados na análise de conteúdo como parte dos dados apresentados sobre as vozes utilizadas em reportagens, notas, boletins, entradas ao vivo e comentários de analistas. Há uma construção oficializada que possui como base uma lista pré-organizada de fontes especialistas, unindo *News Shapers* e *News Makers*, na visão de Soley (1992) que garante a estruturação de uma busca pela credibilidade por parte dos profissionais, como aponta o mapa de fontes da emissora na Figura 6, organizado com base nas entrevistas, observações e dados analisados.

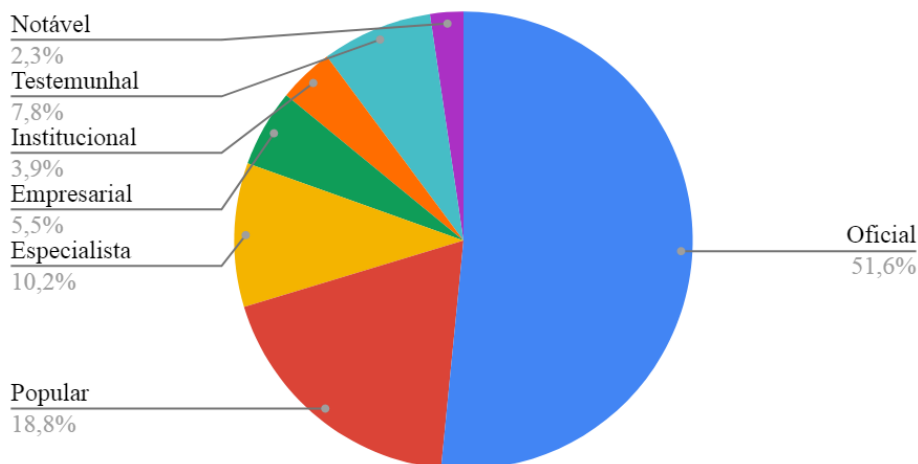
Figura 6 – Mapa de fontes CBN Rio



Fonte: O autor, 2019

Mais uma vez, como já apontaram autores como Gans (1980), Pinto (2000) ou Manning (2001), as fontes oficiais têm um acesso preferencial também na CBN com a presença em 51,6% de um total de 128 vozes presentes durante a semana. O detalhe é que a confiança demonstrada na busca pela apuração em conjunto com esses setores é analisada pela forma de menção, todas diretas, citando o órgão ou responsável pela informação que foi repassada, sendo que a metade delas sem a presença de sonoras ou vozes. Isso se demonstra pelo que foi observado durante a presença na emissora, em que as assessorias de imprensa mantêm o contato com os jornalistas enviando notas, respostas a solicitações ou até mesmo releases que são lidos no ar com entrada direta.

Gráfico 3 – Fontes CBN Rio



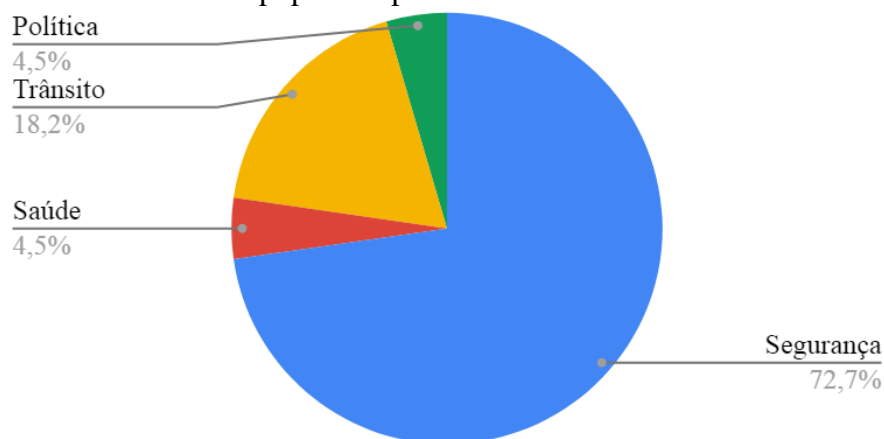
Fonte: O autor, 2019

Como é possível verificar no Gráfico 3, ainda aparecem na programação da CBN Rio, fontes populares com 18,8%, especialistas têm 10,2%, testemunhais com 7,8%, empresariais (5,5%), institucionais (3,9%) e notáveis (2,3%). No caso das fontes populares é necessário aprofundar essa relação por duas frentes: foram apenas dois casos em que cidadãos comuns foram buscados pelos jornalistas no palco de acontecimentos, na reportagem realizada sobre os preços do álcool em comparação com outros combustíveis no Rio de Janeiro. O restante foi estabelecido a partir do contato via WhatsApp no estúdio da emissora. Mais uma vez, também segundo o argumento de Benetti (2007), Reich (2011; 2015) e Manning (2001) não há uma exploração igualitária no sentido temático das vozes populares e não alinhadas a setores oficiais.

Mesmo que representem menos da metade das fontes oficiais, os cidadãos comuns aparecem na CBN por meio de interações reacionais ampliadas, ou seja, respondendo a solicitações da emissora em quatro temas centrais. A segurança (72,7% dos casos) é a principal temática em que os ouvintes são acionados com envios de relatos e busca de dados

sobre casos de tiroteios, fechamento de vias e operações, em sua maioria como resposta a pedidos dos âncoras durante a apuração conjunta com órgãos oficiais. Também nesse sentido, impossibilitada de estar em todos os lugares e acompanhar somente pela Central de Operações da Prefeitura do Rio de Janeiro, os ouvintes são partes da cobertura de trânsito em 18,2% dos casos de interação. Política e Saúde com 4,5% tiveram apenas dois casos em que os ouvintes participam de questionamentos realizados, no primeiro caso sobre o patrimônio dos candidatos quando da análise dos planos de governos pelos especialistas da casa; e no segundo com as reclamações realizadas junto ao defensor público da união entrevistado sobre o caso do Hospital Federal de Bonsucesso.

Gráfico 4 – Fontes populares por temática CBN Rio



Fonte: O autor, 2019

Com o encaixe das vozes populares em temáticas de segurança e trânsito a identificação é suprimida na maioria das vezes, sendo citada de forma indireta em 79,2% das menções. Por outro lado, a utilização da voz também é maioria em 70,8% contra 29,2% de casos em que a somente a informação é citada. A alternância de vozes que Goffman (2008) apontava como característica do meio rádio prepondera no momento de construção do noticiário com diferentes formas de paisagem sonora sobre o cotidiano. Ao contrário da BandNews, não há uma interferência direta no conteúdo sonoro em interações dialógicas ampliadas, interação dialógica imediata e participação espontânea ampliada na análise sobre a seleção de fontes populares via mecanismos de trocas de mensagens ou ligações.

É possível a partir disso considerar que, como aponta Carpentier (2007) no modelo AIP, há uma interação regulada que leva ao acesso, mas sem a possibilidade de participação e construção do noticiário. Em apenas um caso, no roubo de uma carga na Avenida Brasil, o alerta de um ouvinte se torna uma pauta a ser apurada pela equipe de redação junto a outros órgãos, exigindo uma resposta por parte de setores oficiais com o papel secundário (HALL et

al, 1999). A fuga do modelo de agenciamento primário é verificada nesse momento, como também argumentou Manning (2001), mesmo que em uma proporção menor que o restante da cobertura da emissora.

Esse modelo de interação, realizada com o controle da emissora por parte de jornalistas que antes de levar ao ar, verificam em conjunto com outras fontes e somente confirmam a informação após a resposta de órgãos oficiais, revela um acesso e confiança limitada nos cidadãos comuns (CARPENTIER, 2007; MOLOTCH e LESTER, 1999; REICH, 2011). A limitação é parte dos valores compartilhados pela comunidade interpretativa com relação às fontes, mas também impede a possibilidade de participação no pleno conceito de fazer parte da construção do noticiário e decidir sobre o andamento das pautas. Isso, de alguma forma é mais presente na entrada direta de informações oriundas de setores profissionalizados como as assessorias de órgãos oficiais ou a rede de fontes proporcionada pelo contato com especialistas, instituições e empresas que ditam os acontecimentos e possuem o acesso direto no cotidiano. Exemplo disso é de que nas 66 vezes em que uma fonte oficial aparece, 55 dessas vezes são acionadas como a principal e única fonte da notícia sem uma discussão com outros pontos de vista. Ou seja, o agenciamento primário é prática orgânica do meio e parte do processo de seleção das fontes.

Os temas recorrentes das fontes podem ser verificados a partir dos diferentes tratamentos a cada agente. As principais áreas temáticas em que as fontes oficiais são selecionadas, são segurança, saúde, política, economia e trânsito. Durante a semana de observação e análise, na segurança, as Polícias Militar e Civil e o Ministério Público foram agentes preponderantes e únicos nas reportagens e notas sobre as Operações contra o jogo do bicho (que teve informações relatadas com base na transmissão da TV Globo). Outras operações que tiveram os órgãos militares como mais ouvidos foram os casos do Complexo do Lins com tiroteios; em São Gonçalo contra esquemas de exploração sexual infantil; e ações no Morro da Mineira e Catumbi inclusive com a morte de uma mulher por bala perdida.

Os tiroteios na Comunidade do Rola que resultaram na interrupção da circulação do BRT na região, no Morro Santa Marta com ataques a policiais, e confrontos na Avenida Niemayer, além do assassinato do cantor MC G3 em Duque de Caxias estiveram presentes nas respostas solicitadas à assessoria da PM no Rio de Janeiro. Já a Polícia Civil foi a principal fonte de reportagens com os casos do latrocínio contra um professor e o assassinato de uma mulher pelo ex-marido na Barra da Tijuca e o caso de uma vítima de bala perdida dentro de um hospital próximo ao morro Santa Marta.

Outras fontes oficiais ouvidas sobre segurança ainda são a Polícia Rodoviária Federal, sobre um assalto a um depósito em Nova Iguaçu, o caso do Decreto do Interventor Federal, General Valter Braga Neto que extinguiu a delegacia do Complexo do Alemão, a ausência de resposta da intervenção sobre a visita da Anistia Internacional que buscava respostas sobre as investigações do caso Marielle Franco, o secretário de segurança do Estado, general Richard Nunes e o Ministério Público com denúncias realizadas contra o médico Denis Furtado, conhecido como “doutor bumbum”, por homicídio doloso.

Nas temáticas sobre política, há uma mistura entre fontes da Polícia Federal com Procuradores, Ministério Público e decisões judiciais. No período de pré-campanha eleitoral, algumas fontes se sobressaem, como o TSE com as diferenças patrimoniais dos candidatos à presidência e ao Governo do Estado, as propostas para o Rio de Janeiro presentes nos planos de governos, as dívidas do candidato Romário, em consulta a reportagem do jornal O Globo, o combate às fake news na visão do procurador eleitoral Anderson Schreiber, as caminhadas do primeiro dia de campanha para governador, o lançamento da candidatura do presidenciável Ciro Gomes em Irajá e o primeiro debate realizado pela TV Bandeirantes. Ainda na política, as decisões juiz Marcelo Bretas sobre denúncias contra o ex-secretário de Saúde, Sérgio Cortes e o ex-governador Sérgio Cabral, além da Operação Lava Jato contra o ex-superintendente do Banco Prosper estão entre os principais ouvidos.

A saúde, economia e trânsito também são abordagens realizadas com vozes oficiais. No primeiro caso, a interrupção no atendimento do Hospital Municipal Evandro Freire é um dos principais temas com uma cobertura que evidencia dados coletados pela TV Globo e a opinião de um defensor público da união sobre o caso. Outro defensor público é ouvido sobre o Hospital Federal de Bonsucesso. No trânsito, o Centro de Operações da Prefeitura do Rio de Janeiro é a principal fonte e na economia a situação do pagamento dos funcionários do Governo do Estado.

O segundo tipo de fontes mais ouvidas, as populares estiveram presentes, como já citado em casos de violência na Zona Oeste, Niterói e Comunidade do Rola, em um primeiro momento sobre os tiroteios e falta de circulação de ônibus e depois para situar os jornalistas sobre a presença de policiais e forças armadas em alguns dos locais. Além disso, há dois comunicados, um sobre o roubo de grades no elevador das Bandeiras, que não continua a ser debatido pela programação, e o roubo de carga na Avenida Brasil, que gera uma reportagem com dados de outras fontes. Na saúde e no trânsito, os relatos são utilizados sobre problemas no atendimento nos hospitais por conta da violência em São Gonçalo e Niterói e a situação da

Avenida Niemayer após tiroteios. Em apenas um caso, um questionamento de um ouvinte foi colocado no ar sobre a situação financeira dos candidatos a deputado federal.

O número de colunistas, que atuam como fontes especializadas na CBN Rio, também perpassa diferentes temas. Enquanto as populares são destinadas a responder comentários e outras solicitações da emissora nas áreas de trânsito e segurança, principalmente pela incapacidade de cobrir todos os casos de violência, as especialistas e institucionais também carregam confiabilidade dos jornalistas e circulam por diferentes frentes. Durante a semana de análise a colunista Berenice Seara, em conjunto com professores de ciência política, comentaram desde as tendências sobre as eleições para parlamentares da Assembleia Legislativa do Estado até as propostas dos planos de governo dos candidatos e o primeiro debate realizado pela TV Bandeirantes. Na segurança, além de Artur Xexeo que falou sobre os casos do jogo do Bicho, Paulo Storani e Roberto Kant de Lima, sociólogos especializados em segurança pública analisaram os seis meses de intervenção federal. Ainda houve a presença de Antonio Goes e Meri Del Priori falando sobre educação; Flávia Oliveria sobre economia e a inflação do preço dos alimentos e a juíza Andrea Pachá sobre a guarda compartilhada.

As fontes institucionais vão desde o diretor da Proteste Rio, Henrique Lian, sobre práticas abusivas no comércio a Clubes de Futebol; o Sindicato do Comércio Varejista de Postos de Combustíveis sobre os preços de combustível na cidade; e o Instituto de Segurança Pública com dados de violência e o deterioramento do projeto das UPPs. Já a principal fonte empresarial é a porta voz do BRT, Susie Balosie sobre a interrupção de serviços por conta de tiroteios e problemas na malha viária da região de Santa Cruz. Também como resultado da violência, as testemunhais envolvem principalmente moradores de regiões afetadas pela violência, além do filho da mulher que levou um tiro dentro do hospital próximo ao Morro Santa Marta, e o pai e a viúva da vereadora Marielle Franco sobre o não recebimento da Anistia Internacional pela Polícia Civil no caso das investigações do assassinato.

Por fim, as fontes notáveis são observadas no final dos programas que repercutem a agenda cultural da cidade em shows, lançamentos cinematográficos ou peças teatrais. Exemplo disso estão nas atrizes Glauci Fragoso, sobre a peça Urbana e Letícia Birkheuer sobre a peça Teatro Amoroso. A Semana do Rio Gastronomia com o chef de cozinha Pedro de Artagão, a apresentação dos músicos do Quarteto do Rio, Joice Candido e Eloi Vicente e a mostra de cinema no CCBB também foram temáticas abordadas pelos jornalistas durante a semana.

Há que se destacar a construção das notícias ao longo da produção do programa. No caso da mulher assassinada pelo ex-marido na Barra da Tijuca, a reportagem foi sendo incorporada a partir da intensidade dos dados oriundos de entrevista e apuração com fontes oficiais, caso da polícia, e testemunhais com o filho e moradores. A primeira notícia foi o surgimento do relato do acontecimento no início do programa de quinta-feira com o fato da morte de uma mulher. Depois, ainda na quinta-feira, ao final do CBN Rio, a Polícia Civil é novamente acionada pela repórter Rafaela Cascardo para apurar a hipótese de execução da mulher na frente do filho pelas características do crime. Na sexta-feira, no início do programa, a notícia é construída de forma completa com o enterro da corretora Karina Garofalo, assassinada pelo ex-marido e que teve como prova o relato do filho acusando o pai como mandante do crime.

É possível, nesse sentido, elencar algumas questões sobre o conjunto de dados no formato de construção da notícia na CBN Rio. Não há, ao longo da programação, a busca por uma diversidade que equilibre as diferentes vozes presentes na sociedade, evidenciando que oficiais se sobressaem sobre outros tipos como as populares e testemunhais. A institucionalização da sociedade, que defende Morais (2012) e McQuail (2003) nas diferenças entre os conceitos de pluralidade e diversidade pode ser vista no excesso de confiança, de forma dependente e passiva (FRANKLIN, 2011; O'CONNOR e O'NEIL, 2008) na relação com as fontes oficiais, institucionais e especializadas e a desconfiança nos cidadãos comuns (REICH, 2015) na identificação dos problemas sociais.

Não há, nesse sentido, uma abertura que busque dar ressonância aos fatos oriundos das fontes populares, mesmo que estas exerçam o papel de entrar em contato com a redação da emissora. O próprio relato da repórter da central de apuração, Rafaela Cascardo já evidenciava que questões pessoais que não afetem o conjunto não são consideradas, o que resulta em um controle direto sobre o material enviado de acordo com os interesses e demandas seguidas também por fontes oficiais. A própria lógica de participação, interação e acesso (CARPENTIER, 2012; MOLOTCH e LESTER, 1999) são impactados diretamente, já que há uma limitação no fator de acessibilidade que poderiam levar a disputas de sentido sobre os acontecimentos.

A seleção das fontes é realizada por um gatekeeping inserido no processo e no fluxo de produção das notícias da CBN Rio que passam das chefias para a ancoragem e reportagem de rua com exercícios claros de escolha de vozes em diferentes vias de acordo com os interesses da pauta em desenvolvimento no programa. Da mesma forma, o gatwatching é parte da construção das notícias com vozes populares, releases de assessorias de imprensa e

notícias de outros meios de comunicação do grupo, como G1, jornal O Globo e TV Globo. As especificidades do radiojornalismo são evidenciadas ainda nos constrangimentos como a velocidade e imediatividade também inerentes ao exercício profissional e também na estrutura textual de reportagens construídas ao longo do programa e na própria semana de observação. Os resultados apontam para características que serão aprofundadas na análise conjunta do Capítulo 5 em questões como a seleção, distribuição e equilíbrio dos diferentes agentes na busca pela ideia de diversidade no radiojornalismo.

4.4 CBN Ponta Grossa

A Sociedade Pitangui de Comunicação, fundada em setembro de 1989, detém a concessão como afiliada da CBN em Ponta Grossa. Iniciou as transmissões primeiramente em AM (1300) e depois, assim como cinco emissoras da cidade, migrou para o FM (98,1)⁴⁷. Segundo os dados da Anatel⁴⁸ e na consulta pelo CNPJ da empresa no site da Receita Federal⁴⁹, são oito sócios, sendo que quatro deles atuam como administradores, Roberto Mongruel, Wilson Souza de Oliveira, Amarildo Lopes dos Santos e Baltazar Eustáquio de Oliveira. Na programação, os noticiários locais seguem a grade da rede, às 9h30 e no período da tarde com entradas sobre política, trânsito e economia.

A afiliada reproduz materiais da rede e possui dois horários locais pela manhã e a tarde. Durante o período da pesquisa, apenas um jornalista, Clarisson Kawa era o responsável pela produção, edição e apresentação do programa local. Outros dois profissionais atuavam de forma terceirizada com materiais de agências e assessorias, além da contínua transmissão das cabeças de rede em São Paulo e Rio de Janeiro. Nesse caso, as redes radiofônicas revelam a homogeneização cultural do rádio que possui entre suas principais características, a proximidade e relação local na produção informativa (BRITTOS, 2002; ORTRIWANO, 1985).

O horário do CBN Ponta Grossa segue o padrão de escuta na região e no país, como revelou o Instituto DataSonda na última pesquisa divulgada pela empresa em 2014 sobre o

⁴⁷ Cinco emissoras migram para o FM em PG. Disponível em: <http://arede.info/ponta-grossa/159255/cinco-emissoras-am-migram-para-a-frequencia-fm-em-pg>

⁴⁸ Dados Sociedade Pitangui de Comunicação na Anatel. Disponível em: <http://sistemas.anatel.gov.br/se/public/view/b/form.php?id=57dbac6d02d6c&state=AM-C3>

⁴⁹ Quadro societário Sociedade Pitangui de Comunicação Receita Federal. Disponível em: https://www.receita.fazenda.gov.br/pessoajuridica/cnpj/cnpjreva/Cnpjreva_qsa.asp

consumo de rádio na cidade⁵⁰. Como uma característica do meio, de acordo com o instituto 11,30% da população está sintonizada em alguma emissora no período entre 10 e 11 horas. Quanto aos ambientes, 65,15% dos entrevistados afirmam ouvir em casa, 24,13% no trabalho e 10,72% no carro. O FM é preferido por 66,44% dos ouvintes e o AM por 33,56%. A relação das fontes estabelecidas pela programação como parte do conjunto metodológico de análise na emissora pode ser estabelecida a partir de uma rede de contatos que priorizam agentes do Estado e órgãos oficializados, além de instituições, empresas e especialistas que operam na lógica da linha editorial do grupo.

4.4.1 A rotina de produção local da CBN Ponta Grossa

A observação sistemática foi realizada na CBN de Ponta Grossa de 18 a 22 de junho de 2018, nos mesmos moldes da BandNews e CBN do Rio de Janeiro. A base de fundamentação teórica é oriunda dos conceitos e discussões acerca da utilização do protocolo de coleta de dados. O “*disengagement*” (SCHLESINGER, 1978) antes da observação propriamente dita, também apontou questões que buscam atingir os objetivos e oferecer dados para o problema e a hipótese da pesquisa. Em todos os dias, a presença nos estúdios da emissora começou às 8h e terminou às 12h, horário de produção e veiculação da programação local. A seletividade e sistematização com categorias prévias sobre o que foi observado teve como foco a análise multimetodológica e as propostas de Gil (2008) e Wimmer e Dominick (2011).

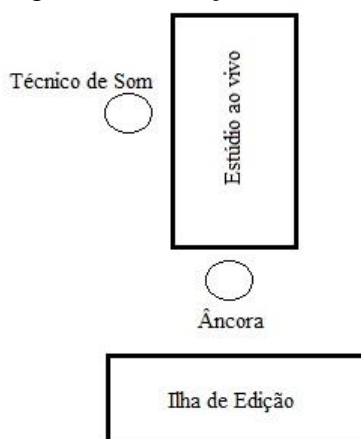
É importante ressaltar que não faz parte dos objetivos da pesquisa realizar qualquer comparação entre as emissoras e suas diferentes situações contextuais, econômicas e profissionais. A visão sobre distintos mercados possibilita ampliar as discussões do cenário da seleção das fontes em ambientes de rede na fase da multiplicidade da oferta (BRITTOS, 2001), do rádio expandido e hipermediático (KISCHINHEVSKY, 2016a; LOPEZ, 2010), das condições de trabalho do jornalista sentado, multifunção e as relações profissionais na comunidade interpretativa (MOREIRA, 2017; AMADO, 2018; TRAQUINA, 2005a; ZELIZER, 2004) em meio a questões como dependência, passividade e o contexto do jornalismo de periferia (FRANKLIN, 2011; O’CONNOR e O’NEIL, 2008; ARRUETA, 2010).

⁵⁰ Pesquisa revela índices de audiência das rádios de Ponta Grossa. Disponível em: <http://www.datasonda.com.br/?pg=publicacoes-da-empresa&id=9#>

Ao contrário das outras emissoras, não houve aqui uma postura de receio por parte do jornalista e equipe técnica. O acordo para a pesquisa teve a colaboração do profissional responsável pelo programa local com a possibilidade de presença nos estúdios, a realização e identificação de entrevistados e o acompanhamento do fluxo das pautas ao longo da transmissão em todos os dias. Vale lembrar, que as chaves de observação se repetem por conta do conceito de sistematização proposto por Gil (2008), Patherson (2008) e Travancas (2006), que oferecem uma dimensão de possibilidades de análise e discussão sobre atos, comportamentos e a prática profissional pelas seguintes categorias:

- I. Contexto de produção da notícia nas emissoras;
- II. Formas de seletividade na escolha das fontes, gatekeeping e gatewatching;
- III. Utilização das novas tecnologias na seleção de fontes e o contexto profissional do jornalista sentado;
- IV. Tratamento dado aos diferentes tipos de fontes entre as que são visíveis na programação e as que subsidiam as redações;
- V. Fontes profissionalizadas x não profissionalizadas e interferência na construção da notícia.

Figura 7 – Redação CBN Ponta Grossa



Fonte: O autor, 2019

O formato de redação presente na “Figura 7: Redação CBN Ponta Grossa” revela o ambiente de produção das notícias na CBN Ponta Grossa que tem todo o fluxo centrado no único profissional contratado para gerir o principal programa da emissora. O papel da multifuncionalidade é exercido no sentido de realizar a seleção das fontes, pautas, assuntos, agendas com entrevistados, edições e a apresentação do CBN PG todos os dias das 9h30 às 11h. Esse contexto é marcado por uma relação precária de construção da notícia que não insere no mesmo ambiente os responsáveis por outras reportagens e boletins que entram ao

longo da programação. Nesse caso, a contratação de dois profissionais de forma terceirizada (HOOD, 2011) demonstra uma tendência diante dos problemas econômicos vivenciados pela profissão e também uma estratégia de redução de custos por quem administra uma filial de rede que reforça a marca em detrimento da produção localizada, próxima aos ouvintes e relacionada com o debate sobre as questões da cidade.

4.4.1.1 Contexto de produção da notícia na emissora

A observação na CBN de Ponta Grossa revela uma série de problemas estruturais das emissoras que atuam como pontas de redes radiofônicas no país. O primeiro dia da pesquisa é marcado sobretudo pela tranquilidade no estúdio e dos profissionais que não veem com receio a presença do pesquisador dado que apenas um jornalista, Clarisson Kawa é o responsável pela produção, apresentação, edição, reportagens e agenda com entrevistados. Ao lado dele, um funcionário faz a técnica de som, as entradas da rede e os materiais produzidos por dois jornalistas terceirizados da emissora. Nesses dois casos, Emanuel Fornazari e Thanile Ratti atuam em *home office*, contratados para produzir boletins rápidos que entram na programação ao longo do dia, voltados principalmente ao programa local CBN Ponta Grossa, praticamente o mesmo exercício distanciado do palco dos acontecimentos que Hood (2011) demonstra em emissoras dos Estados Unidos. Dessa forma, o fluxo de apuração é descentralizado e dependente dos setores oficiais, como visto na Figura 8 com o Fluxo de apuração/seleção das fontes que será aprofundado nas discussões seguintes.

Figura 8 – Fluxo de apuração/seleção CBN Ponta Grossa



Fonte: O autor, 2019

A pesquisa inicia na segunda-feira (18) por volta das 8h, já com a presença do jornalista que faz o levantamento de pautas, agenda entrevistas e organiza o formato do

programa que vai ao ar das 9h30 às 11h. Esse é o horário de maior audiência da emissora, segundo contam os profissionais e a pesquisa Data Sonda, que possui como foco, “ouvir a sociedade civil organizada de Ponta Grossa” demonstrado na forma de seleção de fontes oficiais, institucionais e especialistas em detrimento de outros tipos de vozes sociais. A situação precária da organização do programa é permeada pela prática da terceirização e da dependência dos órgãos oficiais da cidade que tem entrada direta na curadoria realizada pelos jornalistas em textos de assessorias de imprensa e outros órgãos públicos do município e do Estado do Paraná. Os áudios da Agência Estadual de Notícias, ligada ao Governo do Estado são algumas das bases de utilização da emissora em conjunto com rádio releases, áudios enviados por assessorias dos deputados federais Sandro Alex (PPS) e Aliel Machado (PSB) e da Agência Radioweb.

Não há na emissora uma estrutura ou organograma com direção, chefias de reportagem ou de redação como é o caso das emissoras do Rio de Janeiro. Em Ponta Grossa, acima do jornalista está apenas o diretor proprietário da concessão Roberto Mongruel, empresário e ex-vereador da cidade entre 1997 e 2000, no qual chegou a presidir o legislativo municipal⁵¹ e atuar como secretário do município na gestão do ex-prefeito Jocelito Canto, também proprietário de uma emissora de rádio na cidade. Esses dados são apresentados já no início da análise pelo papel central nas formas de trabalho observadas durante toda a semana, considerando o contexto do jornalismo de periferia defendido por Arrueta (2010) e as consequências do interesse político na administração de concessões públicas de radiodifusão.

A manhã de terça-feira (19) também é tranquila, com a presença do setor comercial no programa em conversas sobre a situação de vendas de propagandas no horário local. Mesmo assim, não há aparente tensão na conversa que discorre sem problemas com a presença do pesquisador no ambiente. O âncora Clarisson Kawa chega por volta das 8h30, uma hora antes da apresentação para a produção e seleção dos materiais que vão ao ar pela manhã. A relação mantida via WhatsApp é contínua com fontes e o próprio proprietário Roberto Mongruel que realiza também ligações para verificar o andamento de algumas pautas e a possibilidade de entrada de fontes em entrevistas durante a semana. A produção individualizada é a marca central da construção das notícias de forma dependente de agentes externos e estruturada a partir de plataformas de conteúdo de agências e assessorias.

Na quarta-feira (20), o preparo do programa local inicia às 7h com a apuração de informações enviadas pelos repórteres terceirizados e a listagem de materiais que possam

⁵¹ Dados do histórico de presidência da Câmara Municipal de Ponta Grossa. Disponível em: <http://www.cmpg.pr.gov.br>

ganhar destaques no programa. O exercício é realizado pelo âncora com o objetivo de não cruzar informações repetidas sobre os mesmos assuntos oriundos das assessorias de imprensa. Dessa forma, os boletins terceirizados que já utilizam sonoras e textos de releases não repetem aquilo que foi selecionado do email e outros sites na manhã de trabalho de Clarisson Kawa. A rede de fontes já estabelecida é organizada em um caderno e também na agenda de contatos do celular do apresentador, que vão desde os vereadores até presidentes de sindicatos, políticos, professores universitários e as assessorias de imprensa. Nesse dia, o proprietário da emissora, Roberto Mongruel faz uma visita aos estúdios, conversa com o âncora sobre a situação de um vereador que não ainda não tinha sido entrevistado, porém, sem uma cobrança efetiva. Não há tensão com a presença do pesquisador, nem por parte dos funcionários com a chefia no local.

No caso da quinta-feira (21), a preocupação durante a manhã perpassa questões pessoais do jornalista até a escolha dos assuntos que fazem parte do cotidiano da cidade. Em todos os dias, há a busca por pelo menos um entrevistado da rede de fontes que mantém o profissional utilizando critérios como proeminência, impacto e questões da política e empresariado municipal. As atividades começam com a seleção dos principais emails das assessorias de imprensa até a listagem de reportagens e boletins enviados pelos repórteres terceirizados. Nesse dia, há ainda a participação de um repórter da Agência Estadual de Notícias que informa sobre os eventos, agendas e inaugurações do Governo do Estado na região de Ponta Grossa. Assim como em todos os dias da semana, não há a utilização de contato com fontes populares via WhatsApp, email ou telefone.

Um dos problemas observados é a falta de contato com os repórteres que atuam em *home office*, o que gera a repetição de conteúdos, com matérias até mesmo desatualizadas que entram na pauta ao longo do programa. Não há uma sintonia entre o que é enviado para a técnica para preencher as lacunas da programação e a produção voltada ao CBN Ponta Grossa. Os emails enviados pelos repórteres chegam ao âncora Clarisson Kawa que apenas redireciona aquilo que possui mais interesse pelo título ou chamada que o funcionário da técnica de som informa a ele. Por outro lado, o formato de seleção volta a reforçar as características e especificidades do trabalho em emissoras radiofônicas, descentralizado e sem uma interferência entre diferentes setores no gatekeeping que se insere no papel do apresentador, dos repórteres que estão fora da redação e das fontes, no que condiz ao material enviado pelas assessorias.

4.4.1.2 Formas de seletividade na escolha das fontes, gatekeeping e gatwatching

A seleção das fontes na CBN Ponta Grossa é concentrada em um primeiro momento no trabalho do jornalista Clarisson Kawa, que atua como o gatekeeper e gatwatcher central da emissora ao fazer o levantamento das pautas, edição e filtro do que vai ao ar na segunda-feira. Nesse dia, a utilização dos portais da internet e fontes selecionadas no email oficial da emissora com releases enviados pelas assessorias de imprensa é o principal foco de construção passiva das notas. O jornalista, antes da apresentação do programa dispõe os textos na plataforma de escrita no computador e somente faz recortes de outros órgãos e departamentos de comunicação de instituições. A seleção via WhatsApp é utilizada para o contato com colegas de outras emissoras, troca de dados e a própria relação com fontes próximas do âncora. Na segunda-feira, apenas o secretário de Meio Ambiente da prefeitura, Paulo Eduardo Oliveira de Barros é selecionado via telefone após uma conversa amena e com o tema previamente negociado antes de entrar no ar na emissora.

Os critérios de serviço e de proeminência das fontes oficiais são os mais evidenciados. Exemplo disso pode ser encontrado na importância dada à presença do âncora Clarisson Kawa na coletiva da governadora em exercício Cida Borgheti antes do programa ir ao ar. Esse modelo de preferência em temáticas políticas também evidencia um processo de seleção centrado no viés político da emissora em um alinhamento com o Governo do Estado. Além da entrada direta dos materiais de assessoria de imprensa e da Agência Estadual de Notícias, a seleção das fontes com a prioridade da presença do âncora fora do estúdio no local dos acontecimentos, é parte da postura política do cenário do jornalismo em periferia abordado por Arrueta (2010).

No restante da semana, a relação via WhatsApp e a curadoria com materiais oriundos de setores profissionalizados é recorrente com o papel preponderante do âncora. Torna-se necessário considerar a importância que o processo estrutural ganha no papel do gatekeeper na seleção das vozes presentes no radiojornal. A estrutura é parte fundamental do cotidiano de produção da emissora e a ausência de diferentes possibilidades reforça o papel dominante de algumas vozes sobre outras, ainda que haja uma aparente autonomia do jornalista na construção do programa. Nesse caso, o agendamento realizado, por mais autônomo que seja, sem uma hierarquia direta, e que possui “sugestões” do proprietário é afetado pela falta de profissionais, impossibilitando ações diferenciadas e diversificadas na estruturação de reportagens, entrevistas e notas.

A seletividade das fontes também é percebida a partir de critérios de disponibilidade dentro de uma agenda construída com os eventos da Prefeitura e Governo do Estado. O âncora dispõe desse agendamento visando cobrir o tempo e o espaço na ótica dos órgãos oficiais, o que facilita o número de entrevistas e o contato a partir dos materiais enviados pelas assessorias. Em uma nota, os possíveis nomes que serão ouvidos pela programação são elencados sem critérios específicos, desde que estejam presentes no conjunto de vozes confiáveis e portadores de autoridade suficiente para adentrar na programação. Os critérios observados podem ser elencados a partir da proximidade e localidade, impacto público e serviço. Os casos de história humana são vistos nos materiais de segurança abordando questões generalizadas a partir de roubos e notícias de portais de informação na internet.

4.4.1.3 Utilização das novas tecnologias na seleção de fontes e o contexto profissional do jornalista sentado

A utilização da internet e de aplicativos de mensagens mais uma vez é fundamental no processo de construção das notícias na emissora. A segunda-feira, bem como durante toda a semana, é marcada pela cópia de materiais de outros sites de notícias, a utilização de áudios da rede CBN em notícias nacionais ao lado da Agência Radioweb e de emissoras como a CBN e BandNews de Curitiba em assuntos estaduais. Com um número mínimo de profissionais para o trabalho nas ruas, as próprias entrevistas são realizadas pelo telefone ou então por meio de áudios pelo WhatsApp sem um contato direto com as fontes ou questionamentos mais apurados sobre os acontecimentos. Essa relação de facilidade também é realizada pelo envio de materiais radiofônicos por fontes oficiais como a Prefeitura Municipal, Governo do Estado, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ministério Público Federal e Estadual, que possuem acesso e entrada direta na programação.

O contexto do jornalista sentado é parte de toda a produção. Ela só não acontece no caso da entrevista com a governadora Cida Borgheti, que possui a presença do âncora no início da semana. No restante dos acontecimentos e notícias, tudo é construído no estúdio com utilização direta de agentes externos. Esse é o formato *home office* também exercido pelos repórteres terceirizados que serão detalhados nas entrevistas. No contato durante o período da observação, o âncora afirmava que as produções terceirizadas eram realizadas em casa com um número previamente acordado e sem a necessidade da presença dos repórteres na rua ou em agendas das fontes. Os áudios enviados demonstram isso ao utilizarem apenas sonoras

enviadas por meio de aplicativos de trocas de mensagens instantâneas ou então disponibilizados em sites e portais de contato das fontes com o público.

4.4.1.4 Tratamento dado aos diferentes tipos de fontes entre as que são visíveis na programação e as que subsidiam as redações

A rede de fontes do primeiro dia de observação reforça o panorama de seleção oficializada e aprofunda disparidades quando a precariedade das relações de trabalho é apresentada em casos como a CBN Ponta Grossa. Antes da produção do radiojornal da manhã a ida do âncora à coletiva de imprensa da governadora em exercício Cida Borgheti é um exemplo de agenda do Governo do Estado na cidade no dia 18 de junho com entrada prioritária na programação. Somente nesse caso, durante toda a semana, um dos profissionais vai ao local dos acontecimentos para buscar informações. O áudio da entrevista não passa por edições e tem entrada livre e total na programação. Outros agentes ainda possuem um tratamento prioritário, como a Sanepar (Companhia de Abastecimento do Paraná), os deputados federais Aliel Machado (PSB) e Sandro Alex (PPS) e a Prefeitura Municipal com suas autarquias.

Fontes oriundas do agronegócio, com a visão do Sindicato Rural de Ponta Grossa e dos grandes agricultores são exemplos da parcialidade da construção da notícia de forma dependente de setores profissionalizados. Esse caso junta-se aos releases de órgãos oficiais, de jornais como o Diário dos Campos e Gazeta do Povo, deputados estaduais e federais, bem como empresários ligados à Federação das Indústrias e Empresas do Paraná (FIEP). Nesse último, um dos agentes tidos como especialistas em cidadania selecionado para uma coluna com um áudio fixo aparentando uma entrevista é Silvio Barros, ex-prefeito de Maringá, irmão do ex-deputado e ministro Ricardo Barros e cunhado da governadora em exercício Cida Borgheti.

Tanto na quarta-feira como na quinta e sexta-feira, as notícias sofrem uma interferência pela promoção dos acontecimentos por parte de fontes profissionalizadas. A prioridade é dada a órgãos que mantenham esse tipo de relação é acompanhada em casos que envolvem agendas de coletivas de imprensa, entregas e inaugurações de obras, eventos organizados com fins políticos e filantrópicos. A prioridade estabelecida pelo jornalista é construída pela forma de acesso que sai da visão da procura pelas notícias, que assinala Traquina (2005a), para a dependência e passividade (FRANKLIN, 2011; O'CONNOR e

O'NEIL, 2008) em um modelo de aceitação que prevalece aquilo que vem das estruturas de poder da sociedade.

4.4.1.5 Fontes profissionalizadas x não profissionalizadas e interferência na construção da notícia

A acessibilidade e facilidade com que as assessorias de imprensa abastecem o programa local em Ponta Grossa são fatores que levam a uma interferência direta na construção das notícias na emissora. Os releases se transformam em pautas na sua totalidade, desde que enviados por órgãos que tenham relevância política no município e no Estado. Os textos do âncora no primeiro dia de observação são todos produzidos ao longo da manhã, com base no que Franklin (2011) aponta como passividade e o modelo do *dog-eat-dog* da cultura do copiar e colar. Até mesmo as fontes especializadas, como é o caso do representante do agronegócio e do Sindicato Rural de Ponta Grossa Gustavo Ribas Neto, principal ouvido sobre a área em toda a semana após acordo prévio com o proprietário da emissora. A temática desenvolvida pelo especialista sobre agronegócio não possui qualquer contraponto e é tido como fonte única durante toda a entrevista. A única voz institucional diferenciada das relações políticas e empresariais utilizada na manhã é a do presidente do Sindicato dos Servidores do município a partir de um release enviado pela assessoria de comunicação.

É interessante nesse processo que a sugestão do dia anterior de entrevista pelo proprietário da emissora Roberto Mongruel é acatada pelo âncora Clarisson Kawa no convite ao presidente da Associação Comercial de Ponta Grossa, Douglas Taques. Antes da entrevista, a fonte chega a sugerir perguntas ao jornalista que mantém uma relação de proximidade, cordialidade e acordo cooperativo na possibilidade de tratamento de alguns assuntos de interesse da instituição. O banco cooperativo Sicredi também é uma fonte empresarial indicada pela assessoria que possui entrada direta na programação com entrevistas e presença como analistas de situação econômica.

A proeminência da fonte é um exemplo no caso do perfil do procurador do Ministério Público Federal, Deltan Dallagnol com a utilização de um áudio da assessoria do órgão e dados retirados do release enviado à emissora. Essas relações que se repetem ao longo da semana também colocam em evidência o poderio da organização e sofisticação na relação com a imprensa. A visibilidade conquistada por esses órgãos e que afetam os discursos democráticos, como destaca Manning (2001), são passíveis de questionamento principalmente

pela ausência de pontos de vista diversos ou contrários em assuntos como Lava Jato, Agronegócio e a política em seus níveis estadual e municipal.

Há nesse sentido, uma manutenção das estruturas de poder que não sofrem questionamentos e levam a uma consideração sobre três formas de acesso que garantem a visibilidade de suas opiniões. A primeira é um acesso direto, na ótica de Molotch e Lester (1999) a setores que tenham aprimoradas as suas relações com a imprensa em assessorias, agências e principalmente o envio de áudios e rádio releases. O segundo é indireto com a presença de fontes populares no caso do aumento de luz no Paraná em que uma das reportagens terceirizadas faz uma enquete com cidadãos comuns. O terceiro é o acesso possível com instituições e especialistas, desde que possuam relações com a linha editorial e visão política da Sociedade Pitangui de Comunicação, dando abertura em momentos de tensão, como a proposta de greve do Sindicato dos Servidores Municipais com a veiculação do release, mesmo sem ouvir diretamente professores, funcionários ou afetados pelos serviços públicos e priorizando agentes críticos ao movimento grevista, como o prefeito e empresários.

4.4.2 A seleção das fontes segundo os jornalistas

A escolha das entrevistas semiestruturadas, mais uma vez é parte da estratégia multimétodo que inclui a forma qualitativa das ciências sociais em busca que de questões valorativas, subjetivas e ações não visíveis nos outros dois protocolos de coleta, a observação sistemática e a análise de conteúdo. O tópico guia que permeou as entrevistas da BandNews Rio e CBN Rio teve alterações e também foi aplicado de acordo com as características de produção na CBN Ponta Grossa. Mais uma vez, são explorados os sistemas de valores da comunidade interpretativa, crenças, normatividades, atitudes no processo de seleção, histórico profissional, tecnologias utilizadas e mudanças relativas ao contato com as fontes (GASKELL, 2002).

No caso da CBN Ponta Grossa, há uma distorção no número de entrevistados em relação às análises anteriores como parte da realidade profissional vivenciada na emissora. Essa variável incluiu os três responsáveis pela produção das notícias no programa local, já que não há uma hierarquia ou organograma incluindo chefia de redação ou diretoria voltada aos conteúdos na empresa. Dessa forma, foram entrevistados os jornalistas Clarisson Kawa, contratado e responsável pela apresentação do programa local e os repórteres terceirizados que atuam em home office, Thanile Ratti e Emanuel Fornazari. Todos serão identificados segundo comum acordo durante a realização.

Os resultados foram sistematizados a partir das frequências (HERSCOVITZ, 2007) de fala sobre os temas voltados à seleção das fontes, além do cruzamento teórico-conceitual em torno das seguintes categorias: a) mudanças na seleção das fontes durante o período profissional de trabalho na redação; b) a interação com os ouvintes como estratégia de seleção de novas vozes na programação; c) ferramentas utilizadas na seleção; d) cuidados com a seleção em torno de questões éticas e profissionais; e) profissionalização das fontes e o impacto nas redações; f) jornalista sentado e multifunção; g) constrangimentos organizacionais na seleção das fontes; h) diversidade nas notícias.

Como nos casos anteriores, em alguns momentos, as entrevistas tiveram questões repetidas e defendidas durante o processo de assimilação do jornalista no ambiente de trabalho em torno da linha editorial e da própria chefia da emissora. A discussão inicia novamente com o perfil profissional, como parte da abordagem realizada no Capítulo 3 sobre a comunidade interpretativa, que visa compreender as dinâmicas de formação e tempo de trabalho na emissora e no jornalismo. Assim, em toda a análise, voltamos aos conceitos, buscando discordar com base na literatura, e cruzar as informações com dados conceituais e oriundos da observação sistemática e da própria coleta da programação.

O debate sobre o **perfil profissional** dos entrevistados tem como objetivo, entender como os jornalistas fazem parte das dinâmicas da comunidade interpretativa ou tribo jornalística (TRAQUINA, 2005b; ZELIZER, 2004). Com mais tempo de experiência na CBN, Clarisson Kawa Neves é formado pela Faculdade Secal, mas começou a atuar na área ainda no ensino médio em 2006 na Rádio Santana, emissora vinculada à Igreja Católica na cidade. Seu início na profissão se deu com a operação de som no período da tarde. O jornalista conta que a partir disso começou a gostar do meio, ouvir outras emissoras e buscar a formação na área. Depois foi estagiário na área noticiosa e promovido assim que conseguiu o diploma. Passou pelas áreas do esporte fazendo plantão aos fins de semana, organizando a produção de noticiários e reportagens sobre diversos temas. Em 12 anos de experiência, trabalhou em quatro emissoras, como a Santana, MZ, 107 e Rádio T comandando o radiojornal da rede para outras 19 praças do Estado.

Há um ano e meio na CBN, Kawa (2018) é responsável pela produção, reportagem e apresentação do programa local que vai ao ar de segunda-feira a sábado, das 9h30 às 11h: “tem pouco apoio de equipe, são duas pessoas terceirizadas que mandam boletins gravados, mas de uma forma geral quem faz esse contato com fontes, entrevistas, que pensa o jornal, sou eu mesmo”. Ciente da situação profissional vivenciada pelo jornalismo, Kawa fez uma pós-graduação *latu sensu* em comunicação empresarial e cursa o quarto período de bacharel

em direito, que segundo ele, pretende ampliar oportunidades de trabalho e melhoria de renda. O contrato que possuía na emissora durante a pesquisa é pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) com carteira assinada e o tempo de produção de cinco horas respeitando a convenção coletiva do Sindicato dos Jornalistas do Paraná.

Os outros dois casos evidenciam um formato de trabalho que mostra a relação terceirizada apontada por Hood (2011) como tendência de redações locais ou no interior. A ponta de rede da CBN em Ponta Grossa tinha no período de observação, um contrato com dois jornalistas que atuavam em *home office*, Emmanuel Fornazari e Thanile Ratti. O primeiro é o responsável pelo acordo que, segundo ele, surgiu após uma reorganização profissional da emissora que não tinha como contratar outros jornalistas no momento e optou pelo formato de envio de boletins para preencher lacunas de prestação de serviços ao longo do dia e do programa local. Fornazari (2018) explica que estabeleceu o trabalho a distância com o diretor proprietário após o acúmulo de outras tarefas em uma TV na cidade e no site que administra (Net Esporte Clube) cobrindo a principal equipe de futebol da região, o Operário Esporte Clube.

Fornazari é formado desde 2010, quando começou a trabalhar também na Rádio Santana, primeiro como estagiário e depois na área do jornalismo em reportagens e produção para os noticiários locais. Seu papel na CBN, após a saída da emissora católica era produzir em casa boletins de cerca de um minuto com informações de serviço, comunidade e de utilidade pública, além de pequenos materiais para o programa local, “sem uma produção questionadora ou grandes reportagens que visem uma pluralidade de debates” (FORNAZARI, 2018). O início do vínculo se deu após um pedido de saída da emissora, no qual sugeriu a possibilidade de produção de conteúdo de uma forma contratual e sem a presença nos estúdios: “o ideal seria que fosse ao vivo mas a gente sabe como é a situação de estrutura como é que está o país nesse momento então é claro que parte muito da empresa que conseguiu viabilizar isso mas também acho que ele entende o fato de não conseguir ter uma equipe tão grande para uma rádio de notícias em Ponta Grossa”.

Nesse sentido, a emissora se apropriou da ideia e com menos recursos possibilitou a entrada de repórteres de forma terceirizada na produção jornalística. Após essa utilização, Emmanuel Fornazari convidou a jornalista Thanile Ratti para fazer parte do projeto. Ou seja, há uma “quarteirização” na construção das notícias. A jornalista se formou em 2017 pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, chegou a entrar no mestrado mas desistiu por conta das atividades profissionais para a emissora e uma agência de publicidade que tem entre suas atribuições, a profissionalização das fontes. Antes de atuar na terceirização, Ratti (2018) foi

plantonista no Campeonato Paranaense de Futebol sem vínculos profissionais com a CBN até ser convidada pelo colega Fornazari que detém o contrato com a Sociedade Pitangui de Comunicação: “a gente divide as produções e o contrato, mas o acerto é todo feito com ele, digamos que eu sou terceirizada dele, é totalmente terceirizado”.

Ratti (2018) explica que são doze boletins por dia e o trabalho na ótica do jornalista sentado, ausente do palco dos acontecimentos e dependente das fontes profissionalizadas está presente na estratégia de produção: “a gente acaba moldando para que aquilo se torne uma notícia, mas não há necessariamente produção, não há apuração, eu não saio, por exemplo, para ir entrevistar uma fonte, então realmente é praticamente 100% do que vem das assessorias mesmo”. Para ela, o contato com a CBN ainda durante a graduação e esse formato de trabalho garante experiência e o reconhecimento sobre os problemas vivenciados pela profissão por conta das estratégias das empresas de comunicação: “eu empresto a minha voz, não me sinto repórter, por ser recém formada eu tenho uma visão mais apaixonada ainda do jornalismo, então realmente eu não me sinto como repórter hoje, mas tento sempre avaliar, a partir de tudo aquilo o que eu estudei no curso, para também não acabar comprando às vezes algumas versões assim”.

O esforço de fugir do agenciamento primário e dos constrangimentos organizacionais por conta do modelo de produção terceirizado é buscado por Ratti (2018) em momentos como a greve dos servidores municipais. A cobertura da greve para ela, foi um “momento interessante” da vida profissional, quando teve a estratégia de não comprar as versões nem somente do Sindicato de Servidores, ou então da Prefeitura. Segundo Ratti (2018), a análise situação foi realizada a partir de fontes populares como os próprios professores, pais, moradores como um todo. Mesmo assim, a base de cobertura utilizada, segundo ela, ainda foram os releases que recebia pelo email ou WhatsApp. Outro fator que determinava a permanência nesse ambiente terceirizado, segundo os dois jornalistas, era o “selo CBN” como possibilidade de fortalecimento do currículo para contratações futuras.

Quanto às **mudanças na seleção das fontes durante o período profissional de trabalho**, Kawa (2018) argumenta a relação ainda como sonoplasta e locutor na emissora era toda por telefone e pessoalmente. De acordo com ele, a necessidade da presença no local dos acontecimentos e a manutenção de uma rede de contatos garantia uma confiabilidade dupla entre o entrevistador e o entrevistado. Na sua visão, a atualidade é marcada por uma relação permanente via WhatsApp, Facebook e outras formas de contato pela internet. As assessorias de imprensa também organizam grupos com o objetivo duplo de manter uma relação diária e constante sobre os acontecimentos voltados a suas fontes e também controlar o fluxo de

informações sobre suas fontes: “por exemplo, a Prefeitura de Ponta Grossa, a assessoria é toda pelo Whats, como é corrido, você manda mensagem e daqui a pouco ele te responde e pronto. Somente às vezes quando você não conhece a fonte, mas mesmo assim, se você não conhece, você ligou pra fonte e ela não atendeu eu já pego e já mando uma mensagem”.

A acessibilidade e a rapidez são os principais fatores, segundo o jornalista, que facilitam o contato com as fontes por meio de plataformas de mensagens instantâneas diante da impossibilidade de sair da redação ou construir reportagens aprofundadas sobre os acontecimentos do cotidiano. Nesse sentido, a própria gravação da entrevista por telefone foi gradualmente substituída pelo envio dos áudios pelas fontes, sem uma conversa ou o intercâmbio de respostas necessárias em uma articulação comunicativa. O fluxo de trabalho, nesse sentido, acontece todo via celular, com a seleção da fonte, o envio das perguntas, o recebimento do áudio e a transmissão da matéria. Não há uma reflexão sobre os problemas decorrentes do processo de aceitação e não interferência na escolha ou na notícia. A estrutura nesse caso exerce o mesmo papel de controle sobre os discursos e acontecimentos sem a possibilidade de diversificação de pontos vista (AMADO, 2018).

Nesta questão, Ratti (2018) argumenta que as mudanças são consequências do ambiente de produção e da profissionalização das fontes que atuam diretamente sobre a seleção desempenhada pelos jornalistas. Na emissora os boletins gravados pela repórter são todos oriundos de materiais enviados pelas assessorias de imprensa de fontes como a UEPG, Governo do Estado, Prefeitura, Copel e Sanepar (agências de energia e saneamento do Paraná), projetos da Câmara Municipal ou concessionárias de pedágio como a Rodonorte. Outra empresa é a Politicom que presta assessoria para os vereadores da cidade mantendo uma rotina de relação direta com os jornalistas, via email e WhatsApp. Nos casos de rádio releases ou sonoras enviadas junto aos emails, a escolha também é realizada com a inclusão das vozes dos personagens e fontes oficiais encaixando aquilo que é de interesse do repórter ou não está repetido na informação enviada pela assessoria: “nada desse material sou eu por exemplo que entro em contato, nem com o assessor nem com o assessorado para pegar material, o que vem eu gravo, o que não vem não é notícia” (RATTI, 2018).

A confirmação desse processo de mudança que exercia quando estava na Rádio Santana e na CBN para o trabalho terceirizado em *home office* é dada por Fornazari (2018) no sentido de que o conhecimento com as fontes passou para as assessorias e suas formas de abastecer as redações. Nesse sentido em temáticas com o caráter de serviço, toda a produção passa da ronda regular das ligações efetuadas a órgãos públicos, autarquias e empresas de concessão para a confecção de notas embasadas no que é enviado pelas fontes oficiais,

institucionais e empresariais. Somente nas sessões da Câmara Municipal, Fornazari (2018) explica que havia a necessidade de presença no local como parte do contrato estabelecido com a direção da emissora, mas que depois foi substituído pelo acompanhamento online com gravações dos discursos para sonoras a partir da transmissão audiovisual.

Há nesse sentido a mudança da estratégia do gatekeeping que é transferido para as fontes que possuem o papel de escolher que vozes e temáticas que são interessantes para os jornalistas. Estes últimos agem com a curadoria ou o gatewatching na reescrita, compilação para o texto radiofônico também com a cultura do copiar e colar (FRANKLIN, 2011) sem um aprofundamento sobre os fatos, agentes ou envolvidos nos casos: “fazemos uma reescrita do material para ser utilizado para dar uma cara de produção de rádio e não ficar algo de assessoria de imprensa” (FORNAZARI, 2018). A homogeneização do discurso com a preferência dada a órgãos oficiais e institucionais que possuam a relação profissionalizada impacta diretamente no preenchimento do espaço jornalístico por uma multiplicidade de pontos de vista. Não há um processo de disputa, mas de tomada e concentração do poder já existente na esfera social também na promoção dos acontecimentos que são cobertos pelos jornalistas.

Diante das mudanças e nas constatações de que a profissionalização afeta a diversificação das vozes e da utilização de tecnologias para o contato com esses agentes, o mesmo não produz uma **interação com os ouvintes como estratégia de seleção de novas vozes na programação**. Nesse caso, a ausência de diversidade é uma constante até mesmo no momento de escolher materiais que sejam oriundos de fontes populares por meio de aplicativos de trocas de mensagens. Sem uma estratégia clara, a interação se torna algo dispensado pela confiança e dependência já estabelecida com as fontes profissionalizadas. Clarisson Kawa (2018) reconhece que o canal pode garantir o surgimento de novas vozes para o noticiário com a sugestão de matérias, temas ou até mesmo o envio de denúncias, porém não houve na observação a presença desse tipo de seleção para o radiojornal.

Segundo o jornalista, existe um cuidado na checagem para que notícias falsas não possam se sobressair no contato com vozes populares e a preferência pelo que chama de fontes com credibilidade, como órgãos da “sociedade civil organizada de Ponta Grossa”. Isso se repete ao longo da semana de observação com o que Thanile Ratti (2018) chama de “padronização do envio das informações” concentrada no email principal da emissora acessado pelo jornalista e âncora Clarisson Kawa. É nesse processo que a preferência pelos setores oficiais acaba se sobressaindo a outras vozes e impede a possibilidade até mesmo de interações ao vivo de forma a incluir fontes populares nos debates sobre a cidade: “como a

gente já tem acertado quais são essas fontes, quais são os locais que a gente busca, acaba sendo padronizado” (RATTI, 2018).

A não utilização dessas vozes é um dos contrastes diante das **ferramentas utilizadas na seleção** das fontes como o WhatsApp, telefone, email e perfis em redes sociais, uma diversificação de estruturas que reflete o momento do rádio expandido e hipermediático. A própria sonora como parte da alternância de vozes no radiojornalismo é vista como prioritária em assuntos de impacto ou que exijam uma explicação aprofundada por parte da instituição ou órgão governamental. Ao contrário do argumento de Tuchman (1983) em que as aspas e declarações das fontes se tornam parte de um processo de autoproteção, na CBN Ponta Grossa somente as notas e releases enviados já são tidos como fundamentais para o processo de identificação na apresentação do programa local.

O email, por exemplo, é algo central na forma de recebimento dos materiais e não na manutenção de um contato entre os jornalistas e as assessorias de imprensa. Nesse caso, há somente a aceitação como parte da passividade diante do que é informado sem um questionamento específico sobre os materiais. O’Neil e O’Connor (2008), juntamente com Lopes (2016) e Elías (2003), apontam esses percursos no sentido de utilização passiva como parte dos problemas estruturais que fazem com que a pressão das fontes profissionalizadas exerça sobre as redações, a manutenção de um *status quo* com as mesmas vozes que comandam o poder político e econômico da sociedade. A relação entre os mesmos agentes se repete ainda que sejam adotadas ferramentas tecnológicas que possibilitam a entrada de diferentes de pontos de vista são utilizadas para o reforço de atores que têm acesso direto nos espaços de discussão e debate sobre a sociedade.

Os **cuidados com a seleção em torno de questões éticas e profissionais** são concentrados na presença de fontes profissionalizadas, oficiais, institucionais, empresariais e especialistas. Com o silenciamento das vozes populares como parte da dinâmica estrutural presente e na estratégia de seleção da CBN Ponta Grossa, há segundo Clarisson Kawa (2018) o uso de agentes que possam manter uma relação de subsídio de informações para a redação ou então figurem na esfera da representação, exemplo de “advogados, uma pessoa que luta por uma causa ambiental desde que alinhada a alguma instituição, fontes oficiais mesmo”. Não figura, por outro lado, desconfiança nos envios dos materiais de assessoria, ou até mesmo, nas declarações dos ouvidos durante o programa.

A jornalista Thanile Ratti (2018) argumenta que a replicação dos materiais seguindo o padrão de trabalho tem critérios como a “relação com a comunidade” na escolha de notícias de nível estadual e os personagens da política local na Assembleia Legislativa e Câmara dos

Deputados. A procura só é realizada quando ao invés do email, a assessoria prefere disponibilizar as informações nos sites oficiais, caso da Agência Estadual de Notícias e dos parlamentares: “às vezes o release não está lá, mas a gente consegue montar algo a partir daquilo, os próprios materiais de assessoria que são postados nos portais da cidade, no caso dos jornais e sites onde o material de assessoria se repete e a gente acaba modificando alguma coisa e utilizando de lá”. A cópia não estabelece um cuidado sobre a veracidade, factualidade ou se então realizam algum cruzamento e checagem para conferir as informações.

A confiança total nos órgãos exteriores à redação que se converte em dependência e passividade também atinge questões cruciais na postura ética e deontológica frente aos materiais que não possuem um aprofundamento ou apuração. Isso seria um dos resultados da **profissionalização das fontes e o impacto nas redações** como parte de um processo de sofisticação da relação com as redações (CHAPARRO, 1994) e da ditadura organizacional imposta pelo controle de assessorias e aproveitamento das condições vivenciadas pelos jornalistas em casos como a CBN Ponta Grossa (LOPES, 2016). Esse controle é reconhecido por Kawa (2018) com o relato de que em momentos de crise como a Operação Lava Jato ou polêmicas, “ele só quer falar de um tema ou então não falar sobre a situação, ou seja, só expõe o que é de interesse dele, por isso que se eu vou entrevistar o cara e se eu não posso perguntar sobre essa Operação aí eu nem entrevisto, não tem porque eu entrevistar uma pessoa se ela não quer falar do tema principal”.

Além do controle habitual por parte das fontes organizadas na gestão de crises, a passividade dos jornalistas é parte do processo de aceitação da postura de agentes que utilizam as assessorias também como escudos de proteção em momentos como escândalos e polêmicas. Thanile Ratti (2018) argumenta que há outros fatores na dependência cotidiana, como a facilidade pela construção de textos oriundos de diferentes setores de comunicação em que ainda há o exercício de separar o que é notícia no release e o que é somente o destaque ao assessorado. Para ela, mesmo diante de todos os problemas éticos e estruturais no tocante ao formato de trabalho, esses órgãos são os “braços direito e esquerdo” no trabalho da CBN Ponta Grossa e que se deixassem de existir, o sistema de jornalismo praticado na emissora teria que ser revisto: “o meu trabalho depende totalmente de uma assessoria, se elas não mandam textos eu fico sem notícia e eu vou demorar muito mais, enfim, vou ter que apurar mais, o que não é de certa forma acertado para que fosse feito, mas acontece de algumas vezes eu ter que trabalhar em cima do material das assessorias porque ele não vem pronto”.

A relação de troca e expectativa de materiais prontos que facilitem o trabalho terceirizado também é reforçado por Fornazari (2018), justamente pelo modelo de contrato

estabelecido para o *home office* sem a presença no local dos acontecimentos. Segundo ele, a preferência por fontes profissionalizadas se justifica no sentido da abordagem de serviços públicos, nos quais há a necessidade de notas pontuais sobre casos que somente órgãos oficiais podem oferecer. Já o cuidado que propõe nessa escolha, apresentada de forma clara e dependente dos releases e outros materiais enviados, pode ser analisada na afirmação de que o fluxo era somente “analisar os textos, modificar com as informações principais e buscar uma complementação, basicamente com produções de assessorias”.

Um dos fatores preponderantes para o uso cotidiano e indiscriminado dos materiais originários de assessorias, agências, sites e outras plataformas é trabalho do **jornalista sentado e multifunção** que se relaciona com conceitos aqui abordados como a revolução das fontes (CHAPARRO, 1994), ditadura das fontes organizadas (LOPES, 2016), dependência (FRANKLIN, 2011) e passividade (O’NEIL e O’CONNOR, 2008) na fase da multiplicidade da oferta em um rádio expandido e hipermidiático (BRITTOS, 2002; KISCHINHEVSKY, 2016a; LOPEZ, 2010). No caso da CBN Ponta Grossa, como também já abordado na observação sistemática, todo o trabalho é fruto do estilo de produção, seja na redação ou em casa como fazem os repórteres terceirizados.

A rotina em casa, nesse sentido, busca preencher as lacunas existentes na programação ainda pela manhã, com uma organização do que foi pauta para as notícias no dia anterior. A falta de contato entre os repórteres e o âncora é um dos problemas decorrentes da opção pelo trabalho sentado e ausente do palco dos acontecimentos. Os três profissionais reconhecem que esse não é o ideal para a construção das notícias e que se tornam alvos das assessorias que visam explorar o espaço sonoro de que dispõe a emissora na cidade. Ratti (2018) não possui qualquer relação com a CBN e todas as pautas e discussões sobre os boletins que produz é realizado com Fornazari (2018): “Quando eles fazem reuniões é só ele que participa, eu não participo, então realmente eu sou terceirizada dele, por isso que essa relação com o Clarisson eu não tenho, o que a gente tem um padrão de envio para evitar ter ruídos”. Outro acerto que faz parte desse *modus operandi* é a não necessidade de cobrir eventos nos locais em que acontecem, restringindo à casa, a construção das notícias.

A opção fica evidente na cobertura das sessões da Câmara Municipal, realizada exclusivamente pela internet com a captura de áudios para a utilização como sonoras: “Tudo é feito em *home office*, só eventuais situações que necessitam algum tipo de presença em coletivas, anúncios governamentais, algo que venha como pedido da própria emissora” (FORNAZARI, 2018). O jornalista ainda explica que todas as gravações eram feitas no período da noite ou então nas primeiras horas da manhã para entrar durante o dia ou no

horário local do CBN Ponta Grossa. Fornazari (2018) reconhece a importância da presença no palco dos acontecimentos, principalmente para diversificar opiniões e promover debates mais apurados sobre a sociedade, mas que se torna impedido pela falta de estrutura para a produção cotidiana: “A gente percebe que cada vez as redações estão mais enxutas e esse trabalho é fundamental de ir no local de estar acompanhando de fazer debate, de ter algo personalizado que é muito mais enriquecedor para o debate público, o que é impedido pela falta de estrutura mesmo, sem isso não há como fazer”.

Por outro lado, a exigência da multifuncionalidade é parte de todo o trabalho desempenhado pelo âncora e pelos repórteres. O primeiro tem em toda a sua rotina uma estrutura já fundamentada em que necessita apurar, produzir os textos e reportagens, agendar entrevistas, ancorar e editar seus materiais quando necessário. Já os outros dois que atuam em casa, produzem, editam, gravam e ao mesmo tempo fazem a curadoria do que é notícia segundo as assessorias da cidade: “eu tenho que saber de edição de áudio, então hoje para o profissional que está ingressando ou que está se formando se prender muito a uma técnica ou a uma área é um tiro no pé, pois você pode ser muito bom naquilo que você faz, mas hoje o mercado não comporta alguém que é muito bom só em uma coisa” (RATTI, 2018).

Nesse sentido, há um alinhamento entre as exigências necessárias ao trabalho cotidiano na CBN Ponta Grossa e os **constrangimentos organizacionais na seleção das fontes**, que seguindo o embasamento de Breed (1999) podem ser verificados no contexto da fala dos entrevistados. Em um primeiro momento, Kawa (2018) que sente os problemas estruturais nos programas diários, reconhece a limitação dos profissionais e aponta motivos como fato de ser uma emissora do interior e a questão comercial. Outra situação é a possibilidade de autonomia que a direção da emissora garante, mas que é afetada com “sugestões” de entrevistados por parte dos proprietários e pela relação de dependência direta das fontes profissionalizadas no momento de seleção das vozes que compõem o noticiário. Por fim, a estrutura como um todo é apontada pelo jornalista, pois “se tivesse mais profissionais, teria mais conteúdo, mais abordagens e mais fontes, mais temas” (KAWA, 2018).

Os constrangimentos apontados por Fornazari (2018) vão desde a impossibilidade da cobertura *in loco* até a homogeneidade das notícias como resultado da utilização de fontes profissionalizadas. Sem a organização de reuniões de pauta, o fluxo é comandado pelas vozes que compõem o poderio econômico e político de Ponta Grossa e, por sua vez, possuem mais condições de manter uma relação sofisticada com a imprensa. Sem entradas ao vivo, comenta o jornalista, as próprias características do rádio se perdem com um acompanhamento pela

internet sem questionamentos e trocas entre as fontes: “A gente não tinha o compromisso, entre aspas, de ter uma fatalidade e sair em busca da notícia, já veicular ou publicar na hora, entrar ao vivo, são notas mais frias mesmo”. Nesse caso, não há uma exigência que faz parte de outras emissoras na corrida contra o tempo em busca da entrega antes do *dead line*.

Por outro lado, mesmo sem o fator tempo que poderia ser um dos constrangimentos que afetam a produção da notícia há uma ausência natural dele, mesmo com a cobertura em *home office*. Aqui, há pouco tempo para a produção voltada à emissora e uma divisão com outras tarefas nos relatos dos jornalistas que atuam em mais de dois ambientes profissionais somando-se ao da CBN Ponta Grossa. Ratti (2018) também enumera a situação estrutural e profissional como constrangimentos que fazem parte do seu cotidiano de construção noticiosa e preponderante nas escolhas que faz em torno de fontes, textos e materiais para a emissora.

A jornalista argumenta que a emissora tem potencial para contratar uma equipe que procure produzir notícias exclusivas, mas a terceirização e a manutenção de somente um profissional na redação faz parte da estratégia de redução de custos e utilização das mesmas vozes, controlando o fluxo de notícias: “eu acho que a CBN teria esse cacife e a cidade tem suporte para isso, tanto de mão de obra, quanto também das notícias, enfim, das fontes que você pode ir atrás” (RATTI, 2018). Para ela, o sistema de envio com base em notícias de assessoria funciona, por mais que evidencie os mesmos agentes durante a cobertura local que possuem a profissionalização como base: “então é ruim por ser só assessoria, se pudesse contratar pelo menos um para ter mais materiais próprios, exclusivos, enfim, seria ótimo”.

Quanto à linha editorial, os três afirmam não haver ordens explícitas para silenciar vozes da cidade, mas que em alguns casos a escolha parte do próprio jornalista considerando as alianças do grupo que comanda a emissora: “Nunca veio uma ordem assim, por exemplo, esse material de assessoria dessa empresa não usa, mas existe lógico uma tendência, se eu recebo um material de assessoria da Rodo Norte que é um dos anunciantes da rádio é mais fácil sair uma notícia deles” (RATTI, 2018). Algo que se enquadra no que Breed (1999) argumenta sobre a adaptação por osmose ao formato de trabalho e concepção ideológica da empresa na qual está inserido. Política e economia, por exemplo, são os focos da emissora na cidade de acordo com Fornazari (2018) e Kawa (2018) na escolha de fontes que possam refletir as demandas da cidade. Porém, a ausência de um reflexo justo e plural se torna claro ao analisar a preferência pela profissionalização, silenciando setores que não possuem uma relação sofisticada ou condições econômicas para abastecer a redação.

A visão institucionalizada e oficializada por conta dos constrangimentos vivenciados pelos jornalistas e a dependência das fontes profissionalizadas influencia diretamente na

própria concepção dos jornalistas sobre a **diversidade nas notícias**. Clarisson Kawa (2018) defende a utilização de diferentes setores na sociedade, mas que a não disponibilidade e acessibilidade influenciam na escolha de vozes para o noticiário local. Mesmo o material da rede na perspectiva nacional não é utilizado pela facilidade no download ou na escolha de produtos oriundos de agências como a Radioweb e do Governo do Estado. Já Ratti (2018) cita o exemplo de acidentes ou problemas que acontecem nos bairros da cidade que exigem a busca por fontes da comunidade e, que quando não é possível, há a produção de notas a partir do que é veiculado em outros órgãos de imprensa da cidade. A ideia de diversidade desaparece dos argumentos dos jornalistas, mesmo com a possibilidade de escolha de diferentes assessorias de imprensa que também garantiriam a entrada de órgãos não alinhados como defensores dos direitos humanos, do MST ou outros movimentos sociais.

Para Emmanuel Fornazari (2018) isso é o resultado da falta de estrutura que passam as redações na atualidade e da reconfiguração profissional, que por um lado emprega os jornalistas em assessoria de imprensa e, por outro, garante o trabalho em *home office* utilizando os materiais de setores das fontes. A própria avaliação sobre a necessidade de questionamentos às assessorias em determinados releases só acontece “quando requer um detalhamento maior” desde que alinhado a serviços públicos essenciais. Isso, segundo ele, é resultado da falta de investimento na redação, mas que também recai “na proatividade do próprio jornalista, que muitas vezes pode ter estrutura e não estar interessado ou não ter qualificação necessária para fazer esse tipo de debate”. O tempo maior para a produção e a presença no local dos acontecimentos também são fatores elencados pelo jornalista que levariam a um aumento nos pontos de vista sobre determinadas temáticas.

Nas três entrevistas fica evidente o fluxo de trabalho desempenhado na redação da CBN Ponta Grossa e o controle exercido pelas fontes por conta da situação estrutural e contextual da emissora. A preponderância das mesmas vozes e a ausência de pontos de vista diferenciados ou oriundos dos cidadãos comuns são partes de uma dinâmica que vai das estratégias da própria empresa à forma de dependência e passividade com relação a fontes profissionalizadas. Essas são características do jornalismo em contexto de periferia, do *modus operandi* da construção social da realidade que interfere diretamente na seleção das fontes no radiojornalismo e de quem está habilitado a falar, possui acesso direto ao espaço midiático e conduz os debates sobre as políticas de uma região. A amostra final das discussões ainda pode ser verificado no próximo item, ressaltando as disparidades entre as emissoras e o formato de jornalismo que se exerce na atualidade em cidades do interior como Ponta Grossa.

O reconhecimento da necessidade de utilização de releases, informativos, presença em coletivas de imprensa, curadoria dos textos das fontes sem o questionamento ou relação mesmo que via email é uma mostra da ausência das vozes. Durante todas as entrevistas, a preponderância de órgãos e agentes oficiais é tida como natural e inerente ao processo de construção das notícias na emissora. Outros tipos como institucionalizadas e especialistas ainda conquistam o espaço pela demarcação política entre seus agentes e a linha editorial da CBN Ponta Grossa. Por outro lado, o cidadão comum ainda fica à margem da possibilidade de ser ouvido em toda a ressonância necessária sem um jornalista que tenha condições estruturais de investigar e ouvir os diferentes lados existentes sobre os fatos do cotidiano.

4.4.3 A diversidade e pluralidade de fontes

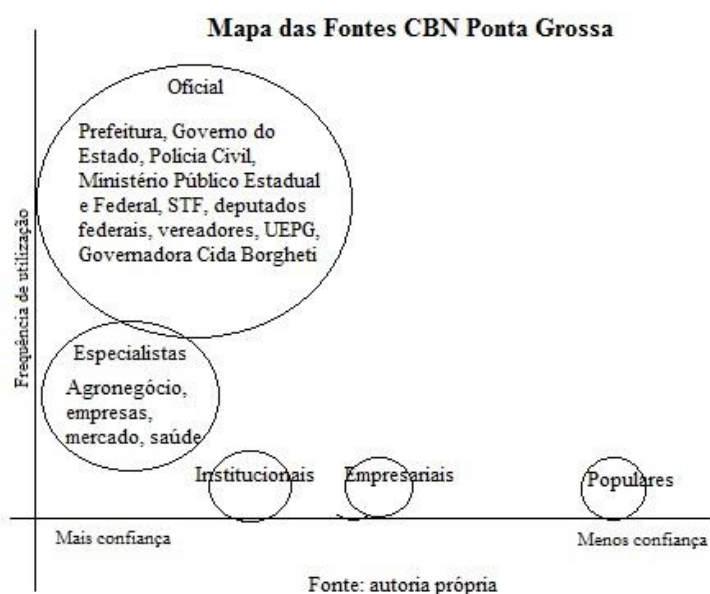
A fim de aprofundar a análise multimetodológica que tem a observação sistemática e as entrevistas semi-estruturadas como itens qualitativos da pesquisa, a análise de conteúdo é utilizada para debater sobre as fontes presentes na programação ao longo da semana em que estive na emissora. Dessa forma, foram gravados os programas de 18 a 22 de junho de 2018, das 9h30 às 11h, período de cobertura local e cotidiana do CBN Ponta Grossa com a categorização dos seguintes itens: a) tipo de fonte selecionada; b) temática em que a fonte foi encaixada; c) forma de interação/participação/acesso no caso das fontes populares via WhatsApp. Depois disso, indica a forma com que a diversidade é construída, aberta ou reflexiva com as frequências da presença de cada tipo e como são encaixadas na programação.

Torna-se necessário reforçar que o esforço multimétodo é construído por três vias para o estudo sobre a seleção das fontes no radiojornalismo: o trabalho na redação, a opinião dos jornalistas e as notícias veiculadas. A formação de categorias de análise são partes das discussões críticas realizadas com base na bibliografia apresentada nos capítulos 1, 2 e 3 com o contraponto necessário a cada resultado encontrado durante a investigação. A estruturação da tabela de análise seguiu a tipologia das fontes indicada no Capítulo 1 entre autores como Lage (2001), Pinto (2000), Gans (1980), Schmitz (2011) e Ferraretto (2001); assim como as formas de interação/acesso/participação em Quadros (2013) e Carpentier (2012); e as diferenças entre pluralidade e diversidade (MORAIS, 2012; VAN CUILEMBURG, 1999; MANNING, 2001).

A distribuição das fontes ao longo da semana no CBN Ponta Grossa é parte do processo estruturado já verificado na observação sistemática e entrevistas, no qual prevalece a utilização de vozes oficiais, institucionais e especializadas. Esse modelo é oriundo a

hierarquia da credibilidade (TRAQUINA, 2005b) e também da dependência das fontes profissionalizadas e a própria passividade diante dos produtos jornalísticos enviados por assessorias, agências e departamentos de comunicação. Exemplo disso está presente em todos os discursos dos entrevistados e nos dados apresentados a seguir. A preferência pelas fontes oficiais, em que muitas delas aparecem sem voz no jornal é resultado da utilização de notas e releases de forma integral, se tornando um braço fundamental na construção da notícia na emissora. Dessa forma, a seleção relatada na Figura 9, “Mapa das Fontes CBN Ponta Grossa”, é afetada pelo baixo número de profissionais e um contexto que demonstra a estratégia da emissora em ouvir os mesmos agentes que comandam os poderes econômico e político da cidade.

Figura 9 – Mapa de fontes CBN Ponta Grossa



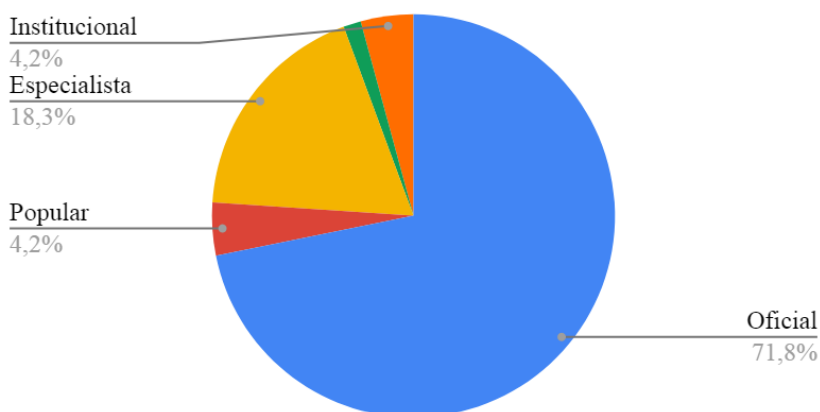
O noticiário local da CBN Ponta Grossa, dessa forma é construído por um conjunto de setores ligados aos poderes constituídos no município, no legislativo municipal, estadual e nacional e no executivo estadual e federal. Além disso, órgãos como os ministérios públicos Estadual e Federal, Polícia Civil, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Sindicato Rural e Associação Comercial de Ponta Grossa exercem um papel preponderante no abastecimento da redação com informações relativas ao andamento de seus interesses na sociedade. O círculo oficial, institucional e especializado é parte da preferência da comunidade interpretativa em diferentes momentos apontado por Traquina (2005a), Leal e Jácome (2013), Zelizer (2004) e autores como Gans (1980) e Franklin (2011). Por outro lado, o que também revela a falta de

condições em ouvir cidadãos comuns e movimentos sociais da região, há um silenciamento por parte de fontes populares, notáveis e de instituições que não concordam com o *status quo* dos agentes ouvidos.

A manutenção das fontes oficiais é vista na escolha em 71,8% dos conteúdos veiculados na semana, no qual destes todos são citados de forma direta, identificando o órgão e o responsável. Destes, em 56,9%, as vozes são utilizadas em sonoras nas reportagens e 41,1% apenas a informação oriunda de releases ou notas enviadas via email. É interessante notar que em 98% delas ou seja, 50 dessas fontes oficiais foram selecionadas como vozes únicas sem qualquer contraponto com outros setores da sociedade. Apenas no caso do aumento de luz, uma reportagem utilizada do site da CBN Curitiba, havia o cruzamento de fontes populares com cidadãos reclamando do aumento da conta de luz e a resposta da Copel (Companhia Paranaense de Energia Elétrica) sobre o caso.

O Gráfico 5 demonstra a disparidade na escolha dos agentes que falam no radiojornalismo da CBN Ponta Grossa, em que os especialistas, com 18,3%, fazem parte do cotidiano de produção jornalística explicitando interesses de órgãos como o Sindicato Rural e Associação Comercial e Empresarial. As institucionais e as populares tem o mesmo percentual, de 4,2%, enquanto 1,4% das vozes utilizadas são empresariais. Nesse sentido, a não utilização de fontes notáveis e testemunhais evidencia a escolha citada por Kawa (2018) em focar o ambiente de produção nas temáticas de política e economia, e por Ratti (2018) e Fornazari (2018) na preferência por materiais de fontes profissionalizadas.

Gráfico 5 – Fontes CBN Ponta Grossa



Fonte: O autor, 2019

A menção direta nas fontes oficiais também esteve presente em todas os outros tipos, com destaque para as especialistas e empresariais que, além de citadas, têm sua voz utilizada como sonora nas reportagens. O detalhe é que em todos os temas para os quais houve a seleção, também são vozes únicas para debater questões como agrotóxico, rotulação de

produtos transgênicos, venda de passagens por bitcoins e o andamento do setor comercial e empresarial da cidade. As institucionais, por conta da possibilidade de sofisticação na relação com a emissora por meio de releases de assessorias de imprensa, como o Movimento Campos Gerais de Igual para Igual e o Sindicato dos Servidores do Município.

Os temas recorrentes presentes nas fontes oficiais podem ser divididos pelos setores mais acionados, como é o caso do Governo do Estado e Prefeitura Municipal. A esfera do executivo municipal é selecionada em questões como a construção de novas rotatórias pela Autarquia de Trânsito, o vandalismo e os prejuízos do patrimônio administrado pelo município, a diminuição de receitas por conta da greve dos caminhoneiros, a implantação de um centro de abastecimento, a renovação de taxas de alvará para empresas autônomas e a interligação dos semáforos. Além do prefeito Marcelo Rangel, o secretário de Meio Ambiente, Paulo Barros também é selecionado para uma entrevista sobre os cortes de árvores na área central. Todos os casos partem da iniciativa de assessorias de imprensa que enviam os relatos por email para os jornalistas da CBN Ponta Grossa, como verificado durante a observação sistemática. Não há uma proatividade no sentido de apurar e cruzar com outras fontes os assuntos de forma a gerar debates ou discussões sobre a abordagem dos setores oficiais.

Outro agente preferido na escolha para o noticiário local durante a semana é o Governo do Estado, desde a situação climática com o Simepar (Sistema Meteorológico do Paraná) até as ações divulgadas por meio da Agência Estadual de Notícias. Exemplo disso está na entrevista com a governadora Cida Borghetti na coletiva de imprensa sobre a entrega de kits esportivos com o lançamento de obras das arenas em cidades dos Campos Gerais e sobre a database do funcionalismo em uma reportagem utilizada da CBN Curitiba. Já a Secretaria de Estado da Saúde faz parte das reportagens sobre a campanha de vacinação contra a gripe com o secretário como fonte e a ações de visibilidade para pessoas autistas. Além disso, as notícias da agência estatal que mantém a relação com os jornalistas com a disponibilização de áudios podem ser vistas na compra de passagens rodoviárias com bitcoins e nos serviços da Sanepar (Companhia de Saneamento do Paraná) com interrupções do fornecimento de água em bairros da cidade.

O legislativo é notícia quando são enviados os releases da Câmara Municipal de Ponta Grossa com a ordem do dia que previa a votação de créditos orçamentários abertos pelo município para a Secretaria Municipal de Saúde; a aprovação da lei do vereador Geraldo Stocco (Rede) que garante a meia entrada para portadores de doenças degenerativas; e a aprovação na Câmara Federal da isenção da taxa de pedágio para caminhoneiros que trafegam

com os eixos levantados utilizando como fonte o deputado federal Sandro Alex (PSD) irmão do prefeito da cidade, Marcelo Rangel (PPS). A Universidade Estadual de Ponta Grossa é citada em uma nota sobre a contratação de professores via processo seletivo.

Há também durante a semana, notícias que fazem parte da escolha de fontes selecionadas em reportagens de outras emissoras, como é o caso da informação divulgada pela Polícia Civil sobre a prisão de um vereador de Imbituva (cidade da região de Ponta Grossa), suspeito de vender produtos contrabandeados em um mini mercado. A passividade em relação ao release da polícia investigativa por parte do portal “A Rede”⁵², citada pelo âncora do CBN Ponta Grossa, é demonstrada pela não utilização de outras fontes, nem mesmo a própria defesa do acusado, Almir Beraldo Menon. Da mesma forma, a entrevista com o ministro Luiz Roberto Barroso, pela CBN Curitiba e a coletiva do promotor do Ministério Público Federal, Deltan Dalagnol, pela CBN Maringá, utilizadas no programa pontagrossense não possuíam qualquer contraponto, sendo apenas explicitada a visão dos personagens a partir das convocatórias. Da mesma forma, uma nota sobre a absolvição da petista Gleisi Hoffman e seu marido Paulo Bernardo foi base para posterior discussão sobre a Lava Jato utilizando dados do STF, sem ouvir as fontes envolvidas.

A utilização de vozes únicas também pode ser observada em reportagens onde a defesa sobre a amplitude dos debates é verificada por distintos órgãos da sociedade. O especialista Gustavo Ribas Neto, presidente do Núcleo dos Sindicatos Rurais de Ponta Grossa é ouvido como colunista e como fonte para temáticas como a nova lei de defensivos agrícolas, na qual defende a “desburocratização” do setor com críticas a movimentos contrários. Da mesma forma, a não necessidade de informações nos rótulos de alimentos transgênicos é parte do argumento do pecuarista no dia seguinte. O palestrante Gilson Aguiar também é um dos agentes que discutem questões como os problemas brasileiros, a cultura da região de Ponta Grossa e o espaço urbano na visão dos empresários locais. Outro consultor do mercado empresarial utilizado no programa é Luciano Salamacha em assuntos como empreendedorismo e o sistema administrativo. O médico Ricardo Mussi foi acionado para uma fala sobre enxaqueca e o ex-prefeito de Maringá, Silvio Barros, que integra a Federação da Indústria e Empresas do Paraná (FIEP) é entrevistado e colunista em assuntos como cidadania, sustentabilidade e ações inovadoras do mercado como, por exemplo, a empresa alemã que fabrica janelas que armazenam calor e auxiliam na economia de residências.

⁵² Notícia utilizada pelo âncora com a leitura dos três primeiros parágrafos. Disponível em: <http://d.aredo.info/campos-gerais/217955/vereador-de-imbituva-e-presos-por-venda-ilegal-de-produtos>

O perfil das fontes institucionais está presente em dois caminhos, o empresarial e dos trabalhadores. No primeiro, os principais atores selecionados são a FIEP e a Associação Comercial e Empresarial de Ponta Grossa na entrevista com o presidente Douglas Taques sobre questões relacionadas à economia do município, o aumento no número de vagas de trabalhos e a “luta anticorrupção”. Nessa mesma linha está presente o Movimento Campos Gerais de Igual para Igual, capitaneado pelo juiz federal Antônio César Bochenek com argumentos sobre a instalação de um centro de abastecimento em Ponta Grossa. Já a esfera de trabalhadores é representada pelo presidente do Sindicato dos Servidores do Município, Leovanir Martins na entrevista sobre a falta de diálogo com a Prefeitura quanto ao pagamento da recomposição salarial de 2018; e a coordenadora do fórum do funcionalismo no Paraná, Marlei Fernandes sobre a database que estava em discussão na Assembleia Legislativa.

Por fim, as fontes empresariais estão presentes na reportagem da Agência Estadual de Notícias sobre a compra de passagens por bitcoins com os administradores do Grupo GBS que detém concessões de transporte coletivo intermunicipal no Paraná. As populares, enquanto cidadãos comuns, são ouvidas apenas na reportagem utilizada da CBN Curitiba sobre o aumento de luz com a aprovação do reajuste pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) em junho de 2018. Nesse caso, o cidadão comum é acionado para relatar os problemas da medida no Paraná e a ausência de ações por parte da Copel para um impacto menor nos lares paranaenses. De toda a forma, não há a utilização de canais de interação que possibilitem o acesso de fontes populares no cotidiano de construção da notícia na CBN Ponta Grossa, mantendo a estrutura de setores oficiais ou então agentes que possuam formas de relação com a imprensa profissionalizada e o envio de notas que abasteçam a redação na produção cotidiana.

O gatekeeping na redação de radiojornalismo da emissora pontagrossense é realizado pelos profissionais de maneira individualizada e impactada pelas dificuldades estruturais na seleção das fontes. As características do meio prevalecem na possibilidade de autonomia na escolha das vozes e ao mesmo tempo é afetada pela falta de jornalistas e de condições de trabalho que possibilitem a diversidade de vozes. Nesse sentido, há uma pluralidade parcial, que não busca nas diferenças sociais, uma saída para encontrar múltiplos pontos de vista sobre os acontecimentos. Quem detém o poder de promover e construir notícias internamente de acordo com os seus interesses pode acessar o espaço da CBN Ponta Grossa de forma a fazer valer os discursos no cotidiano de construção noticiosa sobre a região. A análise conjunta dos dados em torno do equilíbrio de diferentes setores ainda será aprofundada no Capítulo 5.

5 QUEM FALA NO RADIOJORNALISMO?

No desenvolvimento da pesquisa sobre a seleção das fontes na cobertura local e cotidiana das emissoras *All News*, diversas necessidades apareceram durante a observação e análise do trabalho jornalístico. O levantamento bibliográfico sobre as tipologias e formas de seleção levou aos primeiros questionamentos sobre a validade teórica dos conceitos no cenário de mudanças e especificidades do meio radiofônico. Questionar quem fala no radiojornalismo também provoca um aprofundamento sobre as desigualdades de acesso e o cenário na disputa por fazer valer a voz no espectro midiático. Em tempos de perseguição e diminuição do número de profissionais nas redações, perceber o lugar e quem está falando no meio noticioso é de fundamental importância, principalmente ao analisar quais dessas vozes, majoritárias ou não, estão disputando sentidos.

O jornalismo como um palco de disputas teria, no equilíbrio, uma defesa normativa de relevar ao “outro lado” sempre uma posição de preferência na construção de um noticiário plural e diverso. A própria legislação, as recomendações da Unesco (CANELA e SIQUEIRA, 2011) e o formato de pluralidade interna aos meios (McQUAIL, 2003) ou a crítica ao modelo de pluralismo clássico (MANNING, 2001) se fazem presentes na defesa das empresas e dos profissionais quanto à seleção das vozes que interpretam os acontecimentos. Em um primeiro momento, olhando para a tipologia de fontes, as três emissoras demonstram essa possibilidade de inversão do padrão oficioso dominante nas últimas décadas. Garantir às vozes populares um acesso aos debates públicos é fundamental em discussões desde a reforma da previdência, até as mudanças econômicas do país, ou mesmo reagindo a decisões judiciais e de governantes que caíram em descrédito diante de escândalos e problemas sociais como a desigualdade.

A utilização da plataforma do WhatsApp, deslocando um jornalista somente para o atendimento desse tipo de fonte, poderia ter provocado essa reação no caso da BandNews FM. Porém, para o rádio expandido no contexto da fase da multiplicidade da oferta e do capitalismo de acumulação flexível, a realidade é outra com o perfil do jornalista sentado, dependente e passivo, com um número de profissionais não suficientes para a demanda de cobertura. As fontes populares na emissora do grupo Bandeirantes e na CBN Rio acabam preenchendo lacunas específicas em temas como segurança e trânsito. Por outro lado, em alguns casos, essas fontes mostram as potencialidades da apuração de denúncias ou o gatewatching de temas factuais. Em um mundo de polarizações exacerbadas, de brigas entre

cores e posições partidárias, a saída não parece ser o diverso ou os amplos lados de interpretações dos fatos.

Essa característica se torna ainda mais latente na CBN Ponta Grossa, exemplo que suscita uma reorganização no modelo de concessões públicas que integram redes de radiodifusão. A preferência pelas fontes oficiais não é somente uma característica, mas sim parte de uma escolha no contexto do jornalismo de periferia. A falta de condições de trabalho, a terceirização e a dependência de setores profissionalizados transforma o programa jornalístico local em um palco de vozes proeminentes em detrimento das contrariedades a setores estratégicos da sociedade como a agricultura, a economia e a política. A construção do temário público na cidade é reforçada pelas mesmas entidades, que por sua relação profissionalizada com a imprensa, se aproveitam das lacunas existentes na emissora e se tornam vozes unidimensionais no discurso noticioso.

Por outro lado, as possibilidades inovativas frente aos problemas enfrentados pelo jornalismo ainda são existentes, mesmo diante do crescimento do interesse de setores como o judiciário e o empresariado pela comunicação institucional. A predominância das fontes oficiais como as polícias no noticiário de violência não são as únicas, diante do gatewatching realizado em conjunto com ouvintes que denunciam abusos e problemas da Intervenção Federal no Rio de Janeiro. A construção da notícia ao longo do programa ao vivo também se torna uma potencialidade para que o jornalista tenha condições de buscar as fontes e proporcionar notícias com a multiplicidade de pontos de vista necessários aos acontecimentos, mesmo que esses sejam promovidos pelos agentes da elite.

Também nesse caminho, as análises demonstraram questões específicas nos estudos sobre o radiojornalismo em três aspectos: a seleção jornalística no rádio, a distribuição das fontes na estrutura textual construída ao vivo e as diferenças entre diversidade e pluralidade nesse processo. No primeiro caso, os apontamentos sugerem uma especificidade nos estudos sobre gatekeeping e gatewatching no radiojornalismo diante de constrangimentos organizacionais e a estrutura de trabalho que compreende as emissoras. É inviável utilizar um arcabouço teórico que não considere os processos e formas de trabalho que conduzem os profissionais do radiojornalismo diante de valores distintos presentes na comunidade interpretativa. Como alertam Shoemaker e Vos (2011), é preciso reconhecer as questões inerentes ao meio que conduzem a especificidades no processo de seleção e que mantêm o gatekeeping como algo multidimensional inserido nas estratégias como resultados de valores subjetivos e práticos do cotidiano de trabalho.

No segundo, a distribuição das fontes ao longo da programação leva a uma discussão sobre a linguagem do radiojornalismo na construção das notícias e o potencial debate sobre a diversificação. A construção do noticiário de trânsito e segurança da BandNews FM com o jornalista do WhatsApp e a apuração conjunta na emissora; o caso da mulher assassinada pelo ex-marido na Barra da Tijuca e o contexto do cruzamento de fontes confiáveis na CBN Rio de Janeiro; e a forma de estruturação das notícias oriundas de fontes profissionalizadas ao longo da produção do programa local na CBN Ponta Grossa são respostas empíricas a um formato espiralado com zonas altas e baixas de seleção de vozes ao longo da apresentação que demanda de estudos relacionados a essa especificidade.

No último, a partir da coleta da programação, aprofundamos o debate sobre como a escolha das fontes no radiojornalismo das três emissoras reflete a diversidade aberta e irrestrita a diferentes vozes sociais, ou a pluralidade como um conceito que pensa a representação proporcional da sociedade. A crítica ao pluralismo tradicional e a permanência de setores de representação torna-se necessária na importância de pensar a democracia não para abrigar aqueles que possuem mais poder de relação com a imprensa, mas na possibilidade de enxergar no jornalismo um espaço de acesso e discussão diversa com inclusão de pontos de vista que possam estruturar o debate público sobre características fundantes do jornalismo, como o conflito.

5.1 Gatekeeping e Gatewatching radiofônico na seleção das fontes

O estudo sobre a seleção das fontes na cobertura local e cotidiana da BandNews e CBN no Rio de Janeiro e CBN Ponta Grossa aponta para a necessidade de reconhecer conceitualmente a especificidade dos processos de gatekeeping e gatewatching no cenário do radiojornalismo. O contexto profissional e as demandas da produção sonora que se expandem para além do dial não podem ficar restritos ao tradicionalismo acadêmico sem considerar questões inerentes ao meio e as mudanças pelas quais vêm passando nas áreas profissional, tecnológica, social e política. Os próprios autores, como Shoemaker e Vos (2011) e Bruns (2005), ao se referirem aos modelos conceituais que apresentam, destacam a importância de olhar para as características de cada objeto noticioso analisado.

O fenômeno como um todo, exposto na observação sistemática e nas entrevistas, proporcionam um olhar para o modelo de trabalho realizado entre as funções desempenhadas na redação para diferentes ações que provocam mudanças no cotidiano de trabalho dos profissionais presentes no radiojornalismo. Também nesse aspecto, reconhecer a

especificidade do trabalho é destacar o papel social e político que cada jornalista possui no momento da seleção dos agentes que irão compor as notícias produzidas e fornecer aspectos importantes na construção social da realidade. É na redação que a escolha pode direcionar discursos, revelar interesses e ampliar a noção do espaço de disputas sociais que compreende o universo midiático.

O conflito ideológico está presente nas mais distintas organizações e interesses da sociedade. Reconhecer o jornalismo como espaço de conflito entre diferentes agentes, como fez Chaparro (1994), é um aspecto fundamental para encontrar nas notícias um dos âmbitos de disputa sobre os discursos. É nesse ponto que a seleção é também estratégia de escolha e de garantia do poder de fala sobre os temas que percorrem a opinião ou as opiniões do público. Claro, que como já apontaram Berger e Luckmann (2004), a mídia é uma entre tantas outras formas de construção da realidade e não a única, mas também forma parte do agenciamento que leva a noções como a importância de reformas ou a escolha de políticas públicas.

A desigualdade no processo de seleção entre as fontes profissionalizadas e não profissionalizadas continua permanente na redação, principalmente diante do trabalho com um número de jornalistas que não dá conta do contingente que possui tanto no Rio de Janeiro como em Ponta Grossa em suas diferentes dinâmicas de trabalho. Na busca pelos ouvintes, os constrangimentos organizacionais se sobressaem nas estratégias com que os repórteres assimilam a construção das notícias ainda dependente dos materiais oriundos do WhatsApp, no caso da BandNews. Também nesse ponto, as informações que continuam na cobertura não refletem as mesmas condições de fontes oficiais ou de setores legitimados na sociedade pela via institucional. As populares são relegadas em sua maioria a temáticas como trânsito e segurança, não podendo constituir o debate político que os âncoras propõem, ao lado das oficiais e especializadas.

Já a dependência nos casos da CBN, no Rio de Janeiro e em Ponta Grossa, volta-se à confiança depositada nos órgãos oficiais, institucionais e especialistas. O espaço de produção no primeiro caso é parte de uma apuração já consolidada na emissora que deposita em um circuito de vozes, a possibilidade de debater os problemas da segurança, da política, da economia e do cotidiano de uma das principais cidades do país. As dinâmicas de seleção no processo de gatekeeping variam entre a tradicional escolha formada por uma equipe que integra chefe de reportagem, âncora e editor até a autonomia dos repórteres, que na rua, tendem a selecionar as fontes que mais interessam para as notícias. Nesse ponto, os constrangimentos organizacionais de tempo, da linha editorial da emissora e da necessidade de fechamento contínuo na cobertura de acontecimentos de rotina promovido pelas fontes, são

fatores que limitam a entrada de novas vozes, do cidadão comum ou de pessoas que não façam parte das fontes de elite, como oficiais, institucionais, empresariais.

No interior do Paraná essa realidade se aprofunda quando a dependência se junta à passividade em um contexto periférico e cercado por fontes profissionalizadas. Aqui o processo de gerenciamento e escolha parte da iniciativa dos órgãos externos à redação, no qual o noticiário se torna um braço de interesse de quem consegue sofisticar a relação com a emissora. Não há nesse processo uma autonomia na escolha das vozes que irão compor reportagens ou boletins, mas sim a cultura de copiar e colar de forma passiva os materiais que tem acesso direto na programação. Há que se ressaltar que a fragilidade do corpo de profissionais é parte de um contexto que envolve os problemas presentes em pontas de rede e outras situações adversas, como o acúmulo de empregos, terceirização e precarização das condições de trabalho.

Os *news shapers*, como destaca Soley (1992), estão presentes na estrutura informativa como agentes fundamentais no comentário e interpretação de determinadas temáticas oriundas das fontes oficiais nos três programas locais analisados. São esses, os habilitados a falar de forma analítica sobre os acontecimentos, construindo pontos de vista que não necessariamente divergem entre si. No entanto, assim como fizeram Zelizer (2004) e Traquina (2005a), a lógica entre os definidores primários e secundários deve ser repensada da proposta original de Hall et al (1999). As fontes populares, utilizando da espetacularização e da intensidade de dados com que agregam em suas denúncias, subvertem o modelo quando estabelecem questionamentos às formas de atuação da Polícia Militar ou da administração da cidade, mesmo no trânsito ou em outros serviços públicos. Não existe uma estrutura fechada e no caso do jornalismo radiofônico, amplas possibilidades podem ser apontadas no gatewatching exercido em conjunto com os ouvintes com a abertura dos espaços para discussão com diferentes fontes.

O gatekeeper do radiojornalismo continua estabelecendo uma hierarquia da credibilidade (TRAQUINA, 2005b) baseada na linha editorial do veículo, que por sua vez, segue o padrão econômico e político da sociedade. Como destacou Briggs (2017), a necessidade de buscar o outro lado nas notícias continua, mesmo com a linha política que a emissora defende, como aprendeu na cobertura do cotidiano na BandNews. O trabalho, por outro lado, não tem um fluxo linear na escolha de editores ou superiores e, com a velocidade exigida na programação, o que vai para o ar depende dessa assimilação por osmose, como diria Breed (1999), e que se aplica nas três emissoras.

A ausência de um organograma que domine todas as funções na produção ao vivo do cotidiano do radiojornalismo provoca uma discussão epistemológica sobre a conceituação em torno de seleção das fontes. Em primeiro lugar, a especificidade do meio precisa ser reconhecida na qual a presença na rua e a ascensão do jornalista sentado nas redações não necessariamente retira aspectos como a produção que, mesmo conjunta, exerce a escolha das vozes que irão compor uma notícia. Em um segundo momento, o rádio expandido e hipermidiático, cercado pelas relações de tempo de produção, diminuição do número de profissionais, agilidade e imediatismo, requer também do profissional um trabalho multifunção e em sintonia com a construção ágil de notícias que vão ao ar com apuração e correção.

E em terceiro, se o que vai para o ar é o publicado do rádio, o trabalho da seleção é diferenciado dos outros meios. Como mostrou Lopez (2009), no caso da CBN em São Paulo, o âncora selecionava materiais e levava ao ar no momento em que o programa era apresentado. Algo também presente no Rio de Janeiro e em Ponta Grossa, bem como na BandNews. Não há nesse momento um editor chefe, chefe de reportagem, chefe de redação, diretor, gerente ou proprietário que consiga em tempo ágil interferir no processo e garantir uma hierarquia de seleção no gatekeeping como acontece em outros meios. O que permanece na discussão a ser aprofundada nessa situação são as forças em frente e atrás dos portões da seleção (SHOEMAKER e VOS, 2011). No caso do WhatsApp da emissora do grupo Bandeirantes é a intensidade de materiais enviados que corroboram com a possibilidade de se tornar uma notícia. Já na equipe de apuração e dos repórteres que buscam as fontes oficiais, os valores tradicionais de seleção se mantêm no trabalho que influencia na decisão de escolher as vozes.

Essas forças na CBN Rio são direcionadas ao ambiente de confiança em vozes oficiais, institucionais, especialistas, empresariais ou notáveis. Cidadãos comuns enquanto fontes populares conseguem o acesso por meio de uma interação que surge do próprio pedido dos jornalistas. Os gatekeepers na redação fazem a seleção utilizando critérios como impacto, número de mídias, vídeos e áudios, e na sequência realizam a apuração no viés de fontes oficiais (vide o caso do roubo de carga na Avenida Brasil). Já em Ponta Grossa, as forças são diretamente ligadas ao poder de relação com a mídia de forma profissionalizada, confiança e alinhamento ideológico-empresarial com a emissora, como fazem especialistas do agronegócio e de setores ligados ao comércio e empresariado.

Outros dois aspectos são ressaltados aqui: a revolução das fontes e o jornalista sentado. A relativização, demonstrada na observação sistemática e nas entrevistas com os

profissionais, leva a repensar a lógica conceitual nos dois casos. No primeiro, as assessorias de imprensa agem proativamente inclusive dispendo das mesmas estratégias das fontes populares via WhatsApp, mas também blindam, deixam de atender e dificultam o trabalho no cotidiano local. Mantém-se a autonomia do profissional em escolher esta ou aquela fonte em determinados acontecimentos nas emissoras do Rio de Janeiro. O que é questionável, é a desigualdade no momento de direcionar os repórteres que vão para a rua aprofundar as notícias que tem como base sugestões desse tipo de fonte. Quando os releases carregam algum tipo de interesse público, como no caso do aplicativo para taxistas no Rio de Janeiro e o pagamento de salários, as informações se tornam reportagens na emissora de forma direta ou são transmitidas ao vivo pelo âncora que está no ar.

O contexto explicado pelo gerente de jornalismo da CBN Rio, Thiago Barbosa, também se aplica na emissora ao direcionar os repórteres para a rua na cobertura de eventos rotineiros promovidos pelas fontes. As operações policiais coordenadas em comunidades do Estado, coletivas de imprensa, passeatas de pré-candidatos ao Governo do Estado e Federal são exemplos em que as fontes profissionalizadas ditam o ritmo de cobertura dentro da redação. Já a cobertura cotidiana dos fatos que chegam à emissora ou então que necessitam de apuração possuem uma dinâmica que passa pelo contato exercido junto a grupos de WhatsApp de setores oficiais ou então o contato telefônico com os assessores e não diretamente com as fontes.

No mesmo sentido, a CBN Ponta Grossa, que tem nas assessorias um braço de construção do radiojornal local, chega a admitir na fala de Ratti (2018) que o próprio conceito do que é notícia passa pelo recebimento ou não de releases e convocatórias. É sintomático que a revolução das fontes, nesse contexto, exerça um papel de seleção prévia do que é interessante ou não levar ao ar. Não podemos, no entanto, descartar o contexto vivenciado pela emissora, no qual as instituições e órgãos são favorecidos pelo escancaramento dos portões de seleção e entram com facilidade na rotina de trabalho dos jornalistas. Os resultados que evidenciam isso estão nas observações, nas entrevistas e nos dados da análise de conteúdo, no qual em 77,3% das fontes tidas como oficiais são releases ou áudios enviados por assessores.

No caso do jornalista sentado, a nova configuração profissional do processo de gatewatching e as possibilidades do jornalismo de dados são discutíveis no momento de definir quais os momentos que essa configuração pode auxiliar na construção de diversidade de vozes e temas. O problema desse perfil de trabalho estaria na ausência dos jornalistas do palco dos acontecimentos e a dependência de fontes profissionalizadas na produção. Isso

acontece com repórteres que não saem para as ruas e resumem o trabalho ao que chega dos ouvintes e o cruzamento com as oficiais. No caso da Repórter do WhatsApp da BandNews, a velocidade do seu trabalho e a responsabilidade única a uma recém formada na profissão, são os constrangimentos que devem ser questionados, mas que no conjunto da emissora auxilia a buscar diferentes interpretações no atendimento aos ouvintes e a curadoria dos materiais que chegam à emissora.

Por outro lado, é possível que os ouvintes também formem parte do cotidiano de produção das notícias e invertam o processo de agenciamento do que é, ou não, tema de abordagem dos jornalistas. Mesmo que em segurança e trânsito, as denúncias de abusos policiais em operações e na própria Intervenção Federal no Rio de Janeiro, ou então a mostra do caos urbano e a ausência de políticas de transporte, também levam a uma discussão sobre a importância dessas vozes no cenário radiofônico. Há, contudo, uma supressão da seleção de fontes populares por parte da CBN nas duas emissoras sem uma preferência ou método de escolha que conduza o cidadão comum como parte impactada e potencial referência de escuta na cobertura local.

A proximidade e a localidade como características fundamentais do radiofônico se mostram deficitárias quando a apuração voltada a fontes oficiais na CBN Rio e a concentração de vozes oficiais em Ponta Grossa resultam da ausência do palco dos acontecimentos. É nesse contexto que a reportagem sobre o preço dos combustíveis no Rio de Janeiro ouvindo motoristas, taxistas e cidadãos nos postos de gasolina representa a única tentativa de abordagem do repórter em um local fora da redação. Caso esse que inexistente na emissora dos Campos Gerais do Paraná, mesmo diante de um contexto de uma cidade com características totalmente diferentes da capital carioca em termos de cobertura de espaço e tempo.

Ao contrário do jornalismo impresso (WHITE, 1999) e do web (BARSOTTI e AGUIAR, 2012), a natureza substantiva do rádio e as características essenciais da cobertura influenciaram no ritmo que está presente em outros momentos do cotidiano do trabalho nas emissoras. As disputas pela construção de sentido são divididas em duas estratégias para o acesso ao temário jornalístico: a espetacularização e a disrupção no caso das fontes populares, e a profissionalização da relação com os jornalistas no caso de oficiais, empresariais, institucionais e até mesmo especializadas. Por isso, reforça-se a necessidade de repensar os conceitos de gatekeeping e gatewatching dentro das especificidades apresentadas nas rotinas profissionais de construção da notícia no radiojornalismo.

Situações como a ausência dos jornalistas no palco dos acontecimentos, com a manutenção de profissionais na redação e o consequente alargamento dos portões de controle das informações são partes do contexto multitarefa e convergente do rádio expandido. Assim, o “Mr. Rádio Gate”, inserido em diferentes posições na redação e no estúdio do radiojornalismo, é pressionado pelos constrangimentos organizacionais, subjetivos e pessoais, mas que tem como norte os mesmos critérios de noticiabilidade (vide Figura 10). O que muda neste processo de gatekeeping são as diferentes posições e formas que uma fonte é acessada ou então um release e uma notícia produzida por uma agência pode chegar a ir ao ar. Outra situação é a disponibilidade da empresa em enviar correspondentes e atender geograficamente a essas informações em diferentes locais da cidade (SHOEMAKER e VOS, 2011). Também assim, uma emissora cabeça de rede, em uma cidade como Rio de Janeiro, possui diferentes instâncias de dependência de fontes externas que uma emissora que está no interior do país.

Figura 10 – Fluxo de seleção noticiosa



Fonte: O autor, 2019

A proposta segue para um gatekeeping específico no rádio, envolvido por processos de apuração com fontes internas, externas e outras situações características da natureza imediata do jornalismo de caráter substantivo. No ao vivo, a construção informativa ao longo do dia faz repensar a lógica dos meios impressos com a possibilidade de entrada de informações por diversos portões comandados por profissionais como chefes de reportagens, repórteres, editores e até os apresentadores dos programas. Como afirmam Shoemaker e Vos (2011), os gatekeepers estão em variados canais, sejam as assessorias e agências, sejam nas funções exercidas no próprio meio. No rádio esse processo se aprofunda, diferentemente das rotinas produtivas da TV e dos meios impressos e até mesmo com o advento da internet diante da fase da multiplicidade da oferta.

O rádio expandido não necessariamente garante a autonomia do profissional, desejável ao jornalista na escolha do que levar ao ar no momento do ao vivo. Por outro lado, torna-se necessário reconhecer que a possibilidade de um repórter escolher uma fonte no palco dos acontecimentos, ou na própria redação, não segue um organograma de trabalho com interferência direta de outros setores em uma linha de produção. Os problemas encontrados na relação profissionalizada das fontes pode proporcionar uma homogeneização das redações informativas e a possibilidade de submissão, dependência e passividade a outros atores envolvidos neste processo. A constatação sobre o jornalista sentado e de outras situações aumenta a probabilidade do alargamento dos portões e segue agora para um desafio permanente: selecionar fontes e informações pela ótica dos valores e critérios de noticiabilidade, e manter a instituição jornalismo independente na construção informativa do dia a dia.

Nesse mesmo sentido, o fluxo da informação não segue uma linha automática que reflete a hierarquia da redação. O jornalismo de natureza substantiva, algo presente no rádio desde as primeiras transmissões, evoca um posicionamento do gatekeeper diferenciado de outras mídias ou como o conceito se apresenta. Os estudos nesse sentido contribuem para clarificar um dos principais termos utilizados nas teorias do jornalismo, além de servir como base para outras questões, como a profissionalização das fontes, as implicações disso na seleção das vozes sociais e o encaixe dos agentes em temáticas específicas, nem sempre contemplando a diversidade e a pluralidade das discussões.

No caso da cobertura local, a seleção das vozes sociais que participam do noticiário é um ato preponderante na apresentação de um jornalismo no cotidiano das programações radiofônicas. Reconhecer as especificidades do meio quanto à base teórica do gatekeeping e do gatwatching proporciona um olhar diferenciado sobre a presença de fontes profissionalizadas e não profissionalizadas nas temáticas sociais. Algo que Miguel e Biroli (2010) argumentam no caso da política, onde o mundo dos homens de gravata dita as regras de quem fala ou não, outras questões ainda são relegadas a setores da sociedade que nem sempre representam a diversidade social e cultural do país.

A própria compreensão de quem fala no radiojornalismo foca no ambiente tecnológico uma saída para a produção da diversidade. Fica claro no decorrer da investigação que as fontes populares que lançam mão da espetacularização ao interagirem com os jornalistas não necessariamente carregam os mesmos valores das fontes oficiais. O cruzamento dos dados com as instituições se mantém, assim como o encaixe dessas informações em temáticas específicas. Essas fontes servem, assim, para preencher lacunas na cobertura de trânsito,

segurança e em alguns casos conseguem ascender no fluxo de apuração da emissora e oferecer “denúncias” que mobilizem os jornalistas a uma cobertura específica.

O modelo de *gatewatching* no rádio está presente no fluxo de seleção noticiosa da mesma forma que o *gatekeeping*, em que a informação não segue um padrão linear até ser transmitida. Ela é curada por meio do conjunto de colaborações que chegam ao repórter pelo WhatsApp, email ou telefone, que levanta outras contribuições até chegar ao ponto de levar ao ar. É praticamente o “cozimento” da notícia enquanto o fato acontece para que a intensidade de dados seja levantada antes de se tornar uma reportagem ou uma notícia que vai ser transmitida no andamento do rádiojornal. Mais uma vez, não reporta ao estabelecido pelo *The Guardian* no exemplo de Bruns (2011), mas segue um formato que a emissora adotou no sentido de buscar sistematizar as colaborações dos ouvintes e torná-los fontes rotineiras na cobertura local.

5.2 O texto em espiral no rádiojornalismo

A segunda proposta é a especificidade no texto radiofônico ao vivo em um formato de espiral com Zonas Altas e Baixas. Ela surge após a análise dos três rádiojornais ao longo da semana de observação sistemática. É possível perceber que ao contrário do *clock* (MEDITSCH, 2001), a distribuição das fontes no texto radiofônico se dá ao longo da programação e não necessariamente durante um momento ou notícia específica. Por sua vez, não segue as propostas da pirâmide invertida (TRAQUINA, 2005b), nem das mudanças atuais nas quais argumentam Canavilhas (2007) sobre a pirâmide deitada ou Bradshaw (2006) sobre o *diamond News* na estrutura informativa do *All News*. Já as características que Fidalgo (2007) aponta na resolução semântica e que Genro Filho (1987) propõe na pirâmide em pé se mantêm como possibilidades no tratamento das fontes selecionadas nas informações.

Para isso, fazemos aqui uma pequena revisão sobre o modelo de texto jornalístico e fechamos o argumento sobre a proposta da espiral em Zonas Altas, com as principais fontes da notícia, e Zonas Baixas com as vozes que analisam, comentam ou seguem os acontecimentos “primários”. É necessário reconhecer em primeiro lugar que o desenvolvimento da imprensa tem uma relação direta com os aparatos tecnológicos e o sistema capitalista instituído nas sociedades. A criação do modelo informativo chamado de *Penny Press* no Século XIX lançou nova compreensão sobre a notícia como produto de venda que deveria relatar fatos e não opiniões (TRAQUINA, 2005b). A emergência deste novo

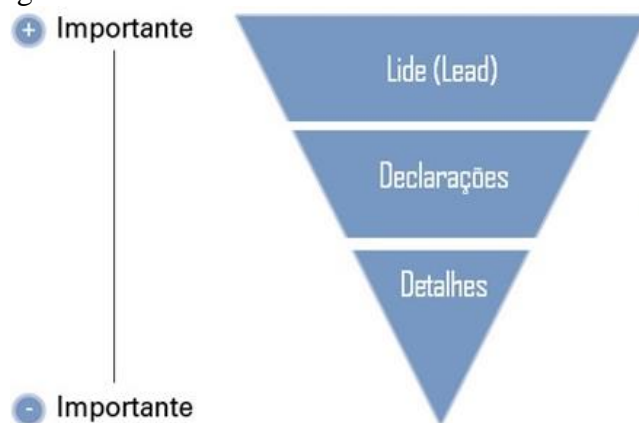
discurso aliado ao aumento da tiragem e o preço que caía de seis centavos para apenas um centavo de dólar, proporcionou a comercialização dos produtos noticiosos em larga escala.

É também a partir disso, na divisão entre fatos e opiniões, entre informação e propaganda, que o jornalista é visto na sociedade com o monopólio do saber sobre o que deve ser notícia ou não (SCHUDSON, 2010). A cobertura da Guerra Civil norte-americana (1861-1865) foi marcada pelo surgimento de uma variedade de técnicas na construção das notícias. Entre elas, o recurso a fonte múltiplas e a presença dos repórteres que tornaram os acontecimentos da guerra acessíveis aos leitores com a realização de entrevistas que foram utilizadas pela primeira vez pelo jornal *New York Herald*. Segundo Traquina (2005b) a técnica da pirâmide invertida aparece a partir de 1900 nas notícias sobre o “Discurso à Nação”, após a utilização de formatos como o registro estenográfico (1790-1850) e a cronologia sobre o acontecimento (1850-1900).

Fontcuberta (1993) assinala que durante a Guerra Civil, os repórteres que cobriam o acontecimento necessitavam emitir crônicas diárias via telégrafo de forma rápida e precisa. Com o envio apenas do primeiro parágrafo dos textos, as principais informações tinham prioridade, e somente em uma segunda possibilidade o restante era despachado. Esse período de transição do formato de construção noticiosa aliada ao uso da tecnologia do telégrafo, segundo Canavilhas (2007, p. 29), “obrigou os jornalistas a alterarem a técnica de redação mais utilizada até então”.

O modelo que utilizava o lead tornou-se então uma prática recorrente no jornalismo e conferiu autoridade aos profissionais da informação. Para Tuchman (1983), o procedimento que se identifica com a objetividade faz com que os jornalistas possuam uma forma de estruturar a informação, da mais importante relativa ao acontecimento com o lead (o quê, quem, quando, como, onde, porquê) às menos importantes. A pirâmide invertida perdura nos mais diversos manuais de redação, bem como no ensino do jornalismo sobre a produção textual. Nos anos 1960, com a crítica à objetividade, vieram também novos estilos de escrita com transformações diferentes do modelo rígido e fechado, principalmente pela via do *New Journalism* (WOLFE, 2005).

Figura 11 – Pirâmide invertida



Fonte: Traquina (2005b)

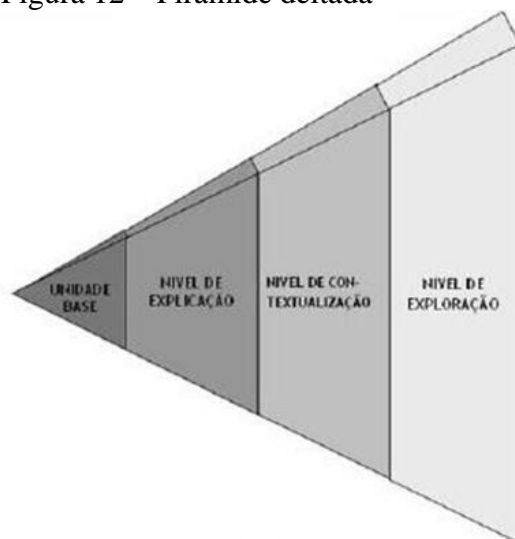
Fonte: TRAQUINA, 2005b

Para Adelmo Genro Filho (1987) é preciso fugir da tese simplista de que a técnica teria nascido “de uma circunstância tecnológica e se generalizado por comodismo para impedir a consciência crítica”. Segundo o autor essa é uma hipótese racional da operação, de uma padronização do trabalho da redação que foge da possibilidade de encontrar as lógicas da exposição jornalística e a compreensão epistemológica do todo. O argumento central é de que a pirâmide deveria estar em pé, pois a notícia não necessariamente parte do mais importante para o menos, mas sim “do singular para o universal”.

A singularidade dos acontecimentos na particularidade que compreende o jornalismo como construção do conhecimento gera o alargamento na base da pirâmide. O texto jornalístico parte de um evento em si e desdobra a sua construção da forma proporcional ao público ou às amplas possibilidades de escuta da sociedade. De acordo com esse raciocínio, o lead permanece como a “reprodução sintética da experiência individual” (GENRO FILHO, 1987, s/p), mas não necessariamente estruturado em um ponto específico do texto, o que impede generalizações que não reproduzem os acontecimentos.

No caso da estruturação dos conteúdos no webjornalismo, autores como Salaverría (2005) e Canavilhas (2007) propõem a manutenção do modelo da pirâmide invertida nas notícias de última hora e a uma nova técnica nos gêneros que utilizem características como a hipertextualidade. A base para o argumento é retirada de Robert Darnton (1999) que salientava a importância de reconhecer especificidades do ambiente online para publicações acadêmicas com uma proposta de estrutura piramidal com seis camadas: resumo do assunto; a versão alargada com elementos dominantes; informação com mais documentação; enquadramento com referências a outros dados; nível pedagógico; e as reações dos leitores e suas discussões com o autor.

Figura 12 – Pirâmide deitada



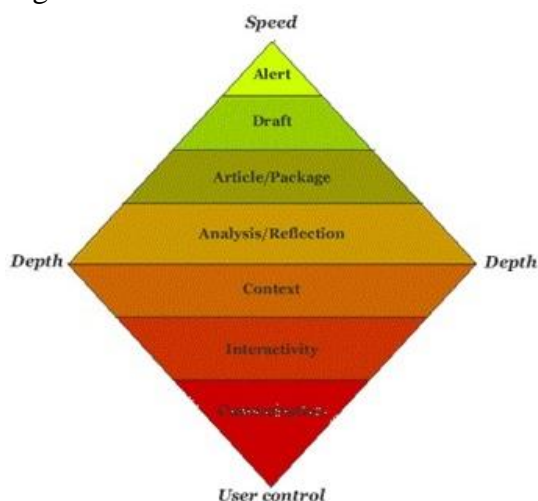
Fonte: CANAVILHAS, 2007

A partir desses conceitos e uma pesquisa com 39 alunos da Universidade de Beira do Interior, Canavilhas (2007) identifica padrões de leitura distintos nas notícias da web e sugere a adoção de uma técnica que se organize a partir da importância dos fatos sucedida pela quantidade de informação disponível em novos hiperlinks. Ao fim, propõe uma pirâmide deitada (Figura 12) com quatro níveis de leitura: I) Unidade base: formada pelo lead ou notícias de última hora que podem desenrolar-se em novas informações; II) Nível de explicação: resposta do porquê e do como com informações essenciais sobre o acontecimento; III) Nível de contextualização: oferecimento de mais informações além de conteúdo multimídia; IV) Nível de exploração: ligação da notícia a outros arquivos por meio da hipertextualidade.

Outro autor que também destaca as mudanças na produção jornalística no ambiente da web é Paul Bradshaw (2012), com o formato *Diamond News* (Figura 13). Para ele, a construção da notícia na redação convergente segue um formato de diamante em que o aprofundamento das reportagens com a velocidade do fluxo informativo passa pelas seguintes fases: a) Alerta: o conhecimento sobre uma história com o envio de um alerta via dispositivos, como celular, emails, sites de redes sociais ou eventos organizados pelas fontes; b) Rascunho: a primeira construção da notícia, quase como um relatório preliminar com nomes, locais e fontes, com a possibilidade de atualização na medida em que novos dados aparecem; c) Artigo: a notícia construída com a sua natureza documental, em que o rascunho se transforma em um artigo com valores de produção mais elevados e que pode estar on-line; d) Contexto: o hipertexto se torna central com a capacidade de vincular a uma variedade de documentos, organizações e explicações; e) Análise/Reflexão: compreende a discussão ou debate sobre o

movimento dos acontecimentos; f) Interatividade: ato de envolver e informar o usuário com uma combinação de hipertexto, vídeo, áudio, animação e bancos de dados, construção de fórum, comentários, entre outras ferramentas; e g) Personalização: possibilidade dos próprios usuários de personalizarem informações de acordo com suas necessidades no estágio final de publicação.

Figura 13 – News Diamond



Fonte: BRADSHAW, 2006

É preciso nesse sentido discutir as possibilidades de produção em que nem todos os meios possuem o mesmo contexto de trabalho e nem sempre há mecanismos que garantam a interatividade, como apontado pelo autor. Por fim, um conceito que auxilia a pensar as especificidades do modelo do radiojornalismo é o da resolução semântica. O argumento de Fidalgo (2007) é de que a estrutura muda de forma no caso das notícias com bases de dados e procura responder as mesmas perguntas da produção no modelo tradicional. É o processo que se altera em diferentes campos de classificação.

A proposta do autor é de que assim como uma imagem aumenta a qualidade com a resolução, a pluralidade e diversidade de notícias sobre um acontecimento pode ampliar as informações sobre um fato, aumentando a resolução semântica deste (FIDALGO, 2007). A confirmação dos dados e a complementação são bases da intensidade objetiva sobre os fatos abordados pelo jornalismo diante da abundância de informações no cotidiano. O nível de contextualização representa um campo de classificação externa que procura tanto variáveis tradicionais de tempo e espaço, como também possibilidades com o cruzamento de dados e a hipertextualidade.

Dentre essas características, é necessário olhar para a busca por uma definição mais apropriada às especificidades da construção da notícia no radiojornalismo ao vivo. No caso do

rádio informativo, as definições apontadas por Meditsch (2001) seguem um padrão que pode ser envolvido tanto pelos argumentos de Genro Filho (1987) como de Fidalgo (2007) em um modelo espiralado, ao contrário das propostas da pirâmide invertida (TRAQUINA, 2005b), deitada (CANAVILHAS, 2007) e o *Diamond News* (BRADSHAW, 2012). Essa consideração sobre a especificidade no radiojornalismo é vista como parte dos resultados da análise sobre a estrutura das notícias na construção ao vivo no cotidiano.

Outro destaque é quanto ao discurso polifônico com a alternância de sujeitos falantes no microfone, o que gera a necessidade de formatos diferenciados para a compreensão do ouvinte no momento de perceber diferenças entre fato e opinião, ou o que representa o papel do jornalista e da fonte na notícia transmitida. Nesse caso, o amadurecimento deste novo gênero representa mudanças tanto na forma, como na estrutura do conteúdo no rádio informativo ao superar o gênero gráfico (MEDITSCH, 2001).

Uma das principais características no fluxo das informações em uma emissora *All News* é a repetição ao longo da programação. Pela condição irrecuperável da informação, clareza e precisão são bases para qualquer produção de conteúdo, além de que “o texto do rádio não pode ser nunca auto-referente, e deve ter uma estrutura lógica mais próxima de uma espiral do que de uma linha reta” (MEDITSCH, 2001, p. 184). A alternância dos sujeitos e a possibilidade polifônica do discurso radiofônico unem-se a uma lógica de sequencialização estruturada de forma circular, do *clock*, que substitui a linearidade. Ainda que a crítica do autor prevaleça sobre a homogeneização da estrutura da informação pelo fluxo estabelecido pelas emissoras, a polifonia do discurso jornalístico é uma de suas principais potencialidades, no que condiz às fontes selecionadas e aos temas abordados.

O fluxo estruturado em uma forma circular, para além da linearidade é a base de uma dinâmica de rotação que envolve o tempo e o desenvolvimento da abordagem dos temas pela repetição: “O rádio *All News* não transmite apenas *news*, mas também uma dose considerável de informações já sabidas, cujo valor de uso para o ouvinte caduca pela repetição” (MEDITSCH, 2001, p. 202). É preciso considerar, contudo, que nesse sentido os diferentes acontecimentos possuem desdobramentos que podem ter novas oportunidades de abordagens por diferentes fontes. Torna-se possível, a partir da diversificação das vozes, ampliar os conhecimentos não somente na lógica da repetição, mas também do aprofundamento em determinadas temáticas.

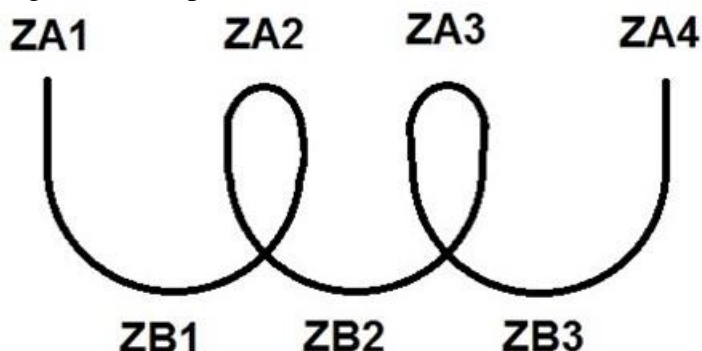
A espiralidade que a sequência de informações proporciona no *All News*, destacado por Meditsch (2001) difere das propostas de uma pirâmide invertida (TRAQUINA, 2005b), deitada (CANAVILHAS, 2007), ou no modelo do diamante (BRADSHAW, 2012). A

proposta que se apresenta é de uma espiral informativa que se apresenta ao vivo, com Zonas Altas e Baixas que revelam a intensidade da cobertura, o surgimento de novos fatos e a possibilidade de ouvir diferentes fontes inclusive em momentos distintos. Assim, ao invés de um texto estático e acabado, o potencial de diversidade se mantém na seleção das vozes que constroem a interpretação dos acontecimentos.

A potencialidade da estrutura da informação radiofônica no conjunto de textos que são construídos em um programa ao vivo varia entre as condições profissionais para tal e a produção noticiosa por parte dos repórteres. No cotidiano do ao vivo, reportagens, notas, boletins e outros formatos são produzidos ao longo da transmissão, na busca pelo relato dos acontecimentos e em cobrir os fatos de acordo com o tempo e o espaço que dispõem. Dessa forma, há um modelo a ser explicitado e carente de análise, que desenvolva a análise crítica sobre os problemas vivenciados nesse ritmo de trabalho, mas também possa ressaltar as brechas em que os valores notícias e critérios de noticiabilidade da comunidade interpretativa possam auxiliar na seleção das fontes.

A Figura 14 sintetiza a análise da cobertura cotidiana das três emissoras com a proposta de uma espiral noticiosa no tratamento das informações no rádio. A abordagem envolve os estudos acadêmicos sobre diversidade e construção da notícia com o reconhecimento dos mecanismos que destacam as especificidades na forma de trabalho nas redações radiofônicas. Consideramos que ela agrega as concepções do modelo do *clock*, como apontado por Meditsch (2001), mas se estabelece em espiral com a continuidade de debates com a contextualização, seleção das fontes, referencialidade e a utilização de diferentes formatos, como reportagens, boletins, entradas ao vivo, comentários, colunas, entre outros. Vale ressaltar que cada notícia atua de forma espiralada, sendo organizada e transmitida em distintos momentos da cobertura de acordo com a intensidade de novas informações sobre o acontecimento.

Figura 14 – Espiral radiofônica



Fonte: O autor, 2019

Os dados verificados na programação das emissoras, e também nas entrevistas e observações, colocam em diferentes zonas a seleção das fontes durante as três semanas na BandNews e CBN Rio, e CBN Ponta Grossa. Na emissora do Grupo Bandeirantes, as Zonas Altas (ZAs) 1, 2 e 3 são preenchidas com as fontes oficiais e institucionais conseguem atuar como definidores primários dos acontecimentos em diferentes temas, da educação à saúde, da política à economia que estão em reportagens, notas, entradas ao vivo, entrevistas e outros formatos. Em alguns casos, as fontes populares também ocupam esse espaço dispondo de denúncias que forçam outros agentes a responderem sobre atos que são investigados pelos jornalistas. É nessa área que está a chegada da pauta, dos alertas e as principais informações que movem comentários dos âncoras ou até mesmo a apuração dos profissionais na redação.

Já as ZB 1, 2 e 3 correspondem sequencialmente a posições de fontes especialistas, testemunhais e por fim, notáveis e empresariais. A lógica aqui é a presença para comentar as ações que estão no topo e sempre entram após a ação ditada por fontes oficiais, como o Governo, STF, Polícia, entre outros poderes. A promoção dos acontecimentos por esse tipo de fonte, em um acesso direto à mídia, provoca repercussões e a necessidade de comentários especializados, ou então o apoio no caso de agentes que defendiam reformas, da área da economia e os empresariais. Esse espaço representa uma linha que se dispersa entre diferentes temas. No esporte os comentários são realizados em torno das ações que os agentes institucionalizados em equipes de futebol e confederações estão fazendo.

Por fim, a Zona Alta 4, que não volta a ser discutida, é composta pelas fontes populares que podem até ter o acesso disruptivo na organização de manifestações e atos, mas nem sempre influenciam na ótica da continuidade da cobertura. A abordagem não se dá pelas reivindicações, mas sim dos problemas causados na busca de visibilidade com a ação pública. Somente os sindicatos, na sua institucionalização conseguem a expressão dos motivos, como demonstrou a análise. A ocupação do espaço pelas fontes populares possui uma intensidade

alta na promoção dos acontecimentos, mas ainda não em condição de igualdade com as fontes presentes nas primeiras posições da hierarquia de credibilidade utilizada nessa seleção.

As Zonas Altas 1, 2 e 3 na CBN Rio seguem o padrão de construção da notícia de forma oficial e institucionalizada, agregando esses setores, além das empresariais e as notáveis na cobertura sobre temáticas culturais na capital carioca. A posição preferencial de vozes como a Polícia Militar, Governo do Estado, Exército, Governo Federal, Ministério Público Estadual e Federal e Tribunal de Justiça não necessariamente carregam uma continuidade pelo comentário de agentes que são colocados nas Zonas Baixas 1, 2 e 3. Nessa posição podem ser encaixados os colunistas e fontes especializadas, além de populares, ou seja, que atuam no comentário e análise sobre as ações de setores escolhidos como prioritários para falar sobre os acontecimentos.

A oficialização do discurso noticioso impacta na estrutura noticiosa, quando é possível encontrar no formato espiralado, a continuidade de temas somente pelo ponto de vista das instituições mais “credíveis”, segundo os jornalistas. Esses apontamentos que são reforçados nas entrevistas semi-estruturadas se deslocam para a produção e seleção das fontes no cotidiano. O exemplo está na construção da notícia sobre o caso do assassinato da corretora de imóveis Karina Garofalo. É possível encaixar na Zona Alta 1, a informação de alerta sobre o assassinato de uma mulher na Barra da Tijuca, com fontes oficiais como a Polícia Civil e Polícia Militar ainda no dia 15 de agosto. A Zona Baixa 1 é seguida com a análise de especialistas sobre os problemas decorrentes da violência e a suspeita de execução. No dia seguinte, a Zona Alta 2 novamente possui informações policiais sobre o depoimento do filho da mulher alegando que o pai seria o responsável pela execução e o primo teria sido contratado para fazer o serviço.

Na continuidade da informação, a Zona Baixa 2 possui comentários tanto da âncora, como do setor de apuração com casos de feminicídio no Brasil com especialistas que seguem ouvidos na emissora sobre o assunto. A Zona Alta 3, por fim, tem o desfecho da situação no dia 16 de agosto com a elucidação do crime e o planejamento do ex-marido. E por fim, a Zona Baixa 3, a entrada do assunto em uma entrevista com especialistas em segurança pública na sexta-feira, 17 de agosto. O caso trágico de feminicídio é um dos exemplos que reforçam a ideia de uma estrutura de notícia espiralada e construída ao longo da programação do CBN Rio, sem um compromisso estático, e carregado de características radiofônicas como a repetição, redundância, imediatismo e a alternância de vozes. Por outro lado, não houve a seleção de vozes de ativistas ou atores que não necessariamente estivessem enquadrados em especialistas já utilizados pela programação em seu cotidiano. Isso perpassa outras notícias e é

apenas um exemplo de como o dia a dia de produção reflete na composição das notícias no radiojornalismo.

Em Ponta Grossa, mesmo que em situação dependente e ligada a fontes oficializadas, a característica permanece na seleção e distribuição das fontes ao longo do programa diário. As Zonas Altas 1, 2, 3, assim como as emissoras anteriores, segue comandada por uma escolha preferencial por setores oficiais, empresariais, institucionais. No entanto, algo que se difere é o protagonismo que especialistas possuem na indicação de pautas e na dinâmica de promoção de novas formas de cobertura. Exemplo disso é o debate sobre agrotóxicos que inicia com a fonte especializada indicada pelo Sindicato Rural do município e segue como debate exigindo os pontos de vista e posicionamentos dos deputados federais que compõem a bancada do Paraná no Congresso Nacional.

Há nesse caso, uma flexibilização de quem tem o poder de fala e também a possibilidade de interferir nas dinâmicas de produção e cobertura na CBN Ponta Grossa. Por outro lado, o restante das fontes especializadas continua nas Zonas Baixas 1, 2 e 3, comentando e analisando assuntos que são oriundos de outras áreas. É preciso considerar a ausência de fontes populares, enquadradas nesse ponto da estrutura noticiosa e que somente foram selecionadas no caso da reportagem sobre o aumento da luz feita pela CBN Curitiba e cedido para a emissora dos Campos Gerais. Outro detalhe é que Sindicatos, como dos Servidores Municipais e Estaduais também não se enquadram como fontes prioritárias ou primárias presentes Zonas Altas enquanto vozes institucionais, mas sim, em entrevistas que são seguidas pelos assuntos enviados por fontes oficiais por meio de releases ou notas. É possível constatar que quando não alinhados política ou ideologicamente, a seleção das fontes é impactada com o silenciamento ou então são relegadas a papéis secundários na distribuição das notícias na programação.

Por fim, é possível encontrar no manual da Rádio JB, o documento "Sugestões para o radiojornalismo", de 1981, produzido por Eduardo Meditsch e Cesar Motta, afirmações de que o rádio deve abandonar a ideia de uma paginação: "o desenvolvimento do noticiário deve seguir a lógica de uma conversa humana, um assunto puxa o outro, de alguma forma relacionado a ele" (MEDITSCH e MOTTA, 1981, s/p). As questões são contínuas e se mantêm na fase da multiplicidade da oferta (BRITTOS, 2002) que vive o rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016a) e hipermidiático (LOPEZ, 2010). Ainda preponderante, o ao vivo está no dial tradicional, como na web rádio, nos portais e aplicativos, além da TV por assinatura e outros dispositivos.

A construção informativa ao vivo no cotidiano, como um conjunto temático, possui concordâncias com os conceitos apresentados por Genro Filho (1987) e Fidalgo (2007). As informações produzidas partem do singular para o universal e aumentam a sua resolução semântica a partir da chegada de novos dados, entrevistas, notas, comentários. Nesse sentido, o papel das fontes se torna fundamental, pois além da abordagem de diferentes temas, a diversificação das vozes é o que possibilita a polifonia entre os agentes no rádio na construção da notícia (MEDITSCH, 2001) e o máximo possível de interpretações dos acontecimentos (ALSINA, 2009).

É preciso considerar ainda a potencialidade que essa mesma sequencialidade em espiral pode proporcionar no aprofundamento das informações ao vivo no jornalismo radiofônico. A característica tende a subverter a ideia de apenas repetir notícias em Zonas Altas e Baixas quando garante diferentes posicionamentos sociais. Ao encarar o jornalismo como uma “técnica de construção da narrativa” pela sua complexidade na produção da realidade, Abreu (2000, p. 144) argumenta que as fontes estão no primeiro nível de influência sobre o discurso jornalístico. A recorrência aos agentes oficiais, para o autor é uma das tradições no noticiário brasileiro pela importância que o Estado possui desde a colonização.

O estudo confirma a hipótese de que os modelos utilizados nas análises sobre a web e o impresso não dão conta da construção da notícia no radiojornalismo. O rádio ao vivo segue um movimento espiral, mas que necessita do aprofundamento e da contextualização por meio da pluralização e diversificação das fontes. É nesse âmbito que a potencialidade se revela num movimento entre Zonas Altas de intensidade de informação e Zonas Baixas na busca por diferentes vozes para compor a narrativa como um todo. A temática abordada ao longo da programação, construída por características como a sequencialidade e repetição continua com a inserção do *lead* em cada início, mas alarga o número de interpretações sobre os acontecimentos.

No caso da estrutura da notícia radiofônica, a análise revela as potencialidades intrínsecas ao rádio, mas também a opção por uma determinada via já tradicional na construção da notícia com as fontes oficiais. A ausência de diversidade em um momento onde o fluxo informativo na busca de novos dados ganha uma dimensão de velocidade, a apuração demanda de contextualização (FIDALGO, 2007; BRADSHAW, 2012) e da construção do conhecimento na universalidade de representação da notícia (GENRO FILHO, 1987).

O texto que aborda diferentes mídias na web, inclusive os audiofônicos, assim como o impresso e o televisivo possuem demandas específicas como já apontados pelos diversos autores, da pirâmide deitada ao *diamond news*. Esse reconhecimento também provoca

desafios nos estudos de rádio e as Teorias do Jornalismo em uma demarcação do campo para o ensino e a prática. A construção da notícia ao longo da programação no fluxo ao vivo, independentemente da temática possui características intrínsecas, assim como a seleção e distribuição das fontes. Na proposta de um texto em espiral, envolvendo a abordagem temática em uma narrativa complexa e não acabada, em construção, possibilita críticas e um olhar aprofundado sobre as potencialidades no trabalho cotidiano.

Ainda que aponte novas possibilidades no estudo e no trabalho, o texto em espiral lança desafios sobre a cobertura local e cotidiana. Nos momentos de desastres, polêmicas ou processos de impeachment com temáticas específicas, como aqui apresentado, a espiral gira em torno de um eixo que segue um padrão, que não necessariamente busca na diversidade o aumento da intensidade nas discussões sobre os acontecimentos. Assim, a espiral não se resume a um ou outro fato, ela pode estar em todo o processo de cobertura, com o eixo de cada temática que se estende pela forma de distribuição das notícias e das vozes no radiojornalismo.

A pluralidade e diversidade de vozes, inerentes ao processo de contextualização, apuração dos dados e a produção de novas abordagens na espiral noticiosa pode acontecer ao longo da programação. A notícia não segue um padrão linear de construção como nos outros meios e está inserida em diversos ambientes. Essa possibilidade acontece ao ouvir os agentes na sociedade reconhecendo a heterogeneidade existente no seio social, das oficiais às populares, das profissionalizadas às não profissionalizadas, das especialistas às testemunhais. A construção da notícia para um jornalismo de qualidade é um horizonte que não passa pela normatividade filosófica da profissão com a objetividade ou pluralização total, mas uma característica específica do radiojornalismo.

Ainda permanecem nesse processo, os constrangimentos profissionais e organizacionais, o jornalista sentado e ausente do palco dos acontecimentos, a diminuição do número de profissionais e a imposição da multitarefa, a dependência e a passividade. Porém, delineia uma reflexão a ser debatida no ensino e na pesquisa relacionada ao radiojornalismo, assim como fornece uma base epistemológica específica em torno das teorias do jornalismo e como ela se adequa ao meio diante das especificidades e características que possui o rádio expandido e hipermediático na atualidade.

5.3 Diversidade x pluralidade

Os estudos sobre diversidade e pluralidade de fontes no radiojornalismo, ainda que em suas primeiras experimentações, provocam questionamentos diários na possibilidade de multiplicação das experiências e entradas de novas vozes no noticiário. O jornalismo se torna

uma grande assembleia, um espaço de disputa de sentidos entre diferentes atores sociais que, assim como na sociedade como um todo, exercem formas de poder de ditar os acontecimentos. A presença majoritária de fontes oficiais, empresariais, notáveis e ainda poucos que sejam oriundos das classes populares já foi evidenciada por inúmeras pesquisas (GANS, 1980; TRAQUINA, 2005b; HALL et al, 1999; SCHMITZ, 2011; LAGE, 2001).

As diferenças conceituais entre diversidade aberta, que congrega diferentes vozes da sociedade, e a reflexiva com a proporcionalidade social, estão presentes no conjunto da cobertura das emissoras analisadas. Como destaca Moraes (2012), a noção sobre diversidade reflexiva caminha no mesmo sentido que o conceito de pluralidade, oriundo dos primeiros pensadores do liberalismo sobre a concepção democrática. Ou seja, a sociedade deveria ser representada pela proporção dos diferentes interesses presentes em instituições e organizações, algo que se faz presente até a atualidade no código eleitoral dos Estados Unidos.

Nesse sentido, é possível dizer que há pluralidade ao selecionar o conjunto de agentes sociais e garantir a presença de fontes populares de forma majoritária na semana analisada pela emissora do grupo Bandeirantes. O questionamento se aprofunda quanto à diversidade como uma forma de ampliar as possibilidades de garantir diferentes interpretações sobre os acontecimentos. Nesse caso, o encaixe temático sobre trânsito e segurança revela uma postura que desconfia do potencial de articulação e compreensão sobre o mundo político por parte desses agentes. Isso se traduz no caso de denúncias enviadas durante a semana que não foram selecionadas sobre cidades da baixada fluminense, bem como a crise econômico-financeira que vive o Estado do Rio de Janeiro.

As fontes secundárias que não aparecem na programação e somente auxiliam na produção das reportagens, obviamente carecem de uma análise no local do acontecimento pela falta de visibilidade que está presente na análise da programação. Há uma influência direta de agentes oficiais, que mesmo não possuindo voz ou sendo citadas, agem sobre a possibilidade de escolha de outras vozes no cotidiano local. A construção sobre a noção de cidade, política, temporalidade e a percepção sobre o espaço público vivido por esses agentes também passa pela seleção das fontes, de quem fala e quem não pode falar sobre os acontecimentos.

A manutenção do processo de seleção das fontes em canais de rotina também pode ser verificada na CBN Rio, que expõe o modelo pluralista de encaixe de vozes que são consideradas pelos profissionais como “mais confiáveis”, para a construção das notícias. Dessa forma, a semelhança entre as falas, que apontam Berkowitz e Beach (1993), reflete nos

pontos de vista não antagônicos sobre temáticas como segurança, política e economia. Outra relação de ausência de diversidade é provocada pela escolha preferencial pelos *News Shapers* que conduzem o rumo dos debates no cotidiano de cobertura da emissora. A identificação de habilitados a falar pelo currículo ou por especialidades extrapola a condição de garantir ressonância aos apelos do público que muitas vezes é mais afetado pelas decisões do poder do público do que agentes governamentais ou institucionais.

No que condiz à diversificação das experiências, ela praticamente inexistente quando se considera que a escolha de fontes primárias e já estabelecidas no poder político e econômico é um dos fatores que influencia na entrada destes agentes no noticiário radiofônico da emissora. É possível apontar, nesse sentido, que as “vantagens estruturadas” citadas por Manning (2001) estão inseridas na concepção de pluralismo, mas não de diversidade. Ou seja, a presença do cidadão comum e setores não alinhados a grupos hegemônicos ainda não possui o poder de sensibilização necessária para acessar o jornalismo e, conseqüentemente, os debates presentes na sociedade. Há nesse sentido a necessidade de rever questões normativas presentes no meio, inclusive sobre o que defendemos como ouvir os diferentes lados de um acontecimento.

A ideia de um pluralismo de elite, pelas proporções da sociedade que evidencia vozes representativas é ainda mais crescente na CBN Ponta Grossa. Não se pode deixar de considerar que a ausência de diversidade nesse caso decorre dos problemas estruturais e falta de condições de trabalho, mas também torna-se necessário apontar como as elites agem nesse processo para constituir uma visão de mundo unidimensional sobre a realidade. No interior paranaense, a força política e econômica do agronegócio, da indústria e do comércio nas relações sofisticadas com a imprensa favorecem o poderio sobre redações que não possuem condições básicas de trabalho e apuração das notícias. A dependência de setores externos à redação, a falta de tempo, a utilização passiva de materiais de assessoria de imprensa, a cultura do copiar e colar é apenas um acessório que conduz a visões únicas sobre questões de interesse público, como a utilização de agrotóxicos, impostos, políticas públicas, o desenvolvimento regional, as investigações judiciais e o salário de servidores.

O desequilíbrio como causador principal de um jornalismo sem diversidade é verificado nos três protocolos de coleta e análise dos dados na emissora pontagrossense. Na observação sistemática, a seleção das fontes desempenhada na redação parte de uma curadoria dos textos de assessorias de imprensa e o contato com agentes ligados aos interesses do grupo que administra a concessão, bem como fatos que ganham repercussão na cidade. Os jornalistas reconhecem a situação nas entrevistas, identificam esses problemas e praticamente

lançam um alerta sobre o próprio conceito de notícia em uma época de revolução das fontes ou ditadura das fontes organizadas: “o que não vem não é notícia” (RATTI, 2018). Por fim, a análise de conteúdo somente reforça aquilo que de forma qualitativa já mostrava seus traços, com 71,8% das vozes selecionadas durante a semana oriundas de fontes oficiais, com a maioria delas de canais de assessoria de imprensa, como releases, coletivas e áudios enviados por email.

A presença do outro, a alteridade e a busca do diverso pelas experiências dos pobres nas grandes e pequenas cidades ainda não são ouvidas com toda ressonância necessária que expressem as riquezas culturais que possuem (SANTOS, 2006). No caso de Ponta Grossa chega a ser totalmente silenciado. Por outro lado, as possibilidades de garantia dessa presença estão expressas na própria instituição do jornalismo como espaço da democracia, como do meio rádio em si por suas características intrínsecas de proximidade e relacionamento. A curva do erro está na administração de concessões e acordos econômicos que impedem a democratização tão discutida pela sociedade (LIMA, 2013; MOREIRA, 1998; CHAGAS; 2012).

Como fizeram Manning (2001), ou Canela e Siqueira (2011), é preciso então alertar para um ponto problemático em considerar que o pluralismo defendido pelo mercado como fundamental para a garantia de diferentes ideias não é suficiente para a diversidade de visões necessárias sobre os acontecimentos. Nas três emissoras, a utilização de canais de rotina, a imposição de materiais oriundos de assessorias de imprensa e a dependência de fontes profissionalizadas no cruzamento e apuração de informações, suscita um debate para além do conceito como sinônimo de multiplicação de experiências e argumentos. É preciso considerar que os “grupos e instituições que gozam de vantagens estruturadas e controlam os fluxos de informação” perpassam os veículos como um todo, impondo ou sugerindo temáticas a partir do poderio que já exercem na sociedade em áreas estratégicas como a economia e a política.

Dessa forma, somente considerar o que está colocado na Constituição Federal de 1988 sem a regulamentação do Artigo V não proporciona uma visão multidimensional sobre a importância de garantir a liberdade de expressão e o acesso à comunicação como um direito fundamental. No mesmo sentido, por mais que o jornalismo tenha entre seus aspectos fundantes a escuta de diferentes setores para a construção da notícia, esse valor não necessariamente marca a possibilidade de diversificação. Os valores compartilhados pelos profissionais são afetados por condições de trabalho e pela própria atenção dada aos setores oficiais que, por sua hegemonia no campo político e econômico, em muitos casos conduzem os debates sobre temáticas importantes na sociedade.

Os caminhos proporcionados pela análise levam a uma reflexão, a partir das teorias do jornalismo, sobre a ausência de um processo de seleção que privilegia a correlação de vozes sobre determinadas temáticas. Com a limitada diversidade de atores acionados como fontes, é possível repensar as lógicas de produção noticiosa no âmbito radiofônico, lançando nova luz sobre os mecanismos por detrás do estabelecimento de uma agenda pública de debates sociais e de mobilização da audiência. Entre esses fatores, estão a interdependência como uma característica da relação das fontes como apontada por Pinto (2000). Porém, é possível ir além desse cenário e apontar diretamente a estruturação de mecanismos de controle e dependência dos jornalistas em relação a setores profissionalizados, porta vozes e assessorias de imprensa. A passividade também entra como algo inserido no cotidiano na utilização dos materiais, notas e áudios sem um questionamento sobre a veracidade desses materiais. Vale lembrar, que os jornalistas apontam o cidadão comum como menos confiável enquanto oficiais, especialistas, institucionais e empresariais conseguem mais acesso às redações.

A possibilidade de um debate diverso envolve o reconhecimento de que as fontes populares podem debater política, economia ou o ajuste fiscal como parte das múltiplas visões de mundo presentes na sociedade. É preciso reconhecer também, a necessidade de abordagens metodológicas que olhem para a classificação das fontes no seu conjunto e sua seleção pelos jornalistas, bem como do reconhecimento das especificidades do rádio e a necessidade do detalhamento das vozes que compõem o discurso noticioso do rádio expandido. Esse, por sua vez, é permeado por uma série de desafios característicos da fase da multiplicidade da oferta e do capitalismo de acumulação flexível.

A entrada de novos atores no mercado da comunicação e os problemas decorrentes da falta de recursos da publicidade estão entre os principais argumentos dos setores e chefias da comunicação para explicar os problemas nas redações. No trabalho cotidiano das três emissoras é possível elencar alguns pontos que implicam na ausência da diversidade de vozes e na possibilidade de seleção ampla de novos agentes que possam contribuir para os debates públicos. É preciso, no entanto, reforçar que as fontes são partes fundamentais da notícia como personagens que detém o poder de liberar ou controlar informações, auxiliar na interpretação dos acontecimentos e dar sentido a determinados argumentos sobre a importância ou não das políticas públicas.

Assim, dividimos os problemas apontados pelas três emissoras analisadas: I) BandNews: a rapidez do trabalho de apuração e a manutenção de profissionais na redação em detrimento da cobertura no local dos acontecimentos proporcionam uma visão ritualizada dos fatos e das próprias vozes selecionadas para dar sentidos a esses. O avanço das estratégias de

relação com as fontes populares por meio do WhatsApp com a disposição de uma repórter que atua em um processo de *gawatching* e curadoria dos materiais oriundos de cidadãos comuns ainda é permeado pelo encaixe desses ouvintes em temáticas de segurança e trânsito. Não há a utilização em outras temáticas que continuam dependentes dos setores tradicionais no campo da política e da economia. O mesmo acontece quando os repórteres vão para a rua com o objetivo de cobrir canais de rotina já estabelecidos como coletivas de imprensa, operações policiais e matérias previamente pautadas pela ordem no tempo e no espaço das fontes profissionalizadas.

Também na II) CBN Rio, a estrutura de trabalho característica de uma emissora presente em um dos principais centros econômico-políticos do país é prejudicada pela falta de condições de cobrir a cidade ou pontos dela. Nesse caso, a ausência dos cidadãos comuns é parte de um ambiente que favorece a entrada de vozes oficializadas pelos canais de rotina já estabelecidos e pelos valores compartilhados pelos profissionais da emissora. A estruturação desse modelo de trabalho, realizada ao longo de vários anos, e já demonstrada em outras pesquisas (LOPEZ, 2009), também é permeada pelo baixo número de jornalistas que podem atuar na cobertura cotidiana da emissora. O resultado é a concentração da tarefa de apurar uma série de acontecimentos da cidade em um repórter que se torna dependente das assessorias de imprensa e da resposta dos órgãos oficiais.

A desconfiança em relação ao cidadão comum é outra característica que leva à passividade frente aos discursos oficializados. O equilíbrio buscado nos *News Shapers* (SOLEY, 1992), por outro lado, revela a hierarquia da credibilidade da emissora e a crença em agentes habilitados a falar em detrimento dos múltiplos pontos de vista na sociedade. Há que se destacar ainda que a velocidade de informações e o pouco tempo de fechamento, em uma cobertura cotidiana marcada pelo alto número de pautas, dificulta a permanência dos repórteres nos mesmos fatos com a acumulação de trabalho e a impossibilidade de buscar estratégias para encontrar vozes diferentes.

Em Ponta Grossa, as características que dificultam a diversidade de vozes na III) CBN PG, se intensificam na estrutura de trabalho terceirizada, com apenas um jornalista na redação e um contexto em que a dependência de setores externos é algo estruturado no formato de trabalho. Os relatos dos jornalistas sobre a falta de tempo e a acumulação de tarefas, bem como o contrato de terceirização impede a saída e busca de pautas, fontes e debates aprofundados. O resultado é a passividade frente aos materiais das assessorias de imprensa e o reforço das elites da cidade no noticiário local. Quem constrói as notícias na emissora e atua como *gatekeeper* na verdade são os assessores de imprensa, que controlam o fluxo de

informações e abastecem a redação diariamente. Os três contratados para o trabalho reconhecem a situação e expõem os constrangimentos vivenciados na cobertura cotidiana chegando a citar que a estrutura é o principal componente dificultador no momento de buscar a diversidade nas notícias (FORNAZARI, 2018).

Evidencia-se, então, o desequilíbrio nas disputas de sentido. Como afirmam Molotch e Lester (1999), os agentes que promovem os acontecimentos, entre eles as fontes, podem possuir acessos habituais, eventuais ou disruptivos, o que reafirma as relações de poder que exercem determinados segmentos. Também não há como considerar o pluralismo como uma saída para o mercado de ideias e um debate aprofundado mesmo com diferentes meios de comunicação (MANNING, 2001). A permanência das opiniões das fontes oficiais sobre o ajuste fiscal, reformas trabalhista e previdenciária e a ausência de vozes populares ou institucionais, ou até mesmo especializadas, que ofereçam óticas diferentes, acabam tolhendo a possibilidade de se colocarem diferentes visões sociais sobre os acontecimentos. A concordância generalizada sobre os agrotóxicos (na CBN Ponta Grossa) ou então sobre as temáticas de segurança na BandNews e CBN Rio geram problemas sociais e interferem no entendimento sobre a importância ou não da intervenção do Estado na sociedade.

Quanto à investigação sobre a seleção das fontes no radiojornalismo, é possível explorar uma matriz de classificação específica que pode ser utilizada e problematizada no caso do radiojornalismo. A seleção e o trabalho nas redações radiofônicas mostram uma estrutura de trabalho, na qual a velocidade do fluxo informativo não delimita claramente situações que agrupam fontes internas ou externas, por exemplo. A profissionalização das fontes tem como objetivo sensibilizar e enviar informações aos jornalistas em um ritmo cada vez mais intenso. Algo que já não demarca fronteiras entre materiais apurados somente por jornalistas e aqueles oriundos das fontes. Desta forma, preencher esta lacuna temática no ambiente radiofônico é fundamental para o debate sobre as teorias do jornalismo e as relações com as práticas diárias nas rotinas de produção informativa.

A análise demonstra a possibilidade de não apenas encaixar as vozes sociais em tipos ou grupos, mas em temáticas sobre determinados assuntos reconhecendo as diferenças sociais em que se faz presente e as formas de acesso. Um desses exemplos é a ausência de fontes populares em questões como economia ou política. O recurso do WhatsApp na interação com os ouvintes acaba quase que exclusivamente voltado a trânsito ou segurança, tanto na BandNews como na CBN Rio, não explorando as potencialidades que outras áreas poderiam ser aprofundadas com a mediação do jornalista. As fontes acionam discursos sobre seus

interesses e a seleção jornalística expõe uma escolha de quem pode opinar ou defender argumentos em determinadas áreas.

A visão do conjunto profissional de entrevistados e analisados na observação sistemática também aponta para resultados alinhados à crítica sobre as considerações conceituais em torno da pluralidade e diversidade. Becker (2008) pontua essa relação com o imediatismo e a instantaneidade como questões que geram problemas para a produção de qualidade no âmbito jornalístico. Para a autora, isso decorre da falta de equilíbrio entre as vozes, na confiança declarada em agentes públicos e órgãos oficiais e na ausência do palco dos acontecimentos. O jornalismo sentado, de Neveu (2006), afasta os profissionais das três emissoras das vozes e da interpretação dos acontecimentos a partir da multiplicidade de pontos de vista.

Os dados analisados na BandNews podem ser apontados também nesse sentido, no qual a presença maior de fontes populares em relação a oficiais não necessariamente conduz a produção cotidiana e local a uma polifonia de vozes, no sentido de Stam (2010) ou então a uma ressonância dos pobres e das periferias, que destacou Santos (2006). Ao deslocar as frequências empíricas dos tipos de fontes selecionados em conjunto com as temáticas abordadas por esses agentes, os resultados se aprofundam e evidenciam um campo em que o encaixe realizado pelos jornalistas exalta a hierarquia da credibilidade e a dependência resultante das lacunas de cobertura na redação.

Nesse ponto, a observação além de levar o pesquisador ao centro dos problemas vivenciados pela redação, também proporciona um olhar para o fluxo de seleção das vozes e as causas da disparidade, bem como o encontro com um novo tipo de fonte, aquelas que não aparecem, mas indicam caminhos, pautas e outras vozes para o trabalho do jornalista. Exemplo disso está no relato de Campbell (2017) sobre a “fidelidade que se cria por conta da interação” com fontes populares e oficiais por meio do WhatsApp, ou então de Briggs (2017), em que muitas vezes o relato oficial não vai para o ar, mas sim o do ouvinte no sentido de estabelecer uma relação de confirmação do acontecimento que não teve uma “resposta clara do mundo político”.

A dinâmica de vozes que não necessariamente são ouvidas, mas interferem no processo de construção da notícia e, conseqüentemente, de seleção, inclusão e exclusão de fontes no noticiário é parte da cobertura da CBN no Rio e em Ponta Grossa quanto aos *News Shapers*, ou fontes especializadas. Vale destacar que a consideração sobre fontes profissionalizadas envolve não somente as oficiais, mas o conjunto de órgãos e indivíduos que detém relações sofisticadas com os jornalistas como empresariais, institucionais, notáveis e,

inclusive, especialistas. No Rio de Janeiro, a emissora do Sistema Globo de Rádio é um exemplo de que o pluralismo é parte das condições de seleção exercendo uma escolha de vozes que privilegia a mais da metade de suas fontes (51,6%), agentes do Estado. Já os colunistas e especializados ficam na margem dos 10,2% adentrando também outras formas de debate com a sugestão de temáticas, personagens e vozes que podem garantir novas notícias na programação.

Esse desequilíbrio que pode ser considerado plural, mas não diverso, decorre do fluxo de produção noticiosa evidenciado no resumo dos profissionais entrevistados em “ouvir o outro lado” e na confiabilidade aos canais de rotina tradicionais de cobertura jornalística. A assessoria de imprensa, por diferentes formas de contato, se torna um braço importante na cobertura quando a confiabilidade é tida como critério base de seleção das fontes para interpretar os acontecimentos. Esse aspecto percorre áreas como a política, a economia, a violência e somente sai da rotina tida como “normal” como no caso citado por Ricardo Porto (2018) na queda da passarela da Linha Amarela, quando a dependência se volta à fonte popular ou testemunhal.

É importante destacar que o relato de Chaparro (1994) sobre as mentiras do então presidente da CBF, tido como fonte oficial são convertidas na CBN Rio em relação aos relatos das vozes populares, destacado por Carrera (2018). Há segundo o chefe de reportagem uma normalização do uso de vozes oficiais e a desconfiança permanente a qualquer postagem ou mensagem de cidadãos comuns. Esses dados corroboram com o apresentado por Zvi Reich (2011) e as categorias propostas pelo autor para tornar uma pessoa sem o aparente “conhecimento de causa”, alguém habilitado a ter acesso ao jornalismo. Nessa ótica, poderíamos dizer que a presença de fontes populares não é circunstancial ou logístico, mas sim avaliativo na qual os agentes são considerados com pouco poder informativo e distantes do mundo cognitivo dos jornalistas.

A falta de confiança na CBN Ponta Grossa se enquadra na questão logística, na qual, segundo Reich (2011; 2015), não há um incentivo estrutural para a seleção de cidadãos comuns que não possuem acesso ao meio de comunicação e ficam à margem do processo de construção das notícias. Os dados por si só já demonstram essa realidade em que oficiais, detentores de assessorias de imprensa e mecanismos de controle das dinâmicas noticiosas figuram em 71% das vozes selecionadas pelos profissionais. As especialistas, por outro lado, compõem o noticiário local em 18,3% atuando como *News Shapers*, mas também como *News Makers* quando propõe questões a serem abordadas no noticiário como a situação do

agronegócio e o posicionamento favorável à desregulamentação do uso de agrotóxicos no país.

Nesse caso, a ausência de diversidade vai além do âmbito quantitativo das fontes e os temas em que estão presentes e transborda para questões como a falta de estrutura e condições de trabalho, além do cotidiano dependente e passivo em relação a fontes oficiais como decorrente da terceirização do trabalho jornalístico. Fornazari (2018) ao apontar para os problemas estruturais como causas principais do desequilíbrio entre vozes no programa, traz à luz o poder de decisão e de seleção das assessorias de imprensa como gatekeepers prévios da tematização social a partir dos interesses defendidos pelas organizações. É nesse contexto que importa discutir não somente os aspectos normativos do jornalismo que advogam a diversidade como um requisito para a qualidade na produção jornalística, mas também os aspectos que levam à hegemonia de determinados interesses em detrimento de outros. O entrecruzamento entre os discursos, a entrada de diferentes grupos no acesso aos meios de comunicação, evoca a necessidade de repensar estruturas para garantir a ressonância necessária a grupos excluídos do debate democrático sobre os acontecimentos (STAM, 2010).

O radiojornalismo, como uma instituição da democracia, é nesse sentido refém de um sistema de comunicação que se submete à desigualdade existente entre os setores que detém o poder econômico e político na sociedade. O desrespeito aos acordos e indicações da Unesco em 2008, e outros órgãos promotores da democratização das comunicações, no sentido de garantir igualdade de condições para a pluralidade e diversidade da mídia e tornar esta uma plataforma para o discurso múltiplo e diverso, também decorre de interesses escusos, escondidos nas notícias falsas e na falta de transparência.

A ausência de marcos regulatórios que possam clarificar o modelo de diversidade e pluralidade no Brasil, como aponta McQueil (2003) sobre os modelos de promoção de escuta de diferentes vozes somente reforça a manutenção do *status quo* das elites. Os apontamentos de Brown et al (1987) sobre os crescentes subsídios para as redações converte-se hoje em uma estratégia política de controle comunicacional sobre quem fala e quem tem o poder de não deixar falar no jornalismo. A representação de não elites, dos desorganizados ou dos homens lentos, como preferia Milton Santos (2006), não acontece pelas condições de trabalho impostas pelo sistema aos jornalistas e pela passividade frente a declarações tidas como preferidas na hierarquia da credibilidade formada pelos detentores do poder nos órgãos oficiais, institucionais e empresariais.

Por fim, não basta que os repórteres ouçam mais de um entrevistado e envolvam interações por diferentes plataformas para responderem à necessidade de pluralidade e

diversidade no jornalismo. A construção da notícia demanda a escuta de fontes que possam opinar em várias vias e assim fornecer informações que agreguem os interesses particulares para a busca do interesse público. Isso é reconhecer que as fontes populares também podem interpretar os acontecimentos políticos em toda a sua ressonância. Também é permitir que novas possibilidades de pensar a economia, a segurança ou até mesmo o ajuste fiscal possam surgir partir de pessoas que não representem somente o Estado, instituições, empresas ou especialistas e agreguem setores da sociedade civil organizada e do cidadão comum, capaz de relacionar seu dia a dia com a estrutura social em debate no jornalismo.

A abordagem foge a aspectos normativos e se insere na perspectiva de pensar a origem, a ação e a construção da notícia no atual contexto, permeado pelo jornalismo sentado e multitarefa em tempos de rádio expandido. A atuação profissional no radiojornalismo e os dados apresentados na análise mostram questões fundamentais nos estudos da área, como as controvérsias no espaço público, a diversidade e pluralidade na comunicação. Assim, a ausência de diferentes interpretações sobre o mundo (ALSINA, 2009) em uma temática específica não gera um fim em si, no caso aqui analisado. Os dados mantêm questões contínuas e ao mesmo tempo um aprofundamento sobre a normatividade presente na área e a importância de agregar diferentes agentes sociais nos debates noticiosos que o radiojornalismo proporciona na construção das notícias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa tese teve como o objetivo analisar os processos de seleção das fontes profissionalizadas e não profissionalizadas na construção das notícias no radiojornalismo local e cotidiano. O foco na desigualdade de acesso dos agentes na visibilidade garantida pelo espaço produzido pelos jornalistas demonstrou as complexidades profissionais que remetem à origem dos acontecimentos e como esses são selecionados nos ambientes de produção no radiojornalismo. As emissoras da CBN no Rio de Janeiro e em Ponta Grossa e a Band News Rio possuem diferenças e semelhanças, no âmbito do contexto de trabalho em que estão envolvidas e na forma de seleção das vozes que irão compor sonoras e materiais que constroem a realidade, mesmo que parcialmente, sobre assuntos de interesse coletivo.

Nesse sentido, é importante ponderar como a multiplicidade de pontos de vista na sociedade é um aspecto fundamental para a construção de interpretações sobre os acontecimentos (ALSINA, 2009). É no âmbito da diversidade e não somente na garantia de um pluralismo regulado, como destaca Manning (2001), que o aprofundamento dos debates públicos se torna um norte no cotidiano dos jornalistas. Por outro lado, as demandas são diretamente alinhadas a condições de trabalho precárias que interferem no ambiente de escolha, de rumos a serem tomados pelos profissionais no momento de estabelecer uma relação entre setores que possuem estruturas sofisticadas de comunicação e aqueles que estão nas ruas, escolas, universidades, bairros, comunidades.

A falta de equilíbrio entre os homens lentos e homens rápidos, que argumentou Milton Santos (2006) na formação das cidades, também está presente no jornalismo. Como um espaço de conflito, essa é uma das questões inerentes no momento em que a sociedade vive polarizações e discussões que afetam o seio das políticas públicas e o andamento de projetos que interferem no cotidiano da sociedade. A seleção das fontes e o processo de gatekeeping no rádio expandido e hipermediático é um aspecto fundamental para entender as dinâmicas de conteúdo, as escolhas permeadas por valores da comunidade interpretativa ou tribo jornalística e a própria percepção da sociedade sobre capital reputacional do próprio jornalismo.

É nesse ponto que é simplista considerar que a interação com os ouvintes, como resultado da convergência, torna esse agente alguém ativo no processo de comunicação. O envio de informações, de interesses, da espetacularização, dos comentários e denúncias segue o mesmo padrão das fontes já tradicionais, o diferencial é a relação próxima com o surgimento e intensificação do uso de plataformas de mensagens instantâneas. Mesmo assim,

como destacado no Capítulo 4, os resultados ainda levam a questionamentos na forma com que os setores populares são encaixados nas temáticas pelos jornalistas.

No Capítulo 1 “A seleção das fontes no rádio expandido”, buscamos discutir as principais abordagens teóricas dos conceitos oriundos das teorias do jornalismo que estiveram presentes em todos os protocolos de coleta de informações junto a entrevistados e na própria análise. A seletividade das informações por critérios de noticiabilidade que possuem a origem nos fatos com a seleção primária, até o tratamento por uma seleção hierárquica e os fatores inseridos na organização, bem como a visão dos fatos sob preceitos éticos, filosóficos e epistemológicos foram fundamentais na apreciação sobre o conjunto de produção noticiosa nas redações de radiojornalismo.

Da mesma forma, o reconhecimento das especificidades do gatekeeping de acordo com o meio, a plataforma em um rádio que se expande para além do dial, clarifica o ambiente em que os jornalistas estão inseridos e propõe formas de pensar a estrutura de trabalho conjunta e seus constrangimentos organizacionais. Por fim a diversidade, como sinônimo de ampliação de experiências das mais diferentes camadas e setores da sociedade, e a pluralidade como proporcionalidade de grupos sociais, são conceitos distintos, principalmente no momento de analisar as fontes em suas tipologias e distribuição pela programação jornalística.

A classificação das fontes que teve base em uma série de estudos anteriores lança luz a uma proposta de discussão sobre a importância da transparência no processo de construção das notícias no radiojornalismo. Para além da tipologia definida e analisada nos conteúdos da programação da emissora, foi possível por meio das entrevistas e da observação sistemática apontar para um tipo de fonte que não necessariamente está exposta em sonoras ou como voz no radiojornal. Esses agentes perpassam as várias formas já citadas, são oficiais, populares, testemunhais, empresariais e especialistas profissionalizadas ou não que indicam pautas e outras vozes e interferem no andamento dos debates do radiojornal. A atuação é marcada como um auxílio, uma dica ou até mesmo um favor para o jornalista que aceita a disponibilidade do indicado e dá andamento no trabalho de apuração e entrevistas.

A atuação da “fonte indicadora” é uma marca nas três emissoras analisadas e são evidenciadas em momentos da cobertura em que os jornalistas entram em contato com esses agentes para entender melhor uma pauta, pedir sugestões sobre o andamento ou questionar sobre quem poderia falar em um assunto que demanda dificuldade de encontrar vozes. Isso é latente nos ouvintes que criam uma relação próxima com a redação da BandNews, nos especialistas que estão todos os dias ou semanas na CBN Rio, ou então explicitamente o caso da fonte especializada em agronegócio ou o diretor-proprietário da CBN Ponta Grossa. Esse

alguém que possui uma dinâmica e um acesso direto na programação possui confiabilidade dos profissionais e são cercados por um capital reputacional que ganha importância nas sugestões e indicações realizadas. É preciso, como afirma Manning (2001), reconhecer a diversidade e heterogeneidade das decisões jornalísticas e que a possibilidade do jornalista não aceitar a proposta também se mantém possível no cotidiano.

O Capítulo 2 “As tecnologias e a consolidação do radiojornalismo” proporcionou primeiro uma crítica sobre o contexto em que o rádio vive na atualidade com características históricas; e em segundo situar as formas com que o meio, expandido (KISCHINHEVSKY, 2016a) e hipermediático (LOPEZ, 2010) se situa em relação às fases históricas que vão da implantação, difusão, segmentação até a convergência (FERRARETTO, 2012). É importante entender esse processo principalmente pela ótica da ascensão de perfis profissionais multitarefas, incumbidos de atuar em diferentes frentes, como visto nas três emissoras analisadas, bem como aqueles que permanecem nas redações em detrimento do local dos acontecimentos.

Esse modelo do jornalismo sentado está expresso na Jornalista do WhatsApp da BandNews, na Central de Apuração e nas coberturas com foco em transmissões ao vivo da Rede Globo na CBN Rio e no modelo terceirizado na CBN Ponta Grossa. A associação entre essas condições de trabalho com a ausência da diversidade fica clara com os resultados na observação sistemática em que, impedidos pela questão estrutural de sair às ruas em busca de notícias, as assessorias de imprensa utilizam seus atributos para abastecer e responder a solicitações dos mais variados interesses. É nesse momento que a dependência e a passividade se tornam características do modelo de jornalismo periférico vivenciado não só no Brasil, mas na América Latina em meio a demissões e reestruturações administrativas com vistas aos lucros ascendentes nos meios de comunicação.

No Capítulo 3 “As fontes na comunidade interpretativa dos jornalistas”, a discussão proposta se aprofunda com os dados levantados nas emissoras, principalmente nos perfis profissionais dos jornalistas entrevistados e nas formas de dependência e passividade frente aos setores profissionalizados. O impacto dessas relações está na partilha de alguns valores e ideais que não necessariamente circulam entre os jornalistas, como a própria diversidade e a necessidade de ouvir diferentes vozes na construção das notícias. Isso está exemplificado na justificativa de Kawa (2018) ao afirmar que se uma fonte não quer falar sobre algo polêmico, não há o porquê de buscar esse assunto.

A formação de uma comunidade, com suas heterogeneidades em diferentes formas de partilhar esses valores, conhecimentos, ideais não podem ser consideradas um sistema

fechado e sem mudanças, como alertaram Franklin (2011) e Manning (2001). A saída encontrada está no próprio formato do rádio-jornalismo em que a possibilidade de escolher as vozes que vão compor as notícias em uma entrada ao vivo pode ser executada de acordo com o interesse do repórter. O problema estaria mais nas condições e constrangimentos organizacionais do que no interesse expresso pelo profissional.

O jornalismo desenvolve, portanto, algo destacado por Reich (2011) e aprofundado por Manning (2001), Franklin (2011), Van Hout (2011) e Elías (2003), a relação estratégica com fontes supostamente confiáveis, alimentando uma crescente dependência, que favorece quem possui mais recursos para atender prontamente os jornalistas e tende, assim, a estabelecer uma agenda midiática. Em contrapartida, a restrição às fontes tidas como problemáticas e a passividade dos jornalistas, que afrouxam os mecanismos de checagem quando as informações vêm de fontes profissionalizadas com as quais mantêm relações estreitas, deixa o jornalismo suscetível a notícias falsas, dados enviesados ou mesmo mentiras.

A ação das fontes na comunidade interpretativa põe em questão valores profissionais consagrados e o próprio jornalismo como instituição. Ideais como autonomia e independência se tornam zonas cinzentas, diante da ausência de critérios objetivos na seleção de vozes, promovendo o contraditório e a representação da diversidade de interesses. Estrutura-se, desta forma, uma hierarquia da credibilidade atribuída às fontes que põe umas em evidência em detrimento de outras. A mensagem é clara: o cidadão comum, salvo raríssimas exceções, não tem voz para opinar sobre as grandes questões da política e da economia, primazia das fontes oficiais, institucionais, especializadas e empresariais, às quais são franqueadas condições de contextualizar os acontecimentos, construindo sobre eles uma *metanarrativa interessada*.

Do ponto de vista do jornalista na redação, a preferência por estas fontes de maior prestígio não se realiza apenas pela confiabilidade atribuída a estas ou pelo acesso que proporcionam a dados críveis, mas também na facilidade de contato, na relação interpessoal e na credibilidade construída ao longo do tempo. Fatores que condicionam o enquadramento do noticiário, com impactos na diversidade e na pluralidade de visões de mundo a que o público tem acesso e, conseqüentemente, com riscos implícitos à capacidade do jornalismo de exercer seu papel de mediador social e cultural.

Nesse sentido, a questão que se torna central envolve as alterações em valores distintos e não homogêneos na comunidade interpretativa. Esta por sua vez reage de forma a integrar no seu cotidiano a passividade no momento de aceitar os materiais oriundos de setores profissionalizados em detrimento de parcelas da população que não possuem essa relação sofisticada com a mídia. A seleção se torna fragilizada e os portões do gatekeeping

são escancarados para um volume de releases, subsídios, indicações e outras formas de garantir espaço no jornalismo como uma forma de sensibilizar a sociedade como um todo.

Todos os conceitos, pesquisas anteriores e pontos discutidos são aprofundados na relação com o objeto empírico coletado na BandNews Rio, CBN Rio e CBN Ponta Grossa. O processo de seleção das fontes na cobertura cotidiana das emissoras propõe uma série de questões nos estudos sobre radiojornalismo. No contexto da dependência das fontes profissionalizadas e as disparidades existentes no jornalismo diante da conjuntura de trabalho na atualidade, a hipótese da pesquisa caminha para diferentes situações após a coleta e análise de dados. As vozes que constroem o noticiário não representam a diversidade existente na sociedade, mas sim as estruturas de poder que já estão estabelecidas pela formação política e econômica existentes.

Para exemplificar essa situação, basta olhar para a manutenção dos valores de seleção sobre a hierarquia da credibilidade, que fala Traquina (2005b), ao dar voz majoritariamente a fontes oficiais, especializadas e empresariais. Mesmo a crescente preferência pelas vozes populares na BandNews, que interagem via WhatsApp, não necessariamente conduz a uma diversificação entre as temáticas abordadas por esses agentes. A utilização de uma análise multimetodológica auxiliou nesse sentido, ao proporcionar para além da análise de conteúdo, as frequências empíricas dos tipos de vozes e as respectivas temáticas e notícias em que estavam encaixadas.

Ao submeter às vozes populares que lançam mão da espetacularização de seus interesses por meio do WhatsApp a questões de trânsito e segurança com foco no interesse humano, o radiojornalismo põe em xeque uma oportunidade de ampliar os debates políticos, sociais e econômicos por uma ampla camada da sociedade. Por outro lado, como destacaram os próprios jornalistas e verificado na observação sistemática, o modelo de *gatewatching* praticado na BandNews, por exemplo, apresenta potencialidades que podem agregar informações, aprofundar denúncias e mobilizar a produção cotidiana com as percepções de diferentes ouvintes espalhados pela cidade.

Na CBN, tanto no Rio de Janeiro como em Ponta Grossa a presença dos cidadãos comuns está condicionada ao processo de seleção dos jornalistas por um aspecto avaliativo que julga a presença ou não por meio de mecanismos de interação. Dessa forma seguem os preceitos defendidos por Reich (2015), no qual a credibilidade das fontes populares é a todo momento questionada e são colocadas em segundo plano frente a versões menos confiáveis, porém de sujeitos proeminentes. No interior paranaense é praticamente inexistente, a não ser pela enquete realizada sobre o aumento da conta de luz. Já na emissora carioca, a falta de

confiança se dá pelo processo circunstancial em que são selecionadas essas vozes em acontecimentos específicos ou que possuam algum subsídio de interesse humano. O critério encontrado é o de envio de relatos que impactem em situações de segurança e, sobretudo, em um processo avaliativo quando considera-se que esse agente possui pouco poder informativo.

A preferência por fontes oficiais e especializadas também torna cinzenta a argumentação de Soley (1992) sobre os *News Shapers* e os *News Makers*, quando alguns entrevistados não só comentam e analisam os assuntos, mas interferem na produção cotidiana gerando outras pautas e indicações de vozes futuras. Há a coprodução entre fontes e jornalistas no sentido negocial de Cook (2011), em questões oportunas que interessam a diferentes setores e possuem um grau elevado de noticiabilidade. Isso interfere principalmente na rapidez da produção informativa e na falta de tempo para análises aprofundadas ou a saída da redação para a busca de uma diversificação nos pontos de vista.

Mesmo assim, os *news shapers* continuam prevalecendo como autoridades de fala para debater os assuntos sociais que interessam à coletividade a partir das crenças pessoais e ideológicas que convergem com a linha editorial da emissora. Da mesma forma, a coalizão entre fontes e repórteres continua prevalecendo como uma estratégia de troca no conjunto das disputas sociais por fazer sentido sobre os acontecimentos. Os interesses se mantêm nos diversos lados existentes nos acontecimentos: as populares que buscam reivindicar melhorias, as oficiais se defendendo ou utilizando argumentos para estabelecer as políticas em torno do *status quo*, as especialistas que, muitas vezes, caminham no mesmo sentido, assim como as empresariais e institucionais, nas quais prevalecem os interesses particulares ou de classe.

Nesses casos, que consideramos legítimos, a atuação do jornalista no processo de gatekeeping e de gatewatching continua com a mediação dos discursos ao considerar as múltiplas de visões de mundo e interpretações sobre os fatos. Discorrer sobre a dualidade dos acontecimentos ou ampliar a polarização já existente diante da polifonia dos discursos sociais já não sustenta a necessidade de ampliação dos debates sobre as políticas públicas. A seleção das fontes é também um recurso que pode impedir os interesses escusos no momento da construção social da realidade sobre temas e que influenciam no cotidiano da cidade, no trabalho e na vida das comunidades.

É no conjunto de vozes que compõem uma notícia que a especificidade da mediação dos discursos jornalísticos se constrói no espaço público. Nesse recurso, os ouvintes fazem a percepção de que defesas estão em jogo na sociedade, por isso se torna fundamental olhar para o aspecto específico da diversidade. Não como algo normativo ou um dever a ser buscado pelos jornalistas, mas como um valor presente desde a concepção liberal-iluminista

da profissão, ou então na busca por uma autonomia na comunidade interpretativa fugindo da dependência e da passividade na construção das notícias que busquem no diverso uma saída para aproximar e colocar em disputa os diferentes interesses sociais.

Nesse ponto aprofundam-se três argumentos conceituais que contribuem para as reflexões na academia e na formação dos futuros radiojornalistas no contexto do rádio expandido e hipermediático. A análise proporcionou um olhar conceitual, epistemológico e prático, em que o objetivo geral da pesquisa se cumpre na medida em que as disparidades são evidenciadas e que também agregam as características intrínsecas às especificidades do meio. Repensar as lógicas das teorias do jornalismo, da linguagem e do trabalho nas redações auxilia a debater a seleção como algo individual e coletivo no processo de construção das notícias.

O primeiro argumento sobre a especificidade do gatekeeping e do gatewatching foi construído a partir da realidade do trabalho no cotidiano dos radiojornalistas envolvidos na produção noticiosa no rádio informativo nos três ambientes estudados. Algo que contribui para aprofundar os estudos acadêmicos na área e garante um novo viés sobre a atividade desempenhada na seleção das fontes até a ida ao ar das informações. O fluxo de produção, diferentemente dos meios impressos, da web ou televisivo possui características não lineares em que prevalece a escolha dos jornalistas que estão em diferentes funções na redação.

O debate sobre essa especificidade não leva necessariamente a uma autonomia do jornalista na seleção, já que estes são envolvidos pelos constrangimentos organizacionais e a assimilação da linha editorial da emissora. Breed (1999) já destacou na década de 1970 e se faz presente nos casos analisados. A chefe de redação mantém a orientação da emissora sobre cada notícia mesmo não interferindo nas escolhas dos repórteres. Somente no caso da edição dos textos, há o gerenciamento do chefe de reportagem quando chegam à redação tanto na BandNews como na CBN Rio. Mesmo assim, até chegar esse momento, no fluxo rápido e ininterrupto de apuração, quem seleciona tem a responsabilidade de escolher que vozes irão compor a notícia produzida.

Da mesma forma, no caso da CBN Ponta Grossa, a seleção é desempenhada pelos jornalistas na escolha dos materiais que vão ao ar no programa local. Clarisson Kawa exerce essa função como âncora quando seleciona as notícias em uma planilha de textos que não repete os materiais enviados pelos repórteres terceirizados. Ratti e Fornazari atuam no mesmo sentido em *home office*. O diferencial estaria no poder das assessorias, enquanto gatekeepers que selecionam de antemão o que é interessante divulgar para a emissora que aceita passivamente os envios e instruções.

No segundo argumento, a linguagem do radiojornalismo tem sido um tema discutido de forma aprofundada desde as primeiras pesquisas na área. O objetivo é cartografar a especificidade do meio no que condiz à distribuição das fontes ao longo da programação e como elas são encaixadas na informação radiofônica. A proposta é de uma estrutura de espiral informativa no jornalismo de natureza substantiva, que baseado no modelo do *clock*, se diferencia ao distribuir as vozes selecionadas de forma espiralada, contínua e com o potencial de diversidade em diferentes momentos da programação. Por outro lado, a manutenção em um eixo de cobertura sobre uma temática com as mesmas vozes pode fazer com que a notícia abrigue somente setores oficiais ou especializados da sociedade.

Pensamos que nesse caso, o ensino e a pesquisa são focos possíveis de debates – que ainda necessitam ser aprofundados – sobre esse formato textual, assim como já foram feitos no caso da internet nas últimas décadas. As contribuições sobre a resolução semântica e das notícias que partem do singular para o universal são eixos da discussão que não está restrita a um momento da programação. Os assuntos vão e voltam em um ritmo de conversa, em que as fontes que não foram ouvidas na hora exata de um acontecimento podem argumentar no decorrer da apuração dos jornalistas. A repetição se torna, nesse caso, um recurso dos jornalistas no rádio informativo também para buscar a diversificação de temas, vozes, opiniões e dos próprios fatos.

As diferenças entre diversidade e pluralidade surgem no terceiro argumento após a análise sobre a distribuição dos tipos de fontes nos programas locais. Com diminuição do número de profissionais, o jornalista sentado e ausente do palco dos acontecimentos nem sempre consegue ter uma reflexão crítica diante da rapidez com que precisa executar as tarefas em um curto espaço de tempo. Na análise dos dados, o que ficou claro é a possível pluralidade no conjunto, mas que quando aprofundadas sobre temáticas e discussões não se traduz na proposta sobre a diversidade.

Nesse mesmo ponto é preciso elencar que as interações com as fontes populares via WhatsApp, que também acontecem com oficiais e empresariais na plataforma, não podem carregar o conceito de participação na ótica de Carpentier (2012). Tendo em vista que esses agentes não provocam alterações nas decisões dos jornalistas, porém conseguem acesso ao temário jornalístico a partir da interação realizada no aplicativo. Nesse caso, quando o jornalista é deslocado para cobrir uma denúncia que surja dos ouvintes, emerge uma forma de participação que interfere na decisão dos profissionais sobre a pauta cotidiana. Ao fugir das temáticas de trânsito e segurança, há uma possibilidade de diversificação em que as fontes

populares podem falar sobre saúde, política ou economia, o que não acontece na semana de análise.

Os casos da CBN, ao contrário da BandNews, não têm a interação ininterrupta com os ouvintes como fontes “prioritárias” na programação. Nas observações e análises, a preferência pela oficialidade está presente no jornalismo e demonstrada em diversas pesquisas. A busca por esse ambiente é pela universalização dos conceitos e as características que permanecem na seleção das fontes mesmo em diferentes redações que partilham das especificidades do radiofônico. Os desafios continuam, principalmente em identificar relações, interesses, valores e os motivos de aceite e recusa das fontes que determinam e promovem os acontecimentos no dia a dia do jornalismo.

Por fim a pesquisa possibilita uma ampliação das discussões na área do radiojornalismo com quatro propostas de contribuição ao campo já apresentadas: a classificação das fontes específica para os estudos na área; as características da seleção no modelo do gatekeeping radiofônico; a estrutura em espiral na construção das notícias ao vivo; e as distinções conceituais entre diversidade e pluralidade inclusive no encaixe temático de vozes populares tidas como interação via plataformas de mensagens instantâneas. A presença de múltiplos pontos de vista, de diferentes opiniões somente traz ao jornalismo a essência de um espaço de disputa social e ideológica entre distintos campos de saber, lugares de fala e sujeitos sociais. A colonização do patrimonialismo, do patriarcado e do capitalismo interfere também na possibilidade de escuta dos subalternizados, mas cabe ao jornalismo equilibrar os homens lentos e rápidos em uma sociedade marcada pela divisão e o estranhamento do outro.

REFERÊNCIAS

ABREU, João Batista de. **As manobras da informação: análise da cobertura jornalística da luta armada no Brasil (1965-1979)**. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

ABREU, João Batista de. Convergências e divergências. In: KISCHINHEVSKY, Marcelo; IORIO, Fábio Mário; VIEIRA, João Pedro Dias (orgs.). **Horizontes do Jornalismo: Formação superior, perspectivas teóricas e novas práticas profissionais**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2011, p. 143-154.

ABREU, João Batista. **Rádio e formação de mentalidades – testemunha ocular da guerra psicológica na América Latina**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação – ECO, 2004.

ADGHIRNI, Zelia Leal. O jornalista: do mito ao mercado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Volume II, n° 1, 1° semestre de 2005.

AGUIAR, P.; LISBOA, J.. **A Agência Nacional no Estado Novo (1937-1945): entre o jornalismo e a propaganda**. In: XI Encontro Nacional de História da Mídia. São Paulo: ALCAR, 2017.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da Notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ALVAREZ, Pilar Carrera et al. ¿Quién soy yo y quién eres tú? ¿Están transformando las redes sociales la imagen que los periodistas radiofónicos españoles tienen del público? **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, vol. 18, núm. especial octubre, 2012.

AMADO, Adriana. Calidad periodística y fuentes presidenciales: el periodismo argentino frente a la comunicación de gobierno. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, vol. 21, núm. especial noviembre, 2015.

AMADO, Adriana. Periodismos argentinos: identidades e interrogantes. In: AMADO, Adriana; OLLER-ALONSO, Martín; BAUMGRATZ, Mónica. (org.) **El periodismo por los periodistas**. Montevideo: Konrad Adenauer Stiftung Infocidadana, 2016.

AMADO, Adriana; WAISBORD, Silvio. Journalists and Media Ownership: Practices and Professional Conditions of Argentine Journalism. **Brazilian Journalism Research**, v. 14, n. 2, ago.-2018.

AMARAL, L. Assessoria de imprensa nos Estados Unidos. In: DUARTE, Jorge Antonio Menna (Org.) . **Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia: teoria e técnica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ANDRADE, C. T. de. **Para entender relações públicas**. São Paulo: Loyola, 1983.

AVELAR, Kamila Morando. **Rádio corporativo: o branded content como estratégia de programação**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.

ARRUETA, César. **¿Qué realidad construyen los diarios? Una mirada desde el periodismo en contextos de periferia.** Buenos Aires: La Crujía, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BALSEBRE, Armand. **La credibilidad de la radio informativa.** Barcelona: Feed-Back, 1994.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BARICHELLO, Eugenia M. R.. A autoria na elaboração de uma tese. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (orgs.). **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

BARSOTTI, A. **Jornalista em mutação: Do cão de guarda ao mobilizador de audiência.** Florianópolis: Insular, 2014.

BARSOTTI, Adriana; AGUIAR, Leonel A. Mobilizar a audiência: uma experiência contemporânea no jornalismo online. **Alceu**, v. 13, n. 25, jul-dez, 2012.

BASS, A. Z. Refining the 'gatekeeper' concept: a UM radio case study. **Journalism Quarterly**, 46, 69-72, 1969.

BAUER, M. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Tradução de Pedrinho A. Guarechi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMWORCEL, Ana. O discurso de resistência à censura da Rádio Jornal do Brasil AM. In: MOREIRA, Sonia Virgínia. **70 anos de radiojornalismo no Brasil.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

BECKER, B. Desafios da profissão, do ensino e da pesquisa em jornalismo. In: KISCHINHEVSKY, M.; IORIO, F. M.; VIEIRA, J. P. D. (orgs.). **Horizontes do jornalismo: formação superior, perspectivas teóricas e novas práticas profissionais.** Rio de Janeiro: E-papers, 2011.

BECKER, B.. Diversidade e Pluralidade: Desafios da Produção de um telejornalismo de qualidade. In: BORGES, Gabriela; REIA-BAPTISTA (orgs.). **Discursos e Práticas de Qualidade na Televisão.** Lisboa: Novos Horizontes, 2008.

BECKER, B. Todos juntos e misturados, mas cada um no seu quadrado: um estudo do RJTV 1ª edição e do Parceiro do RJ. **Galáxia (São Paulo, Online)**, n. 24, p. 77-88, dez. 2012.

BENETTI, M. Análise do discurso em jornalismo: estudos de vozes e sentidos. In: BENETTI, M.; LAGO, C. (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2007.

BENNETT, W. L.; GRESSET, L. A.; HALTOM, W. Repairing the news: a case study of the news paradigm. **Journal of Communication**, Vol. 35, n° 2, 1985.

BERKOWITZ, Dan; BEACH, Douglas W.. News sources and news context: the effect of routine news, conflict and proximity. **Journalism Quarterly**, vol. 70, num. 1, spring 1993.

BERGER, P. L., LUCKMANN, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BESPALHOK, Flávia L. B.. Surgimento e desenvolvimento da reportagem na emissora Continental do Rio de Janeiro (1948-1964). In: MOREIRA, Sonia Virgínia. **70 anos de radiojornalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

BORRAT, H. Once versiones noratlánticas del 23-F. **Analisi: Quaderns de Comunicació i Cultura**, Barcelona, no 4, p. 91-113, 1981.

BRADSHAW, Paul. **Model for a 21st century newsroom – redux: how digitisation has changed news organisations in a multiplatform world**. [s.i]: Leanpub, 2012. Disponível em <https://leanpub.com/21stcenturynewsroom>.

BRASIL, **Constituição Federal da República Federativa do**. Brasília: Presidência da República/Casa Civil, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Última consulta: 25/07/2017.

BREED, Warren. Controle social na redação: uma análise funcional. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

BRITTOS, Valério Cruz. O rádio brasileiro na fase da multiplicidade da oferta. **Verso & Reverso**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ano 16, n. 35, p. 31-54, jul.-dez. 2002.

BRUNS, Axel. Gatekeeping, Gatewatching, Realimentação em Tempo Real: novos desafios para o Jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 7, n. 2, 2011.

BRUNS, Axel. **Gatewatching: collaborative online news production**. New York: Peter Lang, 2005.

BUCKALEW, James K. The local radio news editor as a gatekeeper. **Journal of Broadcasting**, 18:2, 211-222, 1974.

CAMPO, Carlos J. **Periodismo de marcas**. Barcelona: UOC, 2015.

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. In: BARBOSA, Suzana (org.). **Jornalismo digital de terceira geração**. Covilhã: Labcom – Universidade da Beira Interior, 2007.

CANELA, G.; SIQUEIRA, A. B. de. Regulação para a pluralidade e a diversidade na mídia. In: BARROS, J. M.; KAUARK, G. (orgs.). **Diversidade cultural e desigualdade de trocas – Participação, comércio e comunicação**. São Paulo: Itaú Cultural; Observatório da Diversidade Cultural. Editora PUC Minas, 2011.

CÁRCAMO, Lucano Romero. Percepciones profesionales y rutinas de producción en el periodismo radiofónico de salud en México. In: ALONSO, Martín Oller (org.). **Cultura(s) Periodística(s) Iberoamericana(s) – La diversidad de un periodismo propio**. La Laguna (Tenerife): Sociedad Latina de Comunicación Social, 2017.

CARLSON, Matt; FRANKLIN, Bob. Introduction. In: FRANKLIN, Bob; CARLSON, Matt (org.). **Journalists, sources and credibility**. Londres: Routledge, 2011.

CARPENTIER, Nico. Participation and Interactivity: Changing Perspectives. The Construction of an Integrated Model on Access, Interaction and Participation. In: V. NIGHTINGALE; T. DWYER (eds.), **New Media Worlds. Challenges for Convergence**. Melbourne, Oxford University Press, p. 214-230, 2007.

CARPENTIER, Nico. The concept of participation. If they have access and interact, do they really participate? **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, vol. 14, n° 2, maio/agosto de 2012.

CARPENTIER, Nico; JENKINS, Henry. **Theorizing participatory intensities: A conversation about participation and politics**. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, Vol 19, Issue 3, 2013.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **La radio em Internet: de la ciberradio a las redes sociales y la radio móvil**. Buenos Aires: La Crujía, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: as artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CERQUEIRA, Bárbara Maia. **O processo de convergência no radiojornalismo: transformações profissionais na rádio CBN Curitiba**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2017.

CHAGAS, Genira. **Radiodifusão no Brasil: Poder, política, prestígio e influência**. São Paulo: Ed. Atlas, 2012.

CHAGAS, Luãn J. V.. Entre fontes e jornalistas: interesses e disputas na cobertura do impeachment da presidenta Dilma Rousseff. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis: v. 14, n. 1, 2017a.

CHAGAS, Luãn J. V.. **Da pirâmide à espiral: a construção da notícia no radiojornalismo ao vivo**. Anais do GP Rádio e Mídia Sonora 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017b.

CHAGAS, Luãn J. V.. O que dizem as fontes? O acesso disruptivo ao jornalismo como estratégia dos estudantes na ocupação de escolas em 2016. **Âncora – Revista Latino-americana de Jornalismo**. João Pessoa: Ano 5, vol. 5, n. 1, Jan./Jun. 2018.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Cem Anos de Assessoria de Imprensa. In: DUARTE, Jorge Antonio Menna (Org.) . **Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia: teoria e técnica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

CHIBNALL, S.. **Law-and-order news: na analysis of crime reporting in the British press**. London: Tavistock, 1977.

COLEMAN, Stephen; FREELON, Deen. Introduction: conceptualizing digital politics. In: COLEMAN, Stephen; FREELON & Deen (Orgs.). **Handbook of digital politics**. Northampton: Edward Elgar, 2015.

CONDE, Rosa Berganza; HERRERO-JIMÉNEZ, Beatriz; MONTERO, Eva Luisa Gomes. ¿Quiénes son los periodistas españoles? Perfiles profesionales y transformaciones en la profesión. **Brazilian Journalism Research**, v. 14, n. 2, ago.-2018.

COOK, Timothy E.. **O jornalismo político**. Revista Brasileira de Ciência Política, n.6, Júlio/dezembro. 2011.

COULDRY, Nick. Mediatization or mediation? Alternative understandings of emergent space of digital storytelling. **New Media & Society**, n. 10, jun, 2008.

CRUZ NETO, Otávio. O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**, 21ª Ed, Petrópolis, RJ: Vozes; 2002.

DARNTON, Robert. **The new age of the book**. The New York Review of Books, 1999.

DE KEYSER, Jeroen; RAEYMAECKERS, Karin; PAULUSSEN, Steve. Are Citizens Becoming Sources? A Look into the Professional Contacts of Flemish Journalists. . In: FRANKLIN, Bob; CARLSON, Matt (org.). **Journalists, sources and credibility**. Londres: Routledge, 2011.

DELANO BROWN, Jane et al. Invisble power: newspaper news sources and the limits of diversity. **Journalism Quarterly**, vol. 64, num. 49, 1987.

DEL BIANCO, N. R.. As transformações técnicas na produção do radiojornalismo e os valores-notícia. In: MOREIRA, S. V.. **70 anos de radiojornalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1981.

DEUZE, Mark, WITSCHGE, Tamara. O que o Jornalismo está se tornando. **Parágrafo**, v. 4, n. 2, jul.-dez. 2016.

DINES, Alberto. **O papel do jornal e a profissão do jornalista**. 9 ed. São Paulo: Summus, 2009.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

DUARTE, Jorte. Assessoria de imprensa no Brasil. In: DUARTE, Jorge Antonio Menna (Org.) . **Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia: teoria e técnica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ELÍAS, Carlos. Adaptación de la metodología de “observación participante” al estudio de los gabinetes de prensa como fuentes periodísticas. Madrid: Empiria, **Revista de Metodología de Ciencias Sociales**, n. 6, 2003.

ELLIOT, Philip. **The making of a television series: a case study in the production of culture**. Londres: Constable, 1972.

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação captação e edição no jornal diário**. São Paulo: Ática, 2008.

FENAJ. **Manual de Assessoria de Comunicação**. 4 ed. Federação Nacional dos Jornalistas: Brasília, 2007.

FERNÁNDEZ, José Luis (dir). **La construcción de lo radiofónico**. Buenos Aires: La Crujía, 2008.

FERRARETTO, Luiz Artur. Alterações no modelo comunicacional radiofônico: perspectivas de conteúdo em um cenário de convergência tecnológica e multiplicidade da oferta. In: FERRARETTO, Luiz Artur; KLÖCKNER, Luciano (orgs.). **E o rádio? Novos horizontes midiáticos**. Porto Alegre: Edupucrs, 2010.

FERRARETTO, Luiz Artur. **O rádio antes do rádio: O brasil como mercado para a indústria eletroeletrônica (1910-1920)**. Anais do XI Encontro Nacional de História da Mídia, Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP). São Paulo, 2017.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio - Teoria e prática**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014.
FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Eptic – Revista Eletronica Internacional de Economia Política das Tecnologias de Informação e Comunicação**. Aracaju: Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal do Sergipe, v. XIV, n. 2, maio-ago. 2012.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Uma proposta metodológica para pesquisar a história de rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Anais Intercom, 2015.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Suzzato, 2001.

FERRARETTO, Luiz Artur. Radiojornalismo no Brasil: do noticiário à convergência, alguns fragmentos históricos. In: MOREIRA, S. V.. **70 anos de radiojornalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

FERRARETTO, Elisa Kopplin; FERRARETTO, Luiz Artur. **Assessoria de imprensa – Teoria e prática**. 5.ed. São Paulo: Summus, 2009.

FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e convergência: Uma abordagem pela economia política da comunicação. **Revista Famecos**, vol. 17, n. 3, set-dez, 2010.

FIDALGO, António. A resolução semântica no jornalismo online. In: BARBOSA, S. (Org.). **Jornalismo digital de terceira geração**. Coleção Estudos em Comunicação. Covilhã: Livros Labcom, 2007.

FONTCUBERTA, Mar De. **La noticia: pistas para percibir el mundo**. Barcelona: Paidós, 1993.

FRANKLIN, Bob. Sources, credibility and the continuing crisis of UK journalism. In: FRANKLIN, Bob; CARLSON, Matt (org.). **Journalists, sources and credibility**. Londres: Routledge, 2011.

GANDY, O. H. Jr. **Beyond agenda setting: information subsidies and public policy**. Norwood, NJ: Ablex, 1982.

GANS, Herbert J. **Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time**. New York: Vintage, 1980.

GARCÍA CANCLINI, N.. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. Miguel Hidalgo: Grijalbo, 1990.

GASHER, M.. Mapping the Online News World: A News-flow Study of Three U.S. Dailies. In: GASHER, M (org.). **The Geography of Journalism**. Aether – The Journal of Media Geography, vol. IV , March 2009.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guarechi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre. Editora Tchê: 1987. Disponível sem paginação no site www.adelmo.com.br/bibt/t196.htm.

GIEBER, W. How the “gatekeepers” view local civil liberties news. **Journalism Quarterly**. 37(1), 199-205, 1960.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. A fala do rádio – um estudo dos percursos dos nossos erros. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci. **Teorias do rádio – textos e contextos**. Florianópolis: Insular, Vol. II, 2008.

GOLDING, P; ELLIOT, P.. **Making the news**. Londres: Longman, 1979.

GUERRA, Josenildo Luiz. **O percurso interpretativo na produção da notícia: verdade e relevância como parâmetros de qualidade jornalística**. São Cristóvão: UFS, 2008.

HALL, Stuart et al. (1999). A produção social das notícias: o mugging nos mídia. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1994.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de Conteúdo em Jornalismo. In: LAGO, Cláudia e BENEETTI, Márcia. (Orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

HINDMAN, Matthew. **The Myth of Digital Democracy**. New Jersey: Princeton University Press, 2009.

HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Org.) **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

HOOD, Lee. News outsourcing: the producers' perspective. **Journal Of Radio & Audio Media**, vol. 18, num. 2, 2011.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Amigo ouvinte, o locutor perdeu o emprego: considerações sobre o processo de automação nas rádios FM do Rio de Janeiro. **Eptic Online - Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, vol. X, n. 3, Sep-Dic, 2008.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico**. In: RODRIGUES, C. (Org.). **Jornalismo On-line: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Sulina, 2009.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Métodos de pesquisa qualitativa aplicada à comunicação radiofônica. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (orgs.). **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016b.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Notas para uma economia política do radiojornalismo. **Brazilian Journalism Research** (Online), v. 6, p. 70-82, 2010.

KISCHINHEVSKY, M. Por qual diversidade lutar? Desafios à regulação no rádio musical brasileiro. In: DANTAS, M; KISCHINHEVSKY, M. (orgs.). **Políticas Públicas e pluralidade na comunicação e na cultura**. Rio de Janeiro: E-papers, 2014.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016a.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; CHAGAS, Luã. Diversidade não é igual a pluralidade – Proposta de categorização das fontes no radiojornalismo. **Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**, v. 1, n. 36, dez. 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MODESTO, Claudia Figueiredo. Interações e mediações: Instâncias e apreensão da comunicação radiofônica. **Questões transversais**, v. 2, p. 12-20, 2014.

KLÖCKNER, Luciano. **As redes sociais no jornalismo radiofônico: as estratégias interativas adotadas pelas rádios Gaúcha e CBN**. Porto Alegre: Evangraf, 2011a.

KLÖCKNER, Luciano. **Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história**. 2 ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2011b.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso e a globalização: a produção de sentido no primeiro noticiário radiofônico mundial**. Campo Grande: Anais Intercom, 2001.

KUHN, Thomas S.. **Estrutura das revoluções científicas**. 5 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. De fontes a agentes jornalísticos: a crítica de uma metáfora morta. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 606-622, set./dez. 2015.

LEAL, Bruno Souza; JÁCOME, Phillipy. Outros agentes na comunidade interpretativa do jornalismo. São Paulo: **Rumores**, n. 14, v. 7, jul.-dez. 2013.

LIMA, V. A. de. **Conselhos de comunicação social – A interdição de um instrumento da democracia participativa**. Brasília: FNDC, 2013.

LIMA, V. A. de. **Mídia: Crise Política e poder no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

LIMA, V. A. de. **Política de comunicações: um balanço dos governos Lula (2003-2010)**. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LOPES, Felisbela. Os jornalistas e os constrangimentos que atormentam a profissão: entre as pressões do mercado e a imposição das fontes de informação. **Estudos de Jornalismo**, vol. 1, n° 6, dezembro de 2016.

LOPEZ, Débora Cristina. A construção da notícia no rádio contemporâneo: O papel do gatekeeper no jornalismo radiofônico em ambiente de convergência. **Chasqui**, No. 108, Diciembre, 2009.

LOPEZ, Débora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: UBI/LabCom Books, 2010.

LOPEZ, Débora Cristina; RUTILLI, Marizandra. Aproximações a uma abordagem teórico-metodológica a partir do newsmaking. In: BARICHELLO, Eugenia M. da R.; RUBLESCKI, Anelise. **Pesquisa em comunicação: olhares e abordagens**. Santa Maria: Facos – UFSM, 2014.

LUCHESE, Lila. Juego de manos, juego de villanos: la mediatización de las fuentes em la construcción de la información. In: LUCHESE, Lila; VIDELA, Luciano (orgs.). **Desafíos del periodismo en la sociedad del conocimiento: discusiones a partir del Tercer Seminario Brasil-Argentina de Pesquisa en Jornalismo, Bapijor**. Viedma: Universidad Nacional de Río Negro, 2016.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.

MANNING, Paul. **News and News Sources: A Critical Introduction**. Londres: Sage, 2001.

MARGETTS, H.; JOHN, P.; HALE, S. A.; YASSERI, T. **Political Turbulence: How Social Media Shape Collective Action**. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Prefácio: Néstor Garcia Canclini, Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. 4.ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo: travessia latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

MARQUES-HAYASAKI, Paula; ROCA-CUBERES, Carles; CASELLAS, Carles Singla. New professional profiles and skills in the journalistic field: a scoping review and in-depth interviews with professionals in Spain. **Brazilian Journalism Research**, v. 12, n. 3, 2016.

McNELLY, J. T.. Intermediary communicators in the international flow of the news. **Journalism Quarterly**, 36(1), 23-26, 1959.

McQUAIL, D. **Teoria da Comunicação de Massas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. A informação sonora na webemergência: sobre as possibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós-mídia. In: MAGNONI, Antônio Francisco; CARVALHO, Juliano Maurício de (orgs.). **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. SP: Ed. Senac-SP, 2010a.

MEDITSCH, Eduardo. **Fatiando o público: o rádio na vanguarda da segmentação da audiência**. Verso e Reverso, São Leopoldo, Unisinos, Jul-Dez, ano 16, n.35, 2002.

MEDITSCH, Eduardo. **Jornalismo e construção social do acontecimento**. In: BENETTI, Márcia; FONSECA, Virgínia Pradelina Silveira da (orgs.). **Jornalismo e acontecimento**. Florianópolis: Insular, 2010b.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** In: BOCC - Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 1997. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt>. Acesso em março de 2016.

MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação – Teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, 2001.

- MEDITSCH, Eduardo; MOTTA, Cesar. **Sugestões para o radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1981.
- MICK, Jaques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2013.
- MIGUEL, Luiz Felipe; BIROLI, Flávia. Visibilidade na mídia e campo político no Brasil. **Dados – Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, vol. 53, n. 3, 2010.
- MOLETTA, Cléber. **Assessoria de imprensa e midiática: uma análise da produção de notícias em entidades de defesa dos direitos humanos**. Multifoco: Rio de Janeiro, 2017.
- MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. A notícia como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.
- MONCLÚS, Belén et al. Listeners, social networks and the construction of Talk Radio Information’s discourse in the 2.0 Age. In: BONINI, Tiziano; MONCLÚS, Belén. **Radio Audiences and Participation in the Age of Network Society**. New York: Routledge, 2015.
- MORAIS, M. E. S. C. e S. de. **Pluralismo e diversidade nos media em Portugal – A blogosfera política em rede**. Tese de doutorado. Portugal: Univ. do Minho, 2012.
- MOREIRA, Sonia Virginia. Jornalismo na rádio Jornal do Brasil. IN: ORTRIWANO, Gisela Swetlana (Org.). **Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais**. São Paulo: Com-arte, 1987.
- MOREIRA, Sonia Virgínia. O jornalista brasileiro contemporâneo. In: AMADO, Adriana; OLLER-ALONSO, Martín; BAUMGRATZ, Mónica. (org.) **El periodismo por los periodistas**. Montevideo: Konrad Adenauer Stiftung Infocidadana, 2016.
- MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.
- MOREIRA, Sônia Virgínia. Ouvi no repórter – significado e permanência de um noticiário de rádio. In: MOREIRA, S. V. (org.). **70 anos de radiojornalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio palanque**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- MORIN, Edgar. **O Método: a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- NEVEU, Érick. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.
- NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

O'NEILL, Deirdre; O'CONNOR, Catherine. The passive journalist: how sources dominate local news. Londres: **Journalism Practice**, v. 2, n. 3, 2008.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1985.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 66-85, dezembro/fevereiro, 2003.

PATEMAN, Carole. **Participação e teoria democrática**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PATHERSON, C. Why ethnography? In: PATHERSON, C.; DOMINGO, D. (orgs.). **Making online news: the ethnography of new media production**. New York: Peter Lang, 2008.

PEREIRA, Fábio Henrique. O jornalista sentado e a produção da notícia online no Correio Web. **Em Questão**, v. 10, nº 1, p. 2004.

PÉREZ CURIEL, Concha et al. El uso de fuentes periodísticas en las secciones de Política, Economía y Cultura en el Periodismo de Proximidad Español. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, v. 21, n. especial, nov. 2015.

PEUCER, T. Os relatos jornalísticos. Tradução de Paulo da Rocha Dias. Florianópolis: **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol. I, nº 2, 2004.

PINTO, Manuel. **Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo**. In Comunicação e Sociedade. Braga: Vol. 14 (1-2), p. 277-294, Universidade do Minho, 2000.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PRIMO, Alex. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: PRIMO, Alex (org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2013.

PRIMO, Alex. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. Porto Alegre: **Intexto**, v. 2, n. 13, 2005.

QUADROS, Mirian Redin de. **As redes sociais no jornalismo radiofônico: as estratégias interativas adotadas pelas rádios Gaúcha e CBN**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

QUADROS, Mirian Redin de; AMARAL, Marcia Franz. **O ouvinte-enunciador nas narrativas radiofônicas: as disputas pelo poder de voz**. Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 2, p. 108, dezembro, 2016.

QUADROS, Mirian Redin de; OLIVEIRA, Juliana Motta de. Identidade Jornalística e Participação no Rádio: Considerações a partir da Percepção dos Profissionais de Santa Maria/RS. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 18, n. 23, jul./dez. de 2016.

REICH, Zvi. Source Credibility as a Journalistic Work Tool. In: FRANKLIN, Bob; CARLSON, Matt (org.). **Journalists, sources and credibility**. Londres: Routledge, 2011.

REICH, Zvi. Why citizens still rarely serve as news sources: validating a tripartite model of circumstantial, logistical, and evaluative barriers. **International Journal of Communication**, vol. 9, 2015.

RODRIGUES, Carla; SOARES JÚNIOR, Creso. Radiojornalismo, webjornalismo e formação profissional. In: FERRARETTO, Luiz Artur; KLÖCKNER, Luciano (orgs.). **E o rádio? Novos horizontes midiáticos**. Porto Alegre: Edupucrs, 2010.

ROTELLI, Nicolás. El rol de las fuentes en las noticias. **Contratexto**, n° 29, enero-junio, 2018.
RUELLAN, Denis. Um ser profissional ou como percebê-lo. **Brazilian Journalism Research**, vol. 13, núm. 1, Jan-Abr, 2017.

RUTILI, Marizandra. **Rotinas produtivas e relação com as fontes no rádio informativo em ambiente de convergência: um estudo de caso de emissoras de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

SALAVERRIA, Ramón. **Redacción periodística en Internet**. Pamplona: EUNSA, 2005.

SALAVERRÍA, Ramón; GARCÍA AVILÉS, J. A. **La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo**. Trípodos, Barcelona: Universitat Ramon Llull, n. 23, p. 31-47, 2008.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANT'ANNA, Francisco. **Mídia das fontes: um novo ator no cenário jornalístico brasileiro: um olhar sobre a ação midiática do Senado Federal**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2009.

SANT'ANNA, Francisco. Radiojornalismo no Brasil, um jornalismo sem jornalistas. **Líbero - Ano XI - n° 22 - Dez. 2008**.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora USP, 2006.

SAROLDI, Luiz Carlos e MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Nacional – O Brasil em Sintonia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SCHMITZ, Aldo A. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SCHLESINGER, P. **Putting 'reality together**. London: Methuen, 1978.

SCHLESINGER, P. **Repenser la sociologie du journalisme: les stratégies de la source d'information et les limites du médiacentrisme**. Paris, Réseaux 51: 75-98, 1992.

SERRA, Sônia. Vertentes da economia política da comunicação e jornalismo. In: LAGO, Cláudia e BENEETTI, Márcia. (Orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

SHOEMAKER, P.; SEO, H.; JOHNSON, P.. **Audience gatekeeping: a study of The New York Times most emailed items**. Artigo apresentado na Conference on Convergence and Society: The Participatory Web (3.0), University of South Carolina, Columbia, SC, 2008.

SHOEMAKER, Pamela J., VOS, Tim P.. **Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia**. Porto Alegre: Editora Penso, 2011.

SCHUDSON, M. **Descobrendo a Notícia: Uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SCHUDSON, M. **The sociology of news**. New York: Norton, 2003.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDO, Mário Luiz (orgs.). **Críticas de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

SILVA, Jan Alyne Barbosa; PEREIRA, Maria de Lourdes; RIBEIRO, Rodolfo Silva. Convergência profissional: estudo de caso das transformações no perfil do jornalista. **Brazilian Journalism Research**, vol. 9, núm. 2, 2013.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Tradução: Milton Camargo Mota. São Paulo: Editora Loyola, 2002.

SNIDER, P. B.. "Mr. Gates" revisited: a 1966 version of the 1949 case study. **Journalism Quarterly**, 44(2), 419-427, 1967.

SOLEY, L. W.. **The news shapers: the sources who explain the news**. New York: Praeger Publishers, 1992.

STAM, R.. Bakhtin e a crítica midiática. In: RIBEIRO, A. P. G.; SACRAMENTO, I. (orgs.). **Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2010.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005a.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: Porque as notícias são como são**. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005b.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo Etnografia no Mundo da Comunicação. In: BARROS, A.; DUARTE, J. (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**, São Paulo, Atlas, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto N. S.. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad**. Barcelona: Gili, 1983.

TUNSTALL, Jeremy. **Journalists at work**. London: Constable, 1971.

VAN CUILENBURG, J. On Competition, Access and Diversity in Media, Old and New: Some Remarks for Communications Policy in the Information Age. **New Media & Society**: v. 1, 1999.

VAN CUILENBURG, J; McQUAIL, D. **Media Policy Paradigm Shifts: Towards a New Communications Policy**. European Journal of Communication: v.18, 2003.

VAN HOUT, Tom. Sourcing Business News: A Case Study of Public Relations Uptake. In: FRANKLIN, Bob; CARLSON, Matt (org). **Journalists, sources and credibility**. Londres: Routledge, 2011.

VILLAÇA, Lenize. **Radiojornalismo na era digital: Internet como fonte de notícias na Rádio CBN - São Paulo**. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação- Intercom 2004, 2004, Porto Alegre - RS. Comunicação, acontecimento e memória, 2004.

WALTZ, Igor. O “jornalista sentado” e condições de produção: considerações sobre práticas profissionais na comunicação em rede. **Leituras do Jornalismo**, Ano 02, Volume 02, n. 4, julho-dezembro de 2015.

WESTLEY, B. H.; MacLEAN, M. S.. A conceptual model for communication research. **Journalism Quarterly**, 34, 31-38, 1957.

WEY, Hebe. **O processo de relações públicas**. São Paulo: Summus, 1986.

WHITE, David. O gatekeeper: uma análise de caso na selecção de notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

WIMMER, R. D.; DOMINICK, J.R. **Mass media research: an introduction**. Wadsworth: Wadsworth Cengage Learning, 2011.

WINOCUR, Rosalía. **Ciudadanos mediáticos: La construcción de lo público en la radio**. Barcelona: Gedisa, 2002.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2009.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o novo jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

ZELIZER, B. O que fazer com o jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 11, n. 2, 2014.

ZELIZER, B.. **Taking Journalism Seriously**. Thousand Oaks: Sage, 2004.

ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

BARBOSA, Thiago. **Entrevista realizada no dia 13 de agosto de 2018**. Rio de Janeiro, 2018.

BRIGGS, Carlos. **Entrevista realizada no dia 22 de agosto de 2017**. Rio de Janeiro, 2017.

CAMPBELL, Tatiana. **Entrevista realizada no dia 23 de agosto de 2017**. Rio de Janeiro, 2017.

CARRERA, Matheus. **Entrevista realizada no dia 14 de agosto de 2018**. Rio de Janeiro, 2018.

CASCARDO, Rafaela. **Entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2018**. Rio de Janeiro, 2018.

DIAS, Taís. **Entrevista realizada no dia 28 de agosto de 2017**. Rio de Janeiro, 2017.

FERREIRA, Mário Dias. **Entrevista realizada no dia 26 de agosto de 2017**. Rio de Janeiro, 2017.

FORNAZARI, Emanuel. **Entrevista realizada no dia 22 de junho de 2018**. Ponta Grossa, 2018.

KAWA, Clarisson. **Entrevista realizada no dia 18 de junho de 2018**. Ponta Grossa, 2018.

LACERDA, Marcus. **Entrevista realizada no dia 25 de agosto de 2017**. Rio de Janeiro, 2017.

PORTO, Ricardo. **Entrevista realizada no dia 17 de agosto de 2018**. Rio de Janeiro, 2018.

RATTI, Thanile. **Entrevista realizada no dia 20 de junho de 2018**. Ponta Grossa, 2018.

SANTOS, Bianca. **Entrevista realizada no dia 17 de agosto de 2018**. Rio de Janeiro, 2018.

SCHNEIDER, Rodolfo. **Entrevista realizada no dia 29 de agosto de 2017**. Rio de Janeiro, 2017.

APÊNDICE – Transcrição Entrevista

I) Questões entrevistas semi-estruturadas CBN Ponta Grossa

a) *Entrevistado: Clarisson Kawa*

Função: âncora, produtor e editor CBN Ponta Grossa

Objetivo da entrevista: Compreender o papel da produção e do âncora na seleção das fontes pré, durante e após a apresentação do programa.

1. *Qual o seu perfil profissional, como começou na área?*

Eu comecei como operador de som na rádio Santana, no ano de 2006, lá eu comecei e fazia a operação da mesa, estava concluindo o ensino médio e aí comecei a gostar, estudava de manhã e fazia a sonoplastia a tarde, em uma rádio AM na cidade de Ponta Grossa. Naquele momento comecei a gostar do rádio, comecei a ouvir os programas e a ver o jornalismo que era feito e aí eu comecei a gostar, depois do ensino médio, acho que deu um ano após a conclusão eu comecei a fazer jornalismo. Fiz os quatro anos de jornalismo, comecei a fazer estágio na rádio onde eu trabalhava e começava a também participar de programas, ou de musical, fazia uma intervenção, falava da previsão do tempo, alguma coisa assim. E depois eu comecei a trabalhar no esporte, fazia o plantão esportivo e aí depois que eu terminei a faculdade, de estagiário fui promovido a jornalista dentro dessa rádio, eu já fazia toda a produção em alguns momentos fazia a apresentação do programa e também fazia as jornadas esportivas, e aí eu comecei a trabalhar em outras rádios, no esporte. As equipes na cidade de Ponta Grossa vão mudando muito, uma tem ano que faz, e aí eu fui mudando, passei acho que por umas quatro rádios na cidade, passei por MZ, por difusora, pela Santana fazendo esporte, pela CBN e assim fui começando a trabalhar com isso, comecei com plantão e depois fazendo a reportagem realmente de campo, ficava dividindo e viajando cobrindo o operário ferroviário. A partir disso comecei em uma outra rádio também, que é a 107, que é de uma faculdade particular aqui da cidade e acabei fazendo jornalismo e produzindo um material e tudo mais. Depois disso, tive uma experiência na Rádio T, fiquei por dois anos, fazia um programa em rede para 19 emissoras da rede fazia o âncora desse jornal estadual e também fazia toda a produção, apresentação, chamava cada praça pra dar a sua manchete e falar sua notícia e, depois disso, aí eu saí da T e vim pra CBN e na CBN estou já a praticamente um ano e meio, onde atua como âncora, produtor, repórter, faço praticamente toda a produção de jornal, tem pouco apoio de equipe, são duas pessoas terceirizadas que mandam boletins gravados, mas de uma forma geral quem faz esse contato com fontes, entrevistas, que pensa o jornal, sou eu mesmo todo dia que já tenho uma previsão de uma agenda, assim, que eu vou

prossequindo com as ações na cidade de Ponta Grossa. Então basicamente minha profissão foi isso, nessa metade fiz uma pós-graduação em comunicação empresarial e agora nesse momento estou no quarto período, concluindo o quarto período de bacharel em direito.

2. *Quanto tempo de experiência você tem hoje no jornalismo?*

De experiência, doze anos já.

3. *O que você percebeu de mudanças nesses últimos doze anos na relação com as fontes, na seleção das fontes no dia a dia?*

Ah mudou bastante, né. No começo, é claro que eu tinha uma relação como um sonoplasta, mas mesmo assim, o sonoplasta ele faz o pré contato antes da pessoa ir para o ar, né. Mas de lá para cá mudou muito, por exemplo, quando eu me formei em jornalismo, normalmente você ligava pra pessoa e agendava, hoje eu marco praticamente 95% das minhas pautas, todas por WhatsApp, todas. Normalmente até por conta das acessórias que utilizam muito WhatsApp, por exemplo, uma prefeitura, a de Ponta Grossa, os assessores, todos pelo Whats, como é corrido, você manda mensagem e daqui a pouco ele te responde e pronto. Somente as vezes quando você não conhece a fonte, mas mesmo assim, se você não conhece, você ligou pra fonte e ela não atendeu eu já pego e já mando Whats, oi eu sou o Clarison aqui da rádio CBN queria falar sobre o assunto tal e a pessoa já responde, hoje em dia a pessoa responde mais rápido pelo @hats do que pelo próprio telefone e também ficou fácil em alguns temas, porque antes nós precisávamos ligar, gravar, tinha toda uma questão de equipamentos, hoje dependendo você pede só uma sonora da pessoa já tem o tema você não precisa fazer uma entrevista completa com ela, você quer as vezes só uma sonora, queria que você falasse sobre isso, pode falar, pode me mandar um áudio. A pessoa já pega e te manda um áudio curto pelo WhatsApp e você já utiliza. Antigamente era difícil até, por exemplo, pra gravar você ia gravar você levava um gravador e você chegava pra fazer a edição e tudo mais, hoje você já no celular, você já gravou e teve vezes aqui na rádio a gente fez coberturas instantâneas porque hoje dependendo do lugar o sinal de telefone ainda é ruim, né, e o que que a gente fazia: gravava pelo Whats e já mandava instantaneamente, como se fosse ao vivo e isso vai rodando já esta pré editado, não tem nem o que cortar então a internet hoje facilita muito o trabalho do jornalista pra agilidade pra checar informação e pra saber, né redes sociais e tudo mais...eu acho que isso veio só pra facilitar, claro, desde que faça o trabalho como os veículos sérios fazem de não divulgar *fake news*, essas coisas, mas isso ai é um trabalho que vem sendo

desenvolvido para os veículos de comunicação que são sérios, CBN e outros fazem o trabalho como deve de ser feito.

4. Como que é tua rotina de produção hoje na cobertura local aqui em Ponta Grossa?

Então, a cidade de Ponta Grossa não é uma cidade muito grande, então não tem um vasto campo de notícias, por exemplo. Especialmente aqui na CBN eu não utilizo muito notícias policiais corriqueiras, ah, roubo de bicicleta, roubo de veículo porque isso aí acontece toda hora e relatório de polícia militar...normalmente as rádios na cidade fazem isso, aí fica...não é meu público ouvinte. O que eu priorizo dentro da CBN são assuntos gerais, assuntos que fazem parte do cotidiano da cidade e trago entrevistados, todo o programa eu tenho pelo menos um entrevistado pra fala de algum tema, por exemplo nessa semana falando sobre segurança pública que ah... muitos casos de roubos, furtos e tudo mais na cidade e aí trago uma pessoa pra falar e além disso faço uma cobertura da câmara de vereadores, os projetos que são votados dependendo da pauta, se rende ou não e também algumas coisas da assembleia legislativa do Paraná que são relevantes, por exemplo o caso dos servidores reajuste e tudo mais e além disso que interessam o público, mais voltado para economia, voltado para a política e alguns assuntos assim mais corriqueiros que a gente tem que dar...chego aqui na rádio e já começo a pescar, começo a abrir o email, ver o que chegou o que nós temos e começo a pesquisar e montar minha cabeça de jornal e o jornal tem alguns comentaristas também que eu vou encaixando dentro do programa com a entrevista e aí fica até que bem dividido.

5. Há uma ingerência na tua seleção das fontes no dia a dia ou não tem uma indicação assim: esse tem que falar esse não tem que falar? Ou você tem essa liberdade pra selecionar essas fontes?

Não, tenho liberdade qualquer pessoa, seja do partido amarelo, preto...independente disso o meu trabalho , tanto que, né...não tenho rabo preso com nenhum político nem nada, eu falo que a rádio é praticamente pública, qualquer pessoa pode falar “ah, quero manifestar meu desejo, não gostei do que a pessoa falou ontem lá na rádio CBN”, se quer vim, pode vim aqui que a gente vai debater, se quiser debater junto com a pessoa que esteve aqui a gente convida, várias vezes a gente já debateu, se precisar falar mal de uma atitude de algum político ou alguma coisa eu falo normal eu tenho a liberdade aqui pra falar sem problema nenhum de A ou B.

6. *Qual a diferença que você percebeu saindo de uma rádio, digamos, de uma programação geral para uma rádio ALL NEWS que trabalha em rede, por exemplo, como é o caso da CBN?*

Uma diferença que se nota é a audiência, a rádio comercial que toca música tem um público muito maior...pela falta de interesse da população, mas eu prefiro trabalhar em uma rádio com menor audiência e com um público mais qualificado, formador de opinião que eu encontre ele em um café em um lugar, e fale assim: “putz, é bem isso que você falou, nós temos que bater nisso”, sabe. Muita gente fala assim “ah mas o país tem que mudar”, nós temos que mudar a mentalidade das pessoas. Não adianta mudar ‘ah vamos mudar o presidente, vamos mudar o governador, vamos mudar o deputado’, tem que mudar a consciência da população e a pessoa que tá bitolada, por assim dizer, numa programação comercial ela não tem consciência do que está acontecendo no país, não tem consciência de política de economia e do reflexo na vida dela, ela quer escutar uma música quer escutar um sertanejo e ai ela vai ficar bitolada, vai ficar naquilo e nunca vai conseguir sair daquele marasmo, por isso que eu prefiro trabalhar numa rádio que tenha essa diferença.

7. *Como que é a relação com a rede na hora de selecionar as notícias? chega a ter uma seleção de materiais vindos da rede ou às vezes prefere fazer um contato, por exemplo, com uma Agência Radioweb ou uma outra instituição nesse sentido?*

Como a CBN é em rede, eu não falo praticamente nenhuma notícia nacional, nenhuma até porque a rede tem toda uma bagagem, tem repórter em todas as capitais de todos os estados, tem notícias de Brasília, então não adianta eu falar do Michel Temer na CBN Ponta Grossa se o Milton Yung conversou agora pouco com o Michel Temer, eu tenho que falar do prefeito de Ponta Grossa que ele não vai falar na CBN nacional, tenho que falar com o deputado que é da região de Ponta Grossa, tenho que falar do governador do Paraná, então eu tenho um limite de notícias regionais e estaduais.

8. *Que ferramentas você utiliza para selecionar as fontes dentro da programação ou por exemplo como que você divide a informação que vai ao ar, aquela fonte que você ouve ela, seleciona a sonora e a fonte que só repassa dados para você apurar uma matéria?*

É, por exemplo, uma fonte que a gente utiliza é de assuntos mais relevantes, assuntos que não tenham muita importância ai eu deixo pra trás, somente um nota é válida, por exemplo, uma notícia da prefeitura que um mercado da família voltou a funcionar, então isso

é uma nota não precisa de entrevista nem de sonora então não é relevante uma fonte, ou então quando chega alguma notícia de assessoria que tenha a fonte eu já nem falo, porque é irrelevante a pessoa falar algum dado que não precisa, só eu com uma nota já explica rapidinho a notícia, entendeu. Então a relevância é de assunto mesmo, do que é importante falar na CBN ou não.

9. Como que você essa relação com o público por meio dessa interação via WhatsApp, há um certo cuidado nesse sentido em receber os dados ou você preferem manter uma seleção das fontes mais pela condição dos dados?

É, eu mantenho, claro que o ouvinte pode sugerir uma fonte ou tudo mais, sugerir alguma matéria até a gente pede para que os ouvintes façam essa sugestão até pra algum assunto polêmico pra gente tratar na CBN, mas a gente cuida muito, de checar uma informação mesmo que saia, por exemplo, em algum blog eu só vou falar essa notícia depois que eu for lá, checar essa informação se realmente é isso, por exemplo, acontece muitas vezes de cargos comissionados, indicação de cargos comissionados, vou lá no diário oficial e confirmo, que não dá pra confiar hoje nos *fake news*.

10. Essa profissionalização das fontes auxilia ou complica o trabalho aqui na CBN, por exemplo, das assessorias têm ajudado ou ela muitas vezes tem complicado na hora de apurar algumas informações?

Depende, depende de quem, por exemplo, quando se trata de poder público normalmente as pessoas são interessadas em te dar o apoio, mas o poder público ou cargo ou político ai ele quer travar, ou ele quer falar só de um tema ou tem casos de deputados que está sendo investigado, esta em operação ai ele não quer falar sobre o tema, ele só quer falar de alguns tema que interessa pra ele, ai eu vou entrevistar o cara e se eu não posso perguntar sobre essa operação ai eu nem entrevisto, não tem porque eu entrevistar uma pessoa se ela não quer falar do tema principal, que ela está sendo investigada em uma operação no Paraná e não quer falar na CBN ela quer falar só de deliberação de verba orçamentária do estado pra região, eu mesclo também isso, a pessoa quer falar então vamos falar de todos os assuntos, não quer falar então deixe quieto.

11. Existe uma prioridade das fontes, por exemplo, a fonte oficial e não necessariamente a fonte popular ou as pessoas comuns, como que você vê?

Normalmente aqui na CBN a gente usa mais fonte oficiais mesmo...de representação, advogado, uma pessoa que está lutando por uma causa ambiental, por exemplo, são fontes que a gente escuta na CBN e tem voz ativa aqui.

12. Como que você vê o número de profissionais aqui dentro da emissora? Você acha que consegue cumprir com a demanda necessária da cidade ou é um problema para cobertura do dia a dia?

É um número bem limitado, totalmente limitado de profissionais até por ser uma rádio de interior, o grande problema das rádios daqui é a questão comercial, é a dificuldade de vender a dificuldade de se manter no ar, é diferente de uma outra emissora que consegue vender e tem mais audiência. Então para o anunciante apostar ele sabe que ele terá uma menor audiência, mais uma audiência qualificada e tem pessoas que no momento da crise não querem gastar esse pouco dinheiro que tem com um retorno talvez prolongado, ele queria o retorno imediatamente até para poder sair da crise e por isso reflete nos profissionais e o baixo rendimento da empresa, baixa contratação e isso dificulta também o próprio trabalho do jornalista.

13. Você percebeu uma mudança com a imigração ou ainda tem problemas no rádio hoje economicamente?

Economicamente tem, essa falta de profissionais. Se tivesse mais profissionais teria mais conteúdo, teria mais abordagens, mais fontes, mais temas durante o jornal. claro que essa mudança da AM para o FM mudou, o comercial aumentou, nota que mais comerciais entram no ar, até mesmo por conta de ser FM, muitos profissionais não anunciavam em AM e agora hoje anunciam em FM, então pela facilidade, por estar em um carro ou por estar em casa ou pela internet, mas mais no carro, e a CBN tem esse exemplo, a pessoa liga e 24 horas ela está escutando notícia. daqui a pouco ela escuta uma rádio comercial, 10 minutos de comercial ai toca uma música que ela não gosta daí ela troca de estação, na CBN pelo menos uma informação a cada 1 ou 2 minutos ela vai ter, não sei se vai gostar, mas vai ficar informada e vai entender.

b) Entrevistado: Emanuel Fornazari

Função: Repórter terceirizado

Objetivo da entrevista: Compreender o papel da produção terceirizada e na seleção das fontes pré, durante e após a apresentação do programa.

1. Desde quando é formado, onde se formou e há quanto tempo trabalha no jornalismo e no radiojornalismo?

Eu me formei em 2011 terminei o curso 2010 peguei o diploma em 2011 na UEPG e desde então eu trabalho com Jornalismo e rádio jornalismo meu primeiro emprego foi em radiojornalismo. Trabalhei na Rádio Santana comecei como estagiário depois fui efetivado desde então com pequenas interrupções sempre trabalhei em rádio nesse momento não estou trabalhando em rádio diretamente.

2. Qual o seu papel que desempenhava na construção dos programas da CBN?

Quando trabalhava na rádio CBN meu papel era de produção de notícias para serem exibidos durante a programação boletim escritos de cerca de um minuto com informações principalmente texto de apoio comunitário a população nesse sentido não era tanto uma produção questionadora ou para as grandes reportagens para dar uma pluralidade gigantesca de debates em era uma produção mais no caráter mesmo de serviços mesmo de informação de prestação de serviços para a população

3. Como mantinha as relações com as fontes para a produção das notícias?

Relação com as fontes Helena número 3 tinha um contato sem prévia que eu já existia conhecer as fontes Mas como Eu mencionei né a gente uma prisão que era baseada em produzir materiais principalmente no caráter de serviço uma população a vai ter aula numa escola ou vai está fechado uma rua vai tá fechada vai mudar o trânsito vai ter programa social em qual bairro Mutirão de emprego essas sugestões assim a gente fazia uma cobertura às vezes também da Câmara Municipal e de algumas outras pautas Nesse caso a gente ia atrás das fontes de informação para fazer um trabalho mais questionador não era tão alto mas ele trazia uma informação a respeito por exemplo a vamos pavimentar tantas ruas em Ponta Grossa detalhar por que vão ser pavimentadas essas ruas, que tipo de investimento, porque foi escolhido, quem vai beneficiar entre outros fatores

4. Que critérios utilizava para selecionar as fontes na produção das reportagens e boletins?

Eram 12 polegada por dia dividido em duas vezes né eu ia matar ele e a seleção a gente aproveitar bastante dias eu penso assim mas fazendo filtro e fazendo uma reescrita do

material para ser utilizado para dar uma cara de produção de rádio e não ficar algo de assessoria de imprensa que existem de atletismo né nesse caso então a gente utilizava de critério principalmente questão de interesse público e de serviço de coisas que fossem mais factuais e que pudesse impactar na vida da população diretamente atrapalhando o seu dia a dia ou melhorando seu dia a dia sua rotina coisas desse tipo

5. Havia uma influência da direção da emissora no momento de selecionar as vozes que falam e não falam?

Influência no sentido de restringir ou de exigir não havia nessa pergunta número 5 a emissora deixava aberto para fazer esse trabalho é emissora sugeria né algumas situações para agente abordar e daí dependendo da situação a gente fazia algumas reportagens em campo porque no contrato que a gente havia aí 3 saídas por mês para produção de reportagens de eventos mas a maioria era feita mesmo em Home Office

6. Como é a divisão entre as matérias na rua e em casa?

A divisão das matérias de rua. Na verdade a maioria dos boletins eram feitos em casa né. Eram enviados para a exibição no dia seguinte e às vezes havia em uma demanda que existe no contrato de fazer a cobertura por exemplo sessão da Câmara, a gente fazia cobertura também acompanhando a sessão de internet às vezes capturava áudios utilizava para ajustar algumas reportagens mas era isso também era tudo é feito de home office, só eventuais situações que necessitavam algum tipo de coletivo algum tipo de anúncio que a gente acompanhava mais in loco a partir de uma demanda que vinha da própria emissora.

7. Como era o trabalho de home Office desempenhado para a CBN?

Consiste basicamente em determinar um horário geralmente mais para o período da noite quando havia a produção diária de imprensa e que avisavam também sobre pautas para o próximo dia. Para fazer essa produção então geralmente faço a gravação de materiais no período da noite virtualmente também algumas situações no outro dia. Ou no dia de veiculação dos materiais como por exemplo entre 6h35 e as 7 horas da manhã quando havia alguma demanda de factual.

8. Quais critérios utiliza para selecionar as fontes e as pautas que demandam de apuração no local dos acontecimentos?

Sim a gente não tinha tanto essa questão porque a gente não fazia uma reunião de pauta ou determinava algumas situações para fazer cobertura in loco. Quando acontecia de forma espontânea era quando a gente via que tinha um projeto muito interessante, por exemplo na Câmara, que precisava de um acompanhamento. Mas algumas vezes aconteceu, não muitas, a gente fazia o acompanhamento pela internet ou quando vem uma demanda por parte da rádio de fazer alguma cobertura de algum evento, como a presença da governadora, do governador na cidade, um evento na Câmara Municipal, de Ensino Público, enfim nesse caso daí que vinha essa essas informações para a gente poder fazer. Mas como eram ações pontuais em questão contratual era um número limitado dessas saídas de campo, então não tinha tanto esse trabalho, isso ficava mais com a equipe de reportagem que fica na própria rádio e que estava à disposição.

9. *Como percebia seu trabalho diante da velocidade das informações ou de forma mais em casa ou mais na rua?*

Essa outra pergunta número é também um pouco complicado de responder porque a gente não tinha um compromisso entre aspas de ter uma fatalidade ou de sair algum tipo de informação e a gente já publicar já veicular na hora na rádio, de estar no local onde aconteceu um acidente por exemplo, do evento e fazer alguma entrada ao vivo no chão. Ela era mais fria mesmo até porque tinha um caráter de rodar algumas vezes durante o dia entre os intervalos né da programação. Então assim ela não podia ter uma factualidade, somente se o assunto fosse muito importante para estar no boletim que tivesse que entrar por exemplo até meio-dia do outro dia, então a gente fazer essa gravação e essa organização. A gente não tinha tanto cobertura dessa situação factual então para analisar mesmo essa viabilidade essa questão da rua de ter a velocidade da informação com detalhe de perto então não tinha tanto essa necessidade.

11. *Há preferência por fontes profissionalizadas (assessorias) ou não profissionalizadas?*

Havia preferência assim para fontes especializadas no caso né profissionalizadas, o que era o caso das assessorias de imprensa porque a gente trabalhava muito com essa questão do serviço. Então vinha muito esse tipo de informação através das governamentais, mas a gente tinha um cuidado para não veicular esse material como vinha na nas formas como vinham, porque assessoria de imprensa, a maioria trabalha com uma forma de tentar ressaltar o seu entrevistado não apenas passar informação de forma jornalística. Então a gente analisava isso e modificava os textos, pegava as informações principais buscava quando era

necessário alguma complementação para deixar ele um pouco mais rico e era dessa forma, mas sim a gente se baseava principalmente em produções de assessorias.

12. De que forma você divide uma fonte de informação (sem a voz) e uma fonte que irá para o ar ou uma entrevista (com sonora)?

Essa questão da divisão a gente avaliava mesmo a necessidade de uma explicação maior por parte de alguma fonte especializada sobre alguma situação. A gente trabalhava com as matérias de serviço mas algumas delas requeriam algum detalhamento pouco maior, então a gente até entrava em contato com as fontes diretamente ou através da assessoria para uma entrevista, para ter uma declaração que explicasse algo. Por exemplo, em caso de modificação de rua, como que aquilo iria impactar qual que era o alerta que deveria ter para população nesse sentido então utilizava isso para fazer saco de cimento ou no caso de projeto da Câmara que a gente vai fazer o acompanhamento para detalhar um pouco mais e mostrar porque aquela discussão estava acontecendo dentro do Legislativo, como que aquele projeto poderia beneficiar a população ou prejudicar a população. Dependendo do caso, mas era uma análise mesmo de interesse público na escala de importância da notícia.

13. Como percebe o trabalho realizado somente na redação e não na rua? Havia um direcionamento de pautas que necessitam ser verificadas in loco?

O trabalho da rua é fundamental para você conseguir ter a possibilidade de ter uma qualidade maior, uma profundidade maior. Vamos dizer assim, poder fazer um debate maior, elencar coisas diferenciadas e pensar pautas próprias. Mas como eu era apenas um colaborador eu não tenho a possibilidade de fazer uma análise que venha mais de cima que deveria ser feita pela estrutura do porque isso não existia lá dentro. O trabalho ofertado foi aceito e a gente executava, é como o combinado, mas assim na minha avaliação de jornalista é a gente percebe que cada vez as redações estão mais enxutas. Esse trabalho é fundamental de ir no local de estar acompanhando de fazer debate de ter algo personalizado que é muito mais enriquecedor para o debate público com certeza, mas como eu disse, o nosso propósito é um pouco diferente que acho que tem uma valia importante também para uma questão de programação da rádio e também para uma questão de interesse público de informação é de serviço ideal que pode ser mais direto.

14. O que atrapalha e auxilia no dia a dia para diversificar as fontes na produção?

É mais a questão de estrutura mesmo e você tem a possibilidade de se dedicar com um tempo maior e com estrutura para aquela produção, mas se você tem uma equipe de reportagem estruturada, repórter com produtor que vai respeitar e as normas jornalísticas em relação à carga horária. E também a financeira além de ter uma estrutura que te dê condições de poder fazer a apuração necessária, que é isso que vai contribuir demais para você diversificar fontes e diversificar conceitos e debates então assim tudo isso gera uma situação favorável para o debate jornalístico quando você tem mais possibilidade de analisar e de aplicar e debater os temas. Você tem possibilidade de produzir um material com muito mais qualidade de tudo, depende da análise daquela situação, não dá para condenar uma produção jornalística porque ela tem uma estrutura não adequada. Então acho que tudo tem que ser analisado nesse sentido às vezes e cobrado uma situação de determinado profissional sem que ele receba todo suporte e não só ele como também tem obrigação de exigir e de lutar por seus. Então acho que tudo isso precisa ser analisado mas para ter uma produção jornalística com mais qualidade acho que é a estrutura e das condições de trabalho.

c) Entrevistado: Thanile Ratti

Função: Repórter terceirizada

Objetivo da entrevista: Compreender o papel da produção terceirizada e na seleção das fontes pré, durante e após a apresentação do programa.

1. Eu queria que você falasse sobre a sua trajetória profissional e a sua formação.

Eu me formei, na verdade, eu terminei o curso ano passado e a formatura foi agora em abril, então é bem recente, me formei aqui na UEPG mesmo, entrei em 2014 logo depois de ter terminado o terceiro, então eu passei no vestibular de verão aqui da UEPG, ingressei e formei no ano passado. Eu era da turma de mestrado, há mais ou menos um mês eu comecei o mestrado e acabei trancando justamente por causa da carreira, que algumas coisas começaram a caminhar um pouco mais e ficou difícil conciliar as duas coisas, por isso até eu falei com você que quanto a pesquisa eu gosto muito de ajudar porque eu de certa forma sempre gostei muito de pesquisa e acho que é importante a gente não faça pesquisa somente pensando na academia mas que realmente posso diagnosticar alguma coisa que possa ser útil. Mas então na CBN eu comecei, meu primeiro contato foi em 2016, a convite do plantonista na época que era o Sebastião Neto durante o campeonato paranaense e eu participei com ele como plantonista mas eu não tinha vínculo algum com a CBN, era a convite dele que é um amigo mesmo e aí por conta disso ele me convidou e eu comecei a participar, mas não tinha nenhum

vínculo, o Mongruel nem me conhecia na época e foi mais com relação a esse convite dele mesmo, ai no ano passado, por conta do net esporte clube, que é um site aqui da cidade que eu participei e que o Emanuel é um dos donos e ele também trabalhava na CBN na época eu acompanhei a CBN durante o campeonato paranaense também do ano passado, mas ai não trabalhava diretamente, acabava ajudando ali alguma coisa, a montagem do material, das transmissões que a gente ia até os estádios, mas ai também não tinha nenhuma relação próxima, e ai no fim do ano passado, ai sim a convite do Emanuel eu comecei a parte do jornalismo. como que funciona ali? Na verdade a relação contratual que existe da CBN é com o Emanuel, que já é uma terceirização, e ai eu tenho essa sociedade com ele, digamos assim, que a gente divide as produções e o contrato, mas o acerto é todo feito com ele, digamos que eu sou terceirizada dele, é totalmente terceirizado. Eu estou lá desde dezembro do ano passado (2017). o nosso trabalho ali, mais ou menos como que ele funciona? São doze boletins por dia que a gente grava, ele grava seis e eu gravo seis e basicamente o material que eu trabalho e que boa parte do que ele trabalha são os materiais que a gente recebe, então na verdade nós não produzimos nada, o que acontece é que algumas vezes a gente recebe material de assessoria que acaba sendo mais para vangloriar os assessorados do que necessariamente a notícia, então a gente acaba moldando para que aquilo se torne uma notícia, mas não há necessariamente produção, não há apuração, eu não saio, por exemplo, para ir entrevistar uma fonte, isso o Emanuel já faz, em alguns casos em que há coletivas e tudo mais, ele vai e acompanha e aí sim ele produz, mas eu não, eu realmente, só os materiais que a gente recebe. 70, 80% são materiais diretamente das assessorias e algumas coisas que a gente acaba tendo contato com a fonte e ai acaba de certa forma produzindo, mas acaba sempre vindo algum um pré release, alguma coisa, então realmente é praticamente 100% do que vem das assessorias mesmo. O material que a gente trabalha o foco é sempre tentando trazer as doze pautas locais, quando tem alguma coisa do estado a gente sempre tenta puxar pro local, por exemplo hoje uma pauta das que eu fiz pela agência estadual de notícias foi sobre o repasse do ICMS e ai em vez de eu falar apenas do repasse estadual eu foquei no que veio para Ponta Grossa, então é sempre nesse sentido, por mais que não seja a leitura daquilo que está no site, enfim, do release da imprensa, acaba sendo trabalhado a partir daquilo que a gente recebe mesmo.

2. Qual a percepção que você tinha na faculdade sobre o radiojornalismo e a percepção que você tem hoje, depois de formada, sobre esse processo de produção no radiojornalismo?

Eu acho que uma das coisas que foi mais interessante, assim, pra mim durante a graduação, foi ter esse contato com a CBN ainda durante a graduação. A diferença foi, claro que naquela época era o esporte, então a vantagem era que ali era uma produção mesmo e aí quando eu ingressei na parte de jornalismo de certa forma teve um desencanto assim, porque, a gente acaba...eu brinco que eu empresto a minha voz, não me sinto repórter, por ser recém formada eu tenho uma visão mais apaixonada ainda do jornalismo, então realmente eu não me sinto como repórter hoje, mas tento sempre avaliar, a partir de tudo aquilo o que eu estudei no curso, para também não acabar comprando às vezes algumas versões assim, então, nesses últimos tempos a gente teve uma tensão aqui na cidade por conta da greve dos servidores municipais e eu acho que foi um momento bem interessante que eu tentei de certa forma não comprar a versão do sindicato nem a da prefeitura e realmente ponderar o que tava acontecendo, esse foi o momento em que eu não gravei releases, eu preferi escrever a notícia, então eu olhei os dois releases e escrevi a notícia para gravar, nesse sentido, eu brinco que deu assim uma caída na expectativa, mas é aquilo, infelizmente o mercado hoje é cada vez mais acirrado, mais apertado, gosto muito de trabalhar lá, acho que está sendo uma experiência muito importante, algo que para o meu currículo, querendo ou não, o selo CBN acaba fortalecendo bastante e hoje eu vejo que na cidade todas as rádio funcionam dessa forma, no caso a CBN eu diria que essa até um passo à frente de ter jornalistas que pelo menos ainda fazem o trabalho, boa parte ainda acaba lendo os jornais, como era feito antigamente, então de certa forma, acho que nesse sentido, não é o ideal, mas ainda tá funcionando de uma forma interessante.

3. Como que é a relação com esses fontes? Ela é uma relação sempre via assessoria e via e-mail, bem pragmática, como que é essa relação que você acaba estabelecendo?

Boa parte dos releases que eu gravo, eu vou até o site, por exemplo, da UEPG, eu procuro as notícias no site da UEPG, Agência Estadual de Notícias, a partir da agência mesmo, alguns releases chegam diretamente no meu e-mail, que é o caso, por exemplo, da Rodo Norte que tem assessoria própria, tem uma empresa aqui em Ponta Grossa que se chama Políticom e eles prestam assessoria para os vereadores aqui da cidade, então eles também enviam diretamente no meu e-mail, vezes ou outras eu recebo algumas coisas no NBPG que acaba sendo em decorrência da Rodo Norte que é o principal patrocinador, mas boa parte eu busco nos sites dos assessorados, no caso. Os deputados estaduais eu pesquiso diretamente no site deles porque eu não tenho contato com a assessoria, mas o Emanuel tem contato com a assessoria, então ele recebe direto no email e algumas vezes já vem com sonora também,

então os meus materiais que eu gravo que têm sonora ou é porque eu recebi diretamente no meu email ou que eu pego na Agência Estadual que já tem a sonora a gente faz o download e só encaixa o trecho da sonora. A sonora é uma coisa interessante, não sei se o Emanuel faz isso, mas eu acabo fazendo, as vezes eu corto um pouco da sonora, principalmente na agência estadual, quando falo da governadora, eles geralmente não cortam, então às vezes é aquela fala de 45 segundos, 50 segundo falando a mesma coisa e eu geralmente edito, dou uma diminuída, enfim, deixo só o que realmente é o principal e também às vezes a notícia tem a fala da governadora eu ouço e às vezes está repetindo o que eu já disse e acabo não usando, mas nada desse material sou eu por exemplo que entro em contato, nem com o assessor nem com o assessorado para pegar material, o que vem eu gravo o que não vem não é notícia.

4. Quais os critérios que você utiliza para selecionar esses materiais ou para mesmo selecionar esse trecho da sonora, digamos, quando você faz esse processo de seleção?

Bom, na verdade os materiais a gente tem meio que um padrão, como nosso foco é local, eu sempre gravo uma notícia da UEPG, claro que nem sempre algo muito interno, algo que tenha relação com a comunidade, materiais da agência estadual de notícias geralmente eu gravo sempre pelo menos dois, mas só gravo dois quando um deles dá pra puxar para Ponta Grossa, pra não ficar dois muito estadual que não tenha tanta relação com a região, a prefeitura, o site da prefeitura é uma das principais fontes o Politicom que envia no nosso e-mail, a Rodo Norte acaba sendo uma fonte bastante buscada, os deputados estaduais, o Marcio Pauliki, o Bacri, que é federal, o Aliel que é federal também, tanto os estaduais quanto os federais, sempre os que são daqui de Ponta Grossa ou da região, nos próprios sites deles, os vereadores acaba vindo do Politicom, mas alguns acabam postando muito na página do facebook, então a página do facebook acaba sendo uma forma também da gente...às vezes o release não está lá, mas a gente consegue montar algo a partir daquilo, os próprios materiais de assessoria que são postados nos portais da cidade, no caso do portal do DC e da Rede que é o material de assessoria e de repente tá lá e a gente acaba modificando alguma coisa e utilizando de lá quando assinalado como material de assessoria, então às vezes não é algo que eu recebi, mas por ser material de assessoria a gente acaba utilizando também e quando a gente utiliza uma notícia deles aí é dado o crédito à eles, é muito raro acontecer isso, mas às vezes final de semana tem pouca notícia, não chega nada e aí a gente acaba gravando e fala a informação à Rede ou enfim Diário dos Campos ou pra quem tem que dar os créditos, mas só nesse caso e o Net Esporte Clube por conta do Emanuel existe essa parceria em que a gente utiliza o material deles, eu diria que 80% dos materiais eles produzem, eles têm jornalista

trabalhando, mas a gente usa e não dá crédito, é como se fosse um material nosso também, mas aí é uma relação dele com o Emanuel, eu não sei muito bem como funciona. Mas eu diria que assim, chego em casa, vou procurar pauta entro no site da prefeitura, na AEN, que é a agência estadual de notícias, UEPG, NEQ e aí vejo no meu email se chegou alguma coisa, quando não chega no meu email eu procuro no material de assessorias em outros blogs nos próprios sites das assessorias, mas o protocolar são pelo menos esses cinco, uma de cada e aí mais um que chega ou mais um que eu busco.

5. Há uma influência de quem fala e quem não fala, digamos dentro do teu trabalho no dia a dia, ou uma ingerência de quem deve falar e quem não deve falar?

Eu acho que uma coisa, nunca veio uma ordem assim, por exemplo, esse material de assessoria dessa imprensa não usa, mas existe lógico uma tendência, se eu recebo um material de assessoria da Rodo Norte que é um dos anunciantes da rádio é mais fácil, mais justo, enfim, sair uma notícia deles, no caso a CBN aqui também tem uma relação com o CEPAN, então eu não vou gravar um material de assessoria do Marista, por exemplo. Mas isso é algo que se acaso eu gravar vou receber uma bronca ou o material não vai ser posto no ar, mas é uma coisa que acaba sendo subentendido, e com relação aos materiais, eu acredito que os materiais políticos tem uma força muito grande, como a rádio CBN sempre foi vista como uma rádio mais noticiosa, enfim, a força política acaba sendo bem grande até pela relação que o próprio dono tem com os políticos aqui da cidade, então tudo o que vem da prefeitura acaba entrando, tudo o que vem dos vereadores da cidade também são fortes. É possível perceber um pouco disso, porque desses doze boletins que a gente envia, no jornal que passa...que toca de manhã entra diremos que umas quatro ou cinco, porque é misturado o jornal daqui com o jornal da rede, então tem as entradas, então diremos que metade entra no jornal, então às que entram no jornal são as mais fortes, as de política sempre entram no jornal, então política e economia são as mais fortes, no jornal sempre tentam colocar alguma coisa de esporte, de cultura, mas se das doze, seis forem de política e economia, com certeza vão ser essas, então são duas editorias bem fortes, por mais que a gente sempre grave, hoje mesmo eu gravei uma de cultura que é sobre o Sesi em cena e uma de esporte, por conta do Net Esporte Clube, pelo menos uma eu sempre grava e o Emanuel sempre grava uma, que é o Operário, aqui na cidade o Operário é pauta todo dia no jornal, então dentro dos doze, sempre tem que ter política, tem que ter economia, tem que ter Operário...aí os outros acaba oscilando, eu sempre coloco a UEPG, acho que é a Universidade vem crescendo e é regionalmente conhecida, então acaba sendo muito forte no jornal, salvo exceções, por exemplo, a de hoje é sobre a campanha do

agasalho que já entrou, acho difícil entrar no jornal mas entra na programação, então acho que é mais ou menos...são essas as relações que existem, mas nada que...a única orientação que foi que a gente recebeu mesmo é que das doze pelo menos nove precisam ser locais, por isso que eu falo que às estaduais eu sempre tento puxar pro local pra gente conseguir incluir nesses nove, mas atualmente a gente tá conseguindo bater sempre onze, doze locais é muito difícil quando não tem como puxar, não tenho informação não tenho dado pra trazer pra relação de Ponta Grossa ou Campos Gerais, no final do ano que foi mais difícil conseguir as locais que foi mais puxado e daí foi onde veio a orientação, pra gente tentar sempre pelo menos sempre nove locais.

6. Como que é a tua rotina, você acorda e vai fazer os materiais pra deixar pronto um dia antes?

Então, é nossa deadline é até às sete da manhã do dia, então eu acabo gravando no dia anterior, na grande maioria das vezes eu gravo ai pelas cinco ou seis da tarde então é como se fosse o deadline de um jornal, de um impresso e ai as gravações eu faço nesse horário já envio pra eles mas é usado só no outro dia. E no caso das produções da segunda feira, que daí o deadline seria às sete da manhã na segunda feira, na grande maioria das vezes eu gravo na sexta, como seria materiais de assessoria e eles trabalham só até a sexta mesmo então eu gravo na sexta à noite ou no sábado de manhã, só que a gente consegue controlar melhor o tempo, pra não ficar muito frio ou muito velha a notícia por conta do Emanuel que ele geralmente grava mais tarde então os materiais que saem depois das seis ele acaba pegando e, se acaso acontecer de ter uma notícia depois que eu e o Emanuel gravamos, ai o Clarisson durante o jornal faz a leitura do release e assim a gente toca, então eu gravo o material sempre um dia antes e o Emanuel também e mesmo quando ele grava na manhã são os materiais do dia anterior, então são sempre as notícias do dia anterior como no impresso.

7. Como que é essa sintonia com o Clarisson no estúdio, vocês acabam não tendo uma reunião de pauta específica nesse sentido, é o que vai direto pra ele?

É, na verdade eu com o Clarisson a gente não tem nem contato, na verdade eu com a CBN praticamente contato algum, meu contato é sempre com o Emanuel, meu acerto de pautas é com ele, é pra ele que eu envio quando eu monto um texto, essa relação que eu tenho é como se o Emanuel fosse o meu chefe e ele respondesse pra CBN, tanto que essa orientação das nove pautas foi passado pra ele e ele que me repassou, quando tem alguma indicação, de erro de pronúncia de sobrenome, enfim, essas coisas que às vezes acaba passando, também

quem recebe é ele e ele me repassa. As reuniões, quando eles fazem reuniões é só ele que participa, eu não participo, então realmente eu sou terceirizada dele, por isso que essa relação com o Clarisson eu não tenho. O que a gente tem um padrão é pra evitar ter ruídos, enfim, um padrão de envio, o número do boletim e o nome é o mesmo que vai estar no arquivo e eu já faço a chamada pra ele, então ele só vai ler a chamada e entra o meu boletim e aí o que ele comenta o que ele acrescenta são das notícias que ele lê ali na hora ou depois que o áudio entra, então é realmente algo que o material chega pra ele faz ali na hora, não existe um combinado. O que é combinado algumas vezes é isso que eu falei do Emanuel ir até um evento pra cobrir, mas aí são eles que negociam também, até hoje eu não precisei ir nenhum evento até porque o acerto foi que quem iria seria o Emanuel por conta do meu outro trabalho, que é a agência. O Emanuel também tem outro trabalho só que ele acaba saindo mais cedo, então ele tem essa disponibilidade de horário que acaba sendo maior do que a minha e é por isso que foi acertado dessa forma e ele mesmo que vai.

8. Em algum momento chegou a entrar uma fonte não profissionalizada, digamos, sem assessoria, ou sempre há preferência pela profissionalizada?

Quando acontece, por exemplo, vamos supor: Tem um arrombamento em uma escola e aí a gente vê a postagem da comunidade, enfim, que teve arrombamento naquela região, nem sempre a notícia vai sair em algum lugar, e se for sair em algum dos portais, ou a gente vai ter que dar os créditos pra eles ou a gente apurar, e aí às vezes acontece de a gente fazer a notícia e acabar entrando em contato, por exemplo, com a diretora, enfim...ou com a pessoa daquela comunidade que fez a postagem, mas aconteceu uma vez só e quem fez foi o Emanuel, mas é muito difícil de acontecer é bem material profissionalizado mesmo, eu acho que na grande maioria das vezes são os materiais profissionalizados, o que a gente recebe, às vezes a gente até percebe que a própria sonora é algo que o assessorado gravou e deve ter mandado por WhatsApp pro assessor, que até a qualidade às vezes não é tão boa, mas assim, a forma de como chega a gente é sempre de forma profissionalizada, ou pelo site oficial ou pela página oficial do vereador, enfim, do deputado que de certa forma também hoje já é uma forma mais profissionalizada, você vê que não é uma postagem que ele foi lá e escreveu, não é tão simples assim, ou material que a gente recebe por e-mail mesmo, então são assessorias profissionalizadas mesmo.

9. *O material enviado pelos ouvintes não chega até vocês algum tipo de denúncia alguma coisa nesse sentido?*

Pra mim não, se chega alguma coisa seria no e-mail da CBN e quem vê isso é o Clarisson, mas até a mim não chega, assim, por exemplo, eu receber um e-mail da CBN falando, ó a gente tem essa sonora disso, disso e disso pra você gravar, isso não, eu tenho essa liberdade de gravar esse material que de certa forma eu quero e a partir disso eu gravo e envio pra eles, mas como a gente já tem acertado quais são essas fontes, quais são os locais que a gente busca, acaba sendo padronizado.

10. E como que você vê, por exemplo, da facilidade que as fontes profissionalizadas tem nessa construção da notícia no dia a dia/ ela facilita ou em que momentos ela prejudica?

Eu acho que a facilidade que a gente tem, eu pra gravar seis boletins eu levo 45 minutos, porque realmente é só p trabalho de gravar, editar, enviar e tá pronto, então realmente nesse sentido é algo muito rápido, não que eu considere isso, como eu falei, a forma ideal, mas hoje pelas condições de trabalho e pela forma que foi decidido que assim seria, é ok. Agora com relação a isso que você falou, a construção da notícia, eu acho que um muitos momentos a gente recebe alguns materiais das mais variadas assessorias que acabam deixando de lado o que realmente era notícia pra dar destaque ao assessorado que de certo forma a gente pode discutir se é certo ou errado, enfim, mas a gente acaba recebendo, muitas das vezes eu tenho que editar aquele release e acaba que eu tenho que reescrever, né. Na própria leitura eu já percebo e já pulo a linha, antes quando eu comecei, até por pouca experiência, eu copiava todo o release aí eu lia aí eu editava o que eu achava que tinha que editar e aí sim em gravava. Hoje em dia eu só abro a página, olho o que que é notícia, começo a gravar se percebo alguma coisa, muitas das vezes os releases políticos começam, né ‘o projeto de lei do vereador X’ e aí sim o que é a notícia, então eu já faço essa inversão automática hoje, não precisa mais copiar, escrever...enfim. Mas, nesse sentido, as assessorias no meu caso, o meu trabalho depende totalmente de uma assessoria, se as assessorias não mandam textos pra mim eu fico sem notícia e aí aonde eu vou demorar muito mais, enfim...vou ter que fazer um trabalho de apuração que não é de certa forma acertado para que se fosse feito, mas acontece de algumas vezes eu ter que trabalhar em cima do material das assessorias porque ele não vem pronto, enfim, pra ser gravado e uma coisa também que óbvio não tem como assessoria saber porque eles fazem o texto padrão e envia pra TV envia pra jornais envia pra rádio, é que não é um texto pra rádio, então às vezes acontece de ter paragrafo, frases gigantescas e aí hoje eu já tenho mais esse traquejo na hora da gravação, então eu já percebo que a linha tá muito grande então eu já consigo fazer as pausas, mas isso foi algo que eu tive que acostumar com tempo e até no começo eu fazia essa edição do texto, hoje em dia eu já consigo, pelo olhar, captar isso.

Mas sem dúvidas, hoje a assessoria é meu braço esquerdo e direito pra trabalhar na CBN e, acredito que pra própria rádio, acredito que se as assessorias da cidade deixassem de enviar materiais pra gente ou deixassem de existir, por exemplo, o sistema de jornalismo da CBN teria que mudar, porque hoje não somos contratados como jornalistas, eu mesma sou terceirizada então realmente é algo superficial, então pra você ter um jornalista ali, seis horas pra apurar e realmente produzir, seria hoje, acredito que impossível então, a assessoria pra nós segue sendo absolutamente tudo e o que mantém o jornalismo ali dentro hoje.

11. Qual é a tua percepção, é uma precarização do trabalho, ou é algo que está acertado, esta rendendo, tem possibilidades de trabalhar, enfim, como que você vê isso?

Eu acho que pelo potencial que a Rede CBN tem eu vejo como algo ruim, eu acho que a cidade tem sim suporte pra você ter uma equipe de jornalismo dentro do rádio, nem que fossem dois jornalistas, um no período da manhã e um no período da tarde pra montar o conteúdo pro outro dia que seria mais ou menos o que eu e o Emanuel fazemos, mas que realmente fosse algo produzido, eu acho que a CBN teria esse cacife e a cidade tem suporte e a cidade tem suporte pra isso, tanto de mão de obra, quanto também das notícias, enfim, das fontes do que você ir atrás. Só que de certa forma também funciona, esta funcionando bem e diremos que os próprios jornais da cidade que dizem não postar tantos conteúdos de assessoria, os próprios jornais televisivos usam dos releases pra criar suas pautas, então hoje a relação do jornalismo com a assessoria é muito forte , então de certa forma eu vejo que haveria sim a possibilidade da CBN ir para um lado mais profissional, mas de certa forma está seguindo uma tendência que até mesmo as televisões que sempre foram vistas como grandes equipes, enfim, que vão atrás das notícias também já não estão fazendo mais, então é ruim por ser só assessoria, se pudesse contratar pelo menos um para ter mais materiais próprios, exclusivos, enfim, seria ótimo. Mas é uma tendência, funciona bem, se você pegar, ouvir de manhã a programação, acho que isso até um exercício bacana pra alguém fazer, ouvir a programação completa da CBN, as entradas do boletins e o jornal e ler os dois jornais da cidade você vai ver que a manchete provavelmente é a mesma, pelo menos umas cinco chamadas de capa a gente tem nos doze boletins, então você vê que é o mesmo material, então acaba sendo uma tendência, capacidade tira e até na minha opinião por levar o nome CBN, mas não foge do mercado hoje. Eu me formei recentemente, tô na CBN e vejo esse cenário, tenho alguns amigos meus que trabalham em assessoria, então eles tem essas relações com os próprios jornalistas e a gente vê que existe uma dificuldade dos recém formados de entrar nas redações, então o recém formado entra na assessoria e às vezes da assessoria entra em um

veículo, então acaba sendo um caminho que a gente está interrelacionados e por isso que eu acho que fugir não tem muito como seria ir na contramão fazer isso.

12. Como que é a capacitação das fontes da agência, no teu trabalho dentro da agência e que a agência acaba fazendo essa capacitação?

É, ali no escritório de criatividade a gente está começando o trabalho de assessoria de imprensa agora na verdade e até é um trabalho que a gente tá pensando como moldar pra não bater de frente com o que eu faço na CBN, porque eu não queria ser repórter e ser assessor ao mesmo tempo, acho que, acho não, tenho plena convicção de que isso não é bacana. Neste momento o que a gente começou a fazer e na verdade ainda é um projeto, a gente ainda não colocou em prática, que é trabalhar releases para os nossos clientes, que na verdade o escritório de criatividade é uma agência, uma agência de publicidade, e ai nós temos alguns clientes que são clientes potenciais pra se desenvolver como fontes, então por mais que a gente ainda não tenha consolidado esse projeto o que mais ele seria. Uma de nossas clientes é uma coaching de gestão de pessoas, então seria a produção de textos, por exemplo, no sentido de como preparar, como você se tornar um bom gestor, mais ou menos o que a gente já faz nos blogs, talvez tornar isso uma coluna dentro dos blogs, dos jornais, enfim, das redes, talvez a partir do gancho...no mês passado teve a semana do MEI, aqui em Ponta Grossa que teve uma inscrição gigantesca de novos MEIS, o Microempreendedor individual, e ai, por exemplo, a gente poderia trabalhar isso com um dos nossos clientes que é a CONFIAB que é uma empresa de gestão e também de treinamento, então como que a gente pode trabalhar essa questão de gestão de saber como gerar uma empresa, de começar uma empresa a partir do nosso cliente e partir dessa informação que é um fato, então ainda é um projeto a gente ainda tá trabalhando, a gente pretende trabalhar também a ideia de mídia training que daí é realmente torna esses clientes fontes e ai é algo, um projeto que a gente tá pensando ainda em como desenvolver pra realmente não bater com aquilo que eu faço. Porque como eu gravo material de assessoria se eu começo a produzir assessoria vai parecer que eu tô produzindo os meus materiais, claro que eu não gravaria um material meu e também não enviaria pro Emanuel pra ter certeza que não entraria na CBN, mas é de certa forma algo que a gente ainda está trabalhando, hoje o forte do escritório é o trabalho como agência mesmo, no escritório eu sou redatora e sou social media, então meu trabalho é a partir de postagens, enfim, e desses textos que a gente já produz pros blogs dos clientes e ai a nossa ideia é a partir disso conseguir linkar esses blogs, esses textos de certa forma opinativos e também a partir disso noticiosos dentro da imprensa, mas ainda é um projeto, a gente fez um teste com um dos nossos clientes,

até nem emplacou muito, e ao mesmo tempo eu tenho um freela, que eu sou social media de uma banda e aí com eles eu fiz um trabalho com release que a gente até conseguiu entrar no jornal 'Diário dos Campos' e no 'Correio dos Campos' que é de Castro, se eu não me engano, mas também foi um teste e eu vi que...mais ou menos no estilo que a gente consegue entrar. Então é isso que é interessante, eu consigo perceber aquilo que entra mais fácil porque é aquilo que entra mais fácil pra mim dentro da CBN também, então é uma relação que a gente tá vendo ainda como trabalhar pra não parecer que eu tô tirando vantagem de certa forma das informações que eu tenho, enfim, mas que acaba sendo um trabalho que não bate tanto, porque o nosso foco são os impressos e os blogs, a rede no caso, o diário dos campos no site, o facebook, que como a gente trabalha com os nossos clientes no facebook aquilo que for postado no facebook pra nós é melhor ainda, então é um trabalho que a gente tá conciliando ainda, mas o interessante assim pra mim é que são duas áreas completamente diferentes que eu tô atuando e que eu acabei ingressando por tabela, foi onde eu estagiei, no escritório foi onde eu fiz estágio oficialmente no ano passado e aí também já me efetivei e continuei, então hoje eu concílio os dois, no escritório eu trabalho até às quatro, ah um detalhe importante, na CBN eu gravo em casa, então eu vou pra casa, gravo com os equipamentos que eu tenho ali em casa mesmo, mesa de som, microfone e tudo, mas é em casa, não tem isolamento acústico nem nada o que a gente cuida é na edição mesmo, então depois que eu saio do escritório eu gravo da CBN, então diremos que a minha carga de trabalho é das 9 às 6. das 9 às 4 no escritório e das 4 até às 6, mais ou menos é o tempo que eu fico ali trabalhando nos materiais da CBN.

13. Como que você vê hoje o perfil profissional de quem está nesse mercado, ou como você avaliaria o seu perfil profissional pra alguém que está entrando dentro do mercado jornalístico diante dessa tua experiência até então?

Eu acho que a gente, mais do que nunca, o jornalista ele precisa ser realmente multi, porque hoje dentro do escritório eu trabalho com a parte de redação, mas eu também, vez ou outra, tenho que trabalhar com a parte de edição de vídeo, porque nós produzimos vídeos para alguns clientes, edição extremamente simples, o básico do básico, bem o que eu aprendi editando telejornal no curso, mas de certa forma tem que saber um pouco, por conta da CBN eu trabalho com áudio então eu tenho que saber de edição de áudio e vez ou outra a gente faz alguns materiais pro comunica que é um projeto do escritório e então eu também produzo vídeos, tanto na parte de produção mesmo, de pensar pra alguns clientes quando a gente contrata uma produtora para fazer o vídeo mas o roteiro somos nós que pensamos, então

também monto roteiro de vídeos para os clientes e também roteiro de esporte para os clientes pra enviar para as rádios, então é praticamente impossível pensar mesmo dentro de algo que não é jornalístico que é a agência que eu trabalho e ainda assim ter todas essas exigências e sem dúvida o fato do curso possibilitar isso foi o que me fez ter contato com tudo isso, por mais que eu nunca tivesse feito um ao vivo no curso, nem em tele, nem em rádio só o fato de eu saber como me portar saber como falar, enfim, isso já me ajudou muito, então não dá pra dizer que eu saí do curso 100% preparada pra qualquer coisa. Eu fiz um teste ano passado na Rede Massa, passei uma manhã trabalhando com eles e eu vi o quanto é diferente o tele na prática do tele que eu fazia aqui no curso, mas é claro que essa experiência foi importante, então hoje para o profissional que está ingressando ou que está se formando se prender muito a uma técnica ou a uma área é um tiro no pé, infelizmente é um tiro no pé. Você pode ser muito bom naquilo que você faz, mas hoje o mercado não comporta alguém que é muito bom só em uma coisa, eu vejo..., tenho colegas que são fotógrafos que não conseguem se firmar mesmo no mercado porque hoje que jornal que vai contratar um fotógrafo recém formado pra ser o fotógrafo do jornal, então é...e cada vez mais morrendo, o jornal cada vez mais morrendo, então é muito difícil, ou vai acabar vivendo dentro das assessorias, fazendo as assessorias, fazendo freela para as assessorias e ainda assim acaba sendo muito limitador porque são poucas as empresas, enfim, aqui na cidade que trabalham com assessoria própria, a grande maioria trabalha com as agências e aí as agências começam a prestar serviços de assessoria que é, por exemplo, o que a gente está tentando fazer, então pra contratar um fotógrafo é muito difícil, são poucos, eu posso dizer pela agência em que eu trabalho, que são poucos os nossos clientes que vão fazer um evento e contratam um fotógrafo, a grande maioria...eu mesma vou e faço a foto...então é muito difícil hoje pra quem tá se formando, enfim, se especializar...o risco de se especializar só em algo. Desde quando eu entrei no curso todos os professores falavam isso, que a gente tinha que ser muito que a gente tinha que saber fazer um pouco de tudo e é verdade. Eu não me considero excelente em rádio, cada dia eu aprendo uma coisa nova, não me considero excelente em TV, tenho pouquíssima experiência, hoje mais o que eu tenho é a partir das produções que a gente faz pelo facebook, mas gosto de fazer isso, só que é isso, você tem que saber um pouco de tudo. Hoje não tenho dúvidas que se eu não tivesse o mínimo de conhecimento no rádio eu não teria essa oportunidade na CBN que de certa forma vai abrindo portas e portas então não dá pra ser bom só em uma coisa, infelizmente.

II) Questões entrevistas semi-estruturadas CBN Rio

a) *Entrevistado: Thiago Barbosa*

Função: Diretor de redação

Objetivo da entrevista: Compreender o papel da chefia da reportagem na distribuição de funções dentro da emissora e a adaptação a novas formas de seleção das fontes.

1. Como que é tua experiência profissional, queria que você me falasse a quanto tempo você é formado e a experiência ao longo dos últimos anos do radiojornalismo?

Eu fiz faculdade de 2000 a 2004, eu comecei a trabalhar muito cedo, eu terminei a faculdade em fevereiro e em março eu já comecei a fazer estágio em uma rádio pequena chamada Trianon em SP ainda e essa Rádio Trianon me deu uma baita experiência, foi muito legal, e aí eu trabalhei com o rádio, assim, desde um mês que eu tava na faculdade, quase nunca larguei, só teve um momento que eu fui pra TV Globo num programa de estágio lá, e aí depois desse programa de estágio fiz alguns contratos temporários na TV e aí apareceu a vaga na CBN e aí em junho de 2004 eu fui pra CBN e tô desde então na CBN há 14 anos.

2. Como que você vê as mudanças que nos últimos 14 anos passaram a seleção das no dia a dia, a forma de selecionar as fontes, desde a agenda tradicional até um contato via WhatsApp?

Isso tem mudado muito radicalmente, aquela coisa do livrinho de anotação era super importante, as fontes...recorria muito mais às fontes...os representantes...hoje em dia as fontes são mais difusas, a gente procura mais pessoas que tenham algum envolvimento com aquilo, acho que existia antigamente uma proteção maior e hoje é um pouco mais, tem mais acesso à outras pessoas, até pelas redes sociais, consegue pela LinkedIn descobrir quem é o diretor, com quem trabalhou, o que desenvolvia, o pesquisador...acho que a tecnologia mudou isso profundamente, eu tinha uma caderneta que eu ganhei dos sindicatos dos jornalistas e eu usava aquilo de base muito forte e hoje tá guardado lá na casa da minha avó, a gente usa tudo pelos contatos do e-mail e tal, contato pelo WhatsApp, e o interessante é que antigamente falava-se muito mais ao telefone, hoje você percebe na redação um silêncio quando tá todo mundo ali apurando, porque as conversas são por texto ou pelo WhatsApp ou pelo e-mail então você vai trocando, marca entrevista num certo silêncio, que é uma coisa que até dez anos atrás eu ia achar uma coisa muito estranha, mas de fato acontece é o que a gente percebe, a conversa na redação acaba sendo muito mais entre nós do que como era antigamente todo mundo falando no telefone ao mesmo tempo, é curioso isso.

3. Como que é trabalhado hoje com os jornalistas a situação por exemplo de quem entra em contato com a emissora para repassar informações por parte do público?

Tudo a gente tem que apurar, na CBN, nas organizações globo em geral isso é uma premissa muito forte muito bem estabelecida, a gente não dá nada sem checar...então alguém te trás a informação você tem que checar com pelo menos mais uma que não tenha uma relação direta “pô isso é verdade e tal”, claro que assim, tem alguns institutos que acabam sendo de maior credibilidade a gente já usa e já dá o crédito, como informações do IBGE da Fundação Oswaldo Cruz que são instituição que a gente confia totalmente, porque até hoje eles nunca erraram ou mentiram de alguma maneira que nos coloque em alguma forma em descrédito, isso pro CBN Rio, pra rádio é sempre muito importante...lista de fontes que não só trazem informações importantes como falar bem, debater bem, discutir bem, então a gente tem esse critério como um dos critérios para decidir quem a gente vai colocar pra discutir um assunto ou não e tem as duas situações, tem a situação de uma entrevista que você vai levar pro ar pra apurar alguma coisa e já coloca o cara ao vivo porque...tem uma frase que eu acho espetacular pro rádio que é a seguinte “no radiojornalismo é um prato que você cozinha e come ao mesmo tempo” e isso é muito bacana porque ele fala e faz todo o sentido, então a gente fica com grande prazer nisso e olha vamos fazer e vamos tentar entender o que esta acontecendo ao vivo, então se tem algum grande acontecimento a gente já vai colocando “ah mas foi assim, não foi”, ligar pro bombeiro, vai apurando enquanto tá acontecendo e isso é muito legal, e ai nesse momento a gente tem as entrevistas que são apurando mas a maior parte das entrevistas que a gente leva ao vivo inteira, que não é só uma fala do entrevistado é em grande reflexão, se a pessoa tem um profundo conhecimento e tem uma certa isenção diante do olhar que a gente tá buscando e que fale bem, que possa ser claro, didático pro nosso ouvinte.

4. Como que vocês dividem hoje, por exemplo, o repórter que vai pra rua e o repórter que fica na redação na central de apuração?

Tanto em São Paulo quanto no Rio tem sempre na apuração alguém apostos, São Paulo até mais tarde, 24h, no Rio a a gente tem das 6, 5 da manhã até às 10 da noite e ai a gente sempre tem alguém na redação, porque ele vai apurar as coisas do instante, do automático e sempre que alguém do estúdio precisar de alguma coisa ele tá lá, então vai ter sempre uma pessoa e o resto depende da pauta.

5. Há uma demanda de atualização tecnológica para atender essas diferentes tipos de fontes? Seja no acesso as fontes oficiais e profissionalizadas das assessorias de imprensa ou por exemplo, pra ter esse banco de ouvintes mais próximos.

Uma coisa que a gente sente falta aqui hoje que a gente usa muito e pra nós seria uma ferramenta muito importante, muito útil, que é um WhatsApp que a gente pudesse conversar com o WhatsApp isso ele não disponibiliza, se a gente usasse isso nos ajudaria muito, a gente tem o WhatsApp business que não é o que a gente precisa, mas é um WhatsApp que a gente possa com a nossa credibilidade conversar com um número maior de pessoas, ajudaria muito, não só disseminar nosso conteúdo em áudio mas também receber de uma maneira mais efetiva a participação de ouvintes, já funciona muito bem porque unilateralmente a gente recebe, cada um manda alguma coisa e a gente recebe, mas se a gente pudesse falar mais diretamente com mais pessoas, criar grupos mais definidos seria muito mais vantajoso pra gente, certamente.

6. Nessa questão das fontes que possuem assessoria de imprensa vocês veem que isso tem auxiliado no processo de produção ou muitas vezes tem atrapalhado em alguns momentos?

Depende muito da assessoria de imprensa, acho que a assessoria de imprensa...tem jornalistas que entendem bem o nosso trabalho e sabem o que falar o que vai interessar, ou seja, tem uma boa leitura, um bom olhar do que a gente põe no ar, essas ajudam. Mas tem outras que ficam insistindo muito com algumas pautas que notoriamente não tem haver com o perfil da CBN e acabam atrapalhando um pouco o trabalho, mas como a gente abrange muitas áreas essas pessoa são bem menos, a gente fala sobre muitos assuntos e tal, então as vezes acaba ajudando quando a assessoria oferece e consegue enxergar uma coisa que a gente gostaria de ter na nossa programação e que a gente não sabe quem é a melhor pessoa, quando a assessoria de imprensa consegue atuar nesse meio de juntar as duas coisas, aí ele ajuda.

7. Qual o perfil profissional que a emissora tem visto como o perfil ideal pra emissora, não só pensando a CBN obviamente, mas o radiojornalismo como um todo?

É, eu acho que assim, não vou nem colocar como rádio especificamente, mas eu acho que pro jornalismo em geral hoje, é mais importante que você procure o perfil de pessoas que sejam cultas, antenadas e principalmente muito curiosas sobre as coisas, que queira ser uma semente transformadora. A gente tem aqui no Rio três caminhos basicamente de carreira, uma carreira mais de editor que vai pegar o conteúdo que a gente coloca no ar e empacotar de uma maneira interessante pro ouvinte consumir isso nos meios digitais, nos sites nos portais e

também nas redes sociais e aí também tem uma carreira de repórter que a gente que essa cara quer esse cara curioso, procurar informação, fonte, trazer novas histórias para os nossos ouvintes e tem ali o caminho mais de estudo de apresentação (...) usar um pouco de entre aspas entreter o ouvinte pra que ele continue prestando atenção nas informações importantes que a gente leva pro ar e isso é um enorme desafio hoje pra todo o tipo de mídia, não só pro radiojornalismo mas pro jornalismo em geral e pra mídia em geral que é competir com muita informação, de alguma maneira a gente tem que ser um pouco mais atraente pro ouvinte, agradável e trazer informações que ele realmente vai achar importante pra vida dele, contar boas histórias e ter essa pessoa que vai articular com os repórteres com o noticiário que está aí, com os ouvintes também requer um jogo de cintura e um entendimento, um discernimento do que é importante pras pessoas e é muito valioso pra gente.

b) Entrevistado: Matheus Carrera

Função: Chefe de Reportagem

Objetivo da entrevista: Compreender o papel da chefia da reportagem na distribuição de funções dentro da emissora e a adaptação a novas formas de seleção das fontes.

1. Mateus, eu queria que você falasse sobre sua carreira, quanto tempo você é formado, como que você chegou ao radiojornalismo?

Bom, eu sou formado desde 2008 pela UFF, na verdade, assim, eu comecei como pesquisador de imagens na TV Brasil, passei pela transição de TVE para a TV Brasil, fiquei lá menos de dois anos, foi uma passagem rápida, estagiei lá na redação e aí depois fui pro acervo e aí no acervo eu fiquei um ano e pouco, menos de um ano e meio, foi quando surgiu a oportunidade de vim pra cá em 2009 e aí eu vim pra cá como trainee, fiquei dois anos e nove meses e sai, aí eu fui pro Globo, trabalhei no Globo três anos e pouco e depois voltei pra cá, em 2016. Então esse é a minha segunda passagem aqui pela CBN e vai fazer dois anos mês que vem, desde que eu voltei. Minha entrada no radiojornalismo foi muito por acaso, foi uma questão de oportunidade mesmo, poderia ter sido em qualquer outro veículo porque eu tava em início de carreira, procurando uma redação pra trabalhar, eu não tava satisfeito com o que eu tava fazendo, pesquisa de imagens é um pouco cansativo, ficar decupando imagens, pesquisando o acervo ou coisas que a redação pedia, era bem cansativo e monótono e eu tava querendo a redação...voltar pra redação, meu estágio todo tinha sido em redação, fiz dois anos de estágio em redação e aí voltei, consegui vir pra uma outra redação que foi a CBN e assim, na verdade assim, eu tenho de reportagem de radiojornalismo uma experiência bem limitada porque eu sempre trabalhei no site e mesmo na minha primeira passagem eu também era

repórter do site e editava o site, os conteúdos e tudo mais eventualmente eu fazia reportagem quando precisava (...) hoje em dia a nossa equipe é até menor, mas na época já tinha problema de pessoal e muitas vezes tinha que fazer pauta e não tinha gente pra fazer então às vezes eu saía do site e ia pra rua ou quando eu propunha alguma coisa, eu gosto muito de cultura então sempre que tinha alguma pauta interessante na área de cultura eu me oferecia pra fazer, então eu fiz muita coletiva de lançamento de filme, tinha uma época, lá por 2011 que tinha muito filme sendo lançado aqui, com participação de atores de hollywood e tudo mais, então eu fiz Harry Potter, Velozes e Furiosos, fiz aquela animação “Rio”, fiz o Jim Carry (...) toda vez que tinha um filme pra ser lançado eu me oferecia pra fazer, um filme grande, né, com algum artista conhecido, não qualquer um, então...o Rock In Rio eu cobri também em 2011, então essas pautas mais pra cultura eu me oferecia e o dia a dia da cidade era mais quando me deslocava do site “ah vai fazer uma passagem de rua”, então era isso o que eu fazia, então agora nessa minha segunda passagem eu tô mais focado no site, assim, então acho que reportagem aqui eu só fiz uma, que foi em um plantão que eu acabei caindo, eu fiz uma troca e acabei caindo em um plantão que foi até pós Marielle, foi até uma matéria sobre a Marielle, mas assim, eu não tenho feito repostagem, tenho ficado mais na edição e na chefia cobrindo buracos, e é isso.

2. Como que é o fluxo de trabalho na chefia?

Então, a gente já tem um fluxo que já vem ao longo do tempo, a gente já foi se organizando ao longo do tempo, se aprimorando então, assim, foi sendo mantido. Eu lembro da minha primeira passagem, algumas coisas ainda são feitas da época do informe e tal e como dá certo eu só vou mantendo, mas basicamente quando eu estive aqui eu pego o horário da manhã porque o funcionamento da chefia da tarde é um pouco diferente, eu posso falar um pouquinho também, mas de manhã quando eu chego às 6:00 já tem uma prévia que é feita no dia anterior, na verdade ela vai sendo construída sempre, a partir do momento que eu recebo o release ou vejo uma coisa no jornal que vai acontecer, por exemplo, ontem eu vi no “Ancelmo” que vai ter o julgamento do Nem da rocinha dia quatro, eu já fui lá na pauta e botei dia quatro, então assim, a gente tem uma prévia que vai sendo construída, mas o grosso dela é feito no dia anterior. Então, o que geralmente a chefia da tarde faz? Quando eu chego eu já tenho uma prévia de pauta para cobrir e o que eu tenho de repórter, quantos repórteres eu tenho, os horários, fica tudo mais ou menos esquematizado, aí eu vou e só distribuo as pautas. É claro que muitas coisas acontecem também de madrugada, a gente precisa acompanhar, ou mesmo ao longo da manhã. Você vê que por exemplo na cidade do Rio de

Janeiro é um pouco imprevisível, você tem hoje a campanha eleitoral começando, ou seja, todos os meus repórteres mobilizados pra isso, mas eu tenho tipo três casos de violência que foi uma morte de um jovem supostamente por homofobia, tem a morte da Barra que teria sido...parece ter sido o marido que mandou executar e tem uma morte do funkeiro, então assim, três casos emblemáticos que eu não posso ignorar mas eu não tenho repórter pra cobrir, então por enquanto a apuradora tá monitorando as novidades, então assim, eu reúno as pautas, os repórteres e eu faço a distribuição e vejo o que vai acontecendo ao longo da manhã e vou avaliando o que a gente vai cobrir e o que a gente não vai cobrir, se vai ser sonora se vai ser...pode ser reportagem ou que de repente pode deixar pra fechar mais tarde, por exemplo a lava jato tá rolando, a gente registrou que tá rolando, que o cara foi preso e mais tarde o repórter vai fechar que agora eu não tenho condições porque eu não tenho ninguém pra fechar, então assim, tudo isso tem que ser planejado, feito isso, depois que eu distribuo os repórteres vão pra rua, a gente passa pra produção lá de São Paulo, pra produção aqui do Rio o que a gente tem pauta os contatos dos repórteres pra que cada produção acione as pautas que eles quiserem. Então assim, se por exemplo for uma pauta de rede o pessoal de São Paulo vai acionar pra entrar no jornal da CBN ou pra entrar nos rabichos que são esses espaços de meia em meia hora que a gente tem e tudo vai depender da avaliação dos produtores, é claro que assim, existe uma orientação prévia que a coordenação manda (...), daí orienta assim, “olha essa pauta é rede, essa pauta é local, essa pauta é facebook” e ai eles fazem uma orientação assim macro mas que também é passível de alteração, eu posso chegar (parte sem entender), então a gente segue as orientações dele, mas também tem uma liberdade de reavaliar.

3. Como que é o critério de divisão, por exemplo quem fica no estúdio e quem vai pra rua?

Então, depende muito da pauta, porque existem pautas que você pode tranquilamente fazer daqui, monitorar daqui, por exemplo as operações geralmente são monitoradas daqui a não ser que tenha alguma coletiva, se a polícia federal, ou a intervenção ou a secretaria de segurança ou a PM fizer uma coletiva ou alguma coisa que a gente ache relevante, ou a divisão de homicídios como hoje é o caso, vai ter 11:30 uma coletiva na divisão de homicídios pra falar do caso da mulher que morreu na barra, só que eu não tenho repórter pra mandar, os repórteres estão longe (...)ou em Caxias ou em Irajá, não vai ter nenhum pra mandar pra barra, então a repórter vai ficar daqui acompanhando pela TV, pelos sites o que o delegado vai dizer, depois a gente vai fechar a matéria mais tarde, então assim, tem coisas que você consegue fazer da redação e outras que não, candidatos na rua fazendo campanha não tem como você fazer da redação, então você não faz, você assume que você não vai fazer ou

você vai, não tem como você fazer da redação a não ser que você fique pegando tudo o que a TV vai dar, que não é o ideal, mas a avaliação de quem fica aqui na redação e quem vai pra rua depende disso, depende da pauta, depende da disponibilidade do motorista, depende da importância da matéria do que, enfim...são esses fatores que tã ali no dia a dia.

4. Diante dessa situação, até que ponto a assessoria de imprensa ou atrapalha no dia a dia da produção?

Olha, eu diria que é meio a meio, porque assim, ajuda no sentido de que quando a gente não tem como ir pra rua ou alguma coisa, como por exemplo, eu não vou mandar, mesmo que tivesse repórter eu não ia mandar repórter pra cobrir operação porque é zona de risco, não vale a pena você botar um repórter numa zona de risco, nenhuma redação hoje em dia faz, acho que a Record ainda faz pra operação, mas assim (...) é muito difícil você mandar repórter pra cobrir operação, o que às vezes o Globo faz é assim, bota o cara ali pra falar do viaduto, da rocinha numa distância segura, assim mesmo ele não vai acompanhar o policial ele fica ali mantendo uma distância segura pra fazer uma entrada ao vivo e tal e é mais ou menos o que a gente faz, o exemplo da rocinha é muito claro porque geralmente a rocinha rende muito, a gente fica na delegacia, por exemplo, que é pra onde vão os registros se prende alguém (...) vai tudo pra delegacia da rocinha, então o repórter fica ali na delegacia da rocinha tranquilo, fechado e protegido, claro que não é garantia de nada vai que os caras resolvem descer o morro e atacar a delegacia, mas assim, vamos contar que isso não vai acontecer, mas enfim, o que que vale a pena e também os riscos de você mandar alguém pra uma pauta, assim e a assessoria ajuda nesse sentido porque eles mandam as informações, mas por outro lado às vezes atrapalha porque às vezes demora, ou manda muito pouca informação, não manda muitos detalhes e (...) ai você vai nas redes sociais, vê o relato dos moradores, consegue algumas sonoras de ouvintes, chaga no WhatsApp, você tenta crescer pra onde dá porque às vezes a informação que a assessoria passa é insuficiente.

5. A seleção das fontes, o repórter ele tem uma liberdade de selecionar ou ele precisa passar pelo crivo, por exemplo da chefia de reportagem ou é difícil de ter esse controle de fonte?

Não, geralmente assim: fonte oficial, ok. Pode dar à vontade “PM diz que homem morreu...”, agora, por exemplo, fonte de rede social ou morador raramente a gente vai, a não ser que seja um caso...a gente até usa relatos de mídias sociais, mas assim, não dá pra você cravar. Se um morador fala pra você “olha a PM matou cinco jovens aqui no alemão” o cara da rede social tá dizendo isso, um só tá dizendo isso a gente confirma, se aí um monte de

gente começa a dizer isso “oh, tem alguma coisa estranha aí, vamos chegar”, você questiona as autoridades, você tem que buscar outras vias de informação , agora não dá pra confiar totalmente em relato de WhatsApp e facebook, então assim, o repórter tem uma certa liberdade de apurar as fontes que ele achar que são importantes e quando tem alguma dúvida ou a própria chefia que ele acaba citando uma fonte duvidosa aí alerta “olha, será que isso é confiável (...)” o ideal é quando é algo muito grave tentar confirmar com mais de uma fonte e a chefia tem que estar em cima olhando assim, com quem que você falou, quem te confirmou isso, você viu se a outra pessoa está dizendo também, a PM te respondeu, o governo te mandou nota, o caso de agora, por exemplo, do vídeo do Pezão que tá circulando aí nas redes sociais com três caras dentro de um carro falando “ah você é nosso governador, não sei o que” e tavam dizendo que era miliciano e não era, então assim , não dá pra você jogar e dizer “ah o pezão foi visto num vídeo” cara, não dá, você tem que saber quem são aquelas pessoas, em que circunstância, tipo óh, o Paes falou que quer manter o exército durante os quatro anos de governo, então essa é uma informação importante porque o próprio exército já disse que tava se preparando pra deixar o Rio no final do ano, então assim, é polêmico entendeu? Ela tava me avisando, que ela não tinha me avisado antes, aí eu vou botar aqui na pauta pra não esquecer que tem essa novidade que ai o que acontece, depois que eu mando a pauta por e-mail. Quando eu chego, eu abro outra retranca, copio o que tem lá na prévia e vou mudando com as coisas que surgiram na madrugada ou vão surgindo ao longo da manhã e ai eu mando até as nove com a pauta já fechada ai você vê que eu coloquei todas as...a morte do funkeiro, a lava jato, isso não tava na prévia, surgiu de manhã, as operações a morte da corretora, crime de homofobia e tudo mais, depois que eu mando a pauta pra rede, para os produtores, eu abro uma outra retranca que é atualizada, essa atualizada é que eu vou fazendo as alterações, as atualizações, tipo eu vou anotando aqui e daqui a pouco eu vou lá e atualizo, às vezes é uma pauta que caiu, “ah essa aqui caiu, não vai rolar” ai eu já vou lá e apago, já delete, já jogo pra baixo, ou então tipo “ah, o repórter já fez a matéria, já fechou” ai eu já jogo pra consolidada, por exemplo, emprego a gente já registrou a gente não vai fechar, então assim, já joguei aqui pra baixo pra consolidar, tem esse esquema de organização que é pra poder facilitar na hora da passagem de serviço, porque quando chega a chefia do meio dia, tem que entender o que aconteceu de manhã e o que que tá pendente pra tarde, então por isso que essa organização é importante.

6. Tudo isso já em conexão com o Ricardo e a Bianca?

Não, o que acontece com eles, às vezes ele tem alguma demanda, por exemplo ontem a Bianca tinha uma entrevista pra falar do etanol, que o etanol tava muito barato e tudo mais, tava mais vantajoso que a gasolina e isso não acontecia à 8 anos e ai ela pedia “ah mateus, não tem como mandar um repórter pra fazer uma sonora na rua, pra ver se o pessoal já tá sentindo essa diferença”, como eu tinha um repórter solto, que não tava com nenhuma pauta específica, que era a Isabeli, eu falei “tá bom a Isabeli vai e faz pra você a sonora , e ai Isabeli fez uma entrada casada com a entrevista, ela entrevistou um representante do sindicato lá dos postos de combustíveis , então ficou legal (...) agora tem demandas que às vezes não consegue atender, hoje por exemplo, a própria Bianca me pediu um negócio pra gente botar, não hoje, mas de repente tentar por em algum momento que são as obras da avenida brasil que o Crivela tinha prometido que ia começar em 15 dias mas parece que esses 15 dias já passaram e acho que não começou, eu falei, cara, é uma boa pauta, ótima sugestão mas eu não sei se vai dar pra fazer porque começou a campanha e a gente tá todos mobilizados na eleição, fora os casos de violência que a cidade não para, assim, vamos ver se a gente consegue ver isso semana que vem, ou...amanhã acho que também não vai dar, de repente terça feira a gente pode tentar ver, eu nem vi como que tá a pauta semana que vem, mas eu vou, quando a Olívia chegar eu converso com ela “ oh, a Bianca deu essa sugestão, você acha que dá pra encaixar em algum dia?”, e ai a gente vê, tem demandas que a produção ou a Bianca tem que a gente atende e outras que não dá pra atender, mas assim, quem estabelece o que a gente vai cobrir sou eu em conversa com o Tiago, chego e falo “olha, temos isso”, “ah, isso não precisa cobrir”, “ ta faltando isso” (...) gente conversa “olha, Bianca, vai ter isso, isso e isso”, ai ela escolhe o que ela quer botar no programa, tem pautas que às vezes ela não quer, que ela acha que é muito, por exemplo, coisa de economia, IBGE...geralmente as pautas que a gente faz interessam a CBN Rio, tipo esses crimes, coisas da campanha política...agora...a gente tem a pauta e a produção decide o que ela vai usar ou não, as demandas que vem de lá pra cá são coisas conversadas, que a gente avalia na hora se dá pra fazer ou não e ai eu explico os motivos pra eles, falo “oh, não dá pra fazer por causa disso, disso e disso...é uma conversa” mas geralmente é assim, eu defino a pauta com o Tiago, ele veem o que a gente tem e avaliam o que eles vão colocar.

c) Entrevistada: Bianca Santos

Função: Âncora da CBN Rio responsável pela seleção, edição e produção de materiais para o noticiário local das 10 às 12h.

Objetivo da entrevista: Compreender o papel da produção e do âncora na seleção das fontes pré, durante e após a apresentação do programa.

1. Eu queria que você me falasse a quanto tempo você está na CBN a quanto tempo você é formada como que é o teu perfil profissional de chegado no radiojornalismo?

Tô já no jornalismo a 13 anos e na rádio CBN a sete, vai fazer né,...e tive a oportunidade de trabalhar numa rádio mais popular que foi a Rádio Tupi aqui do Rio e lá eu tive experiência, ainda como estagiária, e depois passei por produção e reportagem de rua, fiz muita prestação de serviço no rádio, com informações locais mesmo de trânsito, fiz polícia e fiquei lá por cerca de 6 anos e ai depois vim pra CBN e aqui também tive essa oportunidade de fazer bastante reportagem de rua, acho que isso é a origem do repórter, do jornalista. E ai teve cobertura marcante, que marcou esse período na Tupi ainda, acho que o que me marcou mais foi a tragédia do colégio de realengo, fiz a cobertura de reportagem de rua pela rádio e aqui a região serrana, a gente abordou muito e perto as chuvas na região serrana com reportagem também e isso essa reportagem de rua que acho que me deu bastante base para trabalhar no estúdio atualmente e ai passei também por produção, apuração já na CBN até que cheguei no estúdio apresentando o noticiário local da tarde primeiro, que são as inserções locais da CBN no meio da rede e, desde o ano passado o CBN Rio. Passei por um processo de ancoragem ao lado de alguns âncoras no CBN Rio já. Atualmente, desde o ano passado no CBN Rio que é o principal local da CBN.

2. Como que é o fluxo de produção hoje, desde o momento que você chega na CBN a ancoragem, o processo de seleção das fontes, a produção e depois a apresentação?

Eu chego bem cedinho na rádio, o programa começa às 10 horas da manhã então 6 horas da manhã já estou aqui, porque tem também inserção minha no noticiário local, entre 6 e 7 que é o horário que eu já estou me ambientando as notícias do dia, lendo os jornais, vendo os principais destaques da nossa reportagem do dia anterior, então é o momento que eu tô me atualizando das notícias factuais e ai depois é o processo de produção já do programa, que ai junto com o produtor do dia a gente tem uma pré produção que funciona no período da tarde do dia anterior e o produtor do dia do programa que chega também cedo e ele tem essa conversa prévia comigo e ele fica também no horário no estúdio, no horário do programa no estúdio, então nesse período de pré produção, no dia anterior a gente já define entrevistas pautadas, já faz esses pré marcadas, como por exemplo, com o secretário de segurança, a gente já sabia que hoje era um dia importante, seis meses de intervenção federal na segurança

e a gente pautou o programa em cima disso e aí veio esse entrevista prévia, na verdade marcou antes e a entrevista foi ao vivo, marcou antes já com o secretário de segurança do Rio, então tem esse trabalho de pré produção pensando em datas marcadas em algum assunto que esteja repercutindo bastante - isso que a pré produção faz e as entrevistas de cultura também, então esse contato com as fontes a gente faz na pré produção e já com essas entrevistas marcadas no estúdio com os comentaristas também, que a gente tem comentaristas diários e isso já deixa tudo agendadinho, amarrado. No dia tem essa pré produção do dia que é feita com esse pré produtor que a gente amarrava mais o factual, o factualzão, o que que está acontecendo, o chefe de reportagem já pauta os repórteres e a gente em cima disso pauta também o programa local, a gente já quais os repórteres que vão estar com casa assunto do dia e a gente vai amarrando isso com as notas dos jornais, com o que pode contribuir para ter um programa bem informativo né.

3. Você percebe muitas mudanças nos anos, na relação com as fontes, no cotidiano, na seleção mesmo das fontes, enfim, mudanças tecnológicas, mudanças no aumento assessoria?

Sim, Sim. Eu acho que especialmente com os órgãos militares, de segurança. Há hoje um distanciamento muito entre o jornalista e os batalhões de polícia, os quartéis de bombeiros e nesse meu período entre lá no início na Rádio Tupi e hoje na CBN eu pude notar isso de forma muito forte porque a gente acostumada a fazer rondo, chegava já na redação já ligava pra todos os batalhões da polícia, pra todos os quartéis de bombeiros, pra IML e você tinha uma recepção muito tranquila nessas ligações, eles passavam “ ah teve uma ocorrência, foram dois atendimentos nesta madrugada”, então a gente tinha um contato muito próximo das fontes, militares, esses órgãos mais envolvidos na segurança em especial no RJ com o agravamento da crise de segurança, houve um distanciamento e aí hoje o contato é via assessoria e tem uma burocracia muito grande, de passar por email antes, eu acho que isso prejudica um pouco o rádio, em especial, porque o rádio tem essa obrigação mesmo, de dar uma resposta rápida para o ouvinte, de prestar o serviço rápido. Então a gente não pode esperar pra saber se está tendo aquela operação, não dá pra esperar até o fim do dia se está tendo uma operação na comunidade, a gente precisa saber naquele momento pra informar se o ouvinte pode sair de casa, se ele pode levar o filho pra escola e isso realmente mudou nesse período acredito que com o agravamento da crise de segurança no Rio e prejudicou bastante a circulação do meio rádio. Mas a gente tem as fontes e quem fica mais na apuração, constrói isso durante alguns anos, eu consegui construir isso com o tempo que eu tô no jornalismo, então você consegue eventualmente ligar diretamente para um delegado diretamente para um

comandante da PM, citando a segurança que é um absurdo, está pautando o Rio atualmente. Então existe essa aproximação, acho que isso não vai se perder nunca, do jornalista com as fontes, mas atualmente está realmente um processo de afastamento por causa dessa crise instalada.

4. Existe uma prioridade hoje, por exemplo, no tratamento entre as fontes oficiais e fontes que são oriundas do WhatsApp, Facebook, dos ouvintes como um todo?

Sim sim, a gente tem muita responsabilidade nesse processo, qualquer informação que chega através de fontes pelo WhatsApp, pelos canais de comunicação da rádio, elas são checadas com os órgãos oficiais, então informações de trânsito que não vai impactar tanto, em locais que a gente já sabe que existem congestionamentos diários, é o horário de rush, a gente solta e coloca no ar com a ajuda dos ouvintes que a gente chama até de correspondentes, né. Mas se tem mortes, se tem ferido, se é uma informação que a gente vê que é uma apuração, vai pra checagem, nada entra no ar sem a checagem, sem passar pela nossa apuração ou pelas fontes oficiais que a gente tem uma relação mais próxima, então isso é um passo, assim, fundamental, passar antes a informação para os órgãos oficiais para que se confirme isso como operação policial, então é o que eu te falei, demora um pouco mais se a gente não tiver essa fonte, mas tem que passar, não tem jeito, não dá pra dar uma informação irresponsável pra depois ter que muitas vezes ter que desmentir, que isso acontece a gente sabe, ressuscitar uma pessoa é complicado, então morte em especial aqui na CBN tem muito essa responsabilidade...nem que seja um artista famoso, um nome importante...a gente só vai entrar no ar se a rádio CBN, os jornalistas da rádio confirmarem essa informação, via família, via órgão público, então isso não se perdeu e acho que não vai se perder e, hoje em dia com esse volume muito grande de informações, de fluxo muito grande de informação a todo momento é fundamental checar porque tem as notícias falsas, tem as fake news, então a responsabilidade do jornalista ainda é maior com a checagem da informação.

5. Como que você divide hoje o critério de utilizar, por exemplo, uma fonte que vai ao ar e é necessária a entrada de uma sonora, digamos, e aquela fonte que só subsidia as informações para que você construa uma nota, por exemplo, não precisa necessariamente levar essa informação ao ar?

Vai depender da relevância da notícia, do acesso a essa fonte, de como ele foi feito também porque tem a opção também da fonte, se ela falar “olha esse uma informação que eu tô te passando em off, mas eu não quero colocar a minha voz”, isso acontece muito com

ouvinte que mora, por exemplo, em área de risco e ele tem medo de represália, ele tem medo de se tornar alvo do bandido, então ele passa a informação a gente garante o anonimato e coloca no ar embasado no que ele tem pra falar e com a confirmação do órgão de segurança, a gente sabe que estão ocorrendo confrontos diários em tal ponto do rio, o ouvinte manda a informação e a gente também checa junto a polícia militar e os órgãos de segurança de que é verídico aquilo ali, então hoje em dia a gente trabalha muito nesse processo, o ouvinte mandou a informação, se ele não quiser se identificar, a gente tem aquela informação em mãos, manda pro órgão de segurança e ele vai dar uma resposta se é aquilo ali e a gente coloca no ar então já com a respostas e em outros casos se ele optar por falar, ai é muito relevante porque no rádio a voz é fundamental e isso dá um corpo a matéria, torna a matéria ainda mais importante mais especial, então na maioria dos casos a gente prioriza a sonora, se ele topa a falar, se ele quiser ir pro ar a gente vai dar esse espaço pra sonora.

6. Na sua opinião, o que é preciso considerar hoje na formação do profissional que vai pro radiojornalismo, que está chegando, por exemplo, muitas vezes pela primeira vez nessa área?

Responsabilidade em primeiro lugar, porque essa questão de checar a notícia vai ser importante pra sempre e por mais que você queira priorizar a agilidade da informação, que hoje você tem um concorrente que é a internet, não pode, não pode deixar a emoção falar mais alto que a razão e você vê aquela informação às vezes na internet, nas redes sociais e você no Into, você quer dar aquele informação, quer ser a primeira a falar no rádio, mas você não pode considerar essa emoção, é muito ruim e perde-se credibilidade quando você tem que depois corrigir essa informação e você acaba prestando um desserviço. então acho que essa responsabilidade de você checar essa informação, de você saber falar com convicção, com segurança que você tá falando é o principal, de resto é disposição porque o rádio, o mercado como um todo, está exigindo muita disposição para o trabalho, de você se entregar, entrega mesmo. Cada vez mais porque o fluxo de notícias é muito grande e você tem que estar em todos os lugares e acompanhando tudo ao mesmo tempo. Acho que é estudo e disposição.

d) Entrevistada: Rafaela Cascardo

Função: Repórter do CBN responsável pela seleção de fontes na central de apuração no programa local.

Objetivo da entrevista: Compreender o papel da apuração na seleção das fontes pré, durante e após a apresentação do programa.

1. Eu queria que você falasse a quanto tempo você é formada e como que foi tua chegada no radiojornalismo?

Tá, eu me formei em 2015, então não tem muito tempo, mas eu trabalho com rádio desde 2013, quando eu entrei na Band News, foi o primeiro trabalho que eu tive em rádio, foi a primeira experiência, a principio eu entrei como estagiária, eu comecei com muita apuração, era o principal trabalho que eu fazia lá quando eu entrei, fazia muita apuração, entrava no ar com as notícias de momento. Depois fui contratada, virei repórter, comecei a fazer matéria na rua ainda antes de me formar, aí cobri coisas muitas bacanas como a Copa do Mundo de 2014, enfim...algumas eleições embora eu tenho esse pouco tempo de formada, já cobri *Fashion Rio*, já fui ponta de jogo, então eu ficava lá no Maracanã, enfim...outros estádios fazendo reportagem de campo que eu achei muito difícil, talvez tenha sido um dos desafios maiores assim, até hoje. Então a minha entrada no rádio foi assim, aqui na CBN é a minha segunda semana, essa é a minha segunda semana que eu tô concluindo hoje, eu tô a duas semana e tô tendo um desafio muito grande de cobrir as férias da Ermelinda Rita que é a responsável aqui pela apuração no período da manhã e ai eu volto um pouco naquela primeira experiência que eu tive na Band News, mas de uma forma diferente porque aqui se concentra em uma pessoa, o que é muito legal porque eu tenho que saber de fato tudo o que está acontecendo na cidade, acompanhar tudo, quando acontece algo mais relevante que precisa de um acompanhamento ao longo do dia é passado pra outro repórter, mas quando é algo mais momentâneo eu fico acompanhando mesmo sozinha, e eu gosto bastante porque quando eu disse são coisas de momento você entra no ar toda hora trazendo informações, então eu gosto bastante de fazer.

2. Como que é o teu fluxo de trabalho aqui, o que você faz desde hora que você chega?

Então, eu tenho chegado bem cedo, 5 da manhã já tô aqui, chego um pouquinho antes pra me situar, mas a partir das 5 horas começa o jornal Primeiras Notícias e eu já tenho que tá vendo o que aconteceu de madrugada, o que aconteceu no iniciozinho da manhã porque 5 e 30 já tenho uma entrada que eu preciso falar sobre serviços, sobre transporte, sobre trânsito, sobre o tempo... mas 5:30 eu preciso dar um destaque sobre o que tá acontecendo ou sobre o que aconteceu de madrugada e geralmente é sobre violência, geralmente foi algum crime, algum assalto maior ou tiroteio que esteja acontecendo no momento, então essa parte da manhã é mais tentando recuperar o que que aconteceu de madrugada e ai depois disso é que o bicho pega, porque deu 6:00h acabou o jornal Primeiras Notícias e ai geralmente é quando começam surgir as informações que de fato a gente precisa apurar, muita violência geralmente é o que domina a apuração, não tem muita coisa leve pra apurar, a apuração é hard é pesado é

violência o tempo todo, ainda mais aqui no Rio que a gente sabe que a situação tá entregue. Então a partir das 6 é basicamente informações que chegam através de ouvinte, informações que chegam através de outros veículos, informações que às vezes algum colega passa, um amigo que tá passando na rua, enfim...hoje mesmo a gente recebeu uma informação de um roubo de carga que não saiu em nenhum outro veículo e a gente conseguiu dar essa informação porque um ouvinte passou, eu apurei e consegui confirmar que teve, então a partir das 6 horas é isso, vai chegando informações de colegas e de ouvintes e eu tenho que ficar apurando e confirmando e às vezes são tipo três coisas pra confirmar ao mesmo tempo e aí você tem que priorizar o que é mais importante aqui e fazendo isso. Eu fico até uma hora basicamente fazendo isso, por exemplo hoje tiveram algumas operações, todo dia tem, todo dia, nessas duas duas semanas que eu tô aqui não teve um dia que não tivesse operação policial, hoje tiveram eu acho que quatro operações no total ou cinco, então tipo essas informações surgiram de manhã eu confirmei e tem que ficar atualizando o todo tempo todo porque pode ter algum ferido, pode morrer alguém pode ter uma quantidade de drogas significativa apreendida, pode ter prisão, enfim...então é algo que exige uma atualização o tempo todo, então é isso basicamente o meu trabalho aqui.

3. Como que você seleciona as fontes dentro do cotidiano? se você entra mais em contato com as fontes oficiais ou percebe a necessidade de ir atrás de outros tipos de vozes?

Então, eu priorizo sempre as oficiais, porém a gente tem uma demora maior em conseguir confirmar às vezes coisas básicas que você consegue confirmar com outras fontes. Assim, informações realmente muito relevantes mesmo que demore um pouco eu priorizo confirmar com fontes oficiais, agora informações por exemplo de tiroteio, tem muita gente falando de tiroteio, tipo assim, todo mundo só fala nisso, não consigo contato com a polícia ou consegui contato com a polícia e a polícia não me passou a informação, a gente cita, a gente consegue dar a informação no ar de que há vários relatos de tiroteio porém não há a confirmação da polícia militar, mas assim tem coisas que não tem como evitar, as pessoas mandam vídeo, as pessoas mandam áudio, então assim, a gente vê que realmente tá acontecendo e às vezes as fontes oficiais não querem se comprometer, entendeu, então eles estão se organizando pra passar uma informação oficial que não vá comprometer as corporações, enfim, então é isso, geralmente fontes oficiais, porém quando são situações menores que não vá causar tanto impacto a gente consegue fazer uma apuração com fontes alternativas, digamos assim. Por exemplo, a fonte oficial da polícia militar é a assessoria de imprensa da polícia militar, mas a maioria das coisas, por exemplo, seis horas da manhã não

tem assessoria da polícia militar, só chega às 9 e eles só respondem pra gente os e-mails a partir de 9:30, então assim, eu chego 5 e vou ficar até 9:30 esperando uma resposta da polícia militar? fica complicado, então a gente liga pros batalhões, a liga pras delegacias a gente vai tentando falar e assim, às vezes tem sargento, enfim, tem PM que fala “ olha, a gente não passa informação, quem passa informações é assessoria de imprensa” e ai a gente fica com raiva, mas tem sargento que passa todas as informações e que ajuda bastante a ai a gente consegue entrar no ar com informações que foram confirmadas pela polícia de certa forma, mas não foram pela assessoria de imprensa, mas foram informações confiáveis.

4. Você percebe que a assessoria atrapalha nesses sentido, ou em que momento ela ajuda também esse contato que a gente tem hoje cada vez maior por meio da assessoria de imprensa?

Olha, eu acho que depende muito da assessoria, por exemplo, aqui como eu te falei, eu acompanho muito mais a parte de violência mesmo, porque infelizmente, como eu acompanho o factual, geralmente os factuais são relacionados a violência aqui no Rio, então o meu contato é muito com a Polícia Militar, com a Polícia Civil, com o Ministério Público que faz muitas operações também, enfim, e por exemplo, a assessoria do MP já é mais rápida, a da polícia civil demora mais, então eu acho que nesses casos essas assessorias que trabalham pra órgãos, pra corporações onde acontecem coisas o tempo todo elas não ajudam muito pra ser sincera, porque o Rio de Janeiro tá muito violento, então tinha que ter uma assessoria ou 24h até ou que chegasse mais cedo, porque 9:30 da manhã já aconteceu um monte de coisa, então fica complicado acompanhar, a assessoria da polícia civil às vezes 10 horas eles estão chegando lá, enfim. Então nesses casos de assessoria de corporações eu acho que demora pra ajudar, não é que eles não ajudam mas é uma demora que às vezes o assunto já passou, não tá nem falando mais nisso e ai eles respondem ai já não adianta mais, o rádio é muito imediatista , não é igual um jornal que você só vai publicar no fim do dia não, você tem a possibilidade de entrar no ar a qualquer momento, então você quer a informação o mais rápido possível, então nesses casos dessas assessorias específicas eu acho que podia ser mais rápido.

5. Dos materiais que vem do ouvinte, qual o filtro que você acaba utilizando pra ver se há necessidade de dar um andamento ou não tornar isso uma reportagem mais aprofundada?

Então, tem muito ouvinte que entre em contato com problemas pessoais ou com uma situação específica que ele passou, ele não foi bem atendido, enfim...isso não é muito relevante. é relevante quando o ouvinte entra em contato falando sobre um problema que é da

sociedade, que vai impactar a sociedade a população de forma em geral. Por exemplo, hoje teve ouvinte que me falou “ ah eu fui empurrado no BRT, lá é uma bagunça, não sei o que”, não é bem assim, sabe, foi um problema pessoal que ele teve, enfim, a questão da fila do BRT é uma questão de educação das pessoas, nesse ponto aí a prefeitura ou a concessionária não tem muita responsabilidade, então o meu filtro é verificar o que vai impactar a população ou que está impactando especificamente a vida dele. Mesmo assim alguns casos o que impacta apenas uma vida é relevante porque você percebe que pode impactar outras pessoas, sei lá por exemplo, é que agora já é tão rotineira essa informação que às vezes nem dá pra fazer, nem dá pra colocar no ar porque acontece direto e se a gente for colocar todos os casos não vai ter nem tempo, mas por exemplo, há pessoas que estão esperando no chão do hospital, pessoas que estão sem atendimento, não conseguem fazer uma cirurgia, estão esperando a não sei quanto tempo, isso é relevante é um relato pessoal mas que pode impactar uma população toda, porém ultimamente tá tão comum isso que nem todos os casos a gente consegue cobrir, mas é mais ou menos isso, ver o que pode influenciar uma pessoa ou uma população e também verificar, quando tem mais gente falando, mais de um ouvinte aí a gente percebe que a coisa tá, aí é isso assim, observar se são relatos que estão chegando por várias fontes, por vários ouvintes diferentes é porque muita gente está sendo impactada por aquilo então vale a pena ver melhor sobre aquilo, geralmente é assim que a gente faz.

6. Você percebe que há uma rapidez que muitas vezes prejudica o trabalho da apuração no dia a dia, de apurar com mais calma, por conta dessa velocidade que nós jornalistas temos pouco tempo e a necessidade de apurar cada vez mais?

É, é um volume de informações muito grande, especificamente aqui no Rio, muitas operações acontecendo, é uma cidade que tem muita movimentação, uma cidade grande tem muita movimentação muita coisa acontece e às vezes se a gente embarcar na onda de querer dar tudo muito rápido a gente pode ser impreciso nas informações a gente pode até errar informações, nessa onda de tipo, “ah quero dar o furo”, então acho que tem que ter um cuidado em relação a isso, em relação a essa pressa, foi o que eu falei, o rádio é imediatista, então até a gente mesmo, nem só o ouvinte quer a informação rápido mas a gente mesmo como repórter a gente quer passar a informação rápida, porque tem essa possibilidade, eu ligo “olha, quero entrar, tenho uma informação”, é muito fácil, então tem que ter um cuidado maior em relação a outros veículos, por exemplo, de apurar, de realmente confirmar, de pegar mais detalhes pra ser uma informação completa e mais rica, eu acho que é isso.

e) Entrevistado: Ricardo Porto

Função: Produtor

Objetivo da entrevista: Compreender o papel do produtor na seleção das fontes pré, durante e após a apresentação do programa.

1. Eu queria que você falasse como foi a sua chegada ao radiojornalismo, o teu perfil profissional mesmo, se é formado?

Eu me formei em 2013, eu sou da UFRJ, da escola de comunicação, eu vim direto pra CBN, eu fui estagiário aqui em 2012, eu entrei no programa de estágio na época, hoje é um pouco diferente, mas na época o estágio a gente fazia e passava pela Rádio CBN e pela Rádio Globo, a gente ficava um mês em cada área, ia revezando, e aí em 2013 eu fui contratado, virei trainee e posteriormente repórter. Foi muito...não cheguei a passar por tantas áreas assim, depois que eu fui contratado eu fiquei como repórter por cerca de um mês, mais ou menos, e foi quando...eu entrei em fevereiro, em março, no meio de março eu passei a fazer a produção do CBN Tonal, o antigo CBN Total que era um programa que ia ao ar no horário que hoje é o estúdio CBN, por lá eu fiquei até final de 2013, em 2014 eu fui pro CBN Rio, onde eu tô até hoje, na época o programa era apresentado pelo Otávio Guedes e pela Lilian Ribeiro, e de lá já tiveram alguns âncoras, o programa já mudou os âncoras algumas vezes, já passaram a Carolina Mourand e depois teve o Fernando Molica e agora tá com a Bianca Santos, nesse período então, desde 2014, eu entrei em janeiro de 2014 e tô já a uns quatro anos no programa. É óbvio que, embora eu seja fixo eu também tive um experiência no ano passado que eu fiquei um mês no site, mas principalmente nos finais de semana as nossas funções mudam, eventualmente eu faço reportagem se precisar, final de semana, ou vou pro site, especificamente agora nesses últimos meses eu venho fazendo meu plantão de fim de semana no site, às vezes eu tô na apuração por algum motivo e, atualmente eu tô numa outra configuração, além de estar no CBN Rio desde abril, abril foi quando a gente se mudou pra cá nessa sede nova. Então eu chego aqui às 4hr da manhã, faço o CBN Primeiras notícias que é um programa de rede que antecede o jornal da CBN, foi uma proposta nova que eles fizeram para o programa, ele é apresentado pelo Frederico Goulart, ele apresenta isso, é um programa de uma hora em que a nossa ideia é fazer como se fosse um esquentar pro jornal da CBN. A gente tem a ideia, além de ser mais conversado, a gente trazer o que vai movimentar o dia, enquanto o jornal da CBN destaca principalmente na primeira hora os principais assuntos não só daquele dia como do dia anterior que ainda repercutem, a nossa ideia é jogar um pouco pra frente, não só destacar o que a pessoa vai ouvir daqui algum tempo no jornal da CBN, como também passear pelas cidades, então a gente passeia pelos assuntos que vão movimentar as

principais capitais, Brasília, depois BH, na sequência o Rio e depois São Paulo num jogo mais rápido. A gente tem pouca coisa gravada, é mais ao vivo, mais conversado, a gente faz também...pega um jornal, faz um destaques dos jornais daquele dia pra quem tá acordando cedo e não pegou os jornais saber pelo menos os destaques, isso foi uma proposta nova, começou em abril como eu falei. Então eu chego aqui às 4hrs da manhã, o programa começa às cinco, faço uma pré produção rápida com o Fred e, de 7 da manhã em diante, tem uma horinha de intervalo, e 7 da manhã em diante eu cuido do CBN Rio. Nessa configuração nova, até antes disso eu, na verdade até ano passado, eu era produtor, o único produtor do programa, então eu chegava aqui por volta das 7 ou 8 fazia a pré daquele dia, fazia o estúdio e depois do almoço eu preparava já o dia seguinte, pré produzia o dia seguinte, porque a gente tenta deixar alguma coisa pré pronta, digamos assim. E aí, com essa nova configuração a gente deixa um produtor a tarde, porque eu saio meio dia, chegando às 4, então não tem como eu cuidar do programa do dia seguinte, aí isso acaba ficando a cargo do Vitor, do meio dia até às 8 não só pré produzindo o que for possível do programa do dia seguinte, como também vendo o noticiário que tem muita coisa, por exemplo, eu saía às 3 da tarde ou 4, tem muita coisa que acontece que depois que eu não estou mais dando atenção, quer dizer dou atenção como jornalista, mas como profissional em plantão, eu em tese não tô dando atenção porque eu já terminei o meu expediente e aí ele ficando até mais tarde ele pode, por exemplo, ver o RJTV, ver coisas que acontecem depois que interessa o local que podem ser destaques para o dia seguinte.

2. Esse é o papel do produtor hoje?

O papel do produtor, dele, como produtor da tarde. O meu da manhã é basicamente fazer o Primeira Notícias e a partir das 7 da manhã eu pego o espelho que ele me dá, o que ele pré produziu, é claro que a gente vai conversando ao longo da tarde, eu, ele a Bianca, o Fred, mas aí eu vejo o que ele conseguiu pro programa e eu fico com a Bianca vendo o que a gente pode fazer naquele dia, quais são os destaques que a gente vai fazer, quais são as entrevistas, que tem entrevistas também que eu tenho que marcar no dia, se tem uma operação, sei lá, uma operação do MP que tenha prendido algum político da baixada fluminense, eu tentar a entrevista no dia, porque no dia anterior eu não vou saber daquela operação, então ali o meu papel é de fazer a pré do dia, digamos assim. Eu pego o que tá quente, junto com ela, quais vão ser os destaques e monto o programa propriamente dito, que vai ao ar a partir das 10. As 10 eu vou pro estúdio, ontem você ainda me viu um pouquinho na redação, aí das 10 eu vou pro estúdio e partir dali aí é o estúdio, eu fico ali colocando as pessoas na linha, organizando a

entrada dos repórteres, é óbvio que eu vou com o espelho na mão, eu entrego o espelho pro operador, pros âncoras, enfim, o meu a gente...claro, aquilo é um roteiro que pode ser seguido ou não, depende de como é o dia, em dias mais tranquilos a gente consegue seguir o roteiro, em dias mais movimentados às vezes todo o roteiro caí. Então eu fico ali já no estúdio, organizando os repórteres, organizando os áudios, se algum repórter...você viu ali que foi um momento de tensão quando eu não conseguia separar a sonora, eu não conseguia falar com o repórter...eu separo o áudio que o repórter vai precisar usar e em contato sempre ali os âncoras e o operador, às vezes precisa tocar o áudio tal, aquele de nome tal e o repórter tal tá na linha, agora é isso agora é aquilo e a gente vai seguindo o programa até meio dia quando eu passo a bola pro Vitor preparar o dia seguinte.

3. A seleção das fontes pelo repórteres e por você durante a produção do programa, ela precisa passar por mais alguém ou ela entra de uma forma direta, digamos, a partir do momento em que você já tem a pauta organizada?

Olha isso eu não posso te dizer que existe uma receita pronta, porque ali a gente fica, tem eu e a Bianca cuidando do programa, temos o chefe de reportagem do horário, no caso a Cristiane que acabou de entrar em licença maternidade, então está sendo o Mateus Carneiro e o Tiago, o Tiago no caso é o nosso coordenador que tem uma visão mais macro, eu não posso dizer assim, que existe uma receita, digamos, vou usar o exemplo que eu falei, tem uma operação do MP, que tá prendendo político tal em uma cidade, se eu julgar com a Bianca que aquilo é relevante o suficiente pra gente não só deixar como uma matéria, mas também como uma entrevista, que isso também tem à ver com a importância do tema, eu vou procurar o MP, assim, eu vou avisar a chefia e dizer assim “oh estamos tentando uma entrevista com o MP”, porque aquela entrevista que a gente fizer no programa também vai interessar a reportagem porque o repórter pode usar o áudio da entrevista ao vivo pra editar algo e fechar uma reportagem posteriormente, então ai também tem uma situação, por exemplo, vou te dizer um outro caminho, que o repórter vai pra pauta, sei lá...aconteceu ontem uma explosão na COP UFRJ o repórter chega no local e um bombeiro, alguém que está ali coordenando as buscas se ofereceu pra falar, ai o repórter pode falar comigo e dizer “oh eu posso gravar uma sonora com ele, mas vocês querem ele ao vivo eu posso entrevistar ele ao vivo aqui pra rádio”, é uma coisa que é sempre conversada, depende muito do assunto, depende muito do dia, depende muito do tema, tem dias, por exemplo que a gente tá com pouco espaço pras coisas, então não dá nem tempo de fazer uma entrevista direito, tem dias que a gente tá mais tranquilo, que a gente pode pegar um assunto que seja, não necessariamente um rádio, dia

desses a gente fez uma entrevista com Anatel sobre a questão dos bloqueios de celular que vai passar a valer em algumas cidades, é uma entrevista de serviço, uma entrevista interessante e a gente marcou com um porta voz num dia que daria espaço para fazer aquilo, então fica difícil a gente passar uma receita, o que é. Eu acho que tá muito ligado a se aquilo é interessante por ouvirte, se aquilo vai mexer com a vida do ouvinte de alguma forma, se é um assunto que uma reportagem de 2 ou 3 minutos não dá conta, que ai a gente parte para uma entrevista e pelo tempo, a gente, hoje por exemplo, a gente dá uma relevância também muito grande, uma coisa que a gente não dava muita relevância até a entrada da Bianca, da ancoragem, que é colocar a voz do ouvinte também, seja como opinião, seja como participante de algo, ontem por exemplo foi o caso de Santa Cruz a gente colocou dois ouvintes, não sei se você lembra, falando sobre...um viu os militares no local o outro não viu, ali não é um ouvinte com uma mera opinião, uma mera ilustração, ele acaba virando personagem também, que ele tá sendo afetado.

4. Há uma preferência por fontes mais oficiais, digamos, do que a fonte dos ouvintes? Como que você percebe isso?

Olha, então, eu posso te dizer, eu entrei em 2012, então eu tô ai a seis anos, eu acompanhei um pouco, eu posso dizer pra você...como que é a palavra, eu não digo uma mudança, que não existe uma mudança completa, mas uma, vamos dizer assim, um espaço maior que a gente dá pras fontes não oficiais, Vou te explicar isso com um exemplo que é melhor. Quando eu entrei aqui, se a gente, pelo menos a orientação que eu recebia na época que eu entrei, era por exemplo mas na época não tinha WhatsApp, as coisas eram mais complicadas, a gente recebia muito ligação de ouvinte pela apuração, ouvintes que sabiam o telefone da rádio e ligavam, principalmente a rádio, então os ouvintes ligavam e falavam assim “ah tá tendo, tô ouvindo muito tiro na região do Catumbi”, tô dando um exemplo banal. Eu tinha que consultar a fonte PM, as fontes oficiais envolvidas, seja a PM, seja a cível se tá rolando uma operação enquanto não confirmasse nada com as fontes oficiais eu não poderia dar a informação, que era um cuidado muito, eu entendo esse cuidado porque é uma busca pela correção, era aquela, a gente não necessariamente vai ser o primeiro a dar a notícia, mas a gente vai dar a notícia correta, porque se a gente chegasse com uma informação de ouvinte, digamos, e desse a informação no ar, vai que, desconsiderando alguém que teria má fé, digamos que nem fosse má fé do ouvinte, mas alguém que acho que viu uma coisa e viu outra, então a gente tinha esse cuidado de tentar confirmar o máximo possível pra dar a informação correta no ar mesmo que a gente demorasse um pouco. Hoje que que acontece, hoje a gente,

eu não sei nem como a Bianca comentou isso contigo mas eu acho que é essa linha que ele deve ter concordado que a gente faz. Temos um canal para os ouvintes, ele é um canal que existe, é o WhatsApp, basicamente o WhatsApp, alguns mandam por email, pelo fale conosco, mas eu diria que o canal principal é o WhatsApp que a gente tem. A gente recebeu uma informação do ouvinte dizendo “olha não tem material na UPA de realengo”, também tô simulando aqui alguma informação, se um ouvinte mandou aquilo, eu vou encaminhar para a chefia de reportagem e alar “tem como alguém checar, de repente ver se consegue achar mais gente ou ir no local procurar a secretaria de saúde da cidade, no caso aqui do Rio pra saber se existe alguma coisa, acontece muito com falta de remédio. A gente não vai dar a informação do ouvinte a não ser em casos muito específico se for um ouvinte de muita confiança, mas ainda assim a gente prefere checar bem ao dar a informação. Se a gente tá no meio do programa e aparecem 10 pessoas falando que tão ouvindo tiroteio em Copacabana, 15 pessoas...como acontece muito, principalmente porque parte do nosso ouvinte são da zona sul, a gente sabe que o problema...então não precisa a PM chegar pra mim e dizer que tá tendo alguma coisa, se 15 ou 20, 10 ou 2 mandaram mensagens dizendo que tá tendo tiroteio em tal lugar é porque tá tendo algum problema, a gente pode não saber o que tá acontecendo necessariamente, se é uma operação no pavão pavãozinho, se é uma operação em alguma outra favela ali no local, se é um, enfim...não sabemos o que tá acontecendo, mas tá tendo tiro e aí a gente fala no ar “oh a gente tá recebendo muito relato de tiroteio em tal lugar, nós estamos checando com a polícia” aí a gente coloca eventualmente alguma gravação do ouvinte, alguém que tenha visto alguma coisa, alguém que tenha ouvido algo. Teve uma vez que teve um tiroteio grande na Babilônia, aqui no Leme e a polícia não confirmava nada pra gente até tarde, era em um sábado então ainda tem o problema de assessoria de imprensa começar funcionar tarde, enfim, sábado é problemático pra gente consultar as fontes oficiais, se era um relato que já estava acontecendo, eu dei a informação o ar junto com a Bianca de que estava...dos relatos que a gente vendo e a gente falou no ar que estava procurando as fontes oficiais para saber se de fato esse tiroteio era uma guerra entre traficantes rivais ou se tinha a participação da polícia ali no meio, então é uma palavra mágica que eu sei que é difícil de mensurar, mas vale o bom senso, o bom senso principalmente pra quem lida com o jornalismo hard no radiojornalismo, naquele jornalismo pauleira que você tá lidando com as informações a todo o momento, vale muitas vezes o bom senso. Não tenho uma receita, mas as vezes o ouvinte liga pra mim e pelo tom de voz, eu sei lá, percebo se ele tá viajando muito no que ele tá falando, se ele tá tendo muita certeza ou se ele tá falando com propriedade, temos aqueles ouvintes que sempre ligam, que a gente sabe que não passam qualquer

informação, então eu acho que, embora seja uma palavra que não dê para a gente dizer, cada um tem o seu bom senso, mas eu acho que é uma palavra boa pra definir isso. Bom senso as vezes até porque, não necessariamente as fontes oficiais vão falar toda a verdade, então se aconteceu muito isso, quando a linha amarela fechou várias vezes por causa de problema na Cidade de Deus, aí a gente consultava a PM e a PM falava “ ah foi um problema localizado”, não foi um problema localizado, pelo amor de Deus, você tá fechando a via, as pessoas estão saindo do carro, eles falam muito de...agora eu não vou lembrar o termo, mas de uma ação, eles foram recebidos a tiro em tal canto e ai teve uma troca de tiros que durou pouco tempo, ai você vai me dizer que isso foi motivo pra fechar uma linha amarela, para as pessoas saírem dos seus carros e enfim, se protegerem...não! Ai nesses casos a gente percebe que a fonte oficial não tá sendo totalmente sincera, o que acontece muito, a gente tem muita fonte oficial que mente, talvez mentir seja uma palavra pesada, mas que as vezes não fala a verdade toda da história e ai a gente acaba ficando numa situação, que a gente tá consultando a fonte oficial a gente dá o retorno da fonte oficial, mas se precisar buscar aquele retorno a gente critica, como...eu não sei se você tava ontem no momento em que eu entrei com uma matéria sobre o problema das filas de oncologia...a resposta do Ministério da Saúde foi “ah a gente fez tantas cirurgias no ano passado”, mas não é isso que eu quero saber, a gente vai dar a resposta que a gente tem que dar, a gente vai ouvir os dois lados, mas a gente também tem o direito e o dever de criticar aquele retorno que a gente dá, então assim, voltando pro início da minha resposta, qual foi a mudança que eu vi ao longo desses últimos anos até mesmo pelos canais de comunicação, de interação que ficaram mais, digamos assim, ficaram mais fáceis, principalmente com o WhatsApp, em palavras curtas, com o advento do WhatsApp ou então com a possibilidade de fazer uma interação mais direta com o ouvinte, seja pelas redes sociais, pelo Twitter ou pelo Instagram, a evolução dos canais de comunicação fez com que a gente pudesse dar mais espaço, a gente perdesse um pouco esse medo, e é uma palavra que eu tô dando, eu acho que o jornalismo como um todo existia um pouco de medo de usar o cidadão comum como fonte de uma informação oficial, não se seu eu me expressei bem, mas eu acho que agora com a possibilidade de a gente ter mais interação, de a gente poder receber ao mesmo tempo quinze mensagens, vinte mensagens de pessoas que estão no mesmo lugar e vivenciando a mesma coisa, hoje a gente pode explorar melhor e saber, entender quando a informação de fato aconteceu sem a necessidade das fontes oficiais. Aconteceu a queda de um prédio, no centro da cidade, tem...um exemplo que eu posso te dar, assim, de um programa que eu vivi, que foi basicamente isso, isso aconteceu em 2014, 2015, agora eu não vou lembrar, foi a queda de uma passarela da linha amarela, o programa na época começava 9 e

30, era com o Otávio Guedes e com a Lilian, e a gente começou, por volta de 9, 9 e 25, um pouco antes de começar o programa, a gente tinha um repórter que ficava no centro de operações aqui na Prefeitura que ele falou “ olha eu tô vendo uma movimentação aqui, parece que aconteceu algo sério”, mas ele não sabia o que era, ai depois de alguns minutos ele falou “ parece que caiu uma passarela no meio da amarela e é algo grave”, mas até então a gente não tinha nem condições de entrar no ar e dizer o que aconteceu, nesse momento a gente começou a receber pelo nosso WhatsApp, a gente já tinha esse canal de comunicação na época, a gente começou a receber dezenas de mensagens “uma ponte caiu”, “a passarela caiu”, “uma passarela caiu em cima de carro”, “oh deve ter gente morta, eu vi gente voando na hora que a passarela caiu” e era uma quantidade tão grande de mensagem que ali a gente percebeu, tem muito disso, ali a gente percebeu que era algo grave porque o ouvinte também acaba nessas horas sendo um termômetro pra gente, se você tem uma pessoa falando de um tiroteio em tal canto, todo o tiroteio é importante, mas assim, se você tem um relato pode não ser algo incomum, infelizmente numa cidade como essa a gente tem que acabar mensurando o que é ruim e o que incomum, quando a gente recebe dezenas de relatos sobre alguma coisa, seja uma explosão, seja uma queda de uma passarela, seja a queda de um prédio...pela quantidade de participação a gente entende quando uma coisa tá séria e precisa de uma relevância. Então naquele dia a gente começou o programa 5 minutos mais cedo, porque já sabia que era algo sério, a gente começou a ler o relato daqueles ouvintes, porque nem bombeiro tinha chegado e a gente não tinha nem fonte oficial, ai tudo bem...surgiu a fonte oficial falando do problema, aconteceu algo, mas a gente não tinha informação se havia vítimas, se tinha caído em cima de carros, enfim, algumas informações não tínhamos e aquele dia foi um problema porque até um repórter nosso chegar no local ia demorar, então qual foi a nossa válvula de escape: o ouvinte. O ouvinte que tava lá, a gente começou ligar pra eles “oh o que que você viu?” “vi isso, isso e isso”, “olha, não dá pra eu dizer direito, mas eu vi uma pessoa voando ali na hora que caiu” “eu vi a passarela caindo em cima de carro”, “eu tô passando aqui, eu tô vendo gente ferida” e ai nesses casos entra o tal do bom senso, muitas vezes eu ligava pro ouvinte, ouvia ele rapidinho ali, quando eu sentia que ele tava fazendo o relato...e aí é bom senso, não tem como você mensurar numa escala o que é confiável e o que não é. Eu falava “oh, ele tá falando aqui e o relato dele é bem importante, vamos colocar no ar” e ai a gente construiu naquele dia, pra mim foi um exemplo, naquele dia a gente construiu todo o noticiário, a gente chegava, a gente chegava antes da informação oficial chegar. Um outro exemplo, dentro dessa minha mesma história, um ouvinte, enquanto a gente tava falando da passarela caída, dos problemas, que tinha sido um caminhão, que também foi informação do ouvinte “um

caminhão basculante que tava com a caçamba levantada que derrubou e tal”, ai um ouvinte mandou uma mensagem e falou “ olha, dá uma checada aí porque era o horário permitido pro caminhão chegar” ninguém tinha pensado nisso, nem a globo news, a gente tava acompanhando tudo...ai eu liguei pra linha amarela, liguei pro assessor, ai consultei a fonte oficial e falei “olha, tava no horário permitido para o caminhão?”, não, não tava “ a gente vai checar o que aconteceu”. Ai eu te pergunto, a assessoria da linha amarela teve o GAP de pensamento, se antecipar, mandar pra imprensa a informação que o caminhão tava na hora errada? “Não!” Um ouvinte que alertou a gente, eu que liguei e o assessor me confirmou. Então as vezes, você falou de consultar fonte oficial, sim, as vezes a gente consulta a fonte oficial pra também não falar besteira, mas muitas vezes o ouvinte é que nos dá a informação, ou pelo menos nos dá a ideia, que é a parte dele e a gente consulta a fonte oficial pra dar a informação correta. Vou te dar um exemplo contrário, o que não foi legal. Foi uma reintegração de posse de um terreno da OI, que de uma confusão, que era um terreno da antiga Telerj, depois da OI, que tava desocupado e tinha vários moradores ali e ai a OI pediu reintegração de posse e foi uma confusão, como toda reintegração de posse tem, tínhamos uma repórter lá, tava tendo um burburinho de que duas crianças haviam sido queimadas ali dentro, naquela coisa de colocar fogo, enfim... duas crianças mortas, a gente recebeu essa informação, a gente falou “ cara, vamos checar isso” também tem isso, tem coisa que pra morto a gente não dá a informação “ ah o ouvinte falou que tem morto”, não a gente prefere confirmar antes, porque você sabe que a pior coisa do jornalismo é ressuscitar alguém, dizer que morreu e depois não morreu, então aquele burburinho e tal, ai eu fui ligando pros bombeiros e os bombeiros “ não, a gente não confirma isso”, ai uma repórter nossa que tava lá começou a pegar o relato das pessoas ao vivo, ai uma me fala no ar “ eu vi, eu vi duas crianças sendo..duas crianças queimadas”, a mulher jurou que viu, quando a gente foi ver não existiu, não era nem ouvinte no caso, era uma personagem que tava no local, ela tava de má fé? Não as vezes, ela naquele desespero você vê coisas, a pessoa perde um pouco do norte e a mulher falou no ar e jurou que viu, ai depois eu tive que consultar os bombeiros e voltei no ar, dentro do estúdio e falei no ar “olha a gente teve uma informação dessa pessoa que deu entrevista pra nossa repórter, mas de momento os bombeiros não confirmam”, ai e um caso que eu te digo que é ao contrário, que foi uma coisa que realmente não foi legal porque no final as crianças não existiam. Então assim, quais são os critérios se os pudesse objetivar os critérios pra você: primeiro a quantidade de gente falando sobre algo, digamos que aconteceu algo, a quantidade de gente, a consistência das informações que são passadas, porque tem gente que dá detalhes do que viu, tem gente que é um pouco mais assim, as vezes você recebe

cinco relatos consistentes falando a mesma coisa, se você recebe cinco relatos consistentes falando a mesma coisa é sinal de que aquilo é confiável ou passível de ser checado e também, muitas vezes a relação de confiança, isso é uma coisa importante, pode parecer banal, mas é importante, a relação de confiança que a gente tem com aquele ouvinte, embora a gente tem a participação de muitos ouvintes, nós temos muitos ouvintes fiéis e que muitas vezes passam informações muito boas pra gente, então a gente sabe quando aquele ouvinte passa uma coisa, que a gente sabe que ele não dá furo, que ele sempre colabora de uma maneira eficaz, a gente já dá uma relevância maior quando aquele ouvinte traz uma informação pra gente, é também uma relação que tem muito em rádio, a confiança, tanto que o ouvinte sente com o veículo (...) se se a vontade com essa informação do veículo e a gente tem com determinado grupo de ouvintes que muitas vezes nos são fiéis.

III) Questões entrevistas semi-estruturadas BandNews Rio

a) Entrevistado: Rodolfo Schneider

Função: Diretor de Jornalismo e âncora do BandNews Rio 1ª Edição.

Objetivo da entrevista: Compreender o papel da direção no direcionamento das relações entre os jornalistas e fontes no processo de produção dos noticiários locais, do âncora na seleção das fontes pré, durante e após a apresentação do programa.

1. Quais as mudanças nas relações com as fontes que a BandNews passou nos últimos anos?

Eu acho que a resposta para isso tem várias vertentes, acho que sim, como temos um aprimoramento muito grande das assessorias de imprensa, aquilo que era tímido no passado passou a ser fundamental, hoje pequenas empresas, jogador de futebol, todo mundo tem. Isso tem um lado positivo porque atendem a imprensa, mas muitas vezes tem sido pior do que quando não havia essa relação. Antes você falava direto, hoje tem muitos casos que estão mais preocupados em dificultar o trabalho da notícia do que efetivamente assessorar. Sobre a relação, quando eu entrei na BandNews nós fazíamos o trabalho habitual, mas percebemos num determinado momento que o correto era tornar o o ouvinte nosso principal foco. Muito na linha do que o Boechat sempre prega, ele foi nosso precursor nisso, e a gente passou a criar uma relação que é muito voltada para o ouvinte. Toda a equipe trabalha pensando neles e nossa relação com a corrida pela informação mudou muito. Antes a fonte oficial era o foco em detrimento da testemunha da história, a polícia diz, a secretaria fala; hoje é o que ouvinte fala e depois vamos atrás das fontes oficiais. E a terceira vertente é um pouco que nesse tempo que tivemos a criação da BandNews a 12 anos, a tecnologia mudou essa relação. Antes para falar com o ouvinte era o telefone, o cara manda foto, vídeo, áudio via WhatsApp, de forma muito

mais fácil. Isso também mudou a relação do jornalista, pois quando comecei a trabalhar eu fazia a ronda ligando para os quartéis para saber o que estava acontecendo na cidade. Hoje com essa interação com os ouvintes, recebemos todos os dias um caminhão de informações, por exemplo, um caso de tiroteio que recebemos e vamos atrás do retorno e cruzar as informações.

2. A estratégia de interação constante com a audiência já nasceu com o projeto da sucursal Rio ou veio depois?

Começou na BandNews do Rio de Janeiro, graças a essa veia do Boechat e eu estava como chefe da redação na emissora, então foquei muito nisso. Eu acho que a gente passou a ter uma relação ainda não vista entre a redação e o seu público. Vamos desde pegar a informação até se envolver com os problemas dos ouvintes mesmo fora do ar, sem isso muitas vezes se tornar uma informação que vai para o ar. Até porque eles nos subsidiam também em questões que não vão para o ar na programação. Nós se envolvemos com as causas.

3. Que ferramentas utiliza durante a apresentação para a seleção das fontes?

Temos uma equipe no telefone com a apuração voltada para os âncoras que estão no ar, eu uso o email durante a ancoragem para trocar dados com os ouvintes e fontes, além do meu WhatsApp com as fontes que me ajudam no dia a dia, além de uma jornalista específica no WhatsApp da emissora.

4. Há um cuidado sobre as informações recebidas pelas fontes via WhatsApp?

Nós temos tratamentos diferentes para cada informação. Por exemplo: “ - mataram um traficante fulano de tal; - sim, mas o senhor está aí?; - não, eu soube; - mas quem soube?”, depois liga para fonte oficial, depois liga para associações próximas. Não é repassar a informação e vai para o ar. O que acabamos tendo na relação com o ouvinte é a intensidade dos dados que eles nos repassam, a gente acredita no ouvinte até porque enquanto um liga, outros também falam sobre a mesma informação, cruzamos os dados e levamos para o ar. Nós confiamos plenamente no ouvinte, o que não quer dizer que não nos enviem boatos, coisas que estão viralizando achando que é verdade. Por isso temos que apurar por ele e dizer a esses ouvintes que isso não é verdade. A gente acredita no que ele está falando no sentido de ir atrás daquela informação, não no sentido de que o que ele mandou a gente bota no ar imediatamente. Olha eu acabei de ver um acidente aqui que tem 18 mortos, espera aí, liga

para o corpo de bombeiros, vê se tem essas informações, se não tem, não vai para o ar. A informação mais pesada ainda vamos à fonte oficial para confirmar.

5. Há a demanda por atualização tecnológica para atender aos diferentes tipos de fontes na produção dos radiojornais da emissora?

A gente está o tempo inteiro participando de congressos e buscando atualizações tanto na televisão como na emissora. Buscamos tecnologias diferentes para aprimorar ainda mais a interação. Por exemplo, o WhatsApp só permite que tenhamos uma base para observar as mensagens que chegam à rádio. Então estamos desenvolvendo com a empresa uma forma de poder ter outros computadores espelhando aquelas mensagens para gente colocar mais gente cuidando dessa área e também depurar tudo isso com um pouco mais inteligência. Por exemplo, um ouvinte de realengo que entra em contato já entraria nesse sistema georreferenciado, um programa nosso como um banco de informações de fontes para explorar melhor nos nossos programas e nos programas realizados nesses locais.

6. Que perfil profissional a emissora busca na construção da notícia? Multifunção?

Tem duas coisas primordiais, a questão cultural, os testes básicos que fazemos sobre o trabalho, mas principalmente observar o faro jornalístico e a disposição em dar ouvidos a quem está nos ligando. Enfim, entender que o nosso ouvinte é nosso patrão e a coisa fundamental da nossa programação. Então, assim, tem que ter a busca pela notícia, não deixar de lado a história do ouvinte, se engajar nessa nossa luta que aqui o ouvinte é nossa prioridade máxima e ele se faz ouvir. No caso de alguém que vai crescendo aqui tem que agregar isso e a multifuncionalidade, o mercado vai sobreviver com a pessoa que não vai ser apenas um repórter ou um editor. Na BandNews, o repórter vai para rua, ele volta, alguém corrige o texto mas já vai para a ilha de edição, grava, edita e dependendo do horário, ancora a programação que está no ar, inclusive monitorando e operando a mesa. Isso é um avanço sensacional, não sou contra as funções, mas o mercado pelo tamanho das redações pediu isso. A seleção natural do jornalismo vai buscar quem vai sobreviver dentro disso.

7. De que forma distribuem as funções de quem fica na redação nos setores de apuração ou vai para a rua?

Eu acho que a rua demanda daqueles jornalistas fuçadores, daqueles que conseguem observar coisas que poucos observam. É claro que a gente vai ter dentro da redação pessoas que tenham esse perfil, mas fazem um excelente trabalho como ancora, ou cresceu e soube

gerenciar pessoas o que não quer dizer que não tenha faro jornalístico na chefia. Depende muito na análise do dia a dia e perceber os perfis de cada um.

b) Entrevistado: Taís Dias

Função: Chefe de Redação

Objetivo da entrevista: Compreender o papel da chefia da reportagem na distribuição de funções dentro da emissora e a adaptação a novas formas de seleção das fontes.

1. Quais as mudanças nas relações com as fontes que a BandNews passou nos últimos anos?

A gente começou lá atrás e era uma coisa muito experimental, nós tínhamos um mural chamado interatividade no nosso site onde ficavam os registros das mensagens, então as pessoas buscavam aquilo, mas sem moderação. Então a gente começou a perceber com aquela participação tradicional, mas uma coisa ainda muito pequena até porque era uma rádio completamente nova. Aos poucos, quando a rádio começou a ganhar audiência, a interatividade se tornou algo obsoleto e fomos sentindo a necessidade de ampliar isso. O Boechat trouxe muito dessa interação ouvinte-BandNews, ele foi o grande marco, já como entendedor do papel do ouvinte na rádio não só para ouvir, mas para participar. Então hoje a gente milhões de fontes, milhões de repórteres pelo Brasil todo e no Rio milhares. O nosso ouvinte entende o papel de protagonista, aqui a gente acaba sendo um mediador para levar ao ar esse jornalista amador. Depois do mural colocamos uma central de atendimento ao ouvinte por meio do telefone, aí houve o entendimento que os dois números confundiam, depois com as redes sociais e o email a interação se modernizou. E hoje o WhatsApp veio para transformar e a BandNews foi a primeira a usar esse canal. Quando a gente botou no ar pela primeira vez tinha um limite de mil pessoas que estourou na hora, travou e buscamos alternativas para usar no computador. A cada dia isso só aumenta. Hoje nossa principal forma de chegada de participação de ouvinte é o WhatsApp. Hoje pensamos em como fazer para administrar essas mensagens de forma otimizada com várias pessoas respondendo aquele mesmo número. Hoje são dois repórteres contratados somente para responder o WhatsApp, atendendo os ouvintes selecionando o que é uma notícia factual, o que é uma denúncia que precisa ser apurada e pode esperar um pouco mais e a notícia corriqueira.

2. Qual o papel da chefia da reportagem no direcionamento das funções dentro da redação?

O chefe de Redação é responsável tanto pela linha editorial no sentido de coordenar a parte jornalística e também a parte administrativa da rádio no Rio. Então tudo o que vai ter de

contratação, demissão, burocracia passa pelo chefe de redação. No caso do jornalismo, por conhecer a linha editorial da casa, a gente tira as dúvidas, revisa o texto e demais orientações.

3. Há uma ingerência em quem fala ou não fala na programação? Que tipos de critérios devem ser utilizados nessa seleção?

Quando a gente fala de trânsito, nós entendemos que uma pessoa não vai perder o tempo dela para enviar uma informação que não é verdade. Então a gente usa automaticamente a regra de três de pessoas. Já quando é um tiroteio, se for alguma coisa que tenha uma grande mobilização no WhatsApp, se for uma só que mandou nós procuramos a polícia, agora se foram muitas pessoas mandando, nós botamos no ar primeiro e depois vamos para a Polícia. Nesse caso há um consenso que se muita gente manda, não faz sentido não acreditar na veracidade. Denúncias que precisam de mais apuração, análise e podem esperar um pouco mais vão para o relatório feito pelo jornalista responsável pelo WhatsApp e aí a gente define quem irá apurar e quando. Aí que entra o chefe de redação e o chefe de reportagem.

4. Qual a importância das novas tecnologias no processo de apuração e integração do grupo bandeirantes?

A gente acabou trazendo essa central de apuração porque aqui na BandNews é onde temos o maior fluxo de chegada de notícias. Até pelo imediatismo da rádio, você tem o ouvinte participando o tempo todo diferente da TV que possui horários específicos no fim do dia. Dá um fluxo em que a mensagem que chega no repórter do WhatsApp, vai para a central de apuração em conjunto com a chefia que define o que será levado para apurar ou não em conjunto com a TV. Muitas vezes a TV se aproveita dos vídeos, áudios, imagens enviadas pelos ouvintes.

5. Qual o perfil profissional que a emissora procura?

Nós procuramos sempre uma pessoa proativa, porque você precisa de alguém que vá atrás da notícia e não se conforte com esse ritmo atual em que tudo chega para o jornalista. Eu sou de uma época de fazer ronda, então eu gosto de olhar para alguém que quer sempre mais da notícia. Isso é fundamental porque ela não se contenta com pouco, ela precisa apurar e o ouvinte ganha com isso.

6. Qual a prioridade às fontes? Oficiais ou não oficiais? Profissionalizadas ou não profissionalizadas?

Há uma prioridade muito grande para os ouvintes, as fontes populares. A gente tem o entendimento que diante das autoridades que temos, sendo presas, com pouquíssima credibilidade, envolvidas em escândalos, é o cidadão comum que tem a fé pública. A autoridade que está cometendo um monte de crimes é que tem que responder pelos seus atos e não o cidadão, esse está certo, a gente acredita que ele está certo até que se prove o contrário. Se temos a palavra de um e a de outro, a gente fica com o ouvinte. Aí foi o grande lance que a BandNews e que agora os outros veículos estão começando a entender isso também, o quanto a gente ganha. Eu te digo com certeza que o número de informações erradas que chegam é o mínimo. As vezes há até um entendimento coletivo sobre o que é errado e os próprios ouvintes corrigem. É um relação de confiança, inclusive de puxar a orelha da rádio, de não concordar, muitas vezes nos corrigimos no ar. Essa questão do ouvinte cria uma relação de parceria que penso que ninguém conseguiu fazer ainda e se a gente não abrir espaço para ele interagir, você fica para trás. Ninguém quer ser passivo, você quer ser ouvido, quer ser lido.

7. De que forma distribuem as funções de quem fica na redação nos setores de apuração ou vai para a rua?

É uma discussão que todo mundo fala, mas acho que não vai acabar a função do jornalista. Primeiro esse profissional precisa ser multimídia, não pode só falar ou só escrever, tem que saber fazer tudo, vai te exigir isso. Mas eu acho também como jornalista, como chefe de redação, o meu ouvinte participa agora. Talvez eu demorasse um dia inteiro para saber sobre um assalto em São Gonçalo, o que não acontece pois eu tenho uma testemunha lá que participa e é moderado pelo jornalista aqui na redação. Eu tenho um jornalista para moderar aqui, para conversar, apurar e perguntar diretamente com o ouvinte e com as mesmas perguntas que fazemos na rua no dia a dia. Esse olhar ainda vai precisar do jornalista. Talvez não precisamos pra se locomover, porque em muitos casos aqui dentro, o tempo de locomoção você já produz a matéria. Agora sempre será necessário o jornalista para fazer o texto final e corroborar que aquilo ali tem credibilidade e foi apurada.

c) Entrevistado: Mário Dias Ferreira

Função: Chefe de Redação BandNews e Âncora

Objetivo da entrevista: Compreender o papel da chefia de redação na distribuição de funções, e como âncora na seleção das fontes pré, durante e após a apresentação do programa.

1. Quais as mudanças na seleção e relações com as fontes que a BandNews passou nos últimos anos?

Cada dia da pra perceber que a questão da inovação e a tecnologia, da forma com que o ouvinte interage conosco, agiliza o nosso processo, causa uma preocupação pelo compromisso de não colocar no ar sem apurar. Por exemplo, um caso que virou notícia pelo mundo foi a imagem do Michael Jackson com o fuzil. Isso chegou pra gente na segunda-feira com vários ouvintes compartilhando. Aquela questão do cara que não viu, mas recebeu de um grupo e compartilhou, então a gente tem esse compromisso de ter alguém preparado no WhatsApp para apurar. Recebemos isso pela madrugada e somente depois das 10h da manhã foi que a Polícia confirmou que tinha identificado a quadrilha no Dona Marta que realizou. Mas poderia ter sido uma montagem e imagina se estivesse dado, por isso temos uma central de apuração. A cada dia temos notado que é uma ajuda, mas também é um perigo. Imagina se passar algo que é uma mentira que afeta muita gente. O caso da van escolar em São Gonçalo é outro exemplo em que a gente confirmou com a Polícia Militar e outros meios de comunicação. São coberturas dinâmicas, e a gente teve uma preocupação pelas crianças, claro que tem coisa que demora. Tem ouvintes que se tornam fontes nossas e a gente confia mais, quase como um colunista, uma pessoa ligada a autoridades, enfim. Até outros meios ligam para cá pedindo o telefone do ouvinte dependendo da história que ele passa. Agendas todo mundo faz, a pessoa que nos prestigia nós procuramos checar. Com relação à fonte, tudo isso ajuda, telefone WhatsApp, as nossas fontes mesmo. Eu tenho uma de Niterói que vai me repassando as informações da região, um comandante da Polícia, enfim, quem tem informações e vai repassando sempre. A prioridade sempre é o ouvinte. Mesmo quando não é uma informação que será aprofundada, um caso específico, nós ligamos para a autoridade e repassamos para esse ouvinte. Uma troca de informações, nós mantemos uma relação, claro sem demagogia, um trabalho voltado pra eles. Nós temos isso, mas procuramos fazer as agendas oficiais e as pautas dos ouvintes. Hoje por exemplo são as operações do Governo Federal em segurança em Niterói. Então a gente já tinha uma pauta de ouvinte e mandou o repórter pra lá para cobrir as duas. Nesse caso era uma denúncia muito boa e não podemos deixar de apurar esses casos.

2. Quando a Band percebeu a necessidade dessa interação constante?

Foi nesse retorno, no início da rádio era algo novo, as pessoas não conheciam a BandNews no formato All News como a primeira rádio no FM. Aqui já tinha a CBN mas era

no AM. E nesse formato mais conversado, não tão formal, as pessoas foram se aproximando, foi uma troca dos dois lados, a gente também mudar um pouco no nosso perfil. A cada ano que passa a gente fica mais próximo e tem mais esse feedback do ouvinte. E a própria rede BandNews com milhares de assuntos importantes, reforma política, previdência, enfim, já passou informações de momentos mais tranquilos vindos dos nossos ouvintes. A gente tem esses momentos como de um aniversário de um fã da rádio. O ouvinte não só escuta, entra no ar, gravamos, ao vivo, colocamos no ar. Acho bacana porque você participa e terá uma resposta, aproxima e dá confiança.

3. Há uma ingerência em quem fala ou não fala na programação? Que tipos de critérios devem ser utilizados nessa seleção?

A tecnologia nos ajuda. Então chega uma denúncia por meio de WhatsApp e a repórter vai passar para que a gente possa analisar e ter um cuidado a mais, quando pode ser um trote, uma notícia falsa. Ou quando a gente recebe algo que pode virar uma notícia forte eu bato as pautas junto com a chefe de redação Taís Dias. Em alguns casos a gente guarda para o dia seguinte no programa local com o Boechat. Quando é factual vai para o ar na hora. Agora quando envolve algo que deve ser aprofundado a gente checa, discute. Vai um pouco de quem está na hora de ter uma sensibilidade sobre o caso. Tudo passa pelo conjunto da apuração, assim como a chefia fica responsável por aprofundar os casos de denúncia mais complicados, todo mundo busca fontes na redação. É um fluxo a todo momento.

4. Que perfil profissional a emissora busca na construção da notícia? Multifunção?

Eu mesmo sou um cara que nunca fui muito tecnológico e as vezes fico procurando os mais jovens para me atualizar. Aqui a gente forma muitos talentos com essa coisa de WhatsApp, Instagram, Snapchat, enfim. Não precisa ter um perfil específico, precisa incorporar essa linguagem de rádio, o formato, como vive aqui a apuração. A rádio tem essa dinâmica, as vezes a pessoa tem um ritmo mais lento ou gosta de uma questão específica, tem que fazer um pouco de tudo. E principalmente atender o ouvinte, conversar, saber como conversar com as pessoas, não enrolar e dar atenção, um papel mais humano. Aqui tem muita gente que faz denúncias, fala com a pessoa ouve o outro lado.

5. De que forma distribuem as funções de quem fica na redação nos setores de apuração ou vai para a rua?

Depende muito do dia. Em alguns casos você requer a presença do cara no local, hoje tinha uma coletiva no IBGE e uma operação da Polícia Militar, nesses casos alguém tinha que ir. Em muitos casos a gente usa o repórter da TV que está na rua ou que é necessário eu estar presente e aquilo que dá pra fazer aqui da redação. Com a central de apuração é possível girar o fluxo com todo mundo, depende muito do momento. Tudo isso vai sendo reorganizado de acordo com perfil e o planejamento de trabalho. E o trabalho sentado do whatsapp é o motor da rádio, precisa do repórter na Rua, claro que não dá para enviar todo mundo pra todo lugar. Ele está na redação, é muito dinâmico, ele está sentado mas está apurando com a autoridade, o ouvinte, enfim.

d) Entrevistado: Carlos Briggs

Função: Produtor e repórter

Objetivo da entrevista: Compreender o papel do produtor e do repórter na seleção das fontes pré, durante e após a apresentação do programa.

1. Qual o papel do produtor na construção dos programas locais?

Faço a produção da manhã e também reportagens para o principal programa que é o BandNews Rio.

2. Quais as mudanças nas relações com as fontes que a BandNews passou nos últimos seis anos em que está na emissora?

A BandNews tem uma coisa muito curiosa. Aqui os jornalistas não têm fontes, é a emissora que tem. Se eu sair para outra emissora dificilmente vou levar esses contatos que são da própria rádio. E essa relação é construída pelo WhatsApp.

3. Que critérios utiliza para a seleção das fontes?

Alguns critérios, a gente vai avaliar, dos ouvintes cativos que temos uma relação de credibilidade. Nesse caso o ouvinte participa ativamente da programação e praticamente todo dia enviando informações, mídias, entrando no ar mesmo. Questões regionais, o impacto, violência, apreensão, relevância e interesse público de uma forma muito rápida. O limite é muito tênue entre apurar e você dar uma mancada. Hoje por causa dessa rapidez da competição é muito complicado. A velocidade de imprimir um ritmo alucinante que tem um limite perigoso.

4. Há preferência por fontes profissionalizadas ou não profissionalizadas no momento da apuração de uma informação?

Nós invertemos essa lógica. A gente constrói a notícia por meio da percepção do ouvinte. Claro que vamos buscar a fonte oficial, mas se não falar, a notícia vai da mesma forma para o ar. O ouvinte é a nossa fonte oficial. Nós não ficamos dependente desse tipo de fonte.

5. De que forma você divide uma fonte de informação e uma fonte que irá para o ar ou uma entrevista?

Vai depender da relevância do assunto. A sonora é a materialização da denúncia. Eu não tenho imagem, a minha materialidade é por meio do áudio e eu preciso da sonora. A gente tem que tomar cuidado para não expor a fonte, por isso muitas vezes a gente acaba não gravando ou não revelando a identidade. Já aconteceu vários casos com políticos que queriam entrar no ar e foram “brecados” pelo Boechat porque tem gente que usa como palanque e só entra se tiver uma resposta clara. Com o ouvinte isso não acontece. As vezes é muito comum o cara não ter uma resposta clara desse mundo político e a gente não coloca no ar. Nós colocamos o ouvinte e não colocamos o oficial.

6. Há uma dependência desses ouvintes?

A BandNews criou uma lógica que não consegue mais sair, e nem quer. A emissora é o ouvinte, 99.999 % vem do ouvinte. Então a nossa relação com as fontes oficiais não é da mesma forma que outras emissoras. Por exemplo, é muito comum nas operações da Lava Jato, a TV Globo estar posicionada nos endereços das operações, enquanto a gente não. Nesse aspecto a gente come muita poeira porque não temos uma relação mais próxima dessas fontes oficiais.

7. Como você percebe o fluxo de informação que sai das fontes via WhatsApp para serem apuradas pela emissora?

É muito veloz esse fluxo, tem que ter uma participação rápida de todo mundo. É um ciclo que nasce do ouvinte e volta para ele. Sai dessa pessoa que está no WhatsApp e vem para a apuração. Assim que recebemos, as meninas já começam ligar para buscar respostas. A chefia da emissora monitora, a TV avalia se rende imagens, o ouvinte envia um vídeo que vai para o site. Em alguns casos a gente apura respostas e mais informações, mas vai para o ar.

8. *Você mesmo escolhe as fontes que vão para as reportagens ou existe uma hierarquia que é necessário passar antes que elas sejam selecionadas?*

A questão da credibilidade é fundamental. Não vou ser hipócrita. Dependendo da direção e do tom que a pessoa está dando, a responsabilidade aumenta em buscar o outro lado, analisar uma questão mais de perto. Existe uma preocupação em torno de defender uma bandeira política. Já aconteceu em entrevistas, e a todo momento nos conteúdos, e quando a gente percebe que não tem informação e é uma orientação política, a gente corta. A Band segue uma linha editorial, mas nunca fui censurado.

9. *O jornalista sentado está dependente da fonte oficial?*

Eu acho que a gente está dependendo do ouvinte demais. Isso também é ruim, você passa a ser um mero mediador. O repórter perde muitas vezes o senso crítico, não sugere pautas e fica sempre atrás nessa velocidade interminável. Isso também é muito complicado fazer em um minuto com o ouvinte do outro lado da linha. E o jornalismo como um todo ouve sempre as mesmas fontes, está aí o mea culpa. Quando você coloca o ouvinte nessa posição diversifica. Mas muitas vezes pode ter um universo mais restrito de ouvintes e existem possibilidades de aumentar. E por preguiça sempre as mesmas fontes continuam, no jornalismo como um todo, em assuntos que dependem das oficiais ou de especialistas. Em desastres, política, economia, ficam sempre os mesmos, isso é ruim. O que os ouvintes fazem é inverter essa lógica com a possibilidade de diferentes visões. A realidade do especialista é diferente de quem vive a situação. Quem vive trás a realidade nua e crua como ela é, muitas vezes sem o dado técnico, mas o dado com sentimento, olhar, o próprio silêncio, os detalhes passam a ganhar um peso grande.

d) Entrevistado: Tatiana Campbel

Função: Repórter responsável pelo contato com as fontes via WhatsApp.

Objetivo da entrevista: Compreender o papel do repórter na seleção das fontes pré, durante e após a apresentação do programa, com foco na curadoria das informações via WhatsApp.

1. *Qual o seu papel na construção dos programas locais?*

A gente sempre teve um pessoal no Centro de Operações de manhã e a tarde, quando fui para lá eu fiquei cerca de um mês. É uma outra experiência como por exemplo a agitação da redação é completamente diferente porque ali foca no trânsito, nas câmeras, questões de manifestação, acidente. Passou um tempo e a chefia mudou para o WhatsApp essas duas

pessoas que estavam lá. Em relação ao WhatsApp, são coisas completamente diferentes, aqui não para. Quando eu fui para o WhatsApp eu achei que não daria conta porque todo mundo falava que era um inferno, muita coisa, muita gente e muita informação. Só que acho que por ser um pessoa um tanto hiperativa eu me identifiquei muito, recebi elogios da chefia, porque hoje em dia o whatsapp é o principal foco de chegada de notícias da Band. E aí eu acabei pegando essa agitação, a rapidez e a filtragem. Nós recebemos correntes, coisas antigas, comentários, enfim que precisam ser filtradas, eu armazeno e explico.

2. Que critérios utiliza para selecionar as mensagens que terão continuidade ou não na programação?

Naquele grupo da Apuração o que eu mando são denúncias de diversos tipos, problemas em hospitais, saúde, a enrolação do serviço público eu passo para a apuração e a produção do Boechat. Questões de meio ambiente, por conta de vazamentos de óleo no mar ou poluição, esgoto, que envolve a prefeitura, além dos factuais como tiroteio e manifestações que precisam dessa angulação. Eu não repasso comentários porque isso não vai acrescentar nas pautas. Agora se é um comentário com denúncia isso vai para o relatório que será utilizado depois na apuração. Por exemplo, um ouvinte comenta sobre um projétil dentro de casa, vai para o ar e logo depois uma série de comentários aparecem com outros relatos, eu não jogo dentro do grupo, mas para uma pauta terão novas fontes em diferentes pontos do Rio. No meu caso, eu vou armazenando essas mensagens para que durante todo o BandNews Rio 1ª Edição eu tenha as informações para contextualizar de forma organizada, então a gente volta a falar. O nome “ouvinte final de telefone” é porque na maioria das vezes os ouvintes não querem ser identificados em casos de tiroteios ou acidentes. Enfim, vou falando tudo e passando pra eles para levar ao ar em diferentes temas.

3. Como percebe seu trabalho diante da velocidade das informações?

O apurar fica na maioria dos casos para fora do grupo, com o pessoal da apuração. Mesmo assim eu pego a resposta e coloco junto no bloco de notas caso eu precise falar novamente, aí eu já tenho a resposta até para dar um retorno para o ouvinte. Em muitos casos eu dou o retorno via WhatsApp inclusive ou no ar. O WhatsApp trouxe uma instantaneidade, uma velocidade absurda, coisas que acontecem e segundos chegam para a gente que pode dar mais rápido essa informação. É o ouvinte que auxilia a construir a programação, a notícia é a principal fonte. Nós apenas complementamos as informações que os ouvintes repassam, pelas fontes oficiais.

4. *Qual o filtro que utiliza para unir informações sobre um mesmo assunto enviado pelos ouvintes?*

Se chega por exemplo um ouvinte: “tiroteio na cidade de Deus”, eu já mando para o grupo de apuração. Agora quando a demanda aumenta e o número começa a crescer de pessoas falando sobre aquilo vai para o ar nesses casos factuais. Agora em denúncias é preciso ligar, pegar mais detalhes a não ser quando a gente recebe fotos, vídeos e áudios confirmando. Temos que ter o cuidado de não levar informações erradas, mas o número ainda é pequeno. Isso acontece, mas sempre temos a oportunidade de apurar e ir a fundo.

5. *É possível considerar a mesma forma de contato entre fontes profissionalizadas e não profissionalizadas no envio de informações via WhatsApp?*

As fontes profissionalizadas usam os grupos no WhatsApp para dar o retorno para aquilo que a emissora leva ao ar. O assessor ouve e já manda a mensagem respondendo e dando o retorno para que possamos levar a melhor informação. Em muitos casos temos que ligar, procurar enfim e tentar buscar informação.

6. *O que atrapalha e auxilia no dia a dia para diversificar as fontes na produção?*

Além de diversificar, o ouvinte fica muito mais próximo, até porque eu mantenho uma conversa com o ouvinte que se torna de dentro da redação. Então a gente sente isso, na fidelidade que se cria por conta da interação grande, um retorno que auxilia a diversificar as pautas, comentários e reportagens do grupo.

e) Entrevistado: Marcos Lacerda

Função: Repórter e responsável pelo site da emissora.

Objetivo da entrevista: Compreender o papel do repórter na seleção das fontes pré, durante e após a apresentação do programa, e a seleção dos materiais que serão enviados para o site.

1. *Qual o seu papel na construção dos programas locais e no escoamento das informações para o site?*

No site, eu tenho o papel da coordenação dele há cinco anos, quando comecei a pensar na elaboração. Entrou no ar em dezembro de 2016, então produzo conteúdo e coordeno a equipe para eles. Aqui na redação eu faço a folga da chefia de reportagem e a ancoragem da programação com os breakes das 11h às 14h. Durante os finais de semana, faço a chefia de

reportagem no plantão a tarde. Então essas duas funções de coordenação consigo conciliar o processo da rádio, o que é notícia ou não e linkar com o site aquilo que surge na redação. Fora isso, antes de tudo isso, WhatsApp, facebook e twitter fomos entrando nelas e criando nossas métricas. Com o whatsapp, fomos a primeira rádio a colocar os áudios dos ouvintes no ar, hoje isso é foco para tudo que vai ao ar. Então a gente foi criando um protocolo que todo mundo correu atrás depois pra fazer. Até tinha o jornal extra recebendo as informações dos leitores pelo Whats, mas não tinha o dinamismo que o rádio tem. A gente implementou isso e foi o grande “boom” dessa interação entre o ouvinte e redação.

2. Isso ajudou a diversificar as fontes na programação? Quais as mudanças nas relações com as fontes que a BandNews passou nos últimos anos em que está na emissora?

Eu acho que essa relação com o WhatsApp melhorou muito a relação com a fonte, principalmente a fonte que não quer passar alguma coisa que ninguém saiba. A tecnologia facilitou algo que muitas vezes outras pessoas não podem saber mas que no aplicativo é possível passar. Em termos de fontes oficiais isso foi bom para buscar dados diretamente com essas pessoas. Em termos de ouvintes temos uma interação rápida, praticamente em tempo real. Ao mesmo tempo que faz o relato, já manda as fotos, se torna uma galeria no site, auxilia o repórter na apuração do que vai para o ar. Depois já ligamos para a polícia, confirmamos os dados pelo próprio WhatsApp e vamos criando a notícia. Então temos esse elo também nas outras redes sociais como o twitter e facebook da emissora que servem para a propagação. Mas os perfis dos repórteres continuam a relação com as fontes com laços de aproximação para receber informações. Você amplia o leque que pode ser levado para o grupo de apuração da emissora. Aquilo que era o telefone e a carta dos anos 1980 agora é para entrar no ar a qualquer momento, então a tecnologia abriu muitas possibilidades na relação e seleção das fontes.

3. Que critérios utiliza para selecionar as notícias que são oriundas das assessorias?

Com toda a essa interação com os ouvintes, o factual e o hard news presentes na rapidez da nossa cobertura, as assessorias de imprensa acabaram perdendo o papel de divulgar algo interessante. Ou servem para responder solicitações ou a agenda, o aguardado das instituições, o serviço como o governo divulgando o calendário de pagamentos, etc. As assessorias de imprensa que expandiram muito o mercado, mas tem muita coisa que é fútil, liga para cá e pergunta sobre especialistas de coisas irrelevantes que nós acabamos não usando. Sobre a relação com a assessoria de imprensa de questões mais *hard news* como Tribunal de Justiça,

Polícia Militar e Rodoviária, Federal e até mesmo de times de futebol, elas criam grupos de WhatsApp e na maioria das vezes já tem o que você quer e quando eles respondem todos já recebem a mesma resposta.

4. Como é a divisão entre fontes que repassam informações e aquelas que vão para a sonora? Como percebe as fontes que não aparecem diretamente no ar, mas auxiliam na apuração das informações?

Assim, a fonte que dá a informação você já estabeleceu uma relação e sabe quando ela quer ser divulgada e quando ela quer somente passar um dado, algo que possa ajudar ou interessar. Tem isso, isso e isso, mas prefiro ficar no anonimato, entendeu? Tem coisas que é só explicar e não precisa da fonte aparecer, ou então procuramos um ouvinte falando de um acidente que também pode somente aparecer a informação. Isso vai da seleção do jornalista também, o diálogo do dia a dia na notícia. Isso também vale para fontes oficiais, testemunhas, os especialistas. Depende dos critérios de noticiabilidade, o tamanho, enfim.